2022

TESE

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS ESPACIAIS DO HABITAR:

Experiências Urbanas e Representações em Cidades Médias da Bahia

RIZIA MENDES MARES

Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente – FCT/UNESP

DEZEMBRO DE 2022

Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais - GAsPERR

RIZIA MENDES MARES

Prof. Dr. ARTHUR MAGON WHITACKER (Orientador)

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS ESPACIAIS DO HABITAR:

Experiências Urbanas e Representações em Cidades Médias da Bahia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Presidente Prudente/SP, para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador, Prof.: Dr.: Arthur Magon Whitaker.

Auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Doutorado (2018/12685-1).

Presidente Prudente - SP
Dezembro, 2022

M325f

Mares, Rizia Mendes
Fragmentação socioespacial e práticas espaciais do habitar : Experiências urbanas e Representações em cidades médias da Bahia / Rizia Mendes Mares. -- Presidente Prudente, 2022
374 f. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Arthur Magon Whitaker

1. Geografia. 2. Geografia urbana. 3. Pesquisa qualitativa. 4. Fragmentação socioespacial. 5. Representações. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: **Fragmentação Socioespacial e Práticas Espaciais do Habitar: Experiências Urbanas e Representações em Cidades Médias da Bahia.**

AUTORA: RIZIA MENDES MARES
ORIENTADOR: ARTHUR MAGON WHITACKER

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Arthur Magon Whitacker
Assinado de forma digital por Arthur Magon Whitacker
Dados: 2023.03.21 14:46:02 -03'00'

Prof. Dr. ARTHUR MAGON WHITACKER (Participaçao Presencial)
Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente

Profa. Dra. EDA MARIA GOES (Participaçao Virtual) Eda Góes
Dep - Câmpus de Presidente Prudente

gov.br Documento assinado digitalmente MARIA ENCARNACAO BELTRAO SPOSITO Data: 04/05/2023 11:52:46-0300 Verifique em https://verificador.iti.br

Prof RÃO SPOSITO (Participaçao Presencial)
FCT / UNESP/Presidente Prudente (SP)

Prof. Dr. JANIO LAURENTINO DE JESUS SANTOS (Participaçao Presencial)
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia / Universidade Estadual de Feira de Santana/ UEFS

Prof. Dr. JAN SIMON HUTTA (Participaçao Virtual)
University of Bayreuth, Alemanha

Presidente Prudente, 20 de dezembro de 2022

APOIO

FINANCIAMENTO

O presente trabalho teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Processo 141702/2018-4.

O presente trabalho também teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº (2018/12685-1) (Bolsa Regular –Doutorado). As opiniões, hipóteses e conclusões expressas nesta tese são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

DEDICO

Àquela que veio antes, minha avó materna ***MARIA DA SILVA* MENDES** (*in memoriam*), primeira Doutora que conheci, uma doutora pela vida.

À filha de MARIA, mainha, ***NEIDINA MENDES MARES*,**

dedicou a sua vida para tornar uma filha Doutora.

À *MARIA FLOR OLIVEIRA MOREIRA BITENCOURT*, minha afilhada, a música do futuro. Que o mundo a mereça.

Aos ***PROFESSORES*** que iluminam o meu caminho, representados por:

Selêmias Trindade (3ª série do Ensino Fundamental) – projetou-me para a Universidade.

Zenaide Viana (4º ano do Normal Médio) – ensinou-me sobre a função social do(a) Professor(a) e da Educação.

Janio Laurentino de Jesus Santos (Graduação em Geografia) – ensinou-me sobre Diferença e Representatividade; do existir enquanto intelectual negro no Brasil. Mostrou-me um **mundo possível.**

AGRADEÇO

Eu sou porque tu és. Porque nós somos.
Eu só posso ser pessoa através de outras pessoas.



Dentre vários ensinados que a filosofia Ubuntu nos traz, esta, de termos consciência de que somos o que somos através de outras pessoas, que somos um coletivo, solidário, expressa esses anos de vida na pós-graduação em Presidente Prudente-SP.

Situo meus agradecimentos neste espaço-tempo porque é esse o ciclo que estou concluindo. Ciclo iniciado em 2013, no mestrado e, por isso, esses agradecimentos se confundem nessas diferentes temporalidades. Tempos freneticamente vividos nesse espaço árido da pós-graduação. Mas, que rendeu bons frutos. Eu acredito nisso.

Agradecimentos de modo ampliado para as pessoas que cruzaram meu caminho e, que bom, caminharam comigo desde os seus lugares, os seus pensamentos, as suas boas vibrações, os seus cuidados. Especialmente as que permaneceram nesses últimos dois anos de pandemia, tão pesados, sofridos, adoecedores. Cada um de nós viveu um luto. Luto de vida (morte). Luto de oportunidades. Mas, que bom, permanecemos junta(o)s. Por isso, agradeço:

Aos meus pais, Nêidiná Mendes Mares e Eriosvaldo Mares dos Santos, cada um a seu modo, nutriram-me de afeto, atenção e cuidado. É por vocês tudo que eu faço.

Aos meus irmãos, Iago, Yuri e Tahis, estivemos próximos ainda que distantes geograficamente, vocês foram força e apoio constantes. Aos bichinhos, Ozíres (que viveu comigo em Prudente em 2013) e Negueba (falecido na conclusão do Doutorado), cães que animam a existência.

Ao meu orientador, o prof. Dr. Arthur Magon Whitacker, tenho certeza que esta tese não seria concluída sem seu apoio. Acredito que os desafios foram mútuos, uma eletricidade reinava a cada reunião, a cada debate, a cada confronto de ideias e posições. É do conflito e dos intermináveis questionamentos que esta tese derivou e existe. Para além da orientação desde o mestrado, agradeço pela parceria, pelas experiências compartilhadas, pelo cuidado, afetos e por respeitar cada escolha que fiz.

Aqueles que vestem a minha pele, Guilherme dos Santos Claudino e Diego Elias Santana Duarte, sem vocês tudo seria muito mais difícil. Agradeço pelos sorrisos, pelo apoio, pela escuta, por existirem nesse mesmo espaço-tempo e lutarem comigo por nossa

permanência nesse espaço, por cada um/uma que nos trouxeram até aqui e por aqueles e aquelas que abrirmos caminhos.

A Silmara Bitencourt, dizer obrigada por tudo parece ainda pouco diante de tua fundamental presença na minha vida. Desde a graduação estabelecemos uma irmandade que extrapola o geográfico, o geracional, as trajetórias individuais. Nossos caminhos se entrecruzam para além do pensado, planejado. Estendo meus agradecimentos a Washington, prestatividade e um bom humor contagiante e, aos dois, pelo grande presente a mim atribuído, uma afilhada linda, Maria Flor. Não há existência sem a amizade e companhia dessa família.

Aos "Bafônicos" Guilherme, Jefferson, Larissa, Marcos, Adriano, amizades que Prudente me deu. Compartilhar a vida com vocês a torna mais suave, engordativa e feliz. Continuamos segurando a mão um do outro.

Larissa Coutinho, a raposinha, por me acolher em sua família desde o mestrado, pelo compartilhar da vida, dos risos, das dores, das vitórias. Terminar o Doutorado sem Marlizinha doeu demais, mas tenho certeza que os desejos dela para nós, todos eles serão alcançados. Esta tese também é para ela. Marlizinha, Presente!

Rita e Antonella Gregório de Andrade, agradeço pela amizade dedicada, as boas gargalhadas, por mostrarem que há vida fora do Lattes. Aprendi com vocês sobre a insustentável leveza do ser.

Agradecida a Mateus Facchin (Extraordinário), Hamilton Romero, presença fundamental. Dos rolês aos áudios "faroeste caboclo", não tem tempo ruim com vocês. Acolhedores e afetuosos, uns queridos, que tiram fácil um sorriso meu. Foram e são a leveza em meu cotidiano.

Pela convivência, cafés, risadas, trocas agradeço muito a Eusébio, Carol Dias, Sueli Vieira, Ester, Ângela, Lidiana, Lisbet, Maryna, Bibiana, Bárbara, Ozileide, Paula, Fernanda, Mariana, Miguel, Fredi, Roberta, Gustavo Henrique, Bruno Barcela, Bruno, Franciele. A sala da pós, o nosso ponto de encontro.

Um agradecimento especial às companheiras e companheiros de um projeto muito importante para mim, o Grupo de Trabalho e Estudos sobre Relações Raciais, plantar essa sementinha em nosso Programa e poder trabalhar junto ao querido Eusébio, Karina, Ângela, Gustavo Henrique, Lidiana, Júlia, João Paulo Pimenta, Ana, e tantos outros passantes por esse GT, foi uma satisfação e grande aprendizado estar com vocês. Vida longa ao GTERR.

Ao Coletivo Mãos Negras, na figura da Profa. Dra. Ivonete Alves e de Fabiana Alves, e ao grupo de Capoeira da Angola, na figura de Lisie, meus imensos agradecimentos pela acolhida e existência de vocês nessa cidade, nessa Universidade.

Ao time de futsal feminino da pós-graduação em Geografia, o Ursal Futebol Club.

Ainda nos grupos, um agradecimento aos queridos com quem trabalhei nos periódicos Revista Geografia em Atos: Guilherme, Mateus, Fredi, Larissa, Fátima, Marcelo, Colombo, Gustavo, Karina, Gabriel, Lucas, Gabriela, Lidiana, Silmara, Roberta, Wanderson, Yudi. Também, com os colegas da Revista Caderno Prudentino de Geografia.

Aos colegas do Gasperr, representados pelo grupo de orientação Karina, Danielle, Yuri, Gustavo, Rodrigo, Wanderson, Ana Laura, Aline, Alisson, Carol, Renan, Letícia, Tais, Mariana, Natália, que bom poder produzir com vocês, festejar com vocês. Ainda, aos professores do Gasperr, pelos profícuos debates seja em disciplinas e eventos ou mesmo nos cafés entre uma atividade e outra, Márcio Catelan, Eliseu Spósito, Nécio Turra Neto, Carminha Sposito, Everaldo Melazzo, Eda Góes.

Estar neste Programa, nesta Instituição, permitiu-me acessar outros espaços e professores, com destacada influência no desenvolvimento da pesquisa. Assim, estendo os agradecimentos ao Prof. Dr. Jan Simon Hutta (Universidade de Bayreuth), pela possibilidade de trabalhar em diversas frentes no Programa; na realização de disciplinas com o prof. Pablo Ciccolella (Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad Nacional del Litoral), Prof. Dr. Andrés Claro (Universidade do Chile), Prof.ª. Drª Amélia Damiani (Universidade de São Paulo), Prof. Dr. Elson Pereira (Universidade Federal de Santa Catarina).

Nos trabalhos frente ao Departamento de Geografia da FCT-UNESP, na docência em disciplinas no curso de Graduação em Geografia, na gerência de periódicos, na organização de eventos acadêmicos, agradeço ao Prof. Dr. Mariano Gouveia, Prof. Dr. Ricardo de Paula e Prof.ª Drª Terezinha Serafim.

Aos professores que avaliaram essa pesquisa, agradeço pela contribuições no Exame Geral de Qualificação à Prof.ª Drª Eda Maria Góes e ao Prof. Dr. Jan Simon Hutta. Na banca de Defesa da Tese à Prof.ª Drª Eda Maria Góes e Prof.ª Drª Maria Encarnação Beltrão Sposito e aos professores Dr. Janio Laurentino de Jesus Santos e Dr. Jan Simon Hutta.
Também direciono agradecimentos para a Assessoria da FAPESP que avaliou e acompanhou essa tese desde o projeto de pesquisa inicial. Seus pareceres sempre objetivos, diretos e motivadores deram vitalidade à pesquisa e à pesquisadora.

Um agradecimento aos profissionais técnicos e demais trabalhadores que mantêm em funcionamento a FCT-UNESP, direciono esses agradecimentos em nome de Adriano Oliveira, um querido e companheiro do cotidiano. À presteza e cuidado de Aline Muniz e Tamae Otsuka, trabalho exemplar no funcionalismo público. Profissionais essenciais em nossa rotina universitária.

Agradecimento aos que hoje estão espalhados, mas que continuam perto, Patrícia Milani, Patrícia de Jesus, Jean Legroux, Elvis Ramos, Tássio Cunha, Cláudio Smalley, Claiton Ferreira, Lidiane Cristina, Miguel Terassi.

Nos trabalhos de campo na Bahia, agradecer por toda ajuda na intermediação de Maria Olímpia, Lincoln Cunha, Cristiane Mascarenhas, Ozileide Matos com os sujeitos entrevistados; ao Prof. Dr. Janio Santos e à Profa.ª Drª Nacelice Freitas da UEFS, pelo apoio nos trabalhos de campo em Feira de Santana; à Prof.ª Drª Cristina Rangel pela atenção em Ilhéus; à Prof.ª Drª Mírian Clea Coelho e Prof.ª Drª Aleselma Pereira da UESB e ao Prof. Dr. Edvaldo Oliveira pelas informações prestadas em Vitória da Conquista e Itabuna e material cartográfico disponibilizado. A Beth Alvim, pelos acompanhamentos em trabalhos de campo em Feira de Santana e pelas informações prestadas. Aos sujeitos que colaboraram com esta tese, cedendo entrevistas, seu tempo, informações, contatos, materiais, nas quatro cidades investigadas.

Das amizades que o IFBA me deu e que continua a agregar gente boa desde essa Instituição, agradeço enormemente a amizade de Lincoln, Flaviane, Ivanildo, Eliane, Isabel, Maria Olímpia, Keyla, Jean, Delliana, Aldineto, Ciro. Mais recente a Gilma, José Carlos, Filipe, Rômulo, Reginey, Juliano, Mariane, Caê, Jesebel, Cristiane, Leonardo, Júlio.

Aos meus afetos Conquistenses, presença constante nessa trajetória, agradeço a aos amigos Camila, Ivo, Eliane, Iara, Sandra, Layza, Valeria, Wanderleia, Leika, Sheila e à Comunidade Cristo Redentor. Aos familiares, os Mendes e os Mares, e que me acompanham em meus projetos. À família Araújo Campineira, à família Moreira de Belo Campo, meu refúgio, à família Cunha, pela recepção em Irecê.

Por fim, agradeço às Instituições de Fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Brasil (FAPESP) – Código de Financiamento 2018/12685-1; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo PICC nº 141702/2018-4; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

EPÍGRAFE

"[...] A Universidade é, ao mesmo tempo, o lugar onde se vive a continuidade sem deixar de buscar a mudança. Por isso, ainda que seja importante olhar o passado, aqueles que se mostram vivos não podem deixar de mirar o futuro. Não há Universidade sem essa música do futuro, pois, ensinar e pensar o presente é muito pouco."

Milton Santos (2002)

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade…]"

bell Hooks (2013)

RESUMO

A intensificação na implementação de habitats residenciais fechados em cidades médias da Bahia alterou a estrutura espacial dessas cidades e ressignificou o conteúdo da vida, alterando a experiência urbana com uma densificação do processo de diferenciação socioespacial e das condições de desigualdade social. A partir das práticas espaciais do habitar, analisamos a produção do espaço urbano da Bahia, tendo como dimensões empíricas as cidades médias de Feira de Santana e Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, compreendida também como cidade média. Nossa hipótese principal foi a de que a dimensão do habitar pode ser reveladora de um aprofundamento ou superposição de novos processos de apartação, notadamente, a fragmentação socioespacial, frente aos anteriores de autossegregação e segregação imposta, mais assentados às estruturas espaciais centro-periféricas em contrapartida às estruturas espaciais complexas policêntricas, em combinação às anteriores. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa em Geografia, trabalhando com 39 sujeitos entrevistados com os quais nos aproximamos da dimensão do vivido por meio de procedimento metodológico próprio, denominado Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais como um modo de compreender e operar o conceito de representação na análise da vida cotidiana. Concluímos que a análise das práticas espaciais pelas representações indica, de fato, uma lógica fragmentária que se justapõe ou sobrepõe a lógicas e estruturas pretéritas.

Palavras-chave: Produção do Espaço; Cotidiano; Representações; Fragmentação socioespacial.

MARES, Rizia Mendes. **Fragmentação socioespacial e práticas espaciais do viver:** Experiências e Representações Urbanas em Cidades Medianas da Bahia. 374f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente, 2022.

RESUMEM

La intensificación en la implantación de hábitats residenciales cerrados en ciudades medias de Bahía alteró la estructura espacial de estas ciudades y resignificó el contenido de la vida, cambiando la experiencia urbana con una densificación del proceso de diferenciación socioespacial y de las condiciones de desigualdad social. A partir de las prácticas espaciales del habitar, analizamos la producción del espacio urbano en Bahía, teniendo como dimensiones empíricas las ciudades medias de Feira de Santana y Vitória da Conquista y la aglomeración urbana Ilhéus-Itabuna, también entendida como ciudad media. Nuestra hipótesis principal fue que la dimensión de la vivienda puede ser reveladora de una profundización o superposición de nuevos procesos de apartamiento, en particular, la fragmentación socioespacial, frente a los anteriores de autosegregación y segregación impuesta, más asentada a las estructuras espaciales centro-periféricas en contraste con las estructuras espaciales complejas policéntricas, en combinación con las anteriores. Se trató de una investigación cualitativa en Geografía, trabajando con 39 sujetos entrevistados con los que abordamos la dimensión de lo vivido a través de un procedimiento metodológico propio, denominado Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionales como forma de comprender y operar el concepto de representación en el análisis de la vida cotidiana. Concluimos que el análisis de las prácticas espaciales a través de representaciones indica, de hecho, una lógica fragmentaria que se yuxtapone o se superpone a lógicas y estructuras anteriores.

Palabras clave: Producción del Espacio; Vida Cotidiana; Representaciones; Fragmentación Socioespacial.

MARES, Rizia Mendes. **Fragmentación socio-espacial y prácticas espaciales de habitar:** Experiencias y Representaciones Urbanas en Ciudades Intermedia de Bahia. 374f. Tesis (Doctorado) - Programa de Posgrado en Geografía - Facultad de Ciencias y Tecnología - Campus de Presidente Prudente, 2022.

ABSTRACT

The intensification in the implementation of closed residential habitats in medium-sized cities of Bahia has altered the spatial structure of these cities and resigned the content of life, changing the urban experience with a densification of the process of socio-spatial differentiation and the conditions of social inequality. Based on the spatial practices of living, we analyzed the production of urban space in Bahia, having as empirical dimensions the medium-sized cities of Feira de Santana and Vitória da Conquista and the urban agglomeration Ilhéus-Itabuna, also understood as a medium-sized city. Our main hypothesis was that the dimension of dwelling may reveal a deepening or superposition of new apartness processes, notably, the socio-spatial fragmentation, in face of the previous ones of self-segregation and imposed segregation, more settled in the center-peripheral spatial structures in contrast to the polycentric complex spatial structures, in combination with the previous ones. This was a qualitative research in Geography, working with 39 interviewed subjects with whom we approached the dimension of the lived through our own methodological procedure, called Set of Representational Methodological Instruments as a way to understand and operate the concept of representation in the analysis of everyday life. We conclude that the analysis of spatial practices through representations indicates, in fact, a fragmentary logic that juxtaposes or overlaps with previous logics and structures.

Keywords: Production of Space; Everyday Life; Representations; Socio-spatial Fragmentation.

MARES, Rizia Mendes. **Socio-spatial fragmentation and spatial practices of living:** Experiences and Urban Representations in intermediate cities in Bahia. 374f. Thesis (Doctorate) - Graduate Program in Geography - Faculty of Science and Technology - Campus of Presidente Prudente, 2022.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Localização dos tipos urbanos pesquisados. BAHIA, 2019.....	28
Figura 2	Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional da Casa.....	61
Figura 3	Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional do <habitat> moderno.....	61
Figura 4	Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional.....	62
Figura 5	CROQUI. Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR).....	105
Figura 6	Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [CIMR] Fundamentação teórico-metodológica.....	129
Figura 7	Município de Feira de Santana-BA, destaque para a área urbana....	138
Figura 8	Feira de Santana-BA. Panorâmica da área central, 2021.....	139
Figura 9	Feira de Santana-BA. Área comercial e de serviços, centro da cidade.....	139
Figura 10	Rede Urbana do Território de Identidade Portal do Sertão, Bahia, 2019.....	142
Figura 11	Feira de Santana – BA - Capital Regional B [2b].....	142
Figura 12	Município de Feira de Santana. Composição do valor agregado bruto – 2014.....	143
Figura 13	BAHIA - Feira de Santana. Centro de Comércio Popular "Feiraguay", no centro principal.....	145
Figura 14	Feira de Santana. Centro de Comércio Popular "Feiraguay", no centro principal.....	145
Figura 15	Expansão territorial urbana. Feira de Santana – BA, (1767-2003).....	149
Figura 16	Expansão territorial urbana. Feira de Santana - BA (2005-2020).....	150
Figura 17	Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Feira de Santana – BA, 2019.....	154
Figura 18	Figura 18. Divisão político administrativa do município de Vitória da Conquista – BA.....	159
Figura 19	Composição do Valor Agregado Bruto (VAB), BAHIA - Vitória da Conquista - BA (2019).....	160
Figura 20	Expansão territorial urbana de Vitória da Conquista-BA (1940-2018).....	162
Figura 21	Região de Influência de Vitória da Conquista - BA - Capital Regional B (2B).....	163
Figura 22	Expansão territorial urbana, Vitória da Conquista - BA (2005-2020).....	166
Figura 23	Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Vitória da Conquista - BA (2019).....	167
Figura 24	BAHIA - Ilhéus. Localização do município de Ilhéus-BA.....	176
Figura 25	BAHIA - Ilhéus. Composição do Valor Agregado (2014).....	177
Figura 26	BAHIA - Centro tradicional de Ilhéus.....	178
Figura 27	BAHIA – centro comercial de Ilhéus.....	178

Figura 28 BAHIA – Entorno da orla de Ilhéus..... 179
Figura 29 BAHIA - Itabuna. Composição do Valor Bruto Agregado (VBA).... 182
Figura 30 BAHIA- Itabuna. Localização do município de Itabuna..... 183
Figura 31 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação de hospital e conjuntos habitacionais no eixo Ilhéus-Itabuna..... 186
Figura 32 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação indústrias no eixo Ilhéus-Itabuna..... 186
Figura 33 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições de ensino públicas (IFBaiano) no eixo Ilhéus-Itabuna... 186
Figura 34 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições de ensino públicas (UESC) no eixo Ilhéus-Itabuna..... 186
Figura 35 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições do denominado sistema S (SENAI) no eixo Ilhéus-Itabuna..... 186
Figura 36 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação habitat residencial fechado no eixo Ilhéus-Itabuna..... 186
Figura 37 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, fluxos no eixo Ilhéus-Itabuna..... 187
Figura 38 BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, uso do solo para fins agrícolas no eixo Ilhéus-Itabuna..... 187
Figura 39 BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Expansão territorial urbana (2005-2020)..... 188
Figura 40 BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados..... 190
Figura 41 BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Material de divulgação – Localização do Condomínio Parque Universitário..... 192
Figura 42 BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Material de divulgação – Localização do Condomínio Jardim das Hortênsias, Itabuna..... 193
Figura 43 Mapa Síntese da aglomeração Ilhéus-Itabuna, Bahia, 2022..... 246
Figura 44 Mapa Síntese de Feira de Santana, Bahia, 2022..... 248
Figura 45 Mapa Síntese de Vitória da Conquista, Bahia, 2022..... 249
Figura 46 BAHIA – Vitória da Conquista. Shopping Boulevard..... 268
Figura 47 BAHIA – Vitória da Conquista. Av. Olívia Flores no bairro..... 268
Figura 48 BAHIA – Feira de Santana. Estruturação do setor noroeste, área de expansão recente; Av. Fraga Maia, principal vetor de acesso desde o centro principal, para áreas de intensa implementação de habitats residenciais fechados..... 268
Figura 49 BAHIA – Feira de Santana. Estruturação do setor noroeste, área de expansão recente; Av. Fraga Maia, principal vetor de acesso desde o centro principal, para áreas de intensa implementação de habitats residenciais fechados..... 268
Figura 50 BAHIA – Limite entre Ilhéus e Itabuna/ Ilhéus. Estruturação de vias com a implementação de habitats residenciais fechados e estruturas comerciais com acesso exclusivo para HRF. Trabalho de campo, 2021-2022)..... 268

Figura 51 BAHIA - Ilhéus. Rede local-regional de supermercado. Entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria..... 287
Figura 52 BAHIA - Ilhéus. Infraestrutura no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria..... 287
Figura 53 BAHIA - Ilhéus. Infraestrutura no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria..... 287
Figura 54 BAHIA - Ilhéus. Estruturas comerciais/consumo no entorno do C5ndomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria..... 287
Figura 54 BAHIA - Ilhéus. Expansão de habitats residenciais fechados no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria, distante cerca de 1km da orla sul..... 287
Figura 50 BAHIA – Limite entre Ilhéus e Itabuna/ Ilhéus. Estruturação de vias com a implementação de habitats residenciais fechados e estruturas comerciais com acesso exclusivo para HRF. Trabalho de campo, 2021-2022)..... 264

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tridimensionalidades da Teoria da Produção do Espaço em Henri Lefebvre.....	63
Quadro 2	Blocos de questões das entrevistas.....	95
Quadro 3	Trabalho de campo. Bahia. Sujeitos entrevistados.....	98
Quadro 4	Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna-BA. (2019-2021).....	101
Quadro 4 (continuação)	Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Feira de Santana-BA. (2019-2021).....	102
Quadro 4 (continuação)	Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Vitória da Conquista-BA (2019-2021).....	103
Quadro 5	Roteiro de entrevista a morador. Bloco J – Cotidiano e cidade.	106
Quadro 6	Categorização. Terceiro Ato – Sintaxe dos sujeitos.....	127
Quadro 7	Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados. Feira de Santana-BA, 2019.....	155
Quadro 8	Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Vitória da Conquista – BA, 2019-2021.....	169
Quadro 9	BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados.....	195
Quadro 10	BAHIA. Cidades estudadas. Mobilidade residencial.....	215
Quadro 11	BAHIA - Aglomeração Urbana Ilhéus-Itabuna: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados.....	219
Quadro 12	BAHIA – Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna.....	221
Quadro 13	BAHIA – Feira de Santana: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados.....	224
Quadro 14	BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados.....	225
Quadro 15	BAHIA – Vitória da Conquista: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados.....	227
Quadro 16	BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados.....	228
Quadro 17	BAHIA- Cidades investigadas. O que representa o muro?.....	277
Quadro 18	BAHIA – Metaforização Socioespacial – originalidade.....	294
Quadro 19	BHIA – Metaforização Socioespacial – diversidade.....	299
Quadro 20	BAHIA – Metaforização Socioespacial – distinção.....	304
Quadro 21	BAHIA – Metaforização Socioespacial – particularidade.....	312

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO..... 21

a. Apresentação da trajetória da pesquisadora e maturação do tema da Tese..... 22

b. Os Tipos Urbanos Pesquisados 28

c. Questões de Pesquisa, Hipóteses e Objetivos..... 40

d. Habitar e Habitat como Elementos Estruturadores da Tese..... 43

e. Cidades Médias como Recorte Temático e Espacial..... 48

f. Descrição dos Capítulos Componentes da Tese..... 51

1. PROBLEMA DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 52

1.1 Problema de pesquisa, hipóteses e construção metodológica do objeto..... 53

1.1.1 A perspectiva da Produção do Espaço..... 53

1.1.2 Da partícula ao fragmento..... 65

1.1.3 As representações..... 69

1.2 Operacionalização da Pesquisa..... 80

1.2.1 Entrevista Semiestruturada..... 91

1.2.2 Croqui..... 104

1.2.3 Categorização e Palavras-síntese..... 108

1.2.4 Metáfora..... 113

1.2.5 Outros procedimentos associados: cartografia, pesquisa documental e bibliográfica..... 116

1.3 Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR)..... 118

1.3.1 Fundamentação em quatro atos..... 123

1.3.1.1 Primeiro Ato: "escuta dos sujeitos"..... 124

1.3.1.2 Segundo Ato: "expressão gráfica dos sujeitos".. 125

1.3.1.3 Terceiro Ato: "Sintaxe dos Sujeitos"..... 126

1.3.1.4 Quarto Ato: "o pensar dos sujeitos"..... 128

2. URBANIZAÇÃO, CIDADE E COTIDIANO: FEIRA DE SANTANA, VITÓRIA DA CONQUISTA E A AGLOMERAÇÃO URBANA ILHÉUS-ITABUNA..... 131

2.1 Produção do espaço no contexto de três tipos urbanos: duas cidades médias e uma aglomeração urbana com funções de Cidade Média no estado da Bahia..... 132

2.1.1 Os habitats residenciais fechados e as cidades..... 135

2.1.1.1 Situação geográfica e estrutura urbana de Feira de Santana..... 135

2.1.1.2 Situação geográfica e estrutura urbana de Vitória da Conquista..... 156

2.1.1.3 Situação geográfica e estrutura urbana da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna..... 170
2.2 Lógica imobiliária na produção do espaço urbano 196
3. PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA BAHIA: ENTRE DIFERENÇAS E DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS..... 209
3.1 Reorganização da estrutura urbana e do habitat: o crescimento de habitats residenciais fechados nas cidades médias pesquisadas na Bahia..... 210
3.2 Condição espacial e redefinição das práticas espaciais do habitar..... 238
4. LÓGICA FRAGMENTÁRIA E PRÁTICAS ESPACIAIS DO HABITAR EM CIDADES DA BAHIA..... 259
4.1 Habitats residenciais fechados e a cidade: as formas espaciais e a estrutura espacial..... 260
4.2 Habitats residenciais fechados, percursos e a experiência urbana..... 270
4.3 Habitats residenciais fechados e relações de sociabilidade..... 282
4.4 Habitats residenciais fechados e cotidiano: transformações nas práticas espaciais e no uso da cidade..... 290
CONCLUSÃO..... 316
REFERÊNCIAS..... 325
ANEXOS e APÊNDICES..... 342
ANEXO I Termo de Compromisso – CEP..... 343
ANEXO II Considerações éticas – Modelos de documentos submetidos à avaliação do CEP e usados no trabalho de campo..... 344
APÊNDICE I Roteiro de entrevista a moradores de habitats residenciais fechados..... 346
APÊNDICE II Roteiro de entrevista a agente bem-informado (ramo privado – setor imobiliário/Associações /entidades de classe)..... 349
APÊNDICE III Roteiro de entrevista a agente bem-informado (setor público)..... 350
ANEXO IV Roteiro de entrevista a moradores entorno dos espaços residenciais fechados..... 352
APÊNDICE V Roteiro de entrevista a Encarregados dos condomínios 354
APÊNDICE VI Modelo de organização da entrevista transcrita..... 355

I.
APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO

"A precisão, tal como sugere o compasso sobre o papel na elaboração de geometrias e círculos, é um alvo que uma tese de doutorado – durante sua realização – necessita perseguir. Dar ao leitor um círculo fechado e preciso, destituído de desvios e anamorfoses, supostamente é o fundamento primeiro de uma tese. Precisar, por seu turno, nem sempre está no plano do possível, notadamente quando a vida é a medida buscada enquanto objeto diante do papel e da caneta. Entendemos, assim, que, por mais retilíneos que sejam os objetivos de uma investigação, lançados ao vento, eles jamais seguirão uma única rota".
(CLAUDINO, 2019, p. 29).

a. Apresentação da trajetória da pesquisadora e maturação do tema da Tese

A Apresentação, geralmente, abre e especifica uma obra, norteando a leitura daquelas e daquelas que, por vários motivos, sentiram necessidade de conhecer a pesquisa. Nesta Apresentação, intento mostrar as direções que tomei, os meandros e veredas que percorri e as trilhas que escolhi, conformando um caminho e um percurso investigativo. Assim, tanto quanto apresentar este trabalho de doutoramento, procuro apresentar-me.

Começo a direcionar a sua leitura pela trajetória que me levou ao tema principal, que não surgiu agora, no doutoramento, é, antes, uma construção que tem sido feita desde minha iniciação científica. Essa trajetória está centrada na reflexão sobre o direito à cidade através da análise da produção do espaço urbano, notadamente, a urbanização no estado da Bahia. Portanto, para apresentar-lhes a tese de doutoramento, destaco pontos dessa trajetória de pesquisa que justificam o interesse e aprofundamento que desembocaram no tema atual, expresso no título da tese: "Fragmentação Socioespacial e Práticas Espaciais do Habitar: Experiências Urbanas e Representações em Cidades da Bahia".

Em pesquisa anterior, que desenvolvi no âmbito do Grupo de Pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia, no Curso de Geografia, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, analisei as mudanças no processo de urbanização e seu rebatimento no cotidiano urbano pela constituição de processos de periferização e segregação socioespacial em uma cidade média baiana, com foco na reprodução da vida dos moradores do bairro Cruzeiro, na cidade de Vitória da Conquista/BA, face à expansão territorial urbana associada a constituição de áreas periféricas pobres (MARES, 2011a).

O bairro Cruzeiro é um dos bairros mais tradicionais daquela cidade, componente de uma primeira franja periférica pobre, localizado em área pericentral, abarca uma população, majoritariamente, pobre, segregada, com ausência de meios de consumo coletivo elementares à reprodução de uma vida qualificada, indicando aos seus moradores a negação do direto à cidade (MARES, 2011b). Resulta, assim, de uma lógica de produção que fomenta as desigualdades entre os segmentos sociais, seja internamente ao próprio bairro, uma vez que se foi constituindo uma diferenciação interna, resultando em heterogeneidade, uma segregação dentro da segregação, como do mesmo em relação à cidade. Seus moradores passaram a lidar com graves problemas sociais que afligiam mais duramente a população pobre, estigmatizada e pejorativamente vista como violenta, sob influência do sentimento de insegurança urbana (MARES, 2011a; 2013).

Com base nos resultados dessa pesquisa monográfica, o debate desdobrou-se em nosso mestrado, ao considerar a lógica de produção do espaço urbano em uma aproximação com a proposta triádica Lefebvreana de homogeneização-fragmentação-hierarquização, considerando o lazer como elemento integrante da dinâmica espacial, elegendo as práticas espaciais de lazer como plano analítico central. Nessa pesquisa (MARES, 2016), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp, Presidente Prudente, Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), identifiquei que a produção do lazer na cidade de Vitória da Conquista-BA seguiu uma lógica homogeneizadora na produção e gestão dos espaços direcionados ao lazer, já que estes espaços de lazer se relacionam ao processo de reprodução geral das relações de produção, em que todos os elementos são reconhecidos no plano mundial, inclusive os tempos sociais.

Contudo, com a reestruturação econômica ocorrida a partir de 1990 em Vitória da Conquista/BA, as demandas das novas atividades produtivas, que se expressaram no comércio e nos serviços, promoveram a expansão e aparente

esfacelamento do tecido urbano, implicando num processo de reestruturação da cidade resultando na formação de novas áreas centrais. Nesse processo, o lazer tanto fortaleceu o poder de abrangência de novos eixos comerciais e de serviços, como também, valeu-se dessas, reforçando as práticas espaciais de consumo do lazer específicas a cada centralidade exercida pelos eixos leste (destaque para Avenida Olívia Flores, bairro Candeias – "o lado de lá"), oeste (destaque para a Avenida Frei Benjamim – "o lado de cá") e o eixo sul (destaque para a Avenida Juracy Magalhães – com o uso do *shopping center*), distinguindo as práticas de lazer dos diferentes grupos sociais, distinções concebidas pelos agentes econômicos, normatizadas pela legislação municipal e reforçadas nas representações dos citadinos.

Uma das conclusões da pesquisa foi que, apesar da produção do lazer pautar-se em uma lógica homogeneizante, em razão de uma relativa popularização ao acesso e ao consumo do lazer, contraditoriamente, reforçava-se a elitização e as cisões socioespaciais, por se restringir a sociabilidade aos espaços onde a oferta do lazer direcionava-se à busca por exclusividade e *status*, associadas a grupos de maior poder aquisitivo. Assim, a produção dos espaços de lazer em Vitória da Conquista pautou-se no processo de diferenciação socioespacial que, no período atual, associou-se ao aprofundamento das desigualdades, conduzindo a um uso parcelar dos espaços-tempos de lazer, resultando na elitização e reforço das clivagens socioespaciais, de um cotidiano em fragmentos (MARES, 2016; 2017a).

Com os resultados dessas duas pesquisas, uma de iniciação científica e outra de mestrado, outras questões foram despertadas e houve a necessidade de aprofundamento da análise da produção do espaço, da busca de outras lentes e pontos de vista, ainda que a inquietação motivadora fosse a mesma de origem, isto é, refletir sobre o direito à cidade, em uma sociedade baseada nas relações de troca, em que o ato de acessar a cidade, de apropriar-se do espaço urbano, ele mesmo uma mercadoria, esbarra nos limites da propriedade privada e da

apropriação seletiva, reforçando conflitos, negações e desigualdades expressas, concretamente, na vida cotidiana (MARES, 2017b; 2018).

Portanto, oriundas dos resultados alcançados na dissertação de mestrado (MARES, 2016), outras inquietações persistiram sobre as mudanças ocorridas no âmbito do processo de urbanização, haja vista, a identificação de elementos indicativos da intensificação da diferenciação socioespacial como razão e expressão do adensamento das desigualdades socioespaciais. A identificação desses processos tem como pano de fundo o cotidiano, dos elementos que o compõe e modelam a vida do citadino e, logo, não ficaram restritos apenas às práticas do lazer. A pesquisa qualitativa com a(o)s moradores (MARES, 2011a; 2016) revelou que, antes de tudo, a sua condição espacial influenciava, sobremaneira, em como se apropriar do espaço citadino, sobretudo, em se tratando de espaços de lazer. Assim, a dimensão do habitar ficara latente até aquele momento.

Foi refletindo sobre o cotidiano, especificamente, sobre a dimensão do habitar, que o objeto de investigação desta tese se desenhou, em função de um crescente número de conjuntos residenciais fechados e distinções que pude observar, ainda preliminarmente, em práticas espaciais de sujeitos neles residentes durante a pesquisa de mestrado. Esses conjuntos de habitação fechados, "conhecidos, segundo os autores e os contextos locais como condomínios fechados, condomínios exclusivos, enclaves fortificados, *barrios cerrados*, *barrios privados* etc." (CHETRY, 2014, p. 63), muito presentes em metrópoles latino-americanas, já vêm sendo objeto de investigação em cidades médias brasileiras (DAL POZZO, 2008; 2015; SPOSITO; GOES, 2013; MILANI, 2016).

Esse tipo de padrão e modelo de moradia, com nuances próprias e outras gerais ao Brasil, fez-se presente em cidades da Bahia em tamanha intensidade que nos motivou a investigar a natureza desse fenômeno, partindo da implementação de empreendimentos imobiliários murados com função

residencial executados nas cidades médias de Feira de Santana, Vitória da Conquista e na aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, as quais serão apresentadas em tópico específico. Esse tipo residencial foi precedido e acompanhado de maciça propaganda que intensificou e difundiu o hábito e o desejo em residir em ambientes urbanos murados e vigiados, estandardizados como lócus da tranquilidade, segurança, lazer e distinção social.

Essa nova produção habitacional erigiu novas formas espaciais, reorganizou funções e vem alterando a estrutura urbana das cidades pesquisadas nesta tese. Acompanhado a esse processo, houve transformações também nos significados do habitar pelo incremento maciço de habitats. Os habitats residências fechados possuem formas e representações próprias nas cidades estudadas, o que nos levou a avaliar o fenômeno numa relação entre o geral e o particular.

Essa possibilidade de estabelecer uma continuidade entre meu mestrado e meu doutoramento liga-se, portanto, à reflexão feita desde a dissertação até a tese. Por exemplo, a reorganização das funções urbanas já vinha sendo investigada e notada (MARES, 2017) ao concluir que a produção da cidade contemporânea, naquele caso estudado, revelou uma conformação territorial em processo de complexificação, descontínua, organizada social e espacialmente com a presença de enclaves; a vida urbana se mostrou, desde aquela pesquisa e sujeitos, priorizando o cotidiano programado que tende a homogeneização, mas que se esfacela em um conjunto de fragmentos hierarquizados sob domínio da lógica do capital.

Com base na análise das práticas espaciais do lazer, que foi nosso foco naquela pesquisa, pudemos compreender que a estrutura urbana produzida sob a lógica da homogeneidade revelou contradições de um espaço que é produzido por e a partir das diferenças que se erigem como negatividade (distinto do que trataremos neste trabalho mais adiante). Dessas práticas, pudemos compreender

como se foram atribuindo conotações e valorações distintas aos espaços de lazer, de modo mais estrito, e ao uso do espaço citadino, de modo ampliado.

Tratou-se de uma produção contraditória, pois, ao passo que indicava uma possível democratização dos usos e acessos aos espaços de lazer na cidade, mostrou-se, na verdade, um processo de hierarquização espacial e, sobretudo, social, desqualificando práticas espaciais que se convertessem em sociabilidade e impedindo a centralidade Lefebvreana, quer seja, a efetiva participação na vida urbana (MARES, 2017).

Essa percepção, ainda em meu mestrado, auxiliou-me na preocupação com a avaliação das representações sobre a vida urbana, um dos focos de meu doutoramento, que naquele momento indicou que a relação com os espaços públicos dos sujeitos era tensionada pelas transformações recentes no modo de produzir e se apropriar da cidade, tanto quanto eram essas decorrentes daquelas (MARES; WHITACKER, 2018). Em decorrência, e de modo mais enfático, o estranhamento, se engendra às possíveis relações de sociabilidade e afasta o diferente (MARES, 2018).

Portanto, as representações atribuídas ao lazer apreendidas junto aos sujeitos pesquisados em meu mestrado expressaram elitização espacial e social e reforço às cisões sociais, por produzirem um perfil de consumidor que acessa aos espaços produzidos pela iniciativa privada e lhes atribui status de exclusividade, sofisticação e hierarquia caracterização uma cidade em fragmentos. Isso me deu importantes pistas na formulação do problema de pesquisa deste trabalho de doutoramento, quando começamos a desenhar a hipótese de que isso, *mutatis mutandis*, poderia ocorrer na produção e consumo dos espaços de habitação.

Também, da relação espaço-tempo, em Mares e Whitacker (2018), vimos uma dissolução dos referenciais de uma prática ativa reveladora da criatividade e do lúdico como resultado da transformação da cidade para atender à reprodução e circulação capitalista. Os espaços-tempos de lazer se submetem à padronização imposta por essa lógica e passam a constituir os “quadros de

referência da ação e delimitam, impedem, permitem o uso" (CARLOS, 2001, p. 47). O cotidiano citadino passa a expressar os condicionantes de um processo maior que subordina os espaços-tempos da vida urbana a um produto a ser consumido e o consumo, em si, em um modo de lazer (SANTOS, N. 1999). Essa relação me indicou, na análise futura das práticas do habitar, foco de meu trabalho doutoral, que os espaços residenciais poderiam passar por processo semelhante de subordinação e valoração.

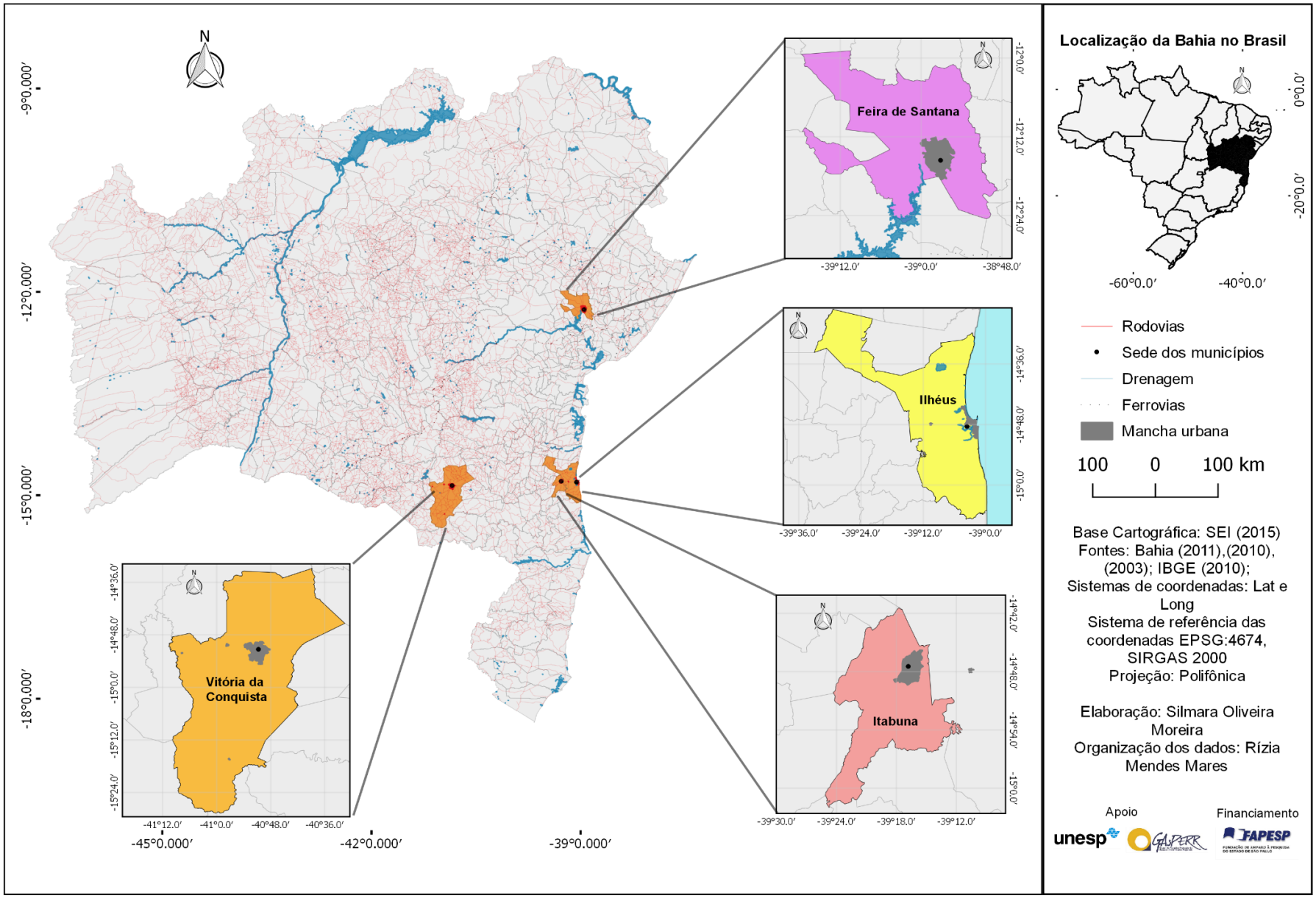
b. Os Tipos Urbanos Pesquisados

Feita a justificativa pelo enfoque empírico e espacial, seguimos com a apresentação preliminar dos tipos urbanos pesquisados. A análise se deu, especificamente, sobre os seguintes tipos urbanos do Estado da Bahia, região Nordeste do Brasil: as cidades médias Feira de Santana e Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna (Figura 1), que será ora vista como um único objeto, ora como duas cidades, conforme o processo de investigação se desenvolveu.

Nessas, identificamos funções de intermediação na dinâmica da rede urbana, constituindo-se como centros regionais, com importante posição geográfica e abrangência de ação e níveis de especialização em termos de comércio, serviços e atividades produtivas. Complementarmente, esses espaços articulam-se de modo relativamente independente de outros centros de decisões.

Assim, possuem diversidade e, ao mesmo tempo, unicidade, conformando tipos urbanos com dessemelhanças e similitudes. A escolha de uma aglomeração urbana junto aos dois outros centros urbanos vem trazendo elementos empíricos importantes à análise de tipos urbanos brasileiros e apresentado novos desafios à análise das cidades médias.

Figura 1. Localização dos tipos urbanos pesquisados. BAHIA, 2019.



Fonte: Trabalho de campo (2019).

Temos considerado a tipologia apregoada pelo IBGE (2017) de Regiões Geográficas Intermediárias quando analisamos os tipos urbanos selecionados na rede urbana da Bahia: Feira de Santana, Vitória da Conquista, Ilhéus-Itabuna. Soma-se ao estudo da hierarquia de cidades as informações da REGIC (2018) quando da caracterização e análise das relações estabelecidas nessa rede. Ainda que haja distinção entre as duas publicações oficiais listadas, de origem metodológica, as práticas espaciais dos citadinos de Ilhéus e Itabuna perfilam a coexistência cotidiana em ambos os núcleos urbanos.

Para Silva e Fonseca (2007), o extenso território da Bahia resulta de um processo historicamente desigual, expressando-se de modo pouco articulado. Afirma que a organização das cidades carrega a mesma condição no que tange à sua disposição naquele subespaço, além de graus distintos de interação espacial, conformando uma estrutura urbano-regional bastante hierarquizada, apontando um perfil sobre a rede de cidades na Bahia segundo uma estrutura composta por:

> Universo dos 417 municípios baianos, 28 centros urbanos que concentram, aproximadamente, 80% dos fluxos sociais e econômicos, mais de 50% da população baiana, 100% das matrículas dos cursos superiores, 84% dos médicos e 70% dos rádios licenciados da Bahia. Desses 28 centros, 17 com níveis hierárquicos que variam de metrópole à cidade especial estão localizados entre a BR 166 e o litoral; 08 encontram-se no "miolo" territorial da Bahia, dentro do semiárido sendo que seis deles são considerados cidades comerciais de abrangência local e três, de porte intermediário, estão nas fronteiras do Estado. (SILVA; FONSECA, 2007, p.3).

Mesmo reconhecendo a tendência de ocupação que privilegiou inicialmente o litoral, como estratégia locacional, cabe considerar, também, outros elementos para compreensão da dinâmica territorial na Bahia: a) as localizações estratégicas, por exemplo, ao longo de rodovias; b) as cidades que, atualmente, apresentem forte dinamismo comercial e de serviços, mas com abrangência local/regional; c) espaços urbanos que apresentem graves problemas de infraestrutura e acessibilidade; d) cidades de forte centralidade, consideradas

estratégicas na gestão e ordenamento do território por sua abrangência regional; e) cidades com foco no turismo, objetivando abrangência territorial ampla do Estado e pelas quais se possa averiguar relações estabelecidas em/na rede.

Tomando-se estes elementos provocadores, selecionamos as cidades destacadas na Figura 1, as cidades médias Feira de Santana, Vitória da Conquista e a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, e algumas características para introduzir o debate, as quais lidaremos enquanto cidades médias brasileiras, pois, concordamos com Silva e Sposito (2017, p.24), que destacam o seu papel no processo de urbanização do Brasil por conterem condições favoráveis aos padrões do regime de acumulação que busca uma maior flexibilização em seus processos econômico-territoriais, sendo um elemento fundamental nas "intermediações de processos de expansão e do consumo moderno, notadamente organizado em redes e por grandes companhias de capitais nacionais e internacionais."

No tangente às características comuns, verifica-se um acelerado processo de expansão do tecido urbano nas últimas duas décadas, fortemente influenciado pela especulação imobiliária, condição propiciada por um tipo de relação de poder político e econômico, em que pese uma inversão de papéis na produção da cidade, isto é, a diminuição das ações do Estado em favor da crescente intervenção do mercado imobiliário que passa a controlar e planejar o cotidiano urbano.

Para o caso da aglomeração Ilhéus-Itabuna, metodologicamente, abordaremos, ora seu conjunto, ora, cada cidade particularmente, porém, objetivando sempre caracterizar o tipo urbano, já que concordamos com Santos, M. (1957, p. 64) ao afirmar que Ilhéus e Itabuna "podem, sem exagero, serem consideradas um único organismo urbano, uma vez que funcionalmente se completam".

O município de Itabuna, distante cerca de 426 quilômetros da capital do estado, Salvador, com população de 2013.685 habitantes, de acordo com a

estimativa populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2019) e Produto Interno Bruto per capita (PIB) em torno de R$19.184,77 (IBGE,2017), destaca-se como centro regional B (REGIC, 2018), com destaque para o comércio, serviços e indústria. Por esse documento, a cidade de Itabuna exerce centralidade, por exemplo, atraindo deslocamentos para os serviços de saúde de média e alta complexidade, para cursar ensino superior, considerando deslocamento pendulares e, para compras de móveis e eletrodomésticos (REGIC, 2018).

O município de Ilhéus, a 446 quilômetros da capital do estado, Salvador, com população de 159.923 habitantes (IBGE,2019), com PIB per capita R$25.829,06 (IBGE,2017), teve sua economia historicamente pautada na monocultura do cacau. Atualmente, volta-se a assistência especializada em cacau, segundo o IBGE (REGIC, 2018) constituindo-se como um centro de ligação entre produtores do sul baiano e municípios vizinhos, como também, com outros estados onde cultiva-se o cacau. Essa característica atribuída a Ilhéus justifica-se pela soma de conhecimento técnico adquirido historicamente através da produção de cacau e dos investimentos em centros de pesquisa para esse fim, os quais tornaram-se referência para além dos limites do município e região cacaueira do sul da Bahia.

Acrescenta-se que na cidade de Ilhéus tem sido desenvolvida atividade turística conformando-a como centro funcional geográfico do turismo regional (TRINDADE, 2011). De acordo com esse mesmo autor, a cidade de Ilhéus é o principal ponto regional de entrada e saída de pessoas, informações, mercadorias, por meio dos transportes marítimo e terrestre, destacando-se o direcionamento turístico em aeroportos privados, como em Comandatuba, do aeroporto em Ilhéus, que atende também Itacaré, e do porto em Ilhéus abarcando a exportação, sobretudo, de soja oriunda da região oeste da Bahia.

Até a década de 1990, houve um predomínio da cultura cacaueira, sobretudo, com o cultivo da matéria-prima e com a instalação de indústrias para

beneficiamento e transformação do cacau, contudo, com a crise do cacau, a atividade turística foi construída como nova fonte de lucros, recebendo infraestrutura que possibilitasse o desenvolvimento dessa atividade. Contudo, a partir de 1990, há um direcionamento maior ao turismo e demais processos que envolvem a produção da cidade para esse fim, abrangendo, além de Ilhéus, as cidades de Itacaré, Comandatuba e Canavieiras (TRINDADE, 2011).

A relação entre as cidades de Ilhéus e Itabuna até a década de 1990 baseava-se na monocultura do cacau, sendo Ilhéus lócus dos fixos industriais do beneficiamento e transformação do cacau, enquanto Itabuna detinha as instalações de indústrias multinacionais, como a Nestlé, para a fabricação de leite em pó e derivados, conforme descreve Trindade (2011). Para tanto, durante no decorrer do século XX, sobretudo, décadas de 19980 a 1990, foi possibilitado um conjunto de infraestruturas para desenvolvimento da economia cacaueira ligada a instalação de portos, estradas de ferro, fazendas, armazéns e casas exportadoras (TRINDADE, 2011).

Com a mudança de atividade produtiva, a cidade de Ilhéus, abrindo-se ao turismo, e Itabuna, ao comércio e prestação de serviços, houve uma densificação de fluxos na aglomeração e novas articulações escalares na rede urbana. Trindade (2011) afirma que a relação de complementariedade se adensou com a instalação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), localizada entre ambas as cidades, no quilômetro 16 da BR 415. Especificamente, esse mesmo autor pontua que para a cidade de Itabuna direcionaram-se os serviços de saúde, constituindo-se como um polo regional e responsável por muitas interações espaciais na rede, nesse ponto, sobressaindo-se em relação a Ilhéus.

Para lidar com o tipo urbano Ilhéus-Itabuna, temos nos reportado à produções acadêmicas e científicas, discriminadas no decorrer do texto, que se debruçaram sobre o estudo das relações internas estabelecidas nesse arranjo e pudemos avaliar relações de complementariedade entre os dois núcleos urbanos componentes da aglomeração. Já do ponto de vista das ligações externas, temos

como suporte estudos oficiais, sobretudo, do IBGE, para a leitura da rede urbana. Nesses, ora há hierarquia dentre eles, ora se vislumbra o comportamento de ambos como um único centro urbano da rede.

Em relação aos documentos de referência do IBGE, um deles é a versão atualizada da pesquisa Região de Influência das Cidades (REGIC, 2018). Outro documento do IBGE é uma nova proposta de regionalização, a Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, do ano de 2017, que se apoia, dentre outros, na própria REGIC (2008), objetivamente, tem a rede urbana como principal referência. Justificamos o apoio nessas referências para embasar nossa caracterização e justificativa de trabalho com o tipo urbano selecionado (a aglomeração Ilhéus-Itabuna).

No caso da aglomeração Ilhéus-Itabuna, apesar dessa relação entre ligações externas, do ponto de vista da rede urbana da Bahia, foram as ligações internas à própria aglomeração as mais constantes, com foco maior nos fluxos internos pela nossa opção em lidar com as práticas espaciais dos sujeitos entrevistados, residentes na cidade de Ilhéus e na cidade de Itabuna, que se realizam não apenas em suas cidades de residência, mas também, na aglomeração. Nesse sentido, apesar das diferenças no plano hierárquico da organização da rede urbana, Itabuna e Ilhéus podem ser vistas enquanto um conjunto urbano, a aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna.

Portanto, embora se possa avaliar a centralidade de cada uma delas desde a REGIC, por exemplo, é a complementaridade de funções e ações e, como já escrito, as práticas espaciais dos citadinos que nos indicam que, de fato, tem-se uma articulação dada na rede urbana desde a e na aglomeração, com papeis complementares e não concorrentes da escala local à regional e na escala local, da aglomeração.

Outro centro urbano avaliado é Feira de Santana. O município de Feira de Santana, distante 108 quilômetros da capital do estado, Salvador, é o segundo município do estado em tamanho populacional, com 619.609 habitantes

(IBGE,2019), PIB per capita de R$ 24.074,06 (IBGE, 2017) e economia voltada, sobretudo, ao comércio. Em pesquisa realizada sobre as cem melhores cidades do país para se investir em imóveis, Feira de Santana foi o destaque do estado da Bahia, escolhida por fatores como elevada renda per capita, alto grau de instrução e vínculo empregatício, quantitativo relevante de empresas atuando na cidade e elevado déficit imobiliário.

Apesar de ser um estudo para fins estritamente mercadológicos, julgamos ser relevante debatermos sobre esses fatores ao longo da tese, sobretudo, pela observação em campo da intensificação de projetos imobiliários que estão sendo construídos nessa cidade. O que incorpora elementos para analisarmos a relação entre os agentes envolvidos na produção do espaço urbano.

Haja vista, ao observar a atuação da iniciativa privada na produção dessa cidade, serem fatores que aumentam o poder do capital monopolista na escala intraurbana, chamando a atenção para as ações estatais enquanto peça fundamental na economia ou antes, nas palavras de Dardot e Laval (2016), de ser um fiador legitimando sua produção e guardando o direito privado.

No que se refere a abrangência das funções urbanas, da forte centralidade na rede urbana da Bahia, dos papéis e estrutura que a caracteriza, somados aos padrões demográficos, categorizamos Feira de Santana como uma cidade média, o tipo urbano eleito em nossa análise, como já embasado em outros estudos, à despeito da pouca distância absoluta com a capital do Estado.

Uma singularidade desse centro urbano é que, por um projeto de lei, foi criada a Região Metropolitana de Feira de Santana, a Lei Complementar nº35 de 6 de julho de 2011, tendo Feira de Santana como sede da RMFS e população residente estimada de 910.974 habitantes (IBGE, 2017).

Apesar desse projeto de lei instituir a Região Metropolitana de Feira de Santana, concordamos com Araújo (2016) de que tal categorização atende prioritariamente interesses políticos. Para essa autora, apesar da importante

centralidade na rede urbana da Bahia, Feira de Santana não tem características de uma metrópole, mas a de uma cidade média, ou seja, do ponto de vista legal, é sede de uma região metropolitana, mas não tem papel de metrópole. É um centro urbano não metropolitano, pois, apesar da legislação instituir uma região metropolitana, essa não altera a hierarquia da rede urbana da Bahia.

Como último recorte empírico, a cidade de Vitoria da Conquista, terceiro município do estado em população, com 341.128 habitantes (IBGE,2019), encontra-se a 509 quilômetros da capital, Salvador, e possui um PIB per capita de R$ 20.761,05 (IBGE,2017), com destaque para as atividades comerciais e de prestação de serviços em sua economia.

Assim como a cidade de Feira de Santana, partimos do entendimento de que Vitória da Conquista se configura como cidade média, argumento consolidado em pesquisas em que fora destacado, entre outros temas, o processo de reestruturação e expansão da cidade (FERRAZ, 2001), da constituição de processos de periferização e segregação socioespacial em uma cidade média (MARES, 2011a), de um maior aprofundamento nos processos socioespaciais no estabelecimento de processos de homogeneização, fragmentação e hierarquização em cidade média (MARES, 2016).

Além de pesquisas que vêm se desenvolvendo sobre as relações de intermediação e articulação entre cidades de maior ou menor escala na rede urbana baiana, levando em conta sua complexidade funcional e papéis de intermediação, como exemplo, a proposta de constituição de uma região metropolitana. (SILVA, 2016; SANTOS, J., 2014).

As diversas faces de ocorrência da urbanização têm motivado uma produção distinta do espaço, assim como um padrão de organização mais complexo, o que, para Trindade Jr (2011), tem tensionado não apenas as formas da cidade, mas também seu conteúdo, admitindo um processo de diferenciação na produção espacial.

Esse caráter diferenciado e desigual de produção do espaço possibilita-nos o reconhecimento de formas espaciais diversas e, sobretudo, dos processos verificados na dinâmica das cidades, especialmente as médias aqui destacadas, tanto no plano regional como, também, de sua importância no contexto nacional.

Os processos e formas espaciais resultam de mudanças que ocorrem na atualidade articuladas ao tempo pretérito de constituição destas e se diferem em cada contexto específico, refletindo as desigualdades sociais nesse espaço. Para Vasconcelos (2013), as formas são modificadas mediante a ocorrência de alguns fatores, como mudanças na economia, a globalização, neoliberalismo, migrações (nacionais/internacionais) e atuação dos movimentos sociais, os quais criam, constantemente, novas desigualdades.

Ainda que seja feito um debate sobre o direito à diferença, como exporemos em outra seção desta tese, partimos do pressuposto de que não há espaços homogêneos, ainda que haja coexistência de lógicas e dinâmicas que impõem ou interpõem a homogeneidade ou a homogeneização, condição e processo, num movimento constante e contraditório, principalmente, na escala das cidades, e que as diferenças sociais e espaciais são imprescindíveis ao capitalismo, ainda que se intente a imposição da hegemonia.

Tais diferenças são, simultaneamente, produto, meio e condição para o funcionamento e reprodução do sistema capitalista (CORRÊA, 2007). Para esse autor, na escala da rede urbana e do espaço intraurbano expressa, cartograficamente entre distintas escalas (pequenas/grandes), a diferenciação socioespacial pode ser verificada numa escala cartográfica intermediária, relacionada à urbanização e a seu desenvolvimento espacial, resultando em extensas e complexas formas e interações espaciais (CORRÊA, 2007).

As políticas modernizadoras implementadas no território brasileiro, longe de criar um equilíbrio e integração entre os centros urbanos, motivou um aprofundamento da diferenciação socioespacial e as desigualdades sociais entre os municípios, como no caso do Estado da Bahia. Segundo Silva e Fonseca (2007),

a rede de centros urbanos da Bahia é, historicamente, desigual, frágil e pouco integrada. Tais políticas foram implementadas na Bahia a partir de 1950, contudo, sua efetividade começou a ser verificada a partir de 1959, com o Plano de Desenvolvimento da Bahia (PLANDEB), através da Comissão de Planejamento Econômico (CPE).

As ações, ainda no plano regional, foram integradas às de nível federal, dando condições para iniciar o processo de modernização pela indústria, via Superintendência para Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), implementação do Centro Industrial de Aratu (CIA) (1966) e o de Subaé – CIS (1970), do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) (1973). Tais ações alteraram o perfil regional, até então baseado em uma economia agrário-exportadora, passando a desenvolver uma economia urbano-industrial (SILVA; FONSECA, 2007).

Essas ações aprofundaram as desigualdades regional e local. Houve concentração de infraestrutura, indústrias, recursos, fluxos, relações etc. no entorno da Região Metropolitana de Salvador, diferentemente do que se via no interior do Estado, com certo grau de desintegração, com um suporte mais tradicional (SILVA; FONSECA, 2007). O modo desigual em que as ações políticas foram pensadas e efetivas na realidade baiana promoveu uma clara diferenciação entre suas regiões com rebatimentos, inclusive, no cotidiano urbano, em razão da distribuição desigual dos meios de consumo coletivo.

Modificações foram produzidas no Estado da Bahia a partir de 1990, pautando-se na mesma política modernizadora do território, agora com peso nas ações de ajuste fiscal, programas de concessão de inventivos fiscais a setores como: calçadista, informacional, automotivo, celulose e papel, o que além de promover uma diversificação econômica, tinha como objetivo a desconcentração espacial da indústria nas áreas interioranas. Isso favoreceu o crescimento das cidades médias, contudo, a questão das desigualdades regionais permaneceu latente (SILVA; FONSECA, 2007). Segundo os autores:

> Quando isso não ocorre, por razões históricas, geográficas, econômicas, sociais, políticas e institucionais específicas, há uma clara tendência para o crescimento da macrocefalia urbana, com uma enorme metrópole, com um pequeno número de cidades médias e com a presença de um grande número de pequenos centros urbanos, economicamente frágeis e socialmente limitados quanto ao acesso a bens e serviços o que contribui negativamente na constituição dos indicadores de desenvolvimento humano e social. Neste caso, os indicadores de eficiência que podem ser apontados na metrópole serão superados pelos de iniquidade social, expressa pela falta de acessibilidade aos bens urbanos e serviços, muitos deles básicos, por grande parte da população. E também, os indicadores de eficiência poder ser afetados pela inexistência de uma forte integração entre a metrópole e toda a sua região, o que contribui para a não constituição de uma dinâmica econômica regional, pouco competitiva, portanto, no contexto nacional e global. Também esta situação leva a um intenso processo migratório das regiões desprovidas do interior para a metrópole, agravando o quadro social na região central. (SILVA; FONSECA, 2007, p.3).

Essa realidade despertou-nos para a compreensão de como se articulam, ou não, as cidades baianas, conformando uma rede urbana, complexa, desigual e hierárquico-funcional, articulada às políticas modernizadoras implementadas no território, atuam no crescimento regional/local e a acessibilidade da população aos bens urbanos. Conforme expuseram Silva e Fonseca (2007), a rede urbana precisa ser equilibrada e estruturada para que haja uma eficiente economia espacial e uma coerente distribuição dos indicadores de equidade socioespacial sobre o espaço geográfico, considerando, inclusive, a presença numericamente efetiva de cidades médias.

Para Corrêa (2017), a base de inserção das cidades, seja ela pequena, média, grande ou metrópoles, em uma rede urbana diz respeito às suas funções, reflexo da divisão territorial do trabalho nas escalas regional, nacional e global. Com a intensificação da urbanização, a expansão territorial urbana e os novos conteúdos das interações espaciais as cidades médias vivenciam uma dinamização intensa e que tem refletido na forma destas cidades.

Pela análise das formas e processos instituídos nesse recorte analítico, é importante desvelar os conteúdos da produção do espaço, da densidade da rede urbana, e compreender as especificidades territoriais, da diferenciação na produção das cidades, e na possibilidade de repensar o sistema urbano. Assim, nesta tese, os tipos urbanos escolhidos são, de modo latente, uma intenção de compreender a dimensão da rede urbana, ainda que não seja esse nosso foco central. Mas, mais do que isso, interessa-nos a possibilidade da comparação dentre tal tipologia.

Para Brandão (2012), no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, a comparação contribui de modo preponderante na compreensão das relações erigidas sob tal lógica que se expressam nos diferentes espaços produzidos pelo capital, dos agentes hegemônicos de produção, assim como, de modo enfático em nossa tese, análise da reprodução da vida nesses lugares da acumulação desde a dimensão do habitar.

c. Questões de Pesquisa, Hipóteses e Objetivos

Essa trajetória, sempre em construção, e, em especial, as reflexões advindas de meu mestrado, neste mesmo Programa de Pós-Graduação, levaram-me à formulação de uma questão central, ao analisar a produção do espaço urbano nos tipos urbanos selecionados no estado da Bahia, quer seja, como a crescente busca por moradias em habitats residenciais fechados pode acentuar os conflitos de interesse resultantes e incidentes do par diferenciação socioespacial e desigualdade social relacionados às lógicas de distribuição, localização e qualidade das habitações, com rebatimentos nas relações de sociabilidade, justamente, por conduzirem a uma clivagem socioespacial mais intensa.

Trata-se, portanto, de se pensar como reconfigurações socioeconômicas, políticas e culturais, operadas via processos mais gerais da globalização, refletidas nas diversas escalas, implicam e decorrem em uma divisão social do espaço, produzindo e reproduzindo separações inscritas, objetivamente, nas

formas espaciais e na estrutura urbana, como também, nas relações entre os citadinos, indicando um processo de apartação em suas frentes espacial e social.

Da questão central, desdobram-se questões corolárias, nos tipos urbanos selecionados, Feira de Santana, Vitória da Conquista e Ilhéus-Itabuna:

- Em se tratando dos tipos urbanos baianos selecionados, quais as estratégias de localização que incidem sobre os novos produtos imobiliários de uso residencial fechado, a partir de meados de 1990, período em que notamos seu surgimento, com atuação mais expressiva a partir dos anos 2000?
- Frente aos novos habitats residenciais fechados, que caracterizam um padrão de moradia atual a segmentos intermediários e altos de renda nos centros urbanos pesquisados, e entendendo que as práticas espaciais podem expressar a atomização das relações de sociabilidade, quais são os espaços identificados como de uso exclusivo ou concebidos como de uso distintivo para os grupos sociais investigados?
- Considerando a ampliação da capacidade de consumo e a relativa facilitação na aquisição de moradias em ambientes murados via, por exemplo, o endividamento dos segmentos intermediários de renda, quais as motivações das escolhas por esse tipo de moradia?
- Considerando o pressuposto de que a implantação de habitats residenciais fechados tende a alterar ou a se justapor às estruturas urbanas pretéritas, como se dá a produção dos novos lugares de moradia nas cidades selecionadas?
- Considerando a implementação de habitats residenciais fechados e a reorganização da estrutura urbana e das lógicas do habitar, o que se associa a transformações no cotidiano urbano experienciado, pode-se interpretar a ocorrência do processo de fragmentação socioespacial?
- O que há, considerando-se as questões acima, de particular às cidades médias baianas selecionadas e como esse particular se relaciona a um quadro mais geral da urbanização contemporânea brasileira?

Esse conjunto de questões associa-se ao entendimento de que as práticas espaciais e as lógicas de localização habitacional dos citadinos que apresentam perfil socioeconômico que os insere em segmentos de renda intermediária a alta, tendencialmente, estão reforçando processos de concentração espacial em áreas periféricas sem, com isso, afastarem esses grupos e seus espaços de habitação da proximidade absoluta ou relativa a equipamentos, serviços e comércios outrora geralmente próprios aos centros principais das cidades estudadas.

Desse modo, as áreas de concentração espacial desse perfil de população têm sido equipadas com atividades, equipamentos e estabelecimentos que, em condição crescente, têm abarcado necessidades de consumo de bens e serviços, das mais imediatas, às mais complexas. Nesse contexto, portanto, há de céleres e intensas transformações dos modos de habitar, de uma dada reorganização da estrutura urbana e do habitat e podem conduzir a avaliação de processos relacionados de apartação pelo morar e pelo consumir.

O conjunto de questões e entendimentos sumariamente exposto acima implica na necessidade de se buscar modos de interpretá-los nos tipos urbanos selecionados, as cidades médias Feira de Santana e Vitória da Conquista e a aglomeração urbana, Ilhéus-Itabuna, a qual avalio pela função e papel desempenhados como também uma cidade média.

A hipótese principal debatida neste trabalho de doutoramento é de que essas transformações no período histórico recente não são mais passíveis de serem identificadas nos marcos de processos já balizados, como o de segregação socioespacial, mas, sim, por meio do processo que o engloba e vai além, como o de fragmentação socioespacial.

A tese é de que o conceito de fragmentação socioespacial retrata e explica o quadro de transformações do urbano nessa fase de urbanização planetária no contexto do capitalismo atual. A dimensão desse processo se confirma por mostrar suas nuances tanto em espaços metropolitanos, quanto em espaços não

metropolitanos, observáveis através de modos contemporâneos de diferenciação e desigualdade, como vem ocorrendo em cidades médias da Bahia, através das práticas espaciais do habitar.

O objetivo geral, assim, é o de compreender o processo de diferenciação socioespacial e o incremento de quadros de desigualdade social expressos pelas práticas espaciais do habitar de moradores de habitats residenciais fechados em algumas cidades médias da Bahia, avaliando-os como razão e expressão do processo de fragmentação socioespacial. Desse objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a dinâmica locacional e a atuação dos agentes econômicos e do poder público na implantação de empreendimentos imobiliários identificando as estratégias espaciais empregadas na localização dos habitats residenciais.
2. Identificar lógicas contemporâneas de estruturação da cidade produtoras e/ou decorrentes de diferenciação socioespacial e de novos conteúdos das práticas espaciais observadas no plano do vivido.
3. Compreender a relação entre diferenciação socioespacial e desigualdade social na produção do habitar e como essa produção redefiniriam as práticas espaciais dos citadinos.
4. Analisar os elementos que caracterizam o processo de fragmentação socioespacial em curso nas cidades médias baianas escolhidas através da experiência urbana de moradores dos habitats residenciais fechados, apreendendo suas especificidades no âmbito da urbanização contemporânea.

d. Habitar e Habitat como Elementos Estruturadores da Tese

Dada a diversidade de empreendimentos pesquisados, que compreendeu residenciais horizontais e verticais, condominiais e não condominiais (quer seja, de propriedade condominial ou não), foi adotada a expressão "habitats residenciais fechados", por se entender que habitat agrega

diferentes tipos de habitação. Para uso e qualificação dessa expressão e para os objetivos desta pesquisa de doutoramento, considera-se algumas características sobre espaços residenciais fechados descritas por Sposito e Góes (2013) como ponto de partida conceitual.

Assim, caracteriza-se como habitats residenciais fechados aqueles empreendimentos residenciais, verticais e horizontais, com propriedade condominial ou não, mas administrados em sistema condominial, murados, controlados por sistemas de segurança, dotados de infraestrutura de lazer, e, eventualmente, de consumo, não restritos à área privativa das unidades, ou à propriedade privada edificada em lote, mas, antes, dispostas na área coletiva condominial, ou na área de uso comum, institucional, sob administração condominial[1].

Habitat é um conceito amplo e designativo de dimensões mais alargadas que a moradia *per se*, como aludido no Dicionário do Imobiliário (1996), onde se propõe que tal termo não pode ser entendido apenas em uma função doméstica, mas abarcaria o espaço que abrange a vida urbana no nível do espaço residencial tendo o habitar como moldura da vida urbana. Soma-se, ainda, o entendimento de que se trata de um "quadro e as condições de vida de uma população" (MERLIN; CHOAY, 1988, p. 329).

A despeito desses dois exemplos advindos de léxicos, a referência principal para uso do termo habitat neste trabalho doutoral se dá com base em Lefebvre (2001a;2008a). Para esse autor, um dos níveis de compreensão do

[1] Essa designação é necessária para se distinguir unidades imóveis em propriedades privadas condominiais de unidades imóveis de propriedade privada unifamiliar em loteamentos fechados. Ambos são, na prática, no entanto, regidas por modelos administrativos condominiais, daí o termo genérico e impreciso adotado no Brasil de "condomínios" para se referir, inclusive, a loteamentos fechados sem propriedade condominial, cujas áreas de uso comum não são todas, de fato, condominiais, sendo, algumas, públicas de uso restrito, como os logradouros, e outras privadas e condominiais de uso coletivo restrito, como, por exemplo, um salão de festas.

fenômeno urbano é o habitar, lido como o nível privado (P)[2] o do domínio edificado, os imóveis.

É nesse nível que Henri Lefebvre coloca em tela a oposição habitar e habitat, haja vista o autor considerar, no nível de análise indicado (P), apenas o que é edificado, e que na compreensão dos níveis do fenômeno urbano, o puramente edificado, do homogêneo, do que foi instaurado pelo alto, em relação contraditória com o habitar como condição humana. Em meu entendimento, habitar é ontológico, já que "O ser humano não pode deixar de edificar e morar, ou seja, ter uma morada onde vive sem algo a mais (ou a menos) que ele próprio: sua relação com o possível como com o imaginado" (LEFEBVRE, 2008a, p. 79).

Para o supracitado autor, o habitar é poético (LEFEBVRE, 2008a, p. 79) dada a relação estabelecida entre o "ser humano" com a natureza e com sua própria natureza "com o 'ser' e seu próprio ser, reside nele o habitar, nele se realiza, nele se lê". Sobre o habitat, Lefebvre (2008a) problematiza:

> Este último termo [habitat] designa um "conceito", ou melhor, um psdeudoconceito caricatural. No final do século XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente redutor, pôs de lado e literalmente entre parênteses, o habitar. Ele concebeu o habitat, função simplificada, restringindo o "ser humano" a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. (LEFEBVRE, 2008a, p. 78 grifos do autor).

Tal oposição também é tomada como caminho possível nesta tese, partindo-se do que está sendo instaurado pelo alto para fazer uma "crítica poética" aos habitats residências, tentando uma análise das cidades investigadas reconsiderando o monumental habitat a partir (ou com a retomada) da ideia de

[2] No livro "A revolução urbana" (2008), Henri Lefebvre desenvolve seu método de análise do fenômeno urbano indicando, entre outras questões, que tal análise se baseia em níveis e dimensões nos quais, sincronicamente, trata-se do urbano. Estes níveis dizem respeito a: um nível *global* (G) expressão do poder, tendo o Estado como representação; um nível *misto*, mediador ou intermediário (M) que é a cidade propriamente dita; e um nível *privado* (P) os imóveis, mais especificamente, as habitações: grandes prédios de apartamentos, casas, acampamentos e favelas.

habitar. Nesse movimento dialético e conflituoso, como afirmou Lefebvre (2008a), concomitantemente, teórico e prático, do habitat e do habitar se sobressaem como primazia.

O habitat, para efeito desta pesquisa, seria expressivo de quando a ideologia e a prática chegam ao ponto da repressão daquilo que Lefebvre (2008a) chamou de características elementares da vida urbana, como, por exemplo, a diversidade de modos de vida, padrões, modelos e valores associados ao movimento da cotidianidade. Consideramos que os tipos de espaços de moradia eleitos para esta investigação, bem como, as correspondentes práticas do habitar, estão inseridas numa lógica de programação da vida cotidiana que, nas relações de produção orientadas pelo capital, são direcionadas para o consumo.

Os habitats residenciais fechados analisados são, portanto, produzidos por uma racionalidade que faz culto, num campo, à estética e à imagem e noutro campo complementar à padronização de ações e atos e, paradoxalmente, ao individualismo, sendo, assim, marcas da "sociedade burocrática de consumo dirigido" (LEFEBVRE, 1991, p. 79). A escolha por viver em habitats residenciais acima categorizados associa-se a uma condição espacial que, nas cidades pesquisadas, fá-los, além de espaços de uma sociabilidade segmentada, fechados.

Tal eleição pode ser vista como uma manifestação decorrente de uma dupla determinação, ou de uma codeterminação, pois decorre tanto de uma maciça atuação de agentes de produção do espaço urbano, sobretudo, promotores imobiliários, fundiários, incorporadores e o próprio Estado, como, também, de representações associadas a tais espaços por distintos agentes que os identificam com uma suposta ou idílica qualidade de vida e determinadas condições de sociabilidade marcadas por algum tipo de homogeneidade interna, por um sentimento de segurança e por um regramento que distingue os "de dentro" e os "de fora". Tal quadro opõe, ainda que no plano das representações, tais habitats da "cidade aberta", o que foi identificado pela percepção dos sujeitos

pesquisados observável tanto nos relatos do(a)s moradores como dos agentes imobiliários.

Uma possibilidade considerada para o contexto das cidades baianas avaliadas neste trabalho é que o espaço produzido com base nos elementos distintivos veiculados à vida intramuros, especialmente pelo *marketing* imobiliário, têm aprofundado as desigualdades sociais, reforçando a cisão espacial e tendendo a modificar as relações de sociabilidade. Do mesmo modo, retroalimentando o processo desigual em que fora constituído. Trata-se, portanto, da ocorrência de um processo de homogeneização que implica ou decorre de uma padronização idealizada. Assim, em que pese uma aparente igualdade interna, esses espaços definem-se por contraposição ou contraste ao que está fora.

Como defende Sposito (2019), é necessário considerar avançar do ponto de vista das formas urbanas para o plano dos processos pela existência de formas espaciais associadas à separação não circunscrita ao espaço residencial, abarcando outras dimensões da vida urbana, quando completa que:

> Quando se trata de compreender a cidade (e não apenas os ambientes residenciais) é necessário lançar mão de um conceito mais abrangente, como o de fragmentação socioespacial, que não se refere exclusivamente à disposição dos usos sobre o espaço, nem apenas às relações sociais que o engendram, mas também às ações e às práticas que se concretizam e dão novos sentidos aos múltiplos fragmentos que compõem a cidade atual." (SPOSITO, 2019, p. 21).

Mais ainda, quando nos referimos às particularidades desse processo em países como o Brasil, periferia do capitalismo, as formas que dele se originam são derivativas de um histórico social, econômico, étnico-racial, político e cultural que tem a diferenciação e a desigualdade como latentes em sua dimensão constitutiva.

e. Cidades Médias, como recorte Temático e Espacial

Para a presente tese, ainda que se considere no plano mais amplo a posição do Brasil na divisão social e territorial do trabalho, importa considerar a história de cada tipo urbano selecionado para a investigação pois, indica, segundo Sposito (2019), modos diferentes de diferenciação tanto entre cada um deles como no interior de cada cidade, já que a distribuição de pessoas no espaço não se realiza apenas em função do econômico, mas também envolve dimensões sociais e culturais, como uma história que se espacializa. Portanto, isso impõe cotejar o geral frente ao particular e, eventualmente, o singular e vice-versa.

Como salientado noutra obra de referência (SPOSITO, 2017a), é preciso outras e diferentes lentes para se analisar o Brasil urbano. O recorte das cidades escolhido é um ponto de partida para a investigação de processos socioespaciais, sem com isso deixar de se intentar considerar a totalidade. Isto é, a perspectiva de trabalho com os processos de diferenciação e fragmentação socioespaciais e com as manifestações da desigualdade delineados para esta investigação em algumas cidades médias da Bahia é a de que tais processos sejam vistos em sua relação com a realidade brasileira de modo mais imediato e o mundo urbano em um complexo movimento de articulação escalar, ou seja, desde uma concepção de Método que lide com as dimensões do geral, particular e singular e com a relação do todo com as partes.

A escolha das cidades médias como nível hierárquico privilegiado foi feita por tratar-se de uma necessária análise para a Geografia brasileira, dado o amplo contexto de produção do espaço de um país histórico e geograficamente heterogêneo, situando o estudo sobre centros urbanos em diferentes dimensões e complexidades que não apenas às metrópoles, à exemplo das cidades médias, como uma contribuição que dimensiona o papel diferenciado desses centros urbanos, seja pensando a estrutura interna das cidades médias, seja do seu papel no sistema urbano e na dinâmica regional.

No plano mais específico do estado da Bahia, com um território extenso e, relativamente, pouco articulado que, segundo Silva (2010), além do intenso processo de metropolização conformado em torno da capital, Salvador, teve um forte processo de urbanização no interior do estado, implicando em uma complexificação nas relações estabelecidas entre os centros urbanos que compõem a rede urbana baiana, sobretudo, se se considera o atendimento e provimento à população de condições de reprodução da vida. O que implicou em a considerar relações não apenas hierárquicas, mas também, de complementação e concorrência, observáveis em suas relações em rede, justificando a escolhas dos tipos urbanos pesquisados.

A realização desta tese no âmbito do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (Gasperr), ligado à Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, a ReCiMe, um dos principais centros de investigação sobre cidades médias no Brasil, permitiu-me interlocução privilegiada. É com base na produção científica desses referidos centros que procurei embasar as escolhas metodológicas desde o recorte urbano selecionado, as cidades médias.

Sposito (2017a), primeiramente, destaca a necessidade de se pensar o processo de urbanização e a cidade sob vários pontos de vista, ao problematizar que "não importa o que você estuda, mas o ponto de vista a partir do qual podemos olhar os objetos de nosso interesse e o modo como, a partir do método, este objeto articula-se a processos e dinâmicas mais amplas" (SPOSITO, 2017a, p. 186.). As escolhas feitas para se chegar a uma dada interpretação não deve pressupor ser essa a única e possível, por isso, deve-se vislumbrar um conjunto possível de "entradas" para se desvelar o conteúdo urbano ou ler o Brasil urbano.

Um segundo ponto sublinhado pela pesquisadora é que os estudos urbanos no Brasil têm uma tradição em pautar suas análises a partir, ou em absoluto, nas cidades grandes e metrópoles. Uma das condições apontadas por Sposito (2017a) é que as escolas que formam esses pesquisadores, tradicionalmente, também estão localizadas nesses centros urbanos e que, talvez,

isso venha a influenciar as suas escolhas e posicionamentos. Esse privilegiamento, porém, mostra-se insuficiente frente ao propósito de se ler o Brasil urbano.

Para Sposito (2017b) a interpretação do processo de urbanização contemporâneo, refletindo sobre as perspectivas desse a partir do ponto de vista das cidades médias, justifica-se, considerando a posição geográfica, por serem tais centros urbanos fundamentais ao intermediarem processos e relações de consumo moderno. Como aludido por essa autora, as demandas do novo regime de acumulação requerem maior flexibilização nos processos econômico-territoriais e encontram nas cidades médias condições favoráveis para essa mediação dentro de uma rede conectando capitais nacionais e internacionais.

Objetivamente, chamar a atenção para outras possibilidades de interpretar as questões urbanas considerando, por exemplo, o recorte das cidades médias não quer dizer que se esteja apegado a um empirismo e distanciando-se da compreensão da totalidade do movimento. Ao contrário, Sposito (2017a) defende essa proposição desde dois pontos principais: grande parte do território brasileiro está, política e economicamente, dependente de núcleos urbanos médios e pequenos e, com relação ao método, a mesma ratifica que não se pode tomar a parte pelo todo, pois acredita ser pouco provável entender o Brasil urbano tomando-se apenas uma parte desse, ainda que a parte equivalha a um centro de grande comando.

Por isso, afirma que a parte tem sempre que ser vista em sua relação com a totalidade, exigindo como condição a(o) pesquisador(a) fazer esse movimento escalar e conclui sugerindo que, ao invés de se focar em uma dada oposição entre escolhas de objetos de análise, que pensemos a ideia de complementariedade (SPOSITO, 2017a). Em concordância com a ideia defendida pela autora, nesta pesquisa doutoral reforça-se seu posicionamento metodológico, quer seja, a urbanização lida a partir de vários pontos de vista.

f. Descrição dos capítulos componentes da Tese

Para além desta seção, que faz as vezes de Apresentação e Introdução, esta tese foi organizada em mais quatro capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, nossa ênfase está nas questões de método e de metodologias empregadas e desenvolvidas para a consecução de nossos objetivos. O segundo capítulo foi erigido com o fito de expor e avaliar as lógicas de produção da cidade e de produção imobiliária nos tipos urbanos escolhidos, descrever e analisar os habitats residenciais fechados selecionados e apresentar os sujeitos eleitos para a pesquisa qualitativa.

No terceiro capítulo expomos como a dupla complementar, e não par dialético, diferenciação socioespacial e desigualdade social combinam-se desde os habitats residenciais fechados nos tipos urbanos eleitos e podem ser avaliados pelo movimento da estrutura urbana e pelas práticas espaciais dos sujeitos.

Desse tema decorre o conteúdo do quarto capítulo, onde avaliamos a lógica fragmentária e as práticas espaciais do habitar e que desemboca nas experiências urbanas e representações da fragmentação socioespacial. Cada um dos capítulos é finalizado com uma síntese e a tese é encerrada com nossas conclusões.

CAPÍTULO 1. PROBLEMA DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecido e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometido (ou o não comprometido) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.

Conceição Evaristo (2016)

1.1 Problema de pesquisa, hipóteses e construção metodológica do objeto

1.1.1 A perspectiva da Produção do Espaço

A epígrafe que abre esse capítulo traz, antes de tudo, uma possibilidade de diálogo, sobre um tensionamento que permeia(ou) o tema das representações: o real vivido. Comumente, obervamos, em teses e dissertações, o esforço de pesquisadores na busca pelo real concreto, pelo verdadeiro, pela essência do ser, objeto de investigação. Contudo, como lidamos com a busca por acessar uma dada realidade? Como construímos um caminho de investigação, as técnicas, os instrumentos, ou os procedimentos para se alcançar esse fim? Como nos inserimos enquanto pesquisador(a)s revelada(o)s e situada(o)s nesse aparente embate entre racionalidade do fazer científico e experiências empíricas cotidianas?

Tomamos por empréstimo as palavras da grande literata Conceição Evaristo, para explicar a proposta metodológica que desenvolvemos nesta tese, uma aproximação do real vivido e experimentado, por meio da triade espacial, vista como dimensão que conforma a importante e elucidativa Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 2013). Enquanto uma teoria unitária do espaço, permite articular o mental, o físico e o social, como lembrou Pereira (2020), e de natureza multifacetada, como definiu Gottdiener (2010).

A Teoria da Produção do Espaço em Lefebvre é nosso suporte principal nesta tese, primeiramente, porque essa produção espacial considera o elemento social que a distigue e qualifica em relação à outras teorias espaciais, que o reduz a uma localização ou às relações sociais da posse de propriedade. Como afirmou Gottdiener (2010), o espaço é uma multiplicidade de preocupações sociomateriais e acrescenta:

> O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdae existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. Isto é, num plano individual, por exemplo, ele não só

> representa o local onde ocorrem os eventos (função de receptáculo), mas também significa a permissão social de engajar-se nesse eventos (a função de ordem social). Essa ideia é fundamental para a noção de práxis em Lefebvre, que apresenta vantagens com relação a outras atitudes marxistas frente à luta pólítica. Além disso, o espaço possui múltiplas propriedades num plano estrutural. É ao mesmo tempo um meio de produção como terra e parte das forças sociais de produção como espaço. Como propriedade, as relações sociais podem ser consideraddas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo, um instrumento político, e um elemento na luta de classes. Esses aspectos múltiplos exigem esclarecimentos. (GOTTDIENER, 2010, p. 127).

O *corpus* teórico de Lefebvre considera o elemento social, tanto do ponto de vista da produção como da construção, conformando um modelo diverso, no qual o material e o simbólico são coerentemente articulados. Como postula Gottdiener (2010, p. 157): "o conceito de espaço social é dominado pela cultura, de sorte que a análise de qualquer vizinhança local deve enfocar o confronto entre valor de uso e valor de troca – a complexa articulação entre universos simbólicos de significados, acumulação de capital, e espaço."

Um segundo elemento que nos fez assentir na Teoria da Produção do Espaço lefebvreana é de que dela se compreende um movimento temporal, sincrônico e diacrônico, capacitando a análise para uma abordagem mais geral acerca desse espaço, especificamente, dos distintos espaços produzidos sob o capitalismo e sua evolução. É uma leitura historicizada do espaço, mas, que se realiza no estrito presente.

Uma terceira condição para nos apoiarmos nessa teoria é seu conjunto de categoriais, que podem ser "operacionalizadas" e tornarem factível a proposta desta tese, porque se trata de uma teoria que não se encerra em um "sistema conceitual", fechado, a resolver qualquer que seja a questão acerca da cidade e do urbano. Ao contrário, trata-se de uma teoria que abre caminhos, é viva, permitindo o confronto, a associação, a complementação, a proposição de outras possibilidades de análise.

Essa proposta de Método considera, além da produção material, a cultura, a vida, os modos de vida e modos de ser urbano, sob influência da reprodução das relações de

produção capitalistas, em razão, tanto da extensão quanto da ampliação do modo de produção e de sua base material, constituindo, assim, como afirmou Lefebrve (2021, p.114), novos setores de produção "e, consequentemente, de exploração e de dominação, entre esses setores, citamos: o lazer, a vida cotidiana, o conhecimento e a arte, a urbanização enfim.". Trata-se de uma ampla e abrangente produção com a potência de *produzir o espaço*, e continua:

> Em escala mundial, o espaço não é somente descoberto e ocupado, ele é transformado, a tal ponto que sua "matéria-prima", a "natureza", é ameaçada por esta *dominação* que não é uma *apropriação*. A *urbanização* geral é um aspecto desta colossal extensão." (LEFEBVRE, 2021, p. 114, grifos do autor).

Procuramos seguir no debate da Teoria da Produção do Espaço lefebvreana, tendo como principal referência a obra *La producción del espacio* (LEFEBVRE, 2013), na qual o autor elabora e desenvolve três "categorias" ou processos dialeticamente imbricados como pontos-chave para compreender a produção especial: prática espacial; representações do espaço; espaços de representação. Para além da materialidade, reconhece-se a difusão de uma "'sociedade urbana' a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real" (LEFEBVRE, 2008a, p. 12/14), que caracteriza a sociedade que nasce da industrialização e a sucede, não designando apenas "o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto de manifestações do predomónio da cidade sobre o campo" (LEFEBVRE, 2008a, p. 12/14).

Referindo-se ao que seria a produção do espaço lefebvreano na contemporaneidade, Alves (2019, p. 554) reafirma a proposição de que espaço é produto social em que estão contidas nele as relações sociais e de reprodução, baseando-se no que indica Lefebvre (2013), que destaca a complexidade do real e do formal contida na noção de espaço social, quando afirma:

> De un modo general, la noción de espacio social resiste al aná-lisis por su novedad y por la complejidad de lo real y de lo formal que designa. El espacio social contiene y más o menos asigna los lugares apropiados a: (i)

> las relaciones sociales de reproducción — a saber, las relaciones biofisiológicas entre los sexos, las edades, con la específica organización familiar; (2) las relaciones de producción, i.e. a la división del trabajo y su organización, y por tanto a las funciones sociales jerarquizadas. Estos dos conjuntos de relaciones, producción y reproducción > no pueden separarse: la división del trabajo repercute en la familia y la sostiene; inversamente, la organización familiar interfiere en la división del trabajo. No obstante, el espacio social ha de diferenciar estas actividades — no sin dificultades— con objeto de proceder a su «localización». (LEFEBVRE, 2013, P. 91).

Ao se considerar o espaço como elemento ativo do processo social, isto é, contentor das relações sociais como prática espacial, nega-se o espaço como uma noção fetichizada "e, em prol de destituir essa coisificação, resolve-se o espaço em relações, relações entre os indivíduos, relações sociais, as relações sociais como sócio-espaciais, como prática espacial" (DAMIANI, p. 12). Isso se fundamenta no que Lefebvre (2013) denominará de três momentos do espaço social, que são tratados desde uma analogia com o corpo:

> Para comprender los tres momentos del espacio social, Podemos remitirnos al *cuerpo*. Aún más dado que la relación con el espacio de un «sujeto» miembro de un grupo o de una Sociedad implica su relación con su propio cuerpo y viceversa. Considerada globalmente, la práctica social supone un uso del cuerpo: el empleo de las manos, de los miembros, de los órganos sensoriales y de los gestos del trabajo y de las actividades ajenas a éste. Se trata de la esfera de lo *percibido* (base práctica de la percepción del mundo exterior, en el sentido psicológico). En cuanto a las representaciones del cuerpo, éstas provienen de una experiencia científica difundida y mezclada de ideologías: conocimientos anatómicos, psicológicos, relativos a las enfermedades y remedios, a la relación del cuerpo humano con la naturaleza y con sus entornos o con el «medio». Lo vivido, la experiencia corporal vivida, por su parte, alcanza un alto grado de complejidad y peculiaridad, porque la cultura interviene aquí bajo la ilusión de la inmediatez, en los simbolismos y en la vieja tradición judeocristiana, algunos de cuyos aspectos han sido revelados por el discurso psicoanalítico. El «corazón» vivido (hasta el malestar y la dolencia) difiere extrañamente del corazón pensado y percibido. Más aún en lo que a los órganos sexuales se refiere. Las localizaciones no son fáciles y el cuerpo *vivido* alcanza bajo la presión de la moral la turbación de un

> cuerpo sin órganos, castigado, castrado. (LEFEBVRE, 2013, p. 98/99, grifos do autor).

São três dimensões indissociáveis, percebido-concebido-vivido, que, espacialmente, expressam-se, respectivamente, como prática espacial, representações do espaço e espaços de representação. Para esse autor, não podem ser tratadas como um modelo abstrato: "Las relaciones entre esos tres momentos – lo percibido, lo concebido y lo vivido – no son nunca simples ni estables, ni 'positivos' en sentido en que el término se opone a lo 'negativo', a lo indescifrable, a lo no-dicho, a lo prohibido y al inconsciente" (LEFEBVRE, 2013, p. 104).

Com a triplicidade espacial de Lefebvre (2013), no plano do espaço concebido, ou seja, das representações do espaço, tem-se como primazia o poder econômico e político, em que o arquitetônico e o cultural também se sobressaem, pois tendem a um sistema de signos sobre as concepções do espaço, que o identificaria aos espaços vivido e percebido.

No plano do espaço vivido, correspondente aos espaços de representação, Lefebvre inverte o posicionamento das representações, porque são representações não filosóficas (LEFEBVRE, 2006), podendo levar a um caminho em que a mimese produza um ato criativo (LEFEBVRE, 1967) que se refere ao espaço dominado, logo, suportado; o vivido "é um nome filosófico para quotidianidade" (LEFEBVRE, 1967, p. 131). É o espaço do habitante, ainda que com reservas, que também tenderia a sistema de símbolos e signos não verbais, pois, é um espaço vivido por meio desses, os símbolos e as imagens.

Um terceiro plano é o percebido, o da prática espacial, é o nexo entre espaço, realidade urbana e tempo, o emprego do tempo, desde o tempo cotidiano, o tempo dos pequenos percursos, tempo dos negócios. É uma simultaneidade temporal e um desdobramento espacial mais complexo; conhece-se a prática espacial empiricamente, "se descubre al descifrar su espacio" (LEFEBVRE, (2013, p. 97).

Esse mesmo autor aponta que, em se tratando de produção, o espaço seria marcado tanto por uma dimensão material, quanto por uma abstrata e isso implica

considerar que esse espaço agrega valor simbólico e que, enquanto símbolo, envolve sempre um caráter afetivo e uma carga emotiva impressa em um dado lugar e representada para os que se distanciam desse dado lugar (LEFEBVRE, 2013).

E, desse modo, através da dialética tridimensional que fatos sociais, simbologias e significados podem ser compreendidos, como a contradição entre o pensamento social e a ação social, suplementada pelo terceiro ponto, o criativo e poético (LEFEBVRE, 1976). Schimid (2012) destaca a intenção de Henri Lefebvre em apontar para o processo de produção social do pensamento, da ação e da experiência, pois, para Lefebvre (2013), a experiência, *per se*, pode levar ao misticismo, sem uma existência real, sem a materialidade do corpo e sem o pensamento que a estrutura.

E, então, colocamo-nos o desafio já destacado por Serpa (2019, p, 106) de "recolocar as representações da sociedade em movimento, reestabelecendo a dialética entre forma e conteúdo". Ainda que, de modo destacado desse autor, dedicamo-nos a elaborar um caminho metodológico como condição e possibilidade de leitura e interpretação dos complexos processos socioespaciais em curso na cidade contemporânea, logo, de compreensão dos processos de produção do espaço, por meio de uma linguagem própria da sociedade que o produz.

Trata-se, em efeito, de se interpreter o espaço e as representações construídas desde e sobre esse espaço; há que avaliarmos um modo de se ler o espaço. Ao tratar dos códigos que nos permitem ler o espaço, numa analogia à teoria da linguagem, Henri Lefebvre nos questiona sobre como e em que condições esse espaço é analisado e pontua:

> ¿Deberíamos tratar de reconstruir un lenguaje común a los diversos miembros de la sociedad: ¿usuarios, habitantes, autoridades, técnicos (arquitectos, urbanistas, planificadores)? La teoría sólo puede formarse y formularse a nivel de un supercódigo. El conocimiento no se asimila sino mediante un lenguaje «bien diseñado», que opera en el plano conceptual. Así pues, no consiste ni en un lenguaje privilegiado ni en un metalenguaje, aunque sus conceptos convengan a la ciencia del lenguaje como tal. El conocimiento del espacio no puede confinarse de entrada en dichas categorías. ¿Código de códigos? Quizás es lo deseado, pero esta

> meta-función de la teoría no revela gran cosa. Si ha habido códigos del espacio característicos de cada práctica espacial (social), si esas codificaciones fueron producidas con su espacio correspondiente, la teoría debería exponer su génesis, su intervención y su decadencia. El desplazamiento del análisis, en relación con los trabajos de los especialistas en ese ámbito, es notorio: en vez de insistir en el rigor formal de los códigos, se dialectizará la noción. De ese modo se situará en una relación práctica y en una interacción de los «sujetos» con su espacio, con sus entornos. Se intentará mostrar la génesis y desaparición de la codificación/descodificación. Asimismo, se esclarecerán los contenidos: las prácticas sociales (espaciales) inherentes a las formas. (LEFEBVRE, 2013, p. 78).

Henri Lefebvre (1967), ao refletir sobre a complexidade do mundo que cerca a sociedade moderna e os desafios impostos pelos conceitos clássicos filosóficos, anuncia que isso exige um novo grupo conceitual, que dê conta de pensar sobre o mundo dos objetos e sua complexidade e contradições, do que pode derivar o conceito filosófico de sujeito e das atuais relações entre ambos. Assim, propõe uma teoria da tridimensionalidade da linguagem, como um [outro] modo de inteligibilidade. Destaca, também, que, na modernidade, a linguagem emerge não apenas como realidade, mas como valor, um modo geral de relação com o mundo. Sua teoria do espaço, portanto, deriva, desdobra-se, inspira-se ou se faz metáfora de uma teoria da linguagem.

Localiza, tal autor, o cotidiano como onde essa condição se estabelece de modo mais complexo, em uma textura espaço-temporal mais complexa (LEFEBVRE, 1981). Aponta que o conteúdo cotidiano da forma discursiva é simultaneamente e inseparavelmente individual e social: o social é o conteúdo do indivíduo, invariavelmente não reconhecido como tal e vice-versa (LEFEBVRE, 2013). A elucidação do discurso cotidiano os faz sair uns dos outros e de sua incompreensão mútua; o discurso não detém uma realidade, nem uma realidade superior, ele se detém por uma coerência, o que dá sentido às linguagens, as representações do vivido e do real (LEFEBVRE, 1981), e pontua:

> A linguagem depende de análises diferentes, que a atacam diferentemente cada um do seu ponto de vista, que a dividem diferentemente e classificam diferentemente os seus elementos, mas nenhuma pode declarar-se exaustiva (LEFEBVRE, 1966, p. 204).

Essa relação, ora estrutural, ora metafórica com a linguagem, e com o discurso, influenciou-nos na construção metodológica da tese, ao desenvolvermos modos complementares de análise das representações que são, em certa medida, discursos sobre algo expresso desde determinadas linguagens.

Em *A lingugem e a Sociedade,* Lefebvre (1966) tensiona os problemas com relação à linguagem no pensamento contemporâneo, apresentando, dentre suas propostas e provocações, um "código tridimensional" como esboço de uma teoria das formas e alertava para não considerar como uma verdade total, mas, antes, um resultado de uma análise e, também, um instrumento de análise. São três termos, três dimensões, afirmando que a experiência humana comporta três aspectos, quais sejam, o mundo, a língua e a sociedade concreta (praxis).

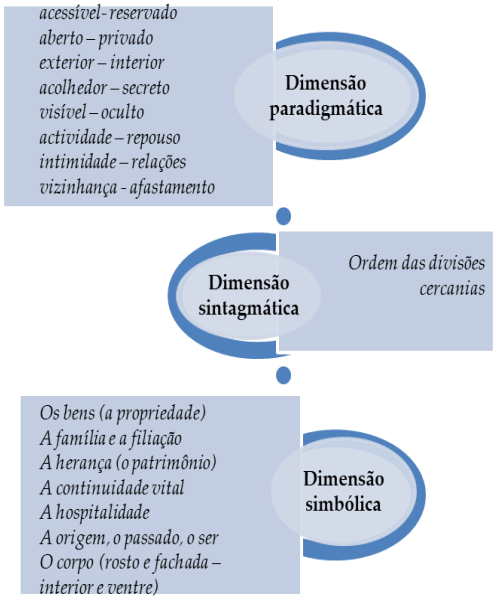
Portanto, é nossa compreensão de que a experiência e o experimentar, como ação, envolvem as relações que os sujeitos estabelecem com o concreto tangível (o mundo), com as representações reflexivas e comunicativas (a língua, como metáfora e como estrutura) e a prática espacial (sociedade concreta em movimento, ainda que nem sempre sociedade com consciência de si). Para Lefebvre, o urbano é uma mensagem e para torná-lo compreensível ele elabora um esquema tridimensional, abrangendo dimensões da linguagem, quais sejam: a paradigmática, a sintagmática e a simbólica:

> a) *Uma dimensão simbólica*
> A continuidade fundamental, considerada pelos filósofos como <ontológica> ou, <existencial>. Sob o adquirido, o acumulado, a memória, subsistem ao mesmo tempo a infância e a imagem-lembrança da infância, portanto um certo imaginário, com os seus pontos de ligação afectivos.
> b) *Uma imensão sintagmática*
> A disposição dos dados disponíveis da ação, a organização das virtualidades a partir dos elementos adquiridos e já bem recortados.

> Portanto, no limite, a operação decidida e logicamente prosseguida, a recepção do imprevisível, a informação utilizada e captada a partir da experiência (da redundância, da repetição dos gestos, dos actos, das reflexões).
>
> c) *Uma dimensao paradigmática*
> A referência não ao objectos mas a oposições tematizadas, cujos termos significam uns em relação aos outros e formam um conjuntos (o eu e o outro, o benefício e o malefício, o próximo e o distante, etc.). A escolha entre esses termos revela a consciência espontânea e a exploração reflectida do adquirido. (LEFEBVRE, 1966, p. 263).

O autor aplica esse esquema, em contextos específicos, para afirmação da pretendida Teoria das Formas. Na Figura 2, expomos o modo como o autor utiliza o esquema tridimensional da <casa> para análise das formas sociais e os seus conteúdos, postos em sua forma "o que não esgota o conteúdo, nem as funções, nem as estruturas dessas realidades, mas permite classificar os elementos formais" (LEFEBVRE, 1966, p. 259). A análise proposta de aplicação do mesmo esquema também se aplica para o que o autor denominou de <habitat moderno> (Figura 3).

Figura 2. Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional da Casa. Fonte: LEFEBVRE (1966, p. 259). Organização: MARES (2022).



Fonte: LEFEBVRE (1966, p. 259). Organização: MARES (2022).

Figura 3. Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional do <habitat> moderno. Fonte: LEFEBVRE (1966, p. 261). Organização: MARES (2022).



Fonte: LEFEBVRE (1966, p. 261). Organização: MARES (2022).

Para esse autor, o mesmo esquema poderia ser aplicado aos objetos e ao mundo dos objetos e, mais esquematicamente ainda, poderia representar a vida da consciência, como podemos observar, quando pontua:

> Já afirmámos que a análise da linguagem esclarece a da consicência (como forma) e inversamente. Nao há de resto coicindência entre as análises que se podem efectuar desta actividade: passado, presente, futuro – memória e esquecimento, adesão e repulse, projecto, situações, acctos – comportamentos, atitudes, opiniões – necessidade, trabalho prazer, etc. (LEFEBVRE, 1966, p. 262).

Trata-se de elaborações que se referem, por diferentes meios e caminhos, à vida do ser consciente, seja individual ou social, de modo prático no mundo, por meio de uma análise que se projeta tridimensionalmente, conforme o esquema da Figura 4:

Figura 4. Teoria da Linguagem. Esquema tridimensional.



Fonte: LEFEBVRE (1966, p. 264). Organização: MARES (2022).

A linguagem, assim, é tomada como conteúdo e como forma, ambos a serem decifrados com base na experiência humana global, daquilo que estas dimensões abrangem e o possível que prospectam.

Ao desenvolver as bases da Teoria da Produção do Espaço, Henri Lefebvre cria uma figura tridimensional da realidade social que, em nosso entendimento, pode ser aprioristicamente entendida e corelacionada pelo seguinte esquema (Quadro 1):

Quadro 1. Tridimensionalidades da Teoria da Produção do Espaço em Henri Lefebvre

Dialética tridimensional	Tríade espacial	Teoria da Linguagem Linguagem e espaço	Conceitos
Prática social (material): ponto de partida da vida e da análise (Influência de Marx).	**Prática espacial**: o "espacial" significa tocar no aspecto da simultaneidade das atividades. É a dimensão material da atividade e interação sociais.	**Sintática (ou sintagmática):** associada aos sistemas ou, antes, a uma sistematização da prática urbana no que toca aos percusos, ações no espaço construído; para Lefebvre, esta dimensão ganha destaque por esses sistemas estarem se reafirmando e regendo a sociedade.	**Percebido:** os aspectos espaciais que podem ser apreendidos por meio dos sentidos. *Percepção* é um conceito central na fenomenologia, ainda que não seja com esse viés epistemológico que Lefebvre trabalhará, fato desapercebido por parte de seus leitores. Evidentemente, que a percepção depende do sujeito, mas Lefebvre mostra que a percepção não acontece apenas na mente, mas se baseia em uma materialidade concreta e produzida, por isso ele a combina com o conceito de prática espacial.
Conhecimento, linguagem e palavra escrita (abstração): poder concreto e como compulsão e constrangimento. (Influência de Hegel).	**Representação do espaço:** correspondem e geram uma imagem do concreto e, desaa maneira, também definem o espaço, pois são a coisa em si e a representação da coisa pelo sujeito	**Dimensão paradigmática:** uma representação espacial; a projeção das relações sociais no espaço; um movimento pensado com base em referenciais espaciais opostos nas relações de utopia, heterotopia e isotopia, condições de análsie da produção e apropiação do espaço.	**Concebido:** um pensamento "*à priori*". Junção de elementos que compõem um todo que é, então, pensado ou designado como espaço; presume um ato de pensamento que é ligado à produção do conhecimento. A percepção não acontece sem a concepção prévia.
Poesia e desejo: formas de transcendência que ajudam o devir a prevalecer sobre a morte. (Influência de Nietzsche).	**Espaços de representação:** dimensão simbólica do espaço. Tem algo além dos espaços propriamente ditos.	**Dimensão simbólica do espaço:**Refere-se ao processo de significação que se conecta a um símbolo (material). Liga-se às ideologias e às representações, já que expressa o sentido da estrutura social.	**Vivido:** é a experiência vivida no espaço, isto é, experiência do mundo experimentada na prática da vida cotidiana. É o residual que não se exaure pela análise teórica e que pode ser expresso por meios artísticos. Revela uma referência fenomenológica e não pode ser compreendido historicamente sem o concebido.

Fonte principal: LEFEBVRE (1966, 1976, 1999, 2006, 2013); SCHIMID (2012). **Organização:** MARES (2020).

Trata-se de uma construção teórica na qual o autor fundamenta a ideia de espaço como um produto social, em uma interpretação triádica (trialetizada) da relação sociedade-espaço, com base no modo de produção, dedicando-se à espacialidade social, à constituição do espaço e da sociedade contemporânea, por e através do espaço historicamente produzido. Tal espaço precisa ser decifrado, ser lido (LEFEBVRE, 2013), o que nos indica entender o aspecto social, ou melhor, a práxis da sociedade como uma mensagem que, conforme pontua Lefebvre (1966, p. 268), é dupla, há "um texto oferecido aos nossos olhos (a paisagem, a cidade) e a linguagem, o texto verbal.".

Essa (re)posição do olhar sugere trabalhar com a linguagem enquanto prática, isto é, as formas de linguagem consideradas como forma e como conteúdo. Trata-se de empregar a teoria da linguagem como uma maneira de se apreender a teoria do espaço. Isso se dá, ora com o emprego de metáforas entre a linguagem, a gramática, a representação e a paisagem ou as formas espaciais, por exemplo, como empregado por Roncayolo (1996), ora como estrutura de Método, o que torna complexo o entendimento de sua obra. Para Lefebvre (1966):

> Como a forma do conteúdo social, e como conteúdo de que elaboramos a forma. Assim, o movimento dialéctico inerente à linguagem na sua relação com a sociedade torna-se, a um nível superior, objecto de conhecimento. […] os conteúdos só são conhecidos pela forma, na sua forma; não são <<vividos>> senão na medida em que têm uma forma. […] as formas não são pois impostas ao conteúdo pelo conhecimento, nem na prática nem na ciência. Nascem dele; emergem dele; <<são>> as formas específicas de conteúdos específicos. A linguagem é a forma específica do conteúdo social na sua globalidade e no seu sentido. (LEFEBVRE, 1966, p. 274).

Consideramos que as formas espaciais a que nos referimos são constituídas e instituídas (o que nos permite relacioná-las ao vivido e ao concebido) o que nos leva a considerar as Instituições que, por uma dada elasticidade, adaptam-se aos diferentes conteúdos, ao passo que se conservam, também neles, conservando-se as suas ações/obras nas formas espaciais. Isso se mostra particularmente relevante numa tese em

que a análise centra-se nas representações também constituídas e instituídas desde o e no espaço.

Para a presente tese, esse quadro é empregado contextualmente no âmbito espacial e de interrelações sociais, lidas por meio das práticas espaciais dos sujeitos entrevistados para a análise da vida urbana, que se dá, não apenas, considerando a forma espacial da cidade, mas, principalmente, elementos associados a um conjunto de significados construídos com base nas experiências no e desde o espaço urbano.

Assim, analisamos as representações que determinados sujeitos sociais expressam e constróem em dada realidade imaginada, concebida e vivida. Do ponto de vista instrumental, por meio de procedimentos e técnicas de pesquisa e, do ponto de vista interpretativo, entendendo a linguagem como recurso metafórico de análise relacional, cumulativa e situacional das experiências urbanas dos moradores de habitats residenciais fechados e do modo como esses citadinos entendem e se relacionam com o mundo, desde a condição espacial de residir nesse tipo de moradia e de reproduzir o *habitus* a ela atrelado.

1.1.2 Da partícula ao fragmento

Em nossa tese, trazemos o habitat ao cerne, pois expressa, em boa medida, padrões de consumo e lógicas de produção e apropriação do espaço contemporâneos. Assim, os habitats residenciais fechados ganham destaque na vida urbana dos sujeitos pesquisados, constituindo-se num espaço de referências e num campo de significações desde o qual o(a)s moradores constroem relações com a vizinhança e com o seu entorno.

Trata-se de uma produção material da casa que se toma como referência para a produção da cidade, de suas formas espaciais e de uma produção imaterial e simbólica que se materializa naquelas. Portanto, para além das formas espaciais e dos processos espaciais engendrados, há um significado (Cf. CORREA, 2011), ora fruto do concebido,

ora do vivido, que se amalgam às práticas espaciais, ressignificando as experiências urbanas desde tais habitats e em tais habitats.

Refere-se a uma transformação profunda, pois, não é apenas uma alteração na estrutura urbana e nas formas espaciais, ela é política, pelo papel do Estado e pela visão dos agentes envolvidos. É, também, uma transformação cultural e social, mas é, sobretudo, uma mudança na visão societária e na visão de mundo, que implica e decorre, dialeticamente, numa divisão do espaço onde há fissuras na tecitura urbana, que mudam a qualidade dos sentidos público e coletivo de uso do espaço.

Os habitats residenciais fechados são condição e meio da realização de uma dimensão particularizada (porque se dá na esfera particular e no espaço privado, em oposição à esfera e aos espaço públicos e porque ocorre em partículas da cidade)e de individualismos (no plural, porque não são individuais e atinentes a um indivíduo, mas a um construto social de segmentos e grupos). Trata-se, no plano mais amplo, de um novo modo de viver a cidade e de viver o urbano, paradoxalmente, pela desconstrução da ideia de cidade e de urbano.

Essa dinâmica na produção social do espaço tem sido verificada em centros urbanos não-metropolitanos e, por isso, esta tese lida com algumas cidades médias da Bahia, nas quais identificamos um expressivo processo de expansão territorial urbana, sobretudo, pela incorporação de novas áreas destinadas a habitats residenciais fechados.

Com a existência de uma imbricada relação entre processos socioespaciais, práticas espaciais distintivas e estratégias locacionais, associamos, em complementariedade à reflexão aqui proposta, a perspectiva de Lindón (2006) de que há, na contemporaneidade, uma desconstrução da cidade que não se refere, necessariamente, às formas espaciais, mas, antes, uma desconstrução do modo como essas formas são apropriadas e vivenciadas, resguardadas os diferentes contextos e escalas em relação a leitura que a autora faz, com base em áreas metropolitanas do México.

Lindón (2006) argumenta que há uma nova organização do espaço urbano que nos convida à análise, assim como também apontou Chetry (2014), de um possível aprofundamento da desigualdade e da diferenciação que, historicamente, teriam marcado a cidade latino-americana, dando, inclusive, origem a proposição equivocada de uma cidade dual, ou se há, de fato, a superposição de novos processos de afastamento social e espacial. Parece-nos, de fato, uma combinação e continuidade de processos iniciados desde a industrialização fordista e aprofundados no neoliberalismo, com um modo substancialmente distinto no modo de produzir e, portanto, de entender a cidade, que passa por uma outra referência, quer seja, o paradigma da fragmentação socioespacial.

Em parte significativa da literatura latino-americana recente, a noção ou entendimento sobre a fragmentação socioespacial está associada às metrópoles, como produto de mudanças na organização social do espaço urbano metropolitano por sua inserção cada vez maior à globalização e que sua difusão é derivativa de formas de separação preexistentes nessas metrópoles, como o de segregação socioespacial (CHETRY, 2014).

Essa identificação de um novo padrão de produção da metrópole latino-americana é compartilhada, para além dos estudos acima referenciados, que tomam a Cidade do México e sua área metropolitana como recorte privilegiado de análise, também, em trabalhos sobre: Buenos Aires (PRÉVÔT-SCHAPIRA, 2001); Santiago do Chile (SABATINI, 1999); Montevidéu (VEIGA, 2005); Caracas (CARIOLA; LACABANA, 2001); São Paulo (CALDEIRA, 2000).

Ainda que consideremos particularidades e singularidades nesses estudos, inclusive, distinções conceituais, podemos apontar como características comuns que tais mudanças, que ocorreriam desde a década de 1980, tensionam o aludido modelo tradicional (ou dual) centro-periferia, comumente associado à produção das cidades latino-americanas e que, em sua manifestação, não em sua essência, representavam-nas.

Haveria, depreendendo-se das obras acima, na metrópole latino-americana, uma combinação, em diferentes graus, de continuidades e rupturas em seu processo de estruturação.

Por isso, a necessidade destacada pelos autores acima referenciados de uma maior clareza acerca da noção de fragmentação socioespacial e de uma reflexão mais crítica na pesquisa urbana sobre esse processo (CHETRY, 2014). Com a ausência de uma reflexão mais crítica sobre o uso e, também, da aplicação da noção de fragmentação socioespacial na América, apontada por Chetry (2014), colocamos outra questão, quer seja, a de que, além de buscar uma reflexão crítica conceitual, são necessários trabalhos que estabeleçam relações entre teoria e empiria e que não se restrinjam aos espaços urbanos metropolitanos.

A defesa que fazemos é de que esse novo padrão de estruturação do espaço urbano, nesta fase crítica do neoliberalismo e maior extensão e abrangência escalar da globalização, as cidades médias também experimentam, *mutatis mutandis*, esse processo, daí a necessidade de pesquisas empíricas para alimentar o debate. A escolha das cidades médias como nível hierárquico privilegiado em nossa investigação foi feita por tratar-se de uma necessária análise para a Geografia brasileira, dado o amplo contexto de produção do espaço de um país histórico e geograficamente heterogêneo, situando o estudo sobre centros urbanos em diferentes dimensões e complexidade que não apenas às metrópoles, à exemplo das cidades médias, como uma contribuição que dimensiona o papel diferenciado desses centros urbanos, seja pensando a estrutura interna das cidades médias, seja do seu papel no sistema urbano nacional e dinâmica regional.

Ao analisar a diversidade de acepções do conceito de fragmentação, Sposito E. e Sposito M. (2021) destacam o caráter polissêmico e multidimensional desse, assim como fez Chetry (2014) ao notar que tal acepção compunha várias disciplinas e desdobrava-se em diversos componentes espaciais, econômicos, políticos e sociais, mas, que a leitura feita sobre a América Latina ainda estava muito vaga por isso mesmo, Sposito E. e Sposito

M. (2021) alertam sobre a necessidade de lançar mão de critérios e acuidade para não enfraquecer a construção desse conceito.

Para tanto, esses autores objetivam elaborar uma base conceitual para tratar das realidades da periferia do capitalismo, apoiando-se, além da Geografia, em áreas do conhecimento afins, para defenderem um caminho interpretativo do conceito de fragmentação socioespacial. A defesa do conceito de fragmentação socioespacial se dá com base em duas frentes principais: uma que o compreende como processo, mas, também, como condição; e, uma segunda frente, composta pelos movimentos dialeticamente articulados, que reforçam o entendimento desse como processo e da sua dupla determinação e expressão, tanto espacial como também social (SPOSITO; SPOSITO, 2021).

A defesa dessa leitura do processo de produção de cidades sob o capitalismo contemporâneo, em nossa tese, dá-se no âmbito das quatro cidades que elegemos no Estado da Bahia, na região Nordeste do Brasil, em que, como hipótese, os processos de diferenciação e desigualdade socioespaciais, imbricados com a extensão territorial urbana, vêm conformando um contexto mais profundo de separação, podendo ser compreendidos tanto nas estruturas espaciais, como, também, pelo conteúdo social e simbólico atribuído a estas que, como sugere Lindón (2006), são reveladoras da vida urbana.

1.1.3 As representações

Afirmando que há maior complexidade na produção da cidade contemporânea pela emergência dos processos socioespaciais de diferenciação, que podem se relacionar ao que estamos investigando, como a fragmentação socioespacial, concordamos com Serpa (2019, p. 95) quando o autor caracteriza esses contextos que “misturam de modo contraditório e conflituoso aspectos funcionais e simbólicos, materiais e imateriais”,

destacando a necessidade de assumir posições metodológicas que possibilitem diálogo entre diversas perspectivas analíticas.

Referindo-se ao que cunhou de Geografia dos Espaços Vividos, esse mesmo autor adiciona que também se trata de uma Geografia Cognitiva das Representações Sociais e Espaciais. Essa Geografia produziria um conhecimento que abarca as complexas estruturas de representação social no processo de produção e reprodução do espaço (SERPA, 2019). Nesta tese, as estruturas espaciais e a produção material da cidade são pano de fundo e de análise, pois, partimos da ideia da casa, os habitats residenciais fechados, como central nas referências cotidianas em termos de produção material e imaterial da cidade.

Contudo, há uma centralidade na análise das representações dos sujeitos moradores desses habitats as quais possuem destaque, pois, é a escolha interpretativa na mediação entre a análise dialética da forma-conteúdo. As representações como intermediação e expressão da linguagem dos sujeitos moradores dos habitats residenciais fechados, isto é, da identificação e análise da sua praxis, a linguagem como prática de um dado grupo social.

Surge, então, a questão: como expressar aquilo que está no âmbito das representações? Faremos isso lidando com, basicamente, três elementos primordiais.

I

O primeiro destes elementos se estabelece destacando-se duas bases: o cotidiano como categoria analítica privilegiada de análise, categoria no sentido de instrumentalização do ato de conhecer essencialmente o objeto analisado; e a experiência urbana como fato ativo, ação criadora, o que produz, simultaneamente, um dado objeto, a sua significação e o seu sentido, conforme apregoa Henri Lefebvre (1966).

A dimensão do cotidiano foi eleita para dar visibilidade aos processos de diferenciação e desigualdade socioespaciais observados desde a experiência de moradores dos habitats residenciais fechados pesquisados. Cotidiano entendido em um

sentido residual, isto é, quando as demais atividades já foram analisadas, que não se exaure pela análise teórica e que pode ser expresso por escritas distintas, porque é no cotidiano que a vida se desenrola (LEFEBVRE, 1981).

Expressa a totalidade em que o conjunto das relações sociais ganha concretude (LEFEBVRE, 2001b), possibilitando adentrar ao plano do vivido, por meio de práticas espaciais (LEFEBVRE, 2013), isto, é, modos específicos de "operações" espaciais, as "maneiras de fazer" (CERTEAU, 1994), e contribuem no entendimento das ações sociais (SOUZA, 2013). Na concepção de Lefebvre (1981) a vida está inserida no cotidiano que, para o autor:

> Possui o privilegio de arcar com o fardo mais pesado. Se o Poder ocupa o espaço que gera, o quotidiano é o solo sobre que se erigem as grandes arquitecturas da política e da sociedade. Esta interessante propriedade não lhe retira a sua ambiguidade, misto de pobreza e de riqueza. Nele o insuportável e o atraente misturam-se, o mal-estar e a satisfação amalgamam-se. A felcidade breve se torna intolerável. O concreto torna-se abstracto e a abstração concreta no quotidiano. (LEFEBVRE, 1973, p. 101).

Entende-se que o cotidiano está, portanto, intimamente relacionado aos modos de organização e existência de uma sociedade (particular), que impõe relações entre formas de trabalho, lazer e vida privada, isto é, contêm formas manifestas e estruturas profundas que estão implícitas em suas operações, mas ocultas nelas e por meio delas. Por meio do cotidiano, acessamos a totalidade das relações sociais, ambas noções, totalidade e cotidiano, pensadas dialeticamente (LEFEBVRE, 1981).

No que toca a compreensão da experiência urbana, considera-se em seu contraponto, a vivência, pois, trata-se de uma análise da sociedade sob racionalidade neoliberal em que o individuo se sobressai ao sujeito e que encontra amparo no ideário de modo de vida privativo e individualizado atrelado aos habitats residenciais fechados, na medida em que, contraditoriamente, tem-se um *marketing* voltado a uma dada

condição de realização da esfera coletiva intramuros, contudo, há um reforço ideológico e discursivo para a individualização, para a esfera privada e privativa.

Com apoio em Benjamin (1985; 1987), tem-se a experência como uma dimensão coletiva e a vivência como dimensão do indivíduo trabalhadas de modo relacionado por se tratar de uma análise das práticas espaciais do habitar, condição mais privativa do cotidiano, ou seja, da vivência do sujeito entrevistado em nossa tese, contudo, não descolado das suas experiências urbanas, isto é, da dimensão coletiva e social. A experiência, assim, advém de um conhecimento, de uma ação que se acumula e que se prolonga. Não se trata de um tempo estrito, mas, antes, de uma sedimentação de um saber, de um conhecimento originado da vida material, conforme apontou Thompson (1981):

> A 'experiência' (descobrimos) foi, em última instância, gerada na 'vida material', foi estruturada em termos de classe, e, consequentemente, o 'ser social' determinou a 'consciência social'. *La Structure* ainda domina a experiência, mas dessa perspectiva sua influência determinada é pequena. As maneiras pelas quais qualquer geração vivida, em qualquer 'agora', 'manipula' a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita de determinação. (THOMPSON, 1981, p. 234).

Para esse mesmo autor, por esse contexto, não haveria, necessariamente, uma autonomia, ou mesmo, liberdade, mas os sujeitos experimenariam situações e relações produtivas determinadas, como se as consciências fossem estruturadas pelo tempo, pelo espaço, pelo social e pela memória já que, no prosseguimento, essa experiência seria tratada em sua consciência e cultura. Completa o autor afirmando que as pessoas não experiementam sua prórpia experiência apenas com ideias, mas, também, com sentimentos no âmbito da cultura e do que de normativo estiver aí incluído, descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981).

II

Esse entendimento liga-se diretamente ao segundo elemento que é a dialética triádica forma-processo-significado e que impõe o desafio de analisar a relação entre o

cotidiano e as representações como expressão dos espaços vividos, ou seja, adentrando as dimensões da vida cotidiana reforçando o papel das representações no processo de produção e apropriação do espaço citadino. Com a análise privilegiada dos espaços de representação, isto é, da dimensão simbólica do espaço, tem-se como possibilidade adentrar ao espaço vivido, da aproximação com a experiência vivida do espaço, a experiência do mundo experimentada na prática da vida cotidiana.

O universo das representações da realidade insere-se no cotidiano, o que aumenta em demasiado a complexidade espaço-temporal para compreendê-lo, bem como, a necessidade de não apenas esperar pelo resultado dessa compreensão, mas, principalmente, considerar o caminho que fazemos ao desvelar as relações cotidianas. Isso porque o cotidiano não se encerra em uma forma nem no estrito presente como tendencialmente se poderia analisá-lo.

Nesse caso, tensiona-se a relação entre espaço e tempo; há uma tendência, que estaria ao nível das representações, de que só se lê o cotidiano pelo estrito presente, isto é, ao invés de ser uma realidade, é, exatamente, uma força de representação, ou, dito de outra forma, as representações da realidade estão dentro do cotidiano, aumentando a complexidade da relação espaço-temporal (LEFEBVRE, 1981).

O universo das representações está imbuído de significantes que, sem contextualização espaço-temporal, são passíveis de tornar-se mistificadores. Aquilo que se nomeia e se re-apresenta *no* e *sobre* o cotidiano não tem nenhuma neutralidade. Trata-se, justamente, da força de uma representação, pois, o discurso, numa face dupla, explica, ao passo que empobrece, o âmbito dos significados, evidencia e esconde o não dito e o que é nomeado "contando que afaste a acepção corrente que reserva o nome símbolo para os emblemas e fetiches, a função simbólica é inseparável do discurso na medida em que implica sempre imperativos, regras sociais, interdições, promessas, crenças ou adesões" (LEFEBVRE, 1966, p. 104).

Apoiando-se em Marx, Lefebvre (2013) pontua que, sob o modo de produção capitalista, o conhecimento pode tornar-se uma força produtiva, alterando a relação ideologia-conhecimento, momento em que o saber ocupa o papel da ideologia. Aponta que lógica e ideologia se confundem no caminho, ao centrar-se numa coerência e coesão, ao ponto de eliminar as contradições "por cima", isto é, a informação e o saber, e "por baixo", ou seja, o espaço da vida cotidiana. Completa afirmando que uma representação do espaço pode incluir ideologia e conhecimento no âmbito de uma prática socioespacial e coloca que:

> As grandes ideologias têm produzido pois a linguagem; elas entram na consciência por meio da linguagem. Têm procurado e querido dar um certo sentido ao homem, ao mundo, à vida. As suas interpretações do mundo produziram efeito ao introduzirem na língua (portanto nas consciências) palavras, expressões. Daí a sua extraordinária eficácia. As ideologias não penetram do exterior nas consciências. Elas nunca desdenharam as sujeições e a violência para se imporem, mas ensinuam-se: persuadem. Os homens têm aderido e aderem ainda às ideologias. Matam e morrem por elas, mesmo quando essas representações não exprimem directamente as suas necessidades, nem as suas aspirações, nem a sua classe" (LEFEBVRE, 1966, p. 84).

Ainda que afirme poder se fazer uma crítica das ideologias pela via teórica, Lefebvre (1966) coloca que tal via não é suficiente. As representações que englobam as ideologias têm origem nas atividades reais formadoras da práxis (da prática social) identificando que "o problema de saber como descer do mundo dos pensamentos para o mundo real transforma-se no problema de saber como descer da linguagem para vida. As ideologias inserem-se na <linguagem da vida real> na práxis e na história dos sentidos se distinguem dos não-sentidos" (LEFEBVRE, 1966, p. 85).

Trazemos, assim, a Teoria das Representações como caminho para acessar e tornar cognoscível vivências e experiências de moradores de habitats residenciais fechados nas cidades médias eleitas, entendendo as representações como meio de

conhecer as mazelas, entender os nexos, apontar contradições e conflitos na produção e apropriação do espaço e na reprodução da vida cotidiana.

Na dialética entre a aparência e o real, o falso e o verdadeiro, inserir uma terça parte, uma dialética triádica, permite trabalhar com representante-representado-representação e possibilita não "misturar" representação e ideologia e dar conta das contradições do espaço autonomizado como realidade. Lefebvre (2013) desdobra essa relação numa triplicidade, concebido, percebido e vivido, que, espacialmente, referencia-se, respectivamente, como representações do espaço, práticas espaciais e os espaços de representação, como já escrevemos.

Ainda que, num dado momento da modernidade, houve um movimento de cisão entre teoria e prática, Lefebvre (1983, p. 49) reafirma uma das características mais gerais do conhecimento: "em primeiro lugar, o conhecimento é prático. Antes de elevar-se ao nível teórico, todo conhecimento começa pela experiência, pela prática. Tão somente a prática nos põe em contato com as realidades objetivas". Aqui lidamos com a experiência urbana para analisar o cotidiano, tendo as representações como expressão do nível mais privado do cotidiano, o habitar, ou seja, da vida material expressa por meio das práticas espaciais do habitar, reveladas na tríade espacial através dos espaços vividos, ou seja, das representações do espaço.

Essa argumentação se justifica pela observação, nas cidades baianas investigadas nesta tese, dos padrões de moradia difundidos nas últimas décadas, sobretudo, se nos pautarmos no aumento considerável de empreendimentos residenciais fechados e com controle de segurança que, tendencialmente, caracterizam-se por seletividade espacial e por um cotidiano programado. Vemos que o modelo de vida intramuros, muito propagado como um ideal de vida na cidade, ancora-se em fatores que estão além da estrutura concreta da casa.

Do ponto de vista do discurso, sobretudo, o da busca por segurança, movem-se grupos sociais a ambientes urbanos murados e com rígidos controles de segurança

(privado). Essas formas espaciais de habitar podem ser lidas em coderterminação às práticas espaciais do habitar e postas como referência na experiência urbana, ainda que, no cotidiano, tais motivações se revelem contraditórias.

Hutta (2019), ao tratar do que chamou de política urbana do medo, chama atenção para seus rebatimentos espaciais e sociais. Para esse autor, a questão de sentir medo ou sentir-se seguro ancora-se em um forte discurso de poder e controle sobre o modo como a cidade tem sido produzida, seja valendo-se da política do medo para justificar o encarceramento da população, seja pelo fato de que, ao serem erigidas, as formas espaciais conduzem a produção, material e de subjetividades, do medo, de padrões espaciais de fluxos, de consumo e de mobilidade e modelos de sociabilidade.

Isso pode conduzir a uma separação no espaço e no tempo da coexistência de sujeitos social e culturalmente distintos, *diferenças* que Lefebvre (1972) entende existirem como um direito inerente à existência com *particularidades* associadas às condições e circunstâncias da condição espacial (físco-natural, social, cultural, econômico, étnico-racial etc.). Contudo, no tempo da longa duração, essas particularidades *naturais* confrontam-se e conflituam-se. Nessa confrontação, várias são as tentativas destrutivas que as particularidades intentam corroer do ponto de vista econômco, politico e cultural.

Isso Lefebvre (1972) identifica como a condição em que particularidades convertem-se em diferenciais, logo, originando as diferenças, e explica que, mesmo recorrendo à compreensão lógica e filosófica, trata-se de um conflito real, "corresponde, sobre el plano teórico, a las luchas que se desarrollan en la práctica social y política entre los poderes homogeneizantes y las capacidades diferenciales." (LEFEBVRE, 1972, p. 63). Poderes homogeneizantes que classificam impositivamente os sujeitos em categorias determinadas, separando-os.

Assim, a análise da produção da cidade contemporânea, vista através da dimensão do habitar, pode indicar uma exacerbação das desigualdades sociais, quando as práticas espaciais revelam mudanças no cotidiano urbano, apontando para a evidência

de um aprofundamento das fraturas sociais, que podem relacionar-se à leitura que Sposito (2008) faz da cidade fragmentada pela associação a espaços de uso exclusivo, sob discurso da insegurança urbana. Portanto, a relação entre as representações e a análise da fragmentação socioespacial nos parece muito relevante.

Com esta hipótese projetada para o contexto dos tipos urbanos investigados na Bahia, o entendimento e identificação do processo em curso de fragmentação pode ser elucidativo do grau e da densidade das desigualdades sociais, econômicas, culturais e étnicas, consequentemente reproduzidas no espaço citadino. Através das práticas espaciais do habitar, a fragmentação socioespacial pode ser lida nas formas espaciais concretas, assim como, em dimensões subjetivas e simbólicas, revelando os conteúdos da vida urbana (SPOSITO; GÓES, 2013).

Isso não significa desconsiderar e descaracterizar uma construção material e objetiva da cidade e do urbano, mas, antes, fazer notar que tal construção material e social traz consigo uma carga subjetiva com influência direta nas ações individuais e coletivas, lidas por meio de símbolos, ideias, representações etc. (HIERNAUX, 2007) e no entrecruzamento de múltiplas trajetórias (MASSEY, 2004; 2008) de biografias e experiências espaciais (LINDON, 2020).

Nas reflexões sobre a constituição da realidade, a relação entre objetividade e subjetividade comparece como desafio em muitas pesquisas que lidam com a apreensão do mundo social, para explicar processos e fenômenos desenrolados com base nas práticas dos sujeitos, em que o tratamento da subjetividade é lido como uma fraglidade do método, conforme rebateu Thompson (1998), indicando que, ao contrário, a subjetividade é um trunfo que nem todos conseguem alcançar. É um embate que o sociólogo Bourdieu (2004) procura resolver teoricamente, com base nos conceitos de *habitus* e de *campo* elegendo e atribuindo centralidade à prática em sua análise.

Esse autor afirma que uma dada visão de mundo deveria incluir uma percepção do mundo social, visão essa que depende ou é influenciada pelo campo a que esse sujeito

pertence. A construção que um sujeito faz da realidade e do mundo social liga-se diretamente à sua posição no campo, isto é, no espaço simbólico onde se materializam e objetivam as relações individuais, sociais, coletivas e das instituições, os quais operam legitimando representações, de modo a validar e promover certa dominação, pois, ao serem internalizadas no inconsciente, adquirem status de consciência de uma representação do real (BOURDIEU,1984).

Considerando, então, esse campo, a relação indivíduo e sociedade num contexto histórico é materializada e objetivada nas instituições sociais que agem conforme um sistema de orientações e formalidades no ato da percepção, pensamento, ação na construção de uma representação. Assim, Bourdieu (1984) identifica a presença imbricada, no interior do sistema de posições, a estrutura, a prática e a representação social.

As práticas, centrais no pensamento de Bourdieu, são a materialidade das representações sociais e a sua compreensão é feita por meio do conceito de habitus, por combinar o fazer ao pensar, dando condições de se analisar a perspectiva social e individual e as dimensões objetivas e subjetivas, por associar "os sistemas simbólicos como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural)" e as estruturas estruturantes, ou seja, a "concordância das subjetividades estruturantes" (BOURDIEU, 1998, p.8).

III

Nesse sentido, temos o terceiro elemento, no que se refere a como compreender e tornar inteligível a realidade no âmbito das representações. Trata-se do elemento procedimental, que é de caráter metodológico e está intrinsecamente associado a um modo de interpretar o espaço e a linguagem do espaço, desde o que Lefebvre (1966; 2013) denomina de teoria da linguagem, como já esmiuçado na subseção 1.1.1, e que permitiria lidar com as regras formais de combinação que determinam a relação, os embates e os

conflitos de interesses na produção espacial e suas possíveis disposições e estrutura. Nesse contínuo, associa-se uma interpretação dos aspectos espaciais que podem ser apreendidos por meio dos sentidos, isto é, por meio da sua formulação de espaço percebido.

Entendemos que um caminho possível para essa empreitada seja por meio de escolhas de procedimentos de investigação que avancem além do lógico-formal racional, do ponto de vista da produção da informação, e caminhem na direção de outro [novo] inteligível: uma linguagem que abarque e expresse as complexidades e contradições da vida cotidiana, permitindo desenvolver a tríade representante-representado-representação, que considere a associação da perspectiva da representação do espaço com os espaços de representação, refletindo como a prática espacial intermedeia e conforma essa relação tridimensional do espaço (LEFEBVRE, 2013).

Para Henri Lefebvre, o mundo das representações está dentro do cotidiano e a complexidade espaço-temporal é muito maior para compreende-lo. Lefebvre (1981) critica os que apreendem o cotidiano conceitualmente, mas o ocultam, não o transformam. Do mesmo modo, o autor tenta mostrar que o que emerge da relação entre o vivido e o cotidiano é o que deve ser considerado, haja vista as transformações na era moderna causarem certo empobrecimento, manipulação e passividade à vida cotidiana. Explica que uma análise sobre essas manipulações se realiza com base na teoria das representações por lidar, criticamente, com os simbolismos, a imaginação social e individual, a cultura.

Complementarmente, a análise de formas e da estrutura espaciais, notadamente, o que pode ser apreendido desde a expansão territorial urbana e pela homogeneidade/heterogeneidade dos subespaços da cidade, fornece-nos uma leitura que se junta à anterior: dos processos às formas e dessas aos processos; da forma ao conteúdo e desse à forma (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012). Constitui-se, assim, não como um quarto elemento, mas como um complemento de cada um dos três anteriores.

As experiências urbanas de moradores de habitats residenciais fechados são instrumento para avaliar o cotidiano, tendo as representações como expressão do nível mais privado do cotidiano, o habitar, revelados na tríade espacial através dos espaços vividos, ou seja, das representações do espaço. Aqui, o foco que as une, do ponto de vista da análise comparativa, é a reprodução da vida e o acesso à vida urbana a partir da condição espacial e do habitar e isso foi feito nesta tese por meio do Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR) que será exposto no subitem 1.3 deste capítulo.

1.2 Operacionalização da Pesquisa

Essa subseção apresenta o modo de operacionalização da investigação e é mais descritiva de que analítica. Consta na tese por permitir que outros pesquisadores em formação interessados possam repetir os passos aqui registrados, mas, em especial, compreenderem o feitio dos instrumentos e técnicas de pesquisa.

Turra Neto (2012), critica a ausência de uma tradição da reflexão metodológica na Geografia, sendo necessário buscar, noutras áreas, apoio para tal reflexão quando, não raro, faz-se um trabalho pouco reflexivo ou autoreflexivo, o que pode ocasionar confusões sobre os instrumentos e técnicas utilizadas. E completa:

> Não parece haver espaço privilegiado nos nossos trabalhos para expormos ao leitor/a os caminhos pelos quais produzimos as informações primárias, que embasam nossas conclusões. E quando isso existe, é mais resultado de esforços isolados, que não chegam a formar um arcabouço metodológico da disciplina. Do meu ponto de vista, isto é um problema bastante grave, pois não oferece aos iniciantes referências desta natureza, pelas quais eles pudessem orientar-se em suas pesquisas, alargando o debate metodológico a partir de suas próprias experiências. (TURRA NETO, 2012, p. 8).

O mesmo autor analisa que a concepção de campo é ainda vaga na Geografia e que deixar mais claras as escolhas, as limitações, poderia situar o(a) leitor(a) quanto ao

contexto investigado, a posição do sujeito pesquisador e do sujeito pesquisado, e das possíveis variáveis da pesquisa, para não dar a ideia comumente atribuída de que os dados estavam em campo, era só chegar e pegar, que a informação produzida a partir dos caminhos escolhidos é a verdadeira realidade.

Afirma que a situação é mais complexa do que parece. Optar por tal direcionamento, na visão do autor, compromete o debate crítico e reforça uma prática de fazer campo para confirmar teorias. A irreflexibilidade metodológica na Geografia deriva, tanto quanto conduz, a situar o objeto e o campo como estáticos, produtos a serem coletados, sem maior descrição dos caminhos feitos, confusões, as escolhas dos instrumentos de pesquisa, as escolhas e "cortes" feitos para se chegar aos resultados obtidos, não deixar referenciais a quem busca trilhar por esses caminhos, sobre como construímos o campo.

Também, é preciso reconhecer que como não há ciência neutra, também não há metodologias neutras. Cada opção que fazemos é carregada de intencionalidades que nos conduziram a certas informações e, também, poderão nos afastar de outras. Assim, "não confundir a realidade com aquilo que escrevemos sobre ela" (TURRA NETO, 2012, p.9).

As provocações sobre a (não) reflexão a respeito dos aspectos epistemológicos e políticos nas diferentes maneiras de empreender, conceber e fazer o trabalho de campo, especialmente na atualidade, é um objetivo (ZUSMAN, 2011) ao analisar a tradição do trabalho de campo em Geografia, uma tradição que não está fechada, é um caminho aberto e em constante transformação.

Se para Turra Neto (2012) a opção metodológica deriva da problemática de pesquisa, a qual aponta as fontes e modos de acessar estas, logo, entendemos que o trabalho de campo não é definido *à priori*. O que vai ao encontro da ideia de Zusman

(2011)[2], de que cada trabalho de campo é diferente e, por conseguinte, é necessário conceber estratégias específicas e criativas à luz das questões que orientam a investigação e as questões que surgem no decorrer das pesquisas.

Como aludido em Silva, Silva e Junckes (2009) e Turra Neto (2012), a pergunta importa no desenvolvimento da pesquisa, logo, as questões aqui levantadas têm norteado as escolhas metodológicas e, por isso, movimentam-se conforme a necessidade do objeto. Essa dada liberdade de movimento, porém, não se confunde com imprecisões ou instabilidades quanto ao atendimento às formalidades de uma pesquisa científico-acadêmica.

Concordando com Feyerabend (2007), para descobrir coisas novas é preciso tentar novas fórmulas e, ainda que sob padrões metodológicos normativos, ir além de um dado embate entre racionalidade e experiência, pois, ao fazer pesquisa, o que se sente, vê e se faz pode indicar os resultados esperados. Ao passo que nos aprofundamos na pesquisa, as escolhas metodológicas tendem a uma dada coerência e significância, consolidam um caminho na tentativa de responder às questões propostas, ao mesmo

[2] Ainda que não tenhamos explorado nessa seção, recomendamoso a leitura desse artigo para maior entendimento da "linha do tempo" elaborada por Zusman acerca da tradição do trabalho de campo. Em uma primera parte, ela discorre sobre quatro acepções concepções de trabalho de campo vinculada a uma visão da Geografia, a qual carrega intrinsecamente um tipo de relação epistemológica, metodológica e política diferenciada com o campo de referência empírica do processo de pesquisa. Aponta uma primeira fase, a do Trabalho de Gabinete, que envolvia a habilidades de exploração desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX no quadro dos processos de apropriação territorial. Uma segunda fase, a da Consolidação metodológica e legitimação do fazer científico, sob o pressuposto de que a Geografia da primeira metade do século XX estudou as regiões ou paisagens, a segunda concepção vincula o trabalho de campo à necessidade de definir metodologia própria diferenciada de outros conhecimentos, o trabalho de campo, o contato com as populações continuava irrelevante. Já a terceira fase, o Trabalho de campo e compromisso social - década de 1970 – Geografia crítica e radical reformulação do Trabalho de Campo, entre outros objetivos, analisa as causas da pobreza estrutural ou desigualdades sociais. Esta conceituação da Geografia levou a dar destaque às sociedades locais no trabalho de campo, raramente considerado até então como vozes relevantes na pesquisa. Uma quarta fase e na que a Zusman tem se inserido mais fortemente em sua linha de pesquisa, é sobre o Método etnográfico e políticas de trabalho de campo, introdução do método etnográfico em Geografia, na década de 1990, que a levou a redefinir as relações entre a academia e o campo e promover a reflexão do pesquisador sobre as implicações políticas e sociais do trabalho no interior. Permite priorizar a perspectiva vai dos informantes sobre os especialistas.

tempo, em que o movimento implica em repensar e reavaliar o já pensado e executado para encontrar o modo mais eficaz de alcançar as respostas, os objetivos propostos.

É válido ressaltar que na escolha por um tema de pesquisa está implicado um conjunto de valores norteadores do fazer do(a) pesquisador(a), saberes científicos e que não partem apenas do senso comum (MARRE, 1991), fazendo com que este(a) pesquisador(a) se situe, posicione-se frente a seu objeto, devendo, por isso, reforçar que não há ciência neutra (FEYERABEND, 2007), assim como também não há metodologias neutras (TURRA NETO, 2012).

Cada opção que fazemos é carregada de intencionalidades que nos conduziram a certas informações e, também, podem nos afastar de outras (FEYRABEND, 2007). Portanto, fazemos nossas pesquisas como a totalidade que somos em permanente mudança, o que nos permite questionar nossos referenciais metodológicos, os procedimentos de investigação, a realidade estudada e nós mesmos enquanto uma pesquisadora revelada e situada com opiniões, valores e posicionamentos políticos e ideológicos.

A problemática da tese formulada, já apresentada na seção anterior, orientou a eleição de instrumentos, técnicas e procedimentos para sua execução e estruturou o caminho interpretativo. Como afirmamos, o trabalho de campo não é uma condição anterior à formulação das hipóteses, do delineamento de uma tese a ser investigada, precisamos desse "*start*" para, aí sim, aprimorar o planejamento das ações práticas *in loco.* Há propostas, roteiros, em menor disponibilidade, debates, seções em pesquisas concluídas, contudo, cada campo tem suas singularidades

Após definir o objeto de pesquisa, juntou-se a necessidade de eleger um *corpus* teórico-conceitual que estruturasse o pensamento e as ações. Para isso, a busca se deu por leitura densa sobre termos, conceitos, categorias, processos, noções que pudessem alimentar a dorsal da tese, assim como, dar movimento à problemática esboçada, através

de consulta à bibliografia, em que pese a relação teoria x empiria, "ora, o pensamento não é uma substância, mas uma atividade" (LEFEBVRE, 1983, p. 101).

Desde a Introdução desta tese, faz-se uma apresentação das cidades médias, as quais têm sido objeto de investigação acerca de uma dada mudança social do espaço urbano estruturado de modo fragmentado e excludente. Nessa linha, pode-se destacar as pesquisas que têm sido empreendidas pelo grupo de pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), sobretudo, com o atual projeto temático "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FRAGURB)" (Processo FAPESP 18/07701-8), que objetiva, de modo mais amplo, compreender, no plano da cidade e do urbano, como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo os sentidos do direito à cidade. Aos colegas de trabalho do GAsPER faço, também, referência pelas contribuições analíticas e metodológicas à Geografia brasileira.

As pesquisas empreendidas no grupo acerca das cidades médias têm se somado ao referencial bibliográfico no debate desenvolvido nesta tese. Considerando o processo de produção das cidades a partir da industrialização e avanço do capitalismo, a cidade, a vida urbana e o tempo social, enquanto uso, transformam-se em espaços mediado pelas trocas, pelo consumo (LEFEBVRE, 2001b). Logo, a compreensão da cidade contemporânea passa pelo reconhecimento da oposição entre o valor de uso e o valor de troca e, para Sposito (2017c), permite dialogar

> A partir de um conjunto de dinâmicas de produção do espaço urbano contemporâneo, que tem levado à redefinição de sua morfologia, mais marcada pelas oposições destacadas e menos definida pela diferença entre as densidades demográficas e construtivas do campo e da cidade. As mudanças morfológicas, que as contradições destacadas expressam tão bem, devem ser analisadas no contexto das relações entre forma e processo e considerando-se, como já destacado, múltiplas escalas geográficas. (SPOSITO, 2017c, p. 36).

Acrescenta-se que é um processo que põe em evidência um cotidiano marcado por cisões e rupturas que extrapolam as formas concretas da cidade e atinge a dimensão subjetiva da cotidianidade, moldando o conteúdo das relações estabelecidas entre os grupos sociais nos fragmentos da cidade. Nosso entendimento sobre essa realidade social, bem como, a problematização que fazemos desta, dão-se com base na leitura das contradições que lhe são intrínsecas e que só se dão por meio da análise dessas contradições. Nos termos propostos por Lefebvre (2013), nosso objeto de pesquisa é lido pela análise do processo de produção do espaço urbano, considerando sua dinâmica e historicidade, cunhados na ideia de movimento.

No caso brasileiro, especificamente, faz-se necessário considerar as consequências sociais e os impactos na experiência urbana e a ação prática nos espaços de vivência. Pudemos refletir que são "grandes os desafios de se compreender a rapidez e simultaneidade das mundaças nas cidades, sobretudo as cidades médias, foco da tese, além de bucar novas estratégias analíticas e metodológicas que deem conta dessa nova realidade urbana" (MARES, 2019, p. 85). Acrescentando que:

> A opção em investigar tais processos passa pela difícil necessidade de tornar inteligível os elementos que o constituem e, para tanto, o uso de metodologias capazes de não apenas compreendê-los, mas também, tornar cognoscível os sentimentos que integram a relação do sujeito com a cidade, ou seja, o conteúdo de sua experiência urbana, são imprescindíveis para melhor desvelar suas práticas. (MARES, 2019, p. 96).

Nesse sentido, buscamos uma instrumentaliação e aprimoramento de procedimentos de investigação apoiados em metodologias qualitativas em Geografia, por meio de consulta a bibliografia especializiada na Geografia e em áreas afins, em disciplinas e cursos centrados no tema. Ainda que lidemos, de modo secundário, com elementos e maneiras de análises quantitativas, ao tratar das dinâmicas e lógicas identificadas na produção do espaço urbano dos tipos urbanos que investigamos no

estado da Bahia, devemos concordar que toda análise e avaliação é, em última instância, qualitativa, uma vez que reflete ou redunda opiniões e avaliações. Por fim, não se pode diminuir a compreensão de que a qualidade se transforma em quantidade e vice-versa.

As entrevistas semiestruturadas têm uma função importante nesse aspeto, mas ainda assim, percebemos que havia limitações nesse procedimento e na nossa capacidade analítica. Daí a imersão em um universo de pesquisas sobre técnicas e procedimentos de interpretação que nos qualificasse a lidar com as experiências urbanas pela análise das práticas espaciais. Essa aproximação deu-se pela seleção dos procedimentos metodológicos e instrumentalização de método vinculado à proposição da produção social do espaço, como exposto.

As representações possuem relação de codeterminação com a experiência urbana, que é vivida de modos distintos em diferentes espaços da cidade. Logo, a busca deu-se por um recurso metodológico derivado da necessidade de abarcar as experiências urbanas dos citadinos, seus percursos e representações em uma cidade (des)construída (LINDÓN, 2006) sob uma lógica de produção mais complexa na contemporaneidade, fragmentária. Logo, uma cidade produzida em atendimento às necessidades de consumo e deslocamento de um seleto grupo social, uma diferenciação acentuada que coloca em crise a acessibilidade ao espaço citadino, aos bens e serviços urbanos, a sociabilidade, ao direito à cidade de modo ampliado a uma maior parte da população.

Bomfim (2010), da Psicologia Social, desenvolveu e aplicou, como principal metodologia de pesquisa, os Mapas Afetivos, objetivando analisar as cidades de São Paulo e Barcelona pela estima às mesmas, resultando na produção de imagens e mapas afetivos das duas cidades. Segundo a autora, os mapas afetivos "são representações do espaço e se relacionam com qualquer ambiente como território emocional. São instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima da cidade" (BOMFIM, 2010, p. 222).

Para ela, os mapas afetivos contêm os mapas cognitivos, mas buscam ir além da orientação espacial ou localização geográfica, são orientadores de estratégias e avaliação de níveis de apropriação e identidade social urbana e podem ilustrar os agenciamentos entre o indivíduo e o espaço ou lugar apropriado (BOMFIM, 2010). Ao reconstruirmos a proposta de Bomfim (2010), recategorizamos os mapas afetivos, identificando uma distinção entre representações do indivíduo e do sujeito, escolhendo esta última. Também distinguimos a perspectiva da psicologia da abordagem lefebveana, que nos instruiu, e propusemos novos uso, análise e síntese desde os denominados mapas afetivos. Essas ações se deram em razão de nosso Objeto e de nossos Objetivos serem distintos daqueles da obra que nos inspirou a erigir o principal instrumento metodológico que empregamos, detalhado na subseção 1.3.

Com essa definição apriorística, a questão seguinte foi a seleção dos sujeitos a serem investigados. A pesquisa qualitativa, nos termos de Turra Neto (2010), diz respeito a pequenas amostras, para poder fazer um estudo em profundidade, já que o objetivo não é abarcar uma grande variedade ou amplas escalas de fenômeno. O principal instrumento de produção da informação é o próprio contexto a ser investigado, que advém da experiencia dialógica que o(a) pesquisador(a) consegue estabelecer.

Ainda, a descrição é estratégia integrante do processo, ajuda a compor o quadro investigado, isto é, uma descrição densa, sendo esse o esforço intelectual feito para chegar às teorizações, com base no que está sendo investigado em menores escalas e proporções. Além de ter, por tendência, uma análise indutiva e, por fim, o confronto entre as teorias e a realidade investigada para uma descrição densa, permitindo avaliação crítica entre os pares.

Fizemos um levantamento bibliográfico inicial, que nos deu suporte e entendimento prévio sobre a proposta metodológica dos Mapas Afetivos, elaboramos e apresentamos o projeto piloto ao nosso orientador, que indicou uma aplicação-teste, a fim de termos um primeiro contato com a metodologia e podermos aprimorar o

procedimento para sua aplicação definitiva em trabalho de campo. Como o objetivo era testar os instrumentos, a escolha de colaboradores não precedeu de um perfil pré-determinado, a escolha foi aleatória.

Em novembro de 2018, aplicamos a primeira versão em Presidente Prudente/SP com uma mulher, 38 anos, solteira, com um filho de três anos, profissional do comércio (proprietária de loja de confecções), moradora de apartamento próprio em bairro pericentral e local de trabalho em bairro pericentral. Uma segunda aplicação aprimorada foi feita em Vitória da Conquista/BA, em janeiro de 2019, umas das cidades investigadas na tese, com um homem de 20 anos, solteiro, desempregado, morador em casa com seus pais em bairro aberto pericentral.

Com apoio nos referenciais teóricos, nos objetivos (geral e específicos), nas hipóteses aventadas, e nesses testes, foram definidas quais questões comporiam os roteiros definitivos das entrevistas, os perfis do(a)s entrevistado(a)s, o tempo previsto de duração e o material necessário para sua realização: documentação exigida pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os sujeitos buscados nesta tese foram moradores de habitats residenciais fechados. Esse recorte "topológico" mostrou-se amplo, do ponto de vista socioeconômico, pois não se restringiu aos sujeitos de rendas altas, ou médias altas, como se poderia supor.

No que se refere à seleção de moradores dos habitats residenciais fechados, como ponto de partida, fez-se necessário o estabelecimento de uma rede de contatos na Bahia, para indicação de possíveis entrevistado(a)s dentro do seguinte perfil:

- Pelo menos dois habitats residenciais por tipo urbano (Vitória da Conquista, Feira de Santana e da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna) para termos heterogeneidade na amostra;
- Em cada habitat residencial seriam feitas três (3) entrevistas, totalizando seis (6) entrevistas por tipo urbano;

- Deu-se como prioridade um quantitativo maior de entrevistadas do gênero feminino, dada à atribuição historicamente direcionada às mulheres em termos de papéis e funções sociais, o que em tese, as levariam a uma maior dinâmica em termos de relação moradia-cidade, ficando uma proporção de duas mulheres e um homem em cada habitat residencial fechado selecionado;
- As faixas etárias seriam de adultos jovens de 18 a 30 anos; adultos de 31 a 60 anos; e adultos em terceira idade a partir dos 61 anos;
- Condição civil indiferente;
- Escolaridade indiferente para as faixas etárias 18 a 30 anos e a partir dos 60 anos e distinta entre 31 e 60 anos;
- Inserção no mercado de trabalho formal/informal obrigatória entre 31 e 60 anos. E indiferente para as faixas etárias 18 a 30 anos e a partir dos 60 anos.

Esse perfil serviu para os passos iniciais no trabalho de campo iniciado em 2019. Tivemos que flexibilizar esse perfil em alguns casos, como, por exemplo, quando os contatos estabelecidos eram majoritariamente homens, ou de termos acessado uma maior diversidade de habitats, além dos dois previstos por cidade, dada as dificuldades de contato. Essa variação tornou-se um ponto positivo no encaminhamento da tese, fazendo-nos redefinir parâmetros, tipologias e, mais que isso, apontar para outras faces do nosso objeto que ainda não tínhamos dimensionado, como a própria ideia de habitat residencial fechado, já explicada na Introdução.

A preparação prévia do roteiro[3], para realização das entrevistas, foi feito para todos os perfis: moradores dos habitats, pessoas que estejam ligadas à administração e/ou manutenção deste, moradores do entorno e agentes bem informados[4] (citadinos que têm

[3] A elaboração dos roteiros se baseou no material produzido no âmito do projeto temático desenvolvido no GAsPERR (SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão**. Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas:** cidades médias e consumo. São Paulo: FAPESP, 2011. Projeto de Pesquisa. (Processo 2011/20155-3).

informações sobre as cidades investigadas ligadas à vida política, cultural e econômica, enfim, detentoras de conhecimentos que serão importantes para a alcançar os objetivos da tese, previamente estruturado, organizado em blocos de questões dispostos por temas ou finalidades (Anexos I-V). Mais detalhamento sobre o momento da entrevista é feito no subitem 1.2.1.

Dada a natureza da pesquisa que desenvolvemos e o público diretamente envolvido como fonte de informação, como também, uma recomendação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP e do GAsPERR, submetemos o projeto ao Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, para orientar e adequar a tese às normas aplicáveis para pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais, resolução que prevê, dentre outras importâncias, que a ética em pesquisa implica no respeito à dignidade humana e proteção àqueles que participarem da pesquisa científica, garantindo-lhes o respeito, informação e preservação de seus direitos, de modo que não acarrete nenhum dano aos participantes.

O projeto de doutoramento foi avaliadeo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (área de Ciências Humanas) da FCT-UNESP, através da Plataforma Brasil, para avaliação e validação da pesquisa. Submetemos o projeto no primeiro semestre de 2019, sendo avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Presidente Prudente, sob o identificador CAAE: 14338119.8.0000.5402. Documentos, como o TCLE (Anexo VI) compuseram o conjunto de materiais usados durante do trabalho de campo.

O trabalho de campo, nodal na pesquisa geográfica, como já destacado, previsto de ocorrer em três etapas (2019, 2020 e 2021), conforme nosso projeto de pesquisa inicial, foi bruscamente interompido com a deflagração da pandemia do Covid-19 em março de 2020, que dispensa explicação dos efeitos globais que nos abalou profundamente em todos os aspectos da vida, somando-se, nacionalmente, a uma crise generalizada em termos politicos, econômicos, sociais, de saúde, educação e funcionalismo público, por

vivermos um enorme retrocesso nesses anos de gestão bolsonarista, o que, na verdade, nunca foi uma crise, mas antes, um projeto, aludindo aos dizeres de Darcy Ribeiro.

A reprogramação abrangeu, inclusive, a realização dos procedimentos metodológicos com moradores dos habitats residenciais fechados, tendo sido feito no modo remoto, através da plataforma *Google Meet*, além de ligações por telefone e aplicativos de conversação como o *WhastApp*. Do ponto de vista institucional, as orientações, reuniões para acompanhamento e avaliação do trabalho de campo também passaram a ser remotas.

1.2.1 Entrevista Semiestruturada

Para o enfrentamento da pergunta central de nossa tese, já indicada na Apresentação e Introdução, faz-se necessário proximidade com os sujeitos, pois, à luz de nossos objetivos "muito mais que analisar o mundo em que vivem, devemos pensar sobre como esses sujeitos vivem o mundo" (WERLEN, 2000, p, 23), o que implica nas conexões que se estabelecem com outras escalas e nas influências refletidas em seu meio particular. Ao ampliar a visão sobre as ações empregadas pelos sujeitos, podemos, também, amplificar a nossa observação sobre tal realidade, assim como, ter uma abordagem mais crítica sobre a mesma (WERLEN, 2000).

Nesse sentido, elegemos as entrevistas como um dos procedimentos metodológicos, como modo de acessar quais as percepções do(a)s entrevistado(a)s, seu modo de organização e simbolismos sobre si, suas experiências e contextos socioculturais, como afirmam Góes et al. (2022). Ainda, para os autores:

> É nesse contexto que a realização de entrevistas vem se consolidando como ferramenta metodológica importante para a compreensão da alteridade que perpassa as relações sociais. De acordo com cada campo da pesquisa no âmbito das Humanidades, as entrevistas ganharam maior ou menor protagonismo metodológico, podendo ser realizadas de maneiras distintas, em consonância com os pressupostos epistemológicos, axiológicos e ontológicos que ancoram as investigações. Assim, as

> entrevistas podem ter diferentes graus de diretividade, com níveis distintos de intervenção do entrevistador, podendo ser estruturada, semiestruturada ou não estruturadas, por exemplo. (GÓES, at al., 2022, p. 71).

Logo, partimos do pressuposto de que, quando se pergunta sobre a cidade, o ponto de partida não é, necessariamente, o espaço, mas, os sujeitos sociais, conforme afirmam Góes et al. (2022), nas Humanidades, as entrevistas são usadas como recurso de compreensão de diferentes processos associados aos mecanismos de socialização, tendo como matéria prima as narrativas e discursos de sujeitos individuais. Em nossa tese, o primeiro passo foi a escuta de moradores dos habitats residenciais fechados através do roteiro de entrevista semiestruturada, para acessar as concepções sobre a cidade, antes de percebê-la através de uma representação gráfica[5].

Nossa tese elegeu como ponto nodal na avaliação da fragmentação socioespacial os moradores, inicialmente, do que se chamou de espaços residenciais fechados, conforme definição de Sposito e Góes (2013), as quais adotam:

> A expressão 'espaços residenciais fechados' para designar todos os tipos de empreendimentos residenciais horizontais murados e controlados por sistemas de segurança, que foram objetos de nossa pesquisa, ainda que haja diferenças, nos temos da legislação vigente, entre as formas de fechamento e controle observadas nesses espaços, bem como em suas condições jurídicas de propriedade. (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 61).

As duas distinções expressas na definição acima compreendem o que foi descrito por Dal Pozzo (2008), que se amparou na reprodução das definições legais: "loteamentos fechados" (Lei Federal 6.766/79 com alterações previstas em Lei Federal 9.784/99, mas, com oclusão de perimetrais sem respaldo em leis federais); "condomínios horizontais" (Lei Federal 4.591/64), com atenção ao último que, do ponto de vista legal (e da

[5] Essa é a primeira modificação feita desde a fonte de referência (BOMFIM, 2010), na qual a pesquisadora utiliza-se apenas de um questionário, ao final do processo de elaboração dos mapas afetivos, estritamente para fins censitários.

ilegalidade intrínseca à figura dos loteamentos fechados, no nível das leis federais), distingue-se do primeiro. No entanto, ao buscar os empreendimentos e os sujeitos-tipo nas cidades pesquisadas, fomos levados a incluir espaços residenciais condominiais verticais, com áreas de lazer e sistemas de segurança e/ou controle, dada a proliferação desse tipo residencial nas cidades estudadas.

No que toca à situação de entrevista, verificamos que os moradores lançam mão de uma expressão que se tornou, a eles, usual e cotidiana, quer seja, "condomínio fechado", ou, simplesmente, "condomínio", genericamente adotado para loteamentos fechados e condomínios horizontais ou verticais, todos com aparatos de segurança e/ou controle e áreas internas de socialização e/ou lazer. Isso forçou a própria pesquisadora a assim se referir a tais espaços como modo de tornar o diálogo mais próximo, durante contatos e entrevistas.

Utilizamos o roteiro de entrevista semiestruturada como o primeiro instrumento deflagador e de acesso às representações da cidade concebidas pelos sujeitos moradores. Optamos pelas entrevistas semidiretivas ou semiestruturadas, conforme classificação de Colognese e Melo (1998), em que as questões ou temas são previamente elaborados, dando mais abertura ao pesquisador para fazer inferências e questionamentos sobre o tema que deseja aprofundar, porém, não abandonando o roteiro que ordena e direciona a entrevista.

Apesar de não defenderem uma normatização para a situação de entrevista, Colognese e Melo (1998) indicam algumas precauções a se tomar na relação com o(a) entrevistado(a), pois, vivem contextos e realidades diferenciadas, o que pode gerar, por exemplo, uma desigualdade no diálogo pela diferença de posições sociais, interpretação contrária de termos do discurso do(a) entrevistado(a), bem como, de termos utilizados pelo pesquisador(a) que não sejam compreensíveis pelo entrevistado(a). Os autores também recomendam observar a resposta do entrevistado(a), pois, assim como não

existem perguntas neutras, as repostas também não o são, e o cuidado que se deve ter para não criar um clima intimidador ou constrangedor (COLOGNESE; MELO, 1998).

Após a realização do teste piloto da metodologia, ajustes foram feitos no roteiro, na preparação do material a ser utilizado e nos documentos a serem entregues aos participantes da pesquisa. Também, definimos um Quadro com sujeitos-tipo, compreendendo os perfis já apresentados na seção anterior, como ponto de partida para selecionar os sujeitos participantes da pesquisa. O contato com intermediários foi essencial para aproximação e entrada nos habitats, bem como, acesso aos agentes bem informados.

A preparação prévia do roteiro para realização das entrevistas foi feita para todos os perfis: moradores dos habitats, pessoas que estejam ligadas à administração e/ou manutenção deste, moradores do entorno, agentes bem informados, previamente estruturado, organizado em blocos de questões dispostos por temas ou finalidades (Anexo I-V)[6].

Para a elaboração dos roteiros de entrevistas semiestruturadas, buscamos na bibliografia sobre as cidades e em trabalhos de campo exploratórios por referências e informações gerais sobre a cidade que possibilitassem o mapeamento das áreas de interesse e funcionassem como um indicativo do que poderia constar no roteiro de nossas entrevistas, pois, teríamos mais informações acerca da realidade pesquisada (THOMPSON, 1998). Cada atividade exploratória, direta ou indireta, auxiliou na elaboração dos roteiros de teste e na consolidação dos roteiros de entrevistas defiitivos.

Especificamente sobre as entrevistas aos moradores dos habitats residenciais fechados, foram estruturadas segundo um roteiro previamente pensado e testado, como explicado linhas atrás. Assim, seguiram de uma primeira parte, mais descritiva e

[6] Baseado nos roteiros elaborados no âmbito do projeto temático desenvolvido no GAsPERR "**Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas:** cidades médias e consume", São Paulo: FAPESP, 2011. Projeto de Pesquisa. (Processo 2011/20155-3).

informativa em relação às práticas espaciais dos moradores, abarcando dimensões amplas do cotidiano, organizadas por dez blocos temáticos, onde os pontos versavam sobre o perfil do(a) entrevistado(a), suas práticas de lazer, consumo, sociabilidade, relações de vizinhança etc. O roteiro de entrevistas (Anexo I) aplicado aos moradores dos habitats residenciais contém dez blocos com pontos acerca de um tema (A à K), conforme Quadro 2.

Quadro 2. Blocos de questões das entrevistas	
A: perfil	caracterização socioeconômica e demográfica do entrevistado.
B: motivação	principais motivações para a escolha por viver em um espaço residencial fechado; experiências anteriores de habitação; análise sobre os símbolos que caracterizam a moradia atual; formas de aquisição; relação com medidas de segurança na moradia e na cidade.
C: lazer	sobre as práticas de lazer e a cidade; locais, deslocamentos, mudanças e permanências após a escolha pelo espaço residencial fechado.
D: consumo	práticas de consumo em seu sentido diverso e amplo, incluindo compras pela internet, telefone, escolhas locacionais, tipos de produtos, lojas.
E: vizinhança	sobre as relações de vizinhança atual e pregressa.
F: socialização e restrição	sobre as relações com os de fora dos espaços residenciais fechados, as visitas, normas condominiais etc.
G: prestadores de serviço	sobre os serviços de terceiros contratados para a residência, para o condomínio, despesas para seu custeio, sobre os sujeitos que ofertam tais serviços.
H: socialização restrita	sobre a convivência no espaço residencial fechado, especificamente no que se refere às normas internas e conflito.
I: satisfação	avalia a satisfação em morar no espaço residencial fechado, o que poderia ser melhorado ou não e se, novamente, o sujeito optaria por esse tipo de moradia.
J: Cotidiano e cidade (mapas afetivos)	bloco mais específico para produção dos mapas afetivos. Diz respeito a uma síntese do que foi dialogado sobre o cotidiano e a cidade e adentra em mais especificidades. É um dos blocos mais importantes do roteiro.

K: encerramento	verificar se o (a) entrevistado (a) teria algo mais a acrescentar e se teria indicações de outras pessoas para entrevistar.

Como informamos, nossa aproximação aos sujeitos principiou-se pela construção de perfis, baseados na opção metodológica derivada da problemática de pesquisa, a qual exigiu escolhas coerentes por fontes e modos de acessá-las. Em nossa investigação, por conta da relação sujeito x objeto, cada objetivo específico e, por conseguinte, instrumento metodológico específico, apresentam maior peso ora no sujeito, ora no objeto, ora na inter-relação de ambos. Tem-se os sujeitos sociais como ponto de partida e, como destacou Turra Neto (2012), o processo de produção da informação se dá na interação com o sujeito, com tudo que implica a interação dialógica investigadora-investigado(a). Obviamente, não se trata de um roteiro rígido, até porque o momento da entrevista, por mais que planejado, guarda imprevisibilidade, adaptações, falhas, surpresas, então, em algumas ocasiões, a ordem dos pontos foi alterada, e, eventualmente, algum ponto não foi considerado.

Essa organização por temas foi pensada, também, para orientar o trabalho após o momento de entrevista, pois, a sistematização de dados em categorias e a organização de informações de acordo um tema, conforme orientam (COLOGNESE; MÉLO, 1998), permitiu-nos criar uma hierarquia de codificação no ordenamento e padronização dos temas, para que o mantivéssemos durante todo o processo, incluindo o passo posterior à situação de entrevista, ou seja, o tratamento da informação. Essa proposta de organização de dados já é, em si, um modo de análise dos dados produzidos e coletados (GIBBS, 1980).

As entrevistas realizadas com moradores dos habitats residenciais fechados foram complementadas com outras, dirigidas às pessoas ligadas à administração e/ou manutenção dos habitats residenciais, moradores do entorno desses residenciais, além dos agentes bem-informados, já anunciados, respondendo, sobretudo, aos objetivos 1 e 2 da nossa investigação. As entrevistas com tais sujeitos, moradores e não moradores, estão

listadas no Quadro 3. Todas elas foram realizadas no trabalho de campo e foram gravadas, com autorização dos participantes, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após a realização de cada entrevista, procedemos à sua transcrição. O tratamento das informações, feito por blocos, ordenados como constante no Quadro 2, seguiu o roteiro e consecução do momento da entrevista. Além disso, o diário de campo, com anotações sobre as especificidades e os elementos de destaque em cada espaço e/ou sujeito, auxiliou no momento da transcrição, como também, na interpretação de cada entrevista.

O processo de transcrição priorizou aquelas entrevistas feitas aos moradores dos habitats residenciais, nossa fonte principal, já que o foco analítico recai sobre as práticas espaciais, como meio de realização do cotidiano e da experiência urbana, como modo de fazer a crítica à vida cotidiana, crítica não no sentido de ataque como seu uso corriqueiramente pode sugerir, mas sim a condições de possibilidades para a capacidade de análise, do conhecer.

Após a transcrição, parte do tratamento das informações foi feita no *software* Excel, por nos possibilitar organizar e trabalhar, em um mesmo arquivo, com uma diversidade de dados e ferramentas, que vão desde a busca por palavras-chave até a repetição destas e de expressões. Longe de se tratar de uma análise volumétrica dos discursos, isso nos permite observar os contextos de cada fala e, eventualmente, contradições. O Quadro 3 apresenta o total de entrevistas realizadas e as transcritas.

Quadro 3. Trabalho de campo. Bahia. Sujeitos entrevistados [7]					
		Sujeitos-tipo principais	Outros sujeitos		
	[1]Habitats residenciais pesquisados	[2]Moradores dos habitats residenciais	[3]Moradores do entorno dos habitats residenciais	[4]Agentes bem-informados	[5]Encarregados/funcionários que trabalham nos/para os habitats residenciais
Vitória da Conquista	6	6	0	3	1
Feira de Santana	5	6	0	5	0
Ilhéus	2	6	2	3	2
Itabuna	2	3	0	3	0
TOTAL	**15**	**21**	2	14	2
			18		
TOTAL GERAL	4 cidades; 39 entrevistas; 15 habitats residenciais fechados				

As entrevistas com os agentes bem-informados serviram a um propósito, pois, juntaram-se a um conjunto de informações que nos permitiu estabelecer um contexto à cada cidade. Sua avaliação inicial serviu-nos para explorar melhor as entrevistas. Especificamente sobre as transcrições, esse processo é laborioso, denso e de grande

[7] **Nota de pesquisa ----------**

[1] **Habitats residenciais fechados** – Novas formas de *habitat* urbano que temos reconhecido em nosso trabalho de campo, desde os empreendimentos residenciais horizontais, mas também, os verticais, todos murados e controlados por sistemas de segurança, desde os de regime de propriedade condominial, como os não condominiais, tipificados como aqueles loteados como áreas não muradas, as quais foi concedido – ou efetuado sem essa concessão – o direto de fechamento da área parcelada.

[2] **Moradores dos** habitats residenciais – conjunto de sujeitos acessados residentes em espaço residencial fechado. Objetiva depoimentos orais sobre as práticas espaciais cotidianas, as histórias de vida e visões de mundo desde a escolha por esse tipo de moradia e a partir de momento em que passou a residir neste.

[3] **Moradores do entorno dos** habitats residenciais **-** conjunto de sujeitos acessados que residem nas proximidades da área/bairro/quadra de implantação desses empreendimentos. Objetiva informações sobre a observância de impactos, mudanças, relações de sociabilidade, oferta de serviços/comércio, mobilidade, consumo etc. desses moradores desde a implementação do empreendimento na área/bairro/quadra.

[4] **Agentes bem-informados -** citadinos que têm informações sobre as cidades investigadas ligadas à vida política, cultural e econômica, enfim, detentoras de conhecimentos importantes para qualificar pesquisa sobre as cidades estudas (SPOSITO, 2011).

[5] **Encarregados/funcionários que trabalham nos/para os** habitats residenciais no atendimento a serviços de funcionários do próprio empreendimento por funcionários contratado por terceiros para aturam nele.

---

demanda de tempo, concentração e disposição. Posteriormente, implicou em avaliação e síntese, com busca de contradições e novidades nas falas, logo, aconteceu no tempo lento.

Não se trata, portanto, de atividade que exija apenas a busca por palavras-chave ou expressões no corpo transcrito. Ainda sobre o tratamento de dados, as entrevistas aos moradores dos habitats residenciais fechados tiveram tempo médio de 1h10 minutos, variando de 48 minutos à 2h30 minutos, gravadas ora pelo celular, ora por aparelho específico, como gravador de voz, e uma dessas entrevistas, já no período pandêmico, em arquivo de vídeo pelo *Google Meet*.

Em virtude dos diversos ambientes e situações em que as entrevistas foram realizadas e, nem sempre livres de ruídos, tivemos dificuldades na transcrição de algumas entrevistas, por conta de barulho, interrupção de outras pessoas e animais de estimação, atendimentos aos filhos, telefonemas, visitas, rotina de trabalho e/ou doméstica. Por exemplo, entrevistamos uma mãe lactante, com filho recém-nascido, de dois meses, precisando amamentar e ninar a criança para poder responder às questões. Também, houve outro entrevistado que concedeu entrevista em sua residência no horário de almoço, preparando sua refeição e, por conseguinte, alimentando-se, tudo isso enquanto fazíamos a entrevista.

Assim, somadas as demais atividades acadêmicas e as condições da entrevista, o tempo para transcrição, juntamente com relatório de cada entrevista, houve variação entre 5h a 16h. O resultado foi ordenado em documento de texto em formato .docx, em Word, fonte Garamond, tamanho 12, justificado e com 1,5 com de espaçamento de 10 a 15 laudas de extensão, formando um arquivo de cerca de 400 páginas em crescente extensão. No Anexo VII, apresentamos uma cópia similar dessas transcrições para verificação do modo de organização realizado.

De posse dos dados que caracterizam o(a)s entrevistado(a)s, montamos um quadro síntese do perfil deste(a)s (Quadro 4), respeitando as normativas do CEP/FCT-UNESP, no tratamento das informações identitárias, convertendo-as em pseudônimos

para manter o anonimato das pessoas que colaboraram com a pesquisa por meio de entrevistas. Esse quadro de equivalências também foi produzido usando o *software* Excel.

Simultaneamente ao processo de transcrição, alimentamos nosso diário de campo, que passou a ser digital, também em um documento do Word, fonte Garamond, tamanho 12, justificado e com 1,5 de espaçamento, no qual transferimos os registros do diário de campo físico (cadernos), com nossas reflexões, interpretações, *insights* surgidos no decorrer das transcrições.

Durante o processo de transcrição, fez-se, simultaneamente, a audição da entrevista e recorremos às anotações do diário de campo, com o roteiro de entrevista específico a cada sujeito-tipo entrevistado, orientando a estrutura da transição no documento Word. No caso dos moradores dos habitats residenciais fechados, além do roteiro de entrevistas e do diário de campo físico, também foi utilizado o croqui, produzido por cada morador(a), permitindo, nesse momento de transcrição, relembrar fatos, momentos, sensações, gestos, expressões, conforto e desconforto e tensões no momento de feitura desse instrumento.

Tratando-se dos elementos que são comuns e dos que são particulares às cidades investigadas, essas informações tabuladas foram trabalhadas juntamente com mapas específicos de localização das cidades, para descrição e caracterização. Igualmente, fizemos reflexão sobre a implementação dos habitats residenciais, alinhada às reflexões conceituais, que também consistiu no momento de lidar com as entrevistas feitas aos agentes bem informados, analisando a atuação deste no processo de expansão territorial urbana e da questão jurídica dos empreendimentos.

Quadro 4. Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. (2019-2021).

TIPO URBANO	Nº	CIDADE	CONDOMÍNIO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	TIPO MORADIA ATUAL	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	CONDIÇÃO CIVIL	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	MEIO DE TRANSPORTE PRINCIPAL	TIPO MORADIA ANTERIOR	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA AQUISIÇÃO DA PROPRIEDADE
Aglomeração urbana	1	Ilhéus	Parque Universitário	F	Bell Hooks	Village duplex (casa unifamiliar)	44	Campinas/SP	Doutora	Casada	Professora universitária	9	4	Carro próprio	Casa coabitada alugada	4 anos	Próprio
	2	Ilhéus	Parque Universitário	M	Carlos Casagrande	Village duplex (casa unifamiliar)	26	Itabuna/BA	Doutorando	União estável	Professor da educação básica	8	2	Carro próprio	Apartamento em condomínio	4 anos	Alugado
	3	Ilhéus	Parque Universitário	F	Lourdes Dantas	Village duplex (casa unifamiliar)	66	Itiruçu/BA	Mestra	Divorciada	Psicóloga e professora universitária	10	3	Carro próprio	Casa em condomínio	5 anos	Próprio
	4	Ilhéus	Vivendas do Atlântico	F	Elisa Lucinda	Casa unifamiliar	42	Rio de Janeiro/RJ	Doutora	Divorciada	Psicóloga	9	2	Carro próprio	Apartamento em condomínio	5 anos	Próprio
	5	Ilhéus	Vivendas do Atlântico	M	Luiz Carlos	Casa unifamiliar	54	Jequié/BA	Licenciado em Química	Casado	Bancário	12	4	Carro próprio	Casa em condomínio	7 anos	Próprio
	6	Ilhéus	Vivendas do Atlântico	M	Fagner Lopes	Casa unifamiliar	69	Ilhéus/BA	Ensino Médio Completo	Casado	Bancário aposentado	8	2	Carro próprio	Casa em bairro aberto	15 anos	Próprio
	7	Ilhéus	Cidadelle House	F	Alda Monteiro	Casa unifamiliar	45	Itapetinga/BA	Graduação em Odontologia	Casada	Dentista	15	3	Carro próprio	Apartamento em condomínio	2 anos	Próprio
	1	Itabuna	Jardim Hortênsias	M	Luiz Inácio	Casa Duplex (casa unifamiliar)	51	Itapetinga/BA	Administrador	Casado	Propagandista de laboratório de medicamentos	17	2	Carro próprio	Casa em bairro aberto	2 anos	Próprio
	2	Itabuna	Jardim Hortênsias	F	Maraísa Azevedo	Casa Duplex (casa unifamiliar)	39	Itabuna/BA	Graduação em Educação Física	Solteira	Desempregada	15	4	Carro próprio	Apartamento em condomínio	2 anos	Próprio

Fonte: Trabalho de campo (2019-2121). Organização: MARES (2021)

Quadro 4 [Continuação]. Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Feira de Santana. (2019-2021).

TIPO URBANO	Nº	CIDADE	CONDOMÍNIO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	TIPO MORADIA ATUAL	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	CONDIÇÃO CIVIL	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	MEIO DE TRANSPORTE PRINCIPAL	TIPO MORADIA ANTERIOR	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA AQUISIÇÃO DA PROPRIEDADE
Cidade média	1	Feira de Santana	Vivendas Canto do Sol	M	Sérgio Nogueira	Apartamento	54	Feira De Santana/BA	Graduado em ciências contábeis	Divorciado	Auditor da Receita Federal	10	2	Carro próprio	Casa em bairro aberto	10 anos	Próprio
	2	Feira de Santana	Viva + Papagaio	F	Aleselma Pereira	Casa unifamiliar	38	Motiba/BA	Doutora em geografia	Solteira	Professora universitária	9	2	Carro próprio	Apartamento em conjunto habitacional	1 ano	Próprio
	3	Feira de Santana	Bosque Imperial	F	Rute Santos	Casa unifamiliar	61	Belo Horizonte/MG	Doutora em geografia	Divorciada	Professora universitária	13	1	Carro próprio	Casa em condomínio	17 anos	Próprio
	4	Feira de Santana	Viva + Papagaio	F	Simone Moreira	Casa unifamiliar	32	Cachoeira/BA	Mestra	Casada	Engenheira Sanitarista Ambiental e Professora universitária	11	4	Carro próprio	Casa em condomínio	4 anos	Próprio
	5	Feira de Santana	Acqua Ville	M	Romário do Nascimento	Casa unifamiliar	42	Vitoria Da Conquista/BA	Ensino superior incompleto	Solteiro	Securitário da Caixa Econômica Federal	6	2	Carro próprio	Casa em condomínio	4 anos	Próprio
	6	Feira de Santana	Senador Life	M	Marrone Santos	Apartamento	45	Salvador/BA	Graduado em economia	Casado	Auditor da Receita Federal	26	3	Carro próprio	Casa em condomínio	1 ano	Alugado

Fonte: Trabalho de campo (2019-2121). **Organização**: MARES (2021)

Quadro 4 [Continuação]. Síntese das entrevistas com citadinos dos habitats residenciais fechados, Vitória da Conquista-BA (2019-2021).

TIPO URBANO	Nº	CIDADE	CONDOMÍNIO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	TIPO MORADIA ATUAL	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	CONDIÇÃO CIVIL	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	MEIO DE TRANSPORTE PRINCIPAL	TIPO MORADIA ANTERIOR	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA AQUISIÇÃO DA PROPRIEDADE
Cidade Média	1	Vitória da Conquista	Ouro Verde	M	Noberto Santos	Apartamento	30	Vitória da Conquista/BA	Engenheiro Civil	Casado	Engenheiro civil	13	3	Carro próprio	Casa em condomínio	4 anos	Próprio
	2	Vitória da Conquista	Parque Vitória	M	Jorge Ferreira	Casa unifamiliar	27	Itabuna/BA	Graduação em Administração	Casado	Relações comerciais de mercado	6	3	Carro próprio	Casa em condomínio	1 ano	Próprio
	3	Vitória da Conquista	Portal do Sol	M	Michael Filho	Apartamento	38	Salvador/BA	Graduado em Administração e técnico em Corretagem	Casado	Corretagem e Empresário	10	2	Carro próprio	Casa em condomínio	4 anos	Próprio
	4	Vitória da Conquista	Parque Vitória Sul	M	Janio Santos	Apartamento	29	Anagé/BA	Técnico em agropecuária e estudante de engenharia ambiental	Casado	Engenheiro ambiental	5	3	Carro próprio	Casa em bairro aberto	1 ano	Próprio
	5	Vitória da Conquista	Jardim Guanabara	F	Patrícia Milani	Apartamento	50	Vitória da Conquista/BA	Engenheira Agrônoma	Divorciada	Engenheira Agrônoma	4	1	Carro próprio	Casa em bairro aberto	1 ano	Próprio
	6	Vitória da Conquista	Green Ville	F	Tania Mara	Casa unifamiliar	45	João Monlevade-MG	Engenheira Agrônoma	Divorciada	Aposentada	5	3	Transporte por aplicativo	Casa em bairro aberto	12 anos	Própria

Fonte: Trabalho de campo (2019-2121). **Organização**: MARES (2021)

Concomitantemente, lançamos mão da revisão da bibliografia sobre as cidades médias, em geral, e sobre as cidades baianas pesquisadas, em particular. Soma-se, enfim, a apresentação do(a)s entrevistado(a)s, tentando uma caracterização dos perfis de quem mora nesses empreendimentos, explorando-se os dados dos entrevistados em quadros de perfis, cruzando as informações de modo comparativo entre as cidades estudadas e, de modo complementar, pensando a escala do estado.

A produção da informação além da reflexão sobre o objeto investigado *per se*, também, requer uma constante (auto) reflexão metodológica sobre os (des) caminhos da pesquisa qualitativa e de defender o fortalecimento o posicionamento que tem a entrevista:

> Como instrumentos potentes da investigação social e da produção de conhecimento, com base numa aceitação cada vez maior de que o espaço geográfico não é uma dimensão apenas externa aos seres humanos, mas também, intrínseca e, portanto, condicionante dos modos de vida e das práticas espaciais dos sujeitos. (GÓES, et al. (2022, p. 79).

Desse modo, justifca-se o uso das entrevistas semiestruturadas como importante recurso de apeensão dos simbolismos do espaço, do movimento implícito nas dinâmicas socioespaciais da produção do espaço em relação de codeterminação com base nas práticas espaciais dos sujeitos.

1.2.2 Croqui

Na segunda parte do roteiro de entrevista (Anexo I), depois de adentrar nas especificidades das práticas espaciais do(a)s entrevistados, partimos para a construção de referenciais espaciais dos depoimentos feitos, com um bloco de pontos mais diretamente pensandos para a elaboração dos três últimos instrumentos geradores (croqui, categorização-palavras-síntese, metáfora), bloco temático "Cotidiano e cidade". Os referenciais espaciais citados em depoimentos foram requeridos, na sequência, em forma de representação gráfica, um croqui (Figura 5).

Tomamos o croqui[8] como um segundo momento do procedimento metodológico eleito, realizado na situação de entrevista com moradores dos habitats residenciais fechados. Trata-se de um procedimento representacional, por meio de uma imagem, um desenho, que é feito pelo(a) morador(a) (Figura 5). O objetivo buscado é que, com a elaboração do croqui, seja facilitada a ativação e expressão de elementos que a oralidade e as formalidades da entrevista ainda não alcançaram, pois, ao tentar representar-se, o entrevistado se vê naquele espaço diário que parece banal, aciona emoções e afetos que o repetitivo (o concebido) tende a escamotear, enfim, reflete sua condição corpórea, sensorial ao deslocar-se pela cidade[9].

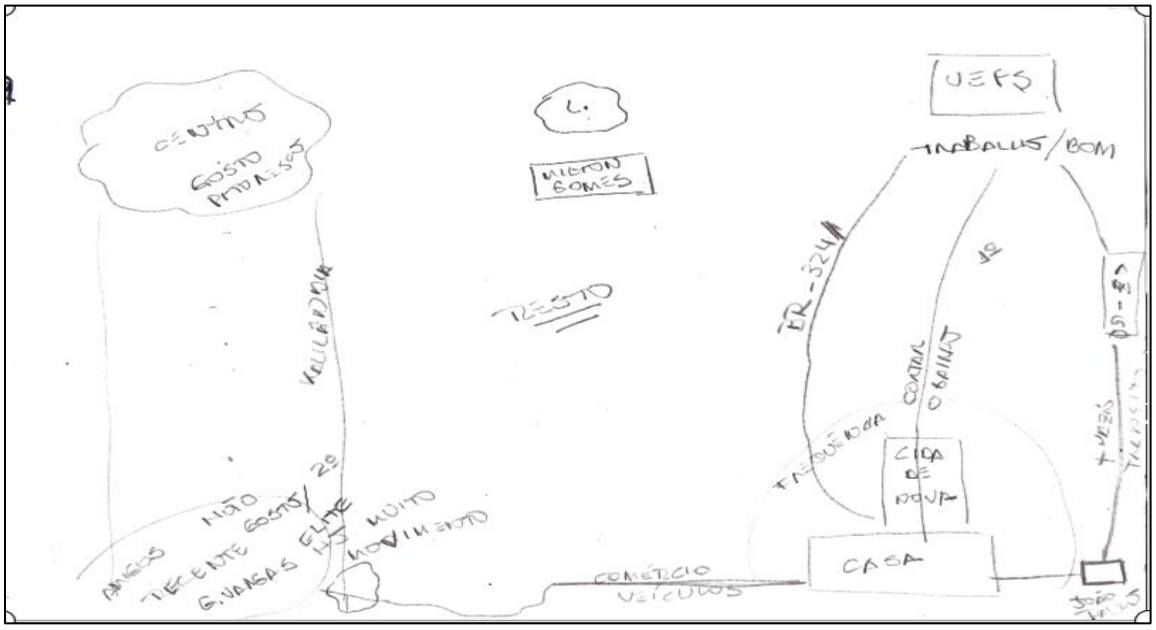


Figura 5. CROQUI. Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR). Rute, moradora, representando a cidade de Feira de Santana-BA. Trabalho de campo, jul/2019.

[8] Em Bomfim (2010), esse instrumento denomina-se de "desenho" e constitui-se como o primeiro instrumento a ser trabalhado na elaboração de mapas afetivos. A pesquisdora justifica sua escolha por objetivar deflagrar, no entrevistado, primeiro uma representação gráfica antes da escrita, procedimento que foi alterado em nossa tese em atendimento aos nossos pressupostos teórico-metodológicos, conforme vem sendo explicado no decorrer desta seção.

[9] Durante o trabalho de campo, a ativação de emoções, afetividades através da elaboração do desenho deflagrou também, situações de grande sensibilidade nos entrevistados que neste momento expuseram outras sensações como choro.

O uso do croqui nesta tese não é tomado como principal e/ou mais importe instrumento de investigação, mas, antes, justifica-se seu incremento à metodologia aqui adotada, como uma possibilidade de aproximação com maior profundidade na experiência dos sujeitos e do espaço citadino investigado pela possibilidade de não apenas identificar as percepções (entrevista semiestruturada) do(a)s morador(a)s dos habitats residenciais fechados, como também, as concepções (materiais e imateriais) que se projetam no espaço.

Após termos lidado em uma primeira parte do roteiro de entrevista (perfil, práticas de consumo, lazer, relações sociais), utilizamos os pontos do Bloco J – Cotidiano e cidade[10] (Quadro 5) para lidar com os demais instrumentos geradores, como o croqui e elementos requeridos na categorização. Fora entregue material de papelaria (folhas A4 coloridas, lápis grafite e em cores, canetas coloridas, borrachas e réguas) e, após a explicação dos procedimentos, solicitamos que o(a) entrevistado(a) representasse a cidade conforme a sua rotina.

Quadro 5. Roteiro de entrevista a morador. Bloco J – Cotidiano e cidade
J.1. Para iniciar, você deverá utilizar os materiais propostos, ou outro de sua preferência, para expressar sua forma de ver, representar ou sentir a cidade em que vive através de um desenho nesse papel cartão. (nesta parte da entrevista, deixou-se disponíveis papéis cartão, lápis preto e em cores, apagador etc.) J.2. As seguintes perguntas fazem referência à representação (desenho) da cidade feita por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões. J.3. Explique, brevemente, qual significado a sua representação tem para você. J.4 Descreva que sentimentos a sua representação lhe desperta. J.5. Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação à representação feita por você acerca de sua cidade. Agora, você responderá a perguntas sobre a sua cidade. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas, sim, sua opinião. J.6. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a cidade em que você vive, o que diria, considerando: J.6.1Pertinência: (identificação com o lugar). J.6.2 Contraste: (polarização negativa/positiva).

[10] Adaptado de BOMFIM (2010).

J.6.3 Agradabilidade: (sentimentos vinculados à cidade e suas qualidades positivas).
J.6.4 Insegurança: (algo inesperado, instável, às vezes negativo).
J.7. Se você tivesse que fazer uma comparação da sua cidade com algo, com o que você a compararia? (analogias, metáforas)
J.8. Você anda sozinho? Como você se sente?
J.9. Descreva dois caminhos que você percorre sozinho (utilize nomes de lugares de origem e de destino, detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto, características que permitam identificar estes lugares etc.). Indique, também, para que finalidade você percorre esses caminhos.
J.10. O que você mais gosta na sua cidade?
J.11. O que você não gosta na sua cidade?
J.13. O que você gostaria que existisse na sua cidade?
J.14. Você participa de alguma associação, quer seja, de vizinhos, cultural, reivindicatória, solidária etc.?
J.15. Você participa, ainda que eventualmente, de movimentos sociais?
J. 16. (Caso não tenha sido mencionado nas respostas anteriores): Faz uso da internet para sociabilidade? utiliza as redes sociais para participar de alguma associação ou movimento social? Em caso positivo, qual? Qual finalidade ou objetivos?

A partir desse momento, a interferência da pesquisadora é a mínima possível, sendo requerida, vez o outra, para repetir uma explicação ou condição do procedimento. A intenção é que o processo seja realizado integralmente pelo(a) entrevistado(a), sem influências diretas ou indiretas da pesquisadora que, nesse momento, apenas observa e faz anotações. Ainda assim, não perder de vista que há um conjunto de elementos que influenciam esse momento de contato entre o sujeito entrevistado e o(a) pesquisador(a), e que podem, até certo ponto, "moldar" sua resposta, a exposição de uma ideia que se tem do espaço investigado, de uma repulsa/atração, silenciamento, constrangimento etc. relacionado à situação (de raça, gênero, classe) do(a) pesquisador(a).

Das ocorrências durante esse momento, tivemos entrevistados(a)s que silenciaram e apenas fizeram o croqui, outros o faziam, ao passo que emitiam comentários sobre a cidade, sobre sua rotina, apesar da representação pedida referir-se ao tempo presente em alguns casos, ativavam-se memórias de outras temporalidades. O ponto de partida para elaboração do desenho, via de regra, dava-se a partir da moradia atual e,

dela, reproduzia-se os demais objetos, conforme a demanda de cada citadino entrevistado.

A posição da pesquisadora, nesse momento, era a de escuta e observação. Enquanto isso, eram feitos, discretamente, registros no diário de campo, haja vista, alguns comentários dos entrevistados, no momento de elaboração do croqui, poderem ser explorados em questões subsequentes e que comporiam as análises, posterirormente. Assim como em Bomfim (2010), não era objetivo da pesquisadora identificar significados ou sentidos do croqui feito pelo(a) morador(a) naquele momento.

Um dos pontos que compõem o roteiro de entrevista (bloco J, Quadro 5), sobre dois percursos que os moradores fazem com maior frequência no cotidiano, é registrado no croqui no qual o(a) morador(a) descreve o percurso feito, rotas escolhidas, meio de transporte, se o faz sozinho ou na companhia de alguém, o tempo gasto, as sensações que lhes são despertas, as observações feitas ao longo do percurso traçado no croqui (pontos que lhe chamavam a atenção, sentimentos despertados, alguma memória etc.), tendo como ponto de origem a sua atual moradia.

É um momento em que o(a) morador(a) faz sua apreciação sobre a estrutura espacial da cidade, sobre possibilidades de melhoria, pontos positivos, pontos negativos e o que poderia melhorar sua experiência urbana. Com essas informações e os percursos traçados no croqui, associamos esses registros às imagens de satélite e/ou à própria base cartográfica das cidades, para produção dos mapas de percursos comentados, cartogramas e demais produtos cartográficos.

1.2.3 Categorização e Palavras-síntese

As palavras-sínteses compõem o momento posterior à elaboração do croqui e sua descrição. Segue-se para a questão feita ao entrevistado(a) sobre quais os significados atribuídos/despertados ao elaborar o croqui. É um modo de tentar caminhar para uma síntese e saturação de respostas anteriores. Nessa fase, é solicitado à(ao) morador(a) que

expresse, a partir do croqui, quais sentimentos e sensações lhes são provocados numa sequência de seis palavras, variando entre sentimentos, qualidades e características, de modo claro e com precisão de seus sentimentos. Segundo orientação de Bomfim (2010, p. 144), "tal clareza é voltada tanto para o sujeito, visto o processo de reconstrução do instrumento que se projeta para as etapas posteriores, como para análise do investigador, sobre a ressignificação do que foi provocado pelo desenho.".

Subsequentemente, foi requerido do(a)s entrevistado(a)s que sintetizassem o croqui feito e a sequência de palavras sobre o desenho, com respostas às categorias: petinência, agradabilidade, inesperado e contraste. As categorias foram criadas por Bomfim (2010), quando da aplicação do teste do procedimento, a partir das afirmações dos depoentes. Na aplicação final, a pesquisadora esclarece que não foi informado ao respondente a que categoria se associava suas afirmações (BOMFIM, 2010).

Em nossa tese, essas informações foram explicadas aos nosso(a)s entrevistado (a)s. Por terem permitido a gravação em áudio da entrevista, as respostas foram registradas oralmente e na própria folha em que o desenho foi feito, seja na face representada, seja, em seu verso. Majoritariamente, as respostas estão registradas em áudio, por poderem expressar-se sem os limites da escrita.

O tratamento das informações tem por referência Bomfim (2010), a qual detalha como foi feita essa abordagem, tema central da sua tese de doutoramento. Como chamamos a atenção linhas atrás, adequações nesse procedimento metodológico foram necessárias, para ajustar às demandas específicas da nossa tese e, em especial, na fundamentação teórico-metodológica de sustentação desse instrumento naquele trabalho e nesta tese, uma vez serem distintos.

Para tratamento e análise das informações obtidas desde as primeiras questões do roteiro de entrevista semiestruturada, do croqui e da categoriazação, a orientação seguiu, inicialmente, as possibilidades apresentadas por Bomfim (2010). Quanto à

representação gráfica, do tipo de croqui elaborado, sinteticamente, agrupamos em alguns itens, sem o prejuízo de outros elementos serem considerados:

1. *Tipo de representação/croqui:* (isomorfismos) isto é, quando o desenho tende a expressar a mesma estrutura como que na realidade; pode, também, apresentar elementos isolados do urbano, que não se detêm a uma ideia de totalidade; ainda, representa elementos do urbano como metafóricos, ou seja, que podem corresponder ou não à realidade.

2. *Perspectiva* de como se vê o croqui: o(a) entrevistado(a) pode partir de uma visão de totalidade da cidade (onipresença), uma representação gráfica que mostre uma dimensão panorâmica ou que seja representativo de apenas uma parte da estrutura urbana (reduzida).

3. *Elementos* do desenho: podem representar elementos naturais (natureza); edificações, arruamentos, circulação de pessoas, trânsitos etc. (estrutura urbana); dentre outros elementos metafóricos, abstratos, do que necessariamente aqueles que remetem a realidade da estrutura urbana; pontos turísticos (signos emblemáticos); representações que envolvem trajetos, limites, confluências, monumentos (cognição);
4. *Significado:* resposta dada pelo(a) entrevistado(a) ao descrever o croqui e explicar o que aquela representação (aquela imagem da cidade) significa para ele(a).

5. *Qualificação* da cidade: substantivos e adjetivos usados para qualificar a cidade.

6. *Sentimentos*: aqueles investidos no momento da elaboração do croqui pelo(a) entrevistado(a).

7. *Representação*: a representação atribuída pelo(a) entrevistado(a) ao operar comparações da cidade expressas em seu croqui e que será concluída com as metáforas.

8. *Trajetos e caminhos*: registro dos percursos mais rotineiros feitos pelo(a) entrevistado(a)s, com descrição detalhada, é o momento do registro dos percursos comentados.

O tratamento das informações do croqui e categorização deram-se em associação com os demais instrumentos e compõem a redação da tese, em forma de citações, quadros e através das análises empreendidas. É importante considerar que a categorização acima,

identificada de 1 a 8, é "transversada", pois, transversão também significa transformação. Pelo que identificamos anteriormente, avalia-se, também, pares constrastantes, o que está presente ou ausente; o que é disposto como perto ou longe; o que é apresentado com algum conhecimento, ainda que tácito, e o que é desconhecido.

Assim, considerando o passo a passo indicado por Bomfim (2010; 2008), de posse das respostas ao roteiro de entrevistas semiestruturada, dos croquis elaborados pelo(a)s moradores, do processo de categorização o tratamento da informação continuou com análise de conteúdo categorial, ou seja, um processo de codificação e condensação que finaliza com a construção de uma representação ou imagem da cidade, a qual denominamos "sintaxe". Essa técnica prioriza a análise qualitativa (partindo da análise de conteúdo categorial) e a análise de subtextos (sentido e motivos), compõem-se do croqui, sua descrição, dos dois principais percursos cotidianos e das quatro categorias de síntese da cidade.

A exemplo do que tem sido apreendido com informações e análises, sobretudo, do já citado Bloco J – Cotidiano e cidade (Quadro 5), tais pontos compõem a redação do texto em forma de reflexões, como, também, de citações diretas. Para um destaque em relação às demais citações de autoras e autores que nos servem de apoio na discussão, os depoimentos dos sujeitos que nos cederam entrevistas foram expressos no que denominamos de "Caixas de Diálogo", numeradas sequencialmente por ordem de chamada no texto, acompanhadas do tema do bloco de questões a que se referem (ex.: Caixa de diálogo 1 – Motivação).

Esta categorização direciona-se ao atendimento de demandas, como: trabalhar com as descrições das quatro cidades investigadas com base em concepções e percepções dos moradores entrevistados; categorizá-las, segundo suas práticas espaciais; e para identificar seus espaços representativos, imergidos em sua experiência urbana e desvelados por meio dos relatos e descrições sobre seus percursos cotidianos e representações.

O conjunto de questões feitas aos entrevistados para categorizar cada cidade, por meio de aspectos relativos à pertinência, contraste, agradabilidade e inesperado, expressa como eles percebem e vivenciam a cidade e se soma aos elementos formadores da imagem que esses constroem e que, por conseguinte, tendem a vivenciá-la. Essas 'imagens da cidade" são organizadas em montagens denominadas de "Sintaxes", como explicado linhas atrás.

Ainda que tenham sido informações acessadas de experiências individuais, o foco se deu na relação desses moradores em um contexto de sociabilidade. Logo, ressaltamos que o trabalho com esses quadros foi analisado contextualmente, no âmbito social e de interrelações, lidas através das práticas espaciais desses sujeitos entrevistados enquanto grupo social, identificado, perfilado como uma parte da totalidade que é a cidade pesquisada e, no quadro mais geral, da análise pretendida sobre a urbanização brasileira.

Assim, a partir desse ponto, analisamos as formas de linguagem que um determinado grupo social expressa numa dada realidade pensada, vivida, um modo geral de relação com o mundo, atravessado por um discurso que não necessariamente comporta uma dada realidade, nem uma realidade superior, mas, por certa coerência. É o que dá sentido às linguagens, às representações do vivido e do real.

No estudo sobre a cidade, é importante contextualizar e avaliar seu processo de estruturação, pois, Bomfim (2010) defende que elementos como monumentos, confluências, bairros, caminho ou limites influenciam a relação do sujeito com o espaço urbano e promovem a formação de imagens e significações acerca da cidade experimentada, haja vista, a concepção expressa pelo citadino resultar de um processo histórico que implica pensar as relações de produção fundamentais para delinear as relações sociais, isto é, a produção social e espacial. Logo, em se tratando de análise comparativa, a técnica pode identificar diferenças e similitudes entre as cidades

estudadas, o que vem ao encontro da proposta desta tese desde a escolha de tipos urbanos com similitudes e distinções.

Com esse recurso, discute-se sobre como as representações da cidade implicam na existência de concepções pré-elaboradas de identidades, seja dos sujeitos ou do próprio espaço. Concepções e identidades que ganham reforço no discurso, materializando-se no espaço construído sem, com isso, desconsiderar as subjetividades. O que impacta não apenas no planejamento urbano, como também no modo como o sujeito se relaciona com esse espaço, em suas práticas espaciais.

1.2.4 Metáfora

Esta fase conclui as interpretações, significados e análises da cidade, com base nos instrumentos já realizados (roteiro de entrevista, croqui, categorização). É o momento em que se faz uma comparação da cidade com algo, com a utilização de uma metáfora, vista como última síntese de compreensão do sentido da experiência urbana e sua expressão. Do(a) entrevistado(a), pede-se que exprima sua capacidade analítica na elaboração de imagens (significados) da cidade por meio de uma analogia, uma comparação.

Ainda que o perfil cultural e a escolaridade do(a)s entrevistado(a)s acessados lhes dessem uma condição, a *priori*, de tal realização, esse procedimento causou estranhamento am alguns dos sujeitos. Houve quem tivesse maior dificuldade e, ainda que não seja recomendado, a pesquisadora reforçou a explicação do item para que tivesse alguma resposta do(a) entrevistado(a). Sobre o uso das metáforas, Bomfim (2010, p. 138) coloca que:

> As metáforas rompem com a tradição filosófica e linguística de base positivista, pois fogem da noção de conhecimento como racionalidade e da semântica como formalidade. [...] fazendo, pois, um paralelo entre as metáforas e os sentimentos, poderíamos dizer que ambos caracterizam-se pelo cultivo da intimidade, refletem a experiência da vida cotidiana e

> permitem o insight comunitário e o contato com a coletividade. (BOMFIM, 2010, p. 138/139).

A dificuldade demonstrada na realização desse procedimento por parte do(a)s entrevistado(a)s diz muito sobre as impressões da pesquisadora, também, sobre a dificuldade em lidar, em uma pesquisa acadêmica-científica, com as subjetividades de um grupo social que difere, em certa medida, da realidade da pesquisadora, inclusive. As dificuldades estão na busca por procedimentos metodológicos que atendessem as demandas do objeto e lidassem com essas dimensões subjetivas, de operacionalizar esse instrumento pensando o contexto de uma pesquisa qualitativa em geografia. Conforme pontuam Góes et al. (2022):

> Não é demais lembrar, entretanto, que, em pesquisas, a relação entre objetividade e subjetividade está sempre presente não apenas porque ela é própria do universo humano, como pelo fato de que razão e intuição, observação e interpretação, planejamento e capacidade de aproveitar o inusitado misturam-se na condição do pesquisador, tanto quanto dos sujeitos que contribuem para a pesquisa. (GÓES et al., 2022, p.82).

Mais ainda, lidar com o tratamento dessa informação, passando a um nível analítico e explicativo da realidade e suas contradições que se desejava investigar e encontrar uma linguagem que fosse acessível e suficientemente clara sobre os propósitos estabelecidos para esta investigação.

Não se trata de afirmar que os fatos sociais não são compreendidos, essencialmente, pelos conhecimentos científicos, ou que se esteja relativizando em demasiado estes fatos sociais, pela lida com instrumentos metodológicos tidos como simplistas e reduzidos a elementos linguísticos, mas, como pontua Lefebvre (1966, p. 112): "os factos sociais devem colher-se segundo sua especificidade, como significações e como sentidos. Sobretudo quando se trata de <campos> e <sistemas de sinais>, que se fazem passar como tal.". Para esse mesmo autor (1991b), ao analisar a urbanização crítica, com o uso de metáforas, pode-se dizer que fenômenos desenrolados em um momento de crise

não são menos complexos do que outros fenômenos físicos e que o conhecimento que ignora esse contexto cairá numa especulação cega.

Apoiando-se na teoria da linguagem de Nietzsche, Lefebvre (1976) associa o discurso, as relações sociais e os valores que constituem tais relações, afirmando que a palavra e a linguagem não designam mais relações entre coisas e pessoas, elas expressam metaforicamente essas relações e pontua:

> Metaforización la ya en el hecho de transponer uma exicitación nerviosa (téctil, auditiva, visual) en una imagen y luego en un sonido. Metáfora debe entender-se en sentido estricto: salto de una esfera a outra, capacidad de cambiar un ser en otro, metamorfosis. (LEFEBVRE, 1976, p. 223, grifos do autor).

Afirma, ainda, que a linguagem (ou língua) deve ser entendida como essencial para a vida social e que não deve ser definida estritamente por um saber, virtual ou atual, mas como um poder de metamorfose, já que o conhecimento não é uma aquisição definitiva, mas se re-faz continuamnete desde os primórdios (no tempo e no espaço) da humanidade. Por meio da metáfora, tem-se a continuidade desse ato de re-fazer, re-surgir continuamente no mundo, de outro mundo, do sensível, da natureza, da sociedade e suas normativas e valores, isto é, o mundo da experiência vivida (LEFEBVRE, 1976).

Assim, entendemos que o processo de metaforização é um instrumento eficaz nas questões aqui aventadas, por jogar luz sobre dimensões subjetivas de difícil acesso e tratamento. Assim, possibilita acessar muitas informações, por direcionar as outras dimensões analíticas, difíceis de tratar, de analisar e de formular o que facultam. Trata-se de mais um instrumento e modo de se apreender a dimensão social do imaginário do citadino, expressando-se nas representações do espaço por isso, ser uma escolha para compor o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR).

O tratamento da informação advinda das metáforas é ora atrelado às palavras-sínteses, por meio dos quadros apresentados no item anterior, ora são operadas análises no corpo do texto, com as caixas de diálogo, sobre as correlações entre metáforas e

representações. Durante a elaboração do croqui pelos sujeitos entrevistados, houve momentos de contradição entre o respondido no momento anterior e a representação gráfica erigida pelo mesmo sujeito. Isso indica o potencial complemento da avaliação dos croquis como reveladores de discursos e representações. No roteiro de entrevista semiestruturada nas questões gerais sobre a cidade, por exemplo, vimos respostas pensadas, planejadas, que funcionam como uma forja do discurso, adaptando-o ao interlocutor e servido para esquivar-se de uma questão ou outra.

Paradoxalmente, no momento da elaboração do croqui, sob orientação da pesquisadora que ali estava ativando outros aspectos (sensoriais, emocionais e afetivos), sugiram depoimentos mais densos sobre a vivência na cidade, ora com maior abertura por parte do entrevistado, em revelar sutilezas do cotidiano, ora com respostas que contradiziam o que já havia sido dito anteriormente. Todas essas percepções foram atentamente registradas em nosso diário de campo. Além do próprio desafio de interpretação, síntese e avaliação das informações e registros, há que se ressaltar nossa preocupação de não implicarmos numa análise circunscrita à Psicologia social, mas de cotejar tais resultados à proposta da tríade espacial lefebvreana e de avaliar os entrevistados como sujeitos sociais e não como indivíduos.

1.2.5 Outros procedimentos associados: cartografia, pesquisa documental e bibliográfica

Com o avanço da vacinação e demais cumpriementos de medidas sanitárias, foi realizado o trabalho de campo presencialmente, em setores e repartições públicas que nos atenderam, bem como, entrevistas a agentes bem informados e, principalmente, foi realizado o reconheicmento espacial e de referenciais apontados no momento da execução dos procedimentos metodológicos com o(a)s moradores dos habitats residenciais fechados, dando condição de debater, pontuar e sintetizar as principais questões levantadas na tese, *in loco*.

Evidentemente, o trabalho não se encerra quando do retorno à instituição sede da pesquisa; tem-se um desdobramento desse e também outros desafios de como lidar com todas as informaçõe e dados obtidos nessa fase do fazer científico, além da condição de "estar lá e escrever aqui", como nos faz refletir Geertz (1989, p. 62, grifos do autor), "da construção imaginativa de um terreno comum entre o *Escrito Para* e o *Escrito Sobre*".

No interim entre a realização das etapas de trabalho de campo, atividades foram empreeendidas, como busca por informações complementares para caracterização das cidades selecionadas, também retratadas desde a noção de tipos urbanos (cidades médias e aglomeração urbana; cidade média próxima a área metropolitana e distante de área metropolitana), bem como, dos habitats residenciais fechados pesquisados em cada uma, utilizamo-nos das informações prestadas pelo(a)s moradores no momento da entrevista, ao descrevem a estrutura do seu local de habitação. Acessamos, também, sites dos construtores/corretores de imóveis e sites dos próprios habitats residenciais fechados, quando havia.

Para informações demográficas, censitárias, socioeconômicas, político-administrativas, bases e *shapes* para produção cartográfica, foram acessadas plataformas de base de dados de acesso aberto, como as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), além daquelas estaduais e municipais, via de regra, das prefeituras e do governo estadual. Tais informações, a exemplo das censitárias e demográficas, foram tabuladas no *software* Excel, ferramenta de maior acessibilidade e diversidade de funções para o tipo de dado trabalhado, permitido, dentre outros, a criação de tabelas e gráficos para composição das análises mais objetivas e claras do conteúdo debatido.

Somado à caracterização dos habitats residenciais e das cidades, fez-se sua localização nos tipos urbanos baianos selecionados, isto é, um dos resultados é a produção cartográfica que, além de apoiar a descrição e localização dos habitats residenciais, é instrumento usado para contextualizar as cidades investigadas na tese.

Logo, contarmos com o recurso cartográfico é de fundamental importância nesta tese, indo além da rudimentar localização das cidades investigadas, também, da elaboração de mapas temáticos e cartogramas (mapas sínteses, populacionais, econômico, político-administrativo, rede de cidades, fluxos, percursos etc.), como também, enquanto base de análise das proposições metodológicas.

A produção de mapas foi feita com o uso do QGIS, primeiramente por ser um *software* livre, com código-fonte aberto, multiplataforma de sistema de informação geográfica, com o qual é possível visualizar, editar e analisar dados georreferenciados[11]. A base cartográfica utilizada é da SEI (2015), fontes de acesso Bahia (2011, 2010, 2003), IBGE (2010, 2019), com o uso do sistema de coordenadas geográficas (Latitude e Longitude) e do sistema de referência das coordenadas EPSG:4674, SIRGAS 2000, com projeção polifônica. Em virtude da demanda e de otimização do tempo, tivemos apoio de profissionais da área para produção dos mapas que compuseram esta tese, com quem avaliamos conjuntamente o modo mais eficaz de produzir a informação desejada.

1.3. Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR)

Para a apreensão das práticas espaciais legíveis desde a dimensão do habitar e para se avaliar a conformação de uma lógica fragmentária, elegemos um conjunto de procedimentos, técnicas e instrumentos metodológicos na tentativa de ler, representar, interpretar e avaliar a realidade e dela produzir um [novo] conhecimento. Para tanto, inserem-se nesse conjunto, atividades cognitivas que envolvem observar, descrever, analisar, sintetizar e avaliar.

[11] "O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. O QGIS é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation (OSGeo). Funciona em Linux, Unix, Mac OSX, Windows e Android e suporta inúmeros formatos de vetores, rasters e bases de dados e funcionalidades". Fonte: https://www.qgis.org/pt_BR/site/about/index.html Acesso em janeiro/2021.

Isso se traveste nos relatos e representações dos lugares, condutas e paisagens; nas observações sistemáticas registradas em diários de campo (físico e digital); nos registros em áudio, vídeo e fotográficos; na produção da cartografia de base e de síntese. Essas atividades cognitivas e seus meios de realização na pesquisa, os procedimentos e técnicas, ligam-se às opções de Método, concernentes ao nosso problema de pesquisa. Com isso, temos construído um conjunto balizador de representações acerca do objeto pesquisado, representações essas que são, em nossa tese, dos sujeitos sociais investigados e da própria pesquisadora.

Como descrito na seção anterior, a construção desta metodologia teve como ponto de partida a proposta de Bomfim (2010), à qual nos aproximamos, em um primeiro momento, por possibilitar outra estratégia de representação da cidade, tendo como referência a propria estrutura urbana como indutora de imagens e representações. Para essa autora, a compreensão da cidade implica na experiência urbana cotidiana, tendo a emoção e o afeto como mediadores das construções e descobertas dos citadinos. Essas foram as bases para o que se denominou de Mapa Afetivo.

Os mapas afetivos também foram traballhados em Andriolli (2006), relacionando-os à memória e às histórias de vida, afirmando que os mapas afetivos suprem uma lacuna que os mapas físicos ou econômicos não alcançam, como as lembranças de pessoas que ocupavam determinados lugares, das suas práticas espaciais, sabores, sons, cheiros, ao destacar:

> Os mapas afetivos, por outro lado, são lugares da memória. São criações de lembranças revividas pelo indivíduo, tanto de territórios que representaram multiplas atividades de tralaho, de moradia, de lazer, de festa, de religiosidade, quanto de pessoas ou membros. (ANDRIOLLI, 2006, p. 165).

Andriolli (2006) lançou mão desse recurso para reconstituir, por meio de lembranças individuais, percursos de vida de moradores de colônias e diaristas que viveram na Fazenda Jatahy, uma antiga fazenda cafeeira na região de Ribeirão Preto-SP,

entre 1925-1959, atualmente, a Estação Ecológica de Jataí, sob gestão do Estado de São Paulo. Com os mapas afetivos, em diálogo com outras técnicas de pesquisa, trabalhou-se na reconstituição de uma memória coletiva, atribuindo-lhe o *status* de lugar de memória, muitas vezes, que se opõe à memória oficial, ao se referir aos mapas afetivos como representação da "memória subterrânea" (ANDRIOLLI, 2006, p. 172).

Ressalva-se que, ainda assim, não se trata de uma reconstrução ou representação fidedigna do tempo (espaço) vivido no passado, já que se trata de mapas feitos com base em elementos do (tempo-espaço) presente. Contudo, com esse recurso, tem-se a possibilidade de reconstruir, por meio da lembrança, percursos em espaços públicos ou privados e ações desenvolvidas que não compunham mapas demográficos, físicos, econômicos etc.

Para Bomfim (2010, p. 222), os mapas afetivos "são representações do espaço e se relacionam com qualquer ambiente como território emocional. São instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima da cidade**".** Segundo a autora, os mapas afetivos contêm os mapas cognitivos, mas buscam ir além da orientação espacial ou localização geográfica, sendo orientadores de estratégias e avaliação de níveis de apropriação e identidade social urbana, e podem ilustrar os agenciamentos entre o indivíduo e o espaço ou lugar apropriado.

Com base na psicologia ambiental e na psicologia social voltada para o ambiente urbano, Bomfim (2008) enfatiza a perspectiva psicossocial e sociocultural para análise de formas de organização territorial, propondo superação de análises dicotômicas, como por exemplo, homem x sociedade, objetividade x subjetividade, racionalidade x afetividade.

Bomfim (2010) propôs três instrumentos geradores dos mapas afetivos: o desenho, a metáfora e o questionário (associados à linguagem escrita dos sujeitos participantes da pesquisa doutoral). Assim, a ideia de "mapa afetivo" é metafórica. Do ponto de vista categorial, para a supracitada autora, os mapas afetivos representam a síntese da relação do sujeito com a cidade.

Logo, com base no desenho, isto é, uma projeção da cidade do ponto de vista do citadino, e da metáfora, recurso linguístico de linguagem figurada indicadora dos afetos, ambos assentados na vivência dos sujeitos imersos no cotidiano citadino, revelam-se os subtextos da experiência urbana (BOMFIM, 2008). No que se refere ao modo de análise das informações obtidas através de um questionário, tratou-se de uma análise de conteúdo categorial, um processo de codificação e síntese que se finalizou com a elaboração dos mapas afetivos, síntese, portanto, dos procedimentos.

A proposta de Bomfim (2010) tem por orientação utilizar os mapas afetivos para interveções psicossociais na intermediação entre os sentimentos deflagrados, associados à realidade da vida cotidiana, ou seja, um meio de acesso aos significados atribuídos por um indivíduo a um objeto de sua realidade, em que se prioriza muito mais a síntese do que a análise, tendencialmente dando maior peso à questão da cognição ou dos sentimentos (como o afeto, a estima), da estrutura ou da subjetividade da cidade, sendo o objetivo central saber como o afeto indica a estima pela cidade.

Nesse ponto, a tese que desenvolvemos se diferencia e se distancia da proposta de Bomfim, principalmente pelo objetivo de compreender a dinâmica espacial dos fenômenos sociais como movimento, captando a lógica social do espaço produzido, como já apontamos (MARES, 2019). Logo, ainda que a análise das experiências urbanas dos moradores de habitats residenciais fechados tenha como ponto de partida a forma relacionada ao habitat, a interpretação não se liga apenas ao espaço construído ou ao que, do ponto de vista da percepção e cognição, essa forma infere da ou interfere na relação entre o(a) morador(a) e o espaço citadino, mas, de como, a partir das práticas espaciais do habitar, acessamos, decifamos, interpretamos e analisamos o conteúdo da vida social, do vivido experenciado no cotidiano urbano.

A alteração e diferenciação estão marcadas, sobretudo, pela questão metodológica. Ainda que tenhamos uma demanda comum, da combinação de dimensão subjetiva e objetiva para interpretação do fenômeno investigado, nossa tese se desenvolve

no contexto de uma pesquisa socioespacial diferentemente do trabalho de Bomfim, que lida com contextos psicossociais e psicoambientais. Em nossa análise, o *corpous* teórico-conceitual e metodológico fora todo construído no âmbito de uma pesquisa socioespacial.

Do ponto de vista procedimental, mativemos a referência em Bomfim (2010), com a utilização de instrumentos como a elaboração do croqui (desenho, para aquela autora) pelo sujeito participante da pesquisa (especificamente do(a)s morador(a) dos habitats residenciais fechados), o uso da metáfora e a proposta de categorização. Adicionalmente, inserimos como primeiro instrumento, deflagrador e de expressividade, relatos orais, um roteiro de entrevista semiestruturada, totalizando um conjuto de quatro instrumentos para compor o que denominamos de Conjuntos de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR), os quais são descritos no subitem 1.3.1, fundamentados em quatro atos.

Três dimensões da prática social, concebido, percebido e vivido, dialeticamente articulados, fundamentam o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais, conforme será melhor detalhado nos subitens a seguir. Reforçamos que esses instrumentos são reiterativos na busca do contraditório, pois, esse conjunto de instrumentos também denuncia contradições, na medida em que adotamos instrumentos que exigem um modo de expressão distinta do discurso, da capacidade de reflexão crítica da consciência do eu e do outro, do simulacro, que pode ser ordenado e organizado, por exemplo, numa entrevista semiestruturada. Assim, as análises podem indicar tanto concordâncias de fato, quanto contradições.

Se a entrevista semiestruturada exige do entrevistado a linguagem oral, estruturada com alguma acuidade formal, os demais instrumentos exigem outras linguagens, ou que a linguagem seja posta em uso de outras maneiras (de expressão, de significação e de interpretação) e nem sempre é a linguagem formal. Essas outras linguagens, portanto, podem denunciar contradições ou reforçar o que está no discurso que é feito desde o primeiro ato (entrevista semiestruturada).

1.3.1 Fundamentação em quatro atos

Nesse item, apresentamos o modo como selecionamos os instrumentos metodológicos que compõem nosso procedimento metodológico principal, bem como, a fundamentação para tratamento dos dados, categorização e análises, a fim de alcançarmos os objetivos propostos, estabelecendo uma coerência metodológica em nossa investigação. Assumimos uma perspectiva autoprovocadora e desencadeadora de reflexões, que estabelecem e expõem um modo de pesquisa e uma leitura do Urbano e da Cidade, que tiveram início na proposta dos Mapas Afetivos (BOMFIM, 2010), ainda que tenham ganhado outro corpo, em razão, em especial, de distinções de Método entre nossa tese e a proposta daquela autora.

Dessa maneira, construímos um caminho distinto do traçado por aquela pesquisadora. Ainda que tenhamos nos embasado em seus instrumentos geradores, demos a eles outra fundamentação, que incidiu sobre o modo de tratar e, principalmente, de analisar as informações, diferenciando-se do procedimento originalmente criado. Nos próximos subitens, essas distinções serão explicadas no que denominamos de quatro atos.

Esses quatros atos, ou dimensões, nos quais os instrumentos estão embasados, alinham-se à estrutura explicativa de sua contribuição, do ponto de vista da análise dos resultados obtidos, como será visto, principalmente, no último capítulo desta tese, em que voltaremos a esse quarteto explicativo. Tendo eleito o espaço vivido como dimensão privilegiada da tríade Lefebvreana (ainda que saibamos, e reforçamos, que não se pode fazer uma análise desassociada dessas partes), lidamos diretamente com o espaço mais íntimo do citadino, o experenciado. Logo, partimos da compreensão da experiência como capacidade de entender o mundo em que se insere, do ponto de vista individual e social, o sujeito e, por essa avaliação, organizamos o pensamento e reflexão acerca dessa experiência.

1.3.1.1 Primeiro Ato: “escuta dos sujeitos”

O primeiro ato é denominado de “escuta dos sujeitos”, referindo-se à “designação do objeto ausente”, tem como objeto o roteiro de entrevista semiestruturada, como pontua Milani (2016, p. 16), privilegia “a fala dos sujeitos, seus depoimentos sobre as experiências vividas socioespacialmente, opiniões e pontos de vista, envolvendo relações contraditórias entre dentro e fora, antes e depois, mudança e permanência, espaço e tempo”.

Esse procedimento permite-nos uma primeira e importante aproximação com o sujeito pesquisado (morador(a) do habitat), por meio do diálogo em torno dos 13 eixos temáticos do roteiro de entrevista (Anexo I), identificando elementos acerca do processo de urbanização nas cidades baianas investigadas.

Tratando-se, sobretudo, das alterações ocorridas no período contemporâneo, que Santos, J. (2011;2020) avalia como de maior complexidade, face ao avanço nas relações e estratégias de reprodução capitalista, promovendo uma superposição de processos e dinâmicas que tanto derivam como justificam essas alterações profundas no modo de produção do urbano e da cidade.

Assim, os relatos do(a)s moradores nos dão um panorama amplo e mais geral sobre as nuances desse **processo,** pois, dizem respeito às concepões desses sujeitos sobre a cidade em que vivem, dos discursos e ideologias associado às concepções deste espaço, de como elaboram representações associadas a um dado estilo vida (diferenciado, distintivo socioespacialmente) associado aos habitats residenciais fechados.

Questões que compõem o roteiro de entrevista semiestruturada, como as que apontam as razões pelas quais deu-se a escolha pela moradia nos habitats residenciais fechados, bem como, do uso de espaços privativos de consumo que a essas moradias se associam, informam o modo como os moradores avaliam tais experiências e os discursos que elaboram a respeito de suas próprias práticas cotidianas (MILANI, 2016). Com tais informações, faz-se condição para se avançar ao segundo ato.

1.3.1.2 Segundo Ato: “expressão gráfica dos sujeitos”

Neste segundo ato, que denominamos de “a expressão gráfica dos sujeitos”, consideramos que o “viver é representar, mas também, transgredir as representações”. Baseamo-nos na elaboração de um croqui e nele o sujeito morador(a) objetiva o que fora enunciado no período anterior. Trata-se de um relato de suas práticas espaciais, em forma de representação gráfica, um desenho da cidade em que vive, com base em suas atividades rotineiras. Nessa fase, além de elementos objetivos, como traçado urbano, pontos de interesse, localização de pontos importantes e percursos, foi solicitado que o(a)s entrevistado(a)s tivessem como referência, também, sensações, sentimentos ou emoções despertadas, tanto pensando o momento presente da elaboraçao do croqui, como aquelas despertadas quando da ativação da memória, na elaboração dessa representação gráfica da cidade.

O croqui é a **expressão gráfica**, construída pelo sujeito, da Forma Urbana, da Estrutura Urbana e da Paisagem Urbana. A avaliação dessa expressão, que é uma representação, dá-se pela observação, pela pesquisadora, de pares constrastantes: do que está presente ou ausente no desenho; do que é disposto como perto ou longe; do que é apresentado com algum conhecimento, ainda que tácito, e do que é desconhecido, dentre outros elementos surgidos. A moradia atual, o **habitat,** é o ponto de partida para a elaboração do croqui, e, nesse, registra-se os percursos para as demais áreas ou pontos de interesse, que traduzirão as partes frequentadas, ou não, expondo, potencialmente, os fragmentos e criando-se uma representação da **cidade**. Nesse sentido, importa compreender, com base na representação erigida pelos sujeitos entrevistado(a)s, como se realiza o uso e a apropriação do espaço urbano. É um momento inicial de confrontamento com os depoimentos registrados nas entrevistas semiestruturadas.

Ainda nesse segundo ato, após a elaboração do croqui, é solicitado ao sujeito morador(a) que faça uma descrição, com anotações no próprio mapa, em seu verso, ou oralmente, da sua representação gráfica da cidade. Essa descrição torna-se, nesse

processo, uma valoração, pois ao explicar seu croqui, o sujeito expõe as escolhas, as evitações, os conhecimentos e os estigmas que comporão suas representaçõs da cidade com base em suas informações espaciais, isto é, dos conhecimentos que detém sobre o espaço (GÓES et al. 2022).

O croqui (desenho), assim, funciona como um provocador, com o qual o(a) entrevistado(a) é levado a uma outra maneira de expressão, que inclua sentimentos e emoções imbuídas nesta e liga-se diretamente às suas práticas rotineiras, das suas escolhas, limites, condições. Faz-se possível apreender a relação entre a expressão gráfica e seu conteúdo, inclusive, elementos subliminares que possam estar ausentes do primeiro discurso registrado na entrevista, isto é, o conteúdo das práticas espaciais, representadas e objetivadas por quem as anuncia, o(a) morador(a) dos habitats.

Com base nesse segundo ato, consideramos que o espaço percebido do sujeito tende a variar, em algum grau, em relação ao espaço-tempo concebido, vide diferenças nos depoimentos feitos no primeiro ato, na entrevista semiestruturada, se comparado com o momento da fitura e descrição do croqui, que se refere às práticas espaciais descritas, seja indicando o uso de determinado espaço não citado no momento anterior, seja não indicando, em seu croqui, percursos e símbolos concebidos do ponto de vista do *marketing*, que ganhou corpo em sua fala, mas que não mostrou amparo quando esse mesmo entrevistado, literalmente, desenhou como é a sua relação com a cidade.

1.3.1.3 Terceiro Ato: “Sintaxe dos Sujeitos”

Derivado dos atos anteriores, o terceiro ato é composto pela categorização e palavras-sínteses. Mais uma vez, trata-se de um confrontamento dos relatos distintos, complementares e anteriores (entrevista semiestruturada e croqui) em uma nova ação de síntese do sujeito, provocada pela pesquisadora, objetivando adentrar mais profundamente no conteúdo das práticas espaciais, dos conflitos e contradições.

Foi solicitado ao(a)s moradores que elaborassem nova síntese desde o instrumento do ato dois, o croqui, agora em quatro categorias ligadas à percepção e cognição; essa síntese prioriza sua experiência urbana e, de algum modo, expressa o que ainda não havia sido relatado por meio dos instrumentos anteriores ou, que pudesse ser melhor definido ou especificado e que fosse representativo da cidade em sua totalidade.

Nessa fase, o foco está no **conteúdo** em que a dimensão do **habitar** foi requerida com mais densidade provocativa e analítica, por entender que habitar está além da função estrita do morar, incluindo o modo de relacionar-se e vivenciar o urbano e os espaços da cidade e com os citadinos, isto é, além da materialidade da prática requer, também, a sua subjetividade espacial, dos significados atribuídos ao espaço (GÓES et al., 2022).

O procedimento consistiu em apresentar as categorias, conforme o Quadro 6, aos sujeitos moradores, sendo solicitado que as respondessem com base na seguinte provocação: caso você estivesse recebendo alguém nesta cidade, que não a conhecesse, como a apresentaria? Quais referenciais indicaria? Essa categorização compôs as Sintaxes apresentadas no capítulo 3.

Quadro 6. Categorização. Terceiro Ato – Sintaxe dos sujeitos

Categorias	**Condição requerida**
Pertencimento	emoções, sentimentos, situações e palavras relacionadas a algum espaço específico ou à cidade de modo mais amplo.
Contrastes	emoções, sentimentos, situações e palavras relacionadas que indiquem contradições na/da cidade.
Agradabilidade	emoções, sentimentos, situações e palavras relacionadas à cidade que possam ser entendidos como adjetivos positivos.
Inesperado	emoções, sentimentos, situações e palavras relacionadas à cidade e seus adjetivos que envolvem algo inesperado, instável, inseguro, não necessariamente negativo, mas que podem o incluir.

Organização: MARES (2021). **Fonte:** Adaptado de BOMFIM (2010).

Com o objetivo de provocar a reiteração e a reflexão sobre a consciência da prática, foi possível um confrontamento com o já exposto pelos sujeitos nos instrumentos

anteriores que nos permitiu enquanto pesquisadores e do sujeito participante da pesquisa lidar com uma diversidade e possibilidades de representação das coisas e não necessariamente a própria coisa em si, ancorados numa experiência espacial que é, ela mesma, *estrutural* (orienta as práticas espaciais), *funcional* (materializa no espçao e no tempo possíveis disputas, conflitos no que toca às condições de acessibilidade) e, *simbólica* (expressa a diversidade de no conteúdos das relações entre individuo e sociedade) (GÓES et al., 2022).

Isso se mostrou perceptível não apenas para a pesquisadora, mas, a esse nível, já notado, também, por alguns sujeitos moradores, que tomavam consciência de suas contradições ou as percebiam, pois, à medida em que foram confrontados com essas categorias, houve a observações como "eu falei isso antes, mas agora…", "apesar de eu ter falado isso, a cidade…". Assim, expressões como o pensado/dito/vivido ficaram latentes nessa finalização do encontro com o sujeito morador(a), mantendo-se a força do espaço percebido para aquele(a) representante que anuncia, ao passo que maior densidade de informações foi sendo agregada à análise conforme se confrontava com o vivido, experimentado.

1.3.1.4 Quarto Ato: "o pensar dos sujeitos"

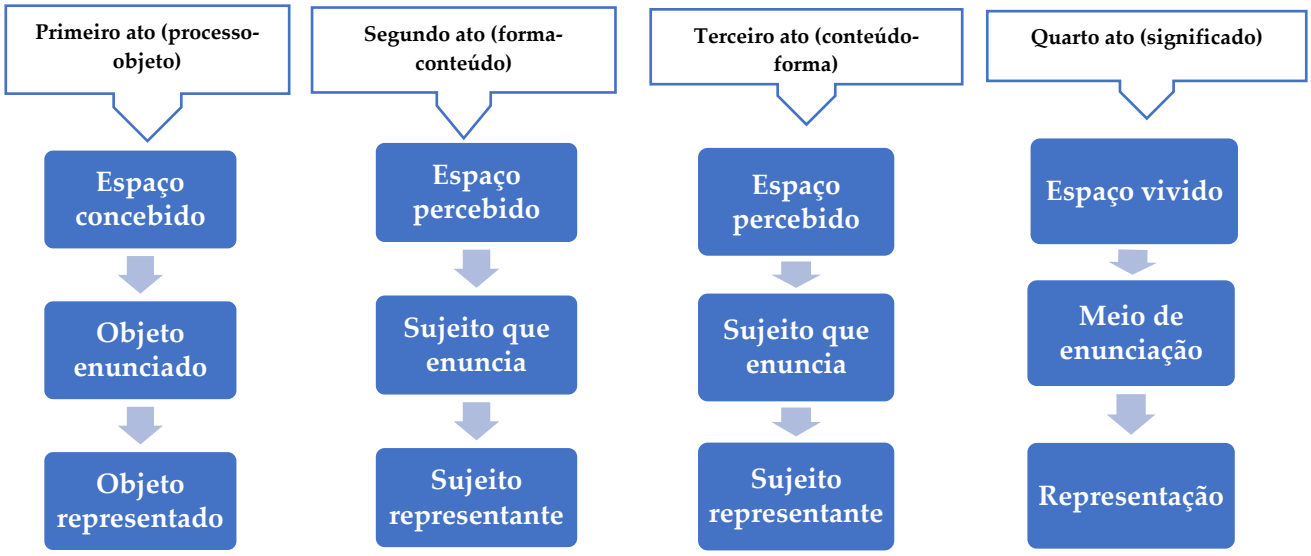
O ultimo passo, o quarto ato, denominamos de "o pensar dos sujeitos", com a ideia de que "pensar é representar, mas, também, superar as representações" e tem por base o uso da metáfora, instrumento que, numa face dupla, permite-nos adentrar mais profundamente na dimensão subjetiva das práticas espaciais, como também é um modo de objetivo de expressá-las, atribuindo um **significado** à experiência urbana.

O significado, portanto, é o foco nesse quarto ato, como síntese final do processo dialógico estabelecido com o sujeito morador(a); relaciona-se às influências, chegando a uma reflexão que nos permita concluir sobre a ordem das transformações que provoca nas práticas espaciais do sujeito, no uso da cidade, nas formas contruídas, operando a

crítica da vida cotidiana, por meio dos significados da experiência urbana, através da sua objetividade e subjetividade, isto é, associando o relacional e o imaterial como unidade e a materialidade.

O processo de metaforização é o meio de **enunciação** do objeto, sua **representação**, é o caminho de acesso à subjetividade da prática social na dimensão mais privativa do coditiano, o habitar, que revela ou deixa-se revelar mais especificamente quando se analisa o espaço **vivido,** fechando a fundamentação do CIMR (Figura 6) o qual, orientamos, seja trabalhado em seu conjunto para melhor alcance de sua potencialidade na pesquisa socioespacial.

Figura 6. Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [CIMR] Fundamentação teórico-metodológica.



Elaboração: MARES (2021).

Os (des) caminhos trlhados ao longo do doutoramento em busca de instrumentalização teórico-metodológica foi, antes de tudo, um esforço para apresentar uma brecha no universo de elaboração do conhecimento, da existência, da consciência e

do real ao construir nossa metodologia de pesquisa e refletir sobre a atual dinâmica socioespacial das cidades na Bahia.

A construção do Conjunto de Instrumentos Metdologógicos Representacionais faz parte da materialização desse esforço ainda que, reconhecemos, não trata-se necessariamente de uma novidade, mas, antes, da nossa intenção em atribuir centralidade a uma teoria, das representações, que tem sido subestimada as suas capacidades reflexivas e colocada à sombra nas pesquisas de cunho social, sobretudo, pelo desafio de lidar com o subjetivo, o imaterial.

Reconhemos, ainda, nossas limitações, entendemos muitas discussões necessitam amadurecimento, provocações, pois, trata-se, também, de um desafio pessoal e limites em apreender e compreender uma realidade social que não se prenda a uma lógica formal, mas considere uma lógica dialética ao refletir o universo social e suas contradições.

CAPÍTULO 2. URBANIZAÇÃO, CIDADE E COTIDIANO:

Feira de Santana, Vitória da Conquista e a Aglomeração Urbana Ilhéus-Itabuna

"Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar".

Jorge Amado (1988)

2.1 Produção do espaço no contexto de três tipos urbanos: duas cidades médias e uma aglomeração urbana com funções de Cidade Média no estado da Bahia

Como já argumentamos na introdução deste trabalho, o processo de urbanização em curso tem implicado em profundas mudanças nos conteúdos e nas formas da cidade contemporânea. Uma dessas mudanças pode ser lida por uma separação socioespacial no interior do espaço urbano implicando em e decorrendo de uma especialização social e funcional nos usos do solo (SPOSITO, 2011) e na estrutura espacial. Concebe-se, como primazia, uma divisão econômica e social do espaço caracterizando a cidade capitalista com acentuada complexificando nas relações espaço-temporais após a Segunda Guerra Mundial (MARCUSE, 2003), quando a reprodução das relações de produção implicou tanto na extensão quanto na ampliação do modo de produção capitalista e de sua base material (LEFEBVRE, 2021).

Baseando-nos nesse mesmo autor (LEFEBVRE, 2013), articulamos categorias essenciais, considerando tanto a simultaneidade, isto é, a sincronia da realidade social, o espaço, como, também, a diacronia, ou seja, o processo histórico de produção social, o tempo. Para nós, importa relacionar as categorias espaço e tempo por se constituírem como elementos da prática social, como meio, condição e produto da sociedade, e, por isso, devem ser situadas em uma dada sociedade. Logo, além de relacionais, são também, históricas.

Para tal compreensão, entendemos que deve haver um esforço na articulação das causas e condições atuais do movimento da urbanização, paralelamente com as formas espaciais resultantes, ainda que essas mesmas formas sejam, dialeticamente, também um ponto de partida. No contexto brasileiro e, especificamente, das cidades baianas pesquisadas, um caminho para tal se dará por meio do entendimento do processo de diferenciação socioespacial, que decorre de um histórico de profundas desigualdades sociais, e que, pensando as décadas que

principiam o século XXI, nos indica que o aprofundamento das desigualdades sociais vem redefinindo os modos e formas de diferenciação socioespacial vividas distintamente em cada grupo social em sua experiência urbana.

Trata-se de um movimento que intentamos analisar através das práticas espaciais na dimensão do habitar. Nossa inquietação advém, sobretudo, da observação de um crescente e difundido padrão de moradia caracterizado por empreendimentos residenciais fechados, com maciço reforço de elementos físicos ou simulados como segurança, tranquilidade, lazer, *status* e em que estratégias de *marketing* associam tais ambientes urbanos a uma ideia de bem-estar e qualidade de vida, tornados acessíveis, mediante relações de troca, pelo mercado imobiliário.

Em nosso entendimento, é tal dimensão que mais profundamente marca a apropriação das formas espaciais e do espaço da cidade, tanto em termos individuais, como, também, coletivos. O habitar combina, ou combinou, distintos arranjos espaciais, com proximidades e distanciamentos sociais e espaciais, marcando-o como heterogêneo. Porém, a condição de heterogeneidade do habitar está sendo corrompida pela homogeneidade do habitat. Os espaços residenciais fechados, habitats residenciais fechados, são marcados por homogeneidade interna, mas, para além disso, têm se disseminado como o modelo predominante de estilo de morar para parcelas significativas de segmentos de renda intermediários a altos. Isso tem implicado em que o uso do espaço citadino, sob a racionalidade do capital imobiliário e financeiro, corrompe a ideia de cidade como espaço de encontros.

Portanto, o uso da cidade adquire sentido de troca e sua apropriação se dá pelas relações de mercado, expressas, na atualidade, pelo difundido modo de morar em habitats residenciais fechados, um referencial de estilo de vida distintivo, enfaticamente mais restritivo e seletivo, expandindo-se em uma vivência na e da cidade contemporânea. A contradição entre o habitar e o habitat, apontada por Lefebvre (2008a), leva-nos a refletir e repensar o direito à cidade na atualidade. Essa

condição espacial não se limita, portanto, a morar em um dado tipo de habitação. Esse morar é representativo de um modo de conceber e de viver a cidade.

Buscando apoio na teoria da produção do espaço de Lefebvre (2013), partimos do pressuposto de que o espaço se atrela diretamente à realidade social, não tendo existência em si mesmo, é, pois, produzido. Lefebvre (1973) chama a atenção para o fato de que o espaço, em sua totalidade, torna-se o lugar da reprodução, o que inclui não só os meios de produção, mas, também, as relações de produção.

Por essa condição, há um processo pretendido de homogeneização espacial, advindo da própria hegemonia do modo de produção, portanto, não se trata de diminuição de disparidades, mas de diferenças, no sentido que lhe atribui Lefebvre (1972). Esse mesmo espaço, em aparente contradição, fragmenta-se, sendo comercializado e apropriado em pedaços, cada qual, dotado de homogeneidade interna. Dessa maneira, as estratégias de parcelamento do espaço não se restringem à divisão *per se*. O objetivo maior é uma reorganização geral da produção sob os ditames dos centros de comando e informação (LEFEBVRE, 2008b), o que implica em uma reorganização da vida cotidiana, com influência direta nas práticas espaciais dos citadinos.

Portanto, a orientação da teoria Lefebvreana da produção do espaço (LEFEBVRE, 2013) diz respeito não apenas a uma produção material, mas também da vida social, do urbano. Por considerar não haver uma sociedade a-espacial, o elemento espacial se incorpora nas relações de produção e na dinâmica das forças produtivas.

Esses apontamentos nos têm instrumentalizado para analisar os processos e formas espaciais erigidos nas cidades baianas selecionadas e que, em nosso entendimento, podem ser apreendidos em dimensões mais alargadas do cotidiano, por meio das condições do morar. Para nos aprofundarmos nas particularidades do

cotidiano citadino, elegemos a dimensão do habitar, atributo primeiro e modulador da experiência urbana.

Para esse momento de caracterização a descrição se dá considerando informações demográficas e socioeconômicas e representações cartográficas que nos permitem compreender a estrutura espacial, e a situação geográfica de cada centro urbano pesquisado e, quando da necessidade, serão feitas referências, de modo a permitir a quem esteja consultando esta tese se informar sobre as origens e desenvolvimento dos centros estudados.

O foco é mais descritivo que, necessariamente, analítico, ainda que o fulcro explicativo das descrições seja com referência em processos e dinâmicas que as elucidem. Conforme fora explicado na Apresentação e Introdução, a escolha das cidades deu-se, especialmente, pelo nosso interesse em trabalhar desde os fatores de centralidade e definição de zonas/áreas de influência das cidades, marcantes no histórico de organização do sistema urbano na Bahia.

O que incluem, evidentemente, fatores político-administrativos, econômicos e culturais, via de regra, comparecendo no histórico de regionalizações e organização da hierarquia de cidades (SILVA; SILVA; LEÃO, 1985; FONSECA, 2007), abrangendo todo o estado da Bahia, o que Silva, Leão e Silva (1985) denominou de capitais do sistema de dominação/dependência: Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista e Itabuna-Ilhéus. Assim, os tipos urbanos escolhidos para análise em sua escala interna são, também, representativos da diversidade regional baiana e de distintas condições de intermediação, ainda que sejam todas cidades médias.

2.1.1 Os habitats residenciais fechados e as cidades

2.1.1.1 Situação geográfica e estrutura urbana de Feira de Santana

Ao tomar por referência a longa duração, Sposito (2013) salienta que nas primeiras décadas do século XXI as formas espaciais derivadas da estruturação espacial estão mais complexas por resultarem de lógicas de produção do espaço urbano que as diferenciam, por exemplo, das últimas décadas do século XX, pela existência de estruturas urbanas que se caracterizam pela sobreposição de cidades mono e multicêntricas. Noutra obra, pontua que a cidade não pode ser pensada em si, mas, como um espaço aberto, seja considerando os fluxos e as formas, seja pelas questões subjetivas e objetivas, concretas e abstratas. Para a autora:

> O espaço não pode mais ser visto pela Geografia essencialmente a partir do que está localizado. Se essa perspectiva já não seria suficiente no passado, tanto mais agora que o aumento do conjunto de fluxos que podem se estabelecer entre os pontos que compõem o mosaico das localizações se amplia e se realiza em múltiplas escalas. Esses fluxos podem se organizar em áreas, como sempre se organizaram e, neste caso, a contiguidade territorial é elemento estruturante. Entretanto, podem se organizar em eixos ou em redes e, neste caso, as diferenças de velocidade entre os agentes econômicos e os indivíduos e grupos estabelecem a distinção entre eles e geram uma multiplicidade ainda mais ampla de níveis de integração espacial e de possibilidade de apropriação dos espaços. (SPOSITO, 2011, p. 135).

Nesse sentido, desde um entendimento de descontinuidade das relações espaciais, reforça-se um tensionamento acerca da contiguidade territorial e, logo, das localizações em que as áreas podem estar inseridas ou não. As descontinuidades espaço-temporais são observáveis não apenas nas relações espaciais, mas, também, nas formas espaciais, já que os conteúdos associados às formas pretéritas também se reconfiguram. Tem-se, assim, mais elementos para debater as lógicas atuais de produção dessas cidades e sistemas urbanos redefinidos sobre as estruturas pretéritas (SPOSITO, 2011).

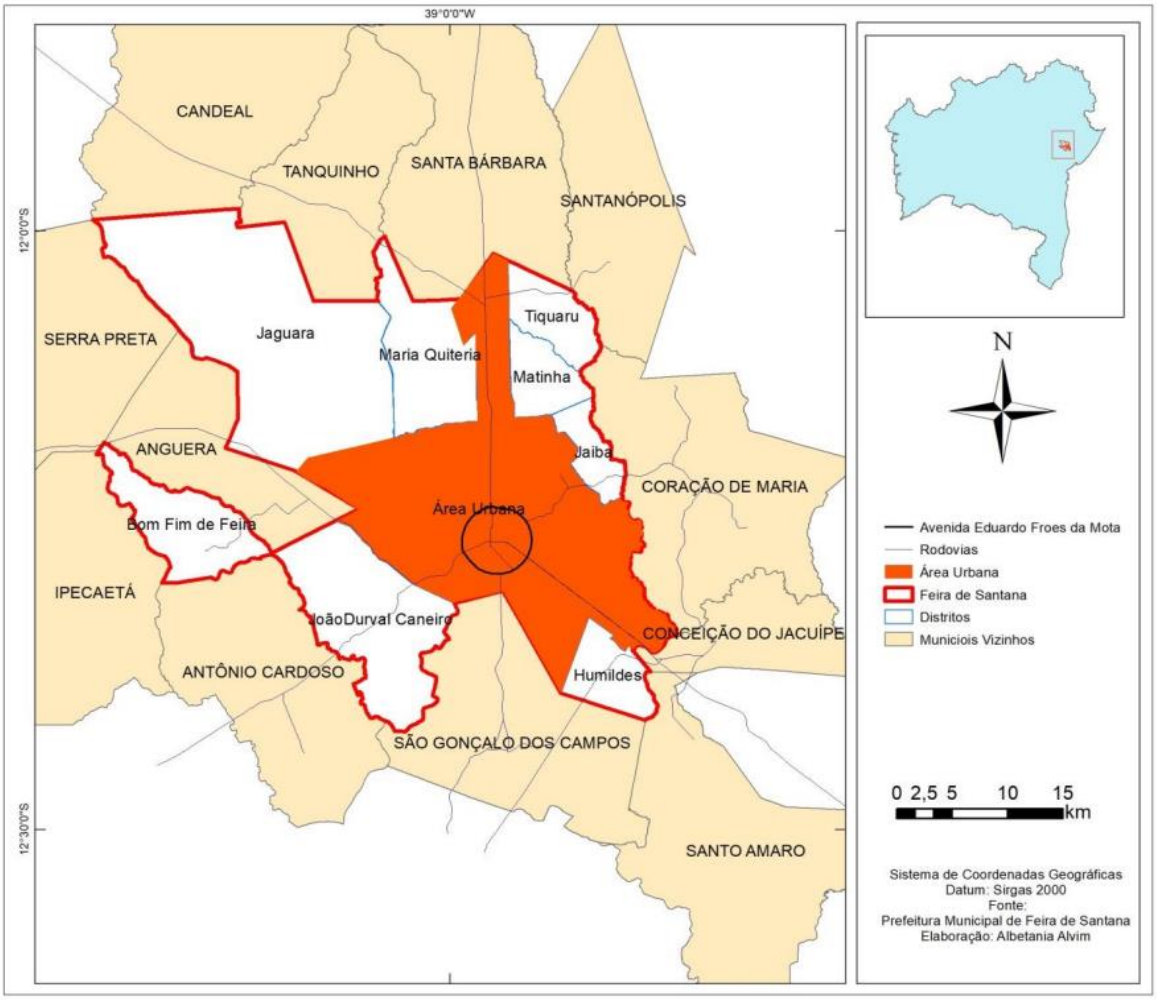
Para desenvolvimento dessa análise, trataremos do processo de expansão territorial urbana para a caraterização das cidades investigadas por sua dimensão intraurbana, considerando o crescimento da mancha urbana ou do tecido urbano para efeito de nossas análises já que a expansão do tecido urbano não ocorre apenas

com continuidade territorial. Conforme explica Whitacker (2019), no caso do Brasil, no plano legal, a expansão territorial urbana ocorre com a incorporação, ao perímetro urbano, de terras não urbanas ou, com o mesmo resultado, da incorporação de terras já inseridas dentro do perímetro urbano, porém, com condição tributária rural para condição tributária urbana.

Com 188 anos de emancipação política, Feira de Santana (Figura 7) é o segundo município do estado da Bahia em tamanho demográfico, com população estimada em 624.107 habitantes (IBGE, 2021). A área da unidade territorial é de 1.304,425 km² (IBGE, 2021), com densidade demográfica de 416,03 hab/km² (IBGE, 2010). Localiza-se no centro norte do estado a, aproximadamente, a 108 quilômetros da capital, Salvador, compondo-se de oito distritos: Feira de Santana, Bonfim da Feira, Humildes, Ipuaçu, Jaguara, Jaíba, Maria Quitéria e Tiquaruçu.

Do ponto de vista da hierarquia urbano-regional, Silva, Leão e Silva (1985) explicam que a cidade de Feira de Santana, desde meados de 1950, possui sua condição na rede urbana como um centro coletor-distribuidor de bens em nível federal e regional às atividades industriais, sobretudo, no beneficiamento de matérias-primas agrícolas, atrelado a estratégias de descentralização econômica como a criação do Centro Industrial Subaé. Essa tomada do território por diversas indústrias de beneficiamento, instaladas, via de regra, na periferia espacial da cidade de Feira de Santana, segundo esses mesmos autores, contribuíram na ampliação de interações espaciais com as demais cidades do estado da Bahia, assim como, com a federação e do exterior (Figura 6). As figuras 8 e 9, a seguir, retratam aspectos dessa cidade.

Figura 7. Município de Feira de Santana-BA, destaque para a área urbana.



Fonte: ALVIM (2019, p.54)

Figura 8. Feira de Santana-BA. Panorâmica da área central, 2021.



Fonte: Trabalho de Campo (2021).

Figura 9. Feira de Santana-BA. Área comercial e de serviços, centro da cidade.



Fonte: Trabalho de Campo (2021).

No que se refere à situação geográfica da cidade de Feira de Santana, historicamente, esteve atrelada ao papel da capital, Salvador, e de sua base econômica imediata, o Recôncavo, produto do que denominaram de um processo de colonização de cima para baixo, configurando-se como área periférica depende da metrópole regional e apoio às atividades econômicas (SILVA; LEÃO; SILVA, 1985). Os mesmos autores afirmam que, do ponto de vista produtivo, nessas áreas de expansão econômica periférica na rede urbana havia a necessidade (interdependência) de núcleos urbanos ainda menores, por sua localização estratégica. Entre o Recôncavo e o Sertão, as interações entre esses diferentes núcleos urbanos intensificaram-se, ampliando e diversificando o papel inter-regional de Feira de Santana, conforme explicitam:

> Mas, é no quadro de uma política de integração nacional, por meio de rodovias asfaltadas, e de uma política industrial que devemos situar o crescimento de Feira [Feira de Santana] e de seu novo relacionamento com a metrópole regional. Esta nova política de transporte integrou o Nordeste e o Sudeste do País via Feira de Santana, com a conclusão da Rio-Bahia (BR-116) em 1949, mas só asfaltada em 1962-63. Este papel de entroncamento nacional (e não mais regional), fazendo de Feira de Santana um importante centro de serviços de apoio a transportes de carga e passageiros, foi decisivo para introduzir na cidade e na região um relevante fator de crescimento extra-regional. Esta mudança, por exemplo, fez com que grande parte do crescente relacionamento com o Sudeste e outras regiões do País pudesse ser feito progressivamente de forma direta e não mais com a intermediação de Salvador. Assim, ao lado da ampliação do mercado regional, surgem novos mercados decorrentes da "abertura" da região, no quadro das novas relações inter-regionais processadas no País. Por outro lado, a melhoria da acessibilidade a Salvador, com a redução da distância e do tempo de viagem, trouxe incremento da interação entre as duas cidades. (SILVA; LEÃO; SILVA, 1985, p. 259).

Essa dinâmica urbana também foi objeto de reflexão por Santos, J. (2020), quando analisou a produção de cidades no Território de Identidade[13] Portão do Sertão, no qual Feira de Santana é cidade-sede, apontando, notadamente, a existência de articulações econômicas, iterações em termos de fluxos de capitais, mercadorias, populacional, muito favorecidas pelas rodovias federais e estaduais, contudo, olhando o processo com outra lente, a das relações cotidianas entre esses núcleos urbanos, o autor aponta uma baixa interação, sobretudo, nos menores núcleos, justificando que:

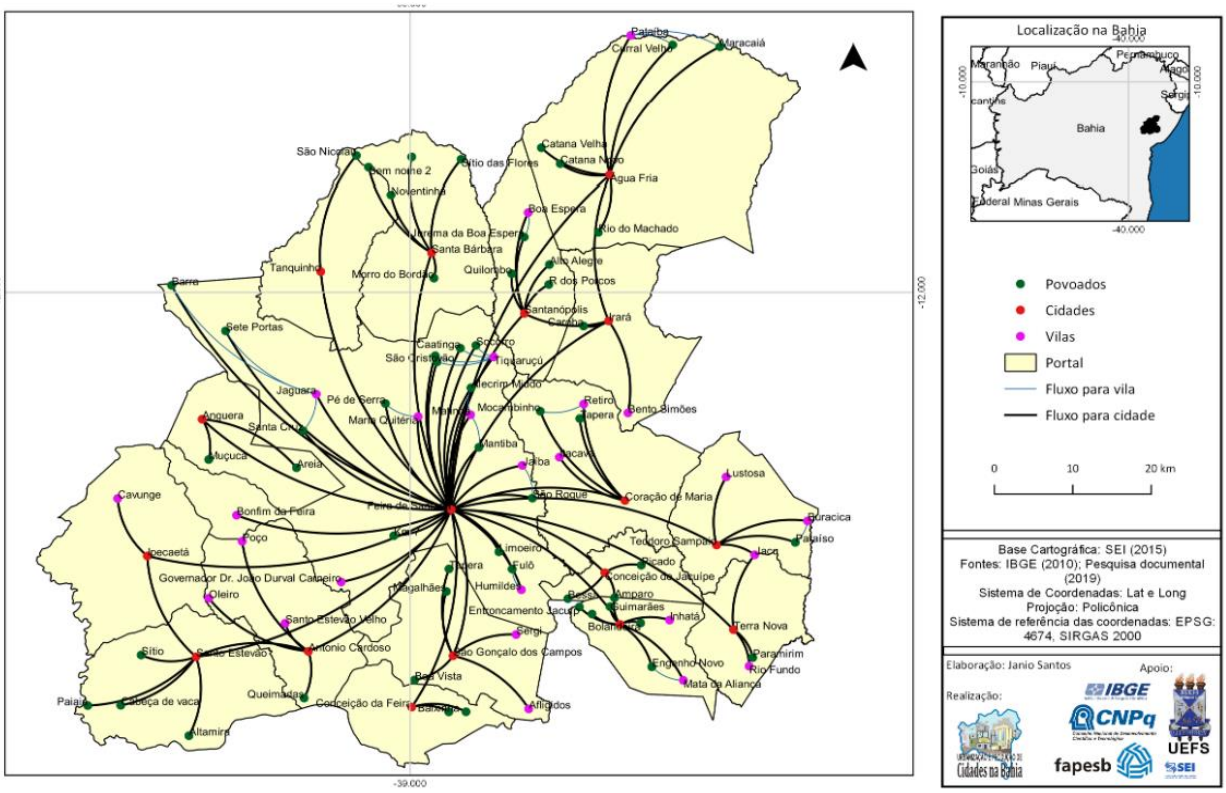
> A limitada presença de artefatos técnicos no território, correspondentes aos meios de comunicação, e dificuldades no acesso a transporte público e mesmo a eletricidade, características da época, avivavam tal fato. Isso revela que outros espectros da vida urbana no Portal do Sertão, na metade do século XX, eram influenciados pela construção imaginária feita por viajantes que retornavam as cidades, vilas e povoados, ou, quando disponível, advinda do rádio e dos "alto-falantes". Portanto, eram comuns a parte dos residentes, sobremodo mais pobres, experiências urbanas concretas de vidas (tais como práticas de lazer, consumo etc.), relacionadas, quase que de modo exclusivo, ao imediato. Deve-se ressaltar que não há ausência integral de conexões com o que ocorre em outros lugares do mundo à época e, certamente, a difusão de informações por rádio era expressiva, com destaque para os serviços de "alto-falantes". (SANTOS, J. 2020, p. 15).

Ainda assim, o investimento contínuo no rodoviarismo em áreas estratégicas fortaleceu, do ponto de vista econômico e das relações em rede, o papel de cidades de maior porte, a exemplo, Feira de Santana, com maior fluidez (capital, mercadorias informações, pessoas). Esse contexto de alterações na dinâmica urbana e de crescimento econômico deu-se em um período principal entre 1970 a 2000, incluindo as relações cotidianas não apenas da cidade, mas também, no campo (SANTOS, J, 2020). Este mesmo autor explicita a densa e entrelaçada rede de

[13] Os Territórios de Identidade é um modo de regionalização criado pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia, como uma unidade de planejamento de políticas públicas do Estado, instituída em dezembro de 2014, através da Lei Nº 13.214, envolvendo aspectos culturais, geoambientais, políticos-institucionais e econômicos. Formam ao todo 26 Territórios de Identidade.

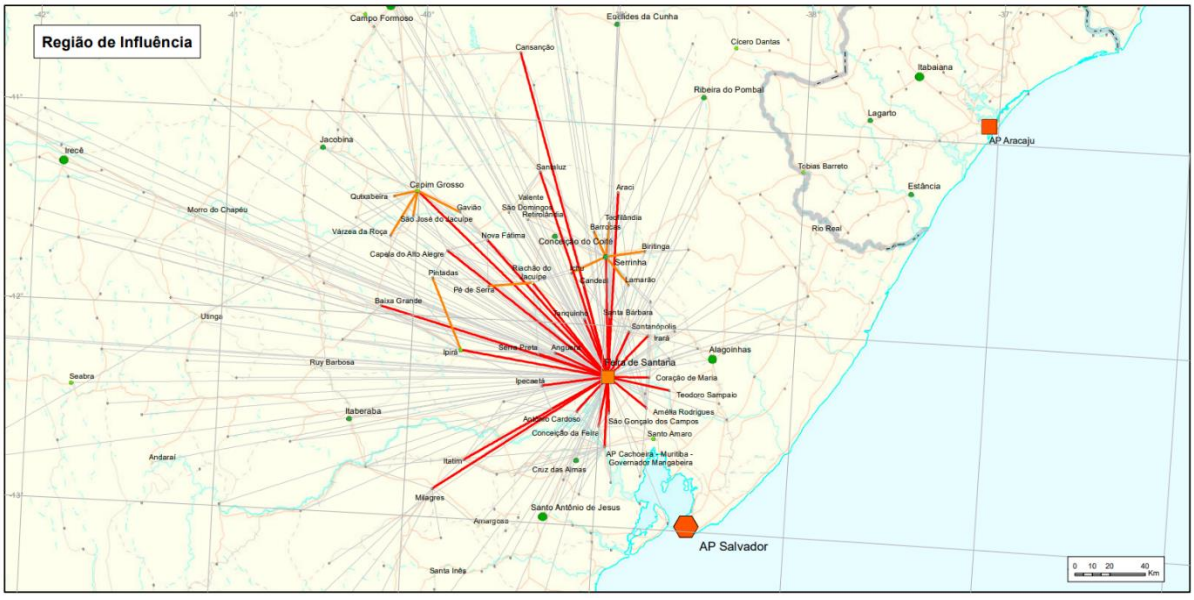
interações entre os diferentes núcleos urbanos no Portão do Sertão que nos serve de apoio para considerar o papel de intermediação da Cidade de Feira de Santana em seu entorno mais próximo, o TI Portal do Sertão (Figura 10), do mesmo acrescentamos a classificação das Regiões de Influência do IBGE (REGIC, 2018) (Figura 11).

Figura 10. Rede Urbana do Território de Identidade Portal do Sertão, Bahia, 2019.



Fonte: SANTOS, J. (2020, p. 32).

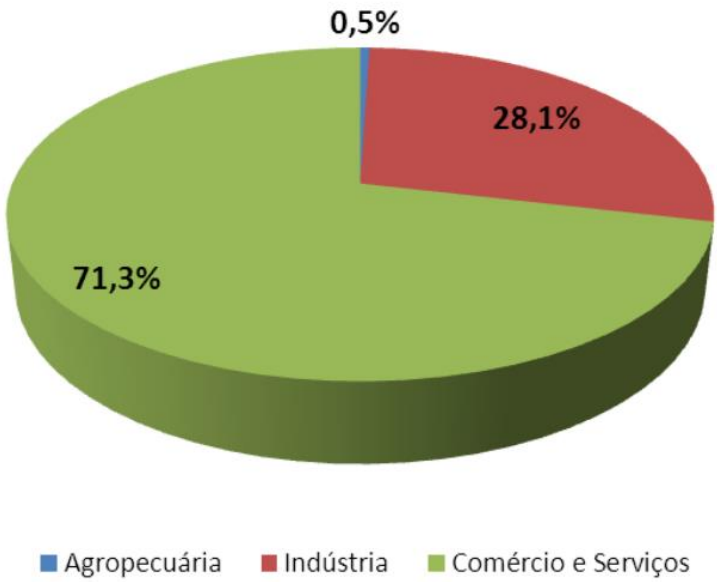
Figura 11. Feira de Santana-BA - Capital Regional B [2b].



Fonte: Região de Influências das Cidades (REGIC/IBGE, 2018, p.48).

O fator locacional sempre esteve marcado nos relatos dos moradores dos habitats residenciais fechados e de agentes bem-informados como sendo importante e diferenciada características da cidade de Feira de Santana. Economicamente, baseando-se em informações do IBGE (2016), a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2019) perfila o município de Feira de Santana com três principais atividades por valor agregado bruto: agropecuária, indústria e a maior porcentagem vinda do comércio e serviço, 71,3% (Figura 12). Segundo estimativas desse órgão em 2014, era de R$ 11.733,6 bilhões o Produto Interno Bruto (PIB) municipal, já o PIB per capita em R$ 19.172,47.

Figura 12. Município de Feira de Santana. Composição do valor agregado bruto - 2014.



Fonte: IBGE (2016); SEI (2019).

Tais dados demandam uma análise mais profunda, considerando diferentes escalas, já que estamos considerando sempre o tipo urbano associado ao sistema urbano maior que compõe. Ainda que o município de Feira de Santana tenha, majoritariamente, a atividade industrial e de comercio e serviços, Santos, J. (2020) chama a atenção para o fato de que a compreensão sobre o processo de urbanização na Bahia não descola da relação entre cidade e campo, quando pontua:

> Na contramão do que apontam os discursos, o setor primário tem importância para a dinâmica econômica do Território de Identidade Portal do Sertão. Inclusive, Feira de Santana, que é sempre destacada pelas atividades industrial e terciária, aparece em realce na produção de alguns itens característicos. (SANTOS, J., 2020, p. 27).

E não apenas em termos de produção, como apontado pela SEI (2019), destacando que no ano de 2015, no setor agrícola, as lavouras temporárias chegaram a índices de produção referentes a 24,2% no cultivo do feijão, 26,2% o fumo e 22,1% do milho, comparando estes totais ao produzido pelo Território de Identidade.

Mas, também, como lócus de comercialização e consumo, da área rural de Feira de Santana e das cidades pequenas do entorno, conforme pode ser observado na Caixa de Diálogo 1, quando o citadino relata sua experiência no centro principal de Feira de Santana e fluxo de pessoas em pontos, por exemplo, no mercado popular (Figuras 13 e 14), principal referência nos relatos sobre o comércio em Feira de Santana.

**CAIXA DE DIÁLOGO 1 –
PRÁTICAS DE CONSUMO**

Acho que aqui em Feira [Feira de Santana] vem muito o pessoal do interior. Pessoal fala agora que choveu bastante, até um lojista falou que chove toda hora, ele falou que tem que rezar para chover, porque chovendo, as cidades vizinhas, a agricultura, né, tem o que cultivar, tem o que vender e abastece a cidade de verduras, de legumes e de tudo. E de compras mesmo, ele falou. Ele falou que quando não chove o comércio aqui é ruim. Ele estava dizendo, segundo ele, não sou eu, que a metade do comércio de Feira [Feira de Santana] quem compra é o pessoal do interior, não é o pessoal de Feira de Santana não. Ele estava dizendo. Porque segundo ele, quem é de Feira [Feira de Santana] não gosta de comprar muito em Feira [Feira de Santana], quem compra em Feira [Feira de Santana] é mais o pessoal do interior. A gente ouve falar que tudo se acha em Feira [Feira de Santana], mas quem é de Feira [Feira de Santana] mesmo aqui, eu não vejo comprando muito, dando muito valor ao que é de Feira [Feira de Santana], não. Prefere comprar em Salvador, que é na capital, tipo assim. O pessoal do interior eu vejo muito aqui. Sábado eu gosto de andar pelo centro assim para conhecer, eu vejo muita gente do interior.

Marrone Santos [nome fictício], 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, mora de aluguel há menos de um ano em de aluguel em condomínio de torre de apartamentos, possui carro próprio.

Figura 13. BAHIA - Feira de Santana. Centro de Comércio Popular "Feiraguay", no centro principal.



Fonte: Trabalho de Campo (2021).

Figura 14. Feira de Santana. Centro de Comércio Popular "Feiraguay", no centro principal, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo (2019).

A centralidade exercida pela cidade de Feira de Santana na hinterlândia confirmam densa relação e interações espaciais promovendo essa cidade como um nó importante na rede de fluxos e de deslocamento populacional pela oferta de serviços educacionais (da pré-escola ao ensino superior) público e privado, e de serviços de saúde, incluindo os de maior complexidade.

Complementarmente, sua centralidade se expressa pelas interações estabelecidas com os municípios de sua região geográfica com menor grau de especialização, atendendo mormente às demandas mais imediatas do cotidiano, porém, contando a proximidades aos principais centros da região geográfica hierarquicamente maior para atendimento mais complexo e/ou diversificado o que, por sua, retroalimenta os fluxos e interações entre esses núcleos urbanos.

Essa condição espacial estratégica de Feira de Santana é destacada por Santos e Henrique (2012), ao tratar da evolução urbana de Feira de Santana, notando que o crescimento urbano e desenvolvimento econômico tiveram crescente expressividade a partir de 1970, justificadas pela predominância de relações capitalistas, posição geográfica em um entroncamento rodoviário composto por cinco rodovias estaduais, as BA's 052, 084, 502, 503 e 504 e três rodovias federais, as BR's 101, 116 e 324, conjunto de fatores que influenciaram diretamente, "pois as transformações socioeconômicas, políticas, sociais e ambientais, possibilitaram a cidade adquirir, entre outras características, novos contornos morfológicos, possibilitando, além de outros desdobramentos, um processo de crescimento urbano rápido" (SANTOS; HENRIQUE, 2012, p. 4).

Santo (2012) analisa o processo de expansão territorial urbana considerando marcos temporais e espaciais fruto da ação de agentes públicos e agentes privados

> A partir da década seguinte, 1950, Feira de Santana sofre uma grande transformação, pois o Estado, através do governo federal implanta a BR-324 e a BR-116, o que vai afetar claramente o seu eixo de expansão. A união destas importantes vias se dá atravessando o centro da cidade, que na sua parte interna é denominada de Avenida Presidente Dutra, passando pela Praça da Igreja Matriz

> (Nossa Senhora. Santana). Este fato modifica a dinâmica local, haja vista que incentiva e reforça o seu centro comercial. Acrescenta-se a isto, a construção de parte do anel viário da cidade, para que os veículos com carga pesada passem pela área externa ao meio urbano. Estas intervenções estatais criam novos eixos de expansão da mancha urbana, os mais destacados são: a BR-324, que liga Feira de Santana a Salvador; a BR-116 Sul, conhecida como Rio - Bahia; e, o Anel Viário, denominada Avenida Eduardo Fróes da Mota, conhecida como Avenida do Contorno. Além destes, o poder municipal abre novas avenidas no sentido Norte-Sul, onde se destacam a Maria Quitéria; a Padre Anchieta, hoje denominada João Durval Carneiro; e a José Falcão da Silva, que geram novas áreas de expansão. Cabe ainda destacar, que neste período, muitas chácaras começam a ser loteadas, principalmente nas proximidades das avenidas Maria Quitéria e João Durval Carneiro, sob a área do Tabuleiro Interiorano. (SANTO, 2012, p. 140).

Segundo essa mesma autora, com a implementação do Anel Rodoviário, na década seguinte, a prática adotada foi a de ocupação dos "espaços vazios" em seu interior ainda com ação majoritária do Estado na estruturação do espaço urbano, via implementação de estruturas espaciais. Assim, até finais da década de 1980, outras ações foram importantes nesse processo, como a instalação da Faculdade de Educação de Feira de Santana, do Centro de Cultura e Arte (CUCA) no centro da cidade, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), propulsores da expansão urbana, sobretudo, para a direção norte da cidade. Nesse bojo, destaca, também, a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS) às margens, avaliando que:

> Estes fatos conjugados fazem com que a cidade se expanda no eixo Norte, através dos agentes catalisadores representados pela UEFS e pela BR-116 Norte; na parte Nordeste os agentes catalisadores são os empreendedores imobiliários, impulsionados pelo estado através da abertura de Avenidas, principalmente o do prolongamento da Av. Maria Quitéria, atual Av. Fraga Maia e pela implantação de conjuntos habitacionais; a Sudeste os principais agentes são a BR-324 e o CIS-BR-324; e, por fim, de maneira mais discreta, na direção ao Sul é observada uma discreta expansão impulsionada principalmente pela implantação do CIS-Tomba e pela BA 502. (SANTO, 2012p. 146).

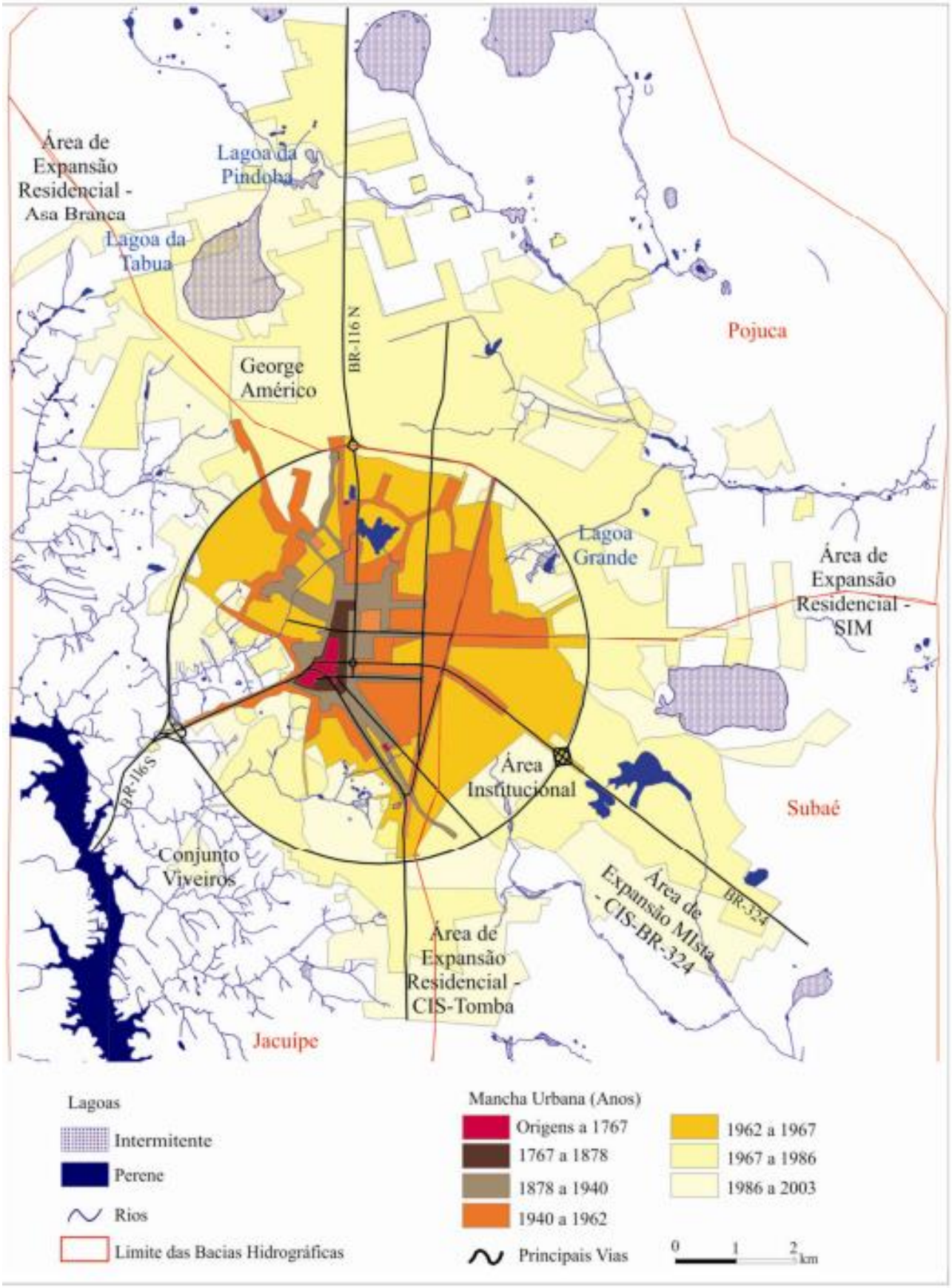
Entre 1990 a 2003, Santo (2012) apura que o processo de expansão urbana foi menos intenso como nas décadas anteriormente descritas (Figuras 15 e 16), justificado pela crise financeira nacional refletida na diminuição do crescimento populacional e da expansão urbana.

Ainda assim, essas transformações no espaço urbano da Feira Santana favoreceram ao um deslocamento populacional em direção a essa cidade, o que, por conseguinte, exigiu do Estado uma ação direcionada a abarcar a demanda da população, sobretudo, do ponto de vista da habitação, como apontado por Santo (2012),

> O crescimento populacional, ora apresentado, foi incentivado por agentes estatais de âmbito federal, que levou a uma migração intensa rumo à Feira de Santana, modificando a composição da população, já que as pessoas são oriundas de várias partes do país. Este fato leva à constituição de uma lógica de segregação, que será relacionada ao status hierárquico e vinculada aos papéis funcionais e econômicos dos indivíduos. E vai, também, pressionar o Estado para resolver o problema da habitação que surge de roldão, sendo que este último é realizado através da implantação de conjuntos habitacionais, procurando atender a população de baixa renda, se enquadrando num fenômeno de cunho nacional, pois é coordenado pela política habitacional federal. (SANTO, 2012, p. 162).

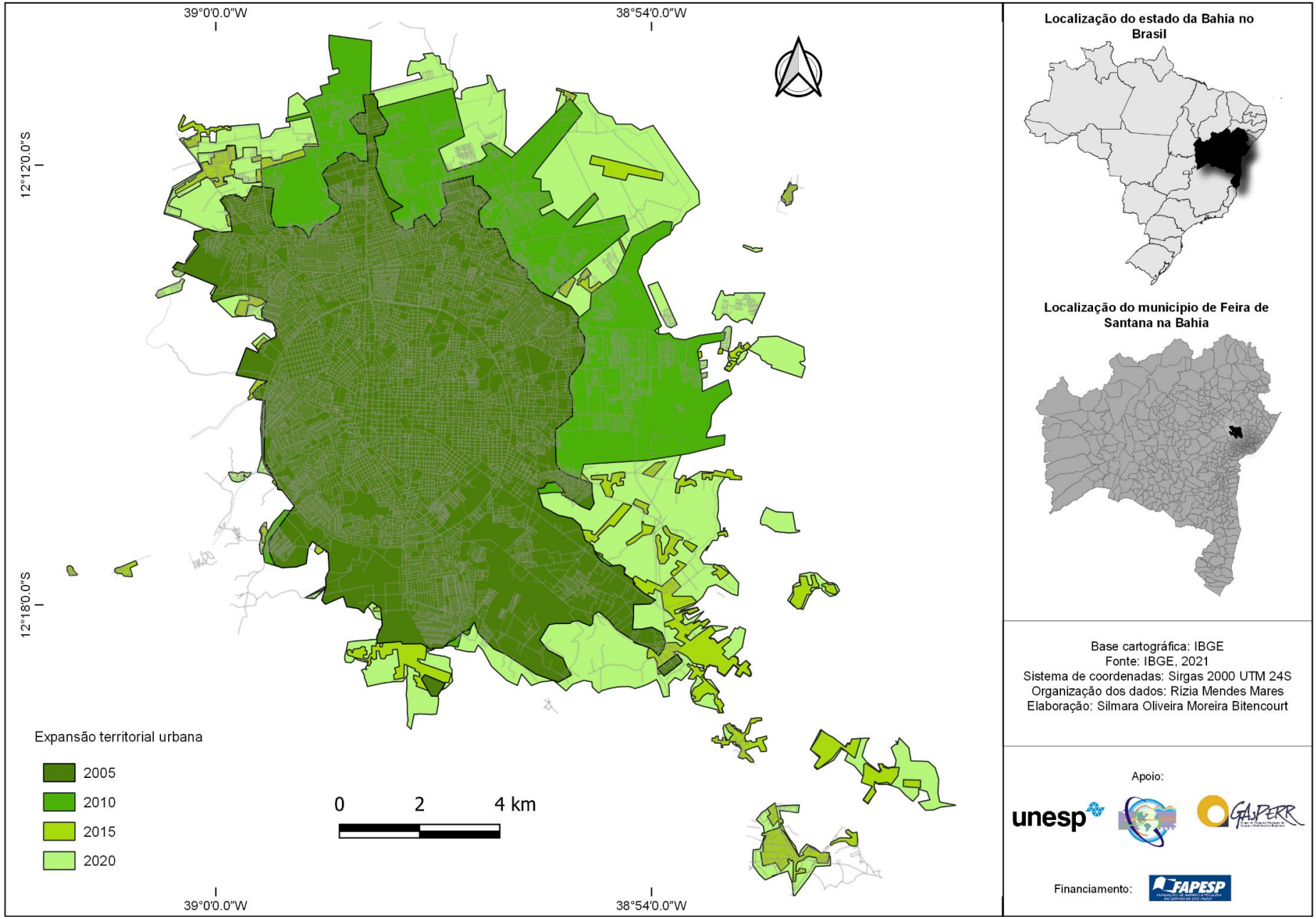
A esse tempo, a lógica segregadora destaca por Santo (2012) intensificou-se com a intervenção mais efetiva dos agentes privados na questão imobiliária, como destacado por Figueiredo (2019), ao analisar a implementação de espaços residenciais fechados (ERF) em Feira de Santana.

Figura 15. Expansão territorial urbana. Feira de Santana – BA, (1767-2003).



Fonte: Santos (2012, p. 153).

Figura 16. Expansão territorial urbana. Feira de Santana - BA (2005-2020).



Fonte Trabalho de campo (2019-2021).

Para essa autora, a grande abertura para atuação de agentes privados na promoção da moradia tem promovido a oferta padronizada de um modelo urbanístico e o aumento da segregação socioespacial, além do agravamento de questões sociais latentes, como a mobilidade urbana, especulação imobiliária, deficiência na infraestrutura, insegurança e violência.

Segundo essa autora,

> A concentração desses ERF amplia os problemas urbanos e materializam a negação da função social da cidade por meio da ampliação da segregação socioespacial, preferência pelo transporte individual, apropriação privativa de espaços públicos e alteração da paisagem urbana. No processo de produção do espaço construído observa-se o desenho urbano fragmentado e definido pelos agentes imobiliários que visam apenas auferir lucros. Quando essas ações imperam, o valor de uso do espaço público é negligenciado, as relações sociais que neles acontecem ficam comprometidas e a vida pública é colocada em segundo plano. O espaço público é fundamental para integrar os espaços privados e para a vida em sociedade. (FIGUEIREDO, 2019, p. 89).

A emergência desses produtos imobiliários, não mais restritos às grandes cidades, impõem-se às cidades médias envolvendo a atuação de agentes da iniciativa privada, do poder público, com alterações substanciais na estrutura urbana e nas práticas dos sujeitos, já que se trata de um modelo de moradia padronizador do habitar, em que pese a supervalorização de uma barreira física, o muro, de uma dada infraestrutura externa para a simulação de uma coletividade intramuros, que justifique e conduza o as escolhas dos citadinos por morar nesses espaços. Condição que implica considerar não apenas o processo de segregação socioespacial, avaliando-o também como o de autossegregação.

Para Macário (2016), as escolhas por esse habitat há muito tempo não são mais exclusivas de uma parcela minoritária de mais alta renda. Argumento também defendido nessa tese, haja vista tais empreendimentos serem direcionados, também, aos grupos econômicos intermediários de renda, em que pese um grande trabalho

nas representações acerca da qualidade de vida, do lazer, da relação com a natureza, da segurança e também da distinção.

A escolha dos empreendimentos a serem objeto de avaliação neste trabalho partiu de um primeiro filtro, em termos de características dos empreendimentos, e dessa primeira definição nos foram indicados possíveis participantes, assim, por intermédio de contatos, chegamos ao empreendimento e, depois, aos sujeitos. A descrição e caracterização dos habitats leva em conta, prioritariamente, a narrativa dos sujeitos, moradores participantes da pesquisa que nos concederam entrevistas. O motivo principal de usar das suas narrativas para descrição desses espaços é porque tal relato descritivo está carregado de representações advindas de sua experiência e trajetória de vida.

Esse entendimento deriva de nossa observação no momento de entrevista aos moradores dos habitats residenciais fechados visitados, de uma associação da casa-cidade atravessando o conteúdo abordado, uma associação impregnada de elementos de atração, repulsão, satisfação, conveniência, desejos, expectativas dentre outros, os quais variaram entre os respondentes e ora levava em conta a dimensão mais individual, ora considerava tomava em conta o coletivo.

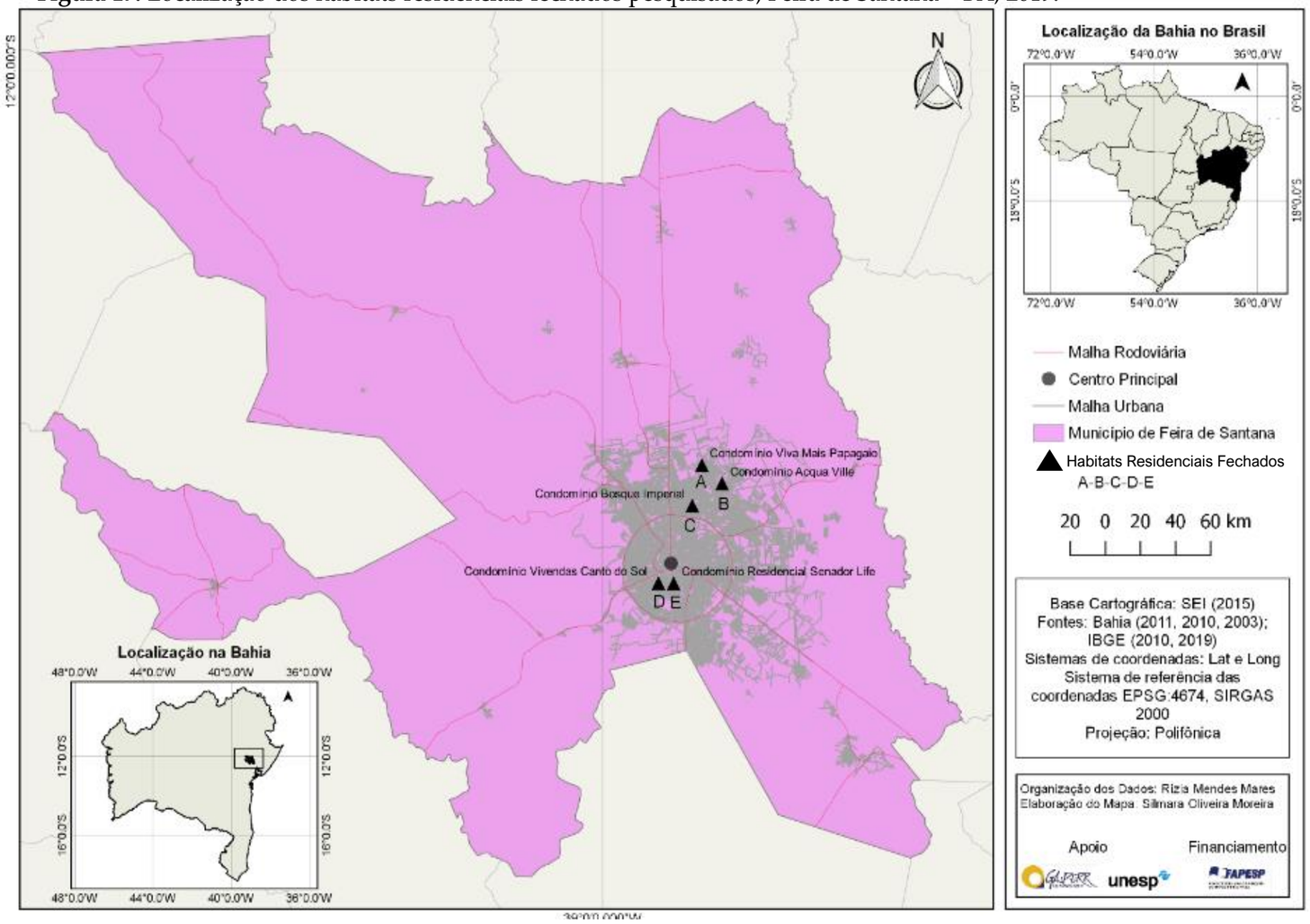
Complementarmente, essas informações foram buscadas, também, nos sites das construtoras, dos habitats investigados, banco de informações de instituições (bancos, prefeituras etc.). Na cidade de Feira de Santana foram acessados cinco habitats residenciais fechados (Quadro 7) concentrados na porção leste da cidade e em áreas pericentrais (Figura 17).

Dos empreendimentos acessados em Feira de Santana, na porção Noroeste da cidade, área prioritária de expansão territorial urbana e de extensão do perímetro urbano, foram entrevistadas duas moradoras no Condomínio Viva Mais Papagaio, no Bairro Papagaio, Aleselma Pereira e Simone Moreira. Este empreendimento, entregue em 2011 pela Construtora L Marquezzo Construções e Empreendimentos

Ltda, fundada em Feira de Santana, em 1998, compõe-se de casas privativas unifamiliares horizontais isoladas e padronizadas, entregues prontas.

É o mesmo padrão descrito por Romário do Nascimento, morador do Condomínio Acqua Ville, no bairro da Mangabeira, entregue em 2011 pela CEPRENG, uma construtora criada em Feira de Santana no ano de 1993. Ambos os empreendimentos, tiveram possibilidade de acesso por financiamento pelo Programa Minha Casa Minha Vida, da Caixa Econômica Federal e governo federal, requeridos no ato da aquisição pelos moradores entrevistados, conforme depoimentos.

Figura 17. Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Feira de Santana – BA, 2019.



Fonte: Trabalho de campo, (2019).











Quadro 7. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados. Feira de Santana-BA, 2019.

TIPO URBANO	Nº DE ENTREVISTAS	CIDADE	HABITAT RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE /LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	TAXA CONDOMINIAL (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019/2021)	Ano de abertura	Bairro
Cidade Média	1	Feira de Santana	Condomínio Vivendas Canto Do Sol Canto Da Lua	apartamento (com dois dormitórios)	não informado	75m²	Condomínio vertical fechado. Portaria 24h, ronda noturna, muro, câmeras de vigilância, piscina, quadra poliesportiva, parque infantil, arborização, salão de festas, churrasqueira.	R$500,00	Sim	2001	Muchila
	2	Feira de Santana	Condomínio Residencial Viva mais Papagaio	casa privativa unifamiliar horizontal isolada	446 unidades	125m²	Condomínio horizontal fechado. Praça, campo de futebol, quiosque, piscina, quadra esportiva, estacionamento, portaria 24 horas.	R$120,00	Sim	2011	Papagaio
	1	Feira de Santana	Condomínio Bosque Imperial	casa privativa unifamiliar horizontal isolada	93 lotes	280m²	Loteamento fechado. Cerca elétrica, câmeras de vigilância, a portaria 24h; em construção, salão de festas, campo de futebol, piscina, área gourmet, academia, parque infantil e salão de jogos.	R$300,00	em definição na data da pesquisa.	2003	Cidade Nova

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração:** (MARES, 2021).

Quadro 7. [continuação]. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados. Feira de Santana-BA, 2019.

TIPO URBANO	Nº DE ENTREVISTAS	CIDADE	ESPAÇO RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE /LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	Taxa condominial (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019)	Ano de abertura	Bairro
Cidade média	1	Feira de Santana	Condomínio Residencial Acqua Ville Residence	casa privativa unifamiliar horizontal isolada (três dormitórios)	85 unidades	160m²	Condomínio horizontal fechado. Piscina adulto com deck, piscina infantil independente, espaço kids, espaço de festas, área gourmet, área fitness, campo gramado, estacionamento para visitantes e entrada para veículos de carga.	R$400,00	Sim	2010	Mangabeira
	1	Feira de Santana	Condomínio Residencial Senador Life	apartamento (dois e três dormitórios¾)	2 torres com total de 14 unidades	65m² e 96m²	Condomínio vertical fechado com varanda Gourmet, área fitness center, piscina adulto e infantil com raia, brinquedoteca, campo de futebol, salão de jogos, salão de festas, espaço grill, estacionamento para visitantes, praça de convivência, guarita de segurança, gás encanado com medidos individual, água com medidor individual, elevador, portaria 24h.	R$402,00	Sim	2014	Olhos D'agua

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração:** (MARES, 2021).

No bairro Cidade Nova, área de expansão a partir do anel rodoviário, sentido centro-norte de Feira de Santana, acessamos o Residencial Bosque Imperial, entrevistando a morada Rute Santos. Esse habitat residencial fechado data do início dos anos 2000, inicialmente registrado como loteamento aberto. Nesse caso, a construtora RCarvalho comercializou os lotes para construção particular das moradias. Contudo, o loteamento foi fechado pelos moradores, encontrando-se atualmente murado, com guarita e com controle de entrada.

Na direção centro-sul da cidade, área de expansão consolidada, acessamos o Condomínio Senador Life, bairro Olhos d'Água, também da Construtora L Marquezzo, entregue em 2014. Entrevistamos o morador Marrone Santos que, após experiência de habitação no Bairro SIM, mudou-se em regime de contrato de locação para o habitat residencial fechado atual, um conjunto de apartamentos, a preferência de habitação de Marrone. Por fim, acessamos o Condomínio Canto do Sol, entrevistando o morador Sergio Nogueira, o qual escolheu o bairro Muchila I, área de expansão consolidada, centro-sul, por sua localização relativamente próxima ao centro principal onde trabalha atualmente e à época da aquisição, em 2001, por prospectar uma condição de vida melhor para seu filho em condomínio fechado.

A identificação dos habitats residenciais fechados pesquisados foi feita com base nas características destacadas pelo(a)s moradores entrevistados, sobretudo, quando justificavam as motivações para escolha desse tipo de moradia, e foi reforçada com registros fotográficos no interior e no entorno dos empreendimentos. Em algumas ocasiões, o contato com os moradores deu-se fora de suas residências e/ou dos habitats residenciais fechados, o que não nos possibilitou registros internos desses empreendimentos. Nesses casos, quando usados, os registros internos foram pesquisados nos sites das construtoras, *sites* de venda/aluguéis, páginas em redes socias dos empreendimentos (*Facebook*, *Instagram*).

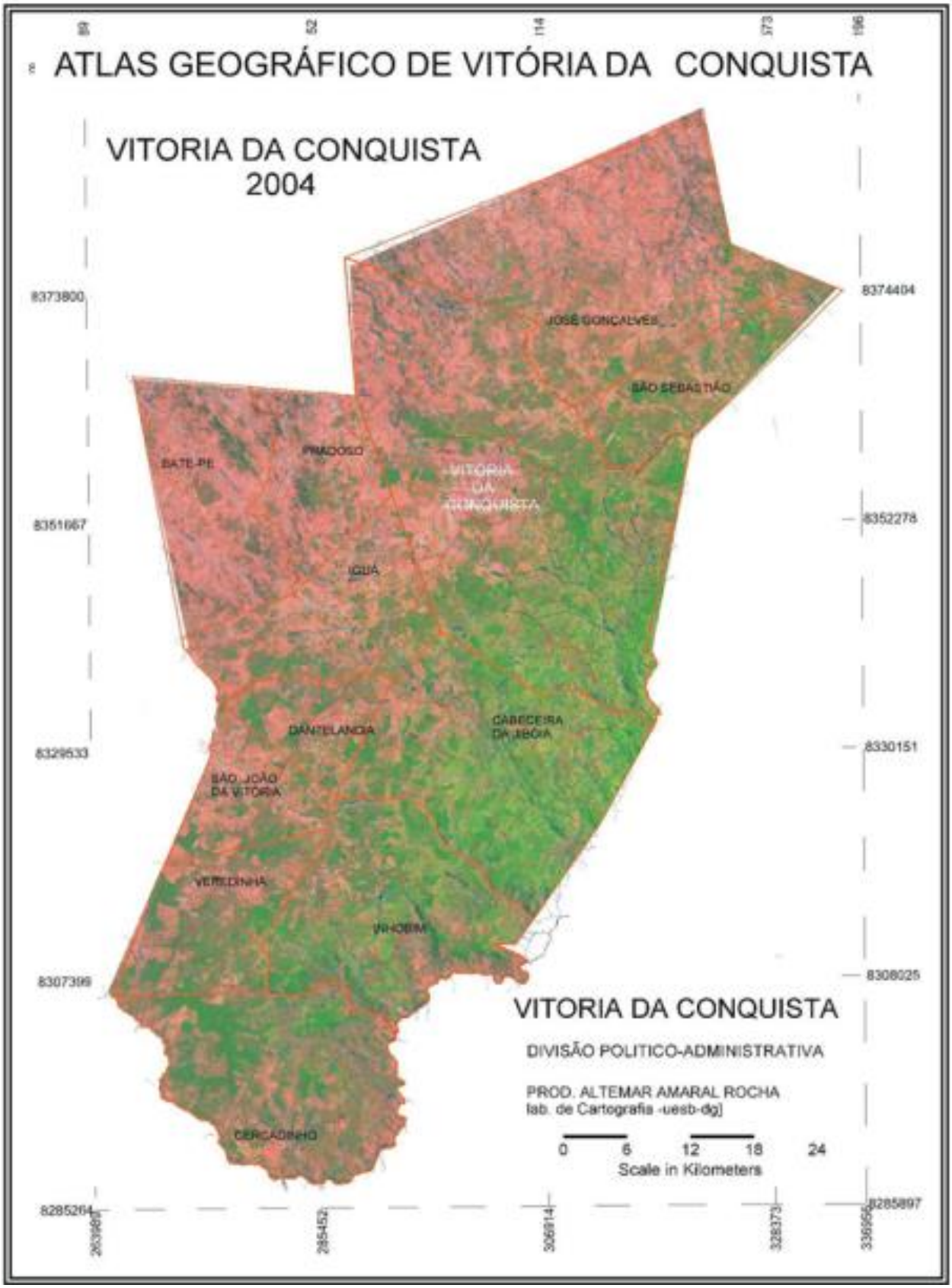
2.1.1.2 Situação geográfica e estrutura urbana de Vitória da Conquista

Com 182 anos de emancipação política, o município de Vitória da Conquista (Figura 18) é o terceiro do estado em população, estimada em 343.643 pessoas (IBGE, 2021), sendo que 274.739 residiam na área urbana e 32.127 na área rural, com uma porcentagem de 89,5% de urbanização (SEI, 2019).

Integrando o Território de Identidade Sudoeste Baiano, em seu perfil econômico, destaca-se no setor de comércio e serviços, com valor agregado bruto em torno de 77,5%, seguido da indústria e da agropecuária (Figura, 19). Localiza-se no centro sul do estado, distante 503 quilômetros da capital, Salvador; seu município constitui-se de 11 distritos: Bate Pé, Cabeceira da Jiboia, Cercadinho, Dantelândia, Iguá, Inhobim, José Gonçalves, Pradoso, São João da Vitória, São Sebastião e Veredinha.

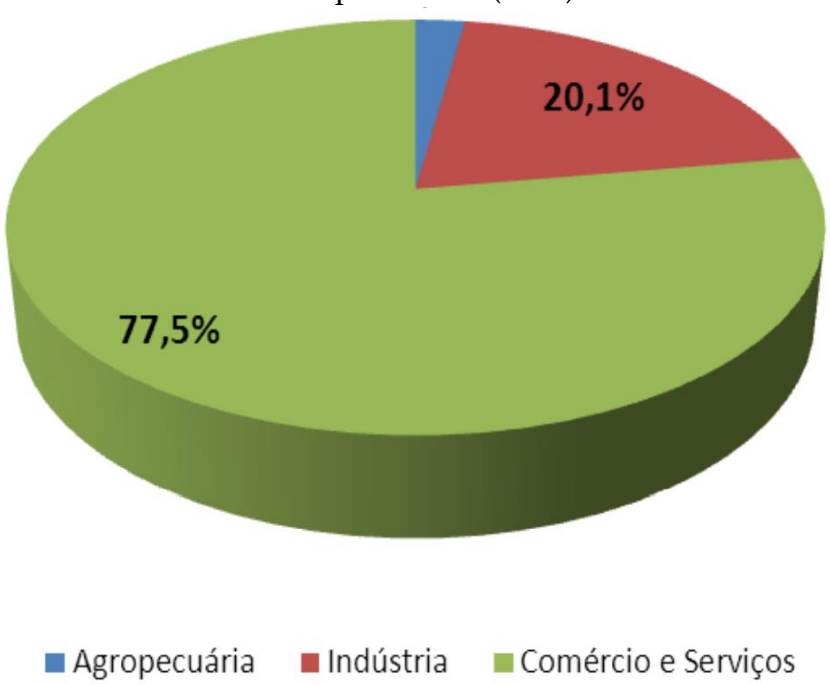
Com uma crescente centralidade na rede urbana da Bahia, Vitória da Conquista, conforme Santos, Janio (2016, p. 37), caracteriza-a como "difusora e controladora das atividades comerciais mais importantes do Território de Identidade", e ponto de atração de fontes de capitais comercial e financeiro, sobretudo. Esse contexto promoveu uma nova dinâmica econômica, assemelhando-se ao ocorrido também em Feira de Santana, Ilhéus e Itabuna.

Figura 18. Divisão político administrativa do município de Vitória da Conquista - BA



Fonte: Rocha e Ferraz (2005).

Figura 19. Composição do Valor Agregado Bruto (VAB), BAHIA - Vitória da Conquista - BA (2019).



Fonte: SEI (2019).

Esse mesmo autor assevera, contudo, sobre a necessidade de uma análise atenta à conformação da cidade que passa, assim como já notado por Silva e Fonseca (2007) sobre uma prática política direcionada com fins de articulação do território, promovendo fluidez (capital, mercadorias, pessoas) no território baiano de modo ampliado e, na área de influência constituída por e abarcada pela cidade de Vitória da Conquista, sob três processos conforme argumenta Santos, Janio (2016):

> 1)A ausência de políticas que garantissem a permanência do homem no campo; 2) processo de mecanização/modernização da agricultura; e 3) em função de crises na atividade agrícola. Esses elementos criaram as possibilidades para a sua expansão urbana, pois, enquanto local de decisão/centro de comando, as condições ideais foram designadas para sustentar e reproduzir o modo de produção capitalista – mão de obra barata e disponível -, em avanço para o espaço nordestino. (SANTOS, JANIO, 2016, p. 38).

Para Santos, Joelisa (2019), a expansão e acumulação capitalista explicam alterações no quadro demográfico, bem como, da demanda por serviços e incremento de relações comerciais, afirmando que a realidade socioeconômica de

Vitoria da Conquista teve ações centradas de proprietários fundiários nas primeiras décadas do século XX, consolidando-se posteriormente, ao afirmar que:

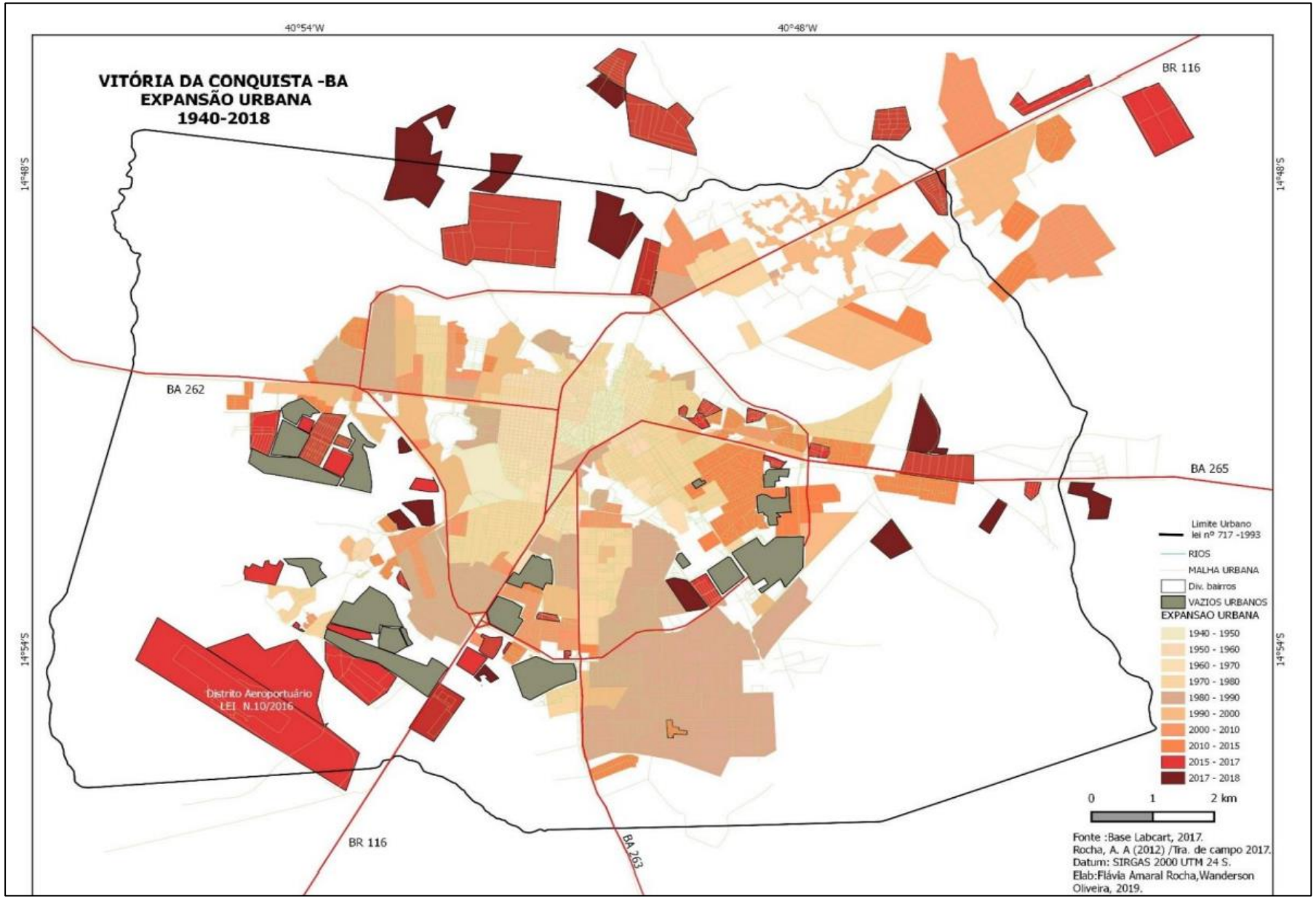
> Não há, em Vitória da Conquista, em absoluto, uma mudança no controle da terra e dos meios de produção, há apenas interesses de alternâncias de grupos políticos e proprietários locais que buscam impor suas vontades. Para a classe camponesa e trabalhadora, a expropriação e a exploração do trabalho se fazem com todo o peso, voltando-se a extração do trabalho desses para garantir os privilégios dos dominantes. No campo, a propriedade privada impede que os trabalhadores possam, em grande parte, nesse permanecer. Na cidade, o controle privado do solo urbano, via loteamentos, ou nega a esses sujeitos o direito à cidade, ou os empurra para os lugares mais precários, distantes e sem a menor infraestrutura. (SANTOS, JOELISA, 2019, p. 61).

Para compreender a nuances da produção do espaço urbano da cidade de Vitória um elemento a considerar é a própria a expansão territorial urbana (Figura 20).

Influenciados pela implantação de elementos como rodovias federais e regionais, a expansão territorial urbana, o incremento da estrutura urbana e o aumento da população, além de facilitar as conexões entre grandes centros de comando, também mudaram as relações locais e a maneira como esse espaço é produzido. Evidente que esses fatores, isoladamente, não explicam a dimensão desse processo, mas aumentam a expressão política, as intenções econômicas, a gestão, a diversificação econômica com a expansão do comércio, além da construção de relações entre os agentes sociais.

Sobretudo, as mudanças produzidas pelo intenso processo de urbanização decorrente da própria industrialização do Brasil, com evidente intenção do capitalismo de se expandir por meio da implantação de novas empresas, facilita mudanças nas relações espaciais e temporais e, portanto, prenuncia uma nova área. Nesses termos, as divisões técnicas, sociais e geográficas do trabalho são redefinidas.

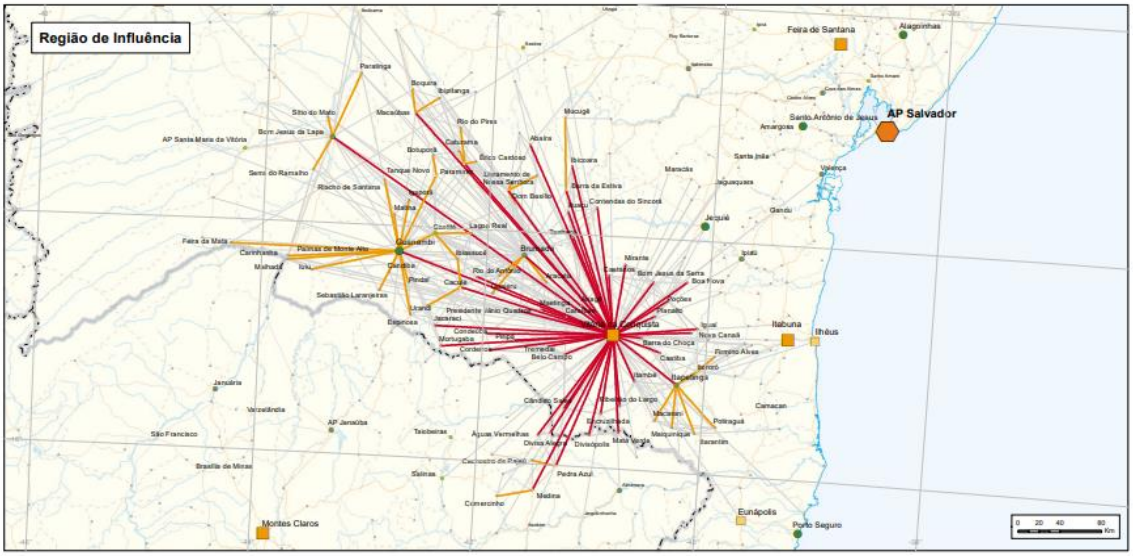
Figura 20. Expansão territorial urbana de Vitória da Conquista-BA (1940-2018).

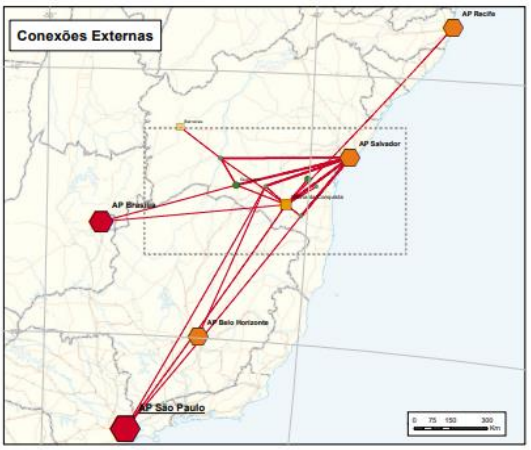


Fonte: SANTOS, W. (2019, p.118).

A partir da década de 1960, com a implantação de equipamentos públicos, investimentos em infraestrutura e construção de edifícios, a área central passou de características residenciais originais para indústrias, comércios e serviços, tornando-se mais dinâmica. A economia foi se diversificando ao longo do tempo e, em 1970, concentrou-se na cafeicultura e na indústria, resultando em um intenso aumento populacional e na diversificação da mobilidade econômica, do comércio e das atividades de serviços. Quase duas décadas depois, com a crise do café, o setor de serviços destaca-se, tornando a cidade um polo de atração regional, alterando as relações dentro e entre as cidades (Figura 21).

Figura 21. Região de Influência de Vitória da Conquista - BA - Capital Regional B (2B).





Características	Região de influência de Vitória da Conquista (A)	Participação da região de influência de Vitória da Conquista no Brasil ((A)x100/ Valor Brasil)	Núcleo da Sede (Vitória da Conquista) (B)	Participação de Vitória da Conquista em sua região de influência ((B)x100/(A))
População (2018)	2 015 833	1,0	338 885	16,8
Área (km2)	106 522	1,3	3 706	3,5
Densidade demográfica (hab/km2)	19	77,2	91	483,2
Cidades	88	1,8	1	1,1
PIB 2016 (1 000 R$)	22 904 842	0,4	6 226 153	27,2
Valor adicionado serviços (exceto administração pública)	9 127 171	0,3	3 467 856	38,0
Valor adicionado indústria	3 071 126	0,3	897 520	29,2
Valor adicionado agropecuária	2 488 321	0,8	111 386	4,5
Valor adicionado administração pública	6 480 385	0,7	1 022 694	15,8
Impostos	1 737 837	0,2	726 697	41,8
PIB *per capita* (R$)	11 362	37,8	18 372	161,7
Centros identificados	Centro Sub-Regional A: Guanambi (BA); Centros Sub-Regionais B: Bom Jesus da Lapa (BA), Brumado (BA) e Itapetinga (BA); Centro de Zona A: Caetité (BA); Centros de Zona B: Barra de Estiva (BA), Caculé (BA), Ibiraroá (BA), Livramento de Nossa Senhora (BA), Macaúbas (BA), Medina (MG), Paramirim (BA), Pedra Azul (MG) e Tanque Novo (BA).			

Fonte: REGIC/IBGE (2020).

A expansão do setor terciário foi um dos principais motores do processo de reestruturação econômica iniciado em meados da década de 1990, quando da diversificação na oferta de serviços e ampliação do comércio, fortalecendo sua centralidade na rede urbana. Assim, como expressão do novo ritmo de urbanização, Vitória da Conquista encontra-se em constante expansão territorial urbana e sua forma espacial vem se mostrando relativamente dispersa. Processos de ocupação, influenciados pelos agentes imobiliários, priorizam grandes lotes vagos, devido à descontinuidade territorial.

Nesse contexto, consideramos a descontinuidade territorial associada ao ambiente construído, mesmo que as relações estejam nele inseridas. A descontinuidade espacial pode ser considerada do ponto de vista da própria relação *per se* (SPOSITO, M. 2004). Melhorias na tecnologia, uso da internet, municipalização da saúde e diversificação do sistema de ensino, entre outras ações, têm contribuído para o incremento na prestação de serviços, ainda que a acessibilidade a determinadas áreas da cidade seja reduzida.

É de consenso entre vários autores (FERRAZ, 2001; SANTOS, JANIO, 2016; MARES, 2016; 2020; 2021; SANTOS, JOELISA, 2019; SANTOS, W, 2019) que a política habitacional foi um fator importante no processo de expansão ou, antes, que a lógica imobiliária vem ditando o ritmo de reestruturação da cidade de Vitória da Conquista. Se considerarmos as dinâmicas mais recentes, concordamos com Bastos (2008) ao sinalizar que:

> Os novos incorporadores imobiliários estão agora livres para produzir os espaços fragmentados. As estratégias dos agentes sobre lucros de urbanização, antes pontuais e ocasionais, tornam-se centrais e sistemáticas. Pensando aqui nos condomínios fechados e nos shopping-centers, cidades recriadas inclusive com a sua própria natureza. (BASTOS, 2008, p. 7).

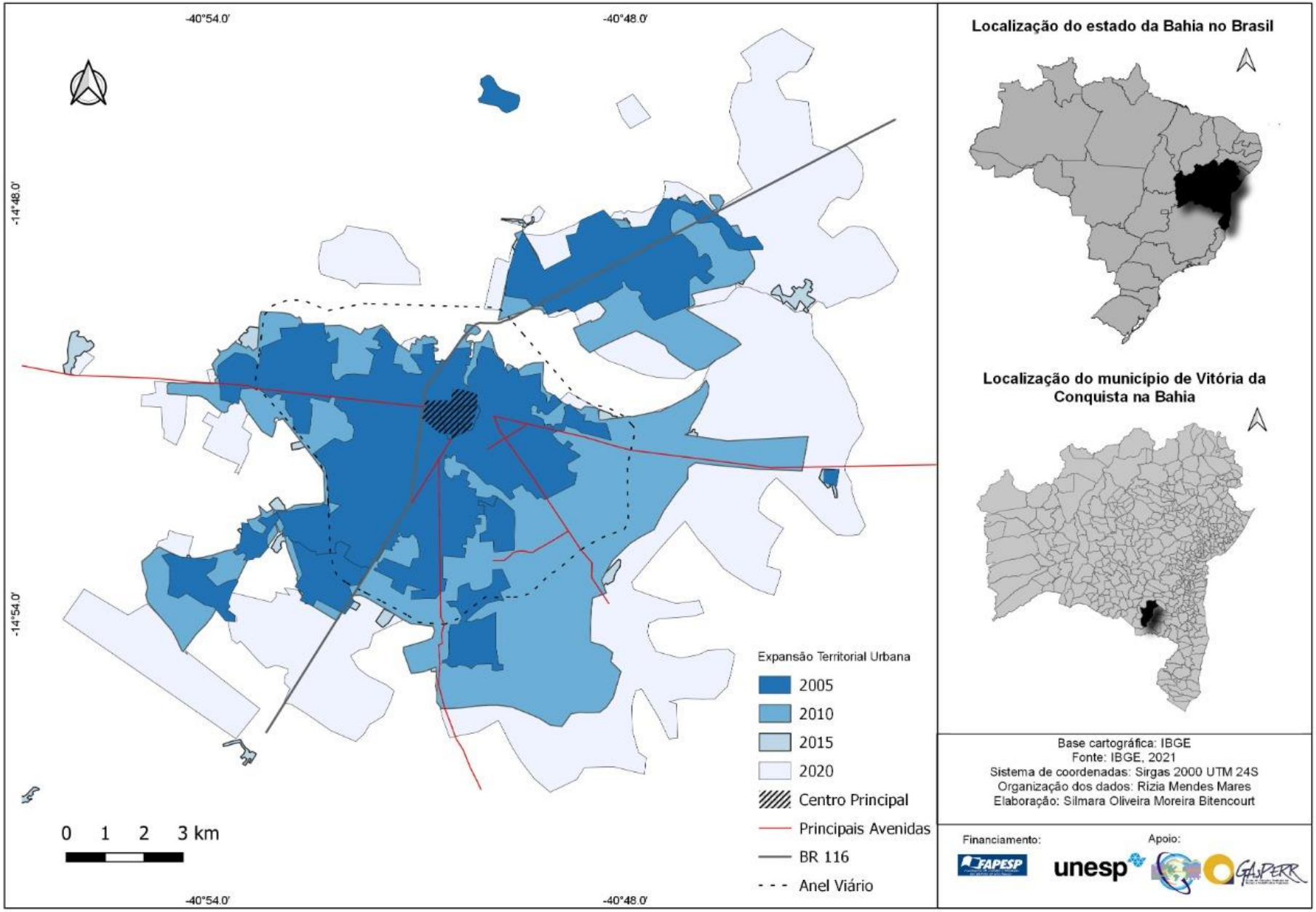
Para o caso de Vitória da Conquista, Santos, W. (2019) apurou que, no período de 1980 a 2018, foram implantados 270 loteamos no perímetro urbano e destaca o papel dos proprietários incorporadores e as incorporadoras imobiliárias,

as quais, ao realizar o parcelamento do solo urbano, promoveram essa ação como primordial nas transformações operadas nessa cidade. O que reverbera num contínuo processo de expansão territorial urbana (Figura 22) para além do previsto pelo zoneamento empreendido pelo poder público municipal através das prévias do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano[14], forçando a agregação de áreas rurais ao perímetro urbano, mesmo porque essa expansão é facilitada pelo incremento de estruturas espaciais e de infraestrutura básica, como condição de sua viabilização e acesso. Portanto, como indicado na Figura 23, há loteamentos implantados nos últimos anos fora do perímetro urbano, em flagrante desrespeito à legislação.

Nesse intenso processo de dispersão da cidade, verifica-se um remodelar da estrutura urbana; o implemento de empreendimentos imobiliários comerciais, de lazer e de moradia tem reorganizado as áreas destinadas aos diferentes usos do solo e, mais, essa alocação, em contraste com a lei, vem se dando, sobremaneira, sob gestão da iniciativa privada. Além do incremento de novos loteamentos e equipamentos urbanos, impondo-se materialmente nos espaços e, principalmente, na periferia espacial dessa cidade, há a assimilação, de cima para baixo, de um padrão de vida urbana incorporado por e através de representações.

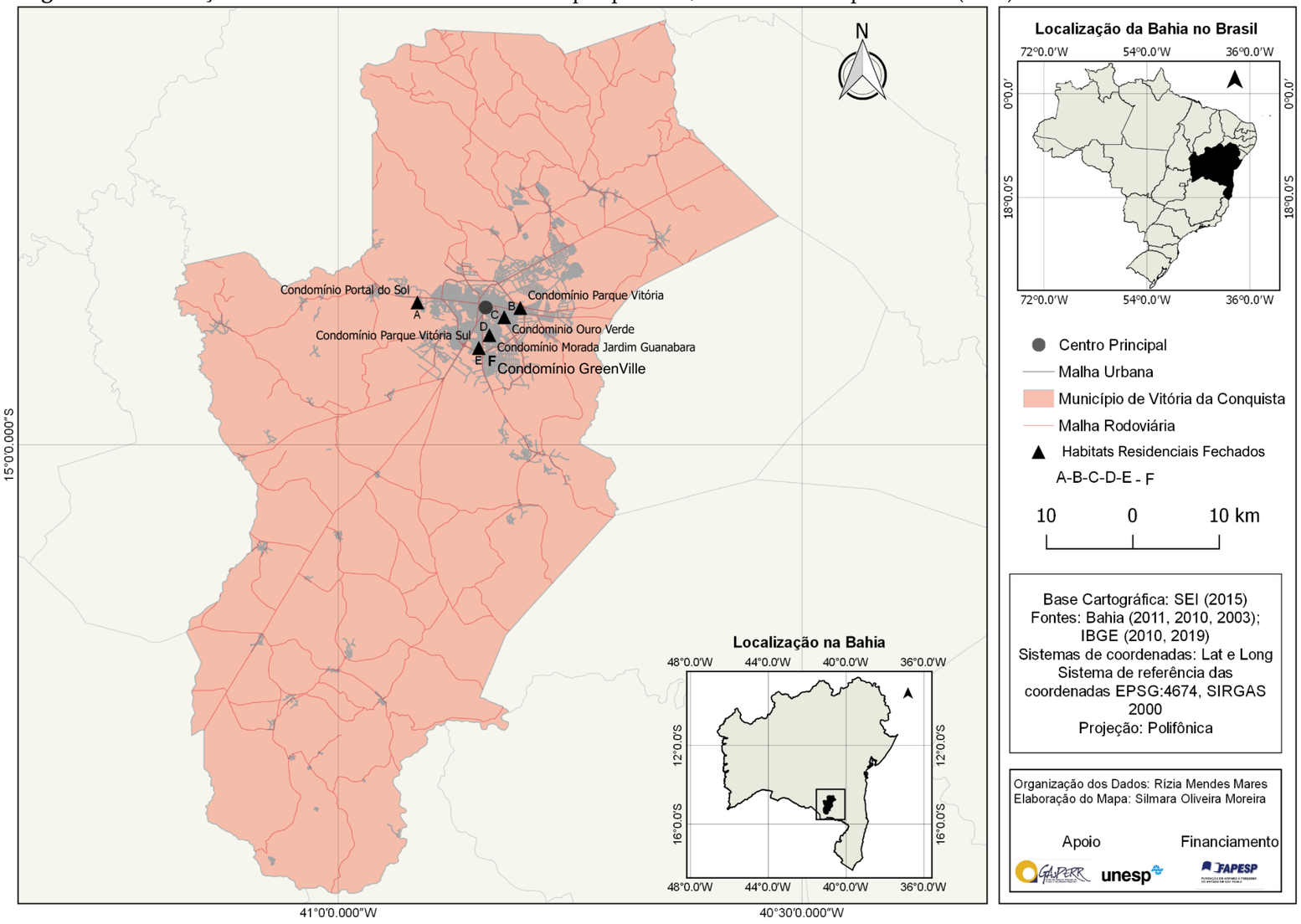
[14] PREFEITURA MUNICIPAL, 2021. Produto 10, Tomo II - Relatório Preliminar do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. Plano Estratégico Vitória da Conquista 2020. Disponibilizado em entrevista pelo coordenador da secretaria de planejamento e urbanismo. Também encontra-se disponível no site da prefeitura em: < https://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/produto10_tomoII.pdf> último acesso em novembro de 2022.

Figura 22. Expansão territorial urbana, Vitória da Conquista - BA (2005-2020).



Fonte: Pesquisa de Campo (2019-2021).

Figura 23. Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Vitória da Conquista - BA (2019).



Fonte: Pesquisa de campo (2019-2021).













Essas áreas de expansão recente, em um passado não muito distante, antes pejorativamente vistas, ora por serem propriedades rurais, ora por concentrarem um grupo socialmente excluído, passam a ter atributos valorativos com vistas a alcançar um grupo social determinado para aquisição de novos produtos imobiliários. Nesse sentido, para o caso de Vitória da Conquista, Santos, Joelisa (2019) coloca:

> A periferia se caracteriza como produto do processo de valorização e, com isso, ela deixa de ser apenas lócus de reprodução da classe trabalhadora e passa a também ser ocupada para atender aos interesses do capital imobiliário, financeiro e fundiário. (SANTOS, JOELISA, 2019, p. 164).

Nessas áreas de expansão recente, o destaque é dado para a porção nordeste e sudeste do perímetro urbano da cidade de Vitória da Conquista, em que tivemos acesso a moradores de seis habitats residenciais fechados destacados na Figura 23, com perfis intermediários de renda (Quadro 8),

No Condomínio Portal do Sol, no bairro São Pedro, extremo oeste da cidade, entrevistamos Michel, morador desde a entrega pela VCA Construtora, ocorrida em 2015. Esse morador também atuou na corretagem das unidades (lotes e apartamentos prontos) desse habitat residencial fechado, afirmando que a ideia inicial da construtora, que é de Vitória da Conquista, era fazer um bairro planejado nessa área oeste da cidade.

Jorge foi o morador entrevistado no Condomínio Parque Vitória, bairro Primavera, setor mais conhecido como Nova Cidade, implementado pela E2 Engenharia e Empreendimentos, fundada em agosto de 1997 em Vitória da Conquista. São 148 casas privativas unifamiliares horizontais isoladas, localizado na direção norte da cidade, próximo ao bairro Candeias, interesse de Jorge em termos de sociabilidade e por querer residir em uma casa com espaços internos privativos, adquirindo-a via financiamento do PMCMV.

Quadro 8. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Vitória da Conquista – BA, 2019-2021.

TIPO URBANO	Nº DE ENTREVISTAS	CIDADE	ESPAÇO RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE/LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/ LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	Taxa condominial (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019)	Ano de abertura	Bairro
Cidade Média	1	Vitória da Conquista	Condomínio Parque Residencial Ouro Verde	apartamento (três dormitórios)	94 unidades	98,52 m²	Condomínio vertical fechado murado, portaria 24h, câmeras de segurança, cerca elétrica, quadras poliesportivas, dois parquinhos infantis, piscina, área gourmet	R$450,00	Sim	1988	Candeias
	1	Vitória da Conquista	Condomínio Residencial Parque Vitória	casa privativa unifamiliar horizontal isolada (dois dormitórios)	148 unidades	120m²	condomínio horizontal fechado murado, cerca elétrica, portaria 24h, piscina, quadra, academia, salão de festa, sala de cinema, salão de jogos, brinquedoteca, e parque infantil.	R$185,00	Sim	2015	Primavera
	1	Vitória da Conquista	Condomínio Residencial Portal do Sol	apartamento e casas	360 lotes/unidades	540m²	Loteamento fechado murado com serpentina, segurança-ronda interna, portaria 24hsEnergia solar para áreas comuns; piscina olímpica, quadra poliesportiva, campo de futebol gramado, quadra de tênis em piso de saibro, salão de jogos, parque infantil, salão de festas, academia equipada, pista de cooper, campo de areia, quiosques com churrasqueiras, áreas verdes com vegetação nativa, pomar e horta coletiva, sistema de irrigação no gramado, pavimentação com piso intertravado, lago contemplativo, exposição de obras de artes à céu aberto	R$200,00	Sim	2015	São Pedro

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração**: (MARES 2021).

Quadro 8. [Continuação]. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados, Vitória da Conquista – BA, 2019-2021.

TIPO URBANO	Nº DE ENTRE VISTAS	CIDADE	ESPAÇO RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE/LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/ LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	Taxa condominial (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019)	Ano de abertura	Bairro
Cidade Média	1	Vitória da Conquista	Condomínio Residencial Parque Vitoria Sul	apartamento (dois quartos)	440 unidades	50m²	Condomínio vertical fechado, murado, com portaria 24h, câmeras de monitoramento, piscina, salão de festas, área fitness, área gourmet com parquinho infantil e garagem individual.	R$120,00	Sim	2019	Felícia
	1	Vitória da Conquista	Condomínio Morada Jardim Guanabara	apartamento (um e dois quartos)	252 unidades	50m²	Condomínio vertical fechado, murado, portaria 24h, câmeras de vigilância, salão de festas, salão de jogos, fitness, sauna, quiosque, parque infantil, quadra esportiva, bicicletário, brinquedoteca	R$200,00	Sim	2014	Bela Vista
	1	Vitória da Conquista	Condomínio Residencial GreenVille	casa privativa unifamiliar horizontal isolada	240 unidades	360m²	Condomínio horizontal fechado, murado, cerca elétrica, câmeras de vigilância, guarita de segurança, portão eletrônico, salão de jogos, solarium	R$400,00	Sim	2005	Boa Vista

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração:** (MARES 2021).

No bairro Candeias, entrevistamos Noberto, morador do Condomínio Ouro Verde, no qual também atuou como síndico. É um dos condomínios pesquisados mais antigos, data de 1988, e é formado por 94 apartamentos. Localiza-se atualmente na proximidade de uma das principais avenidas da cidade, a Luiz Eduardo Magalhães.

O Condomínio Jardim Guanabara, localizado no bairro Bela Vista, da Construtora Gráfico Empreendimentos, fundada em 1987, em Salvador-BA, compõe-se por 252 apartamentos modelo padrão, onde entrevistamos Suzane, a qual adquiriu o empreendimento, via financiamento público pelo PMCMV. A área em que se localiza o empreendimento é de crescente valorização imobiliária, sobretudo, após implementação do Shopping Conquista Sul, rede de hipermercados, como o Assaí e Atacarejo, GBarbosa, agências bancárias e empreendimento da rede hoteleiraAccor (Ibis).

Dessas mesmas vantagens locacionais compartilha Janio, morador entrevistado no Condomínio Parque Vitória Sul, da MRV Engenharia, sediada em Belo Horizonte - MG (1979). O empreendimento de 440 unidades (apartamento padrão), implementado em 2021, localiza-se no Bairro Felícia, localização buscada por Janio, sobretudo, em virtude do seu local de trabalho, que é no mesmo bairro e por uma questão de investimento, tendo adquirido o imóvel via financiamento do PMCMV.

O sexto habitat residencial fechado pesquisado foi o Condomínio Green Ville, no bairro Boa Vista, composto por 240 unidades - casa privativa unifamiliar horizontal isolada, localizando-se numa área que passa por alterações recentes em termos de infraestrutura urbana, adensamento (populacional e de edificações), valorizando-se como um dos principais condomínios da cidade. Implementado por volta do ano de 2005, como relatado por Tereza, moradora entrevistada, a qual afirmou ter sido uma das primeiras moradoras do condomínio que à época era bastante isolado das demais áreas da cidade.

Tereza adquiriu a casa via programa de financiamento do governo para funcionários públicos, perfil prioritário à época da implementação do habitat, tendo 100% da sua casa financiada. Hoje, relata haver um perfil diferente de moradores, socioeconomicamente mais elevado. No Quadro 8 é feita uma síntese das características gerais dos habitats residenciais fechados pesquisados em Vitória da Conquista.

2.1.1.3 Situação geográfica e estrutura urbana da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna

Há uma estrutura hierárquica organizando os centros urbanos que, conforme a rede urbana regional, estão dispostos, funcionalmente, de modo desigual no espaço baiano como resultado e condição da manutenção de uma estrutura desigual e produção de diferenciação socioespacial. Mesmo porque as transformações na produção das cidades e da própria rede urbana, leva-nos a repensar os modelos tradicionais que a estruturam, de modo que, mesmo considerando as permanências nas relações hierárquicas, há uma dinâmica que não se limita às atuais barreiras impostas pela hierarquia.

Havendo, em certa medida, uma superposição de escalas distintas (do local ao global), assim como, a ocorrência de processos e fenômenos também interescalares (WHITACKER, 2013). A ocorrência de interação entre as cidades pode ser verificada, por exemplo, através de fluxos, das migrações (pendulares) sem, necessariamente, haver uma continuidade territorial urbana que una as duas unidades, pois, dá-se uma relação de contiguidade, isto é, uma interação por meio das funções urbanas desenvolvidas por cada cidade, sem que haja um espaço urbano contínuo. Como indicou esse autor, trata-se de um processo de articulação e junção de centros urbanos distintos político-administrativamente, que se realiza não apenas pela continuidade do tecido urbano, como também, pela interação

espacial entre esses centros, mediados pelas funções exercidas por cada um, processo classificado como uma aglomeração urbana (WHITACKER, 2015).

Como será visto, ainda que lidemos com a caracterização de cada uma das cidades, Ilhéus e Itabuna, a expressiva relação de complementariedade entre as duas leva-nos a identificá-las como "um só organismo cabeça de região" (SANTOS, 1959, p. 27). Desde um quadro urbano-regional, aproximamo-nos, também, do entendimento desse como um sistema no interior de um sistema de cidades (BERRY, 1964), aplicando-se, também, o entendimento do sistema urbano-regional como um sistema dentro de outras regiões (SILVA, SILVA; LEÃO, 1987).

No caso de Ilhéus-Itabuna, seu agrupamento deu-se por diversos elementos, desde os mais gerais, relativos ao extenso território baiano, às características ambientais, sociais e econômicas como base para planejamento com fins agrícolas, estatísticos, urbano-regionais. Desde seus estudos na década de 1980, Silva, Silva e Leão (1987) já sinalizavam as tendências para a conjunção das cidades de Ilhéus-Itabuna, considerando o seu papel de comando dessa aglomeração, alimentando nossa proposição de atuação de ambas como um tipo urbano desempenhando papéis de comando e funções de intermediação como o tipo urbano de uma cidade média:

> Se até recentemente foi possível foi possível falar separadamente de Ilhéus e Itabuna, valorizando determinados aspectos específicos, hoje é mais conveniente tratar dos dois centros praticamente como uma só unidade urbana responsável pela condição da vida regional. Esta constatação decorre da progressiva integração entre os dois centros, observada, sobretudo, a partir da implantação da CEPLAC, da FESPI, do CNPC e de outras instituições e atividades. Mesmo reconhecendo uma certa rivalidade e competição entre esses dois centros, o que é compreensível até certo ponto e uma tendência oposta de crescimento físico, não há dúvidas de que, com a mesma base econômica progressivamente mais bem estruturada e organizada, a partir de várias instituições, houve uma crescente interdependência entre os dois centros. (SILVA, SILVA; LEÃO, 1987, p. 407).

Em termos de dinâmica demográfica, Silva, Silva e Leão (1987) afirmam que o que se denominou como região de Ilhéus-Itabuna resultou de uma organização regional homogênea e hierarquizada, estruturada pela cultura cacaueira marcada em ambas as cidades, como destacado por esses autores:

> A área onde a influência de Ilhéus-Itabuna é exercida corresponde essencialmente à principal zona de produção do cacau do Estado, ou seja, há uma similaridade entre a definição da região agrícola cacaueira e a do subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna. ((SILVA, SILVA; LEÃO, 1987, p. 64).

Para esses autores, essa associação foi determinante na caracterização e funcionamento do subsistema urbano Ilhéus-Itabuna do ponto de vista econômico, por exemplo, mas, também, como é tratado no decorrer desta tese, estruturou as relações sociais e as representações dos citadinos, sejam aqueles originalmente naturais daquelas cidades ou aqueles que migraram de outras cidades para morarem em Ilhéus e Itabuna.

Trindade (2011), ao pesquisar a conformação da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, indica uma complexificação nas relações sociais, políticas e econômicas entre essas cidades quando da expansão da área de produção cacaueira no correr das últimas décadas do século XIX. Esse destaque econômico com o incremento da cultura cacaueira reforçou a posição de Ilhéus ao passo que, gradativamente, fortaleceu a estruturação urbana da cidade de Itabuna, contando com a favorecida posição geográfica entre o litoral e o interior produtivo cacaueiro. A cultura cacaueira integrou, assim, a constituição econômica da região de modo mais amplo, e da constituição [hierárquica] da sociedade, principalmente na cidade de Ilhéus, mas, também, impactando na organização social da cidade de Itabuna, conforme caracterizado por Trindade (2011):

> Nesse contexto regional engendrado pela produção e comercialização do cacau, mas partícipe, na escala mundial, do sistema capitalista de produção, diferentes atores sociais participaram de um mesmo processo, ainda que em posições diametralmente opostas: de um lado, a nascente burguesia

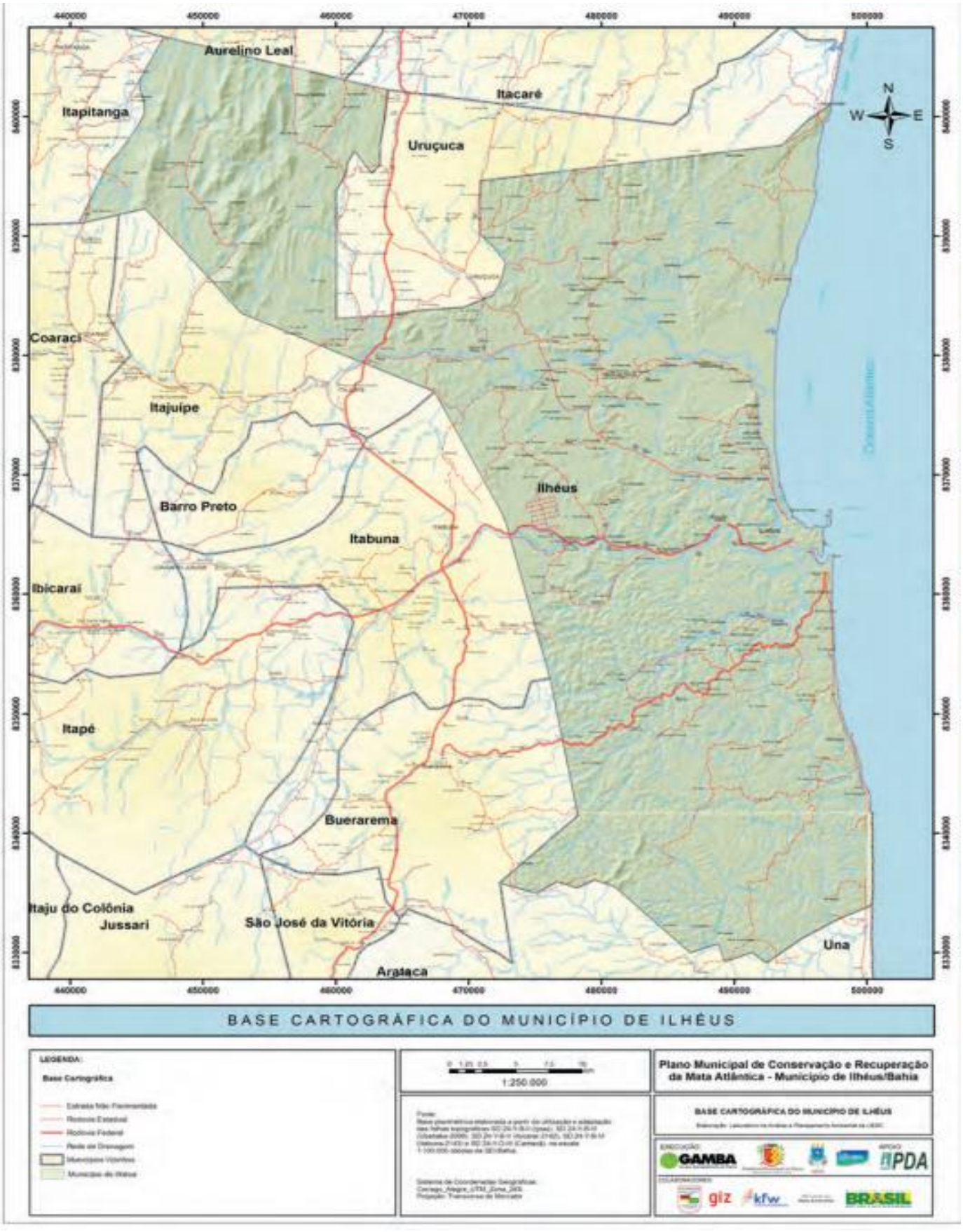
> comercial, produtora de cacau, constituída pelos grandes proprietários de terras, pelos comerciantes e exportadores, e pelos membros da administração político-administrativa regional, oriundos desses segmentos sociais; e de outro lado, trabalhadores rurais com remunerações precárias, administradores das fazendas e até mesmo jagunços, contratados para proteger as propriedades e seus proprietários. (TRINDADE, 2011, p. 106).

Esse autor defende uma perspectiva de análise que é a da interconexão articuladora entre o espaço regional com o espaço urbano, já que as cidades, consideradas nós de uma rede urbana, possuem infraestrutura de atendimento às demandas intra e externamente, voltando-se a seu espaço de influência. No contexto da Região Geográfica Intermediária Ilhéus-Itabuna as relações estabelecidas reforçam a constituição de um tipo urbano que responde às demandas dos seus munícipes e do seu entorno, além de intermediar conexões e interações desde os menores aglomerados à cidades de maior porte na escala da rede urbana baiana e do sistema urbano brasileiro.

Para tanto, ambas as cidades dividem ou disputam o espaço, no que tange à implementação de estruturas espaciais e demais infraestruturas, com vistas a reforçar não só a região geográfica, como também, cada cidade, especificamente, pois, além de complementaridade, há ainda elementos de hierarquia entre essas cidades que alternam suas posições a depender do recorte operado.

Conforme a SEI (2019), o município de Ilhéus (Figura 24) foi criado por uma Carta régia de 26/07/1534, abrangendo, na atualidade, uma área de 1.872,92 km². O município de Ilhéus é formado pelo distrito-sede, cidade de Ilhéus, e mais 10 distritos (Aritágua, Banco Central, Banco da Vitória, Castelo Novo, Coutos Inema, Japu, Pimenteira, Rio do Braço e Sambaituba) e por um conjunto de vilas e povoados. Dados demográfico do IBGE (2021) apontam uma população estimada em 157.639 habitantes, com densidade demográfica de 104,67 hab/km² e população majoritariamente urbana (84,3%).

Figura 24. BAHIA - Ilhéus. Localização do município de Ilhéus-BA.



Do ponto de vista econômico, segundo dados do IBGE (2016) e da SEI (2019), o PIB per capta gira em torno de R$ 19.627,88, com 60,0% da riqueza produzida oriunda do comércio e serviços, seguida da indústria e da agropecuária (Figura 25).

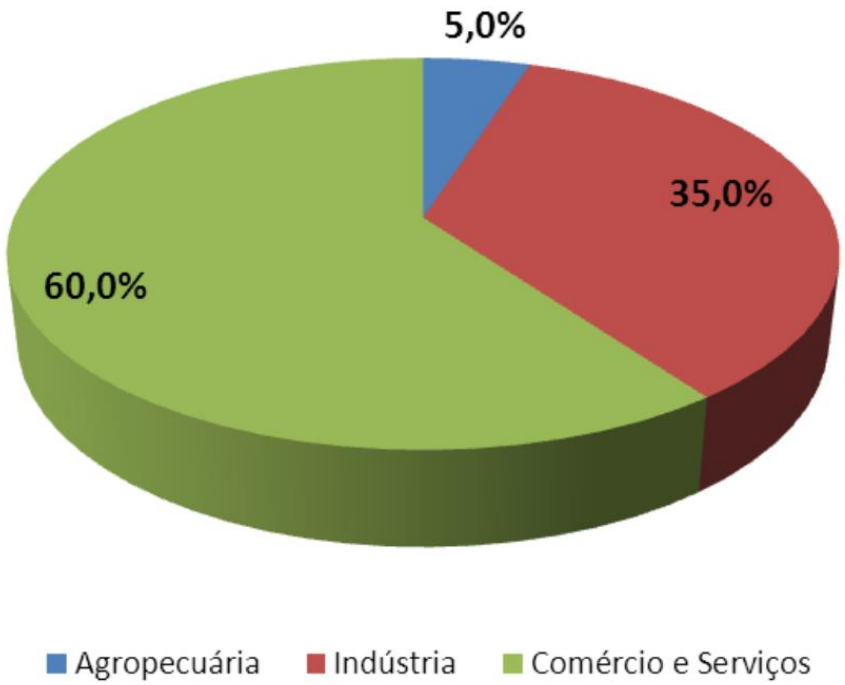


Figura 25. BAHIA - Ilhéus. Composição do Valor Agregado (2014).
Fonte: IBGE (2016), SEI (2019).

Em termos históricos, Ilhéus é um dos centros urbanos mais antigo do Brasil; as marcas da colonialidade em seu processo de formação socioespacial acompanha a própria formação do território brasileiro, materialmente inscrito na paisagem urbana, do que restou preservado da arquitetura do período colonial e das características sociais em termos de ocupação do território (Figuras 26 a 28).

Figura 26. BAHIA - Centro tradicional de Ilhéus.



Fonte: Trabalho de Campo (2019).

Figura 27. BAHIA – centro comercial de Ilhéus.



Fonte: Trabalho de Campo (2019).

Figura 28. BAHIA – Entorno da orla de Ilhéus.



Fonte: Trabalho de Campo (2021).

Tratando-se de Itabuna, seu contexto de formação territorial tem como marcos as primeiras nucleações urbanas atravessadas pelo rio Cachoeira e pela Mata Atlântica, com a constituição do Arraial de Tabocas, em 1867. O povoamento deu-se, sobretudo, pela mobilidade intrarregional de tropeiros da região entre essa porção do território baiano à cidade de Vitória da Conquista, desde 1857. Administrativamente, constituiu-se como cidade em 1910 quando passa a denominar-se definitivamente como Itabuna (Arquivo Público da Prefeitura de Itabuna. Pesquisa de Campo/2019).

Conforme ocorrido na cidade de Ilhéus, a estruturação territorial urbana em Itabuna foi influenciada pela produção cacaueira, ainda que, segundo Trindade (2011, p. 76), "Os núcleos do povoamento inicial se expandem e passam a adquirir o status de cidades, mesmo que inseridas em um contexto socioespacial ainda eminentemente rural". Além da questão econômica, a formação socioespacial de Ilhéus e Itabuna compartilham um histórico de conflitos pela posse da terra e de genocídio das populações originárias, conforme expõem Andrade e Rocha (2005).

> A história de Itabuna confunde-se com a história de Ilhéus até 1906, quando fazia parte da sua área territorial, como um dos seus distritos. Dominada pela floresta tropical, povoada por indígenas, catequizados ou não, servindo de passagem para tropeiros, teve suas terras invadidas pelos colonos brancos interessados no cultivo do cacau que florescia na ex-capitania de São Jorge dos Ilhéus (ANDRADE; ROCHA, 2005, p.13).

Permanece a influência do cacau na organização econômica e na constituição da sociedade urbana, que se formava com a migração de trabalhadores vindos de estados vizinhos, sobretudo, os da região semiárida do Nordeste, inseridos tanto nas lavouras como nos armazéns de comercialização do cacau. Esses trabalhadores instalavam-se, majoritariamente, na área rural e buscavam por produtos e serviços na área urbana, além de fazerem naquele espaço o comércio dos seus produtos agrícolas (SANTOS, JORMAN, 2018).

Assim, ainda que o surgimento do município de Itabuna esteja ligado à formação da região cacaueira ou, mais anteriormente, com a ocupação do território desde as capitanias hereditárias, foi a partir de 1860 que o povoado de Tabocas se constituiu. A formação das primeiras nucleações deu-se às margens do Rio Cachoeiras, com migrantes europeus e árabes em um primeiro momento e, em um segundo momento, por nordestinos, sobretudo, do estado de Sergipe. Com o passar de uma década, esse quantitativo populacional acelerou-se e também em diversidade, passando a receber migrantes de outras cidades da Bahia e demais regiões do Brasil (RODRIGUES, 2012).

Conforme apurou Rocha (2003), notou-se um acelerado crescimento demográfico no então Arraial de Tabocas, o que motivou lideranças políticas à época a propor a emancipação e desmembramento do município de Ilhéus. Segundo Rodrigues (2012):

> Basicamente, Itabuna manteve todos os elementos físicos – urbanísticos determinantes da forma de sua ocupação até a década de 1970, ou seja, durante seus primeiros 70 anos de emancipação político–administrativa, apresentando uma malha urbana contínua, com exceção de Ferradas e entorno, onde sempre se verificou algum

> dinamismo próprio. De acordo com a Prefeitura Municipal de Itabuna (2001), a primeira importante intervenção na área habitacional ocorreu em 1972, pela Companhia de Habitação Estadual com a construção de um conjunto formado por blocos de apartamentos para classe média, situado no bairro Banco Raso, através de financiamento do Banco Nacional de Habitação – BNH. (RODRIGUES, 2012, p. 88).

Outras intervenções substanciais foram feitas nas décadas seguintes, 1980 e 1990, com mais conjuntos habitacionais, via programas federais de habitação (verticais e horizontais), intensificando um processo de ocupação desigual do espaço urbano, sobretudo, nas áreas de periferia espacial, com predominância de estruturas precárias, tendência à favelização e ocupação irregular. Além da questão habitacional, a partir de 1990 outro elemento passou a movimentar economicamente a cidade de Itabuna e manter a dinâmica de estruturação do espaço urbano, especialmente, com a queda da lavoura cacaueira (RODRIGUES, 2012) para essa autora:

> Na década de 1990, a malha urbana apresentava-se contínua, exceto no oeste da cidade, com o Distrito Industrial e os bairros periféricos que surgiram em seu entorno, além do novo polo de desenvolvimento e serviços ao norte, onde foram implantados o Hospital de Base Luiz Eduardo Magalhães e a Maternidade da Mãe Pobre. (RODRIGUES, 2012, p. 93).

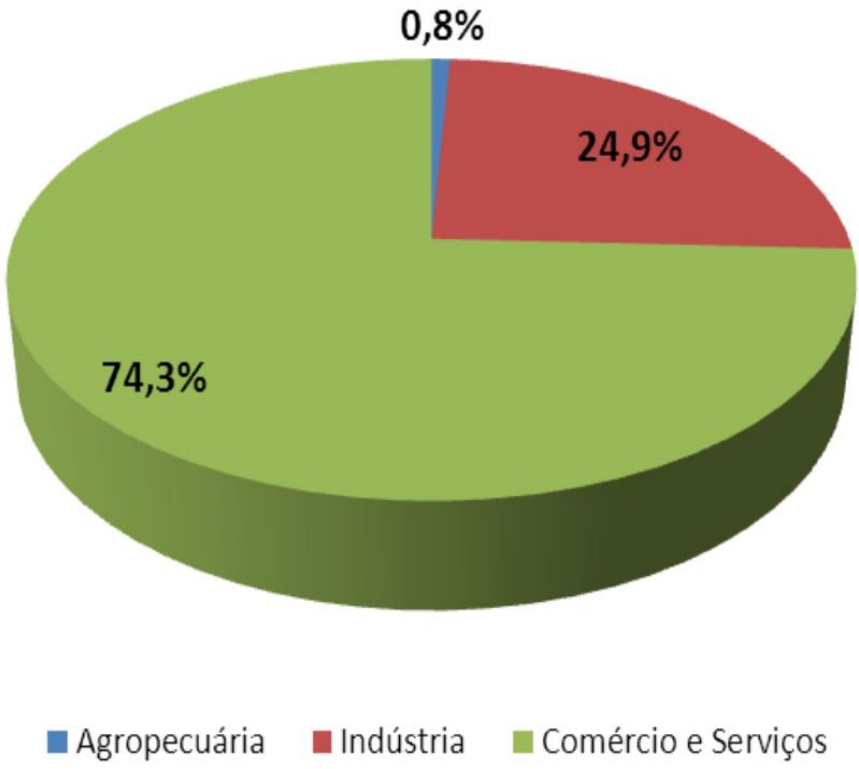
Com a queda da cultura cacaueira, novas fontes de lucro foram buscadas. Dada a emergência de uma diversificação das atividades produtivas, verificou-se na cidade de Itabuna um processo de reestruturação, tanto com uma dada manutenção de atividades primárias, pela introdução de novas culturas agrícolas, como com a inserção de novas indústrias, fortalecimento do setor de comércio, varejista e atacadista, além de investimentos em infraestrutura intraurbana, com calçamentos nos principais corredores e melhorias em rodovias (BR 101; 324) (RODRIGUES, 2012).

O município de Itabuna (Figura 30), distante 431 quilômetros da capital, Salvador, é o sexto do estado da Bahia em tamanho populacional, com estimativa

de 214.123 pessoas (IBGE, 2021), desses, 199.643 habitantes residiam em áreas urbanas e 5.024 habitantes residiam em domicílios rurais, perfazendo um grau de urbanização de 97,5%, conforme censo demográfico (IBGE, 2010).

Em termos econômicos, o Produto Interno Bruto (PIB per capta) era de cerca de R$ 19.619,07 (IBGE, 2019), sendo a produção da riqueza com maior porcentagem oriunda do setor de comércio e serviço,74,3%, seguida do setor industrial e, depois, da agropecuária (Figura 29.)

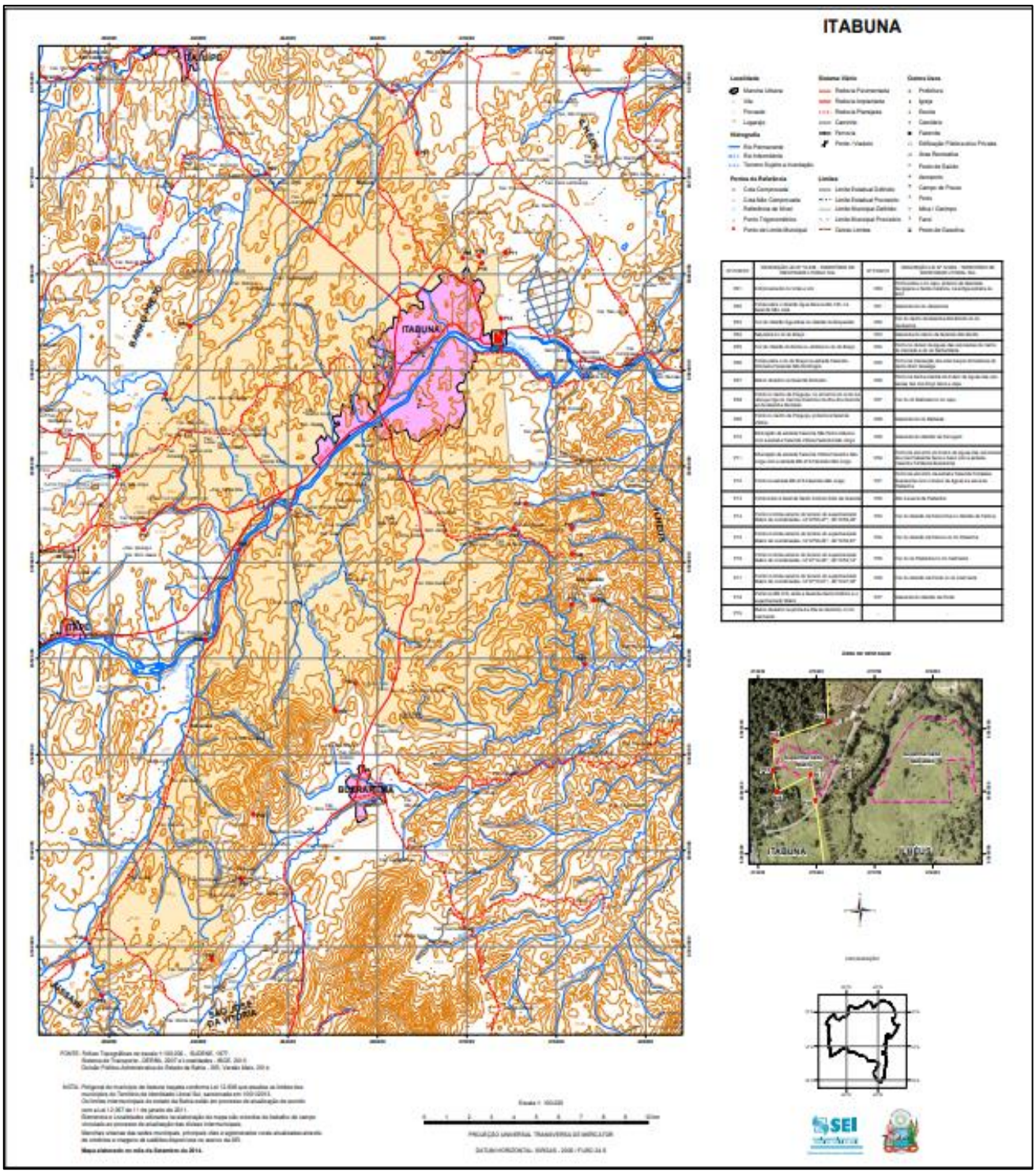
Figura 29. BAHIA - Itabuna. Composição do Valor Bruto Agregado (VBA).



Fonte: IBGE (2016); SEI (2019).

Neves (2018) atribui à perda progressiva da importância econômica do cacau e à consolidação de novas atividades desenvolvidas localmente, a partir dos anos 2000 nas cidades de Ilhéus e Itabuna, a atuação de novos agentes, redirecionando à lógicas e dinâmicas de apropriação do espaço urbano.

Figura 30. BAHIA- Itabuna. Localização do município de Itabuna



Fonte: SEI.

A autora destaca como principais agentes, em escala regional, o Estado e o mercado imobiliário. Já Rodrigues (2012) afirma que:

> Na condição de centro nodal do Litoral sul da Bahia, Itabuna vem estabelecendo uma nova dinâmica política e econômica, na medida em que o município passa a ser fornecedor de serviços públicos e privados diferenciados e até especializados, principalmente nas áreas de saúde e educação. Essa característica é observável com muita clareza durante os dias úteis da semana, principalmente na Av. Cinquentenário, quando é verificado um intenso fluxo de ônibus, carros particulares, ambulâncias e vans oriundos de diversos municípios da região, como Camacã, Gandu, Buerarema, Una, Canavieiras, Santa Cruz da Vitória, Ibicarai, Ubaitaba, Itapitanga, e outros mais distantes, como Eunápolis e Teixeira de Freitas. (RODRIGUES, 2012, p. 42/43).

Outros papéis destacados por Rodrigues (2012) referem-se ao que atribui uma dada centralidade a Itabuna, que é o atendimento de saúde, tendo em seu território hospitais públicos com atendimento e funções de média e alta complexidade, somadas aos laboratórios e clínicas especializadas. Constitui-se, ainda, como sede da 7ª Diretoria Regional de Saúde (DIRES), alcançando cerca de 29 municípios diretamente por essa regional, podendo chegar a cerca de 113 municípios atendidos. (RODRIGUES, 2012).

De acordo com Rodrigues (2012), destaca-se, ainda, a abrangência na oferta de serviços educacionais, tendo a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) como referência no ensino superior e, ainda que essa instituição esteja territorialmente localizada em Ilhéus, a mesma encontra-se mais próxima dos limites de Itabuna. Em relação à educação básica, Itabuna concentra a maior rede de ensino fundamental e médio da região e que se insere. Além das instituições públicas, é local estratégico para instituições privadas em todos os níveis educacionais. E acrescenta que "é notório o papel fundamental do município de Itabuna na produção do espaço e dinâmica da rede urbana baiana." (RODRIGUES, 2012, p. 54) (Figuras 18-20).

Santos, Jornan (2018) afirma que, em conjunto, Ilhéus e Itabuna concentram a oferta de serviços importantes no âmbito de sua área de influência, como educação superior, saúde, lazer e serviços públicos, sendo, por isso, analisadas em conjunto por instituições, órgãos públicos e pesquisadores. Ainda que relações de competividade e hierarquização situem cada um desses centros urbanos em posições distintas na rede urbana da Bahia, o que os marca expressivamente é o grau de interdependência e uma relação de complementariedade que possuem entre si. Trata-se de uma aproximação que, mesmo que não seja do ponto de vista da continuidade territorial, aponta conexões que remetem ao que Silva, Silva e Leão (1987) denominaram de uma conurbação funcional, fato também indicado por Santos, Jornan (2018):

> O processo de conurbação que ocorre entre Ilhéus e Itabuna tem crescido ao longo dos anos, novos condomínios surgindo, envolvendo diversas faixas de renda, construção de um novo Hospital Regional, ambos às margens da rodovia que liga as duas cidades. A chegada desses novos equipamentos contribui ainda mais para a ampliação dos fluxos entre as cidades, realidade comprovada pela oferta de serviços de transporte público ao longo de todo o dia, com intervalos curtos entre uma viagem e outra. (SANTOS, JORNAN, 2018, p. 89).

Um ciclo de transformações promovidas a partir dos anos 2000, em ambos os municípios, reforçando o eixo de ligação Ilhéus-Itabuna com a implementação de novos equipamentos urbanos e loteamentos e conjuntos habitacionais, como também de melhorias no principal eixo de ligação entre ambas, a BR-324, Rodovia Jorge Amado (Figuras 31-38). Identificam-se, assim, dinâmicas de estruturação e produção do espaço promovidas nos período mais recente por agentes como o Estado e o mercado imobiliário (NEVES, 2018).



Figura 31. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação de hospital e conjuntos habitacionais no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).



Figura 32. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação indústrias no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).



Figura 33. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições de ensino públicas (IFBaiano) no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).



Figura 34. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições de ensino públicas (UESC) no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).



Figura 35. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação instituições do denominado sistema S (SENAI) no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo



Figura 36. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, implementação habitat residencial fechado no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).



Figura 37. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, fluxos no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).

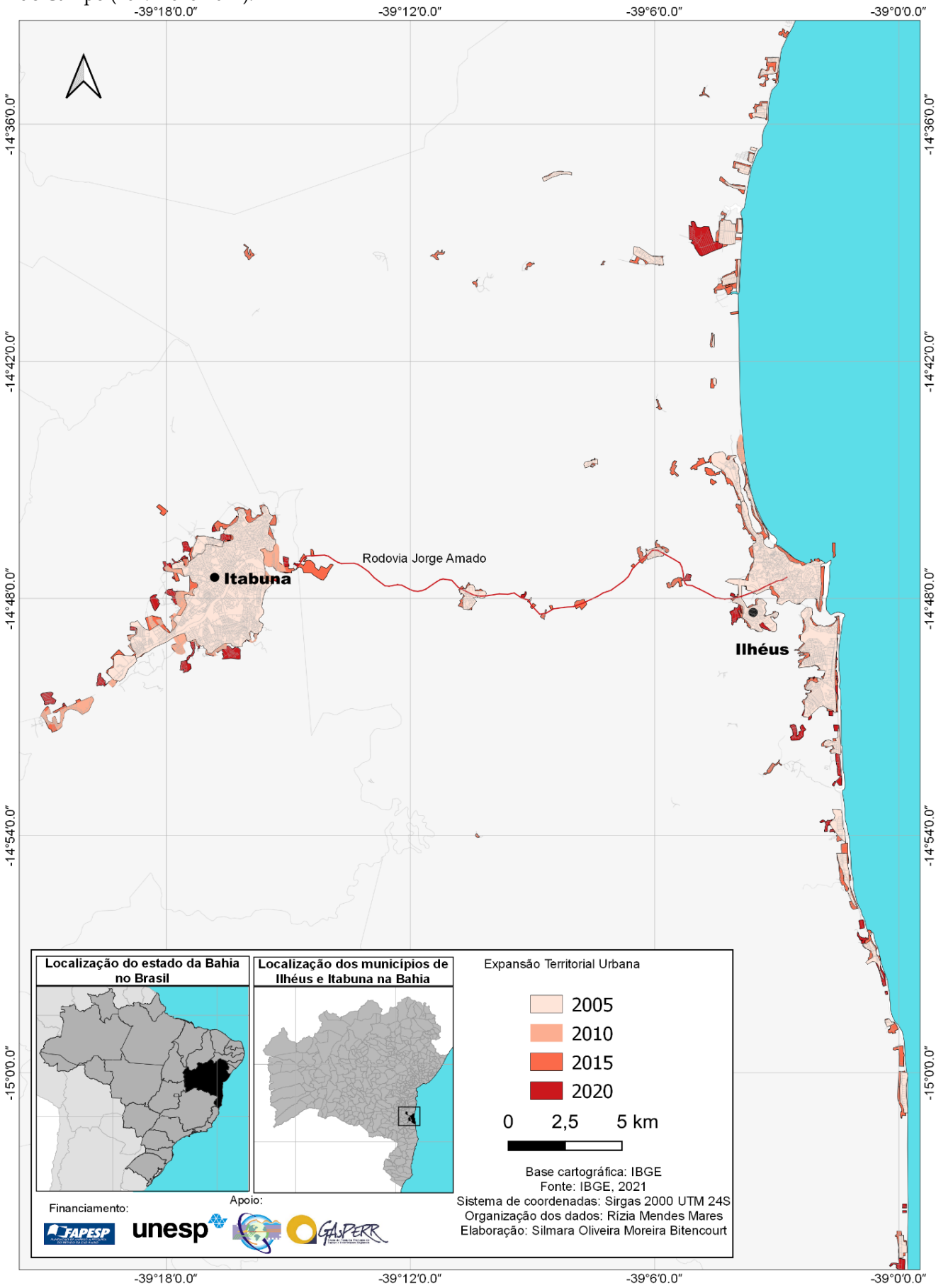


Figura 38. BAHIA - Ilhéus. Rodovia Jorge Amado, uso do solo para fins agrícolas no eixo Ilhéus-Itabuna. Pesquisa de Campo (2022).

Também em termos de conjunto pode ser considerado o processo de reestruturação econômica ocorrido nesses dois municípios, o que intensificou o aumento da centralidade e a expansão territorial urbana que aqui será considerada associando-se à aglomeração (Figura 39), dado aos interesses imobiliários explorarem ambas as cidades em suas estratégias locacionais, como é o caso da faixa litorânea da cidade de Ilhéus, para o lazer e o turismo, como o espaço para abarcar a demanda de consumo de bens, comércio e serviços, projetados para a cidade de Itabuna.

No caso de Itabuna destaca-se uma tendência a uma expansão e adensamento de áreas nos limites territoriais no sentido da cidade de Ilhéus, e nessa, o processo se dá no litoral sul, no sentido do município de Olivença, área mais valorizada do ponto de vista turístico (praias mais buscadas) e do ponto de vista imobiliário, em que localizam-se empreendimento voltados a extratos de renda mais altos, tanto para primeira, quanto para segunda moradia. Além disso, um marco na sua estruturação e expansão territorial urbanas foi sendo mantido ao longo de tempo, que é a ocupação das áreas centrais e pericentrais dos grupos intermediários e altos de renda, no entorno do Rio Cachoeira.

Figura 39. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Expansão territorial urbana (2005-2020). Pesquisa de Campo (2019-2020-2022).



Pesquisa de Campo (2019-2020-2022).

Para a mesma área foi direcionado a implementação, em 2000, do único *shopping center* da aglomeração urbana, o Jequitibá Shopping (Figura 39), um elemento integrante da reestruturação econômica pela qual passa Itabuna e que influenciou, também, na dinâmica de Ilhéus. Além disso, Rodrigues (2012) destaca a influência dos programas federais de habitação no processo de expansão territorial urbana e de estruturação e produção do espaço.

> Todos os projetos habitacionais implantados e a incipiente industrialização, conforme anteriormente mencionados, ocasionaram a expansão da cidade entre 1970 e 2000, ocupando novas áreas antes ociosas dentro da estrutura urbana e valorizando àquelas que recebiam uma infraestrutura e investimentos por parte do poder público, mesmo que não destinados à população local. Também nesse período outro fator foi fundamental para a expansão da área urbana de Itabuna, o surgimento dos primeiros condomínios e loteamentos fechados, como o Vila das Pedras e Vale das Pedras, no São Caetano, o Jardim das Acácias, no bairro de Fátima, e o Campo Formoso, no Nova Itabuna, expressando certa diferenciação dessa população no que se refere à capacidade de compra e a resposta do mercado ao incremento dessa nova possibilidade de investimento. (RODRIGUES, 2012, p. 99).

Para o contexto desses dois municípios, trata-se da inserção de novos produtos imobiliários, atribuindo e reforçando a valorização do solo urbano, intensificando a verticalização e a especulação imobiliária. Sustenta parte da ação dessa produção imobiliária pela difusão de um ideário de busca por qualidade de vida e por um espaço ao qual se associe a segurança contra a violência, essa depositada nos espaços públicos. Assim, constituem-se os habitats residenciais fechados como objetos de consumo distintivos de grupos sociais de maior poder aquisitivo e que requerem espaços próprios para seu uso (Figura 40).

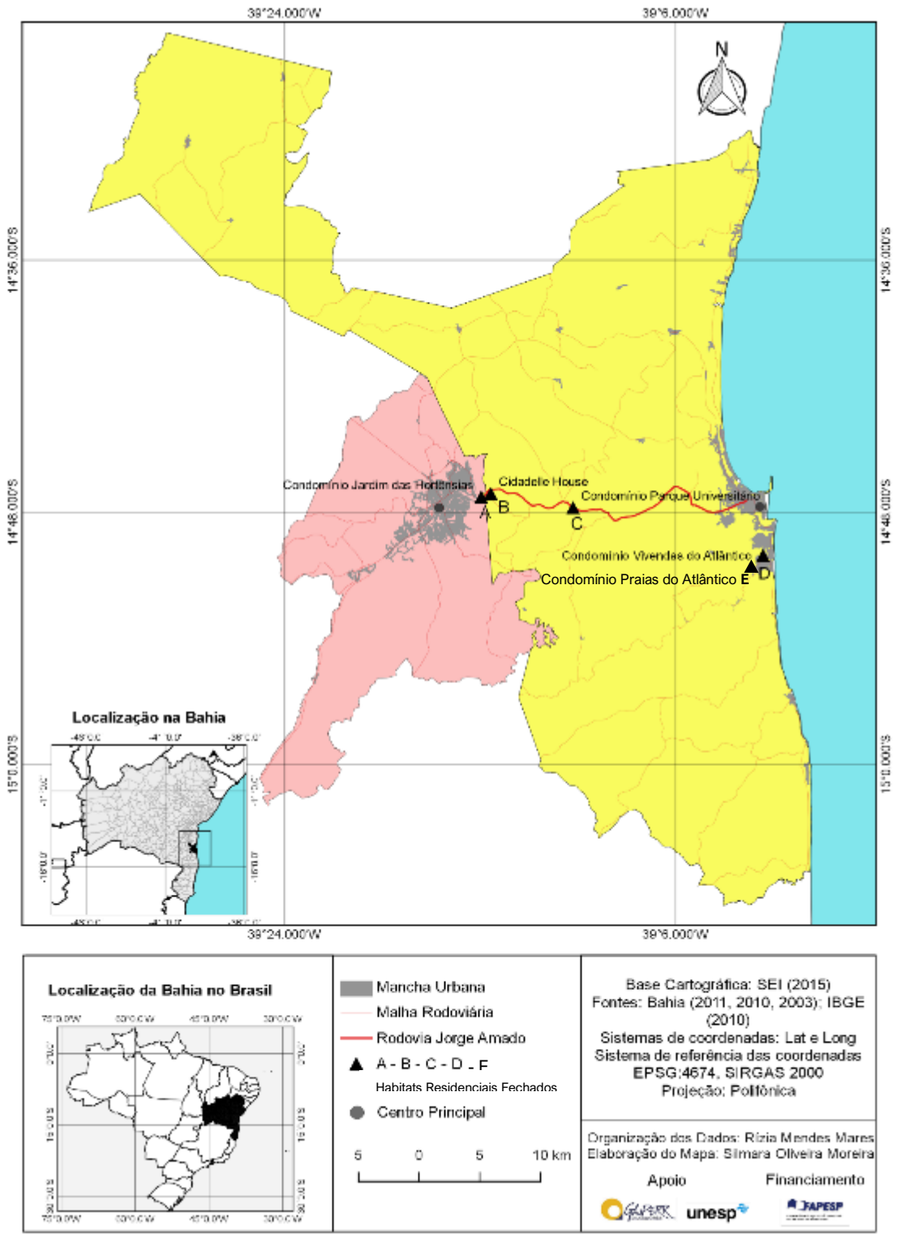


Figura 40. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Localização dos habitats residenciais fechados pesquisados. Trabalho de campo (2019).



Portanto, essa matriz discursiva está implicada na implementação de empreendimentos imobiliários e de frações supervalorizadas do tecido urbano, dando-se a expansão da cidade de modo ampliado, como estratégia dos agentes econômicos locais/regionais, e do próprio poder público, para retomada da economia ,buscando investir no mercado imobiliário que, até então, não era um marcador na vida urbana dessas cidades. A Figura 39 situa os habitats residenciais fechados pesquisados no âmbito da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna e, inicialmente, chamaremos a atenção para dois deles pelas estratégias locacionais aplicadas (Figura 41).

Um dos habitats pesquisados é o Condomínio Parque Universitário, está localizado no município de Ilhéus, bairro Salobrinho, em uma Rodovia Federal, a BR-415, que no perímetro urbano denomina-se Rodovia Jorge Amado e está cerca de 10 quilômetros de Itabuna. A posição do Condomínio Parque Universitário, entre as duas cidades, foi central nas três entrevistas realizadas com os moradores, além do síndico e de um morador do entorno desse habitat, e um forte elemento de *marketing* para a construtora que o implementou, a Módulo, conforme pode ser observado em seu material de divulgação (Figura 42).

No que se refere ao Condomínio de casas prontas Parque Universitário, no bairro Salobrinho, trata-se de empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal, dentro da faixa 2 (Empreendimentos para nível de renda familiar entre R$ 1.600,00 e R$ 3.100,00 (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2014) com 226 unidades, modelo casa privativa unifamiliar assobradada isolada, entregue pronta pela construtora, com 58,34m de área construída, com varanda, dois quartos, sanitário social, lavabo, sala de estar, copa/cozinha, área de serviço, garagem exclusiva e quintal.



Figura 41. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Material de divulgação – Localização do Condomínio Parque Universitário. Fonte: *site* Construtora Módulo. Trabalho de campo (2019). Disponível em: ttp://www.construtoramodulo.com.br/hots/parque10-2015.jpg

Nesse, residem três dos moradores entrevistados nessa pesquisa: Lourdes; Casagrande; e Bell Hooks. Uma obra contratada em abril de 2012, teve seu início de construção em outubro do mesmo ano, mas atrasou a data de entrega programada, segundo relatou Lourdes, uma das primeiras moradoras a se mudar para o condomínio desde a entrega, em 2015.

Do outro lado da aglomeração urbana está o Condomínio Jardim Hortênsias, também construído pela construtora Módulo e financiado pela Caixa Econômica Federal. Contém 132 unidades, modelo de casas duplex independentes. Um condomínio implementado recentemente, tendo suas obras iniciadas em 2015 e entregue em 2017, é considerado como o único condomínio fechado de casas de alto padrão em Itabuna, com forte *marketing* na questão de preservação ambiental, contato com a natureza, condomínio clube e convívio social (Figura 42).



Figura 42. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Material de divulgação – Localização do Condomínio Jardim das Hortênsias, Itabuna. Fonte: *site* Construtora Módulo. Trabalho de campo (2019). Disponível em: http://www.construtoramodulo.com.br/hots/parque10-2015.jpg

Cerca de 1,3 quilômetros de distância do Condomínio Jardim das Hortênsias, localiza-se o Condomínio de lotes Cidadelle House, que traz em sua divulgação "Morar bem nunca fez tanto sentido". Neste habitat, entrevistamos uma moradora, Alda. Implementado ao longo da via de interligação da aglomeração urbana está, do ponto de vista das interações espaciais, mais próximo ao perímetro urbano de Itabuna, contudo, político-administrativamente, integra os limites territoriais de Ilhéus, no bairro Salobrinho. Insere-se numa área de mata e leito do Rio Cachoeira, apropriados como vantagens locacionais.

Ainda em Ilhéus, foram pesquisados moradores de mais dois habitats residenciais fechados, o Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Barreiras, implementado desde a década de 1980, quando se iniciou o desmembramento das áreas em lotes, com padrão construtivo de casas horizontas privativas, passando ao esquema condominial a partir de 2005. Nesse, foram entrevistados dois moradores, Luiz Carlos e Fagner, e o síndico do empreendimento. Fechando os empreendimentos acessados em Ilhéus, entrevistamos o morador Roberto Carlos

no Condomínio Praias do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitória, de torres de apartamentos, implementado em 2013.

Em ambos os empreendimentos, o destaque dado em termos de localização, refere-se ao acesso ao litoral sul de Ilhéus, as praias do sul, área de expansão recente e valorização imobiliária. Quanto às características gerais dos os empreendimentos pesquisados na aglomeração urbana, observamos o Quadro 9.

Quadro 9. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados

TIPO URBANO	Nº DE ENTREVISTAS	CIDADE	ESPAÇO RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE /LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	Taxa condominial (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019)	Ano de abertura	Bairro
Aglomeração urbana	3	Ilhéus	Parque Universitário	casa privativa unifamiliar assobradada isolada	226 unidades	58,43m²	Condomínio horizontal fechado, cercado por muro e cerca elétrica, piscina, campo de futebol, parque infantil e salão de festas, portaria 24horas	R$150,00	Sim	2014	Salobrinho
	2	Ilhéus	Condomínio Vivendas Do Atlântico	casa privativa unifamiliar horizontal isolada	170 Lotes	360m² e 610m²	Loteamento fechado com portaria 24h, parque infantil, área verde, salão de festas.	R$100,00	Sim	2005	Barreira
	1	Ilhéus	Praias do Atlântico Condomínio Clube	apartamento (dois quartos e três quartos)	176 unidades	69m²	Condomínio vertical fechado, murado, portaria 24, câmeras de vigilância, interfone; portão eletrônico, entrada única (moradores/visitantes); brinquedoteca, piscina Infantil; piscina adulto; playground infantil; salão de festa; salão de jogos; academia; vaga de garagem.	R$350,00	Sim	2013	Nossa Senhora da Vitória

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração:** (MARES 2021).

Quadro 9. [continuação]. BAHIA – Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna. Caracterização dos habitats residenciais fechados pesquisados

TIPO URBANO	Nº DE ENTREVISTAS	CIDADE	ESPAÇO RESIDENCIAL FECHADO	PERFIL/UNIDADE /LOTE	TOTAL DE UNIDADES	DIMENSÕES DAS UNIDADES/LOTES	EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS OFERECIDOS	Taxa condominial (2019/2021)	Taxa extra para espaços específicos (2019)	Ano de abertura	Bairro
Aglomeração urbana	2	Itabuna	Jardim Hortênsias	casa privativa unifamiliar assobradada isolada	126 unidades	136m²	Condomínio fechado horizontal, cercado por muro e cerca elétrica; área fitness/sala de ginástica, salão de festas, salão de jogos, playground, câmeras de segurança, portaria 24h, ronda, piscina, quadra de futebol de salão, sala de cinema, área verde, circuito de tv, piscina infantil, acesso asfaltado, churrasqueira, portaria 24 horas, portão eletrônico, brinquedoteca, área de lazer.	R$400,00	Sim	2017	Parque Verde
	1	Ilhéus	Cidadelle House	casa privativa unifamiliar horizontal isolada	510 lotes	a partir de 405m²	Loteamento fechado com área verde de 73.000 m²; Lago Artificial; Mirante para o Rio Cachoeira; Bosques; Viveiro de Plantas; Projeto paisagístico planejado; Sistema de irrigação inteligente; Guarita de segurança com controle de acesso; sala de espera e sala de monitoramento para circuito CFTV (Circuito Fechado de TV);Prédio anexo para funcionários do condomínio; ETE – Estação de Tratamento de Esgoto, com água de reuso utilizando na irrigação; Sistema de irrigação inteligente; Paisagismo completo, com ênfase em vegetação local; Pista de Cooper com três pontos de apoio com bebedouro e banheiro; Equipamentos de ginástica ao ar livre; Parques Infantis distribuídos ao longo do cinturão verde; Casa de Correspondências. Clube Completo: Lojas; 02 salões multifuncionais para eventos; Espaço Gourmet; Brinquedoteca; Salão de Jogos – Infantil; Garage Band; Salão de Jogos – Adultos; Cinema; Academia; 02 quadras de Squash; Sala de Ginástica; Pilates; Saunas seca e molhada; Spa com ofurôs, hidromassagens e salas para procedimentos estéticos; Piscina aquecida, semiolímpica e coberta; Piscina do Clube com restaurante de apoio; Piscina Infantil;08 quadras esportivas – 03 quadras de tênis; 01 de vôlei de areia; 01 society; 01 poliesportiva; mais duas quadras de areia na área residencial do Condomínio; churrasqueira.	R$650,00	Não	2016	Salobrinho

Fonte: Pesquisa de campo (2019/2021). **Elaboração:** (MARES, 2021).

2.2 Lógica imobiliária na produção do espaço urbano baiano

A lógica de implantação dos produtos imobiliários é um elemento importante e expressivo de um complexo processo de produção do espaço urbano pelo par concentração - extensão (MONTE-MÓR, 2005). Esse par nos impõe uma análise sobre as perspectivas da urbanização brasileira que considere diferentes escalas, níveis e dimensões da dinâmica econômica, social, política e cultural, as quais implicam em alterações significativas na paisagem urbana e na estrutura urbana pela extensão do tecido urbano para além das cidades, pelo padrão de organização espacial, originando e relacionando diversas áreas centrais e periferias e pela expressão, em maior ou menor grau, de problemáticas urbanas reveladoras de uma realidade extremamente desigual.

Nesse sentido, concordamos com Melazzo (2013) que entende que as desigualdades socioespaciais expressas pelas seletas áreas de expansão territorial, reorientação na localização de moradias e outros produtos imobiliários de consumo erigidos pela segmentação seletiva de terras, podem ser um ponto de partida para analisar a cidade e o urbano no Brasil.

Whitacker (2007, p. 139) relaciona o processo de produção à cidade por essa ser condição de realização daquele, justificada pela concentração espacial, e por expressar um jeito de produzir, sendo, desse modo, "condição para a reprodução ampliada dos processos produtivos e da dinâmica econômica-social". Essas condições estão sendo consideradas por nós na investigação sobre as cidades médias baianas escolhidas, onde identificamos faces desse processo em articulação ao de diferenciação, isto é, uma dada extensão territorial urbana relacionada ao processo de diferenciação socioespacial. Portanto, consideramos que a expansão territorial urbana nas cidades em análise está acompanhada de um processo de diferenciação socioespacial lido com base na implementação dos espaços residenciais fechados.

Para o contexto que analisamos, um elemento chave para interpretação desse processo se dá pela atuação dos agentes imobiliários, construtores/incorporadores, proprietários fundiários, os quais, na busca por novas fontes de renda ou lucro, criam, ou mesmo valem-se da ideia da inovação; atuam maciçamente na estruturação urbana, alterando o padrão centro-periferia, considerando a leitura que Caldeira (2000) e Duhai e Giglia (2016) fazem sobre a estruturação das cidades latino-americanas. Ao implementarem esses produtos imobiliários, tendencialmente, há uma reorientação das práticas espaciais de consumo, de lazer e, mesmo, de moradia, via massificado discurso de busca por qualidade de vida, como já abordado alhures, como também, vale-se de uma profunda desigualdade social que se torna amplificada na promoção de distinção e afastamento com o outro.

Nesse sentido, concordamos com Koch (2008) quando afirma que a produção do espaço urbano tem expressado a busca de certos segmentos sociais pela diferenciação, como exemplo, a referência aos espaços residenciais fechados, o que, ao mesmo tempo, condiciona comportamentos e é meio estratégico dos promotores imobiliários, em associação com o poder público, na atração, seleção e venda de novos produtos imobiliários ressignificando o conteúdo da vida urbana.

Isso implica considerar que a produção dos espaços de habitação está intrinsecamente ligada à propriedade privada do solo urbano que, segundo Singer (1982), impõe como condição de ocupação desse a posse de uma renda, o que não se efetiva, haja vista a manutenção da propriedade privada ancorar-se na contradição de que, para viabilizá-la, é necessário a existência de uma força de trabalho como reserva, isto é, um número de citadinos reivindicando pelo direito à moradia sem condições de pagar por um fragmento do solo urbano.

Além disso, há um contexto que favorece uma maior lucratividade ao capital financeiro e imobiliário, como um déficit habitacional histórico na realidade brasileira e o ideário da aquisição da casa própria como uma regra para ricos e

pobres. No atual contexto, é mais evidente e crítico o desejo de consumir produtos imobiliários que, para além da necessidade de habitar, constitui-se como representação de distinção e hierarquização social.

Pautando-se na análise da expansão territorial urbana e prática mais recente de implementação dos espaços residenciais fechados, indo às particularidades de cada tipo urbano, nota-se que a dinâmica de produção das cidades baianas investigadas, tem como característica comum uma expansão do tecido urbano para a periferia geográfica pelas possibilidades de aquisição de terras a preços mais acessíveis e valorização futura, em esquema de loteamentos de terrenos, prática observada desde finais da década de 1970, seguindo informações obtidas através de entrevista a agente bem-informado em Feira de Santana e bibliografia consultada para todos os tipos urbanos (FERRAZ, 2001; BRITO, 2017; RODRIGUES, 2012; TRINDADE, 2011).

Esses autores destacam como primeiros indutores dessa expansão territorial, a implementação de políticas federais de habitação, a exemplo da COHAB, INOCOOP e URBIS, sobretudo, nas cidades de Vitória da Conquista (FERRAZ, 2001) e Feira de Santana. Em entrevista cedida presencialmente, o agente bem informado morador de Feira de Santana[15] afirmou que os programas de habitação popular foram os "precursores" no processo de expansão territorial urbana e, também, demonstrava maior atuação e, em certa medida, maior controle por parte do Estado na gestão urbana.

Como destacado por Silva e Fonseca (2007) e como verificado em entrevista com agente bem-informado em Feira de Santana[16], a partir dos anos 2000, o processo

[15] Walternei Lopes do Nascimento. **Entrevista a agente bem informado**. (funcionário público federal). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 47 min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

[16] Walternei Lopes do Nascimento. **Entrevista a agente bem informado**. (funcionário público federal). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de

de expansão territorial urbana se intensificou com a implementação de espaços residenciais fechados e, também, da continuada política habitacional federal, agora com outra roupagem, os conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV).

Em entrevistas com o coordenador do setor de aprovação de projetos da Secretaria Municipal de Urbanismo de Feira de Santana e com a equipe responsável pelo Instituto Nossa Ilhéus, que monitora, debate e propõe intervenções nessa cidade, ambos indicaram estreita relação entre a atuação do poder público local com promotores e outros agentes imobiliários na estruturação da cidade, tanto no que tange à produção da legislação urbanística ou, da falta dela, haja vista, instrumentos de legislação de uso e ocupação do solo desatualizados ou em vias de aprovação, como no caso de Ilhéus e Itabuna, ou terem sido recentemente aprovados, como na cidade de Feira de Santana. Dois instrumentos urbanísticos são especialmente visados: a legislação que concerne ao uso e ocupação do solo e a legislação que estabelece o perímetro urbano. No caso de Feira de Santa é expressivo a ação de agentes imobiliária edificando para além do perímetro urbano, como constatamos em trabalhos de campo.

Esses depoimentos, somados à consulta a legislação urbana disponível e aos trabalhos de campo, leva-nos a argumentar que a legislação urbanística não abarca ou enfrenta a problemática do déficit habitacional e a produção da habitação, de modo mais ampliado, e não assegura, claramente, diretrizes para a produção ou incorporação de equipamentos urbanos ou, ainda, nega a direito à cidade ao legalizar práticas e projetos que garantem o direito privado em detrimento dos interesses coletivos e do direito público.

Por outro lado, os agentes imobiliários, via empresas incorporadoras, têm se valido de uma legislação urbanística que lhes é favorável, no sentido de garantias

---

campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 47 min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

da execução de seus projetos conforme seus próprios princípios, deixando em evidência uma relação enfaticamente pautada em condições privilegiadas.

Os agentes imobiliários entrevistados nos três tipos urbanos durante os trabalhos de campos (Construtor/incorporador, corretores imobiliários) afirmaram que os agentes econômicos mais atuantes na dinâmica imobiliária da Bahia na atualidade são, via de regra, empresários locais/regionais que viram no mercado imobiliário uma via lucrativa para ampliação de seus negócios. Conforme relatou um agente bem-informado, proprietário de construtora em Feira de Santana[17], ainda que haja a entrada de empresariado externo ao estado, sobretudo, em Feira de Santana, como os do grupo Damha Urbanizadora e Construtora Ltda, do estado de São Paulo, e, de mesma origem, o grupo Alphaville Urbanismo, que, além de atuar em Feira de Santana, também está em Vitória da Conquista, a maior parte do empresariado é local/regional.

Assim como as construtoras com sede na capital do estado, Salvador, como Kubo Engenharia e Empreendimentos Ltda., Gráfico Empreendimentos, Grupo André Guimarães, que atuam em vários municípios da Bahia, como em Ilhéus e Itabuna, com bairros planejados e incorporação imobiliária, e as locais, como a VCA Construtora, de Vitória da Conquista, conforme informou um corretor imobiliário em Vitória da Conquista[18].

No plano da cidade, pensar o processo de expansão territorial urbana é considerar a relação próxima entre o Estado, sobretudo, na esfera municipal e os promotores imobiliários, destacando-se neles as funções de incorporação,

[17] Osvaldo Ottan Joanes de Souza. **Entrevista a agente bem-informado**. (incorporador - Construtora Belvedere). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 32min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

[18] Victor Cardoso Piloto. **Entrevista com agente bem informado**. (corretor imobiliário). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Vitória da Conquista/BA, jul/2019, gravação de áudio, 21min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.).

financeirização, construção e comercialização. Muitos dos incorporadores são, também, os proprietários fundiários, pois, uma prática comum tem sido a compra de grandes lotes de terra, distantes do perímetro urbano edificado, para fins de especulação, conforme relatou em entrevista um construtor da cidade de Feira de Santana, que trabalha com o público de alto padrão de renda.

Segundo os depoimentos acima referidos, refletimos que nas estratégias adotadas para viabilização dos empreendimentos imobiliários, em ambos os papeis, iniciativa privada e poder público, há interesse nos "espaços vazios", no primeiro caso, por fazerem estoque de terras com aquisição em preços mais baixos, sobretudo, se compararmos com a aquisição das mesmas dimensões de terras em outros contextos urbanos, mesmo em tempos de crise, como o próprio incorporador da cidade de Feira de Santana enfatizou em seu depoimento:

> No boom imobiliário, Feira de Santana foi invadida por empresas de fora, o que gerou uma especulação enorme nas áreas de terreno. Por exemplo, um terreno que custa R$ 30,00 o m², para o cara que vem do Sul que pagava R$50,00. Daqui a pouco pagava R$100,00. Aí, oh! Puxou o preço para cima. Acabou criando um problema porque as pessoas daqui não conseguiam mais comprar terreno, as pessoas daqui queriam vender para as pessoas de fora. Quando acabou esse problema, aí os preços se acomodaram.
>
> (Osvaldo Ottan Joanes de Souza. **Entrevista a agente bem-informado**. (incorporador - Construtora Belvedere). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 32min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.).

A partir da década de 1990, a implementação dos habitats residenciais fechados toma dimensões mais alargadas, sobretudo, os verticais, as torres de apartamentos, como no caso de Feira de Santana, conforme relatado em entrevista concedida por agente bem-informado[19], com maior abertura dada à iniciativa

[19] Walternei Lopes do Nascimento. **Entrevista a agente bem informado**. (funcionário público federal). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 47 min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

privada para promoção da moradia e uma atuação menor do poder público. O que ficou mais expressivo, a partir dos anos 2000, sobretudo, com investimento do governo federal em habitação, não só para as pessoas de renda baixa, mas, também, condições mais favoráveis de financiamento de imóveis para rendas médias e altas, disse-nos essa mesma fonte.

Na visão de um construtor entrevistado em Feira de Santana[20], que antes de ser empresário do ramo imobiliário foi um empresário do ramo comercial nessa mesma cidade, os anos 2000 foram um momento de direcionar/intensificar seus investimentos para o setor imobiliário, sobretudo, pelos incentivos fiscais, investimentos externos em infraestrutura que os governos, à época, centraram as políticas habitacionais. Uma condição que voltou a ser requerida por esse construtor, como fica expressivo em seu depoimento:

> Olha, você sabe que a gente está vivendo um momento muito difícil na economia brasileira. Se o governo injetasse dinheiro no setor imobiliário minimizava para caramba essa situação porque, é através da indústria imobiliária, que você absorve uma mão de obra sem qualificação que hoje é um problema, qualificação da mão de obra. E isso ia ser moto contínuo. Maravilhoso! Porque você emprega, começa a correr dinheiro no mercado, você vai precisar comprar material na indústria, a indústria vai aumentar sua capacidade produtiva, vai ter que admitir mais gente e aí filha. Eu, com a minha visão, eu acho que o governo, se ele pegasse uma grande parte da reserva, injetasse no mercado imobiliário, em pouco tempo ia cair o desemprego no Brasil e a máquina ia começar a girar.
>
> (Osvaldo Ottan Joanes de Souza. **Entrevista a agente bem-informado**. (incorporador - Construtora Belvedere). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 32min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.).

[20] Osvaldo Ottan Joanes de Souza. **Entrevista a agente bem informado**. (incorporador - Construtora Belvedere). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 1h22min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

A ação do Estado, para esse entrevistado, não seria apenas daquele que "injetaria" dinheiro da máquina pública no setor imobiliário, mas também, abriria o mercado para a livre circulação de empresariado externo, de capital estrangeiro, direcionando esse recurso para a infraestrutura do país e, logo, favoreceria os investimentos privados, valorização dos seus produtos e diminuição dos seus gastos nesse quesito. Apesar de considerarem a relação de privilégios que é estabelecida entre iniciativa privada e poder público, os empresários investidores do ramo imobiliário, ou mesmo comercial, entrevistados em Feira de Santana, afirmam não dependerem do poder público, nem mesmo da própria cidade.

Esses mesmos agentes, construtor/incorporador e a comerciante do ramo de artigos para noivas em Feira de Santana e representantes da ONG Instituto Nossa Ilhéus em Ilhéus, afirmaram, em entrevistas concedidas, que não há uma atuação eficiente do poder público, isto é, criticam a ausência de uma representação política que promova o crescimento econômico e melhoria da infraestrutura da cidade. Na fala do construtor/incorporador e da empresária do ramo comercial, a ineficiência do poder público no "marketing" (*city marketing*) de Feira de Santana é bem expressiva, especialmente, quando eles próprios assumem essa função de chamar os investidores e promover a cidade, conforme depoimentos:

> Feira de Santa cresce independente de qualquer iniciativa governamental. Ela cresce porque tem vocação para crescer. Por que essa vocação para crescer? Exatamente pela posição geográfica que ela tem e pela proximidade da capital. A gente sai daqui para almoçar em Salvador e voltar. Quer fazer um programa diferente? Vai almoçar em Salvador e volta, pela facilidade, trânsito, não é? Hoje tem duas pistas. Então, Feira de Santana, eu digo e defendo isso, tem vocação para crescer. Eu trabalho também como captação de negócios, eu consegui vender a posição geográfica de Feira de Santana e mostrava para eles que eles podiam fazer uma logística que aqui eles podem ir para tudo quanto é lugar. Se botar em Salvador, em Camaçari, o carro vai e volta, caminhão. Aqui não. Se você está aqui você vai para Salvador, você vai para o Nordeste todo, norte, Sul, vai para tudo. Então, aqui no Nordeste, não tem lugar melhor para se fazer logística do que em Feira de Santana. Aí as pessoas começaram a abrir o foco. Nem a prefeitura sabia vender

> isso. Falava para o prefeito, rapaz, faz um workshop em Salvador, ou em São Paulo, leva o material todo, mostra a localização de Feira, a proximidade com a capital, a possibilidade de passar a estrada de ferro, 86km do porto, o aeroporto aqui que não chega aos pés do de Vitória da Conquista, não é? (Risos). Essa localização de Feira [Feira de Santana], geográfica, é que facilita tudo.
>
> (Osvaldo Ottan Joanes de Souza. **Entrevista a agente bem-informado**. (incorporador - Construtora Belvedere). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 32min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.).

Ainda sobre o poder público e uma prática ineficiente, na visão da empresária do ramo comercial:

> Há também, o crescimento a todo tipo de comércio, mas, tem que ser profissional, né, há desonestidade. Estou satisfeita. Claro, que teriam requisitos para melhorar mais, não é? No planejamento da cidade, que cresceu desordenadamente, sem planejamento, sem plano diretor, um bairro cresce, o pessoal constrói, sem pensar no amanhã, mais o olhar político: uma passarela, um viaduto, ele está do outro lado, então, não pensa em planejar. Então, eu acho que se ela fosse bem planejada, bem administrada pelos poderes públicos, como eu estou te falando, eu acho que o político hoje deveria estudar, porque tem que entender, não é? Tem que entender. Se você é da área econômica eu acho que você teria que ser uma economista; você é um secretário de educação, deveria ser da educação; da Saúde deveria ser ... não é? Mas, infelizmente, é tudo privilégio, não é?
>
> (Maria Eduarda Ribeiro Freire da Silva. **Entrevista a agente bem informado**. (empresária local – comércio de noivas). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 1h22min. Transcrição de áudio pela pesquisadora).

Nos depoimentos citados, há uma crítica por parte da iniciativa privada que ora requer a ação mais atenuada do poder públicos em suas negociações, ora se refere a uma ausência de estratégia em saber lidar com a fluidez do capital. Ainda, vê-se uma sobreposição de papéis, ou de "jurisdição", entre as esferas representativas do poder público, a fim de favorecer projetos de grande envergadura no território baiano de ciência da iniciativa privada, a qual interpola a

esfera municipal, acessando escalas de poder mais altas para sucesso de seu empreendimento. Então, além da atuação inexpressiva, da abertura à iniciativa privada há, ainda, disputas e conflitos de interesse internos ao próprio Estado.

Tal afirmação advém da experiência citada pela sociedade civil organizada na aglomeração urbana que investigamos, especificamente, na cidade Ilhéus. Entrevistamos uma representante de uma organização não governamental, o "Instituto Nossa Ilhéus", que tem como umas de suas ações o que denomina de "monitoramento social", acompanhando a movimentação dos gestores públicos municipais. No exemplo em tela, critica o modo impositivo com que se tem tratado a implantação de projetos da iniciativa privada, como é caso da instalação do Porto Sul, em Ilhéus:

> Sobre a questão relacionada ao Porto Sul, a proposta de trazer para a cidade. Isso que é um desrespeito do governo, um grande desrespeito do governo sobre o território do município. O fato de um município ser umas das unidades que compõe o estado não pode dar direito ao governante do Estado decidir o que fazer no território, o que fazer naquela cidade, sem consultar e sem falar com quem mora nela, não é? Porque nós fomos falar com o prefeito e prefeito não tinha conhecimento. Ele não sabia do Porto, ele não sabia que vinha para cá esse complexo. Eu disse a ele, puxa! Estão trazendo um vaso sanitário para botar na nossa sala e o senhor vai permitir? O senhor está permitindo? Mas aí entram os interesses político-partidários, interesses pessoais e a coisa acontece naturalmente. A filha do Prefeito trabalha na empresa que é interessada no Porto.
>
> (Maria do Socorro Mendonça. **Entrevista a agente bem informado**. (fundadora e diretora de Organização Não Governamental). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 1h45min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.).

A crescente participação e livre ação da iniciativa privada na vida social, econômica e política é um elemento comum no universo das cidades baianas que investigamos, cada qual com elementos particulares favoráveis à reprodução do capital. O depoimento da entrevista anterior, ilustra a capacidade de articulação da inciativa privada perpassando diferentes esferas representativas do poder público

o qual, não diferentemente, também direciona interesses próprios nas negociações comerciais, buscando subterfúgios, inclusive por meio da legislação, para entregar a cidade à iniciativa privada.

Desse modo, tem-se que, nas últimas décadas, o espaço nacional passou por profundas e extensas modificações, motivadas, principalmente, segundo Santos, M. (2013), pela modernização através de distorções e rearranjos variáveis a depender do contexto, mas que se deu em todo o território brasileiro. De modo mais geral, as transformações correlatas, sobretudo, à economia, têm como elementos essenciais a crise econômica, reestruturação da indústria, expansão das atividades de serviços e da produção de alta tecnologia, que alteraram profundamente a organização territorial do capitalismo contemporâneo (BENKO, 2002), expressando nova organização das cidades.

Conforme apontamentos de Santos, M. (2013), a prática da modernização, fundamentada em uma ideologia de crescimento, gerou no território, de modo amplo, e nas cidades, de modo específico, as bases de atuação das grandes corporações em detrimento das de menor porte e da população como um todo. Como resultado, presenciou-se uma exponencial geração de riqueza concentrada e, concomitantemente, uma demasiada produção de pobreza. Além de um conteúdo distinto, produziu, também, formas diferenciadas na/entre as cidades.

A expressiva implementação e aceite dos habitats residenciais fechados nas cidades baianas investigadas, no contexto socioeconômico dos grupos intermediários de renda, dá-se pela produção de um ideário associado à suposta qualidade de vida e segurança intramuros. Do ponto de vista do negócio imobiliário, isso se dá pela oferta de um padrão e tipologia de moradias e espaços residenciais, loteamentos ou condomínios, que devem comunicar algum tipo de prestígio e distinção. Sua reprodução, como negócio, também se alicerça na noção de semelhança com produtos imobiliários ofertados em outros municípios brasileiros.

A produção desse ideário também implica em que a noção de semelhança se assente na semelhança interna desses espaços, pelo nível de renda existente ou aludido, criando tacitamente uma homogeneidade interna em confronto com a heterogeneidade do entorno, ou da cidade para além dos muros.

Portanto, o ideário da semelhança, contraditoriamente, justifica-se e se realiza na diferença; isto é, no limiar entre o particular e o diferente erige-se uma atmosfera de estranhamento ao que não é semelhante, facilmente transformado em medo e/ou hostilidade. É no confronto e no conflito dessas particularidades [pensadas, concebidas, faladas] que a diferença [vivida] emerge, "um conflito entre uma tendência à identidade (homogeneização) e o pensamento diferencialista nascente."[21] (LEFEBVRE, 1972, p. 30).

Ainda que nossa análise caminhe na dialética da forma-conteúdo esse acento dado ao conteúdo é justificado por não termos a pretensão de centrar grandes esforços na descrição densa de tais empreendimentos, o que já foi feito por (MACEDO, 2016; FIGEIREDO, 2016; 2019; ALVIM, 2017). A forma espacial foi nosso ponto de partida para um ponto considerado na hipótese central aventada nesta tese de que os processos, *a priori*, de segregação imposta e autossegregação socioespacial já não são suficientes para explicar a complexidade da produção das cidades médias na contemporaneidade.

Reforçamos que, com a implementação massiva dos habitats residenciais fechados, juntamente com a transformação das formas de habitar pela reorganização das estruturas urbanas e do habitat, referimo-nos a uma apropriação desigual e seletiva do espaço urbano, tendo a diferenciação como meio e expressão das desigualdades, o que, no plano geral da urbanização, consubstancia o processo de fragmentação socioespacial.

[21] Tradução nossa. No original: "un conflicto entre una tendencia a la identidad (homogeneizante) y el pensamiento diferencialista naciente."(LEFEBRE, 1972, p. 30).

CAPÍTULO 3: PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA BAHIA:

Entre diferenças e desigualdades socioespaciais

Só o conhecimento vivido, o conhecimento de dentro para fora, aquele que não é aprendido nos livros nem na fria observação do fino repórter de faro infalível, só aquele conhecimento que se viveu dia a dia, minuto a minuto, no erro e no acerto, na alegria e na tristeza, no desespero e na esperança, na luta e na dor, na gargalhada e no choro, na hora de nascer e na hora de morrer – só esse conhecimento possibilita a criação.

Jorge Amado (1972).

3.1 Reorganização da estrutura urbana e do habitat: o crescimento de habitats residenciais fechados nas cidades médias pesquisadas na Bahia

O sistema urbano no Brasil resulta de uma estrutura econômica colonial que concentrou a urbanização pelo litoral e, paulatinamente, foi se interiorizando pelo território, assim como o próprio processo de urbanização, complexificando, assim, a rede urbana (MIRANDA; BITOUN, 2009). Como consequência, Miranda e Bitoun (2009) apontam a constituição de um conjunto expressivo de cidades médias, consideradas como pontos de difusão de inovações para áreas mais distantes. As cidades médias, para Whitacker (2013), possuem uma dupla situação, absoluta e relativa, no sistema urbano.

Na Bahia, como verificado no capítulo II, desde meados da década de 1950, são implementadas políticas modernizadoras pelo Estado promovendo transformações no território baiano e uma transição econômica de um perfil agrário-exportador para uma economia urbano-industrial. A partir da década de 1990, outras medidas modernizadoras foram adotadas no estado, via tendências neoliberais de uma economia globalizada, estreitando a relação com setores privados, empresas e indústrias, diversificando ainda mais o perfil econômico (SILVA; FONSECA, 2007). Isso teve rebatimentos também na rede urbana baiana, com incremento de papeis e funções das cidades médias.

Outra tendência passa a ser expressiva na Bahia, principalmente a partir dos anos 2000, quer seja, a dinâmica imobiliária ganhando destaque nas cidades que investigamos, nas quais verifica-se expressivo incremento de empreendimentos imobiliários com funções residenciais, valorização de imóveis e de áreas, somadas equipamentos de consumo.

Em pesquisas recentes sobre a produção habitacional nestas cidades, Araújo (2015), Figueiredo (2019), Santos, Joelisa (2019), Mares (2019), Rangel e Thevenin (2018) destacam a valorização fundiária, o aumento da especulação

imobiliária e emprego de estratégias locacionais, intensificando a concentração espacial de grupos de médio e alto padrão de renda em áreas específicas da cidade, com a implementação de empreendimentos residenciais voltados ao consumo desses perfis, bem como, a uma produção direcionada a camadas populares sendo concentradas em áreas também específicas das cidades, de modo geral, em disposição periférica, o que se combina com os empreendimentos de segmentos intermediários e altos num plano geral, por sua localização, mas isso não se dá nos mesmos quadrantes, denunciando uma posição, por vezes, periférica oposta.

Portanto, identifica-se processos de expansão territorial urbana associada à produção habitacional no qual a periferia se torna mais complexa. Essas lógicas de localização e ocupação são operadas pelo Estado e pelos agentes imobiliários e vêm alterando o caráter da produção habitacional, subjugando-a uma produção financeirizada. Trata-se de uma mudança no significado da moradia, que, para segmentos inferiores e intermediários de renda vai deixando de sera consumação de um direito conquistado, de diferentes maneiras, junto ao Estado para ser uma mercadoria, com valor simbólico e real, consumida individualmente, sob atuação do capital financeiro, isto é, um ativo financeiro (ROLNIK, 2015). Lidamos, assim, com a contradição do habitar x habitat (LEFEBVRE, 2008), como já desenvolvemos na introdução desta tese.

A contraposição espacial da moradia destinada aos diferentes segmentos de renda, ainda que majoritariamente periférica em sua geometria, tem constituído a oposição socioespacial dos grupos não mais no modelo centro x periferia, mas num modelo periferia x periferia. Essa "nova" condição espacial se associa à policentralidade, agudizando as distâncias reais e sociais dando força à fragmentação socioespacial. Esse quadro periferia x periferia (periferias) combina-se em diferentes matizes à estrutura pretérita, constituinto formas espaciais cambiantes e de difícil interpretação.

Além disso, Legroux (2021) destaca a necessidade de um método para interpretar a fragmentação socioespacial. Em nosso entendimento, para adentrar ao domínio dos fatos sociais, das suas particularidades e significações da vida cotidiana, isso pode ser feito por meio da Teoria das Representações, como um caminho interpretativo da realidade e que dá ao cotidiano os significados para analisar a configuração da realidade social, ao conceber a representação como um meio de reconhecer e revelar mazelas, entender como se constituem as desigualdades socioespaciais, razão e expressão dos modos de uso e apropriação do espaço urbano e essência estruturante da nossa sociedade.

Em complemento, também importa considerar a história de cada tipo urbano, os arranjos diversos da diferenciação, tanto na comparação entre tais tipos, quanto na compração deles com eles mesmos, estabelecendo-se recortes escalares e temporais, já que a distribuição de pessoas no espaço não se realiza apenas em função do econômico, mas, também, por condicionantes sociais e culturais, como uma história que se espacializa (SPOSITO, 2019).

Tendo o habitar como dimensão de análise privilegiada da vida cotidiana, aqui são apresentadas as avaliações operadas desde as práticas espaciais dos moradores dos habitats residenciais fechados dos tipos urbanos investigados e a análise acerca das permanências e mudanças nas lógicas de estruturação das cidades baianas investigadas, com base em uma produção diferenciada de áreas atreladas a conteúdos também distintos nas práticas espaciais cotidianas, o que pode nos permitir a avaliação da fragmentação socioespacial.

Para esse intento, são válidos os relatos dos moradores dos habitats residenciais fechados acessados, sintetizados na e pela metodologia exposta no capítulo 1 desta tese, por trazerem informações que nos possibilitaram refletir sobre as motivações pela escolha dos tipos de moradia, as experiências e locais anteriores de habitação, os expedientes de aquisição, os relacionamentos com a vizinhança, as práticas de consumo e lazer e o que se mostra, de modo mais

amplo, desde sua condição espacial sobre a cidade e sobre a vida no espaço residencial fechado escolhido. Objetivamos, com isso, poder avaliar possíveis mudanças nas práticas espaciais desses sujeitos, bem como, tensões e conflitos advindos do modo padronizador de vivência estabelecido por esse tipo de habitat, sempre procurando trazer elementos ao debate da fragmentação socioespacial.

A categorização proposta com o emprego do Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais promove a elaboração, para posterior avaliação, de imagens e representações do espaço experimentado, com base nas informações prestadas pelo(a)s entrevistado(a)s sobre os significados da cidade, conforme a sua vivência, expressa nos quatro instrumentos principais da metodologia, conforme expusemos no capítulo 1. Esse procedimento de obtenção de informações e de registro de representações, metodicamente organizados, dá-nos os meios de analisar tanto cada tipo urbano, isoladamente, como, também, o conjunto deles, usando da comparação, enquanto novo procedimento, para analisar do singular ao universal o processo investigado.

Com isso, pode ficar mais evidente a relação entre forma - processo – significado que intentamos explorar e aprofundar no desenvolvimento dessa tese, como mote interpretativo das condições de sociabilidade urbana em uma possível lógica fragmentária de produção e apropriação do espaço urbano.

Nesse passo, é relevante pontuar as particularidades da formação socioespacial baiana para analisarmos os diferentes graus e adensamento dos processos de desigualdade social e diferenciação socioespacial, produtores de formas distintas do habitar, com o expressivo crescimento do número de habitats residenciais fechados.

As informações e reflexões estão apresentadas nesta seção entrelaçando três elementos atravessados pelas relações mercantis de aquisição estabelecidas entre os sujeitos e a casa e referem-se: à função subjetiva da casa, em que pese o entendimento às noções de necessidade e satisfação, com base nas motivações

por morar em um habitat residencial fechado; aos meios de aquisição de moradia em habitats residenciais fechados, o consumo desse produto imobiliário pode variar segundo posição social, econômica, condições infraestruturais disponíveis o que pode ou não facilitar o acesso a esse tipo de empreendimento; e ao contexto pós-aquisição de moradias no espaço residencial fechado e às representações construídas desde a motivação pela compra até a reprodução da vida efetivamente desde esses espaços.

Esses elementos nos ajudam a refletir sobre como se estruturam as relações de sociabilidade e as interações espaciais, pensando-se sobre os usos e apropriação do espaço urbano e dos conflitos e contradições atinentes e imanentes. Fazemos referência a Furini e Góes (2019) quando analisam a relação entre os processos de consumo e a estruturação de espaços e representações:

> Para buscar compreender a relação entre práticas e representações podemos analisa três aspectos mais gerais sobre os processos de consumo: a) o primeiro diz respeito à *função subjetiva do consumo*, entendida a partir da noções de *necessidade* e *satisfação* que envolvem o ato de consumo; b) o segundo se refere aos *meios de consumo*, que abrem ou fecham muitas possibilidades de acessos e a bens e serviços, segundo as condições infraestruturais disponíveis, a posição social e a renda dos consumidores; c)e o terceiro, vinculado aos anteriores, está relacionado aos *resultados do consumo*, ou seja, busca compreender que tipos de espaços e de representações se estruturam a partir dos processos de consumo e como esses processos são influenciados pelos espaços, pois estão em interação constante. (FURINO; GÓES, 2019, p. 178, grifos dos autores).

Para o objeto de análise desses autores, aspectos como a necessidade e a satisfação, os meios e os resultados do consumo são potencializadores e criadores de representações e estereótipos característicos como subjetividades da prática espacial carregada de simbologia, o que nos pareceu apropriado, também, para nossa análise.

Comecemos, então, desde a função objetiva e subjetiva da casa. Para tanto, por meio de seções do primeiro instrumento do CIMR, a entrevista

semiestruturada, buscou-se a identificação de como era a tipologia da moradia anterior e sua localização, à mudança para o habitat residencial fechado atual, conforme o Quadro 10.

Quadro 10. BAHIA. Cidades estudadas. Mobilidade residencial

Cidade pesquisada	Morador/a	Moradia anterior (bairro/cidade)	tipo de habitação anterior	Habitat Residencial Fechado atual	bairro atual
Ilhéus	Bell Hooks	Pontal/Ilhéus-BA	casa em condomínio fechado	Condomínio Parque Universitário	Salobrinho
	Casagrande	Eunápolis-BA	apartamento em condomínio vertical		Salobrinho
	Lourdes	Pontal/Ilhéus-BA	casa em bairro aberto		Salobrinho
	Luiz Carlos	Salvador-BA	casa em condomínio fechado	Condomínio Vivendas do Atlântico	Barreira
	Fagner	Ilhéus-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Vivendas do Atlântico	Barreira
	Roberto Carlos	Salvador-BA	apartamento em condomínio vertical fechado	Condomínio Praias do Atlântico	Nossa Senhora da Vitória
	Alda	Itabuna-BA	apartamento em condomínio vertical fechado	Condomínio Cidadelle House	Salobrinho
Itabuna	Luiz Inácio	Centro/Itabuna-BA	apartamento em condomínio vertical	Condomínio Jardim Hortênsias	Parque Verde
	Maraísa	Castália/Itabuna-BA	apartamento em condomínio vertical		Parque Verde

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo. **Organização:** Mares (2019-2021).

Quadro 10. [Continuação]. BAHIA. Cidades estudadas. Mobilidade residencial

Cidade pesquisada	Morador/a	Moradia anterior (bairro/cidade)	Tipo de habitação anterior	Habitat Residencial Fechado atual	Bairro atual
Vitória da Conquista	Noberto	Candeias/Vitória da Conquista-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Ouro Verde	Candeias
	Jorge	Candeias/Vitória da Conquista-BA	apartamento em condomínio fechado	Condomínio Parque Vitória	Primavera
	Michel	Boa Vista/Vitória da Conquista-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Portal do Sol	São Pedro
	Janio	Cidade Maravilhosa/ Vitória da Conquista-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Parque Vitória Sul	Felícia
	Suzane	Alto Marom/Vitória da Conquista-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Jardim Guanambara	Bela Vista
	Tereza Cristina	Alto Marom/Vitória da Conquista-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Green Ville	Boa Vista
Feira de Santana	Marrone	Itabuna-BA	apartamento em condomínio vertical fechado	Condomínio Senador Life	Olhos D'agua
	Sergio	Centro/Feira de Santana-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Vivendas Canto do Sol	Muchila I
	Aleselma	Campo Limpo/Feira VI/Feira de Santana-BA	casa em conjunto habitacional popular	Condomínio Viva mais Papagaio	Papagaio
	Simone	Salvador-BA	apartamento em condomínio vertical fechado	Condomínio Viva mais Papagaio	Papagaio
	Rute	Santa Mônica/ Feira de Santana-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Bosque Imperial	Cidade Nova
	Romário	Parque Ipê/ Feira de Santana-BA	casa em bairro aberto	Condomínio Acqua Ville	Mangabeira

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo. **Organização**: Mares (2019-2021).

A análise da condição de moradia anterior permite-nos observar o movimento espacial do morador no que tange a sua moradia e, concomitantemente, a atuação de agentes produtores do espaço, sobretudo, o Estado e os promotores imobiliários e fundiários, possibilitando identificar lógicas econômicas empreendidas nesse processo, bem como, as estratégias espaciais para implementação dos habitats residenciais fechados. Essas lógicas e estratégias são, em boa medida, reveladoras da intrínseca relação entre a iniciativa privada e o Estado (Caixa de diálogo 2).

Nesse sentido, tem-se, de um lado, um modelo de viver o urbano contemporâneo massivamente difundido pelo *marketing* imobiliário, como também, uma demanda apresentada pelos citadinos que, mesmo já sendo proprietários de um ou mais imóveis, inclusive, residindo em moradias mais confortáveis, segundo suas necessidades, optam por residir nesses habitats.

CAIXA DE DIÁLOGO 2 – ESTRATÉGIA NA ATUAÇÃO IMOBILIÁRIA

Então, eu trabalho com a questão, do pressuposto de que eu **vendo sonhos**, eu estou **definindo** onde as pessoas vão morar e é uma coisa muito importante que traz para as pessoas segurança, então, para mim, precisa existir confiança, essa relação é uma relação muito importante, que é a relação onde você está colocando na minha mão a possibilidade de lhe ajudar a adquirir **o lugar ideal para morar**. Aí dentro disso aí, quando uma pessoa conversa comigo, **eu vejo onde ele trabalha, onde ele estuda, onde os filhos estudam, essa logística de farmácia, trabalho, academia**. Então, assim, **na minha definição da moradia** existe um sentimento muito especial que não é só uma questão financeira. Para mim, vender imóveis é eu não vendo imóveis, **eu vendo sonhos. Eu não alugo imóveis, eu alugo sonhos**. Porque é na nossa casa onde a gente se reconecta com a gente, com o nosso melhor, para a gente sair pronto para esse mercado, para o dia a dia, para lidar com a diversidade que existe hoje.

Entrevista a agente bem informado. (corretória imobiliária). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, jul/2019, gravação de áudio, 1h22min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.)

Se, como pontuou Sennet (2018), em um dado momento da história a cidade significava um modo de relacionar-se com a vizinhança e estranhos, de uma vida em um bairro, de sua vinculação a um lugar, esse significado se perdeu no correr do tempo. Contudo, afirma que tal significação deve ser resgatada pois, dá materialidade ao que considera uma distinção fundamental, "o ambiente construído é uma coisa, a maneira como as pessoas habitam nele é outra."

(SENNETT, 2018, p. 11). Nesse sentido, buscamos informações dos moradores entrevistados sobre os significados e modos de habitação que se alteraram conforme a mudança para habitat residencial fechado.

Consideram-se os relatos do(a)s moradores dos habitats residenciais fechados ao serem perguntados sobre o que motivou a busca por moradia em um empreendimento como esse. Assumimos, desde já, concordância com o aludido em Sposito e Góes (2013) de que a opção por esse tipo de moradia é o que resulta, efetivamente, na formulação de novos *habitats* e sobre o entendimento de *habitat*, explicam:

> Esse conceito não se refere especificamente à moradia, mas envolve as relações entre tais espaços e os que os circundam. Tratando-se de habitats residenciais fechados localizados em cidades, a escolha por esses ambientes urbanos controlados por sistemas de segurança provoca uma redefinição das relações de seus moradores com o restante da cidade, de diferentes pontos de vista. (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 97).

Contextualmente, na medida em que é feita a análise das motivações para aquisição da moradia em um habitat residencial fechado (Quadros 12, 14, 16) são retomadas informações dos sujeitos pesquisados, bem como, alguns elementos que caracterizem os empreendimentos (Quadros 11, 13, 15), fatores que implicaram na escolha dos entrevistados, conforme justificativas das motivações, considerando uma síntese das informações dos sujeitos pesquisados e dos habitats residenciais fechados organizados em quadros por cada tipo urbano.

Quadro 11. BAHIA - Aglomeração Urbana Ilhéus-Itabuna: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados

TIPO URBANO	CENTRO URBANO	HABITAT RESIDENCIAL FECHADO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE	CONDIÇÃO DE AQUISIÇÃO
Aglomeração urbana	Ilhéus	Parque Universitário	F	Bell Hooks	44	Campinas/SP	Doutorado	Professora universitária	9	4	4 anos	Próprio	Optante por financiamento imobiliário público (PMCMV)
			M	Casagrande	26	Itabuna/BA	Doutorando	Professor da educação básica	8	2	4 anos	Alugado	Contrato de aluguel
			F	Lourdes	66	Itiruçu/BA	Mestrado	Psicóloga e professora universitária	10	3	5 anos	Próprio	Optante por financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Cidadelle House	F	Alda	45	Itapetinga/BA	Superior completo	Dentista	15	3	2 anos	Próprio	Não optante por financiamento imobiliário

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo**. Organização:** Mares (2019-2021).

Quadro 11. [Continuação]. BAHIA - Aglomeração Urbana Ilhéus-Itabuna: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados

TIPO URBANO	CENTRO URBANO	HABITAT RESIDENCIAL FECHADO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE	CONDIÇÃO DE AQUISIÇÃO
Aglomeração urbana	Ilhéus	Praias do Atlântico Condomínio Clube	M	Roberto Carlos	54	Salvador/BA	Mestrado	Professor Universitário	11	1	4 anos	Alugado	Contrato de aluguel
		Condomínio Vivendas Do Atlântico	M	Luiz Carlos	54	Jequié/BA	Superior completo	bancário	12	4	7 anos	Próprio	Não optante por financiamento imobiliário
			M	Fagner	69	Ilhéus/BA	Ensino médio completo	Bancário aposentado	10	2	15 anos	Próprio	Não optante por financiamento imobiliário
	Itabuna	Jardim Hortênsias	M	Luiz Inácio	51	Itapetinga/BA	Superior completo	Propagandista de laboratório de medicamentos	17	2	2 anos	Próprio	Optante por financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Jardim Hortênsias	F	Maraísa	39	Itabuna/BA	Superior completo	Desempregada	15	4	2 anos	Próprio	Não optante por financiamento imobiliário

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo**. Organização:** Mares (2019-2021).

Quadro 12. BAHIA – Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
Aglomeração urbana /Ilhéus-Itabuna	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Bell Hooks, 44 anos, divorciada, natural do interior de São Paulo, Doutora, professora em instituição de ensino superior pública na área de Humanidades, grupo familiar composto por quatro membros, sendo duas crianças em idade escolar e renda aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no Condomínio Parque Universitário em Ilhéus-BA, onde mora há 4 anos com seus dois filhos, possui carro próprio	**Eu não vejo a possibilidade de habitação num espaço em Ilhéus com essas condições dentro do meu poder aquisitivo.** O que eu poderei pagar de aluguel vai me levar, provavelmente, a alugar uma casa ou mesmo um apartamento lá no pontal, mas podemos ver que com bem menos qualidade de vida relativa à habitação o que para mim será uma perda grande. É porque aqui a gente, por fazer uso do mercado local, eu acabo restringindo meu padrão de consumo às características daqui, então, meu orçamento ele fica mais… enfim, mais baixo, não é? Fica mais magrinho (risos) do que um padrão de consumo que a gente desempenha, por exemplo, no GBarbosa [Rede de supermercado], lá no Pontal, onde o preço, por mais que tenha uma ou outra promoção, se você vai comprar um pão é mais caro, você vai comprar um leite em pó é mais caro, carne é mais caro, e aí, no fim do mês isso tem uma diferença importante. **[...] Estar a dez minutos do trabalho é muito feliz porque o tempo e o espaço de deslocamento para chegar até meu trabalho morando aqui é tranquilo**. Esses deslocamentos eventuais que eu preciso fazer não tornam tão maçantes na medida em que não são cotidianos, né? Aí OK, eu faço uma boa, já tem trânsito na ponte tal, tal, Ok, vamos relaxar. Agora, **quando eu tinha que sair de lá toda manhã, olha aquilo compromete a saúde mental, é outra condição do teu dia**.
Casagrande, 26 anos, em união estável, natural do litoral sul da Bahia, estudante de doutorado na área das engenharias, professor da educação básica, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada alugada no Condomínio Parque Universitário em Ilhéus-BA onde mora há 4 anos, carro próprio.	À princípio, no vertical, não foi por nada, **foi por preço, localização**. E aqui, foi por **questão de estar próximo da universidade, por ser um ambiente verde, ser um ambiente seguro,** guarita, porteiro 24h e aqui eu tenho liberdade. Eu **sinto** assim, eu **não me preocupo com nada**, nenhum item de segurança que eu estando em Ilhéus ou em Itabuna eu teria. Então, minha bicicleta que agora está guardada, mas, ela vive na porta, não fecho a casa, durmo com tudo aberto, não tenho problema com segurança, então, assim, acho que a **segurança é em primeiro lugar**.
Lourdes, 66 anos, natural do interior da Bahia, divorciada, pós-graduada e atua profissionalmente na área da saúde e também ensina em instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no Condomínio Parque Universitário em Ilhéus-BA onde mora há 5 anos, carro próprio.	Então, os motivos, não é? **É perto da universidade, era próprio e uma maior mobilidade para minha mãe**, porque lá no Sapetinga é rua**, rua de passagem de pessoas,** né. Então, a partir de cinco, seis horas tinha que **fechar as portas**, trancar, tinha grade e tal, entendeu? Um jardim ali embaixo já dava para rua. Muita gente fazia um murão, eu falei, não. Negócio de fechar, não gosto de muro. A gente presa num buraco aqui. **Aqui é ótimo porque é fechado tem um muro lá fora**, aqui é um condomínio fechado, a Sapetinga não era, lá em Salvador era fechado, porteiro etc. e tal e aqui também, então, aqui é um condomínio de casas populares, um condomínio relativamente barato, em conta, mas tem um aparato razoável de segurança, claro, se chega um com um revólver lá nós estamos todos "lanhado", porque as janelas todas de vidro, as janelas são baixinhas e de vidro, mas daí até alguém fazer isso, entrar e render um camarada lá e escolher uma das casas, não é? A gente já tem cinco anos aqui, não tem nenhuma intercorrência em relação a essa questão de roubo, de assalto. **Aqui é livre**, ela fica aqui até umas dez horas da noite, a gente fica aqui fora, poder andar por aqui, tem que essa questão.

Quadro 12 [continuação] . BAHIA – Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
Aglomeração urbana /Ilhéus-Itabuna	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Luiz Carlos, 54 anos, casado, natural do interior da Bahia, graduado na área de engenharia, servidor público federal, grupo familiar composto por 4 membros e renda familiar aproximada de 12 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Vivendas do Atlântico em Ilhéus-BA onde mora há 7 anos, carro próprio.	A gente veio **determinado em morar em um condomínio fechado,** inclusive, essa casa aqui, ela tem a mesma planta da casa que eu tinha, eu morava lá em Salvador. Aí o que foi que nós definimos, **localização**, não é? A gente buscou estar morando em um lugar que fosse **próximo do mar** e que tivesse, assim, na região, **coisas que facilitassem a nossa vida**. Porque têm pessoas que moram bem, mas não têm um ponto de ônibus, não tem uma farmácia, uma padaria, quer dizer, tudo tem de se deslocar, então, a gente calculou tudo isso. Então, aqui a gente está em um condomínio bom e que na região a gente pode encontrar tudo isso, não é? E também facilita para a gente **fazer as atividades físicas**, é que a gente gosta muito de dar uma caminhada na praia e tal. Então, foi isso que nos ajudou a essa moradia. Quando a gente chegou aqui, a gente só pesquisou um outro condomínio e esse, mas quando a gente chegou aqui que minha esposa viu a casa e viu que era idêntica à que a gente morava em Salvador, não quis mais nem se preocupar em procurar um outra. Diz que a mulher escolhe o imóvel e o homem paga, não é? Quando ela achou essa casa, falou: tem que ser minha. Eu não pensei duas vezes.
Fagner, 69 anos, casado, natural de Ilhéus, ensino médio completo, aposentado, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Vivendas do Atlântico em Ilhéus-BA onde mora há 15 anos, carro próprio.	A motivação era que morava na casa era de herdeiros, a casa não era nossa, então, entendeu? A motivação se deu ... eu comprei procurando casa porque tinha que sair de lá. Tinha que mudar. **Ter a nossa casa**. O corretor trouxe aqui, eu gostei do local, eu comprei.
Roberto Carlos, 54 anos, divorciado, natural de Salvador-BA, funcionário público efetivo em instituição de ensino superior pública - professor da área de humanidades, uma filha, mora sozinho em apartamento alugado no Condomínio Praias do Atlântico em Ilhéus-BA onde mora há 4 anos, não possui carro, é ciclista e transporte público.	Antes eu morava em outro condomínio que fica **na entrada de Ilhéus**, é um condomínio chamado Morada do Bosque. Como depois que me separei o apartamento ficou muito grande, era um apartamento muito grande, tinha 3 quartos, era muito grande. Então, morar sozinho num apartamento de 3 quartos, com poucos móveis, então, para mim ficou muito dispendioso, e aí eu resolvi mudar para um apartamento menor, dois quartos, que cabia somente eu e meus livros, e pronto. Por isso eu me mudei para o **outro lado da cidade.** Ah, uma outra característica que me forçou, por assim dizer, a me mudar para esse atual condomínio, Praias do Atlântico, ele fica na entrada de um bairro popular, bairro populoso, que me traz muitas **recordações** do bairro que eu morava em Salvador, bairro chamado 7 de abril. Por que que eu optei por morar em um condomínio e não arranjar uma casa e tudo mais, morar numa casa? Bom, como eu moro sozinho e as vezes eu estou sempre viajando, as vezes eu viajo pela universidade, as vezes eu viajo só mesmo por turismo mesmo, para me divertir, as vezes eu viajo de bicicleta também. Então, nos momentos em que eu viajo, por exemplo, de bicicleta eu passo uma, duas semanas fora de casa, e aí pesou uma decisão que era justamente, de ter uma certa **tranquilidade em viajar e deixar a casa**, o apartamento tranquilo.

Quadro 12 [continuação] . BAHIA – Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
Aglomeração urbana /Ilhéus-Itabuna	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Alda, 45 anos, casada, natural do interior da Bahia, superior completo e atuação profissional da área de ciências da saúde, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 15 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Cidadelle House em Ilhéus-BA onde mora há 2 anos, carro próprio.	A gente morava em um apartamento, um apartamento bom, relativamente pequeno e teve o lançamento deste condomínio. A gente se interessou, **por ser uma casa**, pela a **estrutura** que o condomínio oferece. A gente ia morar em um lugar em que a gente **pudesse receber as pessoas** mais amigas em um **ambiente menos urbano e ao mesmo tempo próximo**, não é? **Da cidade**. E o condomínio para nós é muito bom, oferece uma **estrutura de lazer, de atividade física** e isso tudo nos animou para virmos para cá. [...] Na verdade, na época **não tinha muita opção** de você optar por um ou outro. Só tinha esse, não me engano, na mesma época foi lançado o Jardim das Hortênsias, mas a gente preferiu esse, porque dá **liberdade para você construir sua casa do jeito que você quiser**, as casas aqui poderiam ser maiores, e em termos de estrutura também.
Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, mora em casa privativa unifamiliar assobradada isolada, no Condomínio Jardim das Hortênsias em Itabuna-BA, onde mora há 2 anos, carro próprio.	Principalmente, **segurança e liberdade** para os meus netos que nem nasceram ainda. Não tenho neto ainda, mas a **projeção de vida**, eu comprei isso aqui muito mais pensando nos netos do que em mim mesmo. Olha, o processo de aquisição, quando eu vi a maquete, que eu comprei na planta, aí eu comprei bem antes de estar pronto, então, quando eu vi o **projeto do condomínio eu me apaixonei.** Era exatamente assim que **eu ansiava**. Eu já tinha casa própria, a gente tem também casa de praia, mas eu imaginava assim **um perfil de segurança** realmente que passasse **e de lazer**. Hoje no nosso condomínio oferece, praticamente, o que você pensar na área de lazer nós temos, lazer tanto na parte de prazer como até na parte de saúde já que a gente pensa também aí na academia, nas pistas para caminhada, para ciclismo. Então, tudo isso foram **atrativos** que trouxeram. Hoje, eu sempre brinco e sempre falava quando estava na gestão do condomínio, quem compra uma casa aqui não compra exatamente sua casa, compra toda estrutura externa, a **estrutura externa é muito mais apaixonante** do que a casa em si. Então, realmente, é uma casa confortável, mas eu sempre visei muito mais o externo. O conforto, por exemplo, da casa ou apartamento que eu morava, eu acho que era até mais confortável se pensar só na estrutura residencial, mas a externa foi o que mais me atraiu, realmente, a nossa decisão foi tanto minha como diz minha esposa, foi em função da área externa.
Maraísa, 39 anos, solteira, superior completo na área de ciências da saúde, desempregada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 15 salários mínimos, mora em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no Condomínio Jardim das Hortênsias em Itabuna-BA, onde mora há 2 anos, carro próprio.	Minha mãe tem artrose, que é um problema no joelho, e a casa que a gente morava era de dois andares e aí a gente foi morar de aluguel para ela sair das escadas e aí eles resolveram comprar isso aqui. Eles pediram a construtora que fizessem um quarto aqui embaixo, com a suíte aqui embaixo, para ela não precisar subir. Mas, aí como ficou muito pequeno, meu pai não quis ficar aqui, aí ela sobe de noite para dormir e desce de manhã, só sobe de noite de novo. Como ele [o pai] já tinha passado dos 70 anos, ele não pode comprar a casa em prestação, não é? Em menos de dois anos a gente teve de quitar a casa, foi complicado, mas eles deram...suaram aí, e resolveu, deu certo. Mas, com relação a tudo que eles pediram à construtora, foi feito.
Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo. **Organização:** Mares (2019-2021).	

Quadro 13. BAHIA – Feira de Santana: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados

TIPO URBANO	CENTRO URBANO	HABITAT RESIDENCIAL FECHADO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE	CONDIÇÃO DE AQUISIÇÃO
Cidade Média	Feira de Santana	Condomínio Vivendas Canto Do Sol Canto Da Lua	M	Sérgio	54	Feira de Santana-BA	Superior Completo	Auditor da Receita Federal	10	2	10 anos	Próprio	Não optante por Financiamento imobiliário
		Viva mais Papagaio	F	Aleselma	38	Motiba-BA	Doutorado	Docente Universitária	9	2	1 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
			F	Simone	32	Cachoeira-BA	Mestrado	Engenheira Sanitarista Ambiental e docente em faculdade	11	4	4 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Bosque Imperial	F	Rute	61	Belo Horizonte - MG	Doutorado	Docente Universitária	13	1	17 anos	Próprio	Não optante por Financiamento imobiliário
		Acqua Ville	M	Romário	42	Vitória da Conquista - BA	Superior Completo	Securitário da Caixa Econômica Federal	6	2	4 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Senador Life	M	Marrone	45	Salvador - BA	Superior Completo	Auditor da receita federal	26	3	1 ano	Alugado	Contrato de locação

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo**. Organização:** Mares (2019-2021).

Quadro 14. BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
FEIRA DE SANTANA	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no Condomínio Senador Life onde mora há menos de um ano, carro próprio.	Na verdade, eu fiquei morando em Itabuna 10 anos e eu vim para cá em 2014 foi uma **decisão errada** porque teve uma remoção, eu podia escolher Feira de Santana, ou qualquer cidade do Brasil e Mossoró. Como eu ia me casar, aí tinha Feira de Santana, Salvador e Mossoró. Falei, não vou escolher Mossoró que é a cidade da minha esposa, nem Salvador que é minha cidade, aí escolhi uma que ficasse próximo de um aeroporto, e como tinha concurso na Receita de 2 em 2 anos, e as remoções eram de 2 em 2 anos, eu pensei nisso, fico 2 anos em Feira [Feira de Santana], até porque eu não gosto daqui, e depois, nunca gostei. Assim, **gosto do trabalho, mas da cidade nunca me empolgou não**. Mas, ela era. Como vivi em Itabuna 10 anos, eu morar em Feira [Feira de Santana] o **custo seria menor** do que se eu fosse para Salvador, em Salvador meu custo ia aumentar bastante e eu quis ir devagarzinho, aí Feira [Feira de Santana] **foi mais um lugar transitório** que depois, com a mudança política, não teve mais a frequência de concurso e aí eu estou aqui **esperando a remoção até hoje**, mas, eu estou aqui não é porque eu gosto de morar, não. Foi **uma decisão estratégica**, assim, do lado **profissional.**
Sérgio, 54 anos, divorciado, natural de Feira de Santana/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicada, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Vivendas Canto do Sol onde mora há 10 anos, carro próprio.	Filho pequeno, traquino, para não falar mais ainda, não é? Quase foi atropelado duas vezes. Ele saia, a gente se distraia menos de um minuto, atravessava o portão e estava na rua, atravessando a rua, aí a gente às vezes botava a porta da sala da rua fechada, não sei como é que conseguia abrir, quando ia correndo atrás dele pulava rápido. Uma vez quase morria, o carro quase atropelou. **A rua movimentada**. Aí não teve outra opção a não ser procurar um condomínio para morar. Porque no condomínio, a **maior vantagem** de todas, é saber que seu **filho não está mal acompanhado**, porque ele sempre falou com todos, sempre procurando fazer amizades com todo mundo, ia sair com amigos ir na esquina e voltar e depois sumia, aí esse foi o maior motivo, porque no condomínio ele não está mal acompanhado, não é? Já teve conflito com vizinho, uns transtornos e tal, mas nunca mais teve. Ele foi feliz no período em que morou lá.
Aleselma, 38 anos, solteira, natural do interior da Bahia, doutora na área de ciências humanas, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 9 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Viva Mais Papagaio onde mora há 1 ano, carro próprio.	Como eu tinha **um filho pequeno** e queria que **ele ficasse mais à vontade**, primeiro, que é um **condomínio de casas** e lá ele pode **ir para a casa de um colega**, e **andar de bicicleta** e **ficar mais à vontade para sair**, e outra a **proximidade com o trabalho** em termos de localização.

Quadro 14. [continuação]. BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
FEIRA DE SANTANA	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Simone, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias, atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Viva mais Papagaio onde mora há 4 anos, carro próprio.	Optei por condomínio fechado porque **eu vejo uma segurança bem maior**. Do jeito que está hoje, não é? Está tudo tão sem planejamento. Às vezes você sai na rua corre muitos riscos de assalto dentre outras coisas. Por isso que a gente resolveu vir morar aqui, porque já conhecia e por conta da segurança mesmo. E **porque eu já morava em condomínio**. E de lá eu já vim focada num condomínio. Aí a gente veio, gostou, também **porque tem muita coisa aqui próximo** e tal. E também era mais **próximo do trabalho** e tal.
Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Bosque Imperial onde mora há 17 anos, carro próprio.	Porque a **universidade fica aqui próximo**, não é? A universidade é bem próxima daqui. Daqui lá eu faço em dez minutos, chego cedo, de carro. Feira [Feira de Santana] era um horror. Eu nunca tive carro, a primeira coisa que eu fiz quando eu vim para Feira foi comprar um carro porque era impossível não ter um carro e ainda é bem difícil não ter um carro. Então, eu queria um lugar que fosse mais próximo da universidade, para facilitar o deslocamento, queria um condomínio **por causa da segurança**, e esse condomínio, na época, isso aqui era bem … quase uma roça, não tinha nada, não tinha avenida, muito pouco povoado, uma coisa bem de bairro mesmo residencial.
Romário, 42 anos, solteiro, natural do interior da Bahia, ensino médio completo, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de seis salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Acqua Ville onde mora há 4 anos, carro próprio.	A primeira motivação**, a segurança**. Acho que o que traz quase que todos os moradores para um condomínio é uma sensação de segurança maior, você tem uma proteção maior. A segunda eu acho que é **o lazer**, né, porque Feira [Feira de Santana] não tem praticamente nada de lazer, tem praias próximas, mas não tem na cidade; clubes não existem mais, praticamente extinguiram os clubes de Feiras [Feira de Santana]. Então, dentro do condomínio você **tem a segurança, tem as alternativas de lazer**, tem uma piscina, uma academia, parque infantil para quem tem criança, área de churrasqueira, salão de festas, então, tudo isso traz **uma comodidade maior.** Então, assim, raramente eu tenho que sair do condomínio para alguma coisa. Essa semana mesmo eu fico de boas, tranquilão **em casa** final de semana porque **concentra tudo isso**. Então, segurança, o lazer e **qualidade de vida melhor**, não é.
Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo. **Organização:** Mares (2019-2021).	

Quadro 15. BAHIA – Vitória da Conquista: caracterização dos sujeitos entrevistados e habitats residenciais fechados

TIPO URBANO	CENTRO URBANO	HABITAT RESIDENCIAL FECHADO	GÊNERO	NOME FICTÍCIO	IDADE (anos)	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR (SM)	Nº MEMBROS DA FAMÍLIA	TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL ATUAL (ano de referência 2019)	CONDIÇÃO DA PROPRIEDADE	CONDIÇÃO DE AQUISIÇÃO
Cidade Média	Vitória da Conquista	Ouro Verde	M	Noberto	30	Vitória da Conquista - BA	Superior Completo	Engenheiro civil	13	3	4 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Parque Vitória	M	Jorge	27	Itabuna - BA	Superior Completo	Relações comerciais de mercado	6	3	4 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Portal do Sol	M	Michel	38	Salvador - BA	Superior Completo	Corretagem e Empresário	10	2	4 anos	Próprio	Não optante por Financiamento imobiliário
		Parque Vitória Sul	M	Janio	29	Anagé - BA	Ensino Médio Técnico	Engenheiro ambiental	5	3	1 ano	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Jardim Guanambara	F	Suzane	50	Vitória da Conquista - BA	Superior Completo	Engenheira Agrônoma	4	1	1 ano	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)
		Condomínio Green Ville	F	Tereza	45	João Monlevard/ MG	Superior Completo	Aposentada	5	3	12 anos	Próprio	Optante por Financiamento imobiliário público (PMCMV)

Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo**. Organização:** Mares (2019-2021).

Quadro 16. BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
VITÓRIA DA CONQUISTA	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Noberto, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completo na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, apartamento próprio onde no Condomínio Ouro Verde mora há 4 anos, carro próprio.	Principal ponto foi **o custo**, os **benefícios** de morar em condomínio **são melhores** do que se eu fosse construir uma casa hoje, não é? Com o **padrão** que a gente tem. Segundo foi a área do condomínio para meu **filho, e a segurança.**
Michael, 38 anos, casado, natural de Salvador/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, empresário, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Portal do Sol, onde mora há 5 anos, carro próprio.	Na verdade, quando eles lançaram, lançaram na planta, eu já estava trabalhando e assim, um dos donos da construtora é meu tio, então, ele me ofereceu, eu já estava trabalhando com ele, ele me ofereceu a oportunidade, eu peguei não teve muita ... foi criada a oportunidade do recurso, apareceu a questão e eu peguei. [...] Ainda que não tivesse surgido essa oportunidade, eu teria comprado lá sim pela **infraestrutura do condomínio**. [...] A estrutura é absurda.
Jorge, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Parque Vitória onde mora há 3 anos, carro próprio.	A escolha pelo condomínio foi porque eu **já queria ter a residência dentro do condomínio**. Outro fator que influenciou para ser esse condomínio [Primavera] era um **condomínio de casas**, o condomínio que eu morava lá embaixo]Candeias] era um condomínio de apartamentos, aí eu queria um condomínio de casas para **ter mais privacidade**, essas coisas, **ter um quintal**, **se possível trazer gente**, poder fazer suas coisas tranquilo, **não precisar da área comum**, por mais que a área comum tenha bastante coisas, mas você **ter um cantinho seu também**, para ser possível fazer as coisas**, além de apenas residir.** Aí por isso que a gente optou por aqui. No momento da aquisição nós fizemos a aquisição junto com a Caixa econômica, com o financiamento Minha Casa Minha Vida, e escolhemos um condomínio também por conta **da área de lazer, segurança,** essa questão de você ter uma local **com segurança maior**, você pode também deixar seu **filho mais solto**, essa questão de **segurança** de veículos, de **velocidade**, **quem mora aqui**, câmeras. Então, justamente isso que mais pesou também, na compra, não é? Se você for colocar a questão financeira é praticamente o valor de três casas quando se vem morar dentro de um condomínio. Mas, tem toda essa questão que foi o que me influenciou bastante no momento da aquisição.

Quadro 16. [continuação]. BAHIA. Motivação para escolha dos Habitats Residenciais Fechados	
VITÓRIA DA CONQUISTA	
Identificação do(a) morador(a)	**Justificativa da escolha**
Janio, 29 anos, casado, natural do interior da Bahia, ensino médio técnico completo, profissional da área ambiental, grupo familiar formado por três membros e renda familiar aproximada de 5 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Parque Vitória Sul, onde mora há 1 ano, carro próprio.	Olha, porque sempre, como esse trabalho a gente viaja as vezes fica um tempo mais assim longe de casa as vezes alguma coisa ou outra tem que acontecer isso e eu me **sinto mais seguro em deixar a minha família lá**. E também por uma questão **do lazer e tudo** mais, mas essa escolha minha, de morar em um residencial, foi mais pela questão que eu tinha um **outro imóvel** aqui, e aí eu achei um **negócio** bom nesse outro imóvel, era maior, tinha um **espaço bem maior**, e aí eu resolvi vender e comprei lá, entendeu? Para mim foi mais interessante, até porque daqui a três meses eu vou estar me deslocado para Anagé para ficar, de uma certa forma, definitivo lá. Eu vou, mas vou manter o imóvel.
Suzane, 50 anos, divorciada, natural de Vitória da Conquista, superior completo na área de engenharia com atuação profissional na mesma área, grupo familiar formado por uma pessoa e renda familiar aproximada de 4 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Jardim Guanabara onde mora há 1 ano, carro próprio.	A motivação foi bem íntima [risos]. Eu era casada, aí tinha um apartamento e uma casa, na **separação** ele ficou com a casa e eu **fiquei com o apartamento**, aí foi isso. Aí, na divisão dos bens, eu preferi ficar aqui, não é? **Por conta da segurança**, por conta de um monte de coisa que a gente vai mencionando aí na frente.
Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completa na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio GreenVille onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.	Olha, por minha vontade a gente teria comprado um apartamento ali próximo à FAINOR [Candeias], mas minhas **meninas eram pequenas**, Ana [nome fictício] tinha seis anos, Maria [nome fictício] tinha dois aninhos e pouco e aí quando a gente viu aqui, eu tinha medo de não dar certo o condomínio porque, assim, tinham muitas casas vazias ainda, não tinha acesso aqui, asfalto, era tudo ainda terra. Vínhamos pela estrada de terra pela Larissa Cavalcanti, era como se levasse uma hora para chegar aqui porque dá impressão de que é mais longe, né? Tinha que passar por aquela pontezinha ali perto do Devalê que hoje é o Sêneca que também era tudo terra ali, à noite era muito escuro. Aí eu falei com meu marido, eu acho que não vai dar certo a gente morar aqui aí ele insistiu, ele falou que ... a gente achou uma **casa bem ao lado do bosque** aqui, **muitas árvores**, e a **questão de ser fechado** que as **meninas iam andar de bicicleta na rua tranquilo**, não sei o que, aí ele insistiu e a gente acabou comprando e deu certo, **foi a melhor coisa** porque hoje em dia a gente está **aqui entre os dois shoppings,** né? Depois que inaugurou a J.Pedral [Avenida Perimetral]**passa bem na frente**, então, foi a mesma coisa que **ganhar na loteria**, né? Na verdade, assim, do tanto que **a casa valorizou**.
Fonte: tratamento de dados do trabalho de campo. **Organização**: Mares (2019-2021).	

Ao tratarmos dos modos de aquisição da moradia em um habitat residencial fechado, trataremos do segundo elemento proposto neste item que identifique como se deu o processo de aquisição da moradia, o perfil socioeconômico dos moradores entrevistados, além de nos aproximarmos de uma reflexão sobre a racionalidade econômica da intervenção de agentes públicos e, sobretudo, privados, na relação entre a casa, os moradores e a cidade em si, e como tal racionalidade tem implicado não apenas nas escolhas dos citadinos de onde morar ou consumir, mas, principalmente, de uma dada reorganização espaço-temporal, no uso e ocupação do solo urbano, o que pode nos dar pistas sobre as estratégias locacionais empregadas na produção do espaço dos tipos urbanos investigados.

Para tal demonstrativo, permanecemos com apoio nas narrativas dos entrevistados, em suas trajetórias de vida, conflitos e interesses, e que podem nos dar pistas para entendimento de como se inserem nos hábitos de vida urbana estandardizados, reproduzindo padrões, mas também produzindo práticas distintas. O conjunto de entrevistas e de informações demonstradas nesses quadros (12, 14, 16) caracteriza, majoritariamente, os sujeitos entrevistados como tendo renda fixa mensal que os identifica num segmento médio; possuem, de modo geral, nível superior completo, com emprego formal, e a maior parte é natural de outros municípios, ou tiveram que passar algum momento da vida fora, sendo que alguns saíram para cursar a faculdade e depois retornaram.

A oferta de trabalho foi um elemento destacado quando da motivação para morar na cidade e para a escolha da moradia de respondentes não naturais das cidades investigadas, ou seja, o trabalho figurou-se como uma determinação na fixação nessas cidades, seja em forma de transferência de unidades anteriores ou, ainda, convocados em concurso público para assumir cargo efetivo. Em alguns casos, ainda que fosse originário de uma das cidades pesquisadas, já havia residido em outras cidades do mesmo estado com sua mobilidade atrelada às

questões trabalhista e de qualificação profissional (cursar graduação e pós-graduação).

Ainda que com uma renda familiar média, dos 21 entrevistados nas quatro cidades pesquisadas, cerca de 47% dos moradores dos habitats residenciais fechados afirmaram optar pelo financiamento público, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), do governo federal, para realização desse projeto de vida, por não terem condições financeiras de adquirir o imóvel num empreendimento nesse padrão com recursos próprios. Outros entrevistados afirmaram lançar mão do financiamento disponível para poder investir em outros imóveis com recursos próprios. Por fim, há moradores que não puderam optar pelo financiamento oficial, embora o desejassem, por questões etárias que implicam na recusa do financiamento pelo órgão financiador (Caixa de diálogo 3).

CAIXA DE DIÁLOGO - 3
SOBRE AS CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO

Como ele [o pai] já tinha passado dos 70 anos, ele não pode comprar a casa em prestação, não é? Em menos de dois anos a gente teve de quitar a casa, foi complicado, mas eles deram...suaram, aí, e resolveu, deu certo.

Maraísa, 39 anos, solteira, superior completo na área de ciências da saúde, desempregada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 15 salários mínimos, mora em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no condomínio Jardim das Hortênsias onde mora há 2 anos, carro próprio.

Ou seja, o acesso ao financiamento habitacional subsidiado pelo Estado a segmentos intermediários de renda funciona como uma transferência de valores que libera saldos ou ativos dessas famílias para serem usados para especulação imobiliária, para poupanças e para investimentos. Configura-se, na prática, portanto, como um programa estatal de transferência de renda, via possibilidades de financiamento, para os segmentos de renda média.

No que se refere às subjetividades que motivaram as escolhas desses citadinos ou, também, produzidas e reforçadas a partir do momento em que adquiriram o imóvel no espaço residencial fechado, os resultados do conjunto de instrumentos, mas, nesse caso, em especial, das entrevistas indicam-nos

representações que são estruturadas com base na experiência de viver em um espaço tão normatizador como esses empreendimentos.

Os aspectos que podem ser inseridos na análise de produção e consumo desses espaços, associados aos depoimentos dos moradores (consumidores) deixam-nos verificar signos geradores de representações e, em certa medida, de reforço de estigmas e estereótipos, tanto sobre um perfil ideal de vizinho e de vizinhança que se projeta, como, por outro lado, de um "outro", "diferente" desse perfil buscado, imaginado, que se quer evitar, cortar relações.

Em se tratando de representações, um destaque comum foi dado, justamente**, às relações de vizinhança**, muito pautadas em um ideário de comunidade, de uma dada vida coletiva harmônica. Esse ideário de vida em comunidade chega a ser indicado como o principal, mas, sutilmente, essa visão de comunidade está assentada em valores que seriam compartilhados entre esses moradores e que lhes atribuiriam uma convivência tranquila e segura portanto, trata-se de uma representação idealizada de vida entre iguais, onde não haveria espaço para a diversidade, que, por contraposição, poderia ser avaliada como geradora de conflitos e insegurança.

Os entrevistados, de modo geral, relataram conhecer seus vizinhos e terem boas relações com eles. Essa interação é também creditada, por um morador, a elementos construtivos derivados do tipo de imóveis, destacando que o que os torna mais próximos e de convivência mais intensa naquele habitat residencial fechado seria o fato de não haver muros entre as unidades habitacionais, o que permitiria maior conhecimento e contato com o vizinho.

Paradoxalmente, o mesmo elemento arquitetônico e simbólico tão valorizado, o muro, que os separa e os protege dos diferentes, dos de fora, é, aqui, visto como algo que afeta a sociabilidade interna e sua ausência, no caso, é vista como algo positivo. A noção de que há homogeneidade social interna e de que ela deve ser reforçada, *pari passu*, ocorre com o reconhecimento de que quem está fora lá deve ser mantido. Os muros, ou sua ausência, indicam as distâncias sociais

e as interações desejadas e as não desejadas. Esse depoimento é, em boa medida, um indicador da apartação que nos insere e nos marca em uma crise societária.

Os temas que se relacionam diretamente à segurança fundem-se a essa questão da homogeneidade interna dos habitats fechados, mas não se limitam a isso. A segurança, ou sua percepção, é fator de destaque em sua fala, inclusive, indicando determinadas práticas cotidianas que não seriam realizadas em outros locais sem os mesmos instrumentos e equipamentos de segurança presentes no habitat residencial fechado. Isso tem relação e rebatimento direto na substituição paulatina de práticas espaciais que se realizam em espaços privados de uso coletivo e controlado, inclusive, intramuros, em substituição daquelas que ocorrem em espaços públicos. Com isso, a crise societária é, também, uma crise socioespacial.

A prevalência da motivação pela busca por segurança na resposta do(a)s entrevistado(a)s para justificar a escolha pela moradia em habitats residenciais fechados, atrelada à sensação de insegurança, de medo, de violência latente reflete-se, também, em outro quadrante: a guarda da propriedade privada e da gestão privativa estão apoiadas em argumentos de que as políticas públicas, de modo geral, e o planejamento urbano, em específico, são ineficazes e geram espaços de medo e de ausência de segurança. Isso se transmuta na avaliação da ineficiência do Estado e do que é público também em outros campos. A crise societária e socioespacial tem, dessa maneira, também um componente ideológico de cunho neoliberal.

Uma verdadeira política do medo promove um quadro favorável a um movimento para uma vida intramuros por grupos sociais, materializando um quadro distópico que convive com outro, que é idílico. Como afirmou a entrevistada Maraísa[22] "Hoje em dia o medo domina tudo", afirmando que o

[22] Maraísa; 39 anos; solteira; Condomínio Jardim das Hortênsias; Itabuna/BA; ensino superior completo na área de ciências da saúde; desempregada; grupo familiar composto por quatro membros; renda familiar de 15 salários mínimos; casa unifamiliar própria onde mora há 2 anos; carro próprio.

medo e a insegurança (o quadro distópico) se contrapõem à presença da família e dos novos amigos no condomínio, o que a faz viver com tranquilidade e erigindo novas amizades (entre iguais) dentro do habitat residencial fechado, o "espaço idílico".

Essa sensação de insegurança do(a)s entrevistado(a)s advém e um discurso de violência que permeia a vida cotidiana, seja no nível da realidade, seja no nível das representações. Ainda assim, trata-se de um discurso assentado em ideologias que sustentam nossa crise societária, socioespacial, mais de que em fatos e experiências de violência. As experiências de medo, essas, parece-nos, são reais, pois percebidas frente à diferença e diversidade para além dos muros do habitat. Afirmamos isso pelo fato de que, a quando se pergunta aos mesmos(a)s entrevistado(a)s se já vivenciaram, ou alguém próximo, alguma situação de violência foram poucos os casos em que, efetivamente, houve uma ação contra si.

Parece-nos, também, que as experiências de medo, representações do desconhecido, ou do que se deseja evitar, ganham uma materialidade inesperada e escondida, pois, pode desvalorizar o empreendimento ou seus imóveis. Os muros que os guardam não são suficientes para assegurar a tão almejada segurança, como nos relatou Rute,[23] que teve sua casa assaltada por um vizinho dentro do condomínio, Marrone[24], que relatou que no condomínio onde morava houve sequestros de moradores e roubos à residência por pessoas com identificação falsa de funcionários dos Correios.

[23] Rute; 61 anos; divorciada; Residencial Bosque Imperial; Feira de Santana/BA; doutra na área de humanidades; funcionária pública estadual - docente universitária; grupo familiar composto por um membro; renda familiar de 13 salários mínimos; casa unifamiliar própria onde mora há 17 anos; carro próprio.

[24] Marrone; 45 anos; casado; Condomínio Senador Life; Feira de Santana/BA; ensino superior completo na área de ciências sociais aplicadas; funcionário público federal – auditor fiscal; grupo familiar composto por três membros; renda familiar de 26 salários mínimos; apartamento alugado onde mora há 8 meses; carro próprio.

Ou seja, ao passo que a sensação de medo é condicionante da experiência no espaço urbano, é um atributo de valor agregado ao *marketing* imobiliário na massificação dos habitats residenciais fechados é, também, um produto da violência concreta criada pelo dinamismo do medo operado por meio de políticas urbanas, formas discursivas, crescimento espacial e práticas experimentadas pelos citadinos.

Somando à busca por segurança há, também, uma função utilitarista na escolha pelos habitats. Isso porque os respondentes apresentaram uma variedade de motivações associadas, por exemplo, à localização estratégica em relação ao local de trabalho, às especificidades familiares (saúde, demandas por faixa etária), às condições para aquisição oportunizadas em função de cargo/função.

Há, de fato, uma profusão de justificativas apontadas para a escolha desse tipo de moradia, encabeçadas pela busca da segurança, tema mais rotineiro a estruturar o discurso do(a) nosso(a)s entrevistado(a)s, e outras motivações, como facilidades de acesso promovidas pela localização dos habitats pesquisados. Isso pode indicar duas coisas: as estratégias locacionais aplicadas nos empreendimentos foram eficazes; a mobilidade desses moradores é comparativamente eficiente; a estrutura espacial se complexifica, com espaços de consumo, por exemplo, acompanhando a disposição periférica da maior parte dos habitats residenciais pesquisados, indicando a policentralidade.

Em contraponto, há uma desqualificação acentuada do que é público, do que está fora dos muros, na cidade aberta, onde a problemática urbana, para aqueles sujeitos, assenta-se, torna-se s regra e origina, segundo fala corrente do(a)s entrevistado(a)s isso ocorreria pela ausência de atuação eficaz do Estado, via planejamento desordenado. Paradoxalmente, esse mesmo planejamento mostra-se eficaz na extensão do perímetro urbano, na legalização de incorporações de terra rural e seu parcelamento, na destinação de infraestruturas e no reconhecimento quase imediato do direito de cercar.

Se esse ideário está mais presente nas representações que o(a)s entrevistado(a)s têm de suas cidades e que partem de sua experiência urbana, com motivações individuais, também é usado na composição de estratégias de *marketing* imobiliário e locacionais. Isso se soma a estratégias outras que se valem de externalidades existentes ou posteriormente implantadas e de acessibilidade. Vejamos, por exemplo, a posição da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, pela possibilidade de realização de atividades diárias nas duas cidades, pelo uso de equipamentos urbanos, públicos e privados, nas vias de ligação entre ambas e da infraestrutura disposta ao longo das vias de ligação, justamente para dar fluidez e manter o fluxo ativo na aglomeração. Ou, como no caso de Feria de Santana, quando a proximidade com a capital do estado, Salvador, do aeroporto internacional, de recursos para o lazer, como a praia próxima, serem usados como chamariz para a comercialização desses empreendimentos.

Além das questões de segurança e de acessibilidade como motivação, há, também, os equipamentos ofertados intramuros – equipamentos de lazer, por exemplo, disponíveis no habitat e ponto de atração, seja para o uso propriamente dito, seja como elemento que poderia funcionar como uma externalidade positiva, valorizando o imóvel, além de falas em que esse aparecia como principal motivo para aquisição do imóvel.

Os equipamentos de lazer presentes nos habitats residenciais fechados estão associados às falas de residentes como representativos de bem-estar, de qualidade de vida e mais um elemento de distinção em relação ao seu entorno. Portanto, circunscreve-se, sobretudo, nos discursos, uma vida no interior desses empreendimentos que sempre está em oposição ou contraste ao que está fora. Essa visão de mundo passa a direcionar as práticas dos moradores em relação às demais dimensões do cotidiano e indicar não só com quem se relacionar, mas também, em que condições a sociabilidade deve se realizar.

Os mesmos equipamentos de lazer são usados nas estratégias de *marketing* para comercialização dos habitats residenciais fechados, constituindo-

se em verdadeira diretriz urbanística e paisagística em seus projetos. Essa composição de conforto, bem-estar, segurança, lazer e aparente ordem, inclusive paisagística, constitui-se em motivação de compra que parece se sobressair à necessidade de morar, em especial, quando analisamos a mobilidade residencial dos sujeitos entrevistados e os casos em que a residência adquirida não é a primeira. À medida em que avançamos a extratos de renda mais elevados, as estratégias de *marketing* incorporam elementos que estão além do acima descrito; passam a trabalhar de modo mais intenso com as subjetividades dos citadinos no que toca às condições simbólicas ligadas ao *status,* à posse, à distinção.

O mercado imobiliário passa a atuar diretamente com esse propósito, agindo no nível da ideação e alimentando os desejos e imaginários do(a)s citadino(a)s, direcionando as práticas espaciais do habitar. O material de divulgação com anúncios de empreendimentos obtidos no momento das entrevistas com agentes bem-informados e o material extraído dos *sites* das construtoras são exemplos da incorporação e destaque dado a essa condição simbólica que compõe o imaginário atribuído a esses espaços residenciais , transmitindo essa ideia de se viver o que chamamos de "vida programada" dos habitats residenciais fechados.

Dizemos que há uma relação de codeterminação entre as representações do espaço concebido pelo mercado imobiliário e as práticas espaciais do habitar quando observamos, nos depoimentos do(a)s entrevistado(a)s, o impacto que residir nesse tipo de moradia causa na própria vida de tais sujeitos, alterando suas relações estabelecidas com outros citadinos dentro e fora dos limites dos habitats, modificando os significados atribuídos a quem está fora e de quem está dentro e instituindo uma dada atomização das práticas de lazer, consumo e sociabilidade partindo da casa alargada (que contém os espaços privados de uso coletivo contidos no habitat), mas que se circunscreve aos muros e aos circuitos atomizados de apropriação segmentada da cidade (WHITACKER, 2019)

Esse elemento de distinção mostra-se, mesmo, como uma dimensão discursiva presente nas entrevistas, por vezes, de modo velada ou, como no caso do entrevistado Luiz Inácio, mais clara. Uma ideia de ser distinto que vai além da identificação direta com uma dada classe ou práticas ligadas a determinadas condições objetivas dessas que poderiam imprimir gostos ou preferências, como no caso de Lourdes Dantas, outra entrevistada. Parece conformar um *habitus* (BOURDIEU, 2007).

Essas condições determinam práticas herdadas, ou, também, simuladas se olharmos pela capacidade de consumo dos distintos entrevistados nesta tese. Especificamente, pela face mais subjetiva do consumo dos próprios habitats residenciais fechados, podemos analisar a distinção social pautando-nos na oferta, uso e valorização de espaços seletivos, os quais alimentam o movimento de reprodução das diferenças ligadas a características imateriais herdadas por suas respectivas classes sociais (GÓES et al, 2019), já que, com a emergência do consumo como sistema na sociedade homônima, esse ordenará os símbolos e a integração dos grupos, constituindo, também, a moralidade (sistema de valores ideológicos) e o sistema de comunicação ou estrutura de troca. (BAUDRILLARD, 2011).

3.2 Condição espacial e redefinição das práticas espaciais do habitar

Para feito das análises propostas nessa subseção, trabalhamos, principalmente, com o segundo instrumento do CIMR, os croquis elaborados pelo(a)s moradores entrevistados dos habitas residenciais fechados pesquisados. Com esse instrumento, analisamos nuances da diferenciação socioespacial verificadas nas cidades baianas escolhidas. Isso foi lido, à princípio, desde a localização e caractísticas dos habitats residenciais fechados, sejam os residenciais horizontais, de maior extensão, em proximidade com residenciais verticais, mais compactos, todos esses ambientes controlados com sistema de

segurança e distanciados das áreas de concentração de moradias erigidas por políticas de habitação de interesse social.

Então, considerando-se a localização dos habitats residenciais fechados investigados, dispostos no capítulo II (Figuras 16, 22, 39), partimos das estratégias nas escolhas locacionais em que esses habitats são implementados, prioritariamente nas franjas do tecido urbano mais denso, o que nos indica um duplo processo que é de dispersão e de adensamento territorial, seja distanciando-se do centro principal, rumos às periferias geométricas, seja valendo-se da centralidade ainda exercida pelo centro principal, com a alocação dos habitats residenciais fechados em áreas pericentrais mantidas, até recentemente, como reserva de valor e que eram "vazios urbanos" passando, agora, a serem densamente ocupados por segmentos socioeconômicos intermediários a altos de renda (Caixa de diálogo 4).

CAIXA DE DIÁLOGO - 4
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE EXPANSÃO TERRITORIAL URBANA E A IMPLANTAÇÃO DOS HABITATS RESIDENCIAIS FECHADOS

Penso em todas as saídas, em relação ao controle das estruturas desses empreendimentos, é mais voltada a parte urbanística que é o que eu posso falar, é mais voltada para a ocupação dos vazios. Então, assim, todo estudo é feito economicamente voltado para a ocupação dos vazios, a gente tenta pegar as partes internas, prioritárias internas ao anel viário e proporcionar uma ocupação, um adensamento dessas áreas onde a infraestrutura já está presente. A tendência é essa. Da parte urbanística a tendência é essa. É proporcionar através de alguns meios, tipo, a "Outorga luminosa" para a gente pegar esses valores que gente arrecada, inclusive desses empreendimentos e levar para as áreas onde não têm infraestrutura e proporcionar ocupação das áreas que já tem infraestrutura. O objetivo maior na parte urbanística é esse.

***Entrevista a agente bem informado**. (coordenador da secretaria de urbanismo da prefeitura municipal de Vitória da Conquista). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Vitória da Conquista/BA, jan/2020, gravação de áudio, 32h22min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.*

Condição requerida, inclusive, como demanda do poder público municipal, quando das estratégias e negociações com a iniciativa privada, como destacado pelo coordenador da Secretaria de Urbanismo de Vitória da Conquista-BA (Caixa de diálogo 5). De um lado, tem-se o Estado, que é requerido para normatizar uma prática ou política, isto é, como interventor cooptado como norma liberal (DARDOT; LAVAL, 2016), e, do outro lado, um agente privado, requerendo as condições legais e ofertando alguma infraestrutura como moeda de troca.

Conforme justificativas apresentadas no Quadro 12, 14 e 16, o acesso a algum equipamento de consumo e ou serviço, do ponto de vista imediato, compareceu como item importante na escolha pelo habitat residencial fechado para moradia, já que, considerando-se a dimensão dos centros urbanos aqui investigados, o dispêndio de tempo e a necessidade de "deslocar-se para tudo" se traduz como elementos negativos à qualidade de vida que se esperaria pelo(a)s citadino(a)s entrevistados.

Com a implementação dos habitats residenciais fechado, vemos um movimento que é, via de regra, intensificado com a associação de outros equipamentos ou formas espaciais de consumo, comércio, serviços, como é o caso do empreendimento Alphaville em Vitória da Conquista. Em complemento, tais equipamentos, uma vez já existentes, podem ser condicionantes à atração de habitats residenciais fechados, principalmente, aqueles voltados aos grupos intermediários de renda.

CAIXA DE DIÁLOGO - 5
SOBRE A RELAÇÃO COM O SETOR EMPRESARIAL

Hoje a conversa com os empresários é trabalhar com a legislação atual. Nossa legislação é uma legislação bastante atrasada e a reclamação maior é que não tem uma segurança jurídica voltada para essas solicitações que estamos fazendo hoje, então, a gente faz as solicitações, mas juridicamente, ela não tem…. lá na lei... [...] E esses empreendimentos, de certa forma, como a gente tem trabalhado, eles vêm trazendo benefícios. Existe a parte negativa, que você mesma mencionou, da parte urbanística, de integração e existe a parte que esses empreendimentos, o município não cobre a infraestrutura dentro dos empreendimentos, em certos locais não tem drenagem e quando o cara vai lançar o empreendimento, a gente exige a drenagem do local. Então assim, ele não faz só a drenagem do empreendimento, a gente exige a drenagem do empreendimento e a macrodrenagem que vai receber esse empreendimento. Esses dias a MRV, com o DOM, ele faz todo aquele canal, fez toda a macrodrenagem, fez o canal, fazer a reestruturação da passagem da água. Pessoal da Gráfico está fazendo um ali próxima da Av. Olívia Flores, vai ter que passar com os canais e descer até o rio, mas, é ruim? Mas nesse sentido urbanístico é ruim, mas a parte de infraestrutura, a gente exige que chegue, agente exige que se coloque acessibilidade, a gente exige que se coloque os pontos de ônibus próximos. Então assim, tirando essa parte urbanística, não vejo que os empreendimentos sejam coisa ruim, não. A conversa que a gente tem hoje com o pessoal, tanto o empresariado que lança essas estruturas enormes como o pequeno empresário que às vezes faz um prediozinho, a gente coloca: está precisando disso aqui nessa região aqui, precisa reestruturar esse ponto de ônibus que está ruim, fazer uma cobertura. [...] o relacionamento que a gente tem com o pessoal é muito bom.

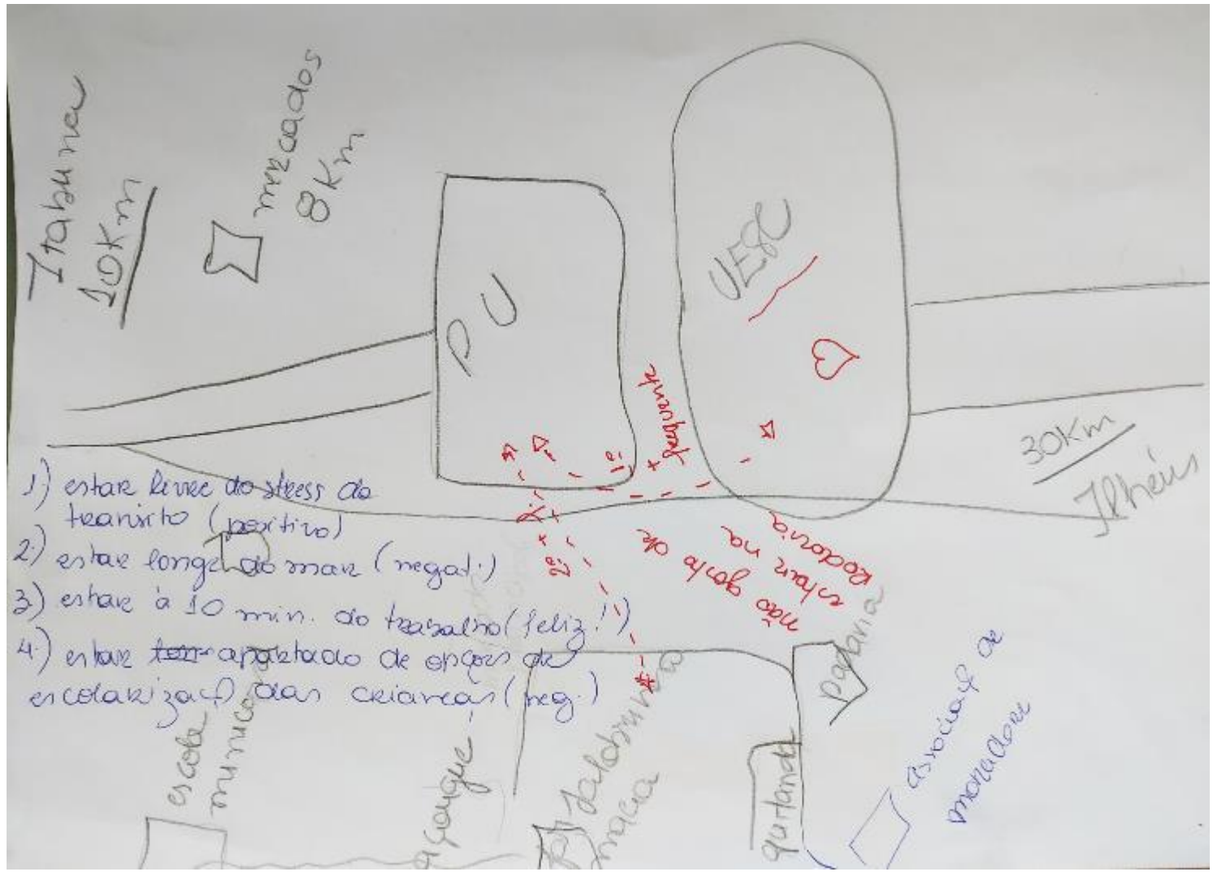
Entrevista a agente bem informado. *(coordenador da secretaria de urbanismo da prefeitura municipal de Vitória da Conquista). [entrevista cedida presencialmente a] Rizzia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Vitória da Conquista/BA, jan/2020, gravação de áudio, 32h22min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.*

Para Desse (1992), a implementação de grandes espaços comerciais é grande difusora da expansão territorial urbana ao selecionar as áreas em que serão implantados, o que fomenta o deslocamento dos citadinos, mas, também, a atração de espaços residenciais. Para Mares e Whitacker (2019):

> As cidades contemporâneas, produzidas em adequação às novas funções econômicas, passam por um rearranjo na oferta de transporte para dinamizar a circulação e viabilizar as mudanças na estruturação do espaço urbano, sobretudo, por serem incorporadas às estratégias capitalistas de dominação. (MARES; WHITACKER, 201, p. 318).

Esse rearranjo tem por base um consumo (produzido/demandado) que se realiza de modo diferenciado para cada grupo social, à medida que fatores como a localização residencial e do trabalho, influem nas condições de mobilidade e, por conseguinte, nas práticas espaciais. Assim, com base nos croquis comentados – elaboração e descrição - pelos sujeitos moradores dos habitats residenciais fechados, compomos as sintaxes 1 a 3, exploradas na sequência.

Sintaxe 1. BAHIA – Ilhéus. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Bell Hooks, 44 anos, divorciada, natural do interior de São Paulo, Doutora, professora em instituição de ensino superior pública na área de Humanidades, grupo familiar composto por quatro membros, sendo duas crianças em idade escolar e renda aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no Condomínio Parque Universitário, onde mora há 4 anos com seus dois filhos, possui carro próprio. Mai/2019.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Eu vou fazer a UESC como um ponto importante. Aí aqui, ó, estaria Ilhéus, eu creio, eu falei para o meu filho 8 km, eu não tenho certeza, ele gosta do número, aí, ele gosta de precisão se um dia ele cronometrar e ver que não é 8km, ele vai ficar bravo comigo (risos), Mas, eu acho que a entrada de Itabuna, está a mais ou menos, uns 10 km daqui, então, Itabuna é bem mais próximo para nós aqui do condomínio do que Ilhéus. Aqui, então, a praça do salobrinho, não é? No entorno dessa praça a gente tem tudo: tem a padaria da praça, a farmácia, aqui tem uma quitanda onde eu compro uma parte do mercado principal para mim, não é? Que é um mercadinho. Seguindo ao fundo do bairro a escola, a escola municipal, que a gente não consegue usar por falta de vaga. **[Pesquisadora: Aqui tem alguma feira livre?].** Não, tem essa quitanda que é um comércio que vende basicamente hortifrúti que é essa que eu já te listei, mas, como disse, só que é um lugar assim, com uma estrutura fixa, não sei se é só perguntar nessa direção que imaginei uma feira livre. Ele [o bairro] se estende nessa direção para dentro, aqui a pista, não é? seria rodovia, na verdade, então, ele se estende em uma posição perpendicularmente à rodovia. Eu não faço uso muito desse eixo, eu uso mais aqui essa região central da pracinha. Mas, eu sei que o bairro se estende bastante, eu não desbravei. Mas eu sei que tem por exemplo, uma academia, tem uma escolinha de balé, peguei informações para Maria [nome fictício], tem uma escolinha de inglês para crianças, tem bastante coisas, e ainda tem a associação de moradores, onde as reuniões acontecem, aqui bem pertinho, que eu acho que na verdade é a casa de uma pessoa e ele cede para a reunião de moradores. Acho que é isso.

Percursos mais rotineiros:

1º. É daqui [*Condomínio Parque Universitário*] para UESC, mais frequente.

2º. E aí, daqui do campus universitário para o centro do Salobrinho, o segundo mais frequente.

PERTINÊNCIA

Belezas naturais. Para receber uma pessoa com impressão positiva, eu diria belezas naturais. Fácil acesso ao aeroporto (que pode interessar a um visitante um a uma migrante (risos), para mim foi importante nos primeiros anos, ainda é bastante importante. Ah, eu poderia até ter colocado aqui. Agora estamos distantes do aeroporto, mas como a gente viaja poucas vezes no ano, não é um problema. E para essa pessoa chegando eu diria dificuldade no acesso a saúde e dificuldade no acesso à educação básica, isso para mim caracteriza Ilhéus.

CONTRASTE

Continuaria mantendo também belezas naturais, acesso à praia. Ilhéus tem umas opções de lazer que são referência no contexto...a proximidade a Itacaré é também uma referência a quem chega, quer conhecer lugares interessantes. Mas, para a vida urbana, para a vida na cidade, a gente enfrenta essa dificuldade. Saúde é sempre muito complicado, saúde pública é praticamente inexistente, não se consegue sequer um preventivo, sabe. Saúde pública em Ilhéus é complicadíssima, eu já fui levar meus filhos para vacinar e eu encontrei vacinas que eu sei que são vacinas que precisam de refrigeração, fora do gelo, coisas assim, nesse nível. Então, saúde pública muito complicada, cara e de qualidade que deixa a desejar também. Não dá para contar com saúde em Ilhéus, saúde e educação, como eu estou tentando essa situação com meus filhos também.

AGRADABILIDADE

Posso repetir? (riso)Belezas naturais de novo (risos). Porque o centro histórico é muito malcuidado, tá? Você tem isso. A gente gosta muito do teatro municipal de Ilhéus, em Ilhéus, Teatro Municipal, também frequento, mas, muitas vezes os eventos lá são caros e aí desestimula. Não tem um museu, poderia ter, é uma cidade antiquíssima. A arquitetura não é agradável, não só pelos prédios históricos não serem bem cuidados, mas o padrão arquitetônico moderno não é belo, não te dá fruição estética. As opções de lazer mesmo, vamos supor, vida noturna para jovens, ou espaço infantis, ou espaços culturais para pessoas da minha faixa etária, não são comuns, então, belezas naturais de novo.

INESPERADO

Desigualdade Social. Aqui tem algumas "ilhas", e aí na questão anterior eu falei que a arquitetura não é bela, mas o aspecto estético da cidade é desagradável porque falta isso, falta saneamento básico, falta, estrutura básica, falta planejamento urbano, rua sem calçada, o que incomoda é também a questão de investimento público, que haja esse registro. Os bairros, não é? o Nossa Senhora da Vitória lá onde você está, é um bairro populosíssimo. Que não tem lazer no N. Sra. da Vitória. Tem a praia. Até as escolas e eu sei que também, a minha assistente aqui tá comigo desde que Bruna nasceu, e ela fala para mim, é complicado. Inclusive a questão da segurança para ela ir e vir para o trabalho dela, é complicado. E aí e aí é gritante porque você tem uma faixa que você separa N. Sra. da Vitória daqueles condomínios da beira da pista, não é? E aí isso choca muito, sai da zona da classe média e aí todo o resto da cidade é completamente abandonado. Sabe o negócio parece que é a zona rural atrás dos grandes condomínios, da cidade É um descaso, é uma desigualdade que tem raízes muito profundas que eu acho que a gente tá falando ainda de escravidão, sabe! E aqui a região não superou mesmo essa distinção, sabe? Entre o que seria uma classe social um pouco mais economicamente abastada e os outros. Os outros somos todos nós, a maioria da cidade. Então, isso incomoda muito, que em linhas gerais, é o que mais me incomoda, e que engloba todos os outros problemas, não é? Criminalidade que é expressiva em Ilhéus, a falta de segurança de estar na rua, está compondo o hall de eventos em Ilhéus.

Sintaxe 2. BAHIA – Feira de Santana. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no Condomínio Senador Life onde mora há menos de um ano, carro próprio. Jul/2019.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Aqui a casa, aqui o trabalho. Aí da casa para o trabalho, o acesso é rápido. Aqui o pessoal que vende verduras. Essa tapioca é o que o pessoal do trabalho aqui mais gosta. Botar uma faixa de pedestre aqui. Ninguém respeita. Tem vários acidentes por aqui, é 2, 3 por semana na frente, você botar o pé o pessoal passa por cima mesmo. Aí aqui tem o *Outlet*, do lado de cá fica o *shopping*. Aí tem, eu não sei nome desse lugar aqui, mas é ali onde eu falei que tem uma lagoa, é tipo um parque. Tem um lugar que eu não coloquei ainda que é um lugar que eu gostava bastante que é lá perto do SIM [bairro] que é a Avenida Nóide de Cerqueira que dá acesso ao Outlet, aqui em termos de lazer, para corrida, pedalar, essa é a área da cidade de lazer de correr, de pedalar de tudo, andar também, aí tem um parquinho para criança. E tem o centro aqui tem lojas de roupas, lojas de sapatos, há outra de cortinas, aí aqui no final tem um centro de abastecimento, tem material de construção, aí tem eletrodoméstico. Ah, um lugar que eu vou também fica assim, tem a igreja, a igreja da matriz, a igreja Santo Antônio. O CUCA [centro cultural], e a parte cultural aqui. Aqui casa-trabalho e aqui são as duas saídas que eu pego, uma saída para Mossoró, sentido Serrinha e para Salvador. É isso, é a casa, trabalho, o centro, os locais que eu ando sempre aqui, o parque só fui uma vez, mas pretendo voltar novamente, o *shopping* que eu estou indo muito menos, mas já fui bastante. As saídas, que todo mês eu vou para um lugar ou pro outro, as igrejas que quando a gente está aqui, sábado e domingo, a gente vai para igreja. A frente da Receita porque a gente compra verduras aqui, também é importante, é uma parte importante, aqui, tapioca, a faixa de pedestre que ninguém respeita, as de lazer que é perto do Outlet que eu acho que é a melhor área de lazer de Feira de Santana, e aqui é o American Outlet, não é? Basicamente é isso.

Percursos mais rotineiros:

1º. Aqui, casa-trabalho.

2º. E aqui são as duas saídas que eu pego, uma saída para Mossoró, sentido Serrinha e para Salvador.

PERTINÊNCIA

Na verdade, eu não vi nada de interessante aqui, mas em Salvador é muito melhor, certo. Agora, já que ela [sogra] veio para cá no ano retrasado, eu não pude identificar nada assim, o que mais as pessoas falavam, assim, para o comércio, entendeu? Sei lá, eu acho que foi como a irmã dela [esposa] falou assim, que a cidade você encontra de tudo, eu sempre a levo no comércio, ela fala eu quero isso, tudo que ela falava tinha. O Feiraguay, que é importante também, para elas poderem comprar elas foram lá, até minha mãe quando vem para cá, minha mãe também gosta disso, ai eu acho que o pessoal vindo, não que eu fale isso, que pra mim eu não vejo, mas o pessoal fala que aqui acha de tudo, e a mãe dela, sem eu falar nada, eu trabalhava ela ficava pelo centro: aqui acha de tudo, ela falou, eu não ouvi isso nem em Salvador nem lá onde eu moro, aonde eu moro é mais estruturado, mas organizado, mas aqui eu acho de tudo, lá no centro, entendeu? Aí eu acho Feira [Feira de Santana] conhecida assim, pelo menos, o pessoal que vem de lá, de Salvador, vem a família da minha esposa que gosta daqui que em Feira [Feira de Santana] encontra tudo, seja lá o que for, é o comércio aqui, seja lá o que for, lâmpada de natal mesmo, tem lâmpada que uma loja daqui vende, aí minha mãe gosta de vir para cá por causa disso aí traz as amigas para cá, aí elas falam isso, que gostariam de morar em Feira [Feira de Santana] por causa disso, que em Feira [Feira de Santana] você acha de tudo que em Salvador você tem que ir lá em tal lugar e em Feira [Feira de Santana] não, é mais concentrado, e se você sair a pé você encontra tudo, você não volta pra casa sem o que você queria.

CONTRASTE

O contraste que eu vejo assim são alguns bairros, tem o Santa Mônica, Papagaio, alguns bairros, o melhor bairro daqui é o Santa Mônica, os apartamentos mais caros, e as casas mais caras, não é? E é onde o pessoal gosta mais de roubar, não é? Era um bairro até eu ia me mudar para lá, mas eu não me mudei por causa disso. O cara [corretor] falou: é o melhor bairro realmente, tem tudo bom, restaurantes bons, que era o Santa Mônica I e II, o que tem de melhor é lá, aí ele falou , mas o contraste é, é bom, mas ao sair na rua você sabe que pode ser assaltado com mais frequência do que em outro lugar. É um dos locais mais assaltados aqui em termos de sequestros relâmpagos é o Santa Mônica. Aí tem esse contraste, é o desejo de todo mundo ir morar lá, era meu desejo, meu sonho era morar lá assim, mas quando fui tentar morar, aí ele falou você sabia disso, disso e disso? Aí comecei a entrar na internet e ler aí você ver, aí meu colega falou não está nas estatísticas porque ninguém da queixa, o médio alto ninguém gosta de dar queixa, mas aí tem pessoal aqui que foi sequestrada há uns quatro anos lá, duas pessoas já, uma senhora e um rapaz, aí ele falou que assalto lá é direto. Aí ele falando que era o sonho de quem era de Feira [Feira de Santana] era se mudar para ali se manter status: moro em tal lugar, para manter status porque a família conseguiu o status do Santa Mônica, mas em compensação convivem com esse medo intenso, não é? De assalto. O Papagaio eu nunca fui eu só ouço falar também, mas eu nunca fui no papagaio, aí no Santa Mônica eu já fui quando eu fui procurar me mudar aí eu fui, aí eu vi que realmente lá, Papagaio, pelo o que o pessoal fala, assim, tem casas. É igual ao SIM também. Lá onde eu moro no SIM mesmo há um contraste, era uma área rural, moravam pessoas bem humildes igual diz que é o Papagaio, não sei se é assim, mas eu ouvi falar que é assim aí foi quando construiu um condomínio e aí foi expulsando as pessoas, quem não quis sair, ficou um condomínio aqui e a casinha no meio, quem não quis vender. Aí eu vejo um bairro de contraste, nos bairros mais novos assim, o Santa Mônica, dizem que tem 20 anos é mais novo, o SIM tem 7, 10 anos assim é mais novo também, entendeu? Aí os moradores originais ali eram moradores mais humildes, foram comprados, não é? Foram retirados dali a força ou não, com dinheiro ou não para poder dá lugar, não é? Aos altos empreendimentos, eles ficaram meio inibidos ali.

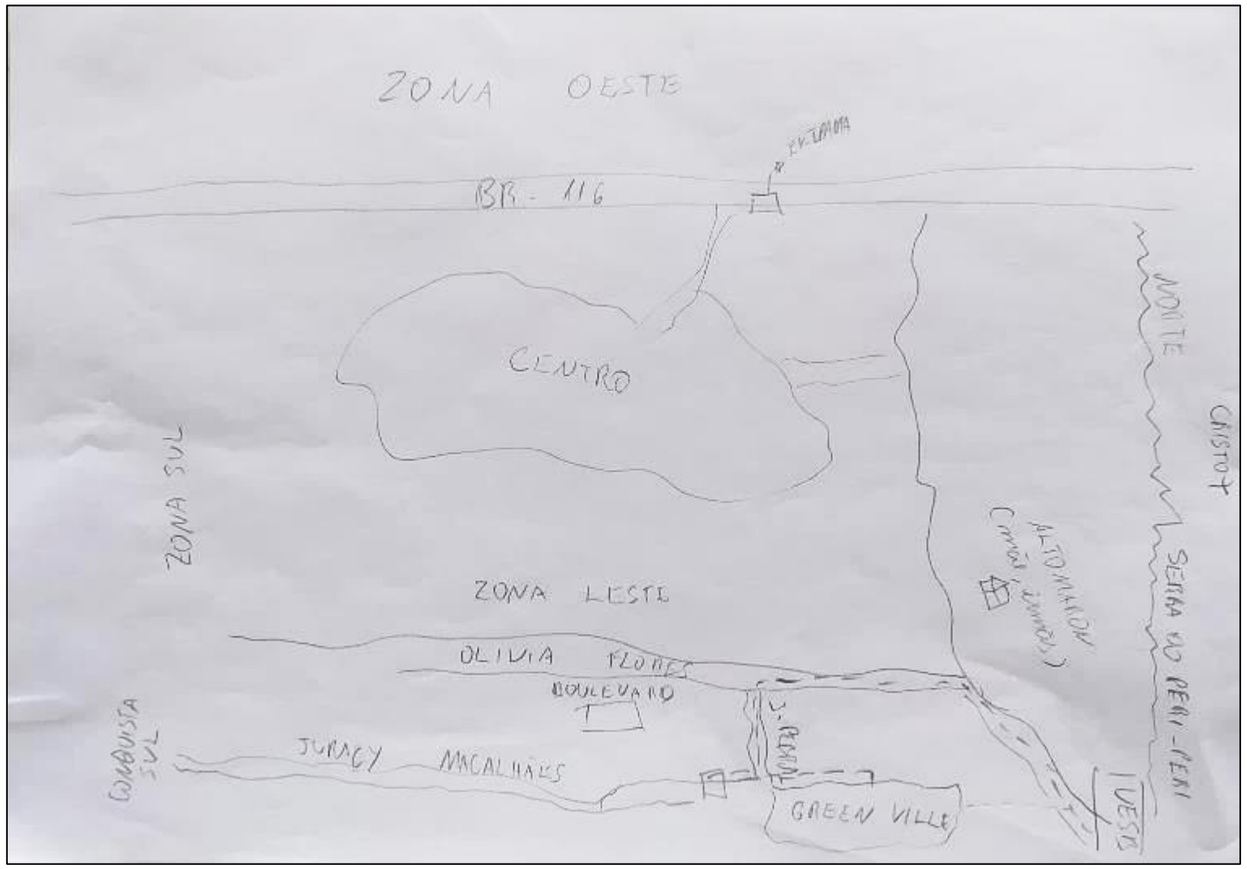
AGRADABILIDADE

Acho que é o que é agradável aqui é o CUCA, o centro cultural dele tem uma fase dele que ele participa lá, aí eu sempre vou lá no CUCA. Então o centro cultural aqui eu acho interessante. Tem as igrejas aqui, também acho interessantes as igrejas, tem uma aqui mesmo a Senhor dos Passos, que a arquitetura dela para mim é muito bonita, fica aqui assim, oh, aí pelo menos quando minha sogra vem ela se encantou com a arquitetura da igreja. Aí quando ela veio aqui, lugares que eu levei foi o CUCA, centro Cultural, em termos de cultural lá é bom, a igreja Senhor dos Passos que é diferenciada para mim a arquitetura dela, o Feiraguay que é conhecido aqui como uma coisa irregular que ninguém da jeito, é um irregular que todo mundo fecha os olhos, quem está ali no Feiraguay hoje não é pobrezinho, são alguns empresários que ganham muito e botam lá pessoas laranjas para tomar na cara, entendeu? Então, você vai lá, não tem pessoa humilde ali não, tem um por trás ali que ninguém sabe? Feira é mais o comércio assim de modo geral exceto a Igreja e o Cuca que eu gosto assim, entendeu? Tem essa Noide Cerqueira, que o pessoal gosta muito, a mãe dela gostou, o irmão dela gostou de correr lá, ela tem 10 km, então quem gosta de correr, pedalar é excelente, essa avenida.

INESPERADO

A insegurança são as injustiças que eu vejo aqui, que o pessoal fala muito de segurança, que tem assalto. Eu vi que tem alguns nichos de assalto em tudo quanto é lugar, entendeu? Ah, tal bairro é perigoso, morreram 10 em Feira de Santana vai ver onde morreram os 10, só morrem naqueles bairros ali, entendeu? 10, 15 bairros ali ocorrem mais fácil dali. Então, em termos de segurança eu vejo mais injustiça aqui pelo o que ocorre aqui. Eu vejo e a falta do poder público em solucionar isso, porque eu participei do júri ano retrasado, foram dois meses participando do júri popular aí, eu vi que as pessoas que eram presas mesmo, foi como a moça falou, eram negras as pessoas, moravam em lugar que não tinham tanta credibilidade, que mora na periferia, que qualquer suspeição assim eram presas que não sabe nem se matou ou se não matou, mas, tem que pegar uma pessoa e botar ali, aí é um caso particular, mas como eu participei do júri, mais de 30 juris eu vi que é muita injustiça, é muita injustiça aqui, não é só aqui não, mas eu falo para a Bahia por inteiro, entendeu? Eu acho muita injustiça que eu vejo, em termos de polícia e tudo, sei lá, eu fiquei abismado ali, você punindo ali, decidindo a vida de uma pessoa ali sem ter problema nenhum, só provas de ouvir matar, não tem matéria nenhuma, só prova de falar muito, mas ninguém. E você ter que decidir ali, e aí você quando a pessoa era de outra cor o tratamento era diferente. Do Santa Mônica mesmo, um rapaz matou um parente lá, ele foi tratado de uma forma, que o cara da periferia, dos bairros aqui, um tal de Aviário, ninguém entra lá de noite, aí tem vários bairros lá, um tal de Sítios Matias que eu vejo lá que também ninguém entra de noite, 7 horas ninguém entra, ninguém sai . Aí eu vejo, quando fala é do Sítio Matias, morte lá, bora dar pena máxima a ele, quando era na Santa Mônica, teve um que matou, é um assassino, já ia? Não. É depressivo, tem isso, tem aquilo. Aí eu vejo até na população, mas parece que é de modo geral, não é só daqui não, muita injustiça assim, não é? Aí seria de modo geral assim, não seria só de Feira [Feira de Santana] não.

Sintaxe 3. BAHIA – Vitória da Conquista. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completa na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Green Ville onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio. Abr/2021.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Então, eu resolvi começar pelo ponto de referência da BR (116) porque a BR divide a cidade basicamente, não é? E é onde eu trabalhava lá porque o IBAMA, que inclusive fechou, não existe mais, ficava ali na 116. Você falou aí em relação afetiva, boa ou ruim, hoje em dia é um lugar em que eu tenho uma crise de pânico só de passar na porta eu já começo a me sentir mal, eu não tenho mais crise de pânico, mas se eu passar por ali pela porta do IBAMA eu já me sinto mal para você ter ideia do nível que chegou o meu problema emocional relacionado ao trabalho ao um monte de coisa na época, não é? Então, aí eu coloquei aqui um acesso para o centro, uma coisa malfeita (risos), partir lá, o centro da cidade. Acesso em relação à zona norte eu coloquei o Cristo, porque é um lugar que eu acho bonito e eu já trabalhei lá perto, eu fiz a Serra do Periperi, esse risco aí, eu escrevi Serra do Periperi. Essa é a serra, eu acho que é um lugar importante na cidade. Aí tem a serra do Periperi, o Cristo, aí mais para baixo eu coloquei à esquerda o Alto Marom que é onde moram minha mãe e minha minhas irmãs, as três moram la. Aí eu percebi que fiz muito desproporcional e que eu tinha pouco espaço, então, eu fiz a UESB aqui no cantinho, está quase no Alto Marom (risos). É um lugar importante para mim, é onde eu estudo e é onde eu fiz a minha primeira graduação também foi lá, Agronomia. Tem uma relação afetiva muito grande com a UESB. Aí aqui eu fiz a Olívia Flores, escrevi zona leste, zona sul que é onde tem o Conquista Sul, eu botei o Conquista Sul aqui, Juracy Magalhães, para levar para o Conquista Sul que é a avenida do Conquista Sul. Olívia Flores eu botei aqui o Boulevard e a J. Pedral que é a avenida nova que liga aqui, que passa na frente do Green Ville agora, aí eu botei o GreenVille. Aí é isso, basicamente.

Percursos mais rotineiros:

▪▪▪▪▪▪▪▪▶ 1º. Um é a UESB, que eu voltei para a UESB em 2016.

▪▪▪▪▪▪▪▪▶ 2º. E o outro é mercado que eu costumo fazer, eu vou muito no mercadinho aqui próximo, praticamente do lado.

PERTINÊNCIA

Ah, o "moço". A mania de falar "moço" (risos). Esse aí para mim é o mais representativo: esse moço, oh, moço (risos). As vezes quando eu vou conversar, porque vem daqui mesmo, não é? Que até mesmo nordestino mesmo estranha ou pessoal lá de Minas, meus parentes também estranham. Mas, já peguei para mim já esse "moço".

CONTRASTE

Contraste que eu acho é entre os bairros, não é? Por exemplo, iluminação de natal, a que é feita na Olívia Flores na zona leste é um show, agora, você vai em outros bairros, outros lugares e não tem nada, não é? De infraestrutura, de acesso à ônibus, essas coisas assim. Eu sei disso porque o namorado da minha filha mora em um bairro bem distante, Recanto das Águas, lá na saída para Brumado, não sei se você sabe onde é, em que o acesso a ônibus é mais complicado, não tem asfalto, então, são essas coisas assim, eu vejo bem esse contraste, bem mesmo. É mais socioeconômico o contraste que eu vejo, é como se existissem duas cidades, se você for ver a Conquista aqui do Candeias, da zona leste e a Conquista dos bairros mais periféricos. Não digo nem assim Alto Marom, Bairro Brasil, não, são bairros bons, mas quando você vai chegando nos bairros mais periféricos, Vila Elisa, esses outros bairros, assim, é um contraste gigantesco.

AGRADABILIDADE

Ah, o clima, primeira coisa. Adoro o clima, muito agradável. A Olívia Flores, a primeira coisa que você apresenta é a Olívia Flores, não é? Que é um lugar bonito, não é? Você vai, mostra a Olívia Flores, vai até a UESB, volta, o Cristo, quando dá as vezes leva no cristo, que eu acho um lugar bonito, assim, se achar que não está perigoso também. É o que eu acho mais agradável aqui.

INESPERADO

O que eu mais me sinto insegura hoje em Conquista é em relação à pandemia, porque eu vejo que as pessoas não levam muito à sério,tem gente que finge que usa máscara, eu fui no Assaí essas semana, vi dois senhores assim de idade com a máscara no queixo enquanto caminhavam, é como se o povo não levasse a sério. Aí você passa ali pela Olívia Flores fim de semana, parece que não está acontecendo nada, todo mundo correndo, andando de bicicleta sem máscara, eu fico, meu deus do céu. É o que mais tem me deixado insegura. A outra coisa é que meus pais moram sozinhos, idosos, não, é? Aí eu tenho medo de que alguém invada a casa, entrar em casa, porque meu pai já abriu o portão no automático uma hora da manhã porque tocaram o interfone (risos), coisa de idoso assim, não é? Só que aí o cachorro começou a latir muito, a pessoa teve medo de entrar, a cachorra é grande e minha mãe veio correndo, fechou o portão e tal. Conquista as vezes tem essas guerras de tráfico, não é? Começa a morrer muita gente e aí como eu moro aqui ao lado do Vilamérica, tem época que morre gente aqui toda semana, durante o dia, mata-se durante o dia, lá no Alto Marom a mesma coisa também. Então, quando começa a acontecer assim essas guerras de tráfico eu já fico com medo, falo com minha mãe, oh, cuidado, aí na rua, minhas irmãs também e aqui também.

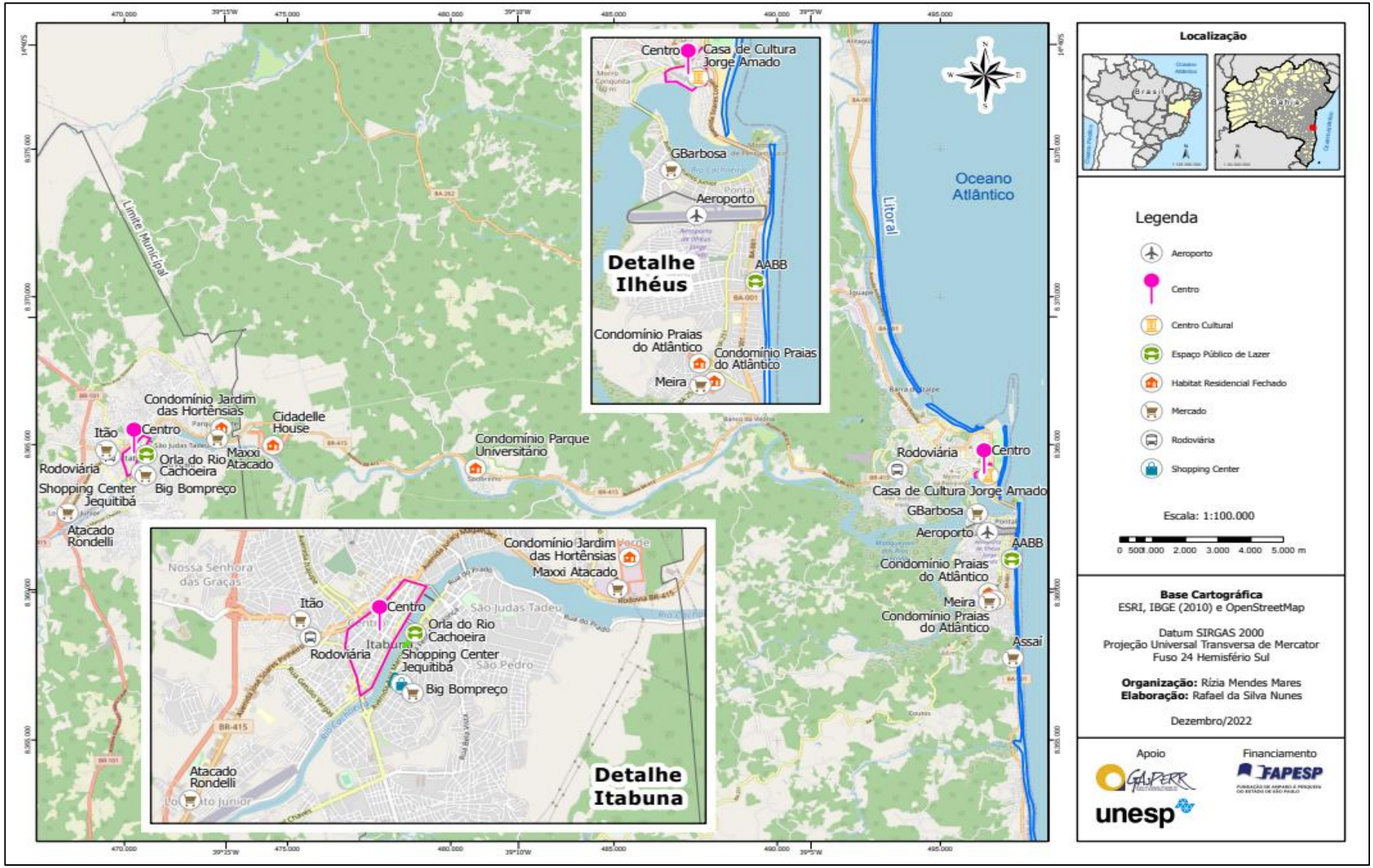
Essas sintaxes nos ajudam a identificar uma complexificação na estrutura espacial, identificada tanto no plano das transformações intraurbanas, tomando cada cidade investigada, como também do ponto de vista da estrutura hierárquica que organiza os tipos urbanos investigados dispostos funcionalmente de modos distintos no amplo território baiano, permitindo-nos refletir sobre a produção do espaço urbano na Bahia desde nosso recorte, como resultado e condição da manutenção de uma estrutura desigual, produtora da diferenciação.

À exemplo da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna (Sintaxe 2), ainda que com relativa permanência no processo de estruturação dos dois municípios que conformam esse tipo urbano, identifica-se uma dinamicidade interna e entre os dois que não está circunscrita aos limites político-administrativos de cada um.

Conforme descrição dos entrevistados, verificou-se densas interações expressas pelos intensos fluxos entre Ilhéus e Itabuna, com deslocamentos diários para atividades e demandas diversas do cotidiano, desde o mais básico, como o consumo alimentício, às funções mais complexas, como acesso a serviços médicos e compra de equipamentos especializados, por exemplo.

Tem-se, assim, uma interação entre as cidades de Ilhéus e Itabuna por meio das funções urbanas desenvolvidas por cada uma delas, mas, também, porque esses centros urbanos se articulam político, social e administrativamente em um processo de junção que não se realiza, apenas, por uma relativa continuidade do tecido urbano propiciado por um objeto técnico, a rodovia federal (BR 415), Rodovia Jorge Amado, como também por interações espaciais, conforme relatos das práticas espaciais cotidianas dos moradores dos habitats residenciais fechados entrevistados que resultou na produção do mapa-síntese da aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna (Figura 43).

Figura 43. Mapa Síntese da aglomeração Ilhéus-Itabuna, Bahia, 2022.



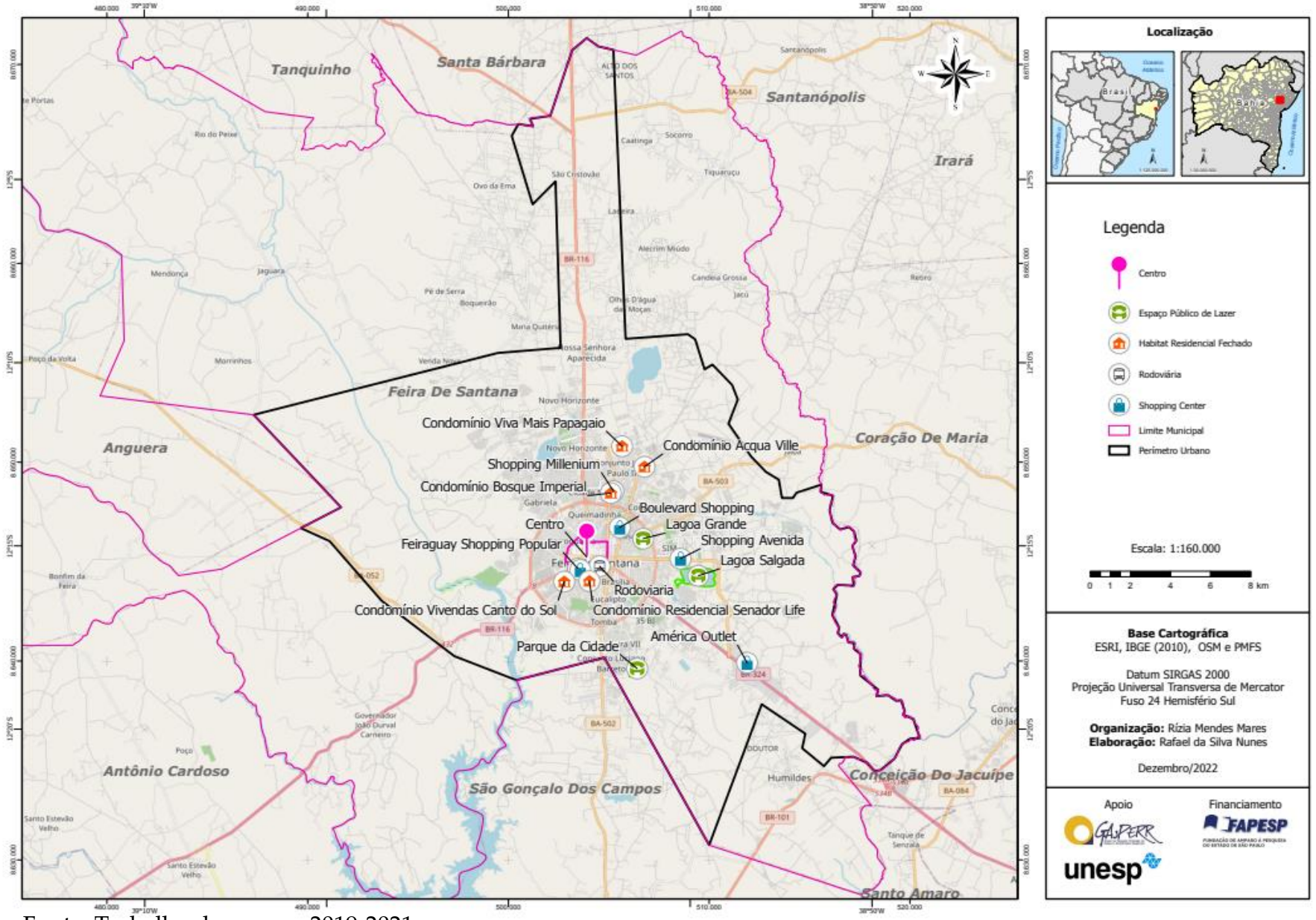
Fonte: Trabalho de campo, 2019-2021.

Nesse caso, além de reafirmarmos o conteúdo típico de uma aglomeração urbana, há a identificação de papéis e funções que o tipo urbano – aglomeração urbana – desempenha enquanto uma cidade média, comparativamente às funções e abrangência desempenhadas pelas demais cidades investigadas, Feira de Santana e Vitória da Conquista.

Outro fator são a infraestrutura, os equipamentos e serviços que dotam os habitats residenciais fechados, tanto as horizontais como verticais, com esquemas de segurança em modernização técnica e operacional continuada, visíveis nas formas inscritas: altos e extensos muros; câmeras de vigilância em todo o entorno e direcionadas à rua; veículos de segurança patrimonial na porta de entrada desses empreendimentos e/ou em rondas em seu entorno; pessoas na função de seguranças; barreiras físicas que selecionam/impedem a entrada pelas imponentes e intimidadoras fachadas e portarias, nas quais até o contato visual com o trabalhador que ali opera essa "seleção/controle" não se estabelece.

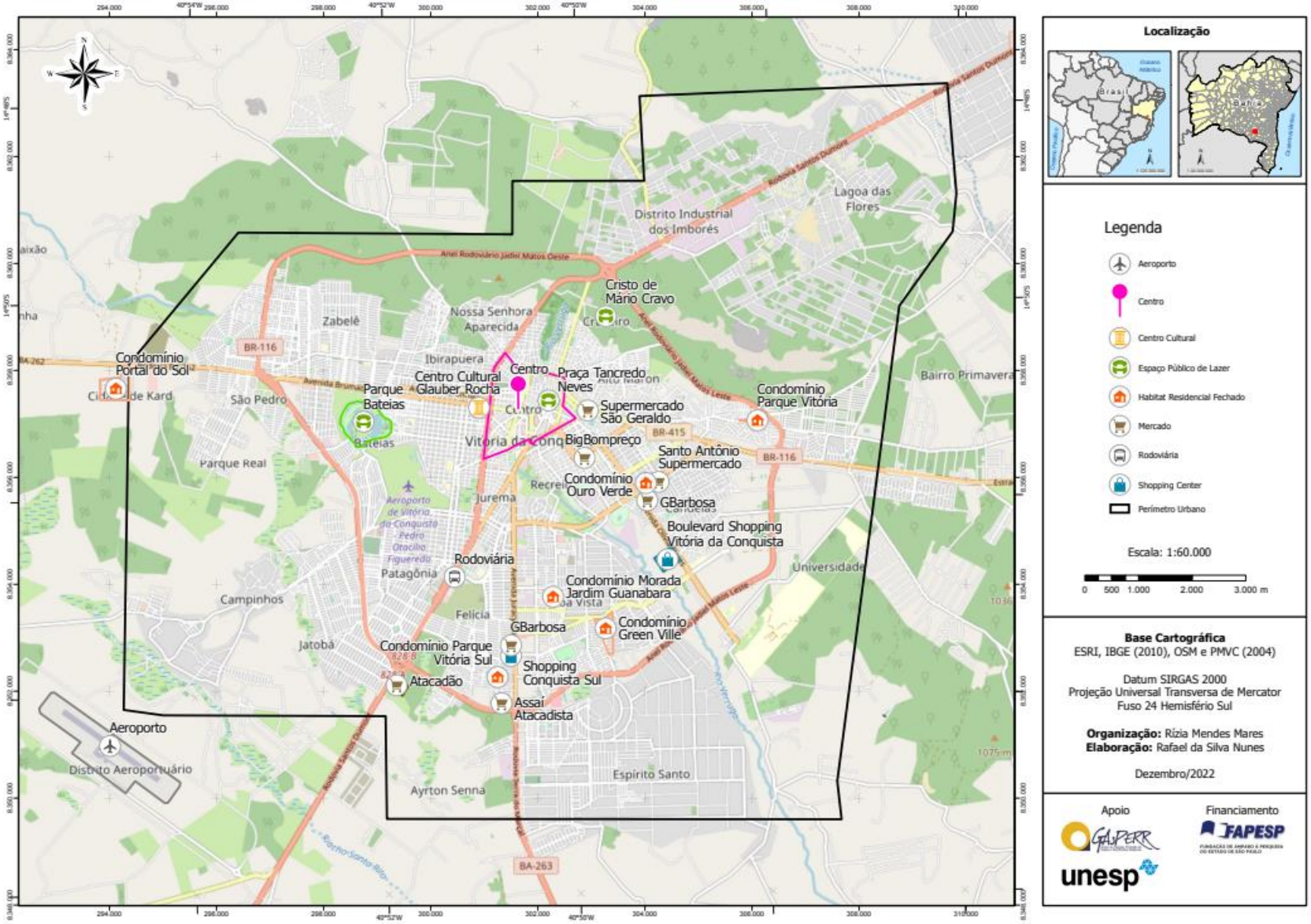
As desigualdades sociais relacionadas às lógicas de distribuição, localização e qualidade das habitações têm rebatimentos nas relações de sociabilidade e, por tendência, têm conduzido a uma separação social e espacial, ainda que relativa. Já que, com a implantação desses empreendimentos residenciais, há um reforço a um processo de concentração espacial em áreas distantes do centro principal, na periferia geométrica, ou, em áreas pericentrais, sem, com isso, estarem afastadas de bens e serviços, pois, associados aos empreendimentos residenciais, relaciona-se a expansão de estruturas comerciais e de serviços, como pode ser averiguado nos mapas-sínteses de Vitória da Conquista e Feira de Santana (Figuras 44 e 45).

Figura 44. Mapa Síntese de Feira de Santana, Bahia, 2022.



Fonte: Trabalho de campo, 2019-2021.

Figura 45. Mapa Síntese de Vitória da Conquista, Bahia, 2022.



Fonte: Trabalho de campo, 2019-2021.

A relação espaço-tempo é tensionada pela celeridade desse processo, significativa alteração na estrutura espacial dessas cidades e densificação de processos pré-existentes, como o da desigualdade, histórico na formação do território baiano o entendemos em interrelação com a diferenciação socioespacial, na medida em que o contexto descrito não apenas expõe as bases desiguais em que as cidades baianas têm sido produzidas, como também acirram a desigualdade social que se entrelaça ao movimento da urbanização contemporânea.

Associando as motivações na escolha em morar em habitats residenciais fechados e as práticas espaciais com base na condição urbana atual dos moradores pesquisados, analisa-se que as áreas de concentração espacial desses habitats residenciais fechados têm sido dotadas de equipamentos e espaços de consumo que abarcam as necessidades mais imediatas desses moradores.

A escolha por viver em uma moradia com controle de segurança, equipamentos e infraestrutura privadas como simuladora da esfera pública, e do espaço público, associa-se a uma condição espacial que, nas cidades baianas pesquisadas, fá-los, além de espaços de uma sociabilidade segmentada, fechados, pois, não se trata apenas da sensação de proteção contra a violência da "cidade aberta", mas, da segurança de saber quem é seu vizinho, quem consegue atravessar os muros e acessar este espaço, como exploramos no capítulo anterior.

Além disso, como é expressivo nos croquis comentados e apresentados nas sintaxes 4 a 6, com base nas escolhas dos sujeitos entrevistados e da sua condição espacial, temos identificado práticas espaciais, frequentação e consumo atomizados da cidade (WHITACKER, 2019).

Sintaxe 4. BAHIA – Feira de Santana. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Simone, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias, atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Viva mais Papagaio onde mora há 4 anos, carro próprio. Jul/2019.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Antes eu fazia esse percurso, mas eu parei de fazer por conta do engarrafamento, certo? Me traz a sensação de impotência, porque eu não posso fazer nada no engarrafamento. Eu vou me atrasar sempre, vai ser uma série de problemas, eu chegar atrasada, eu tenho de me justificar todos os dias, sai muito cedo daqui, acabo chegando muito cedo no trabalho nem vai estar aberto e isso aqui vai me dar um medo de ser assaltada ou qualquer outra outro problema, violência, não sei. Então, normalmente, quando eu saia no meu horário eu sempre estava me atrasando. Então, eu ficava totalmente impotente, e eu não posso fazer nada. Aí eu acabei mudando a minha rota pelo trânsito mais livre, não é? Mais desafogado. É isso. É mais confortável, comodismo mesmo. Antes eu tinha muito medo mesmo desse percurso aqui por causa da violência, porque é um local meio deserto ainda. É bem aqui no Alto do Papagaio, essa estradinha, principalmente quando pega aqui, oh! Tem uma rotatoriazinha aqui que nós temos, então, e todo esse percurso aqui acaba sendo muito deserto à noite, quando eu volto 22h da noite, então, eu venho "enfiando o pé", botar 70km, 80km, por conta do medo mesmo, de alguém me seguir, fazer alguma perversidade, sei lá, me levar junto, meu medo, basicamente isso, tenho medo da violência. medo, não é? Violência Conforto, como eu disse, conforto/comodismo é a mesma coisa. Segurança, eu me sinto mais segura aqui. Se bem que tem um trechozinho aqui que está perigoso, aqui bem próximo ao "Sol Ville". (*relato da vizinha de outro condomínio que teve o carro assaltado*). Então, eu tenho muito medo desse trecho, tanto que eu parei de vir pela Maria Quitéria e Fraga Maia à noite, não pela Maria Quitéria e pela Fraga Maia, e sim, por esse trecho aqui. Aí tem que vir mais devagar, tem os buracos, sempre estão consertando, mas, chove um pouquinho, eles não consertam, é um paliativo mesmo. Então, não venho por aqui por causa do medo à noite.

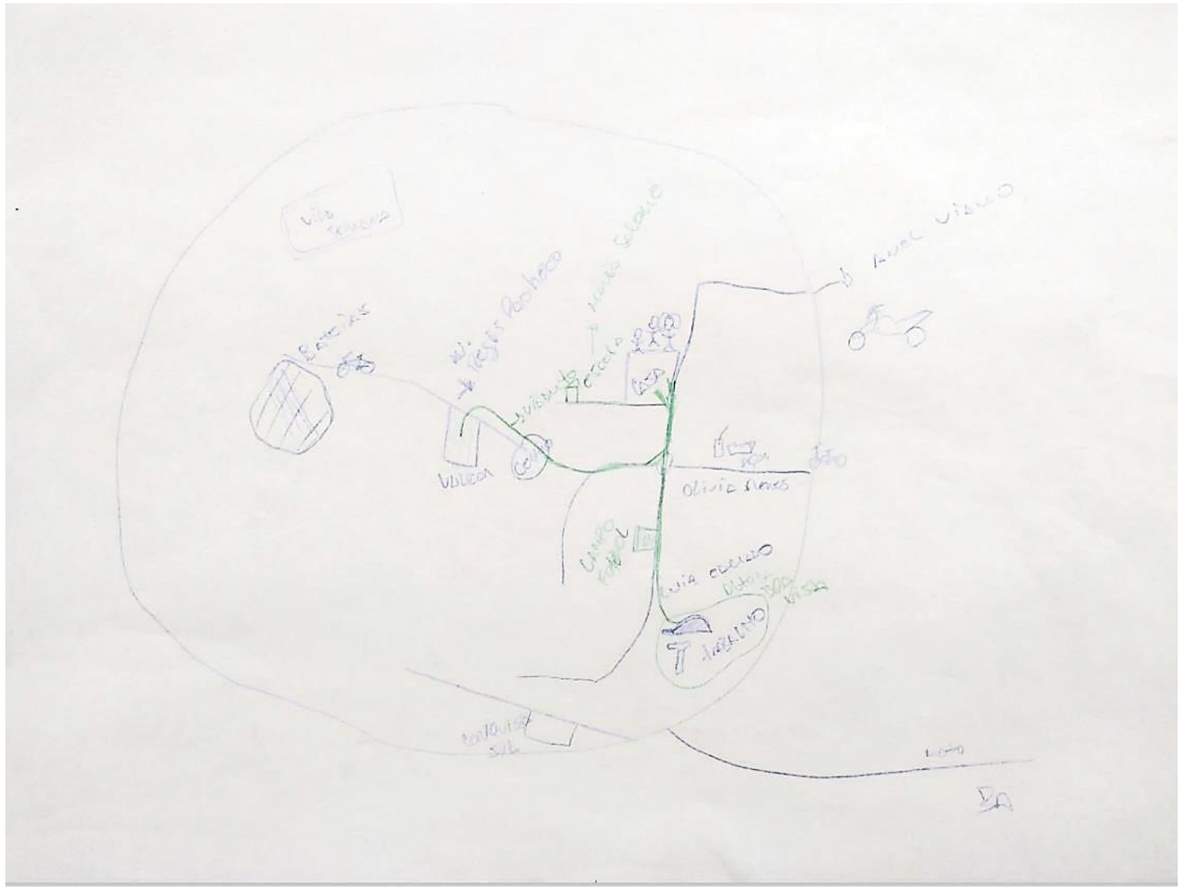
Percursos mais rotineiros:

1º. Do condomínio ao comércio do bairro.

2º. Do condomínio para os dois locais de trabalho.

PERTINÊNCIA	CONTRASTE	AGRADABILIDADE	INESPERADO
Aqui em feira de Santana eu sei que é uma cidade bem versátil. Na verdade, aqui você encontra tudo, tudo aqui. É uma grande característica que acaba atraindo as pessoas da redondeza, que até o pessoal de Salvador, muitas vezes vem para cá, em busca de alguma coisa que sabe que vai encontrar aqui. Não que em Salvador não tenha, mas acho que por ser uma cidade menor, o centro ser mais concentrado, com várias coisas diferentes, as pessoas sempre buscam Feira de Santana. Muita gente vem para cá por conta disso.	Muita coisa falsificada. Para você comprar uma coisa original é difícil. Você achar uma coisa original. É tudo falso. Pense em uma coisa, tem falso.	As pessoas que eu convivo, mas, as pessoas, não vou dizer, contato com todo tipo de gente, né. o Clima eu acho agradável.	Violência. Eu não me sinto tranquila. Isso é chato. Me sinto muito apreensiva. Chega ser desconfortável. Muitas vezes nem ando de bolsa, largo a bolsa no carro, chave do carro prendo na calcinha, boto por dentro, no máximo, um cartão na mão, celular no bolso. Infelizmente.

Sintaxe 5. BAHIA – Vitória da Conquista. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Noberto, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completa na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, apartamento próprio onde no Condomínio Ouro Verde mora há 4 anos, carro próprio. Jul/2019.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Oh, Lagoa das Bateias eu pedalo de vez em quando, mas eu achei que, lá é legal, o que está faltando é isso, mais manutenção dentro da lagoa. Aí, aqui é Vulcar [loja da família, de manutenção de autos] que desde quando me entendo por gente, que eu venho para cá, antes eu vinha mais, depois que eu formei estou vindo … O centro que eu acho o centro pequeno para o tamanho de Conquista ele está sufocado, por isso que eu botei pequeninho. Aqui, eu botei a casa até maior do que o centro porque para mim hoje, onde eu moro, é tudo. Aí estamos eu, a mulher e meu pequeno. Na verdade, era para estar na parte de cá, na Olívia Flores, ah, a Olívia Flores eu vejo como um local de tomar um açaí, um milk-shake, de pedalar também. Esse aqui é a BR, BA, é a que vai para Ilhéus, isso. Também eu ando muito de moto. E no anel viário é andar de moto também, às vezes no final de semana eu dou uns dois giros aí e tá bom. Luis Eduardo eu botei aqui porque eu já tive um bocado de trabalho bom nessa avenida, por isso que botei o martelo, seria o martelo e o capacete. Aqui tem a Vila Serrana, eu passei muito lá atrás do meu cachorrinho. Sumiu daqui da Olívia Flores, a gente achou lá. E lá, eu procurando, eu vi a que a realidade é completamente diferente, completamente diferente de onde eu moro. A infraestrutura daqui do centro para lá [casa] está melhor do que daqui [lagoa]. Então, eu fico … não deveria ser assim, eu acho que deveria ser assim, tanto um local de conforto tinha que ter um em todo lugar, caráter público, não é? Porque aqui o poder aquisitivo de quem mora para cá está melhor, não é? Então, pode ser que privado tenha casa maior, melhor, assim, aparentemente, mas isso não quer dizer nada. Mas o poder público deveria olhar Conquista como um todo. O cachorrinho saiu daqui, da Olívia Flores, ficou três dias perdido, fui achar ali no bueiro ali da Vila Serrana, três dias o bichinho, é isso aí. É isso aqui.

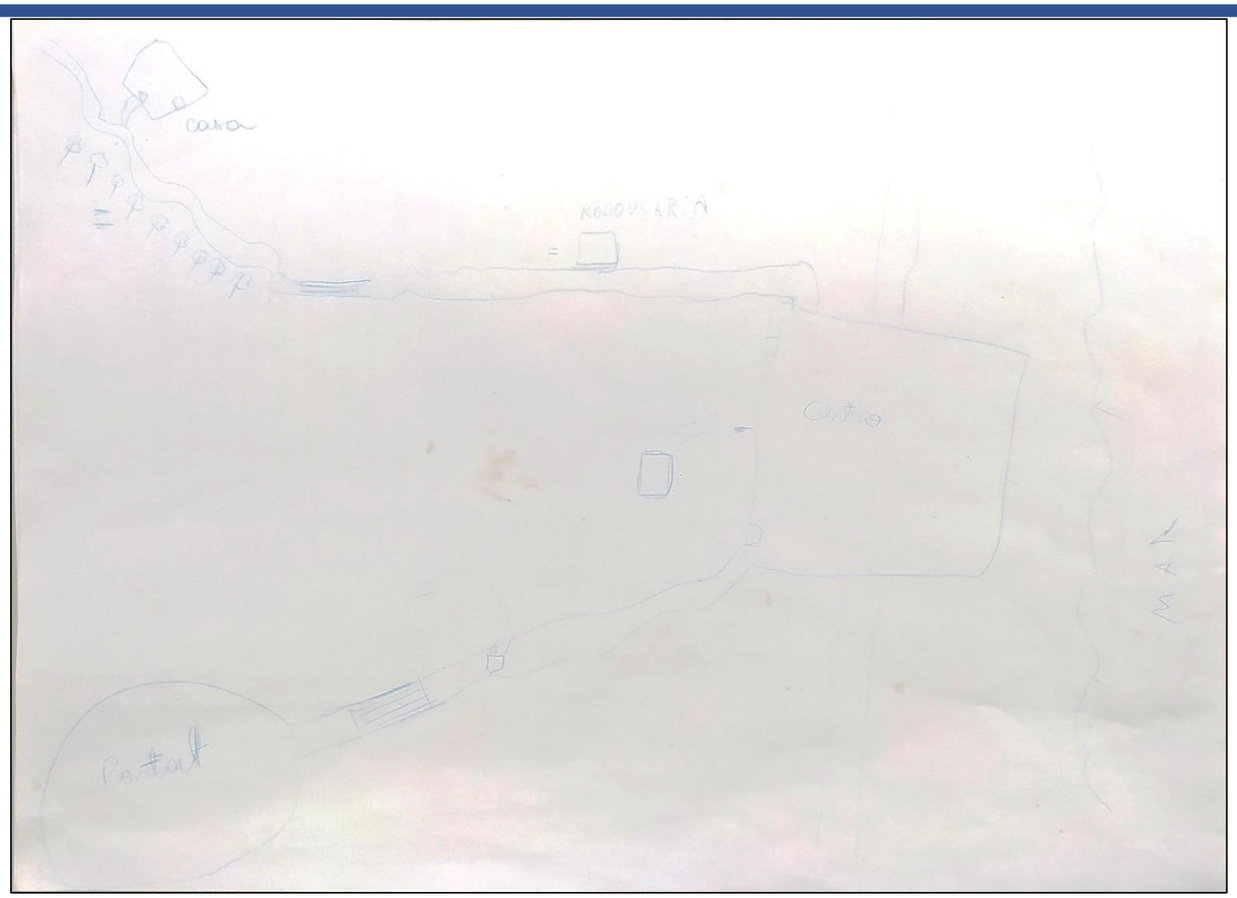
Percursos mais rotineiros:

→ 1º. Eu vou botar assim, aqui é meu trabalho. Aqui eu saindo de casa. Esse viaduto é de cima, eu venho sempre por cima, é o bigode de Pedral.

→ 2º. E aqui é o campo de futebol que eu sempre passo na Luis Eduardo. Saio daqui [casa] e vou para a escola de Joãozinho [filho, nome fictício] [Escola Maria Salomé], mesma rua de casa.

PERTINÊNCIA	CONTRASTE	AGRADABILIDADE	INESPERADO
Olívia Flores. Por meu convívio desde de pequeno.	O contraste com o bairro Brasil, eu acho que, vamos falar da urbanização. A urbanização é melhor, é um contraste grande, lá (candeias), tem vários edifícios, é outra cidade.	A Luís Eduardo, a avenida toda, porque eu vejo, querendo ou não, como uma pista de rolamento térreo melhor, e qualidade da via, todos os outros lugares são todos ruins a não ser agora que passou o asfalto novo. Lá o asfalto é antigo e não tem tanto buraco, desnível. Eu sinto que é agradável aquela avenida toda e acho bonita. É diferente, pode? É diferente de Conquista.	Falta. De falta de segurança. Falta de segurança que eu falo é de, porque eu acho Conquista, que falta mais polícia presente, presença. Eu não vejo tanta polícia na rua quando precisa, eu acredito que ela demora. Hoje a polícia só está para fazer blitz. É isso que eu vejo. Hoje eu só vejo a polícia fazendo blitz, eu não vejo fazendo o papel dela mesmo. Eu acho que a polícia deveria ser o papel tipo de amigos, só que muita gente olha para a polícia com um sentimento tipo de receio até de conversar, deveria ser o contrário.

Sintaxe 6. BAHIA – Ilhéus. Croqui comentado. **Fonte**: Trabalho de campo (2019-2021). **Organização:** Mares (2022).



Casagrande, 26 anos, em união estável, natural do litoral sul da Bahia, estudante de doutorado na área das engenharias, professor da educação básica, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada alugada no Condomínio Parque Universitário onde mora há 4 anos, carro próprio. Jun/2019.

DESCRIÇÃO DO CROQUI

Aqui é minha casa. Aqui é a rodoviária, aqui engloba o centro, ali vão ter as lojas, cinemas, tudo. Aqui vai ser o mar, que está próxima. Aqui vai ter uma estrada que vai pegar uma outra pontezinha aqui, que vai para o outro lado que é o Pontal que é uma outra região de Ilhéus que ocorre que tem tudo: lojas, bares, tem tudo que é passado para lá. Isso seria meu mapa. A estrada, bastante sinuosa, mas, bastante maravilhosa essa vista daqui de minha casa. Até chegar aqui em Ilhéus é uma vista linda, cheia de árvores, maravilhosa. Esse trecho aqui é o que mais me chama a atenção mesmo; aqui é a rodoviária, que volta e meia a gente está passando por ali e tem que passar por ali para chegar ao centro. Essa estruturazinha aqui quadrada do centro é muito, me remete a sensações, assim, arcaicas, que por mais que tenha serviços básicos bacana que a gente vive ali, só que são antigos, atrasados, estão, tipo dentro de uma caixa. E cá, essa outra estrada que eu já fiz como se fosse uma bola é outra parte do Pontal que é uma outra Ilhéus, é a nova Ilhéus, tem estrutura melhor, alguns atendimentos são bem melhores do que no centro, e aqui é o mar que é o que a gente mais observa no centro, essa orla maravilhosa.

Percursos mais rotineiros:

1º. Seria o centro, seria para o cinema.

2º. E de minha casa para bares, geralmente de carro próprio e acompanhado.

PERTINÊNCIA	CONTRASTE	AGRADABILIDADE	INESPERADO
Eu acho que seria o mar. Acho que a primeira coisa que levaria era o mar, tem até essa rixa, não é? Aqui ainda tem o mar. Eu levaria essa pessoa para conhecer o mar mostraria ali o entorno, essa orla. O mar traz a sensação de liberdade, de tranquilidade, de buscar paz, acho que seria isso.	Acho que se a for nos morros, pegar o contraste do Pontal onde tem apartamento que custa 1 milhão de reais, e a gente andar 3km e subir o morro fica mais ou menos por aqui, você vai ver passar no noticiário as casas caindo em qualquer chuva. Então acho que isso seria o contraste, a valorização de um imóvel a 3km de distância um do outro, que não tem nem como comparar, um é ocupação, outro é empreendimento milionário.	Acho que a história, de ter criado ali pequenos pontos turísticos: a casa Jorge Amado, Jorge Amado sentado, a praça aí a igreja, o Vesúvio, onde a gente conhece a história e sabe que teve um papel muito importante para a cidade de Ilhéus, aquele reduto ali, aquela contribuição histórica. Acho que seria isso.	Isso é bem amplo para mim porque eu, eu, eu vivo inseguro em qualquer cidade, assim, eu vivo esperto, tendo aqueles cuidados básicos, não ficar com o celular na mão, não estacionar é … parado, evitar ruas desertas, andando à noite, não é? Acho que seria isso. Agora a sensação é de medo, seria essa sensação de medo, de tomar cuidado mesmo assim.

Por mais que o tema da busca por segurança, do medo da violência seja a justificativa mais anunciada entre os entrevistados, outras motivações foram se desenhando com o avanço da nossa avaliação dos resultados obtidos desde os instrumentos metodológicos, o que nos permitiu adentrar especificidades do cotidiano dos citadinos desde as relações de vizinhança. As respostas da Caixa de diálogo 6 nos dão elementos para refletirmos sobre o outro, sobre as relações de sociabilidade pensando essa transição entre a vida antes e depois dos muros. Com base nessas justificativas do(a)s entrevistado(a)s, analisamos a distinção social adentrando a análise das subjetividades das práticas do habitar e das práticas de consumo.

CAIXA DE DIÁLOGO 6- SE HÁ VINCULAÇÃO A IDENTIFICAÇÃO SOCIAL, CULTURAL

A classe social acaba sendo equilibrada dentro de um condomínio. As classes mais altas a agente sabe que vai ter outra cultura, não que seja uma cultura totalmente diferente, mas, por exemplo, os ambientes que frequentam acabam se assemelhando um pouco mais se a gente for comparar com outro condomínio, então, acho que isso tem tudo muito a ver. Se eu tenho amizade ali com meu vizinho, e meu vizinho costuma frequentar, sei lá, o barzinho ali da esquina e gosto de estar com ele porque a gente pode estar sempre no mesmo ambiente. E já em outra situação, de outro condomínio, essa pessoa acaba frequentando, não estou generalizando, que as pessoas acabam sendo diferentes, cada um tem a sua personalidade, mas em relação à forma holística de ver tudo isso a gente acaba tendo não um padrão cultural, mas, você está me entendendo, né? Eu acho que cada condomínio retrata a realidade daquelas pessoas que moram ali. Não sendo generalista, né.

Simone Moreira, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias, atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Viva mais Papagaio onde mora há 4 anos, carro próprio.

Conforme pode ser avaliado desde a Caixa de diálogo 6**,** a distinção se atrelada à aquisição da morada dentro do habitat residencial fechado. A concepção desses e as representações desde esses empreendimentos residenciais também acabam por se fundir numa determinada concepção de um modelo de padrão de vida, de padrão de vizinhança e de padrão de consumo que sustentam uma sociabilidade que ora vem reforçando as práticas objetivas e imateriais herdadas dos grupos sociais, ora certos grupos tendem a simular as práticas de

determinados grupos, pela via subjetiva do consumo, não raro, via endividamento.

A segurança que se almeja é a segurança de classe, da previsibilidade das práticas de se estar entre os iguais. A ideia de simular uma dada realidade aqui aludida é tratada no exposto por Baudrillard (1991) para o qual a simulação é o esquema dominante da fase pós-industrial e é regulada pelo código. O código representativo da vida urbana contemporânea parece ser a vida intramuros, com quem se compartilha o convívio nesses ambientes, conforme explorado na Caixa de diálogo 7.

Temos, assim, num primeiro momento, a representação de vida em habitat residencial fechado e, por isso, a escolha por essa moradia por ensejar um dado equilibro social, (Caixa de diálogo 6); é a representação como substituto da presença na ausência (LEFEBVRE, 2006). Em um segundo momento, tem-se o

CAIXA DE DIÁLOGO 7- MOTIVAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO SOCIAL

[...] e escolhemos um condomínio também por conta da área de lazer, segurança, essa questão de você ter **uma local com segurança maior, você pode também deixar seu filho mais solto,** essa questão de segurança de veículos, de velocidade, **de quem mora aqui**, câmeras, então, justamente isso que mais pesou também, na compra, não é. Se você for colocar a questão financeira é praticamente o valor de três casas quando se vem morar dentro de um condomínio.

Noberto Santos, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completa na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, apartamento próprio onde no Condomínio Ouro Verde mora há 4 anos, carro próprio.

Porque no condomínio, a maior vantagem de todas, **é saber que seu filho não está mal acompanhado,** porque ele sempre falou com todos, sempre procurando fazer amizades com todo mundo, ia sair com amigos ir na quinta e volta e depois sumia, aí esse foi o maior motivo, **porque no condomínio ele não está mal acompanhado**, não é?

Sérgio Nogueira, 54 anos, divorciado, natural de Feira de Santana/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicada, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Vivendas Canto do Sol onde mora há 10 anos, carro próprio.

E por incrível que pareça algo que eu não imaginava que uma pessoa que morasse nesse condomínio, **por ser um condomínio entre aspas diferenciado** que as pessoas para morar aqui tem que **ter uma renda um pouquinho melhor**, **pessoas mais diferenciadas**, eu não imaginava que eu teria o desprazer acompanhar isso, não é?.

Luiz Carlos, 54 anos, casado, natural do interior da Bahia, licenciado na área de engenharia, servidor público federal, grupo familiar composto por 4 membros e renda familiar aproximada de 12 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Vivendas do Atlântico onde mora há 7 anos, carro próprio.

simulacro, ao se criar uma imagem, pela segunda vez, da coisa; é o de saber (projetar uma dada condição ou realidade) atrelado a um perfil cultural, personalidade (Caixa de diálogo 5). Simular é conceber uma presença ausente.

A escolha por viver intramuros, num princípio primeiro, seria por medo da violência que "está na rua", na cidade aberta, ainda que nunca tenha ocorrido nenhum contato direto com situações de violência, já que, nos limites da casa, do condomínio, não haveria contato direto com a violência. No interior desses habitats fechados, as "ruas" podem ser normatizadas, escolhe-se seus transeuntes (vizinhos), mas não é só isso. O habitat torna-se referencial para as demais experiências urbanas e os seus percursos. Com isso, os espaços de consumo acessados tendem a seguir um mesmo modelo de fechamento, ou de limitação imposta dos espaços residenciais. Assim, a fuga da cidade aberta não se dá apenas no esconderijo perfeito, produzido pelos agentes imobiliários na forma de habitats residenciais fechados, mas também por meio de outros espaços de (para) o consumo, pautados nas mesmas condições e práticas distintivas.

O muro, elemento simbólico de guarda, de segurança, por exemplo, ainda que servisse para assegurar a integridade daqueles que residem nos habitats, bem como, a propriedade em si, funciona, também, como demarcador daqueles que podem acessar (morar, visitar, trabalhar). O muro (como signo ou símbolo) traveste-se e é travestido como um elemento de conforto, de prestígio e de distinção, podemos buscar referências em Baudrillard (2011):

> Tanto na lógica dos signos como a dos símbolos, os objetos deixam de estar ligados a uma função ou necessidade *definida*, precisamente porque correspondem a outra coisa, quer seja ela a lógica social quer a lógica do desejo, às quais servem de campo móvel e inconsciente da significação. (BAUDRILLARD, 2011, p. 89, grifos do autor).

As representações acerca dos habitats residenciais fechados ou, antes, do simulacro que envolve a reprodução da vida nesse tipo de moradia, associa-se a uma aparente redução dos conflitos, uma mudança nos sentimentos, o que

mascara a resolução dos problemas urbanos para esse grupo minoritário com poder de consumo para acessar e viver esses espaços, mas os problemas da cidade aberta continuam e em intensidade crescente. Concebe-se, assim, (simula-se) uma vida e se oculta (dissimula-se) relações concretas. Ainda com apoio em Baudrillard (2011):

> As necessidades visam mais os valores que os objectos e a sua satisfação possui em primeiro lugar o sentido de uma *adesão a tais valores*. A escolha fundamental, inconsciente e automática do consumidor é aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular (portanto, deixa de ser escolha!) acabando igualmente por ser desmentida a teoria da autonomia e da soberania do consumidor. (BAUDRILLARD, 2011, p. 79/80, grifos do autor).

Aceitar o sistema de valores concernente aos habitats residenciais fechados significa aderir aos sentidos associados a essa forma de moradia, como a questão da segurança ou, antes, a fuga da violência, ou seja, ao simulacro criado. Baudrillard (2011, p. 235) convida à análise de que a finalidade da violência e o que chama de obsessão de segurança e de bem-estar não é aleatório ao afirmar que "a violência da <espetacular> e a pacificação da vida quotidiana são homogêneas entre si porque são igualmente abstractas e vivem ambas de mitos e de signos".

O autor vai mais adiante ao afirmar que a violência é projetada em nossa rotina em doses homeopáticas para invocar uma imagem da fragilidade real da vida acalmada e aponta o real problema da violência, situando-o noutro lugar:

> Trata-se da violência real, incontrolável, que a profusão e a segurança segregam, depois de atingido determinado limiar. Já não se trata da violência integrada, consumida como tudo o mais, mas da violência incontrolável que o bem-estar segrega na sua própria realização. (BAUDRILLARD, 2011, p. 235).

Sanar os problemas de violência urbana propagados pelo *marketing* imobiliário e, em certa medida, embasados em uma atuação condicionante do Estado, faria cair por terra os argumentos atuais que levam moradores a

buscarem esse modelo de vida e promotores imobiliários a promoverem, cada vez mais, esse tipo de empreendimento.

Isso se funde a depoimentos do(a)s moradores entrevistado(a)s nos quais se retrata que a busca por segurança e os equipamentos de lazer ofertados pelo empreendimento são mais atraentes e importantes do que o conforto e o bem-estar proporcionados pela casa em si e o perfil de vizinhança selecionado. Além disso, a perspectiva da distinção de um modo de vida para diferenciados: pessoas diferenciadas, renda diferenciada. Considerando essa condição e o perfil padrão de quem deva morar nesses espaços, classifica como entrantes todo(a)s aquele(a)s que fogem ao padrão e postulado para integração a esse ambiente normatizador.

Pelo imaginário construído acerca desses espaços, espera-se ou reivindica-se, por meio de regimentos e normativas, pela força jurídica ou legal, o evitamento de problemas atrelados à "cidade aberta", ao espaço público, de modo que o inesperado, próprio ao espaço público, seja evitado no interior dos habitats residenciais fechados. Para isso, o pensado e o falado "ensinar a viver em condomínio", vindo de um agente bem-informado e a afirmação de haver pessoas sem "educação do viver em condomínio", vinda de moradores desses habitats, corroboram a ideia de uma experiência de habitação programada.

Os problemas associados à cidade aberta que se tentam evitar por meio de normativas, por vezes, escapam ao controle e à vigilância e ultrapassam os muros, agindo negativamente na imagem concebida desses empreendimentos (e incidem sobre a valorização do empreendimento e das residências lá contidas) e levando ao questionamento da estrutura concebida livre dos problemas urbanos. Isso implica em estratégias de silenciamento de mídias de comunicação e de subnotificação de atos criminosos. Assim, o ideal é vendido, comprado e deve ser garantida sua revenda com ganhos.

CAPÍTULO 4. LÓGICA FRAGMENTÁRIA E PRÁTICAS ESPACIAIS DO HABITAR EM CIDADES DA BAHIA

Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia

Nas grandes cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido

(MUROS E GRADES, ENGENHEIROS DO HAWAIÍ
OMPOSITORES: HUMBERTO GESSINGER / AUGUSTINHO MOACIR LICKS

4.1 Habitats residenciais fechados e a cidade: as formas espaciais e a estrutura espacial

No capítulo concernente à metodologia desta tese, apresentamos a fundamentação para os elementos metodológicos e apresentamos como quatro procedimentos foram centrais em nossa avaliação das representações sobre a fragmentação socioespacial, à saber: Entrevista Semiestruturada; Croqui; Categorização e palavras-síntese; Metáfora.

Aqui, estabelecemos outros quatro momentos, dedicados à avaliação dos resultados daqueles elementos, ora associados, ora destacados. Nossa intenção é discorrer sobre a lógica fragmentária e as práticas espaciais do habitar nas cidades estudadas.

Nossa principal referência de dados e informações, nesta subseção, advém dos quadros elaborados com as características dos habitats residenciais fechados e, em especial, das entrevistas feitas com agentes bem-informados e com citadinos.

Procuramos, nos capítulos anteriores, avaliar em que medida a crescente busca por moradias em ambientes urbanos murados, com rígidos controles de segurança e equipamentos que simulam a esfera pública ou o espaço público na maneira de espaços de convivência programada no interior desses ambientes, pode reforçar o processo de diferenciação socioespacial. Também nos preocupamos em avaliar esse impacto quando tal procura não se restringia aos grupos sociais com maior poder aquisitivo, e que se enquadrariam em faixas de renda alta, por exemplo.

Pudemos compreender que a relação à forma espacial redundante nos habitats residenciais fechados e os processos espaciais que a engendram tem

implicado em um reforço à ideia de qualidade de vida alcançável pela aquisição de moradia nesses moldes. Trata-se, como já avaliamos anteriormente, de um simulacro que, ao menos do ponto de vista do discurso, é apropriado por distintos segmentos sociais.

Isso se amplifica em um contexto que se expande com a globalização e a consolidação da sociedade de consumo, marcada, cada vez mais, pelas relações de troca, o que impõe (novos) padrões condicionadores dessas relações, resultando em uma cotidianidade "moldada" por signos e (novos) padrões de comportamentos.

Com o desenvolvimento das relações capitalistas de produção, muitas são as mudanças trazidas no bojo desse sistema e com essas há, também, alterações no espaço urbano. São mudanças cada vez mais rápidas e profundas, dando origem a novos hábitos e valores, a um conteúdo diferenciado nas relações sociais, na reprodução da vida cotidiana, o que supõe uma nova configuração espacial que comporte todas essas transformações e necessidades de reprodução e da vida humana, portanto, tem-se essa relação dialética entre formas e processos espaciais.

Daí deriva uma configuração espacial (conjunto de formas espaciais em dado arranjo) que demanda e provém de uma regulação do uso solo pelo poder público ainda que, na atualidade, os agentes imobiliários detêm livre trânsito para operar essa "nova ordem" (JANOSCHKA, 2002; DUHAL; GIGLIA, 2016). A Caixa de diálogo 8, excerto de entrevista concedida por um funcionário público municipal, problematiza essa questão.

CAIXA DE DIÁLOGO 8
SOBRE O IMPACTO DA EXPANSÃO DA IMPLANTAÇÃO DOS ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS, COMO É A CONVERSA ENTRE ESSES AGENTES?

Um reunião sexta-feira agora com o pessoal para poder validar essas reuniões, porque eles **trazem um zoneamento que o município achou que não era conveniente à cidade**, com zonas muito grandes, não sei se você chegou a ver lá, mas zonas muito grandes. Tem uma zona que pega lá do Nossa Senhora Aparecida, Bairro Brasil **com características completamente diferentes,** se pegar Ibirapuera e Bairro Brasil têm características e infraestrutura fantástica **e aí joga** o Nossa Senhora Aparecida que é um pessoal mais periférico, com infraestrutura ruim, com o pessoal do Miro Cairo, Henriqueta Prates com infraestrutura também ruim, está começando a melhorar agora e joga como uma zona só. E aí a gente tentou ou mudar esse zoneamento ou então criar zonas especiais, dentro da macrozona, zonas especiais para a gente **poder regular de maneira diferenciada e inibir o proporcional adensamento.**

Entrevista com agente bem informado. *(coord.sec.urbanismo/PMVC). [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Vitória da Conquista-BA, jan/2020, gravação de áudio, 28min. Transcrição de áudio pela pesquisadora.*

Dentro desse contexto de produção diferenciada e reprodução nas mesmas bases, a iniciativa privada passa a atuar intensivamente na implementação de formas espaciais que alteram as estruturas espaciais, considerando essas diferenças em termos de localidade e perfil de ocupação demográfica da área, ao mesmo tempo em que intensifica a diferenciação. Com o mesmo agente bem informado cujo trecho de fala foi reproduzido na caixa de diálogo 8, retiramos outro excerto representado na Caixa de diálogo 9. Nesta fala, destacam-se os interesses na produção do espaço urbano, em que pese a ação diferenciada em cada área da cidade.

No caso dos habitats residenciais fechados, as escolhas d a moradia por parte dos sujeitos entrevistados pautaram-se não apenas na localidade, mas, também, nos equipamentos desses empreendimentos, como sinalizado por Marrone e Noberto na Caixa de diálogo 9

CAIXA DE DIÁLOGO 9
MOTIVAÇÃO E PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO EMPREENDIMENTO

Aí, quando foi em uma semana, peguei uma imobiliária, e como minha esposa sempre morou em casa, e eu em apartamento, aí eu falei, tenho experiência em morar em casa, **aí eu escolhi um bairro de casas** e me disseram que esse **bairro do SIM antes era uma área rural e se desenvolveu e hoje tem vários condomínios de casa**s. Então, hoje em Feira de Santana é um **bairro que tem concentração de condomínios de casas, de médio e alto padrão, ele é o referencial.** Aí a preferência era morar uma casa nova, sem ninguém nunca ter habitado, e num condomínio fechado, não é, **com infraestrutura, assim, adequada, com piscina, quadra de esporte, lazer e tudo.**

Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no Condomínio Senador Life onde mora há menos de um ano, carro próprio.

Por ser perto da casa dos meus pais [Candeias] e eu já tinha morado lá, então, eu já conhecia o condomínio, aí facilitou muito. E também pela **localização**, é ali próximo de onde a gente frequenta [Olívia Flores], aí ajudou bastante. E como esse condomínio Ouro verde, pode falar que ali é o centro do Candeias, aí fica **próximo de tudo e acaba economizando**. Então, principal ponto foi o custo, os **benefícios de morar em condomínio são melhores** do que se eu fosse construir uma casa hoje, não é? com o **padrão** que a gente tem. Segundo foi a **área do condomínio** para meu filho, e **segurança**.

Noberto, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completo na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, apartamento próprio no Condomínio Ouro Verde onde mora há 4 anos, carro próprio.

Importa considerar o impacto na estrutura espacial e nas relações sociais quando da implementação desses ambientes urbanos fechados, sobretudo, por ser um processo relativamente recente nas cidades investigadas, mas ocorrendo com forte intensidade e rapidez. É no tempo presente que essas condições são lidas; a relação espaço-tempo é tensionada pela celeridade desse processo e profunda o impacto na estrutura espacial dessas cidades.

Segundo apontamentos de Whitacker (2007), novas formas espaciais e novas territorialidades são produzidas na contemporaneidade irrompendo a

cidade atual, ainda estruturada segundo uma lógica, ainda prevalente, de organização territorial da indústria, ou de caráter fordista, ao pontuar que:

> As novas formas urbanas se desenvolveram e tornaram-se mundiais; consubstanciadas no capitalismo concorrencial e suas transformações, hoje são disseminadas pelo capitalismo monopolista, uma vez que as relações capitalistas, ao se realizarem, em diferentes territórios, produzem características semelhantes, ainda que as diferenças existam. (WHITACKER, 2007, p. 140).

Essa lógica industrial imposta à cidade, segundo o mesmo autor, torna-se uma problemática para a práxis da produção do espaço urbano, pois a cidade encontra-se estruturada sob uma racionalização comum ao fordismo, em que as leis de zoneamento ditam a relação entre forma e função. Nessa condição, não só as práticas urbanas influenciam a cidade, mas também, há uma submissão da mesma a tal racionalização. E continua:

> O espaço urbano é resultante de uma articulação dialética entre forma e funções, portanto, dotado de historicidade. Consequentemente, não se constitui apenas como produto das relações sociais, mas também como condicionador dessas relações, enquanto produz sua própria negação, através da dispersão. (WHITACKER, 2007, p. 145).

O espaço urbano, portanto, é estruturado e produzido no sentido da produção do capital; dessa maneira, a urbanização se insere num processo mais amplo de reprodução das relações de produção, na medida em que é influenciada pela necessidade do capital de gerar valor excedente. A cidade torna-se um bem material a ser consumido e regido pelas leis do capital, possuindo um valor, nessa perspectiva, um valor de troca se sobressaindo ao valor de uso.

O sistema capitalista, com o caráter de "força em revolução permanente" (HARVEY, 2005, p. 126), apoia-se no processo de urbanização e toma a cidade redefinindo o tecido das aglomerações urbanas em virtude da extensão e fragmentação espacial, fazendo com que o espaço citadino se remodele. Nesse compasso, o capitalismo se expande, criando novas lógicas para sua acumulação. Assim, as cidades contemporâneas são produzidas em adequação às novas

funções econômicas por meio do rearranjo da oferta de transporte, por exemplo, (VASCONCELOS, 2000), pois, as condições de circulação, tanto de transporte e comunicação, favorecem as mudanças na estruturação do espaço urbano, sobretudo, por serem incorporadas às estratégias capitalistas de dominação.

Observado o crescimento do tecido urbano e o desenvolvimento da estrutura espacial, em que há uma desconcentração de serviços e equipamentos urbanos, alterando os hábitos e a rotina diária, vê-se que há aumento no fluxo de circulação para áreas afastadas que se alocam nas franjas da cidade. Para Sposito (2010), a ampliação do tecido urbano põe em evidência deslocamentos cotidianos, rotineiros nas cidades, articulados com deslocamentos que são frequentes e de natureza urbana, sem que ocorram diariamente.

Para essa autora, o espraiamento da cidade supõe maior mobilidade urbana e agrega tanto facilidades, assim como, dificuldades na realização desses deslocamentos. Considera como sendo um marco a ruptura no padrão, até então realizado no processo de urbanização, por haver uma prevalência na constituição de tecidos urbanos descontínuos, ao pontuar que:

> Duas qualidades essências da cidade, a partir desse recorte, alteraram-se: a concentração e a unidade espacial, uma vez que a descontinuidade dos tecidos urbanos compõe novas formas espaciais que redefinem as relações entre extensão e intensidade, gerando níveis de densidade não apenas menores, tomando-se a escala da cidade, mas diversos, tomando-se seus microespaços. Qualifica-se e quantifica-se assim, a descontinuidade da cidade. (SPOSITO, 2010, p. 143, grifo da autora).

Uma das condições que permitiram a constituição de cidades mais difusas e extensas foi a propagação e valorização do uso do automóvel, conferindo aos usuários desse meio de transporte condições favoráveis de deslocamento, mesmo porque há um empenho demasiado em equipar a cidade com predicados que favoreçam a fluidez desses.

O mesmo não se aplica aos que dependem de outros meios de deslocamento, por não disporem das mesmas benesses investidas no transporte individual em verdade, "o espaço urbano se estreita para seus habitantes e se alarga para os carros" (SCHOR, 2001, p. 148).

O uso do automóvel individual se sobressaiu como principal meio de transporte entre os moradores pesquisados, inclusive, sinalizando o fato de que residir nos habitats residenciais fechados implica em possuir esse bem, como destacaram os moradores entrevistados da cidade de Feira de Santana, como exposto na Caixa de diálogo 10.

Percebe-se que a implementação de grandes equipamentos, sobretudo, comerciais condiciona, também, a extensão da estrutura do tecido urbano adaptada ao uso do automóvel (DESSE, 1992). Vias expressas, ruas, avenidas bem equipadas, e que fazem ligação entre esses equipamentos comerciais e de serviços com as demais áreas da cidade, são elementos que reforçam sua acessibilidade, mesmo que ainda voltada, prioritariamente, ao uso do automóvel (Observar as Figuras 46 a 51).

Isso ocorre de modo que os usuários desse meio de transporte disponham de condições favoráveis ao consumo nesses espaços pela concentração da oferta (seja em eixos especializados, áreas com concentração de estabelecimentos diversos etc.), boas condições de deslocamento para o automóvel (diminuição do tempo gasto no percurso, dada a boa infraestrutura) aumento do espaço/tempo apropriável.

CAIXA DE DIÁLOGO 10
QUAL O MEIO DE DESLOCAMENTO COTIDIANO?

Carro próprio, porque ônibus é precário, assim, pegar ônibus. Tanto que quando fiquei sem carro aqui, para pegar ônibus demorava muito. Aí até que tem agora um aplicativo, não é? Que você tem o horário do ônibus. Aí onde eu morava mesmo, no SIM, passava de 40 em 40 minutos, se você perdesse aquele ali, e se fosse final de semana, 1h30 e 1h30, aí se fosse em ligeirinho, não é? Aqueles carros clandestinos qualquer lugar você ia rápido, só que de ônibus você demora um pouco.

Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no Condomínio Senador Life onde mora há menos de um ano, carro próprio.

Carro próprio. Se bem que tem a opção da Uber, mas antes eu não gostava da opção de pegar ônibus aqui em Feira [Feira de Santana] não. Raramente eu pego ônibus. Não gosto, nunca tive esse hábito, sempre morei no centro. Se não tiver um carro, para pegar um ônibus é até arriscado ter que andar 800 m.

Sérgio, 54 anos, divorciado, natural de Feira de Santana/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicada, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio Condomínio Canto do Sol onde mora há 10 anos, carro próprio.

Carro. Eu comprei até uma bicicleta, comecei até a usar, mas aí começou a chover, e quando eu vou é de carro, não tem condições assim de ir de bicicleta para onde eu vou. Eu acho que eu não tenho muita prática também, não é? E com criança, então fica bem complicado sair de lá. Eu até gostaria de sair de minha casa e vir para a UEFS de bicicleta, seria uma pedalada grande, são 7 a 10 minutos de carro de lá. Mas é de carro. Até porque o transporte para lá é muito ruim.

Aleselma, 38 anos, solteira, natural do interior da Bahia, doutora na área de ciências humanas, trabalha em instituição de nível superior pública, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 9 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Viva mais Papagaio onde mora há 1 ano, carro próprio.

Feira [Feira de Santana] era um horror. Eu nunca tive carro, a primeira coisa que eu fiz quando eu vim para Feira foi comprar um carro porque era impossível não ter um carro e ainda é bem difícil não ter um carro.

Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Bosque Imperial onde mora há 17 anos, carro próprio.





Figuras 46-47. Vitória da Conquista. Shopping Boulevard, Av. Olívia Flores no bairro Candeias. Trabalho de campo, 2022).





Figuras 48-49. Feira de Santana. Estruturação do setor noroeste, área de expansão recente; Av. Fraga Maia, principal vetor de acesso desde o centro principal, para áreas de intensa implementação de habitats residenciais fechados. Trabalho de campo, 2021-2022).





Figuras 50-51. Limite entre Ilhéus e Itabuna/ Ilhéus. Estruturação de vias com a implementação de habitats residenciais fechados e estruturas comerciais com acesso exclusivo para HRF. Trabalho de campo, 2021-2022).

Contudo, é importante ressaltar que essa estrutura deve ser vista de modo sempre relativo, pois, esse conjunto de condições pode não estar acessível para os citadinos no contexto total da cidade, indicando tratar-se de uma mobilidade diferencial (WHITACKER; SOUZA, 2014), pois, vai depender também, de fatores como o perfil socioeconômico do sujeito, da localização de sua residência. Trata-se, ainda, de uma mobilidade ofertada e a mobilidade de fato efetiva (MARES; WHITACKER, 2019) dos interesses distintos no uso da cidade.

Ainda sobre a questão do transporte urbano na realidade brasileira, Vasconcelos (2000) afirma que a valorização pelo automóvel começa a se intensificar a partir de 1970, em virtude da modernização econômica que altera o espaço, com a criação de novos sistemas rodoviários em substituição ao ferroviário, aeroportos regionais, modernização nos sistemas de comunicação. Destaca, ainda, como fatores que influenciaram na opção pelo automóvel e, por consequência, em maiores mudanças no espaço urbano, a crise fiscal do Estado e a globalização da economia na década seguinte.

Para Vasconcelos (2000), esse contexto de mudanças baseou-se em técnicas de planejamento de transporte e tráfego geridos pelo Estado e colocadas em prática por agentes como planejadores, engenheiros e setor privado. Ações que tiveram como objetivo principal favorecer a setores dominantes da modernização capitalista, em atendimento às necessidades de deslocamento, como as da classe média.

Para Sposito, E. e Sposito, M. (2020), tratam-se de elementos que aludem a uma pluralidade do habitar, por considerar que a densidade e interações não estão circunscritos a uma dada continuidade do espaço físico, pois, a cidade não é mais compacta. Estes deslocamentos e interações fazem-se em ritmos distintos, compunham-se de representações diferentes de diferentes lugares, viabilizando distintas conexões entre distintos lugares, abrangendo os descontínuos.

Considerando-se, assim, a estrutura espacial e a própria forma da cidade, vê-se um aparente mosaico em mudança. De um quadro com zonas funcionalmente mais rígidas e que se combinava com um modelo prevalentemente centro-periférico, servido (ou mal servido) por um sistema de transportes majoritariamente radial e que refletia deslocamentos casa-trabalho, paulatinamente, nota-se um câmbio para um padrão de zonas menos rígidas funcionalmente, mas destacadamente distintas quanto à composição socioeconômica e dotadas de homogeneidade interna dispersas pela estrutura espacial e numa estrutura espacial mais dispersa.

As ligações entre essas áreas impõem um isolamento em duplo sentido: o isolamento, nos espaços homogêneos e destacados do restante da cidade, que é vivido por aqueles sujeitos com grande mobilidade e que frequentam fragmentos por eles escolhidos; o isolamento daqueles que possuem mobilidade urbana afetada por sua condição espacial e de renda, restringindo-se aos fragmentos de realização de sua vida casa-trabalho.

4.2 Habitats residenciais fechados, percursos e a experiência urbana

Retomam-se aqui os croquis elaborados pelos moradores entrevistados(a)s, que são avaliados com apoio na Teoria da Produção Social do Espaço de Lefebvre (2013), localizando na tríade espacial (espaços de representação, práticas espaciais e as representações do espaço) as contradições que nos propomos a analisar no contexto de produção das cidades médias baianas selecionadas, desde a oposição entre o habitar e o habitat, do espaço citadino como valor de uso e valor de valor, ao projeto de direito à cidade e restituição da centralidade urbana (LEFEBVRE, 2001a; 2008b).

Essas representações gráficas, os croquis, componentes do segundo instrumento do CIMR, constituem-se como um deflagrador de novos conteúdos que, até então, as entrevistas semiestruturadas, primeiro instrumento, ainda não

havia desvelado. Podemos afirmar isso avaliando que os diálogos mediados pela pesquisadora com o sujeito, expressos nas entrevistas, trouxeram importantes concepções acerca da cidade analisada, mas, ao se analisar um conjunto de entrevistas, tanto com citadinos, quando com agentes bem-informados, nota-se que muitos parecem associados ao que, num plano mais abrangente, compõem um tipo de lugar-comum sobre o cotidiano dessas cidades. Se isso pode ser avaliado como um determinado ponto de saturação, indicado pela repetição de um tema ou uma concepção por diferentes sujeitos, pode, também, manifestar-se como um olhar externo traduzido em respostas imediatas, pré-prontas, programadas, forjadas, como nos alerta Thompson (1998).

O croqui, por seu turno, é um instrumento elaborado pelo sujeito pesquisado a partir de uma provocação inicial da pesquisadora que, porém, não interfere em sua elaboração, após iniciado. Exige outra forma de expressão que não a falada, mas a gráfica. A presença ou a ausência, como abordamos na descrição metodológica da Capítulo 1, o perto e longe, expressos graficamente, constituem-se num outro tipo de discurso e de texto a ser avaliado pela pesquisadora. Sem interferência da pesquisadora, esse registro considera uma combinação de percepção com representação das interações que o sujeito empreende no e com o espaço por basear-se na materialidade concreta, ao passo que contém a imaterialidade que a acompanha, a ser explorada. Da noção de espaço piageteana, tem-se "a interação entre a percepção e a representação espaciais" (OLIVEIRA, 2005, p. 105).

A elaboração do croqui compreende o desenho em si e sua descrição posterior, pelo sujeito, feita oralmente e por registros escrito. Ao elaborar e descrever os croquis, ou seja, uma projeção no papel das suas práticas espaciais, afina-se uma possibilidade de adentrar aos espaços de realização da vida cotidiana incorporando saberes espaciais os quais, por vezes, passariam desapercebidos, por exemplo, quando de uma resposta direta à perguntas como onde mora o sujeito e quais suas práticas de consumo ou lazer. Para esse trânsito

e articulação entre a imaterialidade e a materialidade da forma (croqui), são consideradas três dimensões:

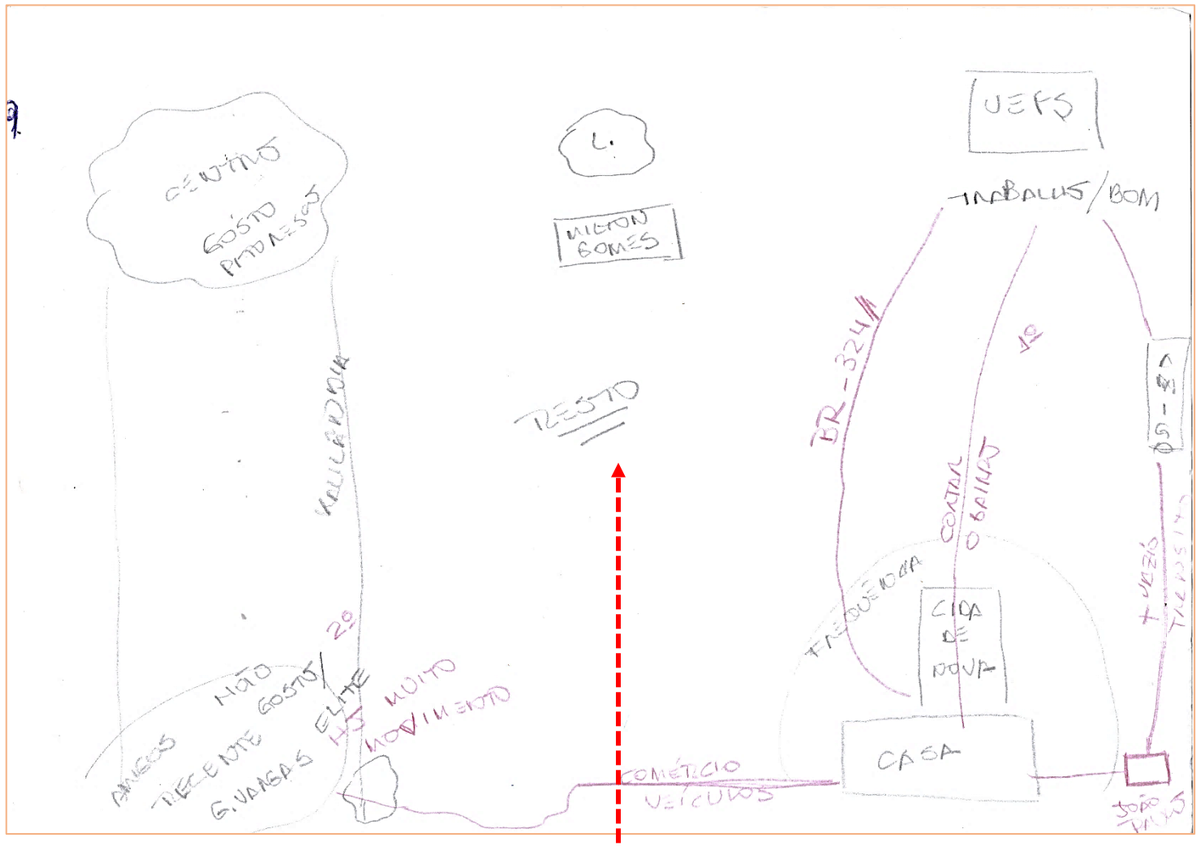
- O habitar. Modelador da vida na cidade e referência para tratar dos deslocamentos na cidade (ponto de partida na elaboração do croqui);
- A experiência urbana. Tendo o habitat residencial fechado como padrão de moradia, tem-se um condicionamento no uso da cidade;
- Os sentidos e emocionalidades que se materializam quando das representações de locais, fluxos, deslocamentos de (em) uma cidade baseada na experiência vivida em lugares (percebidos, concebidos, vividos) da sua rotina cotidiana.

Interessou-nos, nesse ponto, não a constituição da experiência em si, mas antes, o seu sentido que contém subjetividade e significado, ou seja, trata-se de uma experiência urbana como prática espacial subjetiva e significativa. Do universo de 21 moradores entrevistados nos quatros municípios investigados, foram analisados croquis e os resultados do processo de categorização tomados como referência do conjunto de moradores entrevistados, representativos deste universo de citadinos acessados no que toca aos elementos comuns atribuídos ao que pensam da cidade, com base nas três dimensões acima citadas.

Sintaxe 1. Categorização – O que pensa da cidade. Feira de Santana-BA

Morador(a)	Habitat residencial fechado	Gênero:	Idade:45	Escolaridade:	Est. Civil	Tempo de residência*	Membros/ família	Renda**	Ocupação
Rute	Bosque Imperial	F	54	Doutorado	Divorciada	17	1	13	Professora universitária
Estrutura	Cognitivo (desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.)								
Significado	Oh, minha vida aqui em Feira de Santana, permanência aqui é para o Trabalho, então, o trabalho é a coisa que permeia tudo. Se não fosse o trabalho eu não estaria aqui, de forma alguma. É dele que eu vivo, eu adoro o que eu faço. Então, eu não tenho problema nenhum em relação a isso, mas isso tem um peso muito grande na minha relação com a cidade. Então, minha relação com a cidade é uma relação de trabalho, eu não construí laços outros com a cidade, as amigas que eu tenho são do trabalho, e tem gente que não é feirense, vem de fora, mesmo de Salvador, chega aqui, e essa coisa de que a cidade não é acolhedora, ela te trata bem, mas não te agrega, então, acaba que os de fora se juntam. Se você elencar as pessoas que eu convivo, que eu converso que eu frequento, não tem ninguém que é de Feira e todos vieram para cá para trabalhar, então o trabalho é a coisa mais importante. E aqui é onde eu mais frequento, além do trabalho, essa área é a minha área de frequência, é onde eu moro, onde eu faço minhas compras, onde eu vou no banco, vou na manicure, preciso de um pedreiro, de alguém para fazer uma coisa aqui, tudo aqui, você de tudo. Eu conheço muita gente, povo das lojas, aí é uma ótima relação, eu já conheço as pessoas, já converso, bato um papo, já compro, se não tem uma coisa que preciso, semana que vem passa aqui que já tem, então é aquela coisa bem cordial, bem tranquilo, não é, não sinto insegurança, nenhuma, coisa bem de convivência mesmo.								
Qualidade	Feira [Feira de Santana] tem muita coisa, ela é muito boa em serviços, eu acho, em oferta. A coisa do serviço que eu falo é de comércio, então, você não precisa sair de Feira [Feira de Santana] para comprar coisas, ir num médico, ir num dentista, para ir numa clínica, sabe? Num spa. Não precisa. Certas coisas, poucas, ainda precisa, que os *site*s suprem tranquilamente. Mas, o restante você acha tudo por aqui. E o que você não acha eles dão um jeito de arrumar para você. [...] Aqui, também, é a única cidade de interior que eu morei na vida, não é? Quando eu vim pra cá era muito ruim, muito ruim de viver, melhorou demais, mas, melhorou na infraestrutura, mas na mentalidade das pessoas, não. É por isso que não dá, a gente não consegue ter muitas relações interpessoais, sabe? Não consegue. Aí, Salvador está aí, não é? Pertinho (risos). É muito fácil você acessar. [...] Daqui você vai para juazeiro e Petrolina, é uma delícia ir para o rio, você vai para a chapada, você vai para o sertão, por aqui passa tudo, você vai para Conquista [Vitória da Conquista], Minas, São Paulo, tudo passa aqui, rotas de fuga.								
Sentimento	Trabalho (risos). E Feira [Feira de Santana], acho que não é só para mim, não. Feira é uma cidade de trabalho, as pessoas trabalham aqui, e só não sai para ter um lazer fora quem não pode, porque é muito comum aqui, muito comum, as pessoas têm casas ou geralmente em Salvador, geralmente apartamentos.								

*em anos. ** Em quantidade de salários mínimos no ano de referência (2019).
Fonte: Trabalho de campo, Feira de Santana/BA, 2019. Tratamento de informação: processo categorização. **Organização**: Mares (2021).

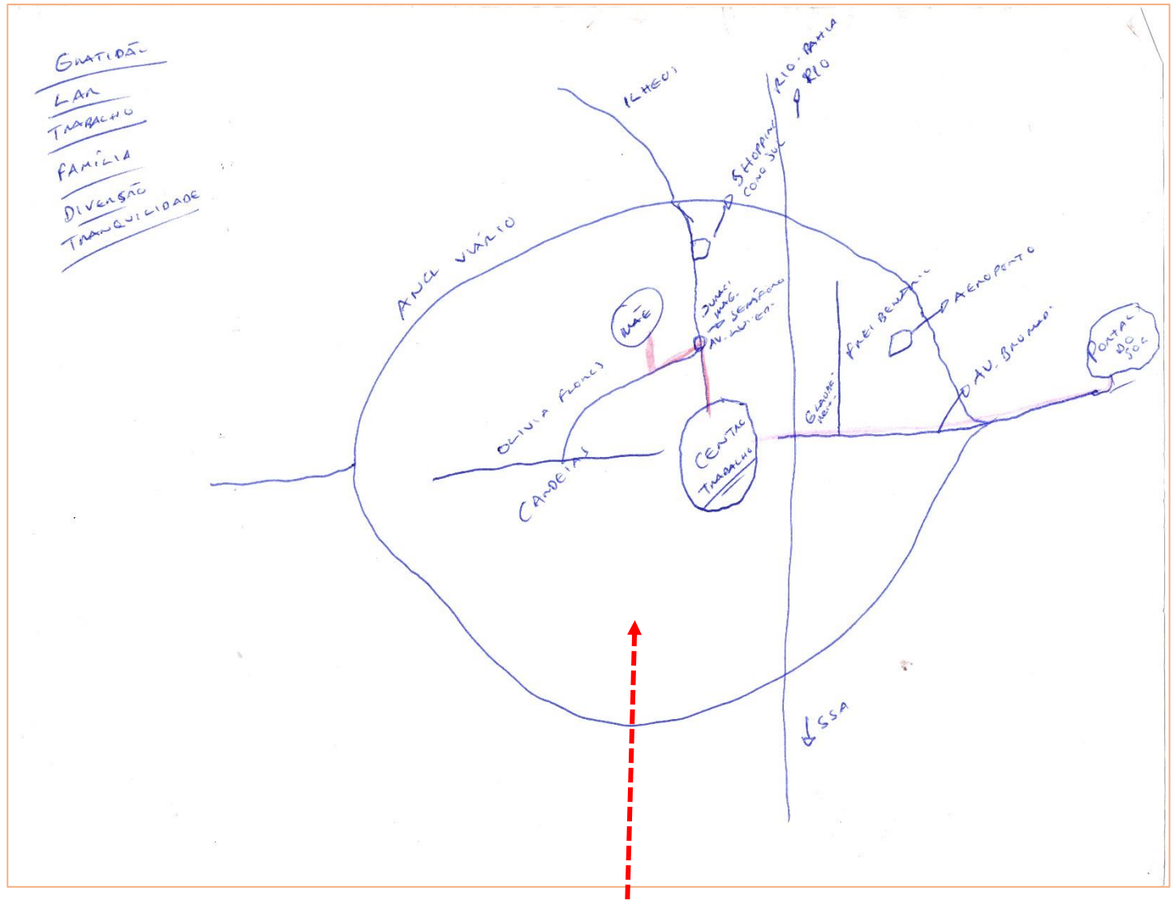


*"Impressionante porque esse espaço aqui, eu não frequento (risos) [**pesquisadora: o que seria esse espaço?]** o resto! Eu estou falando, é pobre a minha experiência (risos). Esse aqui é o resto da cidade. Essa aqui, por exemplo, é a tal da lagoa, essa lagoa eu nunca fui, mas, eu já vi. Ah, aqui também tem um bairro nessa área aqui que é gostoso, tem um restaurante gostoso lá, esse bairro, quase que eu aluguei casa lá. aqui eu nunca fui, mas eu já vi, é bonitinho e tal. [...] Incrível, as coisas só de carro (risos). E aqui é o resto, que eu vou esporadicamente se eu preciso de alguma coisa, mas não é um lugar que eu frequente. Na verdade, o lugar que eu mais frequento é aqui. Aqui para trabalhar e aqui para consumir, dentro desse padrão assim, não é? Se bem que no entorno aqui de casa tem um bairro, não é? Cidade Nova que eu frequento para mercadinho, para o dia a dia."*

Sintaxe 2. Categorização – O que pensa da cidade. Vitória da Conquista-BA

Morador(a)	Habitat residencial fechado	Gênero:	Idade:45	Escolaridade:	Est. Civil	Tempo de residência*	Membros/ família	Renda**	Ocupação
Michel	Portal do Sol	M	38	Ensino Superior	Casado	4	2	10	Empresário/ Corretagem
Estrutura	Cognitivo (desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.)								
Significado	Na verdade, a primeira palavra que vem na minha cabeça quando penso em Vitória da Conquista é gratidão, de ter vindo para cá e de ter me dado muito bem aqui na cidade, de ter me sentido acolhido assim. Eu penso também no lar, a segunda palavra que vem na minha cabeça. Trabalho, eu estou pensando mais em palavras relacionada a sentimentos do que em... pode ser? Essa palavra tranquilidade para mim aqui ela tem uma força grande para mim que venho de Salvador porque as vezes o pessoal fala, não é? Ah, que Conquista [Vitória da Conquista] está com engarrafamento, eu falo assim: você não sabe o que um engarrafamento (risos). O que é ficar duas, três horas parado sem sair do lugar (risos). As pessoas me falavam que eu provavelmente não ficaria aqui seis meses, que eu voltaria. Já tenho 9 anos aqui. Conheci minha esposa. Muito difícil voltar, até meu pai já começou a falar em vir para cá.								
Qualidade	Eu ainda acho o custo de vida na cidade baixo em relação a outros locais. Eu acho o clima aqui na maior parte do tempo agradável, frio demais eu também não sou muito fã, mas na maior parte do tempo, essas coisas de não ficar suando o tempo todo eu acho bacana também. Eu acho que é uma cidade que se a pessoa souber trabalhar assim, dá pra juntar alguma coisa, dá para se fazer alguma coisa aqui na cidade, basicamente isso.								
Sentimento	Rapaz, eu gosto da vida que eu conquistei aqui. Eu gosto muito da vida que eu tenho aqui em Vitória da Conquista. Por mais que eu que, sei lá, 90% das minhas amizades e pessoas tenham ficado em Salvador, eu sinto falta de Salvador, das pessoas e dos lugares, mas da vida, não. Eu gosto da vida aqui.								

*em anos. ** Em quantidade de salários mínimos no ano de referência (2019).
Fonte: Trabalho de campo, Vitória da Conquista/BA, 2019. Tratamento de informação: processo categorização. **Organização**: Mares (2021).



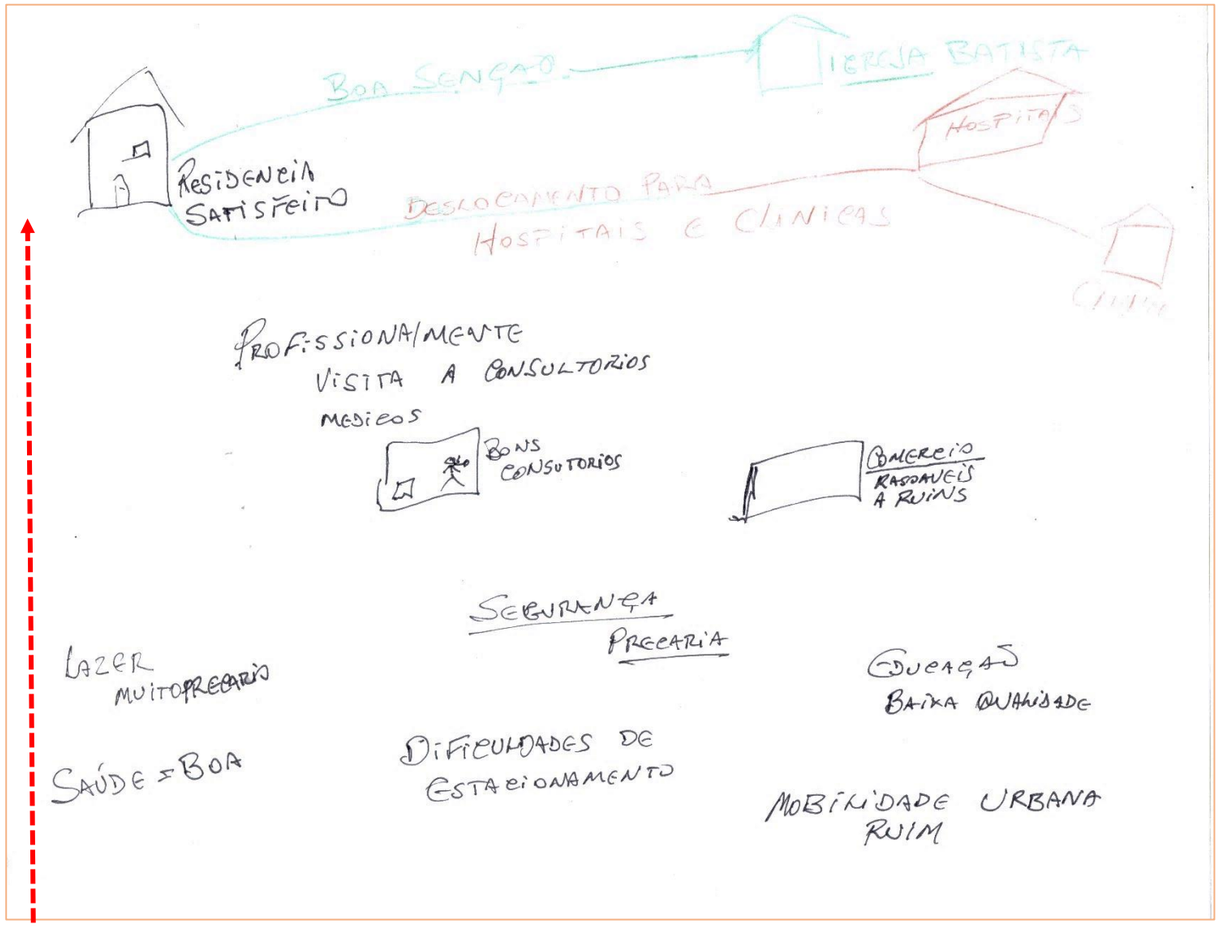
"Olha, tem um local aqui que eu fui recentemente porque a polícia militar fez um verão no pôr do sol que é o Cristo, não é? O projeto pôr do sol. Aí eu fui lá algumas vezes e gostei bastante, mas assim, sem a polícia lá a gente não vai não. Eu acho meio perigoso o espaço, não é? Sem a polícia está envolvida nesse projeto eu não piso lá. Eu até gostaria de ir mais, é um lugar bacana. Quando existe a atuação da segurança pública é melhor, não é? [...] O Cristo, como eu te falei, a gente não vai lá em cima. Aí é quando tem uma oportunidade. Tenho 9 anos aqui e eu fui uma vez lá. E essa Praça aqui na verdade a gente até passa por ela, mas, não desce porque não tem o que fazer também, você passa para mostrar assim e tal, normalmente é assim. Aí depende do perfil de quem tá com você, não é? Se for um amigo meu ele, de fora, acabo levando para os bares lá da região do Candeias mesmo."

Sintaxe 3. Categorização – O que pensa da cidade. Itabuna-BA

Morador(a)	Habitat residencial fechado	Gênero:	Idade:45	Escolaridade:	Est. Civil	Tempo de residência*	Membros/ família	Renda**	Ocupação
Luiz Inácio	Jardim das Hortênsias	M	51	Ensino Superior	Casado	2	2	17	Representante de laboratório

Estrutura	Cognitivo (desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.)
Significado	A cidade de Itabuna, ela, eu sempre imaginava assim a cidade que oferece pouca educação na cidade, que oferece pouco lazer, você não tem área de lazer, você não tem bom clubes, você não tem bons restaurantes em Itabuna. Tudo isso você sente a necessidade e que eu sentia isso é como consumidor e que sinto às vezes também hoje como profissional. Como lhe falei, eu sou representante da indústria farmacêutica as vezes eu quero fazer uma determinada palestra, fazer um determinado estudo para o grupo de médicos e não tenho um auditório legal, não tem uma disponibilidade de um restaurante legal, um auditório para se fazer isso. Então, Itabuna é uma cidade que eu diria carente em diversas áreas, eu às vezes brinco que Eunápolis e Teixeira de Freitas, por exemplo, são cidades bem mais novas, menores, mas que oferecem uma infraestrutura bem melhor do que a de Itabuna.
Qualidade	Eu vou ter dificuldade de te expressar isso por que seriam sentimentos mais voltados ao lado positivo [pausa]. Durante todo o processo de entrevista eu te falei de dificuldades as quais observo em Itabuna: a mobilidade urbana, infelizmente, é um problema mundial em todos os lugares tem, mas muitas vezes se deslocar em determinado lugar, se deslocar por exemplo, dentro de Salvador, você tem a dificuldade de mobilidade urbana. Mas você chega no local e fica satisfeito. Itabuna eu tenho dificuldade até para indicar um bom hotel. Se chegar uma pessoa, por exemplo, eu trago um palestrante aqui em Itabuna eu tenho que hospedar ele no Tarik Fontes [Tarik Fontes Plaza Hotel] que é o melhorzinho e que tem um preço exorbitante e que deixa muito a desejar, se eu for comparar com os hotéis de Eunápolis, os hotéis de Teixeira de Freitas, não é? Então, assim, até com certa tristeza que eu falo dessa realidade, mas eu não consigo ter um bom referencial em Itabuna.
Sentimento	Aprendi a gostar de Itabuna depois de 20 poucos anos morando aqui por causa do condomínio. O condomínio Jardim das Hortênsias.

*em anos. ** Em quantidade de salários mínimos no ano de referência (2019).
Fonte: Trabalho de campo, Itabuna/BA, 2019. Tratamento de informação: processo categorização. **Organização**: Mares (2021).



"Quando síndico, nós conhecíamos todos, não é? Porque eu fazia questão de todos que se mudasse para o condomínio a gente fazer uma visita, conversar um pouquinho sobre o que era o condomínio, tal. Isso era uma coisa que nós fazemos e sempre, tivemos um bom relacionamento com todos. Hoje, como morador, já não conheço todos. São 132 unidades, em nossa época elas não eram todas habitadas e hoje praticamente já estão. Aí, então, como muita gente mudou as quais nós não conhecemos, até nos vemos, mas não conhecemos, assim, muito próximos não. Muitos dos que aqui estão, muitas das pessoas que adquiriram casa aqui, vieram através de propaganda que nós fizemos, não é? Como lhe falei, eu trabalho com visitação médica, então, nós temos um bom relacionamento com os médicos da cidade, nós indicamos muitos médicos, existem muitos médicos que moram hoje no condomínio, muitos dentistas, não é? Então, tem uma boa parcela, eu diria uns 15% talvez, das pessoas que conheceram o condomínio e adquiriram o condomínio através de nossa indicação, do nosso entusiasmo de falar do condomínio. Sempre fui um apaixonado pelo Jardim das Hortênsias, eu sempre tratei o Jardim das Hortênsias, principalmente quando eu era síndico, da família Hortênsias, então eu sempre falei do Hortênsias como uma família."

Conforme a condição espacial, consideramos esses moradores de habitats residenciais fechados (usuários) como aqueles que, ao usarem (descreverem o uso) o espaço citadino, realizam, espontaneamente, uma abstração de si mesmos, ao descrevem um "objeto ausente" por meio do roteiro de entrevista semiestruturada. Num segundo momento, essa abstração de si mesmo e de sua presença começa a ser confrontada com a sua experiência vivida quando é convidado a elaborar o croqui.

O uso do espaço citadino representado, graficamente, permeado de signos, símbolos, discursos e representações mentais, permite-nos analisar o processo de diferenciação socioespacial verificado nas cidades baianas escolhidas lido, nesse caso, através da distribuição dos habitats residenciais fechados (o ponto de partida na elaboração dos croquis).

Também identificamos elementos para debater em relação a uma relativa perda da noção de totalidade por uma produção fragmentária da vida urbana e, principalmente, seu uso de modo parcelar, reforçando os tensionamentos nas relações de sociabilidade (Sintaxes 1 e 2), com impacto na relação público-privado, visto como um processo de produção da lógica fragmentária que explicaria a redefinição do par público-privado, condição que advém do entendimento dos habitats residenciais fechados como indutores e resultantes de um distanciamento físico, mas, também, ideológico dos sujeitos que optam por esse modo de vida.

Sabendo que o espaço abstrato fetichizado engendra tanto essa abstração prática do morador (usuário) que não é percebida nele, quanto a percepção incapaz de perceber a crítica, lidamos com um terceiro instrumento, ou melhor, um procedimento, que é a categorização, isto é, um modo de síntese reiterativa realizada por meio de palavras-chave, de mais descrições após a elaboração do croqui, ambos operados pelos moradores.

Com o procedimento de categorização, refletimos sobre as sensações e sentimentos atribuídos como significação da experiência urbana do(a)s

citadinos(a)s entrevistado(a)s, e acrescem-se elementos que nos permitem acessar ainda mais as subjetividades imbuídas nas práticas espaciais desses sujeitos para uma análise multidimensional do processo de produção dessas cidades. As Sintaxes produzidas são postas em associação aos depoimentos sobre qual o significado do muro, por exemplo (Quadro 17).

Quadro 17. BAHIA- Cidades investigadas. O que representa o muro?	
Lourdes. Parque Universitário. Itabuna.	Então, com o muro externo eu acho que, como nos outros condomínios é mais uma questão de segurança, porque aqui não é nem para delimitar espaço dos outros, porque ali, do lado de lá é um brejo, lá no fundo realmente não é para ninguém invadir, ali é mata atlântica, tinha um portão, a gente até fazia trilha, entrava por ali, agora é fechado, e ali do lado de lá é estrada então, eu acho que é mais para segurança mesmo. [...]Porque aqui começou a ter muitos moradores, então, entra **muitos visitantes dos** meninos, dos alunos e tal e tal, e também **entra muito prestador de serviço** e aí começou a ter … some celular, essas coisas assim, de pequenos roubos.
Luiz Inácio. Jardim das Hortênsias.	Então, o muro representa **a delimitação**, não é? de da área interna e externa do condomínio em síntese representa a **Segurança** do Condomínio
Luiz Carlos. Vivendas do Atlântico. Ilhéus.	Eu, falando por mim, eu não sou muito chegado a muro, porque eu acho que **separa** muito as pessoas. Tem vizinhos aqui que a gente não sabe nem o nome, só ver passar de carro, então, isso aí eu acho que é um problema no condomínio. O outro condomínio que eu morava, não. Ele era um condomínio que era feito de cerca viva, aí a gente estava na porta e aí os vizinhos passavam, cumprimentava, a gente se falava, sabia o nome de todo mundo e aqui, não. Mas, quando nós chegamos aqui, a realidade já era essa, e aí a gente **teve de se adaptar**. Mas, assim, eu não sou muito chegado, não. As vezes eu deixo esse portão aberto, aí minha esposa reclama: você deixou o portão aberto. Eu falo**: mas quem é que vai entrar aqui**? Ah, mas não pode, não sei o quê. Então, eu,

	realmente, particularmente, não concordo com o muro, eu acho que **isola muito a pessoa da sociedade**.
Marrone. Senador Life. Feira de Santana.	Acho que o muro é **privacidade**, eu até **gosto do muro**, quanto mais alto melhor. Eu até gosto do muro. Na verdade, tanto da casa quanto do apartamento não serem tão altos assim, entendeu, mas, eu gosto, transmite segurança e privacidade. **Privacidade em primeiro**, segurança em segundo lugar.
Jorge. Parque Vitória. Vitória da Conquista.	O muro é justamente a **divisão da rua**, é como se fosse a parte de minha casa, não é? A divisão da porta da casa para a rua, a diferença é que têm várias residências dentro dessa casa, mas divisão é divisão mesmo.
Camila/Suzane. Jardim Guanabara. Vitória da Conquista.	Muro para mim representa uma separação. **É apartheid mesmo.** Eu tenho condições de morar aqui dentro desse muro, mas lá, as vezes outras pessoas não têm condição de estar vivendo assim, não é?
Fonte: trabalho de campo (2019-2022). **Organização:** Mares (2022).	

Para além das justificativas de segurança e delimitação, compareceram restrições quanto ao outro externo àquele ambiente já associando esse outro aos atos ilícitos, também, ao isolamento em relação a esse outro externo ao condomínio e interno também, quando a associação se dá à privacidade de cada unidade/morador(a), sendo, por vezes, requerida como prioridade, antes mesmo da segurança. E da referência a uma separação social e espacial na medida em que, aqueles que optam pela vida intramuros, isolam-se nesse espaço monitorado, fiscalizado, "protegido" da realidade externa do bairro em que se insere e perdem a noção de totalidade do espaço imediato e a cidade de modo geral, conforme pode ser percebido nos depoimentos da Caixa de diálogo 11.

CAIXA DE DIÁLOGO 11
INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

Então, eu não sei o que se passa na cidade, não sei o que passa aqui ao meu lado. Só saio de carro, volto de carro, não sei o que acontece. Então, o muro, hoje se eu tivesse grana para comprar uma boa casa em Feira de Santana na rua, eu compraria e botava um super sofisticado sistema de segurança, poder está na rua, poder andar na calçada, de comprar um pão, se tivesse perto, né, e ver pessoas. Aqui as pessoas que eu vejo são as pessoas que moram aqui dentro e na rua é diferente, você ver povo andando, as pessoas andando, teve uma confusão na rua você chega da janela e ver, alguém bate na sua porta. Aqui, é muito isolamento, condomínio é uma coisa extremamente isolacionista, e também um condomínio da fantasia que você acha tudo ótimo (risos), está tudo bem, ninguém está te incomodando, ninguém pedindo pão na sua porta, nem testemunha de jeová, não é? Mais o pessoal pedindo, não sei o que. Ninguém te incomoda nesse aspecto. Eu acho que incomoda, né, eu acho aqui muito vazio, mas, por outro lado, você fica muito alheio a seu entorno, a cidade.

Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Bosque Imperial onde mora há 17 anos, carro próprio.

Eu só vou dar um exemplo, eu posso dar um exemplo? Eu estive na Nova Cidade, você já foi na Nova Cidade? Eu estive na Nova Cidade conversando com um colega meu que também é engenheiro agrônomo, a gente estava lá na Nova Cidade, aí, a gente falando lá criou-se vários condomínios e o próprio bairro não faz parte daqueles condomínios, as pessoas vivem separadas. Quem é do condomínio não tem ligação nenhuma com quem é do bairro, que são aquelas pessoas, não é? Com a classe social menos favorecida. E você, é nítido. Você o murão ali, e depois aquelas casinhas, o povo aqui, com aquela vida assim, mas você não vê ninguém daquele condomínio convivendo com aquele bairro. E a gente fica achando que é um desenvolvimento, que é isso, que é aquilo. Não é nada. O desenvolvimento as vezes só é um desenvolvimento econômico. Claro e evidente que está trazendo moradia para as pessoas, mas, está trazendo um afastamento muito grande. Eu morei no Alto Marom, lá a gente conhecia as pessoas, a gente caminhava, entendeu? A gente sabia a vida de um da vida do outro (risos). Aqui eu, sinceramente, eu só conheço o meu vizinho de porta porque um dia eu cheguei e perguntei, você mora lá no apartamento XXX? Ele falou, moro. Eu falei, prazer, eu sou Suzane, sua vizinha. Se não a gente não ia se conhecer. Eu morava também no outro condomínio, como eu te falei, meu ex-marido ficou lá, lá era casa, "vilagezinha", lá eu me sentia mais, assim, como é que fala? Mais gente. Eu me sentia mais gente. Porque lá eu tinha meus vizinhos, eu saia na varanda, tinha vizinho colado, a parede a mesma, a gente conversava, tinha a outra vizinha na outra parede, sabe? Tinha me sentia mais gente. Aqui, não, eu "solamente". Se você me perguntar, você conhece quantas pessoas aqui dentro do condomínio?

Suzane, 50 anos, divorciada, natural de Vitória da Conquista, superior completo na área de engenharia com atuação profissional na mesma área, grupo familiar formado por uma pessoa e renda familiar aproximada de 4 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Jardim Guanabara onde mora há 1 ano, carro próprio.

Aqui em Conquista, como eu sempre morei em condomínio, eu não tive muito acesso a essa questão de insegurança, sempre assim, de noite, eu sempre tive muito cuidado, mas, eu não consigo perceber muito por sempre ter morado em condomínio aqui. Mas tem algumas regiões, aqui mesmo é uma região perigosa, mas eu também não percebo, a gente está dentro do condomínio, então, eu não consigo perceber muito essa questão não. Realmente, quando se para pensar e verificar o que acontece, não é? É porque eu tento não tá muito, mas se você abre um blog, assiste a um jornal, você só vai ver notícia, a todo momento você só vê notícia. Teve uma vez mesmo que eu estava aqui jogando na quadra do condomínio a gente escutou três tiros, aí depois eu fui pesquisar e realmente tinha acontecido, que tinham atirado num pessoal lá.

Jorge, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Parque Vitória onde mora há 3 anos, carro próprio.

Os habitats residenciais fechados, como símbolos do consumo numa sociedade pautada na espetacularização, distinguem o acesso entre os grupos sociais, excluindo uma parcela considerável da população. Conformam-se como espaços alienadores que influem na construção da identidade individual e coletiva, tanto dos que frequentam tais espaços, como, também, daqueles excluídos, mas que nutrem (via publicidade) o desejo de fazerem parte dessa cultura de consumo (PADILHA, 2006a), isto é, da "condominização" da cidade e da vida.

O discurso do crime é simbólica e materialmente incorporado na prática do habitar, bem como, das demais dimensões do cotidiano urbano que cada vez mais se realiza intramuros, mas que na verdade mascara a realidade social, da mudança que vem ocorrendo em sua estrutura e, principalmente, por aprofundar as desigualdades (CALDEIRA, 2000). Os perigos reais que induzem a tal prática são, provavelmente, o "das desigualdades sociais estampadas na dinâmica da vida real, do "mundo de fora" (PADILHA, 2006b, p. 54).

Do relato da moradora Tereza Cristina (Caixa de diálogo 12) pode-se fazer alguns destaques nesse sentido. Os enclaves estigmatizados não se referem apenas à ideia construída sobre os bairros pobres, aos espaços públicos pela insegurança e violência, mas também, de fomento ao consumo nesses empreendimentos por oferecerem tudo que a "cidade aberta" não tem, sobretudo, segurança (MAGRINI, 2013).

Uma construção simbólica que encontra apoio na publicidade a qual fomenta e confronta esses dois espaços, geralmente, caracterizando negativamente os espaços públicos (quando esses não são objeto de consumo da classe média e de valorização imobiliária) como violentos, inseguros, sujos, barulhentos etc.

CAIXA DE DIÁLOGO 12
INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

É uma pergunta bem complexa. Representa segurança porque teve uma época. A gente mora aqui ao lado do Vilamérica, não é? [*bairro estigmatizado limítrofe*], quando eu me mudei para cá era tudo escuro, não tinha luz, ainda é considerado um bairro perigoso, tem muito tráfico de drogas, não é? As vezes tem tiroteio, já ouvi tiro aqui do ladinho do muro, depois a gente soube que tinham matado gente, que tinha morrido gente. Aí eu fico pensando assim, nessa época mesmo eu fiz essa reflexão, caramba! Eu estou aqui tranquila na minha casa, na cozinha tomando uma cervejinha de boas cozinhando, escuto uns tiros e o que me separa dessa violência é o muro, da condição de vida dessas pessoas que estão ali, numa situação totalmente. É como se fosse um outro planeta, um outro mundo, uma outra vida, assim. Dá segurança, mas me faz mal, ao mesmo tempo, sabe? Quando você para refletir nisso. Tem até uma charge, você já deve ter visto essa charge, um condomínio de luxo, assim, um muro e uma favela do lado, desenhado, então, eu me sinto, eu sou a pessoa perfeita para me sentir culpada pelas coisas (risos) as vezes eu me sinto até culpada. Mas, ao mesmo tempo, é segurança. Logo no início quando a gente morou aqui teve uma chuva forte, tinha um problema estrutural aí no muro, caiu uma parte do muro. E aí ficou um vigia lá do lado, mas, a insegurança que eu senti nesses dias em que o muro estava caído foi grande, tipo assim, nossa. Aí, você preocupa em fechar direito a janela, sozinha, não sei o que, essas coisas assim. Então, representa segurança, mas ao mesmo tempo representa um problema, tipo assim, uma bandeira mostrando um problema que existe, não é? E que está aqui no nariz de todo mundo, um problema social. Representa isso.

Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Grais, ensino superior completo na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 5 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Green Ville onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.

Assim sendo, a opção em se analisar esses processos pelas práticas espaciais do habitar é importante porque este vem sendo produzido e apropriado sob formas diferenciadas, dado os processos de segmentação espacial e social que vêm se fortalecendo nessas cidades e que não se restringem apenas à dimensão do habitar, é antes, transversal às dimensões do consumo, do lazer, do trabalho, da mobilidade. Trata-se de um uso parcelar e desigual do espaço urbano que põe em evidência as imposições dos ditames capitalistas por propor formas díspares de apropriação do mesmo espaço, do mesmo bem urbano, aprofundando as desigualdades e a cisão nas relações de sociabilidade.

4.3 Habitats residenciais fechados e relações de sociabilidade

"O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida. Pois a suposição – não apenas no mundo em que vivemos hoje, mas também em períodos anteriores da história humana - é de que a diferença é um problema como o qual se precisa lidar. Então o primeiro movimento que poderíamos desejar fazer é questionar tal suposição. Por que é que achamos que a diferença é um problema? Por que ela não é simplesmente um fato da realidade? A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado natural das coisas. A diferença se tornou um problema político e cultural no momento em que o contato violento entre povos, por meio da conquista, do colonialismo e do racismo, levou alguns a acreditarem que eram melhores que outros. No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e, portanto, legítimas, aí sim estamos em apuros." (MBEMBE, 2016)[26].

A epígrafe desta seção alude a uma questão compõe o objetivo dessa tese, quer seja, os elementos que caracterizariam o processo de fragmentação socioespacial em algumas cidades médias na Bahia. Buscou-se como caminho a identificação da diferenciação no espaço (forma-conteúdo) combinada com a desigualdade, da presença-ausência de um elemento, material-imaterial, no espaço (social) tendo como referência a moradia.

Dito de outro modo, buscamos os nexos entre desigualdades socioespaciais e os habitats residenciais fechados por defendermos que esses espaços de moradia têm sido produzidos como dimensão estratégica para consolidar um estilo de vida distintivo que passa por uma dada demarcação espacial (condição espacial), por uma dada delimitação de como morar (o tipo do habitat) e de uma dada homologia entre/nesses espaços (reprodução, refutação, subversão do vivido).

Em um período em que são crescentes as maneiras de produção material, pela implementação de equipamentos, infraestruturas e instrumentalização dos

[26] Trecho de entrevista com Achille Mbembe, filósofo, historiador e cientista político camaronês, publicada no volume "Direitos Humanos e Cultura", Editora Steidl (dez/2016).

espaços, também, uma produção imaterial, que relaciona novos elementos às dinâmicas espaciais. Como destacado por Sennett (2018, p.11), "o ambiente construído é uma coisa, a maneira como as pessoas nele habitam, outra", isso porque partimos da ideia de que, pela lógica de produção/difusão desses habitats, há uma dada subjetividade associada a esse tipo de habitação que se soma, confronta-se com as subjetividades dos sujeitos que passam a residir nesses empreendimentos.

Logo, no intuito de acessar tais dimensões, materiais e imateriais, buscou-se trabalhar a partir da realidade experenciada dos sujeitos moradores dos habitats residenciais fechados em cada uma das formações socioespaciais em que são implementados.

Essa associação agrega significado e contribui para a demarcação do espaço citadino como modo de conquistar distinção social, como dimensão estratégica de hierarquização social e reforço de um modo de vida distintivo. Trata-se de se identificar processos geradores de formas de distinção socioespacial, que entendemos condicionar a produção desigual do espaço urbano, caracterizando e aprofundando a diferenciação socioespacial.

Para o desenvolvimento desta seção, ainda que o debate sobre classes sociais não seja nosso foco, tendo nos utilizado de outras maneiras de avaliar os segmentos sociais, reconhecemos que as condições social, econômica, política e cultural integram a dinâmica espacial e constituem-se centro explicativo da realidade brasileira quando tomadas em conjunto, sobretudo, se partimos do princípio de que a sociedade de classes se concretizou como condição necessária e indispensável à própria origem da cidade (SPOSITO, M. 1988).

Tomamos como condição dada que o desenvolvimento estrutural de formas de poder e dominação atrelada ao crescimento das cidades determina, no âmbito social, os grupos elitistas e as massas (SOUZA, 2005). Logo, analisamos as práticas espaciais do habitar como meio e condição de uma especialização e hierarquização de práticas e espaços na cidade contemporânea.

A reflexão apoiada em Mbembe (2016) que introduz esta seção no formato de uma epígrafe justifica-se por averiguarmos, nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, o discurso do medo como indutor de um processo de autossegregação que, incialmente, estaria vinculado a ideia de violência, alimentando um imaginário urbano com base numa tradição discursiva como exercício de poder.

Contudo, o dinamismo produzido pelo medo encontra apoio nos meios de comunicação de massa, difusores desses signos/símbolos (BAUDRILLARD, 1991), ligados à violência na cidade, não fica restrito a essa questão que é real, material, mas ao diferente, ao outro.

Esta Outridade, aqui lida como produto de uma política do medo ensinada como exterioridade, conduz à interpretação do outro, do diferente, como ameaça sendo, por isso, posta à distância, ainda que por barreiras imateriais, "quando somos ensinados que a segurança está na semelhança qualquer tipo de diferença parece uma ameaça" (HOOKS, 2020).

Como resultado da escolha pela vida intramuros, os depoimentos dos entrevistados apontam para um condicionamento das práticas espaciais orientadas pela nova rotina, como frequentação nos mesmos espaços de consumo, de lazer, condicionados pelo perfil social, cultural, econômico associado a quem mora em habitat residencial fechado (Caixa de Diálogo 13).

CAIXA DE DIÁLOGO 13
VINCULAÇÃO A UMA IDENTIDADE SOCIOECONÔMICA, CULTURAL

Com certeza, eu acho que tem, viu. Eu acho que tem. Você que está indo em vários condomínios, cada um em uma realidade social, então, acaba que chamando de classe social. Ainda usa esse termo? Acho que tem muito, enfim, deixa pra lá. A classe social acaba sendo equilibrada dentro de um condomínio. As classes mais altas a agente sabe que vai ter outra cultura, não que seja uma cultura totalmente diferente, mas, por exemplo, os ambientes que frequentam acabam se assemelhando um pouco mais se a gente for comparar com outro condomínio, então, acho que isso tem tudo muito a ver. Se eu tenho amizade ali com meu vizinho, e meu vizinho costuma frequentar, sei lá, o barzinho ali da esquina e gosto de estar com ele porque a gente pode estar sempre no mesmo ambiente, você está entendendo o que eu estou falando? E já em outra situação, de outro condomínio, essa pessoa acaba frequentando, não estou generalizando, que as pessoas acabam sendo diferentes, cada um tem a sua personalidade, mas em relação à forma holística de ver tudo isso a gente acaba tendo não um padrão cultural, mas, você está me entendendo, não é? Eu acho que cada condomínio retrata a realidade daquelas pessoas que moram ali. Não sendo generalista, né.

Simone, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias, atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Viva mais Papagaio onde mora há 4 anos, carro próprio.

Sim. você está no condomínio, quer a gente queira, quer não, por mais que a gente pensa assim que não deve ser esse motivo, mas ele termina discriminando alguma parte da população que não pode ter esse benefício, não é? Então assim de uma certa forma ele restringe a este tipo de moradia ao qual não deveria ser. Nós deveríamos ter segurança em qualquer lugar, de lazer em qualquer lugar, mas restringe a uma parte da sociedade mais favorecida é uma parte da sociedade digamos assim diferenciada. Apesar que tem os entrantes.

Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, casa privativa unifamiliar assobradada isolada no condomínio Jardim das Hortênsias, onde mora há 2 anos, carro próprio.

A condição de "entrante", que conflitua com o lugar próprio ao "diferenciado", mostra-se, também, noutras ocasiões da rotina de convivência interna desses habitats residenciais fechados pelo medo ou evitamento do ambiente externo, da vizinhança, conforme relatou um agente bem-informado em Ilhéus, síndico de um dos habitats pesquisados. A portaria atribui um critério não apenas de segurança, mas de seletividade e limitação de passagem dos "entrantes".

Esse mesmo agente, noutra questão, destacou que, com a difusão da ideia de condomínio, houve a implementação de equipamentos de lazer na área de uso

comum para a vivência interna, intramuros, e avaliou como positivo ter acesso a esses recursos numa cidade do porte de Ilhéus, além da agregação de melhorias no entorno do empreendimento, o que se volta ao atendimento das demandas mais imediatas desses mesmos moradores dos habitats residenciais (Caixa de diálogo 14 e 15).

CAIXA DE DIÁLOGO 14
SOBRE O FECHAMENTO DO LOTEAMENTO E "TRANSFORMAÇÃO" EM CONDOMÍNIO

A construção do muro foi sendo feita aos poucos, fechando o entorno do condomínio. Em 1993 teve uma invasão da área aqui, área de proteção ambiental, limitando com o muro do condomínio que não é fiscalizado pela prefeitura. A pessoa vai e invade. Então, o muro, nessa área aqui, que é a mais crítica, protege o interno.

Raimundo dos Santos. ***Entrevista a agente bem informado*** *– síndico do Condomínio Vivendas do Atlântico. [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Ilhéus/BA, jun/2019, gravação de áudio, 1h20. Transcrição de áudio pela pesquisadora.*

CAIXA DE DIÁLOGO 15
SOBRE AS MEDIDAS PARA MELHORIA DO CONDOMÍNIO E O IMPACTO NO ENTORNO

Toda uma infraestrutura que a gente está acostumado a ver em capitais, ver a **periferia melhorando** porque na medida em que o conhecimento vai chegando, uma **onda que vai empurrando, assim, a singeleza da periferia para mais adiante**. Então, você olha, assim, antigamente, se você olhar para esse lado de cá você só via mata. Hoje você vê prédios, sabe? E por aí vai. E ao lado vem, para você alugar um ponto comercial aqui dentro, antes era 200,00 reais, hoje ... É a valorização que vem junto. [...] Em termos de serviços básicos nosso bairro é carente. Já houve um crescimento sim, voltando um pouquinho atrás e lembrando. Eu lembro que há uns dois anos tínhamos uma farmácia, uma única farmácia. Hoje se tem três farmácias de bom tamanho. Um outro mercado. Ele está se ampliando ali.

Raimundo dos Santos. ***Entrevista a agente bem informado*** *– síndico do Condomínio Vivendas do Atlântico. [entrevista cedida presencialmente a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Ilhéus/BA, jun/2019, gravação de áudio, 1h20. Transcrição de áudio pela pesquisadora.*

Registramos o entorno desse habitat residencial fechado, conforme pode-se verificar nas Figuras 51-55.



Figura 51. BAHIA - Ilhéus. Rede local-regional de supermercado. Entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria. Trabalho de campo, 2022.



Figura 52. Ilhéus-BA. Infraestrutura no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria. Trabalho de campo, 2022.



Figura 53. Ilhéus-BA. Infraestrutura no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria. Trabalho de campo, 2022.



Figura 54. Ilhéus-BA. Estruturas comerciais/consumo no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria. Trabalho de campo, 2022.



Figura 5. Ilhéus-BA. Expansão de habitats residenciais fechados no entorno do Condomínio Vivendas do Atlântico, bairro Nossa Senhora da Vitoria, distante cerca de 1km da orla sul. Trabalho de campo, 2022.

Nesse sentido, identifica-se a influência do capital imobiliário e financeiro na distribuição e localização dos habitats residenciais fechados, aliado a um discurso de uma dada qualidade de vida intramuros, o que estaria reforçando o consumo desses produtos imobiliários, como também, a valorização do solo urbano das áreas em que esses espaços residenciais são construídos ainda que, inicialmente, possa se valer dessa mesma condição (Caixas de Diálogo 16 e 17).

CAIXA DE DIÁLOGO 16
DAS PRÁTICAS ESPACIAIS

É o **coração da cidade**, bom eu estou me referindo ao **sul** que é onde eu conheço mais produzindo esse padrão, não é? De **uma faixa da elite** na da praia, né? E o pessoal fala para vender: Ah, você não quer comprar um terreno na beira da praia? Não, terreno na beira da estrada, não é? Porque a praia fica do outro lado. Não, obrigada! Mas é isso, não é? Na beira da **estrada uma faixa mais abastarda**. E aí toda **periferia escondida** ali atrás né. Acho que isso é a **falta intervenção** mesmo do **poder público** para melhorar as condições dos menos favorecidos economicamente.

Bell Hooks, 44 anos, divorciada, natural do interior de São Paulo, Doutora, professora em instituição de ensino superior pública na área de Humanidades, grupo familiar composto por três membros, sendo duas crianças em idade escolar e renda aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria no Condomínio Parque Universitário-Ilhéus, onde mora há 4 anos, possui carro próprio.

Esse aqui é uma coisa que eu vou por algumas necessidades, a gente, com o tempo, a gente vai ficando mais exigente e vai ficando também com o poder aquisitivo melhor. Eu posso me dar ao luxo de certas coisas.

Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria onde mora há 17 anos, carro próprio.

Bem, eu basicamente duas, né, feira de Santana como eu te disse, não tem muitas opções [lazer]. O shopping, né, cinema, que é bem próximo daqui, o Boulevard, fica a 3 km, se não me engano dá 3 ou 4 km daqui; barzinhos, aí tem a Avenida Fraga Maia, que é logo aqui em cima, né, é paralela a Ayrton Senna que é a que você passou, que tem alguns barzinhos, com música ao vivo, tem um pequeno shopping também, tirando isso tem o meu hobbie preferido que é viajar aí esse eu uso bastante.

Romário, 42 anos, solteiro, natural do interior da Bahia, superior incompleto, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de seis salários mínimos, casa unifamiliar própria onde mora há 4 anos, carro próprio.

É uma pergunta interessante, porque dentro do shopping você está num condomínio de lojas, é um condomínio comercial, o condomínio que eu moro é um condomínio residencial, ambos oferecem conforto, ambos oferecem a segurança e a comodidade, e a convivência também que ali você está convivendo também com pessoas, tem regras também: animais, horários, nem tudo você pode fazer no shopping. Então, eu acho que são espaços semelhantes, com funções distintas, né, um é consumo e o outro é moradia, a gente não vai morar num shopping, né, se bem que tem um hotel lá, é praticamente dentro, né, mesmo espaço, tem um hotel Ibis ali, tem academia, então, você tocou num ponto interessante são espaços que têm as suas semelhanças.

Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado onde mora há menos de um ano, carro próprio.

CAIXA DE DIÁLOGO 17
RELAÇÃO ENTRE CONOMÍNIO E OUTRA SAREAS DE CONSUMO

Tem, tem semelhanças porque é justamente essa questão da segurança também, porque o shopping é um ambiente fechado, tem seguranças, tem todo um aparato para te dar essa tranquilidade, então, eu acredito que tenha bastante, nunca tinha comprado não, mas realmente tem bastante semelhança, são dois ambientes fechados, que têm segurança, conforto, tranquilidade de estar nele, você não tem nenhuma surpresa, digamos assim. [Jorge Ferreira, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria onde mora há 3 anos, carro próprio.

Jorge Ferreira, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria onde mora há 3 anos, carro próprio.

A comodidade, pelo menos aqui onde eu frequento mais, não é? Aqui no Conquista Sul, a questão da comodidade, do estacionamento, lá, até agora, estão dizendo que vão cobrar, mas até agora não cobram. Aí, essa comodidade de você ter um lugar para estacionar, a questão, não vou mentir (risos), questão de você ter a comodidade das lojas, você não estar exposto ao sol, você não estar exposto ao calor. Lá dentro do shopping você tem a disponibilidade de uma lotérica, tem os caixas eletrônicos, tem farmácia, tem também uma diversidade grande de comércio ali dentro, tem a questão também, que eu não gosto muito por conta do barulho, a praça de alimentação, que tem uma diversidade de culinária muito grande é um atrativo também, não é? Então, você ver o diferencial em relação a isso. Não é que eu vou falar assim para você que eu gosto de ficar passeando no shopping, não é o passear, é o que necessito estar ali dentro do shopping.

Suzane Costa, 50 anos, divorciada, natural de Vitória da Conquista, superior completo na área de engenharia com atuação profissional na mesma área, grupo familiar formado por uma pessoa e renda familiar aproximada de 4 salários mínimos, apartamento próprio onde mora há 1 ano, carro próprio.

Acho que o nível socioeconômico das pessoas, o shopping, claro, embora todos tenham acesso livre, acho que é menos procurado pelas pessoas de baixa renda e já no centro da cidade, tanto Ilhéus como Itabuna, o trânsito é mais livre, a gente ver realmente mais pessoas com o poder aquisitivo menor. [...] Acho que essa questão mesmo de delimitar entrada, não é? Que o shopping tem segurança ali, tem câmeras, delimita entrada dá uma certa segurança, e essa questão mesmo de impedir que determinadas pessoas possam transitar, porque se você na portaria, interfona, a pessoa diz: não conheço, não sei quem é, não entra, não é? No shopping também se tem uma pessoa que esteja com comportamento que não esteja 'dentro do padrão" esperado ali, o segurança chega logo e lhe convida a se retirar, né, então, é mais ou menos assim. Ali passa a ser um espaço público privado, aqui é um espaço público porque tem muitas pessoas, mas é privado também, porque a gente tem o "direito" de botar algumas regras, é diferente da cinquentenário que a pessoa pode estar ali passando mal, pode estar ali deitada no chão, alguém vem pra tirar mais tarde, mas durante muito tempo fica ali, e pode se vestir e qualquer jeito, pode trajar de qualquer forma, pentear de qualquer forma.[

Lourdes Dantas, 66 anos, natural do interior da Bahia, divorciada, pós-graduada e atua profissionalmente na área da saúde e também ensina em instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria onde mora há 5 anos, carro próprio.

Em conjunto, tais ações implicam numa reorientação geral das práticas espaciais dos citadinos em relação à quando, onde e com quem socializar-se, consumir, locomover-se, morar e na conformação da ideia do outro, do alheio ao seu contexto social. Sua condição espacial tem como elemento estruturador a diferenciação que, ao ser combinada com estratégias mais elaboradas de separação, hierarquização social e espacial, corroboram na conformação de um *habitus* distintivo.

Como já procuramos descrever Mares (2016; 2017), esse processo ganha amplitude por apreender fenômenos complexos de natureza social, política e cultural, expressando-se em múltiplas formas espaciais e aprofundando-se no seio da sociedade de consumo. Sua produção realiza-se segundo padrões que fomentam a satisfação individual, cindindo a relação, no plano da sociabilidade, sobretudo, por acontecer em âmbito privado.

O habitat residencial fechado, como forma espacial que também é, e seus elementos técnicos de caracterização são produzidos como uma barreira concreta e simbólica. Nele, a sociabilidade tende a acontecer via relações programadas, enquanto que as atividades criadoras e espontâneas perdem espaço, literalmente e valorização.

4.4 Habitats residenciais fechados e cotidiano: transformações nas práticas espaciais e no uso da cidade

A prática espacial, como ação e como dimensão analítica, constantemente faz emergir novos elementos que estão além de determinações materiais, requerendo um olhar mais apurado para o campo simbólico e subjetivo que não apenas dê conta de desvendá-los, mas também, tornar cognoscível o conteúdo imaterial que qualifica o espaço e, ao mesmo tempo, dele emerge.

Tanto essa dimensão material, quanto a relação que se estabelece entre forma, conteúdo e representação são caminhos analíticos. No campo dos usos e apropriações, no entanto, além da noção de significado que se constrói desde o

espaço e que encontra respaldo no conceito geográfico de paisagem, estabelece-se a questão das ambiências e vivências, associadas às práticas espaciais que se somariam ao que se expressa no âmbito das representações.

Como meio de interpretação do processo de produção das cidades baianas selecionadas associadas, mais intimamente com a Teoria da Linguagem proposta por Lefebvre (1966), lidamos, nesta seção, sobretudo, com as metáforas, instrumento que compõe o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais – CIMR, com base em uma construção tridimensional que, de algum modo, anuncia a Teoria da Produção do Espaço desse mesmo autor (LEFEBVRE, 2013).

Como vimos desenvolvendo ao longo da tese, a proposta caminha na dialética triádica (forma-processo-significado), com o desafio de analisar a relação entre o cotidiano e as representações como expressão dos espaços vividos, ou seja, adentrar às dimensões da vida cotidiana reforçando o papel das representações no processo de produção e apropriação do espaço citadino, centrando nas práticas do habitar. Podemos, por meio do campo das representações, compreender os modos de reprodução das relações sociais.

Em Mares (2019), debatemos, alicerçados em referenciais diversos, sobre os sentidos do habitar, tendo a dimensão afetiva como dado de análise sobre a experiência urbana, dando destaque para o papel do medo, como principal afeto acionado na produção da cidade contemporânea. Partindo de elementos que nos permitiram refletir sobre a passagem da lógica de uma cidade mais compacta, estruturada a partir da relação entre centro e periferia, para uma lógica fragmentária, cuja forma é a cidade dispersa e policêntrica, tem se conformado um contexto em que a diferença foi se tornando insuportável, a ponto de grupos sociais que se sentem ameaçados usarem o discurso do medo e da segurança para promoverem diversas maneiras de evitação, ao mesmo tempo que novas formas de habitat surgem e fomentam este mesmo afeto.

Já em Mares (2021) retomamos essa ideia, agora com dados empíricos de nossa pesquisa que culminou nesta tese, analisando como o modo de produzir a cidade tem fortalecido uma divisão social nas cidades baianas que estudamos a ponto de reproduzir novas separações nas estruturas urbanas e, principalmente, nas relações entre os citadinos, passando a compor as suas subjetividades. Isso pode ser representativo de um novo tipo de rearranjo socioespacial da cidade com base nos modos de habitar, não apenas com certa ruptura do tecido urbano e complexificação das relações de sociabilidade.

Nesse sentido, julgamos necessário ir mais à fundo, mais uma vez em síntese reiterativa, e indicar que a análise crítica do espaço experimentado mostra que o espaço de experiência vivida não é uma simples moldura, nem uma forma neutra. Por isso, lançamos mão do quarto e último instrumento metodológico representacional, a metáfora.

O processo de metaforização é utilizado por jogar luz sobre dimensões subjetivas de difícil acesso e tratamento. Trata-se de mais um instrumento e modo de se apreender a dimensão social do imaginário do citadino, expressando-se nas representações do espaço.

As metáforas são aqui empreendidas como representação da experiência de habitação do(a)s sujeitos entrevistado(a)s analisadas em quatro categorizadas: originalidade, diversidade, distinção e particularidade, eleitas com base na crítica à banalização da diferença proposta por Lefebvre (1972). Evidentemente, não se trata de tomar os elementos teóricos desse autor como modelos rígidos, fechados para enquadrar a problemática investigada. Mas, sim, de elaborar um caminho concreto possível de lidar com as imaterialidades da prática social(material).

No que toca à categoria da *originalidade*, essa refere-se às metáforas que aludem à representação do que era a experiência urbana que precedeu a ida para o habitat residencial fechado, ou, ainda. que os sujeitos já tivessem a mesma experiência de habitação intramuros, como se estabeleceram as relações de socialidade, vizinhança e apropriação do espaço citadino desde a moradia atual.

Com essa categoria busca-se averiguar não necessariamente o exato presente, o real e suas características, mas antes, dar um passo atrás às motivações iniciais, conflitos, problemas etc.

Conforme a categorização proposta, é feita sua disposição em quadros com base nos quais lidamos com algumas sínteses com fins de análise e compreensão com base nas hipóteses aventadas nesta pesquisa. Do conjunto total de 21 moradores acessados, o Quando 18 expõe um conjunto de metáforas categorizadas como **originalidade**.

Concernente a um processo historicamente desigual que conformou o extenso território baiano e ao nível de articulação, organização e interação espacial dos centros urbanos, conforme analisado no capítulo II, tem-se uma estrutura urbano-regional bastante hierarquizada.

As cidades investigadas, Feira de Santana, Vitória da Conquista e a Aglomeração urbana Ilhéus-Itabuna, comparecem nas representações dos sujeitos entrevistados como aquelas detentoras de características como de fluxo de atração, intermediação e provedoras de bens e serviços urbanos à sua área de abrangência local-regional, ainda que haja distinções quantitativas e qualitativas no que tange à sua área de influência e conexões externas.

O processo de estruturação dessas cidades tem implicado/indicado numa relação entre permanências e mudanças, se considerarmos a manutenção de uma dinâmica agrária ainda bastante arraigada nas estruturas econômicas e comportamento social, mas, também, de uma nova reconfiguração intraurbana do trabalho pela inserção em uma economia capitalista globalizada (SPOSITO, M. (2017).

Quadro 18. BAHIA – Metaforização Socioespacial		
ORIGINALIDADE		
Sujeito entrevistado	**Metáfora**	**Significado**
Luiz Carlos, 54 anos, casado, natural do interior da Bahia, licenciado na área de engenharia, servidor público federal, grupo familiar composto por 4 membros e renda familiar aproximada de 12 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Vivendas do Atlântico - Ilhéus onde mora há 7 anos, carro próprio.	**Princesinha do sul**	Eu acho, assim, Ilhéus, a princesinha do sul, não é? Eu acho assim, uma **cidadezinha aconchegante**, tem o **produto** carro chefe da cidade que é o **cacau,** não é? Que sempre está tendo eventos, feiras essas coisas, e a gente acha isso **importante** quando a gente vê o **produto da terra** assim.
Aleselma, 38 anos, solteira, natural do interior da Bahia, doutora na área de ciências humanas, trabalha em instituição de nível superior pública, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 9 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Viva Mais Papagaio – Feira de Santana onde mora há 1 ano, carro próprio.	**A princesa do sertão**	Eu acho que Feira é a princesa do sertão, princesa no sentido de **destaque**, não é? De estar nesse limite, nessa **área de transição**, essa **porta**. Ela é **importante**. Feira é a princesa do sertão.
Simone Moreira, 32 anos, casada, natural do recôncavo baiano pós-graduada na área de engenharias, atuação técnica e na docência em instituição de ensino superior privada, grupo familiar composto por quatro membros e renda familiar	**A princesa do sertão**	Feira é conhecida como a "princesinha do sertão", não é? Acho que de fato, cai bem para cidade como "princesinha do sertão". Porque a gente tem aquela noção, eu tenho, de princesinha ser aquela coisa jeitosa, que acaba **atendendo todas expectativas**. Então, a gente olha e fala, você é uma princesinha, porque você atende à muitas expectativas, muita

aproximada de 11 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Viva Mais Papagaio – Feira de Santana onde mora há 4 anos, carro próprio.		coisa positiva. Então, eu acho que realmente caiu perfeitamente como a princesinha do sertão. Como eu te falei, eu acabo viajando esses 16 municípios o tempo todo e Feira de Santana **é um suporte**, é **o tudo** desse pessoal. Eu lido com as **pessoas mais afastadas**, da **zona rural**, das **áreas mais periféricas** da cidade mesmo, não só da zona rural. Ainda assim a zona rural, tem área que é mais periférica ainda. Então, eu acabo lidando muito com essas pessoas. Pessoas de **culturas diferentes, níveis sociais totalmente diferentes**. E aí a gente acaba tendo essa sensibilidade que muita gente está **buscando** Feira de Santana como uma **solução**, um **suporte**, um **apoio**. Por isso que acho que princesa do sertão cai certinho.
Jorge, 27 anos, casado, natural do litoral sul da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas atuando na iniciativa privada na área comercial, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 6 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Parque Vitória – Vitória da Conquista onde mora há 3 anos, carro próprio.	**Joia que precisa ser mais lapidada**	Eu vou utilizar a frase que falam muito de Conquista, não é? Falam que Vitória da Conquista é a joia do sertão. Conquista é uma **cidade do interior**, mas que tem um **potencial** de **crescimento** enorme, só que tem que tomar cuidado com esse crescimento, como a gente já falou aqui, porque tem muitas **áreas que elas são bem desenvolvidas**, enquanto outras são muito soltas, muito **deixadas ao léu**. Aí eu vou ficar com essa aí, é uma joia que precisa ser mais lapidada ainda.
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora], trabalho de campo (2019-2021). Elaboração: MARES, 2022.		

Esses três tipos urbanos analisados por sua função de intermediação como cidades médias, conforme apontado por Sposito e Silva (2017, p.24), destacam-se no processo de urbanização do Brasil por conterem condições favoráveis aos padrões do regime de acumulação, que busca uma maior flexibilização em seus processos econômico-territoriais, sendo esse tipo de cidade um elemento fundamental nas "intermediações de processos de expansão e do consumo moderno, notadamente organizado em redes e por grandes companhias de capitais nacionais e internacionais." (SPOSITO; SILVA, 2017, p.24)

Atrelada ao extrato da urbanização, opera-se uma manipulação própria da operatividade simbólica (HOTTOIS, 1992), que tem por base alusões quanto a certas qualificações como a de progresso, de lugar de possibilidades, de desenvolvimento regional/nacional, o que, para Silveira (2002), somada a uma competividade própria do mercado, explicaria o que a autora chama de guerras entre cidades para alocar capitais. Essas duas referências indicam a condição de cidade média no plano discursivo e no plano funcional, daí sua presença no campo metafórico, como indicado no Quadro 18.

Desse modo, necessário se faz considerar como o peso das alterações trazidas no bojo da urbanização interferiram na rede urbana e fizeram com que as cidades passassem a exercer novos papéis, contraditoriamente, também alterando o processo maior. Isto é, avaliar o modo como cada uma dessas cidades foi incorporada ao ciclo de reprodução do capital, na fase atual, em que ampliam-se as imposições do capital financeiro e, por outro lado, o capital produtivo, vinculado aos setores primários e secundários, que redefinem-se pela expansão do setor terciário, independente de superior, inferior ou marginal.

Também, há de se considerar o caráter temporal, da historicidade que não se descola quando lidamos com as mudanças na produção dessas cidades, especialmente como no caso da aglomeração urbana, mas especificamente, da cidade de Ilhéus, mas que se generaliza se considerarmos o processo de

colonização (relações de poder), escravização (relações econômicas; distinção), cicatrizes profundas na formação socioespacial (SANTOS, M. 1977) do Brasil. São as memórias de tempos pretéritos e o compasso dinâmico do devir social conformando a dinâmica de produção dessas cidades. Logo,

> A crítica da vida cotidiana não se contenta com uma análise de temporalidades cotidianas, mas as pensa em suas articulações históricas com as transformações históricas. As transformações históricas são o resultado da sobreposição de transformações de sistemas parciais (por exemplo: sistema agrários, sistemas de parentescos, ritos, etc.), que acarretam sobrevivências e memórias que desempenham papéis em suas trajetórias, assim como ritmos históricos diversos. (REVOL, 2021, p. 34).

Nesse sentido, "as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção" (SANTOS, 1977, p. 87) denotando as particularidades locais, apesar de o local tender a uma reprodução global. Por tratar-se de um processo desigual e excludente, produz um grupo de excluídos, como também fora notado na metáfora "é preciso lapidar".

Em relação aos tempos sociais, Lefebvre (2021) afirma apresentarem uma diversidade de possibilidades, contraditórias, de um pretérito aparentemente rico e de revoluções as quais impõem bruscamente o novo conteúdo e, por vezes, passando a modificar a forma da sociedade, pontua:

> Os tempos históricos se lentificam ou se aceleram, avançam ou retrocedem, seguem em prospecção ou em retrospecção. Segundo qual critério? Segundo as representações e as decisões políticas, mas também segundo as perspectivas adotadas pelo historiador. Obviamente para que exista uma *mudança*, é preciso que um grupo social, uma classe ou uma casta intervenha imprimindo um vitimo a uma época, seja pela força, seja pela de maneira insinuante. No curso de uma crise, em uma situação crítica, é preciso que um grupo se designe como *inovador* ou *produtor* de *sentido*. E que seus atos se inscrevam na *realidade*. (LEFEBVRE, 2021, p. 67, grifos do autor).

Associando a essa ideia, Gottdiener (2010) afirma que a produção do espaço não ocorre apenas por meio de processos econômicos estritos, mas sobretudo, por uma articulação conjunta do Estado e do setor privado,

especialmente, os promotores imobiliários, como frentes mais atuantes nas transformações espaciais nas cidades contemporâneas. Nesse sentido, trazemos o Quadro 19, com a **categoria diversidade** para reflexão dessas relações reveladas nas metáforas dos citadinos. Com a categoria da *diversidade*, analisa-se as metáforas que aludem a uma dada descrição da experiência do habitar, de viver uma cidade como meio de captar o que se atribui como originalidade (em tese, essencial à diferença) nessa transformação na reorganização das funções urbanas e do habitat no bojo da urbanização contemporânea. O que poderia marcar essa passagem?

Tem-se uma ampliação dos papéis administrativos dessas cidades, sobretudo, por serem estratégicas nos suprimentos de demandas sociais locais-regionais. Logo, é considerar essas cidades como estratégicas, tanto do ponto de vista da descentralização e da tomada de decisão, do acompanhamento, mas, também, promover e garantir a acessibilidade das pessoas das cidades pequenas para essas cidades estratégicas.

Quadro 19. BAHIA – Metaforização Socioespacial		
DIVERSIDADE		
Sujeito entrevistado	**Metáfora**	**Significado**
Alda, 45 anos, casada, natural do interior da Bahia, superior completo e atuação profissional da área de ciências da saúde, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 15 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Cidadelle House - Ilhéus onde mora há 2 anos, carro próprio.	**A propaganda do condomínio "Venha viver o melhor"**	Eu acho que independente do que eu falei, de questões que a gente ainda precisaria para ter uma cidade melhor, **eu sinto que eu vivo no melhor**. No melhor assim, que eu estou satisfeita com o que eu estou vivendo, poderia ser melhor, mas para mim, tenho minha família, tenho meu trabalho, tenho meu lazer, eu me sinto muito satisfeita. Em **termos de vida**, não tenho do que reclamar, não. **Satisfação de um modo geral.**
Roberto Carlos, 54 anos, divorciado, natural de Salvador-BA, funcionário público efetivo em instituição de ensino superior pública - professor da área de humanidades, tem uma filha adulta, mora sozinho em apartamento alugado no condomínio Praias do Atlântico-Ilhéus onde mora há 4 anos, não possui carro, é ciclista e transporte público.	**Ilhéus é como Gabriela banguela: bela, charmosa, mas com a boca fechada**	Então, ela é como a Gabriela banguela, bela, charmosa, mas com a boca fechada. Deu um sorriso, aí pronto, **você vê a cidade**. No fundo, no fundo, a cidade ela **poderia ser realmente algo maravilhoso**, proporcionar ao morador da cidade algo a mais e, no entanto, ela **não oferece**. Você fica na expectativa que você terá e que se frustra quando percebe que você não vai ter **acesso** a isso, não vai aparecer isso na cidade ou, quando aparece, são **soluções políticas** que levam somente ao mais do mesmo e **não apresentam saídas transformadoras.** [...] São **maquiagens**, no fundo, no fundo são maquiagens. Você espera uma transformação e ela não vai acontecer. [...] Ilhéus ainda está **preso** em turismo **tradicional** e aquele turismo que vai com um guia: olha, aqui é a casa do coronel fulano de tal, aqui é a casa de Jorge Amado, aqui é a casa da Gabriela, vai mostrar essas coisas todas. [...] Então, por isso, de certa maneira, eu me sinto, eu digo que é uma Gabriela, você espera... quando a gente fala de Gabriela, nós sempre criamos essa imagem de uma mulher bonita, tá? Realmente quando eu li "Gabriela cravo e canela", eu fantasiei uma mulher muito bonita, então, quando eu olho para Ilhéus e procuro a mulher bonita que é Ilhéus e eu vejo, quando ela começa a falar eu fico frustrado. Está banguela, não sabe falar direito, certo. Não se expressa direito, não tem uma opinião própria, não influencia como uma mulher forte como Gabriela influencia, ela não vai te influenciar, ela fica à mercê do que os outros dizem. Então, para mim, é uma mulher que deixa uma frustração. Porque mulher para mim não é só ser uma mulher bonita ela tem de exercer um forte poder sobre mim, o que eu agradeço, quanto maior o poder sobre mim, melhor ainda, tá? Porque eu não sou machista, longe disto. Mas, enfim, é isso. Apesar de fazer uma comparação feminista, mas é isso que eu vejo. Poderia ser, em vez de olhar a Gabriela banguela, poderia ser o Jorge Amado banguela, tá? Para mim tanto faz. E pode ser realmente o Jorge Amando banguela, tá? Eu fico frustrado com a cidade, poderia oferecer mais e não oferece, tem como oferecer mais e não oferece.

Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, privativa unifamiliar assobradada isolada, no condomínio Jardim das Hortênsias-Itabuna, onde mora há 2 anos, carro próprio.	**Não consegue atrair para permanecer as pessoas que se destacam na cidade**	Então, a gente vê que de Itabuna **saíram** grandes escritores, Jorge Amado saiu de Itabuna, saiu de Ilhéus, existe até essa rivalidade entre Itabuna e Ilhéus. Itabuna já saíram jogadores de futebol aqui dessa cidade. Então, eu lhe diria que Itabuna conseguiu **fazer grandes cidadãos**, mas, que esse cidadão se desligou totalmente de Itabuna. Talvez por faltar do que nós comentamos aqui, não é? Faltar lazer, faltar comércio, então, você vê, por exemplo, Aldair foi jogador da Seleção Brasileira, foi jogador do Flamengo, saiu daqui de Itabuna, mas, nunca voltou aqui. Saiu da região, deixou de ser jogador, mas não tem **nenhum vínculo** aqui. O próprio Jorge Amado saiu da região, mas não deixou vínculos aqui.
Sérgio, 54 anos, divorciado, natural de Feira de Santana/BA, superior completo na área de ciências sociais aplicada, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Vivendas Canto do Sol- Feira de Santana onde mora há 10 anos, carro próprio.	**É uma cidade mãe**	Feira de Santana, o que eu ia dizer, para mim é uma minha terra natal, **meu lar**, simplesmente, não é? E aqui eu **planejei** toda a minha vida. É uma cidade mãe, que cuida de mim. Aqui nada deixa faltar, **tem tudo**, como eu falei, todo suprimento, todas as especializações e **mão de obra** e tem tudo que eu necessito. **Não precisa eu ir para outra cidade** pra nada, é por isso é uma cidade mãe. Ela cuida de mim, me dá tudo que eu preciso, e tem tudo que eu preciso, é meu lar.
Rute, 61 anos, divorciada, natural da região Sudeste do Brasil, doutra na área de humanidades, professora de instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por um membro e renda familiar aproximada de 13 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Bosque Imperial – Feira de Santana onde mora há 17 anos, carro próprio.	**Trabalho**	Feira, acho que não é só para mim, não, Feira é uma **cidade de trabalho**, as pessoas trabalham aqui, e só não sai para ter um lazer fora quem não pode, porque é muito comum aqui, muito comum, as pessoas têm casas ou geralmente em Salvador, geralmente apartamentos. Eu tive porque minha filha precisou, mas tem gente que tem, não tem nada em Salvador, não tem parente, não tem família, não tem filho, mas tem que ter um apartamento, porque vai muito, então tem quer ter uma estrutura lá, seja um apartamento maior, um apartamento menor, mas tem uma **estrutura montada lá.** Fica a casa de praia, é muito, muito comum. Vem aqui no **verão**, a cidade está **vazia**, você vem aqui no natal ainda tem gente aqui, mas passou o natal a cidade esvazia. E até mesmo as pessoas de **renda menor se mandam** e o lazer de praia é ilha, as pessoas **mais pobres** vão para **o Sul, que** eu não conheço, diz que era muito bonito, mas como cresceu desordenadamente e o **perfil das pessoa é muito bagunçado, que é muito desagradável,** é onde a população acessa, aí quem tem uma **condição um pouco melhor** vai pra Ilha, tem casas na ilha ou aluga, e quem tem uma **condição maior aí é no litoral norte**, que tem propriedade ou aluga, ou vai para *resort*, pousada, esse tipo de coisa. Eu acho que as pessoas têm uma relação mesmo de trabalho, isso da **cidade ser um entroncamento rodoviário**, uma cidade que **nasceu de comércio**, comércio muito forte, muito forte, pessoas que os pais não são feirenses, mas vieram para cá e os filhos moraram aqui. Quando eu vim trabalhar em Feira, eu tinha quase 30 anos, era difícil você ver, um feirense. E tem gente que **vem e volta**, não aguenta, porque falta esse pertencimento. Bom, não tem "nascife" (risos), as **pessoas são muito fechada**s em suas **próprias bolhas**, em suas próprias famílias, não agregam o de fora, você entrar numa bolha dessa você tem que ser muito especial, por isso **criam-se outras bolhas** que são os de fora. E, quando não tem trabalho, oh, cai fora. Porque a cidade, **só vai te oferecer comércio, para você consumir**, compras, ou bar, bar, bar, não dá. Aí ninguém aguenta. Aqui é muito comum, muito comum. É porque Conquista é longe, para você entender, se Conquista tivesse **polarizada por uma cidade grande**, próximo, muito próxima, com uma estrada que são duas pistas e tal, tudo favorece. Mas, aqui, fica todo mundo de olho em Salvador. Aqui, também, é a única cidade de interior que eu morei na

		vida, não é? Quando eu vim pra cá era muito ruim, muito ruim de viver, melhorou demais, mas, **melhorou na infraestrutura**, mas na **mentalidade das pessoas, não**. É por isso que não dá, a gente não consegue ter muitas relações interpessoais, sabe? Não consegue. Aí, Salvador está aí, né, pertinho (risos). É muito fácil você acessar. Daqui você vai para Juazeiro e Petrolina, é uma delícia ir para o rio, você vai para a chapada, você vai pro sertão, por aqui passa tudo, você vai para Conquista, Minas, São Paulo, tudo passa aqui**, rotas de fuga.**
Romário, 42 anos, solteiro, natural do interior da Bahia, superior incompleto, funcionário público federal, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de seis salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Accqua Ville – Feira de Santana onde mora há 4 anos, carro próprio.	**Amor e ódio**	Eu acho que essa define bem, **eu gosto** da cidade, gostaria de **melhorar** ela de alguma forma, eu contribuo fazendo a minha parte como **cidadão** e agindo da melhor forma possível, não perfeito, não é? Mas da melhor forma possível. Então, eu gosto da cidade, gostaria de vê-la melhor, mas, eu **gosto também de sair dela**, eu me **estresso** muito no **trânsito** de Feira, com as **pessoas** de Feira, o **jeito** das pessoas se relacionarem, estranho. Hoje eu estava conversando com meu sobrinho, é muito mercantilista as relações aqui, até as **relações elas são bem mercantilizadas**. Feira, isso é um ponto que chama a atenção, você sai para tomar uma cerveja com a menina pensando em algo ela já está pensando na faculdade, na academia, na sandália de presente, isso é uma coisa bem característica também, é uma **cidade comercial** (risos).
Suzane, 50 anos, divorciada, natural de Vitória da Conquista, superior completo na área de engenharia com atuação profissional na mesma área, grupo familiar formado por uma pessoa e renda familiar aproximada de 4 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Jardim Guanabara – Vitória da Conquista onde mora há 1 ano, carro próprio.	**É uma máquina que não para**	Eu acho que seria mesmo a questão de uma **cidade** que está em **constante evolução**, sabe? Conquista está **desenvolvendo** cada vez mais. A gente faz até um comparativo agora com a **construção civil**, a gente pensou que Conquista ia parar. Conquista **não parou**, Conquista não parou de jeito nenhum. Tem empreendedor aí que está fazendo 3, 4 condomínios do ano de 2019 para agora, entendeu? Eu acho mesmo que seria a questão do desenvolvimento dentro de Conquista. É uma máquina que não para. Entendeu? E não é só da construção civil, como eu falei para você, é **comércio**, é **indústria**, é **tudo**.
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora], trabalho de campo (2019-2021). Elaboração: MARES, 2022.		

Logo, os apontamentos relatados pelos moradores, ao fazerem suas analogias à cada cidade, permite-nos assinalar que as dinâmicas locacionais empreendidas justificam-se pelo nível hierárquico a qual pertencem, espaços urbanos não metropolitanos, com situação geográfica favorável tanto pensando a polarização regional no favorecimento e impulso ao consumo, característicos aos três tipos urbanos, como também, do ponto de vista da logística. Se considerarmos que o modelo rodoviarista é uma característica da dinâmica urbana das cidades brasileiras, conforme afirma Legroux (2021)

> Na realidade urbana brasileira, nas metrópoles –mas não somente4-o "modelo rodoviarista" refere-se à constituição de sistemas urbanos, em que predominam as infraestruturas viárias (pontes, túneis, rotatórias, viadutos, anéis rodoviários, vias expressas, contornos, retornos e estacionamentos) e os modos motorizados, isto é, o automóvel e as motocicletas em termos de transporte individual e os ônibus, principalmente, em termos de transporte coletivo. Este sistema participa de morfologias urbanas segregadas e fragmentadas, porque, paradoxalmente, estas infraestruturas que "conectam" fragmentos, criam inúmeras barreiras físicas e linhas que cortam literalmente o espaço físico. (LEGROUX, 2021, p. 4).

Ao tratar dos impactos do modelo rodoviarista, esse autor destaca a intensificação de rupturas, descontinuidades, fragmentos, dispersão urbana que, somados a um modo de vida em que o padrão dominante de acessibilidade no espaço citadino, prioriza a garantia de acesso a áreas especializadas e parcelando o cotidiano. Condição bem marcante nos exemplos das cidades de Feira de Santana e Vitória da Conquista que, além de marcar uma segmentação físico-material, estrutura, de modo também segmentado, as relações de sociabilidade, como destacado por Mares e Whitacker (2019),

> As lógicas de consumo que, historicamente, promoveram alterações no espaço e na vida social urbana realizam-se num contexto mais complexo no período contemporâneo, o que aponta para uma relação entre a produção da cidade e os conflitos de classe reveladores de processos que fomentam uma segmentação social. Como uma vertente desse processo, tem-se a produção de formas espaciais de consumo distintivo,

> representação da canalização de interesses de agentes fundiários, imobiliários e do próprio Estado, os quais, no ato de produzir a cidade, promovem um "corte" pelo estrato de renda que indica o perfil de quem consome ou se apropria de determinadas áreas, materializando espacialmente uma separação social e econômica com influência direta nas relações de sociabilidade urbana. (MARES; WHITACKER, 2019, p. 321).

Os interesses de valorização imobiliária agem duplamente na produção do espaço em razão dessas lógicas locacionais promoverem um processo de reestruturação da cidade e, associado a isso, influenciarem na segmentação das práticas espaciais, da sociabilidade, das representações. Como aponta Jovchelovitch (1995), muitas práticas espaciais são materializações de uma dada produção simbólica, concretizada nas representações sociais, na vida social.

Para Sposito, M. (2017), tais dinâmicas promovem uma extensão do tecido urbano para além da cidade, o que é representativo do período contemporâneo, isto é, a produção de uma cidade dispersa (forma) e uma urbanização difusa (processo), expressando-se em uma estrutura urbana-regional tendencialmente reticular, como descrito por Figueiredo (2019) para o caso da implementação de espaços residenciais fechados na cidade de Feira de Santana,

> Por meio dos ERF, novas frentes de expansão urbana foram abertas pelo setor imobiliário. O poder executivo propôs a ampliação da área urbana e criou 6 novos bairros, transformando áreas rurais em urbanas. Nesse momento houve uma super-valorização dos terrenos. O que antes era comercializado como rural passou a ser comercializado como urbano, mesmo sem a infraestrutura necessária. (FIGUEIREDO, 2019, p, 122).

Esse tipo de rearranjo e surgimento de novas áreas complexifica a estrutura das cidades, alterando os fluxos, áreas de interesse e, por conseguinte, promove uma ampliação das distâncias, físicas e simbólicas, já que nos referimos a um processo que favorece conflitos nas relações de integração e sociabilidade, tensionando a convivência com as diferenças.

Um elemento importante nesse processo se dá pela reorganização das funções urbanas e do habitat, isto é, esta tipologia de moradia atua descontruindo a ideia do habitar e da cidade contra o que se conhece e se vivencia como vida urbana (LINDÓN, 2006). Para essa autora, trata-se de uma desconstrução produzida, sobretudo, enquanto vida social e simbólica, de uma vida urbana imbricada nas formas espaciais. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 20, a **categoria da distinção**.

Distinção é outra categoria pensada para fazer referência ao que marca essencialmente a opção por morar em habitats residenciais fechados, a um modo de pensar, a um modo de vida (pretendida? vivida? simulada?), a uma ética e a uma estética. Trata-se de categoria com a qual se busca reflexionar o distanciamento pretendido de uma realidade outra (externa; anterior; indesejada; inesperada) com a qual a [nova] forma de habitar supõe fazer distinção, ou, antes, um simulacro ou simulação (BAUDRILLARD, 1991) de adjetivos associados a classes e grupos sociais.

Quadro 20. BAHIA – Metaforização Socioespacial		
DISTINÇÃO		
Sujeito entrevistado	**Metáfora**	**Significado**
Bell Hooks, 44 anos, divorciada, natural do interior de São Paulo, Doutora, professora em instituição de ensino superior pública na área de Humanidades, grupo familiar composto por quatro membros, sendo duas crianças em idade escolar e renda aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar	**Escravidão no Brasil**	A partir da minha **experiência de habitação** em Ilhéus eu conheço a história da **escravidão no Brasil**. Eu comecei a estudar e entender melhor o que a gente falava sobre a escravidão no Brasil quando eu cheguei em Ilhéus. Nas **relações sociais**, na **organização do espaço, no machismo**, sabe? Uma série de **resquícios** que a gente encontra todo dia **andando pela cidade** de Ilhéus. Aquela pseud. **elite** que se acha **branca**, mas não é, se acha **rica**, mas não é. Que é justamente **a elite do atraso** se a gente vai usar um termo referente à classe dos feitores que está **modernizada**. É isso. Aí em Ilhéus é muito mais evidente que qualquer outra cidade que eu já morei antes daqui.

assobradada isolada própria no condomínio Parque Universitário – Ilhéus, onde mora há 4 anos com seus dois filhos, possui carro próprio.		
Casagrande, 26 anos, em união estável, natural do litoral sul da Bahia, estudante de doutorado na área das engenharias, professor da educação básica, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada alugada no condomínio Parque Universitário – Ilhéus, onde mora há 4 anos, carro próprio.	**Perfumezinho com o nome coronel**	Metaforicamente eu acho que eu colocaria ainda os **coronéis dominando** tudo. Eu colocaria isso, que o cheiro, eu colocaria aqui um perfumezinho com o nome **coronel dando odor pela cidade toda,** acho que é isso, colocaria nas **ruas**, colocaria esse perfumezinho, colocaria esse perfumezinho em todos os ambientes: **lojas, ruas, desenho de ruas**, em tudo eu colocaria o cheiro do coronel, Que **acabou o cacau**, acabou, mas o **ranço ficou**. Então, assim, de **achar que pode tudo**, de achar que é sempre certo, de achar … eu acho que essa seria a metáfora para Ilhéus.
Fagner, 69 anos, casado, natural de Ilhéus, ensino médio completo, aposentado, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 8 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio Vivendas do Atlântico - Ilhéus onde mora há 15 anos, carro próprio.	**Uma ratoeira**	Aqui é um **final de linha**. Sabe porque Ilhéus não tem muito assalto? Assalto (risos) se eles vierem, eles vão entrar por Itabuna, não é? eles vão entrar por Itabuna e para sair, tem que sair por Itabuna também. Uma **ilha**, não é? Na verdade, nós somos uma ilha, **uma caixa**. **Ilha dos coronéis, sociedade fechadas,** ela é fechada, aquela coisa de **um nome**, eu sou neto do barão, eu sou ... e tal. Porque aqui era, como é? A terra do cacau, não é? Recentemente perdeu essa condição.

Marrone, 45 anos, casado, natural de Salvador, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, funcionário público federal, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de 26 salários mínimos, apartamento alugado no condomínio Senador Life-Feira de Santana, onde mora há menos de um ano, carro próprio.	**Pretendia ser Paris**	**Paris** tem a igreja tal, e aqui tem a Senhor dos Passos, Paris tem a Torre Eiffel, aqui tem a torre do Tomba que é "altona". Aí fala Paris tem a Champs-Elysées e aqui tem a Getúlio Vargas grandona assim. Aí ele **compara** bastante. Foi no jornal Correio da Bahia que o cara comparou assim e o pessoal daqui não gostou não, a comparação. Eu achei extraordinária a comparação dele, foi bem inteligente, ele falava que **não é porque o poder público não quer**, ele estava dizendo. Pessoal achou que foi uma chacota, mas ele falou que a igrejas aqui ele achava tão bonita quanto as de lá, mas que o pessoal daqui dava **valor** a de lá, que a Getúlio Vargas que ele falou poderia ser melhor organizada aqui e tentar ser igual de lá com várias lojas, concessionárias grandes assim. Aí no natal hoje já tão fazendo tudo iluminado a cidade, ai ele falou o natal luz já chegou perto. Aí ele fez várias comparações assim, algumas são esdrúxulas, mas outras são coisas assim para se pensar, entendeu. Foi no jornal o Correio da Bahia, o pessoal daqui não gostou não, mas, foi bastante inteligente, foi em termos de chacota assim eu acho, mas ele pegar os locais assim, lá tem a Torre Eiffel e aqui tem a torre Tomba que você vê de qualquer lugar, aqui tem tal igreja, igreja lá, uma cidade com duas paralelas grandes, a Presidente Dutra e Getúlio Vargas, e **ninguém dá valor**, e arborizadas, mas ninguém dá valor, não dá valor **porque é Feira de Santana.**
Noberto, 30 anos, casado, natural de Vitória da Conquista/BA, superior completa na área de engenharias mesma área de atuação técnica, grupo familiar composto por três membros e renda familiar aproximada de	**Suíça baiana**	Tem uma coisa que o pessoal fala muito de Conquista que é aquela questão da "Suíça baiana", eu acho que tem a ver, sim. Tem muito a ver.

13 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Ouro Verde – Vitória da Conquista onde mora há 4 anos, carro próprio.		
Janio, 29 anos, casado, natural do interior da Bahia, ensino médio técnico completo, profissional da área ambiental, grupo familiar formado por três membros e renda familiar aproximada de 5 salários mínimos, apartamento próprio no condomínio Parque Vitória Sul – Vitória da Conquista onde mora há 1 ano, carro próprio.	**Suíça baiana**	Conquista fala que é a suíça baiana, não é? Eu acho que seria isso.
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora], trabalho de campo (2019-2021). Elaboração: MARES, 2022.		

O desenvolvimento do Quadro 20 traz mais elementos que nos ajudam em nossa argumentação na defesa de que, com as transformações das formas de habitar pela reorganização das funções urbanas e do habitat, as práticas espaciais do habitar nas cidades investigadas são uma expressão da desigualdade e enfraquecimento da experiência urbana, culminando em formas mais radicais e profundas de apartação socioespacial.

Numa tentativa de contextualizar essas transformações na América Latina e o objetivo em compreender a diferenciação socioespacial com base em nossas especificidades, Sposito, M. (2019) aponta como princípio considerar que as desigualdades são parte da nossa histórica e base social da apropriação do território pelo processo de colonização.

Se consideramos esse retorno ao passado para explicar os acontecimentos presentes, as metáforas indicadas no Quadro 20 são bastante elucidativas do que poderia marcar, essencialmente, o pano de fundo desses processos contemporâneos de segmentação, hierarquização e fragmentação socioespacial.

Tomando por referência que as desigualdades sociais são a base social de apropriação do território e essencialmente constitutivas da sociedade, tem-se o capitalismo industrial monopolista como uma barreira para uma pretendida equidade em um contexto como o do Brasil, de uma dependência econômica neocolonial, atrelado à problemática do desenvolvimento desigual e combinado. Sobre isto Gonzales (2020) destaca,

> Três processos de acumulação qualitativamente distintos coexistem na formação econômica brasileira e dão a marca da sua complexidade: capital comercial, capital industrial competitivo e capital industrial monopolista. A presença desses três processos de acumulação, sob a hegemonia do capital monopolista, remete-nos ao fato de que o desenvolvimento desigual e combinado acaba por integrar momentos históricos diversos. (GONZALES, 2020, p.45).

Nesse sentido, Almeida (2018) afirma que, em se tratando da formação econômica brasileira, é necessário considerar as reações entre trabalho assalariado e trabalho escravo como estrutural e dialeticamente integradas. Para esse autor, por meio da conjugação nacionalismo/racismo, o sistema capitalista cria distintas formas de unidades contraditórias na constituição de sociedades como o Brasil. Para Almeida (2018):

> A ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores – como no caso da colonização -, mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados, como se pode observar no cotidiano das populações negras e indígenas. (ALMEIDA, 2018, p. 178).

Nesse sentido, o racismo constitui a política e a economia, isto é, é fator estrutural que organiza as relações econômicas e políticas fazendo com que o

racismo seja marcador estruturante da formação socioespacial do território brasileiro. Enquanto uma ferramenta do capitalismo, racismo torna-se uma eficaz tecnologia de controle social, nas palavras de Almeida (2018):

> Isso significa dizer que a desigualdade racial é um elemento constitutivo das relações mercantis e de classe, de tal sorte que a modernização da economia e até o seu desenvolvimento podem representar momentos de adaptação dos parâmetros raciais a novas etapas da acumulação capitalista. Em suma: para se renovar, o capitalismo precisa muitas vezes renovar o racismo, como por exemplo, substituir o racismo oficial e a segregação legalizada pela indiferença diante da igualdade racial sob o manto da democracia. (ALMEIDA, 2018, p. 184).

Ainda que nossa compreensão considere o racismo como estruturante da realidade socioeconômica do Brasil e um marcador estruturante e não um recorte temático para problematizar determinado tema, não adentraremos ao denso e necessário debate. Fez-se uma aproximação aqui em virtude de ter comparecido nos relatos de moradores dos habitats residenciais fechados, ora de modo mais velado, escapando por entre descrições de uma população do entorno indesejada, apontada por um agente bem-informado, um síndico, ora mais direto como no caso da metáfora em depoimentos quando no momento de entrevista acerca de questões sobre conflitos internos na relação social condominial e sobre acesso a serviços como educação, conforme as Caixas de diálogo 18 e 19 descrevem.

CAIXA DE DIÁLOGO 18
SOBRE O TEMA DA INSEGURANÇA NA CIDADE

Assim, deixa eu só acrescentar uma coisa aqui na parte de insegurança, é outra coisa que eu penso. O namorado da minha filha, meu genro, que está até morando aqui, ele é negro, e as vezes, por exemplo, quando ele sai daqui de casa tarde para algum lugar, eu tenho essa insegurança de voltar para casa dele que é um bairro mais distante, eu tenho essa insegurança, sabe? Que eu falo, Ana [nome fictício], é melhor João [nome fictício] ficar aqui, dormir aqui. Porque é uma insegurança, não é? Em relação à própria polícia, inclusive, sabe? [***pesquisadora: o perfil, no caso, colocando essa questão racial, o perfil do condomínio, então, é branco?]*** A maioria é branco, acho que tem pouco, tem negro que mora aqui, mas são poucos, são poucos, têm poucos negros. A maioria é essa classe ... tem muito médico, muito advogado, muito empresário, sabe? Que são as pessoas que começaram a morar aqui de uns anos para cá. Quando eu mudei o perfil era diferente era bancário, professor, servidor público, e aí, depois que foi valorizando muita gente vendeu, foi saindo e vem morando outras pessoas, não é? Foi mudando o nível e é isso.

Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completo na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio GreenVille-Vitória da Conquista onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.

CAIXA DE DIÁLOGO 19
EXPLICAÇÃO SOBRE O CROQUI DA CIDADE

Eu acho Itabuna uma cidade de extremamente pobre. Eu, quando mudei para Itabuna, eu nunca me senti realizado em morar em Itabuna. Sempre achei Itabuna cidade insegura, uma cidade que não oferece lazer, a área de lazer de Itabuna é muito ruim, eu acho a própria educação. Eu sempre fui um crítico, eu acho que a educação de Itabuna ela está abaixo do necessário de conhecimento de Itabuna. Alguns anos atrás era muito pobre a nível Educacional, nós sempre tivemos UESC aqui que é uma faculdade que divide Itabuna e Ilhéus, tínhamos alguns cursos, mas que ficava, assim, muito restrito. Itabuna veio ter faculdades particulares, faculdades aos quais proporcionam maior acesso. Eu tive uma dificuldade, meus filhos, quando terminaram o segundo grau por terem feito esse estudo todo em colégios particulares, aí eles ficavam fora do sistema de cotas da faculdade pública e não se tinha faculdade particular. Então você faz vestibular e muitas vezes você vê que seu filho ficou de fora pelas costas. Eu sempre fui um crítico ferrenho ao sistema de cotas porque voltando um pouco no tempo quando eu estudava, os melhores colégios eram os colégios públicos o meu segundo grau eu fiz em colégios públicos não porque meus pais não poderiam pagar os particulares, mas que o público era considerado o melhor. Então aí você vai sistema de cota aí você se sente penalizado como eu me senti por ter bancado os estudos dos meus filhos, dos meus dois filhos em um colégio particular para que ele estivesse um conhecimento melhor e aí eles passaram a ser penalizado por causa desse processo, eles ficavam fora de um processo de cota por ter estudado em colégio particular.

Luiz Inácio, 51 anos, casado, natural do interior da Bahia, superior completo na área de ciências sociais aplicadas, trabalho no ramo de marketing laboratorial, grupo familiar composto por dois membros e renda familiar aproximada de 17 salários mínimos, privativa unifamiliar assobradada isolada, no condomínio Jardim das Hortênsias - Itabuna onde mora há 2 anos, carro próprio.

Acreditamos que a menção racial suscitada durante a entrevista teve como indutor um corpo negro em situação, isto é, o lugar de uma pesquisadora negra[27] parece ter confrontado temas tão densos à realidade estudada, o que, suspeitamos, poderia não acontecer sendo o interlocutor desse entrevistado uma pessoa fenotipicamente branca.

A aproximação aqui feita justifica-se, ainda, por compor o argumento de que a desigualdade social é aprofundada no processo contemporâneo de produção do espaço urbano, refletindo nestes espaços as formas resultantes das desigualdades. Reforça-se a condição estruturante dessas desigualdades o marcador racial, sob ordenamento do Estado no capitalismo como mantenedor da liberdade e igualdade formais e a proteção da propriedade privada: "O papel do Estado no capitalismo é essencial: a manutenção da ordem – "garantia da

[27] Outras situações vivenciadas durante o trabalho de campo, como quando , na cidade de Ilhéus, a esposa de um respondente, que não participou do momento de entrevista, adentrou ao recinto ao final dizendo que demorou a estar ali porque foi pentear o cabelo (que era alisado quimicamente) e que eu (com cabelo crespo natural e que estava solto) não tinha essa preocupação porque eu não penteava o meu cabelo.

liberdade e da igualdade formais e a proteção da propriedade privada do cumprimento de contratos - e a "internalização das múltiplas contradições", seja pela coação física, seja por meio da produção de discursos ideológicos justificadores da dominação." (ALMEIDA, 2018, p. 72).

O privilegio racial é uma característica que marca a sociedade brasileira efetivamente expressa por uma divisão racial do trabalho (GONZALES, 2020). A sociedade escravista definiu o negro como raça, delimitando o seu lugar, o modo de tratamento, de interação, instituindo a correlação do negro a uma posição social inferior. Esta definição inferiorizante define a inserção dos negros no sistema ocupação das cidades (SOUZA, 2021).

Trata-se de um impacto perverso na constituição socioeconômica e cultural da realidade brasileira, não só como cicatrizes deixadas pela escravidão e colonialismo, mas com implicações que perduram na contemporaneidade como produto do capitalismo avançado e da racionalidade moderna, pois, "a escravidão e o racismo são elementos constitutivos tanto da modernidade, quando do capitalismo, de tal modo que não há como desassociar um do outro." (ALMEIDA, 2018, p. 183).

No plano macro, todas essas expressões da desigualdade direta ou indiretamente estão incluídas nessas novas formas de interpretar a segmentação social e espacial. Para os casos estudados por Sposito e Góes (2013), no interior do estado de São Paulo, o contexto dos depoentes apresenta similitude com os relatos dos entrevistados nas cidades da Bahia, como um histórico de vida pautado na ascensão social, associação a uma caráter diferencial, distintivo, redefinição de práticas e valores, de uma marcada referência condicional de espaço cidade-habitat residencial fechado(o fora e o dentro), de tempo (antes e o agora), distância (habitat/centralidade), a ideia do outro (externo/diferente/evitado) construída pelo morador entrevistado e não esse outro que se constrói com relação ao discurso do medo.

Refletem as práticas socioculturais nas quais as preferências estéticas e de consumo simbólico constituem, essencialmente, os ritos de identificação da vida social estabelecida desde a opção por viver nos habitats residenciais fechados. Trata-se do que, conforme depoimentos dos moradores entrevistados, a rotina com a nova vizinhança impõe-se como regra e como pertencimento a um dado meio, ou classe. A frequentação e apropriação do espaço citadino passa a ocorrer de modo mais selecionado, restritivo e hierarquizado.

O Quadro 21 conclui a seção com a **categoria particularidade**. A categoria *particularidade* se estabelece na relação entre o particular e o diferente, na passagem de um para o outro. Trata-se de um movimento que não se realiza apenas no pensamento, isto é, requer consciência, demanda ações, diz-se de particularidades que, em conflito/embate/discursos com processos homogeneizadores, podem sucumbir e ceder. Mas, também, contém o movimento e desse a possibilidade da novidade no correr de atos e frequência ativa.

Quadro 21. BAHIA – Metaforização Socioespacial

PARTICULARIDADE		
Sujeito entrevistado	**Metáfora**	**Significado**
Lourdes, 66 anos, natural do interior da Bahia, divorciada, pós-graduada e atua profissionalmente na área da saúde e também ensina em instituição de ensino superior pública, grupo familiar composto por 3 membros e renda familiar aproximada de 10 salários mínimos, reside em casa privativa unifamiliar assobradada isolada própria onde mora há 5 anos, carro próprio.	**Uma livraria dessas que tem café, torta**	Já foi numa livraria Saraiva em Salvador? Então, seria uma livraria desses que tem café (risos) torta, mas, enfim, tem livros, tem cores, tem coisa para você ver, etc. e todas as coisas que eu componho você teria no livro, não é? Teria livro de músicas, teria livros sobre viagens, alguma coisa assim, então se pensasse em uma alegoria, uma coisa que condensasse tudo seria uma livraria, uma livraria dessas grandes que inclusive tivesse uma área de lazer, que tem banquinhos para as crianças desenharem, então, tem algumas coisas assim. Porque uma livraria também tem os livros romances trágicos, também tem as perdas, os medos, tem essas coisas todas, o livro compõe todas essas coisas. porque a primeira coisa que passou eu ia dizer o circo, mas circo pode estar contaminado primeiro porque minha filha vai fazer o aniversário de meu neto de um ano de circo, nós saímos ontem para ver coisa de circo e depois porque circo não se enquadra porque circo é só uma fantasia, é tudo assim ensaiado com antecedência. **E a vida não é ensaiada, é uma coisa que pode encontrar e não pode encontrar.** Então, em uma prateleira ali se encontra um livro, uma tragédia, noutra você encontra Marx, outra você encontra um livro de política social, enfim, está tudo ali, e tem representações de vida,

		histórias de vida, biografia. Acho que uma livraria desses grandes que tem que ter café e torta (risos).
Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completa na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 3 salários mínimos, casa unifamiliar própria no condomínio GreenVille – Vitória da Conquista onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.	**Oásis**	Conquista para mim foi um oásis, sabe? Porque as outras cidades todas em que eu já morei eu já passei por situações bem complicadas, bem difíceis, já morei em muitas cidades, muitos locais e Conquista para mim é um oásis, tanto emocionalmente, quanto hoje em dia porque minha família mora aqui também. E é a cidade mesmo, eu gosto muito daqui. Eu me sinto como seu eu tivesse nascido aqui, como se seu fosse conquistense. Eu vim em 1994 para fazer agronomia, formei em 1999 fiquei até o ano 2000 e voltei no final de 2008 e nesses oito anos tudo que eu queria era voltar para Conquista. (risos) só pensava em voltar para Conquista.
Fonte: Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais [Metáfora], trabalho de campo (2019-2021). Elaboração: MARES, 2022.		

Tomando o cotidiano urbano como organizado pelo consumo burocraticamente dirigido, Lefebvre (2021) aponta uma dada manipulação no que diz respeito à constituição de necessidades ou, antes, ao que definia o cotidiano no movimento dialético triádico necessidade-desejo-gozo. Para tanto, desvendar as dimensões do cotidiano demanda um estudo das representações, o que considera a análise crítica dos simbolismos, dos imaginários social e individual e da cultura.

Os apontamentos destacados de busca por uma qualidade de vida têm sido motivo para o direcionamento de uma parcela da população para os habitats residenciais fechados. Esses empreendimentos tendem a reorientar as práticas

dos sujeitos moradores com base em uma otimização e enquadramento dos modos de comunicação e comportamento, conforme perfil atribuído a tal habitat pelo marketing imobiliário. Alude a uma programação das práticas, do tempo e do espaço, ou como diz Alda, uma de nossas entrevistadas, é a tentativa de mandar embora o sol.

Por sua vez, o espaço visto como campo de possibilidades permite conceber o virtual, isso é, a produção de um espaço diferencial que se opõe ao homogêneo, fragmentado, hierarquizado e contempla o uso tendo como ponto de partida o vivido como obra que incorpora a utopia, "[...] O espaço torna-se o lugar e meio da emergência e realização das diferenças". (CARLOS, 1996, p. 134).

A metáfora, em nosso caso, constitui-se como síntese, como objetivação, isto é, quando materializam-se por e através da experiência urbana e são acessadas desde instrumentos e procedimentos deflagradores da ação (croqui), do sentido (categorização) e da significação (metáforas). Trata-se, assim, de uma possibilidade nos estudos urbanos, de investigar um objeto/problema da cidade/do urbano desde um processo de apreensão da subjetividade e do imaginário na cidade, do espaço urbano.

Trata-se de entender a metáfora como estrutura e movimento, separação e articulação da sensível e do real. Como estrutura, lida com o pensamento, com a criação de conceitos. Como movimento, traduz-se numa forma de linguagem de uma sociedade que se movimenta com o tempo. Isso posto, nossa elaboração caminha na conformação do que denominamos de um procedimento de metaforização socioespacial.

As práticas espaciais cotidianas refletem e são reflexo da compreensão metafórica das experiências urbanas em diferentes ritmos espaço-temporais, abarcando, pelo próprio caráter da cotidianidade, um tempo passado, uma projeção de futuro, mas que ganha concretude e importância no estrito presente. E, na busca pelo sentido, pelo significado, deve-se pensar tais práticas desde o lugar do Sujeito no complexo modo de vida, socialmente constituído, de

disposições estruturadas (no social) e estruturantes (na mente) adquiridas nas/pelas experiências práticas (condições específicas de existência) orientadas constantemente para funções e ações do agir cotidiano (BOURDIEU, 1996).

Por intermédio da metaforização socioespacial, identificamos as representações da fragmentação socioespacial nas cidades baianas pela análise do movimento dialético das vivências individuais (cada morador, cada habitat, cada cidade) que nos permitiram elaborar e explicar os conteúdos e significados da experiência urbana (coletiva), já que a dimensão social do imaginário vivido estende-se à dimensão da prática espacial coletiva, da vida em comum.

CONCLUSÃO

A diferença entre a cidade livre e a cidade escrava não passa pelo direito civil, mas pelo sentido da vida coletiva instaurado por ela.
Marilena Chauí (2006).

O processo de urbanização tem implicado em profundas mudanças no conteúdo e na forma da cidade contemporânea, com alterações na própria estrutura espacial e nos modos de sociabilidade dela derivados e sobre ela determinantes. Trata-se de um processo que põe em evidência um cotidiano marcado por cisões sociais e espaciais e rupturas ou descontinuidades em processos históricos de estruturação. Essa combinação extrapola as formas concretas da cidade e atinge a dimensão subjetiva da cotidianidade, moldando o conteúdo das relações estabelecidas entre os grupos sociais nos fragmentos da cidade produzido em seu bojo.

As leituras sobre tais cisões e rupturas, que compuseram nosso referencial, puderam ser confrontadas com nossa realidade e confirmadas com o emprego dos diferentes instrumentos eleitos na consecução deste trabalho de pesquisa. Embora tenhamos aplicado ou desenvolvido distintos procedimentos e técnicas de pesquisa, a escolha pelas práticas espaciais do habitar como principal elemento de avaliação implicou em recortes, sobretudo, qualitativos.

Assim, a trajetória de investigação e de instrumentalização da pesquisa se deu com base em recursos interpretativos dos significados atribuídos à produção do espaço urbano pelos sujeitos moradores entrevistados, isto é, técnicas e procedimentos de interpretação das experiências urbanas. Essa aproximação deu-se, em nossa investigação, pelos procedimentos metodológicos, ao passo que o método está vinculado à proposição da produção social do espaço. Por entendermos que há vários fatores de ordem material e imaterial associados aos processos socioespaciais e que se expressam nas representações erigidas, essas representações possuem relação de codeterminação com a experiência urbana, que é vivida de modo distinto em

diferentes espaços da cidade. Portanto, foi nodal em nossa pesquisa a apropriação e desenvolvimento de estratégias para apreensão de representações da cidade.

Para o enfrentamento desse complexo problema de pesquisa, elaboramos o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR), constituído por um roteiro de entrevista semiestruturada, um croqui, palavras-sínteses (categorização) e uma metáfora. Esses procedimentos e instrumentos fundamentam e permitem avançar da lógica formal racional da produção dessas cidades a outras dimensões subjetivas e simbólicas. Firmaram-se, ao longo da tese, como metodologia principal no contato com os moradores dos habitats residenciais fechados, ainda que instrumentos que compõem esse conjunto tenham sido utilizados separadamente com outros perfis buscados, como no caso de uso das entrevistas semiestruturadas a agentes bem-informados.

Os procedimentos metodológicos, conclui-se, constituem-se como resultado, tanto quanto procedimento nesta tese, haja visto seu potencial de desenvolvimento, ainda que se considere sua complexidade operacional e interpretativa. Esse processo de desvelar a realidade indicou-nos que tais práticas são, dialeticamente, modeladoras e modeladas pela experiência urbana, elemento concreto que nos deu as condições para acessar o cotidiano dos sujeitos investigados desde seus habitats residenciais.

Tais sujeitos, e as vozes complementares dos agentes bem-informados, foram acessados no contexto de três tipos urbanos no estado da Bahia, dois municípios com papéis e funções de cidade média, Feira de Santana e Vitória da Conquista, e a aglomeração urbana Ilhéus - Itabuna que, nesta investigação, em decorrência tanto de nossos resultados, quanto de literatura especializada, foi considerada como centro de intermediação com papéis de cidade média.

Os habitats residenciais fechados, nesta tese descritos como empreendimentos residenciais murados, tanto verticais como horizontais, com controles e equipamentos de segurança e dotados de uma ambiência própria,

possuem como principais elementos, simbólicos e de repercussão nas representações, o muro e a imagem do muro e sua representação de guarda (da tradição, da família e da propriedade). Tal muro é, também, elemento concreto e de concreto, simbólico e cheio de significados, sobretudo, de distinção que ganhará materialidade e representação em espaços, práticas e sociabilidades.

Esse tipo de espaço residencial, que só se torna habitat em razão das práticas, configurou-se, na avaliação do recorte de pesquisa e na contemporaneidade, como opção de moradia requisitada e valorizada, sobretudo, aos grupos intermediários de renda, e não apenas aos segmentos mais abastados, os quais têm reforçado um movimento de mobilidade residencial nos tipos urbanos investigados, como condição e produto de uma reorganização da estrutura espacial e do habitat promovidas pela iniciativa privada em estreita parceria, ou conivência do Estado, em dois extremos complementares: nos níveis municipal e federal.

Portanto, no que concerne às lógicas de estruturação das cidades investigadas, a dinâmica locacional e atuação dos agentes econômicos respondem por um processo ligado aos modos de acesso à moradia e que, pela condição de regulação, o poder público, direta ou indiretamente, está vinculado às ações do mercado, não apenas reforçando um padrão de diferenciação socioespacial existente como, também, produzindo outras espacialidades diferenciadas.

Os agentes envolvidos nesse processo reforçam a concepção das representações dos habitats residenciais fechados em um trabalho massivo de *marketing* desses empreendimentos. Nos tipos urbanos pesquisados, são percebidos materialmente pela expansão territorial urbana e pela criação e/ou revalorização de espaços e áreas criados em associação, desdobramento ou conjunção aos habitats residências fechados, influenciando não apenas onde e como morar, mas, também, implicando em como habitar a cidade em eu sentido amplo, tornado restrito, já que passa a direcionar os consumidores desses

empreendimentos a espaços específicos programados de habitação, consumo, lazer etc.

No processo de investigação, confirmamos a hipótese de que se tratava de um modo de produzir a cidade que fortalecia uma divisão social do espaço pretérita, ao mesmo tempo em que reproduzia outras separações, seja concretamente, nas formas espaciais, seja nas relações entre os citadinos e entre esses e a cidade, como produto social, estabelecendo-se subjetividades que indicaram condições mais profundas da desigualdade no cotidiano desses tipos urbanos, representativos de um processo de apartação em duas frentes: espacial e social. Tal apartação está incorporada ao imaginário e às representações e nos levam a identificar um processo de fragmentação socioespacial. Em termos de marcos temporais, trata-se de um movimento relativamente recente, com início nos anos de 1990 e que ganha maior expressão, sobretudo, desde os anos 2000 à atualidade, sendo essa nossa referência temporal.

Considerando-se nosso recorte de pesquisa, foi emblemático como o Programa Minha Casa Minha Vida teve papel de indução nos processos de diferenciação socioespacial quando se observa, em nosso caso, os empreendimentos voltados aos segmentos de renda média nos tipos urbanos pesquisados.

Ainda sobre as dinâmicas locacionais, a implementação dos habitats residenciais fechados, em toda a sua tipologia descrita nesta tese, promoveu e reforçou a dispersão da cidade para além da mancha urbana consolidada e, em alguns casos, para além do próprio perímetro urbano, ocorrendo, de um lado a produção de novas áreas no interior e fora desse perímetro. Majoritariamente, essa expansão e dispersão urbanas ocorreram atendendo interesses da iniciativa privada, transformando solo não parcelado e/ou não urbano em solo urbano e, em alguns casos, incorporando "vazios urbanos" em localização pericentral, paradoxalmente, adensando a malha.

Equipamentos e estabelecimentos comerciais e de serviços foram implementados nessas novas áreas de expansão ou adensamento acompanhados por reforço nas infraestruturas das vias que ligam essas áreas mais extremas às áreas de interesse, porque ainda que se viva no espaço cartesiano, mas o tempo vivido é o relativo e isso tem se combinado com um elemento ainda relativamente tímido de constituição de estruturas multicêntricas, potencialmente policêntricas.

Do ponto de vista do zoneamento dessas áreas, ora há um direcionamento para empreendimentos e grupos sociais específicos no desenho dos instrumentos de gestão de urbana, à exemplo do PDDU de Vitoria da Conquista, ora há um processo ilegal de antecipação espacial, com agentes da iniciativa privada implementando esses equipamentos e empreendimentos residenciais fechados, em alguns casos, acompanhados de infraestruturas e em outros, com a infraestrutura promovida pelo Estado à reboque daqueles, para além dos limites do perímetro urbano, como ocorre em Feira de Santana e na aglomeração urbana Ilhéus – Itabuna.

Projetos de lei criados recentemente permitem o fechamento de loteamos e impedem a passagem de entrantes ao, agora, "condomínio". Em frente complementar, na aglomeração, há gritante desrespeito às questões ambientais e sociais, com a expulsão de ribeirinhos e a comprometimento da praia, da mata Atlântica e do rio Cachoeira. Da reserva, institui-se a reserva do capital.

A produção do espaço nas cidades que estudamos expressa, também, o controle social, especialmente se considerarmos os interesses daqueles pertencentes aos segmentos intermediários de renda, ora atendidos pelos agentes privados, ora pelo poder público municipal, que têm direcionado ações políticas garantindo-lhe espaços bem estruturados e condições de realização do consumo. Podemos dizer que o consumo desse segmento intermediário de renda é considerado indutor de grandes mudanças urbanas ao promoverem uma

redefinição de localizações nos tipos de uso do solo urbano e, sobretudo, reorientando práticas espaciais.

A implementação dos habitats residenciais fechados, de infraestrutura e de equipamentos de consumo de bens e serviços e do lazer, que passam a ser vinculados aos habitats, há uma disjunção no tecido urbano e na estrutura espacial pretérita que os adequam a novos interesses de determinados grupos e atuam na valorização dessas áreas. As intervenções na estruturação das cidades pesquisadas estão convergindo em processos de segmentação socioespacial colocando em evidência a dimensão simbólica dos processos que repercutem no modo de produção e reprodução do/no espaço de modo ampliado.

Verificamos a emergência de espaços privados homogêneos nos quais a vida cotidiana se realiza em complemento ao paulatino esvaziamento, degradação, perda de significado de espaços públicos nos quais o encontro, a troca, a sociabilidade com o diferente seria a marca. Isso tem tensionado a relação público – privado, não apenas no sentido concreto, no uso de praças, praias, centros culturas, parques gestados pelo poder público e com a prerrogativa de livre acesso, mas, também, na esfera pública – privada, pois tais condicionamentos carregam simbolismos e constituem-se em representações como o lugar da coexistência de diferentes práticas e sujeitos de distintas posições sociais, apesar da efetividade desse encontro se limitar por vários fatores (período do ano, da semana, horário etc.).

Por essas ações combinadas, tal dinâmica abrange também outros grandes equipamentos de consumo, redirecionando o fluxo para novas áreas que vão agregando centralidade, o que, no conjunto, têm reforçado uma tendência a um processo de homogeneização-hierarquização-fragmentação. Esse contexto é apreendido também nas práticas espaciais já que nos relatos que avaliamos percebe-se uma mudança dos citadinos quando são perguntados sobre a habitação e a vida, enfim, anterior à ida para os habitats. Institui-se um rito de

passagem em que o passado e o futuro são tangenciados por um presente carregado de representações.

A implicação da escolha pelo tipo de moradia em espaços fechados é marcada por imposições atreladas à rotina regulada e programada, à seletividade à convivência com os "diferenciados". Como fora apresentado, elegemos o habitar como nível de compreensão do urbano, o nível privado, tomando como perspectiva a oposição habitar x habitat localizados no cotidiano, ou seja, entendemo-lo como uma categoria de investigação em combinação às representações dos espaços vividos, de modo a reforçar o papel das representações no processo de produção e apropriação espacial. Tendo o espaço como uma representação do mundo humano e natural, o concebemos como uma forma idealizada, uma imagem e uma metáfora, que se projeta numa dada realidade. As representações, assim, são modos de comunicar e reelaborar o mundo, como aproximações da realidade que, no entanto, não substituem o vivido. As representações têm caráter de mediação.

Os habitats, para efeito de nossa tese, representam a repressão das características elementares da vida urbana, como, por exemplo, a diversidade de modos de vida, padrões, modelos e valores associados à movimento da cotidianidade, já que esses habitats estão inseridos numa lógica de programação da vida cotidiana e orientada pelo e para o consumo.

Esses habitats são, portanto, produzidos por uma racionalidade que, por um lado, faz culto à estética e à imagem e, noutro, complementar à padronização de ações e atos e ao individualismo. A escolha por viver em habitats residenciais fechados associa-se a uma condição espacial que, para as cidades da Bahia pesquisadas, são também espaços de uma sociabilidade segmentada. Trata-se, concluímos, de uma expressão da desigualdade e enfraquecimento da experiência urbana como uma marca da fragmentação socioespacial nas cidades baianas pesquisadas.

Em que pese uma aparente igualdade ou homogeneidade interna, esses espaços definem-se por contraposição ou contraste ao que está fora. Associando os dados socioeconômicos e a disposição espacial entre diferentes "projetos" de habitação, aqueles impostos socioeconomicamente e aqueles impostos socioculturalmente, verificamos caminhos de análise sobre a diferenciação socioespacial e a desigualdade social e dos elementos que têm nos permitindo afirmar a ocorrência de lógica fragmentária de estruturação das cidades.

Temos, assim, esse espaço: i. como produto, com base nos elementos distintivos veiculados à vida intramuros, especialmente pelo marketing imobiliário; ii. como condição, ao aprofundar as desigualdades; iii. como meio para reforçar a cisão espacial e modificação nas relações de sociabilidade. Do mesmo modo, retroalimenta o processo desigual em que fora constituído. Trata-se, portanto, da ocorrência de um processo de homogeneização que implica ou decorre de uma padronização idealizada.

A perspectiva de análise sobre o processo de diferenciação e a lógica fragmentária, com as manifestações da desigualdade delineadas nas cidades pesquisadas, é a de que tais processos sejam vistos em sua relação com a realidade brasileira de modo mais imediato e o mundo urbano, em um complexo movimento de articulação escalar, ou seja, desde uma concepção de Método que lide com as dimensões do geral, particular e singular e com a relação do todo com as partes.

O uso da cidade adquire sentido de troca e sua apropriação se dá pelas relações de mercado expressas, na atualidade, pelo difundido modo de morar em habitats residenciais fechados, um referencial de estilo de vida distintivo, enfaticamente mais restritivo e seletivo, expandindo-se como referencial na e da cidade contemporânea. A análise proposta indica haver um atravessamento do mercado na relação estabelecida entre os sujeitos e a casa e referem-se, por exemplo, à função subjetiva da casa, em que pese o entendimento das noções de

necessidade (déficit habitacional) e aprofundamento de distanciamentos e segmentações espacial e social.

Também pudemos avaliar como se estruturam as relações de sociabilidade e condição espacial pensando usos e apropriação do espaço urbano e dos conflitos e contradições atinentes. Aspectos como necessidade e satisfação e meios e resultados do consumo são potencializadores e criadores de representações e estereótipos característicos como subjetividades da prática espacial carregada de simbologia. A contradição entre o habitar e o habitat apontada por Lefebvre (2008) nos leva a refletir e repensar o direito à cidade na atualidade, na medida em que a condição espacial não se limita, portanto, a morar em um dado tipo de habitação, mas quando esse morar passa a ser representativo de um modo de conceber e de viver a cidade.

Trata-se de um tema relevante ao entendimento das questões urbanas, sobretudo, no atual estágio de transformações motivadas pela urbanização contemporânea, frente aos estágios mais avançados da produção capitalista. Em complemento, na esfera acadêmica, parece-nos relevante pensar sobre as particularidades do estudo da rede urbana baiana, somando com as pesquisas em andamento no país sobre a dinâmica urbana-regional e sobre o tema das cidades médias, chamando a atenção para o que a realidade baiana pode contribuir no entendimento do sistema urbano brasileiro a partir de suas especificidades.

Isso nos possibilita analisar a formação socioespacial do complexo território baiano e as dinâmicas intra e interurbana, pensar sobre à gestão do território, na medida em que o Estado deva considerar a aplicação de determinadas políticas públicas em tipos urbanos que possam se constituir, mostra-se relevante tal tema para o poder público averiguar e atuar de acordo às características e potencialidades de cada entidade espacial. Considera-se, também, relevante como mais um recurso para os sujeitos e agentes e sujeitos que

produzem estas cidades, a fim de conhecerem seu espaço de reprodução da vida e das possibilidades de reivindicação por uma dada qualidade de vida urbana.

Aos estudos geográficos, o Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais foi apresentado como uma proposta metodológica de pesquisa que pode nos permitir desvelar facetas da experiência urbana, contribuindo à análise e avaliação dos sentidos e significados das representações da cidade, de modo particular, e da produção do espaço, de modo geral.

As representações, enquanto mediação, associadas a instrumentos metodológicos que permitam acesso à realidade que se deseja alcançar pela análise das práticas espaciais, mostram-se como uma importante contribuição para os estudos geográficos. Para o caso em tela, o reconhecimento de que as representações da realidade se localizam nas e pelas operações da vida cotidiana reforça seu papel no processo de produção e apropriação do espaço citadino.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 92ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record,1988.

AMADO, Jorge. Carta a uma leitora sobre romance e personagens. **Povo e terra**: 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

ALMEIDA. Silvio. **O que é racismo estrutural**? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), [S. l.], v. 23, n. 3, p. 551-563, 2019. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2019.163307. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163307. Acesso em: 16 maio. 2022.

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol**. De Tabocas a Itabuna**: um estudo histórico-geográfico. Ilhéus: Editus, 2005.183p.

ANDRIOLLI, Carmen Silva. **Nas entrelinhas da história, memória e gênero:** Lembranças da antiga Fazenda Jatahy (1925-159**).** 227 fls. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2006

ARAUJO, Mayara Mychella Sena. **A produção do espaço urbano periférico e a questão habitacional em Feira de Santana**: o programa minha casa minha vida no bairro da Mangabeira, entre 2009-2014. 390fls. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, 2016.

BASTOS, Ana Neri Amorim. A produção do espaço urbano em vitória da conquista- Bahia**. Perspectiva Geográfica**, nº4, 2008, p. 1-25.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa, Edições 70, 2011, 270p.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, 201p.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas:** Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: Rua de mão única. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENKO, George. **Economia, espaço e globalização**: na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002, (tradu. Antonio de Pádua Danesi), 3 ed.. 266p.

BERRY, Brian Joe Lobley. Cities as systems within systems of cities. **Papers of the Regional Science Association**, 13. 146-163, 1964, DOI:10.1007/bf01942566

BITOUN, Jan; MIRANDA, Lívia. **Tipologia das Cidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009. (Conjuntura Urbana; 2).

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. (Orgs). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 253-280.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Paulo Baqueiro. Velhas aplicações e novas possibilidades para o emprego do método comparativo nos estudos geográficos. **GeoTextos**, vol. 8, n. 1, jul. 2012. p.167-185.

BRITO, Paula Santos. **Função social da propriedade, vazios urbanos e desdobramentos na política de habitação de interesse social no munícipio de Feira Santana**. 2017. 111f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional). Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLANTERR). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000. 399 p.

CARIOLA, Cecília; LACABANA, Miguel. La metrópoli fragmentada: Caracas entre la pobreza y la globalización. **EURE**, n. 80, p.9-32, 2001. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php? script=sci _arttext&pid=S0250-71612001008000002&ln g=es&nrm=isso

CARLOS, A. F. A. Novas contradições do espaço. DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. (Orgs.) **O espaço no fim do século:** a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001, p. 62-80.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 9 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHETRY, Michael. Os conceitos da metrópole latino-americana contemporânea: o exemplo da fragmentação socioespacial. **E-metropolis**, nº 16, ano 5, março de 2014, p. 61-67.

CLAUDINO, Guilherme dos Santos. **Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro**: O conhecer e o pensar na condição de nervuras. 601 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente Presidente Prudente, 2019.

COLOGNESE, Silvio Antônio.; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**: Porto Alegre, 1998, v. 9, p.143 – 159.

CORRÊA, Roberto Lobato. Cidades médias e redes urbanas. In: SILVA, Willian Ribeiro da. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **Perspectivas da urbanização**: reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 29-38.

CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**. v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.

CORRÊA, Roberto Lobato. Organização do Espaço: dimensões, processo, forma e significados. **Geografia**, Rio Claro, v. 36, p. 7-16, 2011.

DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial:** Análise das práticas socioespaciais dos sujeitos auto-segregados em Presidente Prudente – SP. 2008. 215 f. Monografia (Bacharelado em Geografia,– Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP. 1 CD-ROM.

DAL POZZO, Clayton Ferreira**. Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas**. 2015. 400 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015. Available at: <http://hdl.handle.net/11449/136103>.

DARTOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESSE, René-Paul. La mobilité des consommateurs et les nouveaux espaces commerciaux. **Espace, populations, sociétés.** Les mobilités spatiales. 1999-2, p. 281-289.

DICIONÁRIO DO IMOBILIÁRIO**. Habitação**. Construção. Urbanismo, CIVIS, Informação do cidadão e da empresa Lda. Carcavelos, 1996.

DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. El orden metropolitano contemporáneo: entre la fragmentación y la interdenpendência. In: DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. **Metrópoli, espacio público y consumo**. México: Fondo de Cultura Económica, p. 27-62, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FERRAZ, Ana Emília de Quadro. **O urbano em construção – Vitória da Conquista**: um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FIGUEREDO, Albetania Alvim de. **Espaços residenciais fechados em Feira de Santana (1987-2018):** uma análise do direito à cidade. 2019. 141f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, Feira de Santana, 2019.

FURINI, Luciano Antônio; GÓES, Eda Maria. Novos significados do consumo: das práticas às representações. In: GÓES, Eda Maria (*et a*l.). **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019, p. 177-202.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Diálogos**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 58 – 63, 1989.

GIBBS, Graham**. Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por uma feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 310 p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HIERNAUX, Daniel. Los imaginarios urbanos: de la teoria y los aterrizajes en los estudios urbanos. **EURE** (Santiago) vol.33 no.99, 17-30, Santiago Aug. 2007http://dx.doi.org/10.4067/S0250-71612007000200003

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020, p. 129.

HOTTOIS, Gilbert. Le règne de l'opératoroire. In: PRADES, Jacques. **Latechanoscience:** las fractures des discours. Paris: L'Harmattan, 1992, p. 179-197.

HUTTA, Jan Simon. Affective territories: cartography of aconchego as cartography of power**. Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online) - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.8-36, jul, 2019. DOI: https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6581IBGE/2010

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017 / IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf> último acesso em 04/02/2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades** – REGIC - 2020. Rio de Janeiro, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **SUFRAMA**. em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População estimada**: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2019.

JANOSCHKA, Michael. El nuevo modelo de la ciudad latinoamericana: fragmentación y privatización. **EURE** (Santiago), vol.28, no. 85, p. 11-20, dic. 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra. O estudo empírico das representações sociais. ln : GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. p. 85-108.

KOCH, Mirian Regina. Condomínios fechados: as novas configurações do urbano e a dinâmica imobiliária. In: **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-116, fev. 2008. Disponível: < https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/1582/1951>. Acesso em 19/06/2018.

LEFEBVRE, H. **A re-produção das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, HENRI. **A cidade do capital**. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2021, 121p.

LEFEBVRE, Henri. **A linguagem e a sociedade**. Lisboa: Ulisseia, 1966.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática,1991.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne -** III - De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien). Paris: L'Arche, 1981.

LEFEBVRE, Henri. **El manifiesto diferencialista.** México: Siglo XXI Editores S.A, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **Elementos de ritmoanálise:** e outros ensaios sobre temporalidade. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021, p.47-134

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

LEFEBVRE, Henri**. Hegel, Marx e Nietzsche (o el reino de las sombras)**. México: Siglo XXI Editores S.A, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**. Contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica - FCE, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, ed. 3ª, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001a.

LEGROUX, Jean. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. **GEOgraphia**, vol: 23, n. 51, 2021, p.1-19, DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a47518

LINDON, Alícia. La periferia: fragmentos inestables de la ciudad vivida. **Perspectiva Geográfica**, 25(2) 15-33, 2020 https://doi.org/10.19053/01233769.10548

LINDÓN, Alícia. O bunker house e a desconstrução da cidade. **Liminar.** Estudos Sociais e Humanistas, Centro de Estudos Superiores do México e da América Central San Cristóbal de las Casas, México. vol. IV, n. 2 de dezembro de 2006, pp. 18-35.

MACÁRIO, Ricky Marcelo de Macêdo. **A produção do espaço urbano em Feira de Santana:** Uma análise a partir do processo de auto-segregação residencial. 2016. 248f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Salvador, 2016.

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. **Vidas em enclaves:** imaginários das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2013.

MARCUSE, Peter. Cities in quarters. In: BRIDGE, Gary; Watson, Sophie. (orgs.**). A companion to the city**. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

MARRE, Jacques Andre Leon. A construção do objeto científico na investigação empírica. **Cascavel:** Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 1991. (Digitado).

MARES, Rizia Mendes; WHITACKER, Arthur Magon. Fragmentação socioespacial, mobilidade urbana e cotidiano na Bahia, Brasil. **Papeles de Coyuntura** 46, 304-327, 2019. Recuperado de: http://repository.unipiloto.edu.co/handle/20.500.12277/9009

MARES, Rizia Mendes; WHITACKER, Arthur Magon. Espaços públicos e sociabilidade urbana: práticas espaciais do lazer em Vitória da Conquista/BA. **Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**. Políticas urbanas e movimentos sociais em tempo de crise(s). Santo Antônio de Jesus-BA, 2018, p.1-18. ISSN 2358-5293. Disponível em< http://anais.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/8494/8162>

MARES, Rizia Mendes. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online) - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.82-98, jul, 2019. DOI: https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555

MARES, Rizia Mendes. A periferia pobre e a produção do espaço urbano: o caso de Vitória da Conquista/BA**. Anais do II Simpósio de Estudos Urbanos**: A dinâmica das cidades e a produção do espaço, UNESPAR, Campo Mourão/PA, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/mares-rizia-mendes.pdf

MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço e a reprodução da vida na periferia pobre das cidades médias:** o estudo do bairro Cruzeiro em Vitória da Conquista/BA. 2011. 150f. Monografia (Licenciatura em Geografia) Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2011a.

MARES, Rizia Mendes. A produção do espaço urbano e as representações do espaço-tempo de lazer em uma cidade média brasileira. **Actas del II Congreso Internacional de Geografía Urbana - II** CIGU - Ciudades bajo presión. Periferias como opción, 2017b, Luján, 1425, 2017b, p. 628 –637. Disponível em: < https://c56fd959-3825-48bf-98ae-8f8218a02972.filesusr.com/ugd/265d00_1f57399834db4fd8bd3d4840fb6420bd.pdf>

MARES, Rizia Mendes. **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA:** lógicas e práticas espaciais do lazer. Presidente Prudente, 2016, 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/SP, 2016.

MARES, Rizia Mendes. Estranhamentos cotidianos: a lógica fragmentária do lazer em uma cidade média brasileira. **Libro de Actas de XVI Colóquio Ibérico Geografia**: La Península Ibérica em el Mundo: problemas y desafíos para una intervención activa de la Geografía. Lisboa: Lisboa, Editora do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2018, p. 1602-1610, ISBN: 978-972-636-275-3 (E-Book), DOI: 10.33787/CEG20190003

MARES, Rizia Mendes. Produção social dos espaços de lazer: o caso de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil**. Revista Formação (ONLINE**) Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017a; p. 136-152. ISSN: 2178-7298. ISSN-L: 1517-543X, DOI: https://doi.org/10.33081/formacao.v1i24.4664

MARES, Rizia Mendes. Realidades da periferia pobre em Vitória da Conquista/BA: um olhar sobre a formação socioespacial do bairro Cruzeiro. **XIV ENANPUR**, v. 14 n. 1 (2011), 2011b, p. 1-16. Disponível em: < http://www.anpur.org.br/ojs/index.php/anaisenanpur/article/view/712>

MARES, Rizia Mendes; WHITACKER, Arthur Magon. Fragmentacão socioespacial, mobilidade urbana e cotidiano na Bahia, Brasil. **Papeles de Coyuntura** 46, 304-327, 2019. Recuperado de: http://repository.unipiloto.edu.co/handle/20.500.12277/9009

CHAUI, Marilena. Espinosa: poder e liberdade. En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales;** DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Politicas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciencias Humanas, USP, Universidade de Sao Paulo. 2006. P. 113-143. ISBN: 978-987-1183-47-0. Disponible en la World Wide Web: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/06_chaui.pdf

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Geographia** – Ano 6, no. 12, Niterói, UFF, 2004, pp.7-23.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Bertrand do Brasil Editora, Rio de Janeiro, 2008.

MELAZZO, E. S. Estratégias fundiárias e dinâmicas imobiliárias do capital financeirizado no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, número especial (2), p. 29-40, set. 2013

MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise. **Dictionnaire de l'Urbanismo et de l'Alménagente**. Paris: PUF, 1988.

MILANI, Patrícia Helena. **A produção da diferenciação socioespacial em Catanduva e São José do Rio Preto-SP:** uma análise a partir do cotidiano de moradores de espaços residenciais fechados. 252f. Tese [Doutorado] – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2016.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 942-948, 2005.

OLIVEIRA, Lívia de. A construção do espaço, segundo Jean Piaget. **Sociedade & natureza**, v. 17, n. 33, p. 105-117, 2005.

PADILHA, Valquiria. Da flânerie ao projeto demiúrgico do shopping center. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais.** v. 8 , n. 1, maio, 2006b, 45-58p.

PADILHA, Valquiria. **Shopping Center:** a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006a, 210 p.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. A teoria da produção do espaço e a Geografia. In:SPOSITO, Eliseu Savério; CLAUDINO, Guilherme dos Santos (Orgs.). **Teorias na geografia:**avaliação crítica do pensamento geográfico. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2002, p. 107-140.

PREFEITURA MUNICIPAL, 2021. Produto 10, Tomo II - Relatório Preliminar do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. Plano Estratégico Vitória da Conquista 2020. Disponibilizado em entrevista pelo coordenador da secretaria de planejamento e urbanismo. Também encontra-se disponível no site da prefeitura em: < https://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/produto10_tomoII.pdf> último acesso em novembro de 2022.

PREVOT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n. 19, 33-56, 2001.

RANGEL, Maria Cristina; THEVENIN, Julien Marius Reis. Para além da crise cacaueira - a expansão dos condomínios fechados em Ilhéus-BA: uma análise preliminar da cidade estendida. **Geoingá:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 10, n. 1, p. 59-83, 2018, DOI: https://doi.org/10.4025/geoinga.v10i1.49392

REVOL, Claire. Ritmanalisar: tecer tempos e espaços para habitar. In: LEFEBVRE, Henri. **Elementos de ritmoanálise:** e outros ensaios sobre temporalidade. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021, p.47-134

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória, signos e significados. Ilhéus, Bahia: Editus, 2003.

ROCHA, Altemar Amaral; FERRAZ, Ana Emília de Quadros. Atlas Geográfico de Vitoria da Conquista-BA. **X Anais do Encontro de Geógrafos da América Latina**, Universidade de São Paulo, 2005, p. 12555-12574.

RODRIGUES, Kaliana Guimarães**. Dinâmica urbana no município de Itabuna (Ba**): o mercado imobiliário e as políticas urbanas (1990 – 2010). 2012. 263f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2012.

RONCAYOLO, Marcel. **Les grammaires d'une ville: essai sur la genèse des structures urbaines à Marseille**. Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1996.

SABATINI, Francisco. Tendencias de la segregacion residencial urbana en Latinoamerica: reflexiones a partir del caso de Santiago de Chile. **Série Azul, Instituto de Estudios Urbanos**, n. 29, 1999.

SANTO, Sandra Medeiros. **A expansão urbana, o Estado e as águas em Feira de Santana – Bahia (1940-2010**), 2012. 275f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Janio. A natureza contraditória da urbanização e as mudanças nas cidades médias baianas. **Revista Geográfica de América Central.** Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, pp. 1-19.

SANTOS, Janio. Regiões metropolitanas sem metrópoles? Uma análise das novas propostas na Bahia. In: DIAS, Patrícia Chame Dias; LOPES, Diva Ferlin (Org.). **Cidades médias e pequenas**: desafios e possibilidades do planejamento e gestão. Salvador: SEI: 2014, p. 90-133 (Série Estudos e Pesquisas - SEP).

SANTOS, Janio. Um (novo) olhar sore a história de Vitória da Conquista na condição de cidade média. In: SANTOS, Janio (org.). **Vitória da Conquista no século XXI**: reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média. Vitória da Conquista; Edições UESB, 2016, p.23-54.

SANTOS, Janio. Urbanização e produção de cidades no/do Território de Identidade Portal do Sertão. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 24, e6, p.1-39, 2020. DOI: 10.5902/2236499438339. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/38339. Acesso em: 14 out. 2022.

SANTOS, Joelisa Pereira dos. **Produção dos espaços da periferia urbana de Vitória da Conquista /NA na contradição capital versus trabalho**. 2019. 181f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, 2019.

SANTOS, Jorman dos. **Transformações socioespaciais nas cidades da rede urbana Ilhéus/Itabuna – Ba: reflexões a partir das características populacionais.** 2018. 158f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO, Vitória da Conquista, 2018.

SANTOS, Lucas Bispo de Oliveira; HENRIQUE, Wendel. Caracterização da evolução urbana e da situação urbana atual de Feira de Santana. **Anais do III Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**, 2012, Feira de Santana. UEFS, 2012. v. 01. p. 01-15.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro de região.** Definições e métodos de avaliação e da centralidade. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, nº54, p.81-100, junho de 1977. Disponível em: < https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/949>. Último acesso em maio/2020.

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hicitec, 2013. 5ªed. 3ªreimp.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau:** introdução ao estudo geográfico. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 110 p.

SANTOS, Norberto Pinto dos. Os espaços-tempos de lazer na sociedade contemporânea. **Cadernos de Geografia**, F.L.U.C., Coimbra, 1999, nº18, pp.129 - 137.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP Espaço E Tempo (Online**), 16(3), 89-109. https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284

SCHOR, Tatiana. A apropriação do espaço e a lógica do automóvel. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima. (Org.). **O espaço no fim do século**: a nova raridade. São Paulo, Edusp, 2001.

SEI- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil socioeconômico do município de Feira de Santana. Panorama** Socioeconômico dos Municípios. 2019. Salvador-BA. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/municipio/indicadores/indicadores_2910800.pdf

SENNETT, Richard. **Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos:** geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 128p., 2019.

SILVA, Elba. da. **Regionalização metropolitana:** uma análise da proposta de institucionalização da região metropolitana de Vitória da Conquista.Ba.2016. 140f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, Salvador/BA, 2016.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando.; JUNCKES, Ivan Jairo. **Construindo a ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas aplicadas. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (Orgs.). **Cidades médias e pequenas:** teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI(Série estudos e pesquisas, 87), p. 93-108, 2010.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e.; FONSECA, Antonio Angelo Martins da. Políticas territoriais de integração e fortalecimento dos centros urbanos do estado da Bahia/Brasil. **IX Coloquio Internacional de Geocrítica**, UFRGS, Porto Alegre, 2007. Dsiponível em: < https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1346

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e.; LEÃO, Sonia de Oliveira; SILVA, Barbara-Christine Marie Nentwig. **O Subsistema urbano-regional de Feira de Santana.** Recife: SUDENE, Superintendência Adjunta de Planejamento Regional, Divisão de Política Espacial, 376p., 1985.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e.; LEÃO, Sonia de Oliveira; SILVA, Barbara-Christine Marie Nentwig. **O Subsistema urbano-regional de Ilhéus-Itabuna**. Recife: SUDENE, Superintendência Adjunta de Planejamento Regional, Divisão de Política Espacial, 428p., 1987.

SILVA, Wiliam Ribeiro da; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **Perspectivas da urbanização:** reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017. 230p

SILVEIRA, Maria Laura. Globalização, Trabalho, Cidades Médias. **GeoUERJ -** Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, nº11, p. 11-17, 2002.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia. (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2ª edição, 1982, p. 21-38.

SOUZA, Marcelo José Lopes. de. **O ABC do desenvolvimento urbano**. 2ªed. Rio de Janeiro, 2005

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Neuza, Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identificação do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Sociospacial fragmentation. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, june 2020. ISSN 1984-2201. Available at: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>. Date accessed: 31 mar. 2021. doi: https://doi.org/10.4215/rm2020.e19015.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p.123-146.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidade. In: SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Glossário de geografia humana e econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017c, p.33-37.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Diferenças e desigualdades em cidades médias no brasil: da segregação à fragmentação socioespacial**. Congress of the Latin American Studies Association**, Boston, USA, May 24 - May 27, 2019, 1-25p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão**. Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas:** cidades médias e consumo. São Paulo: FAPESP, 2011. Projeto de Pesquisa. (Processo 2011/20155-3).

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos das periferias urbanas das cidades médias do estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, Cidade do México, n54, p.114-139, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Olhando de vários pontos de vista o processo de urbanização e a rede urbana. In: SUERTEGARY, Dirce Maria Antunes.; SILVA, Charlei Aparecido; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. PAULA, Cristiano Quaresma de. (orgs.). **Geografia e conjuntura brasileira**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017a, v. 1, p.185-211.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização da sociedade e novas espacialidades urbanas. OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello (Orgs.). **O Brasil, a América Latina e o mundo:** espacialidades contemporâneas. Rio de Janeiro: Lamparina-FAPERJ, Anpege, 2008, v.II, p. 61-72.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SILVA, Willian Ribeiro da. Um tema, um livro, um debate – reestruturações e cidades médias. In: SILVA, Willian Ribeiro da; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **Perspectivas da urbanização:** reestruturação urbana e das cidades. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017b. 230p.

SPOSITO, Maria Encarnação Betrão. **Capitalismo e Urbanização**. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 1988.

SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. Formas espaciais e papéis urbanos: as novas qualidades da cidade e do urbano. **Revista Cidades**: 2010, v.7, n.11, p 125-150

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Paul. Entrevista. In: **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 254-278.

TRINDADE JR. Saint-Clair Cordeiro da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território**. Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro, 2011, 21p.

TRINDADE, Gilmar Alves. **Aglomeração Itabuna-Ilhéus**: cidade, região e rede urbana. 2011. 361 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/732820572T.pdf

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. **Anais do Encontro Nacional de Geógrafos**, XVII, 2012. Belo Horizonte/MG, 2012. Belo Horizonte, 2012. p. 1- 10.

VASCONCELOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento:** reflexões e propostas. 3ed. São Paulo: Annablume, 2000. 284p.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. VASCONCELOS, Pedro de Almeida.; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (orgs.). **A cidade contemporânea:** segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013, p.17-35.

VEIGA, Danilo. Entre a desigualdade e a exclusão social: estudo de caso da grande Montevidéu**. Caderno CRH**, n. 45, p.341-54, 2005.

WERLEN, Benno. Regionalismo e sociedade política. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano II, n. 4, 7–25o, 2000.

WHITACKER, Arthur Magon. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de níveis diferentes de urbanização. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **Cidades médias:** espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WHITACKER, Arthur Magon. Expansão, Dispersão, Complexificação e Fragmentação. Formas e Processos Espaciais em Câmbio no Brasil Não-Metropolitano. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, 2019**. [Projeto de Pesquisa** - Bolsa de Produtividade em Pesquisa].

WHITACKER, Arthur Magon. Redes urbanas: redes hierárquicas e redes não hierárquicas**. Espaços Urbanos**. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2013. [material didático].

WHITACKER, Arthur Magon. Urbanização e cidade. **Espaços Urbanos.** Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2015. [material didático].

WHITACKER, Arthur Magon; MIYAZAKI, Vitor Koiti. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **GOT - Geografia e Ordenamento do Território.Revista eletrónica**. Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território. Lisboa/Porto, n. 2, p. 307-327, Dezembro 2012.

WHITACKER, Arthur Magon; SOUSA, Marcos Timóteo Rodrigues de. Mobilidade e acessibilidade às áreas de concentração de atividades de comércio e serviços: apontamentos metodológicos a partir de Presidente Prudente-SP. **Anais do 13º Seminário Internacional da Rede Ibero-americana de Investigadores Sobre Globalização e Território.** Salvador-BA: SEI, 2014. v. 1. p. 1-17.

ZUSMAN, Perla. La tradición del trabajo de campo en Geografía. **Geograficando**. En Memoria Académica. 7 (7), 15-32. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf

ANEXOS E APÊNCIDES

Anexo I – Termo de Compromisso - CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

TERMO DE COMPROMISSO

Nós, abaixo assinados, pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado "**URBANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE CIDADES NA BAHIA: LÓGICA FRAGMENTÁRIA E PRÁTICAS ESPACIAIS DO HABITAR**", declaramos que conhecemos e cumpriremos os requisitos da Resolução CNS 510/16, da Norma Operacional 01/2013 e do Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp – Campus de Presidente Prudente.

Garantimos que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa. Além disso, nos comprometemos a anexar os resultados deste projeto na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório de pesquisa, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais.

Garantimos ainda que as coletas de dados serão iniciadas somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Presidente Prudente 23/maio/2019.

Prof. Dr Arthur Magon Whitacker
Departamento de Geografia
Programa de Pós-graduação em Geografia

Rizia Mendes Mares
Programa de Pós-graduação em Geografia – FCT/UNESP

Anexo II – Considerações éticas – Modelos de documentos submetidos à avaliação do CEP e usados no trabalho de campo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: "Urbanização e produção de cidades na Bahia: lógica fragmentária e práticas espaciais do habitar"
Nome do (a) Pesquisador (a): Rizia Mendes Mares
Nome do (a) Orientador (a): Arthur Magon Whitacker

1) **Natureza da pesquisa: o (a) sr. (sra.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem por:**
   a) **Justificativa: A necessidade de averiguar mudanças no cotidiano urbano pelas fraturas sociais e na produção de barreiras físicas relativas ao plano do vivido, pois, consideramos que, a partir da década de 1990, com o aumento na implementação de espaços residenciais fechados, esses tipos urbanos estariam passando por um aprofundamento nos processos de diferenciação socioespacial e adensamento da desigualdade socioespacial conduzindo ao processo de fragmentação socioespacial que pode ser lido por meio da mudança das práticas espaciais.**
   b) **Objetivo: Compreender os processos de diferenciação e desigualdade socioespacial expressos pelas práticas espaciais do habitar dos moradores de espaços residenciais fechados nas cidades médias da Bahia.**
2) **Procedimentos da pesquisa: realização de entrevistas semiestruturadas sendo: dezoito (18) a citadinos que moram em espaços residenciais fechados, previamente indicados por contatos locais (pesquisadores de instituições de ensino locais – IFBA, UESB, UEFS, UESC), além de um (a) (1) morador (a) do entorno do condomínio selecionado, um (1) encarregado do condomínio selecionado, um (1) representante do setor imobiliário, representantes do poder público municipal sendo um (1) coordenador da secretaria de mobilidade/infraestrutura urbana, um (1) coordenador da secretaria de desenvolvimento social/infraestrutura urbana, indicados pelos mesmos contatos, em cada cidade investigada.**
   a) **Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o (a) sr.(a) permitirá à pesquisadora caracterizar o perfil socioeconômico, verificar seus percursos urbanos e as características do espaço de vivência e sua relação com a cidade investigada.**
   b) **Sobre as entrevistas: As entrevistas serão administradas individualmente, por meio de um roteiro semiestruturado, em data, horário e local previamente agendados e acordados entre as partes, com registro em áudio (caso seja permitido pelo entrevistado) e anotações da pesquisadora, assegurando a confidencialidade das informações prestadas pelos entrevistados.**
3) **Riscos, danos e desconforto: Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais conforme Resolução no. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, assegurando que a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.**
4) **Liberdade de participação: Ainda que tenha aceitado participar dessa pesquisa, o (a) sr.(a) tem plena liberdade para decidir sobre sua participação podendo, a qualquer tempo, retirar seu consentimento.**
5) **Sigilo e privacidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.**
6) **Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre: os sujeitos e agentes que produzem as cidades investigadas, a fim de conhecerem seu espaço de reprodução da vida e das possibilidades de reivindicação por uma dada qualidade de vida urbana e reafirmação do direito à cidade, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa: contribuir na promoção da unidade e integração na aplicação de determinadas políticas públicas que possam se constituir como relevante para o poder público**

e demais agentes a fim de averiguar e atuar de acordo às características e potencialidades de cada cidade investigada, onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

7) Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.
8) Acompanhamento e acesso: O (a) sr. (sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, e do resultado dessa pesquisa a ser disponibilizado na integra no Repositório da instituição sede, conforme informações abaixo discriminadas

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Ressaltamos que o(a) sr. (a) terá acesso ao registro de consentimento sempre que solicitar. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem:
Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Confirmo que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

_____
Nome do Participante da Pesquisa

_____
Assinatura do Participante da Pesquisa

Rizia Mendes Mares

Rizia Mendes Mares
Pesquisadora

Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker
Orientador

Pesquisador: RIZIA MENDES MARES (18) 3229-5849
Orientador: ARTHUR MAGON WHITACKER (018)3229-5661
Universidade Estadual Paulista - FCT/UNESP
Laboratório de Pesquisa - GAsPERR
Rua Roberto Simonsem, 305 - CEP 19060-900 - Presidente Prudente (SP)

Repositório Institucional UNESP: < https://repositorio.unesp.br/>

O Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
É um colegiado multi e transdisciplinar, independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 e Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde).

Coordenadora CEP/FCT-UNESP: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo
Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel
Secretária: Michele Celene Martinez de Souza Rebolo
Contatos: (018) 3229-5315 ou 3229-5526 E-mail cep@fct.unesp.br
Universidade Estadual Paulista - FCT/UNESP
Rua Roberto Simonsem, 305 - CEP 19060-900 - Presidente Prudente (SP)

APÊNDICES

APÊNDICE – I
ROTEIRO DE ENTREVISTA A MORADORES DE HABITATS RESIDENCIAIS FECHADOS

Quadro 14. Roteiro de entrevista semiestruturada para moradores dos residenciais fechados

IDENTIFICAÇÃO DA CIDADE PESQUISADA/ENTEVISTADO(A)
CIDADE/BAIRRO: _____RESIDENCIAL _____
SUJEITO PESQUISADO Nº. _____ Data:_____/_____/_____
Local de realização da entrevista: _____
Gravada ( ) sim ( ) não Transcrita ( ) não ( ) sim Transcrita por: _____
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):_____

A. PERFIL
A.1. Idade
A.2. Profissão e escolaridade
A.3. Número de componentes da família, idades, profissões e escolaridades respectivas
A.4. Renda familiar aproximada
A.5. Há quanto tempo moram nesse condomínio?
A.6. Onde moravam antes – casa ou apartamento, bairro e cidade, próprio ou alugado.

B. MOTIVAÇÃO
B.1. Por que morar neste loteamento?
B.2. (Caso tenha mencionado a questão da insegurança, sem tentar explicá-la): A que você atribui esse aumento da violência na cidade?
B.3. Como essa violência aparece no seu cotidiano?
B.4. (Caso não tenha sido mencionada): Houve alguma ocorrência violenta com alguém da sua família ou alguém próximo, que influenciasse nessa decisão?
B.5. (Caso não tenha sido mencionada): Quais são as medidas de segurança adotadas pelo condomínio?
B.6. Você considera adequadas essas medidas?
B.7. Você e sua família adotam medidas de segurança em sua casa, ou depois que mudaram para cá isso não foi mais necessário?
B.8. (Caso não tenha sido mencionada a questão da distinção social): A decisão de morar nesse loteamento tem relação com sua identidade social ou cultural com os outros moradores?
B.9. (Caso não tenha sido mencionada a questão das condições para aquisição do terreno ou da residência): As condições para adquirir o imóvel foram um dos fatores que influenciaram a escolha pela moradia neste loteamento? Poderia descrever como isso ocorreu (forma de pagamento...)?
B.10. Considera que foi um bom negócio? Tem informações sobre a valorização do imóvel? Se fosse adquirir atualmente esse imóvel, teria condições econômicas para isso?
B. 11. Para você, o que significam os muros do condomínio? O que ele representa para você?

C. LAZER E CIDADE
C.1. Como é o lazer da sua família?
C.2. O que mudou, nesse lazer, quando mudaram para esse loteamento?
C.3. (Caso não tenha sido mencionado nas duas respostas anteriores): Frequentam espaços públicos para o lazer? Exemplos.
C.4. (Caso não tenha sido mencionado nas respostas anteriores): Utilizam as instalações de lazer que o condomínio possui?
C.5. (Em caso de resposta anterior positiva): Qual a frequência dessa utilização?
C.6. (Em caso de resposta anterior negativa): Por que não utilizam?
C. 7. Em que espaços da cidade realiza seu lazer? Por que escolhe esses espaços?

D. CONSUMO
D.1. Poderia informar quais as áreas preferenciais de consumo? Centro principal? Shopping center? Subcentros de bairros? Galerias comerciais? Em cidades diferentes da que mora?
D. 2. Poderia citar alguns estabelecimentos que mais frequenta?
D. 3. Por que escolhe estas áreas e estabelecimentos para comprar tais produtos e serviços?
D. 4. Por que não nas outras áreas?
D. 5. Utiliza a internet para compras? Para que produtos e serviços? Por quê?
D. 6. Utiliza o telefone para compras (pizza, gás...)? Para que produtos e serviços? Por quê?
D. 7. Faz compras com vendedores que frequentam os ambientes de trabalho ou em casas de amigos e parentes? De que tipos de produtos e serviços?
D. 8. Prefere comprar em empresas de grandes grupos ou em estabelecimentos menores em que conhece os proprietários?

D. 9. Aqui em_____, você frequenta mais o centro ou o shopping Center? Por quê?
D. 10. Como morador (a) de _____, quando pensa em marcas, lojas e empresas comerciais, de quais você se lembra?
D. 11. Você se desloca especialmente para comprar essa(s) marca(s) ou nessas lojas/empresas?
D. 12. Fale alguns pontos positivos e negativos do centro tradicional da cidade.
D. 13. Para você, quais as diferenças entre o shopping center e o centro tradicional?
D. 14. Para você, existem aspectos semelhantes entre estar no condomínio e estar num shopping center?

E. VIZINHANÇA
E.1. Você conhece seus vizinhos?
E.2. (Em caso de resposta anterior positiva): Costuma realizar atividades conjuntas com eles?
E.3. Seus filhos mantêm relações com as crianças da vizinhança?

F. VISITAS
F.1. Você e sua família costumam receber visitas de pessoas que não moram no condomínio?
F.2. (Em caso de resposta anterior positiva): As regras desse condomínio interferem nessas visitas?

G. SERVIÇOS
G.1. Há empregados na sua residência?
G.2. (Em caso de resposta anterior positiva): Como as regras do condomínio interferem no cotidiano de seus empregados?
G.3. Em que bairro mora(m) seu(s) empregado(s)?
G.4. Quais são os serviços oferecidos pelo condomínio aos moradores?
G.5. Quais são as despesas decorrentes desses serviços? Considera que são altas, baixas ou condizentes?

H. REGRAS
H.1. O que mais você pode nos dizer sobre as regras desse condomínio?
H.2. (Caso não tenha sido mencionado na resposta anterior): Há problemas com o cumprimento de algumas regras? H.3. Você já soube de casos envolvendo problemas de uso de drogas ilícitas, por exemplo?
H.4. (Em caso de resposta anterior positiva): Você notou algum esforço do condomínio, para que esses casos não fossem divulgados?

I. AVALIAÇÃO
I.1. Você está satisfeito por morar aqui? Destacar pontos positivos e negativos.
I. 2. Você acha que alguma coisa deveria ser mudada no condomínio?

J. COTIDIANO E CIDADE – percursos e representações sociais
J.1. Para iniciar você deverá utilizar os materiais propostos ou outro de sua preferência, para expressar a sua forma de ver, representar ou sentir a cidade em que você vive através de um desenho nesse papel cartão. (nesta parte da entrevista, deixa disponíveis papel cartão, lápis preto e em cores, apagador etc.)
J.2. As seguintes perguntas fazem referência a representação (desenho) da cidade feita por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.
J.3. Explique brevemente que significado a sua representação tem para você.
J.4 Descreva que sentimentos a sua representação lhe desperta.
J.5. Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação a representação feita por você acerca da sua cidade.
Agora, você responderá a perguntas sobre a sua cidade. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.
J.6. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre a cidade em que você vive, o que você diria, considerando:
J.6.1Pertinência: (identificação com o lugar).
J.6.2 Contraste: (polarização negativa/positiva).
J.6.3 Agradabilidade: (sentimentos vinculados à cidade e suas qualidades positivas).
J.6.4 Insegurança: (algo inesperado, instável, às vezes negativo).
J.7. Se você tivesse que fazer uma comparação da sua cidade com algo, com o que você a compararia? (analogia, metáforas)
J.8. Você anda sozinho? Como você se sente?
J.9. Descreva dois caminhos que você percorre sozinho (utilize nomes de lugares de origem e de destino, detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto, características que permitam identificar estes lugares etc.). Indique também para que finalidade você percorre esses caminhos.
J.10. O que você mais gosta na sua cidade?
J.11. O que você não gosta na sua cidade?
J.13. O que você gostaria que existisse na sua cidade?
J.14. Você participa de alguma associação quer seja de vizinhos, cultural, reivindicatória, solidária etc.?
J.15. Você participa, ainda que eventualmente, em movimentos sociais?

J. 16. (Caso não tenha sido mencionado nas respostas anteriores): Faz uso da internet para sociabilidade? utiliza as redes sociais para participar em alguma associação ou movimento social? Em caso positivo, qual? Qual finalidade ou objetivos?
L - ENCERRAMENTO
L.1. Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?
L.2. Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

APÊNDICE II –
ROTEIRO DE ENTREVISTA - Agente bem informado (ramo privado – setor imobiliário/Associações /entidades de classe)

IDENTIFICAÇÃO DA CIDADE PESQUISDA/ENTREVISTADO(A)
Cidade:_____ Instituição ou empresa:_____
Entrevistado_____ Local de realização da entrevista:_____
E-mail: _____Telefones:_____
Indicado por: _____Data:_____/_____/_____
Gravada ( ) sim ( ) não Transcrita ( ) não ( ) não ( ) sim Transcrita por:_____
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):_____
Material cedido pelo entrevistado(a):_____

A. PERFIL DO ENTREVISTADO
A.1. Idade:
A.2. Profissão
A.3. Escolaridade
A.4. Naturalidade
A.5. Cargo que ocupa na empresa
A.6. Ano em que começou a trabalhar na empresa
A.7. Caso haja ambiente favorável, perguntar: Já trabalhou em outras empresas deste ramo? Em quais? Em que cidades?

B – PERFIL DO EMPREENDIMENTO
B.1. Quando o empreendimento foi inaugurado?
B.2. A que grupo pertence este empreendimento? Este grupo está sediado em que cidade?
B.3. Caso seja dito que é de proprietários locais, não pertencente a nenhum grupo, perguntar: Quais as famílias proprietárias e que outros negócios eles têm na cidade?
B.4. Desde o início permanecem os mesmos proprietários ou houve mudança acionária ou venda do empreendimento?
B.5. A empresa proprietária é a administradora ou este serviço está terceirizado?
B.6. Há serviços terceirizados como de segurança, limpeza, *marketing* etc.?
B.7. Qual a área bruta? Quantas unidades?
B.8. Qual a área interna destinada à circulação, aos estacionamentos, à área privativa, lazer e à administração?
B.9. O empreendimento apresenta plano de expansão ou de alguma grande reforma há curto ou longo prazo?

C - VISÃO SOBRE A ECONOMIA DA CIDADE
C.1. Qual a sua opinião sobre a cidade? Ela tem crescido economicamente?
C.2. Tem havido mudança do perfil das atividades que se desenvolvem na cidade?
C.3. Quais as empresas mais importantes em termos de faturamento?
C.4. E em termos de geração de emprego?
C.5. Há algum novo ramo de atividade que se desenvolveu recentemente?
C.6. As novas iniciativas têm tido apoio dessa empresa?
C.7. Tem ocorrido entrada de empresas de fora? De outros países? Em que ramos?
C.8. Tem havido empresários que mesmo não atuando diretamente na cidade tem se interessado em fazer investimentos?
C.9. A cidade constituir-se um polo regional comercial e de serviços importante para quantos municípios?
C.10. E no que se refere ao setor industrial, as relações se estabelecem com quais cidades? Há empresas que exportam? Para que países?
C.11. No tocante ao setor agropecuário, que produtos se destacam? A cidade tem comércio e serviços importantes para apoiar o setor primário?

D - VISÃO SOBRE O CRESCIMENTO DA CIDADE
D.1. No Brasil todo tem se verificado um crescimento grande das cidades tanto em número de loteamentos novos como de empreendimentos imobiliários. Este setor é importante em _____?
D.2. Quais incorporadoras e construtoras são mais fortes na cidade?
D.3. A expansão é mais importante em que setor? Qual deles se valoriza mais?
D.4. Os investimentos do Governo Federal têm importância para a cidade?

E - ENCERRAMENTO
E.5. Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?
E.6. Há algum material publicitário ou sobre o histórico da instituição que possa ser fornecido?
E.7. Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

APÊNDICE III –
ROTEIRO DE ENTREVISTA - Agente bem informado (setor público)

IDENTIFICAÇÃO DA CIDADE PESQUISDA/ENTREVISTADO(A)
Cidade:_____ Instituição ou empresa:_____
Entrevistado: _____Local de realização da entrevista:_____
Setor:_____Cargo/função:_____
E-mail: _____Telefones:_____
Indicado por: _____Data:_____/_____/_____
Gravada ( ) sim ( ) não Transcrita ( ) não ( ) não ( ) sim Transcrita por:_____
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):_____
Material cedido pelo entrevistado(a):_____

A. PERFIL DO ENTREVISTADO
A.1. Idade:
A.2. Profissão
A.3. Escolaridade
A.4. Naturalidade
A.5. Cargo que ocupa na empresa
A.6. Ano em que começou a trabalhar na empresa
A.7. Caso haja ambiente favorável, perguntar: Já trabalhou em outras empresas deste ramo? Em quais? Em que cidades?

B – INSTRUMENTOS REGULADORES
B.1. Quais são os instrumentos de planejamento e gestão urbana disponíveis/existentes na cidade e quais suas datas de aprovação?
B.2. A cidade _____ tem documentos cartográficos (mapas, cartas, plantas) que datam desde a sua criação? Se não, por quê?
B.2. Os planos, ações, políticas incorporam/incorporaram demandas populares em sua elaboração? Se sim, quem são e de que modo os populares participam? Caso não, por quê?
B.3. Como estão organizados os diferentes setores administrativos que "cuidam" das questões urbanas?
B.4. Quais são as ações do município para o desenvolvimento e planejamento da cidade de _____?
B.5. Existem áreas de risco mapeadas e ocupadas na cidade? Se sim, que medidas estão sendo tomadas para desocupar a população dessas áreas e qual será o destino?

C– USO E APROVEITAMENTO DE TERRA
C.1. O município enfrenta problemas em relação ao uso e aproveitamento de terra? Se sim, quais são?
C.2. Como é feita a gestão da terra na Cidade de _____?
C.3. Quais são os critérios para a atribuição de terrenos para habitação, comércio etc.?
C.4. Quais são os critérios para aquisição de terreno para construção dos condomínios?

D – POLÍTICA DE HABITAÇÃO
D.1. Existe política de fomento de habitação no município de _____? Se sim, é regulamentada?
D.2. O sistema de construção no município é estatal, privado, estatal/privado ou autoconstrução?
D.3. Quantos condomínios há no município? Quem são os produtores dos condomínios?
D.4. Desde quando a sua existência (ano) ou quando foram construídos?
D.5. Investimento – o capital utilizado para a construção dos condomínios é público, privado ou público/privado?
D.6. Quantos condomínios existem de capital público?
D.7. Quantos condomínios existem de capital privado?
D.8. Quantos condomínios existem de capital público/privado?
D.9. Onde estão localizados os condomínios? (Mostra um mapa da cidade para ajudar na resposta).
D.10. Qual é o preço pelo apartamento, casa ou terreno no condomínio?
D.11. Os habitantes da cidade de _____ pagam taxas relativas à habitação? Se sim, quais são? Se não, por quê?
D.12. Como é feito o pagamento de taxas relativas à habitação nos condomínios?

E – SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA
E.1. Qual é a fonte de água que abastece a cidade? Desde quando e onde se localiza? Qual é a empresa responsável pelo abastecimento?
E.2. Onde é tratada a água até chegar na cidade de _____?
E.3. Quantas ligações existem na cidade, ou todas casas tem acesso a água potável?

F – SISTEMA DE ESGOTO SANITÁRIO
O sistema de esgoto é:
1. Subterrâneo

2. Fossas
3. Latrinas
4. Outros

G – RESÍDUOS SÓLIDOS
G.1. Como é feita a coleta e tratamento de lixo? Qual é seu destino?
G.2. Serviços prestados à população
G.3. Quais são os serviços prestados à população pelo município?
G.4. Esses serviços são prestados na sua totalidade? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?
G.5. Quais os desafios que o município enfrenta e quais são as perspectivas futuras?

H. ESTRUTURA ESPACIAL E SISTEMA DE TRANSPORTES
H.1. Para começar nossa entrevista, gostaríamos que o(a) senhor(a) fizesse uma avaliação geral do transporte coletivo e as mudanças ocorridas em_____nos últimos 20 anos.
H.2. (A partir da resposta dada, solicitar que sejam abordados temas não frisados e/ou que sejam pormenorizados): - Mudanças na economia; - Mudanças nas formas de crescimento territorial da cidade; - Mudanças no poder político que tenha relação com mudanças econômicas ou no sistema de transportes; - Mudanças nos hábitos do uso do transporte coletivo da população (se o(a) entrevistado(a) não abordar entre esses hábitos, o consumo de bens e serviços, estimular para que a resposta incorpore este aspecto) etc.

H - ESTRUTURA ESPACIAL E SISTEMA DE TRANSPORTES
H.1. Como se organiza o sistema de transportes em _____? Linhas radias e diametrais? Há outros tipos de linhas?
H.2. Quantas linhas de ônibus a cidade possui e comente se estas linhas conseguem abarcar as necessidades da população que utiliza este modo de transporte?
H.3. Quais são os entraves que a cidade apresenta em relação à acessibilidade a diferentes áreas, ou seja, o município apresenta barreiras físicas que interrompem e impedem a circulação do transporte coletivo (efeito barreira)?
H.4. De que maneira o centro da cidade, ou o centro comercial e de serviços, está estruturado para receber diversas linhas de ônibus?

I- MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE
I.1. Cite os bairros melhor servidos e os mais prejudicados em relação à mobilidade populacional e à estrutura física em termos de acessibilidade.
I.2. Se não tiver sido pormenorizado: Quais bairros da cidade, em função do sistema viário (ausência de avenidas e/ou ruas estreitas) dificultam a acessibilidade de seus moradores a outras áreas da cidade?
I.3. Quais são os principais problemas enfrentados pela população de baixa renda em relação à mobilidade no espaço urbano? Se não tiver sido detalhado: Quais as estratégias para atender as demandas por transporte dos bairros: Cidade essas áreas?
I.4. Como a área (citar os empreendimentos comerciais, como os shopping centers e os residenciais fechados) é servida por linhas de ônibus? Os bairros mais populares têm linhas para este setor da cidade?

J - PODER PÚBLICO E EMPRESAS DE TRANSPORTES
J.1. Desde quando e até quando a(s) atual(ais) empresa(s) opera(m) na cidade de_____?
J.2. Quais os critérios definidos no edital de concessão (ou permissão) do serviço de transportes urbanos?
J.3. Faça um comentário sobre a atuação da(s) empresa(s) de ônibus (histórico, concorrência, qualidade, oferta, modernização e relação com o poder público).
J.4. Qual tem sido a política da Secretaria de Transportes? Há algum plano recente de mudança na lógica do sistema? Considera o atual sistema adequado?
J.5 Há uma conversa entre a Secretaria de Transportes e outras secretarias em relação à mobilidade urbana?
J.6. Faça um comentário em relação aos métodos clássicos de planejamento de transportes. Se possível faça uma crítica.
❖ O processo de modelagem, na metodologia clássica, divide-se em três etapas, que são:
a) geração, na qual as quantidades de viagens produzidas e atraídas em cada zona de tráfego são estimadas;
b) distribuição, determinação dos intercâmbios de viagens e dos deslocamentos correspondentes;
c) alocação, que representa a etapa de escolha do caminho, por um dado modo, entre os pares de
d) zonas de tráfego.
J.7. Informações e dados a serem coletados na entrevista:
- Descrição das linhas de ônibus
- Organização da frequência
- Pesquisa O.D.
- Mapas de itinerários

K - ENCERRAMENTO
K.1. Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?
K.2. Há algum material publicitário ou sobre o histórico da instituição que possa ser fornecido?
K.3. Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

APÊNDICE IV –
ROTEIRO DE ENTREVISTA - Moradores entorno dos espaços residenciais fechados

IDENTIFICAÇÃO DA CIDADE PESQUISADA/ENTEVISTADO (A
Cidade/bairro_____Residencial_____
Data:_____/_____/_____
Local de realização da entrevista: _____
Gravada ( ) sim ( ) não Transcrita ( ) não ( ) sim Transcrita por: _____
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):_____

A – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

A.1. Idade
A.2. Naturalidade
A.3. Escolaridade
A.4. Profissão
A.5. Cargo que exerce
A.6. Nome e localização da empresa onde exerce a profissão
A.7. Estado civil
A.8. Número de componentes da família, idades, profissões e escolaridades respectivas B10. Grau de Parentesco
A.9. Há quanto tempo mora no bairro?
A.10. Já morou em outra cidade, bairro, antes de morar aqui? Caso sim, onde? Em um apartamento ou casa, alugada ou própria?
A.11. Quais foram as razões que o/a levaram a sair da antiga cidade, bairro para este bairro?
A.12. A casa onde mora é própria ou alugada?
A.13. Se for própria, comprou ou construiu?
A.14. Se comprou, pagou à vista ou parcelou?
A.15. Se construiu, como conseguiu o terreno?
A.16. Quantos compartimentos tem a casa?
A.17 Para além da casa nesse bairro, tem mais casas? Se sim, quantas e onde?

B – RELAÇÃO COM O EMPREENDIMENTO
B.1. Houve mudanças nessa área com a construção do condomínio? Se sim, quais são?
B.2. Convivem com os moradores do condomínio? Se sim, em que circunstâncias e com que frequência? Caso não, por quê? Como é a convivência com os moradores do condomínio?
B.3. Se sente bem em morar próximo do condomínio? Se sim ou não, por quê?
B.4. Existem alguns aspetos positivos e/ou negativos em morar próximo ao condomínio?
B.5. Existem bairros na cidade de _____ que mesmo sendo ofertado terreno não moraria? Se sim, quais e por quê?
B.6. Pretende mudar para outro local? Se sim ou não, por quê?

C – ACESSIBILDIADE E MOBILIDADE
C.1. Tem algum meio de transporte? Se sim, qual? É cedido pelo serviço ou é pessoal?
C.2. Enfrenta algum problema em abastecer o meio de transporte que utiliza?
C.3. Que meio de transporte a família usa com mais frequência para:
a) Serviço/trabalho
b) Escola
c) Lazer
d) Outros
C.4. Tem utilizado transporte público? Se sim, qual? Se não, por quê?
C.5. Quais são os bairros da cidade de _____ que não frequenta? Por quê?

D – LAZER
D.1. O bairro tem áreas de lazer? Se sim, quais são e onde se localizam?
D.2. Tem frequentando essas áreas? Se sim, com que frequência? Caso não, por quê?
D.3. Frequenta áreas de lazer fora do bairro? Se sim, quais e onde se localizam? Por que a preferência por essas áreas?

E – SERVIÇOS
E.1. Que serviços o município oferece ao bairro?
E.2. Dos serviços oferecidos pelo município, gostaria que houvesse melhorias ou mudanças? Se sim, quais e por quê?
E.3. De um modo geral, como se sente em relação aos serviços públicos oferecidos/prestados pelo município de _____? Caso a resposta seja negativa, justificar o porquê e detalhar os problemas que enfrenta no município. Caso a resposta seja positiva, justificar o porquê e detalhar os aspectos positivos que observa e vive no município de _____.

F – SEGURANÇA
F.1. Existe sistema de segurança nesse bairro? Se sim, qual é? Se não, por quê?
F.2. Existe sistema de segurança na casa? Se sim, qual é? Se não, por quê?
F.3. Se sente seguro em morar nesse bairro? Se não, por quê?

G – RELAÇÃO COM A VIZINHANÇA
G.1. Conhece todos os vizinhos entorno da sua casa?
G.2. Se não, por quê? Se sim, como é a convivência com eles?
G.3. Tem participado em alguns trabalhos coletivos, de convívios com os vizinhos?
G.4. Se sim, com que frequência? Se não, por quê
G.5. As crianças da vizinhança brincam juntas?

H - ENCERRAMENTO
H.5.Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?
H.6.Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

APÊNDICE V –
ROTEIRO DE ENTREVISTA - Encarregados dos condomínios

IDENTIFICAÇÃO DA CIDADE PESQUISADA/ENTEVISTADO(A)

Cidade/bairro:_____Residencia_____
Sujeito pesquisado nº. _____Data:____/_____/_____
Local de realização da entrevista: _____
Gravada ( ) sim ( ) não Transcrita ( ) não ( ) sim Transcrita por: _____
Dicas de outros contatos indicados pelo(a) entrevistado(a):_____

A– IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO
A.1. Idade
A.2. Naturalidade
A.3. Escolaridade
A.4. Profissão
A.5. Cargo que exerce
A.6.Nome e localização da empresa onde exerce a profissão
A.7. Estado civil

B – INFORMAÇÕES SOBRE O TRABALHO NO CONDOMÍNIO
B.1. Qual a natureza da propriedade do condomínio? privada, estatal ou privada/estatal?
B.2. Em que ano começou a construção do condomínio, quando terminou e quando começou a ser habitado?
B.3. Qual é a área do condomínio e das casas?
B.4. Quantas casas existem no condomínio?
B.5. Qual é o preço pelo apartamento, casa ou terreno?
B.6. As casas têm a mesma planta arquitetônica? A construção é vertical ou horizontal?
B.7. Que sistemas de segurança oferece o condomínio (muro, sistema de alarme, guardas, vedação elétrica etc.)?
B.8. Existe um advogado contratado no condomínio para resolver conflitos caso hajam?
B.9. Há áreas de serviços e comércio no condomínio? Se sim, quais são? Caso não, por quê?

C – REGRAS PARA OS MORADORES DO CONDOMÍNIO
C.1. Existem regras estabelecidas no condomínio para moradores? Se sim, quais são?
C.2. No caso da infração das regras, há medidas direcionadas ao morador? Se sim, quais são essas medidas e quem as toma?
C.3. Que implicações tem essas medidas para o morador?

D – REGRAS PARA OS FUNCIONÁRIOS DO CONDOMÍNIO
D.1. Existem regras estabelecidas no condomínio para funcionários? Aqui inclui-se os empregados/as domésticos/as? Se sim, quais são essas regras?
D.2. No caso da infração das regras, há medidas direcionadas aos funcionários? Se sim, quais são essas medidas e quem as toma?
D.3. Que implicações tem essas medidas para o funcionário?

E – REGRAS PARA OS VISITANTES
E.1. Existem regras estabelecidas no condomínio para visitas? Se sim, quais são essas regras?
E.2. No caso da infração das regras, há medidas direcionadas para o visitante? Se sim, quais são essas medidas equem as toma?
E.3. Que implicações têm essas medidas para o visitante?

F - ENCERRAMENTO
F.5. Há mais algum ponto que o senhor(a) gostaria de acrescentar?
F.6. Há algum material publicitário ou sobre o empreendimento que possa ser fornecido?
F.7. Há alguém que o senhor(a) poderia indicar para nos dar outra entrevista nesta cidade?

APÊNDICE VI
MODELO DE ORGANIZAÇÃO DA ENTREVISTA TRANSCRITA

Quadro 16. Processo de transcrição de entrevista. Vitória da Conquista-BA

Condomínio Green Ville

ID original do entrevistado

Por questões éticas, disponível apenas nos arquivos originais da pesquisadora.

ID fictícia do entrevistado

Tereza Cristina, 45 anos, divorciada, natural do interior de Minas Gerais, ensino superior completa na área de engenharia, aposentada, grupo familiar composto por 3 membros e renda aproximada de 5 salários mínimos, casa unifamiliar própria no Condomínio Green Ville, na cidade de Vitória da Conquista onde mora há 12 anos, não dispõe de nenhum meio de transporte individual próprio.

Como citar

TEREZA CRISTINA. [nome fictício]. **Entrevista a morador de habitat residencial fechado**-Condomínio GreenVille. [entrevista cedida de modo remoto Plataforma Google Meet a] Rizia Mendes Mares/pesquisadora. Trabalho de campo, Vitória da Conquista/BA, abr/2021, gravação de áudio e vídeo, 2h14. Transcrição de áudio pela pesquisadora.

Observações:

Entrevista indicada por A (amiga de B e indicada por C).
Entrevista feita online – *google meet* –. Disponibilizei o link 30 minutos antes do horário combinado (9h). O croqui eu retirei na casa da entrevistada, bem como a coleta de assinatura no TCLE, esses arquivos foram enviados digitalmente para fins de assegurar as condições da entrevista, por WhatsApp. O TCLE foi enviado previamente para a entrevistada e lido pela pesquisadora no momento da entrevista. A entrevistada permaneceu com a câmera ligada durante a entrevista, com exceção do momento de feitura do croqui. Ao descrever a estrutura da casa e do habitat caminhou pelo ambiente mostrando-me, pela tela do seu notebook, a descrição que estava fazendo. Tivemos momentos de interrupção (filha e vizinhos/telefone).

Para a transcrição:
Material: arquivo de áudio, tipo de arquivo Opus Audio File (.opus), fone de ouvido, documento Word para transcrição da entrevista (digital), diário de campo digital (documento Word), diário de campo físico, roteiro de entrevista, mapa afetivo físico elaborado pela entrevistada, mapa da cidade de Feira de Santana (digital).

TRANSCRIÇÃO COMPLETA

Após ter lido e confirmado as condições éticas da pesquisa, iniciei a gravação.

PESQUISADORA: A QUALQUER TEMPO VOCÊ PODE DESLIGAR A CÂMERA, FIQUE À VONTADE. SÓ PARA FICAR COMO REGISTRO, VOCÊ CONFIRMA A GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA?
MORADORA: Sim, sim, pode gravar. Eu confirmo. Tranquilo.

PESQUISADORA: MUITO OBRIGADA. A ENTREVISTA ELA É DIVIDA EM DUAS PARTES. A PRIMEIRA PARTE A GENTE VAI CONVERSAR UM POUQUIHNO SOBRE AS MOTIVAÇÕES QUE A LEVARAM, QUE LEVOU A SUA FAMÍLIA A ESCOLHER ESSE TIPO DE MORADIA, DAS CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO, O PERFIL DA FAMÍLIA, COMO TEM SIDO A RELAÇÃO DE VIZINHANÇA, ANTES E AGORA COM ESSE TEMPO DECORRIDO DE MORAR E SUAS PRÁTICAS A PARTIR DA SUA MORADIA: DE CONSUMO, DE LAZER, TRABALHO. E AÍ NUM SEGUNDO MOMENTO A GENTE VAI ESPACIALZIAR ESSAS INFORMAÇÕES. AÍ EU VOU PEDIR QUE VOCÊ FAÇA UM DESENHO, UM MAPA DE VITÓRIA DA CONQUISTA
MORADORA: Aí, Deus. Eu não sei desenhar nada. (risos). Eu não sei desenhar coisa nenhuma.

PESQUISADORA: QUANTO À REPRESENTAÇÃO, FIQUEM BEM À VONTADE. NÃO TEM UM TRAÇO CERTO, SE ESTÁ NA DIREÇÃO CORRETA. NADA. É QUE AS VEZES OS ENTREVISTADOS FICAM PREOCUPADOS: SERÁ QUE ESTOU FAZENDO CERTO? EU NUNCA FIZ UM MAPA. ENTÃO, NÃO FIQUE PREOCUPADA COM ISSO. É O SEU DESENHO, A SUA REPRESNETAÇÃO A PARTIR DAQUILO QUE NÓS VAMOS CONVERSAR NESSE PRIMEIRO MOMENTO E DE TUDO QUE A SUA MEMÓRIA CONSEGUIR ALCANÇAR A PARTIR DA SUA VIVÊNCIA NA CIDADE. A METODOLOGIA QUE NÓS TRABALHAMOS É A [~~DOS MAPAS AFETIVOS~~ denominação inicial alterada com o desenvolvimento da pesquisa], ENTÃO, A GETE **ENTENDE, A GENTE BUSCA A**

APARTIR DESSE ENTENDIMENTO DA GEOGRAFIA AFETIVA, DA GEOGRAFIA EMOCIONAL, DE QUE ESSES SENTIMENTOS E ESSAS EMOÇÕES DE ALGUMA FORMA ELAS IMPLICAM NA NOSSA PRÁTICA COM A CIDADE, SEJA SENTIMENTO LIDOS COMO POSITIVOS , AH, EU ME SINTO BEM, ALEGRE, CONFORTÁVEL, OU, QUE SÃO LIDOS COMO NEGATIVOS, DE MEDO REPULSÃO, ALGO QUE NÃO LHE PERMITA FICAR À VONTADE, VOCÊ E SUA FAMÍLIA, ENFIM, VÁRIOS ELEMENTOS QUE A GENTE ACREDITA QUE INFLUENCIAM NA NOSSA RELAÇÃO COM ALGUNS ESPAÇOS DA CIDADE, TENDO SEMPRE COMO REFERÊNCIA A MORADIA. ENTÃO, NOSSO PONTO DE PARTIDADE VAI SER SEMPRE O LOCAL ONDE VOCÊ MORA, TRABALHANDO COM A QUESTÃO DA CNDIÇÃO ESPACIAL. ENTÃO, SE VOCÊ TIVER TUDO OKAY A GENTE PODE COMEÇAR.
MORADORA: Tá. Pode começar.

PESQUISADORA: ALGUMA DÚVIDA?
MORADORA: não, não. Tranquilo. Nenhuma dúvida, não.

PESQUISADORA: ENTÃO, ESTÁ BEM. VAMOS INICIAR. A PRIMERIA PARTE DA ENTREVISTA É UM PERFIL, ENTÃO, EU GOSTARIA QUE VOCÊ SE APRESENTASSE, NOME COMPLETO, LEMBRANDO QUE ESSES SÃO DADOS CONFIDENCIAIS, NOME, IDADE, ESCOLARIDADE E PROFISSÃO.
MORADORA: Tá. Meu nome é [--], eu faço 45 anos agora esse mês (abril) **[44]**, dia 20 de abril, eu sou Engenheira Agrônoma, me formei na UESB em 1999, exerci a profissão por 15 anos como servidora pública federal. Servidora pública. Primeiro eu trabalhei, passei no concurso da prefeitura, trabalhei 1 ano na prefeitura aqui [Vitória da Conquista], depois eu passei no concurso do estado trabalhei 1 ano e meio na ABDA, aí eu passei no concurso do IBAMA. Eu trabalhei no IBAMA como analista ambiental por 13 anos e um pouquinho. Quando foi em 2013, 2014, logo depois do nascimento de minha mais nova, na verdade, foi logo depois, ela nasceu em 2007, eu tenho duas filhas, a mais velha tem 18 anos, a mais nova tem 14. Na época em que minha filha mais nova nasceu eu morava em Bom Jesus da Lapa. No IBAMA lá e tive depressão pós-parto que eu não cuidei. Aí eu fui empurrando com a barriga essa depressão. Quando foi em 2009 me convidaram para ser chefe do escritório do IBAMA aqui em Conquista. Eu vim. E aí essa depressão foi agravando, com o tempo você vai deixando para lá, chega, trabalha, chega, trabalha...não sei o que em 2014 eu tive um surto, não sei o que foi. Em 2014 o negócio ficou realmente feio e eu não tive condições de trabalhar, aí minha psiquiatra me afastou do trabalho, primeiro por seis meses, ai eu não estava bem ainda, e aí mais seis meses, quando fez dois anos o recursos humanos do IBAMA me liga, entrou em contato comigo e disse "olha, ninguém pode ficar afastado do serviço público por saúde por mais de dois anos, ou você aposenta por invalidez ou volta. Não foi tão simples assim, mas foi um processo. Tanto a psicóloga como a psiquiatra eram contra que eu voltasse ao trabalho, não seria legal, podia perder tudo aquilo que já tinha sido feito até o momento. Tipo assim, na verdade, eu comecei esse tratamento em 2013/2014 até hoje eu faço tratamento ainda, eu vou na psiquiatra de mês em mês, quando demora muito a cada 60 dias, porque desencadeou uma coisa muito forte mesmo, sabe? Aí eu acabei aposentando por invalidez, teve um prejuízo financeiro muito grande porque é proporcional ao tempo de contribuição, como eu deveria ter contribuído 30 anos, e eu contribui só 14, então, meu salário caiu proporcionalmente, tive que mudar muita coisa na minha rotina. Aí, eu falei assim "e agora?" eu não vou ficar em casa de bobeira sem fazer nada, né. Na verdade, isso da agronomia nunca foi o que eu quis, foi o que foi possível na época, porque aqui na época na UESB, meu pai disse, meu pai morava em Brumado, só podia estudar se fosse em Conquista e na época, de bacharelado, só tinha administração ou agronomia, o resto era licenciatura. Como eu não tinha perfil para ser professora, eu falei, ah, eu vou fazer agronomia, e trabalhei, mas não era uma coisa que eu queria, eu sempre quis estudar na área de saúde e tal. Falei, medicina, eu não tenho mais condição de estudar medicina na minha idade (risos), vou estudar psicologia, aí eu passei no vestibular da UESB de Psicologia em 2016, estou no oitavo semestre agora, se tudo der certo eu me formo no final do ano que vem.

PESQUISADORA: QUE MARAVILHA!!
MORADORA: psicologia dá para entender melhor tudo que acontece, tudo que aconteceu comigo, com pessoas da família com quem eu tenho relação genética, na verdade, então, é isso. Mas ficou faltando alguma coisa? Ah, eu era casada até o ano passado, a gente se divorciou agora na época da pandemia, o divórcio acabou de sair e é isso.

PESQUISADORA: CERTINHO. TRAJETÓRIA INTENSA, NÃO É?
MORADORA: Um pouco (risos).

PESQUISADORA: FALANDO UM POUQUINHO SOBRE A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR, VOCÊ JÁ FALOU QUE TEM DUAS FILHAS? AS DUAS MORAM COM VOCÊ, 18 E 14 ANOS. ELAS ESTÃO EM IDADE ESCOLAR QUAL É ...
MORADORA: Então, a de 18 terminou **o** ensino médio ano passado, fez o ENEM, acabou de receber o resultado do ENEM ela foi bem, 880 na redação eu fiquei feliz. Ela quer fazer psicologia também. Se inscreveu hoje, não é? Que hoje foi o SISU. Se inscreveu na UFBA por enquanto porque a UESB não abriu SISU esse ano. A mais nova está estudando, estuda o Sêneca, nono ano.

PESQUISADORA: SOBRE O PERFIL DE RENDA, EM QUANTIDADES DE SALÁRIOS, CONSIDERANDO TODOS OS RENDIMENTOS DA FAMÍLIA, COMO VOCÊS SE CLASSICAM EM QUANTIDADE DE SALÁRIOS?

MORADORA: Então, depois que eu me aposentei em 2017 caiu para caramba e depois que eu me separei caiu ainda mais, né? A pensão é 1 salário que ele paga, então, seria assim, cerca de 5 salários, entre 4 e 5 salários.

PESQUISADORA: CERTINHO. VOCÊ MORA HÁ QUANTO TEMPO NO GREENVILLE?
MORADORA: me mudei para cá em 2009 dá quantos anos? Dá 12 é? Na verdade, foi em 2008, em novembro de 2008, então, já tem 12 anos.

PESQUISADORA: BASTANTE TEMPO. VOCÊ SABE DIZER QUANDO FOI A FUNDAÇÃO DO GREENVILLE?
MORADORA: Eu não saberia dizer, não, mas acho que já tinha tipo uns 2, 3 anos que tinha gente morando aqui. Mas eu vim morar bem no início.

PESQUISADORA: INICIALMENTE ERAM DE LOTES, CASAS PRONTAS, COMO ERA?
MORADORA: casas prontas, casas prontas padrão. Agora, você comprava a casa pronta assim no básico, né? Aí cada um botou piso, essas coisas assim, comprou com porta, janela, parede tudo, mas piso aí. Comprou no "osso" que é como eles chamam, né?

PESQUISADORA: VOCÊ SE LEMBRA DO MOMENTO, DA CONDIÇÃO DE AQUISIÇÃO? TENTE RELATAR UM POUQNHO COMO FOI ESSE PROCESSO, SE FOI CORRETORA, DIRETO COM UM AGENTE, DAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO, FINANCIAMENTO SE HOUVE OU NÃO, PARA AVALIARMOS COMO FOI ESSE PROCESSO.
MORADORA: Ah, foi uma maravilha, na época Lula era presidente e tinha 100% de financiamento para servidor público federal, então, eu financiei 100% a casa, sem entrada.

PESQUISADORA: QUE MARAVILHA. ENTÃO, AÍ DEPOOIS TEVE ESSE PROCESSO DE QUITAÇÃO DESSE FINANCIAMENTO?
MORADORA: Até hoje. Aí é mais de 30 anos, eu só vou terminar de pagar daqui a uns 20 ainda (risos). Mas, tipo assim, na época em que eu comprei aqui, a prestação começou era 1700,00 reais que a gente pagava, 1800 reais, não, chegava perto de 2 mil. Agora, 1600 reais. Mas um aluguel aqui no Greenville hoje em dia, ninguém consegue alugar uma casa aqui por menos de 2.500, 00, entendeu? Então, eu pago menos do que eu pagaria num aluguel, bem menos, porque eu estou de 1600 reais é como estaria a prestação normal, mas quando eu me aposentei eu quitei a minha metade, então, a prestação hoje é 800 e alguma coisa, quando você se aposenta por invalidez tem o direito de quitar o imóvel, né? Aí ficou só a parte do meu ex-marido, então, uns 800 e poucos a prestação hoje. Mas, consegui financiar 100% sem entrada.

PESQUISADORA: QUE MARAVILHA.ENTÃO, HEIN?
MORADORA: maravilha! Nunca mais vai acontecer isso de novo (risos). Eu espero que aconteça novamente, mas, está difícil esperar (risos).

PESQUISADORA: VOCÊ SE LEMBRA SE FOI UM PROGRAMA ESPECÍFICO DE FINANCIAMENTO? TIPO HOJE A GENTE TEM O PMCMV.
MORADORA: não. Esse foi especificamente para servidores públicos federais.

PESQUISADORA: ANTES DE MORAR NO GREENVILLE VOCÊ .... EU TE PERGUNTEI SE VOCÊ ERA NATURAL DE CONQUISTA?
MORADORA: perguntou, não.

PESQUISADORA: SEU PAI É DE BRUMADO, NÃO É?
MOPRADORA: meu pai é de Brumado, mas eu sou mineira, eu sou de João Monlevade em Minas Gerais.

PESQUISADORA: HUM ... OLHA AÍ ... E COMO FOI ESSA CHEGADA PARA CÁ?
MORADORA: então, meu é de brumado, minha é de João Monlevade de Minas Gerais, ele, na época de 1964, do golpe, ele teve de sair de Salvador porque ele estava sendo perseguido lá, quase foi preso. Aí, ele tinha um irmão que morava lá em João Monlevade, lá tem uma siderúrgica e conseguiu trabalho para ele em Monlevade aí ele foi. Lá ele conheceu minha mãe, trabalhou lá a vida inteira, aposentou por lá e aí quando ele aposentou, meu avô aqui em brumado já estava velhinho e aí ele falou a gente sempre morou perto da sua família, então, vamos morar perto da minha. Aí coincidiu que tinha a Magnesita em Brumado, a Magnesita convidou ele para trabalhar lá porque ele tinha bastante experiência na área de segurança do trabalho ele é técnico em segurança aí ele falou, ah, eu vou continuar trabalhando por mais alguns anos, então, ele aceitou o trabalho na Magnesita, agente e veio para Brumado, eu tinha 16 anos aí quando eu fiz 17 eu terminei o segundo grau lá, eu fiz magistério lá no colégio estadual, e aí tinha que estudar em Conquista, de Conquista eu vim para cá, adorei a cidade, trabalhei 1 ano na prefeitura, mas tive de sair. Quando eu passei no concurso do estado eu fui para Santa Maria da Vitória, que eu fiz para lá porque era cidade do meu ex-marido e gente estava pensando em se casar e tal. Aí eu fui para Santa Maria da Vitória, trabalhar na EBDA lá 1 ano e um pouquinho, aí eu trabalhei na EBDA, um tempinho em Correntina que foi quando ele conseguiu um trabalho na EBDA em Correntina, mas eu morei poucos meses em Correntina, foi menos de um ano porque aí eu passei no concurso do IBAMA e fui morar em São Miguel do Araguaia, divisa de Goiás com mato Grosso, longe para caramba (risos), fui com a cara e a coragem e a minha filha mais nova que

tinha 8 meses na época, aí eu fiquei quase dois anos em São Miguel do Araguaia, lugar quente, pense num lugar quente. A lapa é quente, sempre quando eu olhava a comparação de temperatura lá estava sempre 5, 6 graus mais quente que na lapa. Aí, como meu marido era servidor público do estado da Bahia, lá era muito longe, só de Santa Maria para lá eram 1200 km de distância. Aí eu fiz um pedido de transferência, não é? eu era obrigada a ficar 5 anos na primeira locação, mas eu fiz um pedido baseado nessa coisa da família, que estava separada, ai eu consegui uma lotação provisória em Bom Jesus da Lapa, que era perto de Santa Maria, aí ele conseguiu a transferência para Bom Jesus da Lapa, eu fiquei na Lapa 5 anos. Aí teve todo um processo lá em Bom Jesus da Lapa porque existia muita corrupção lá e aí quando eu cheguei as coisas começaram a ... teve ameaça de morte ... deram um tiro no carro que eu estava, foi uma confusão. Para resumir a história, no fim das contas, 4 colegas foram presos, 6 demitidos a bem do serviço público e aí fecharam o escritório e me convidaram para assumir a chefia aqui em Conquista. Daí eu vim para cá e na chefia aqui só eu de mulher, a mais jovem, vim com esse histórico de lá de que as pessoas "me culpavam" [*fez final de aspas com as mãos],* pelo fechamento do escritório da Lapa, pelos colegas terem sido presos, essa coisa toda, então, assim, foi um período difícil. Primeiro eu fiquei ...as primeiras coisas que me disseram aqui na chefia foi que ninguém ficava mais do que 2 anos e que ninguém saia sem tomar remédio psiquiátrico, desse jeito (risos)

PESQUISADORA: GENTE!
MORADORA: pois é. Eu sai tomando remédio psiquiátrico, mas saí ... fiquei 5 anos. Fiquei mais do que 2 anos, fiquei 5 anos. Mas, realmente, eu saí assim, acabada, acabada, psicologicamente foi o que terminou ... eu já vinha de uma situação bem difícil desde a época da Lapa né, emocionalmente complicado para mim e foi assim, a gota d'água. Não foi só ... claro, problemas mentais são um conjunto de fatores, não é? Genético... tem um monte de coisas. Tem a depressão pós-parto que eu não tinha cuidado, tinha tudo isso, né? Mas aí, foi quando eu adoeci, 2013 eu comecei a adoecer, 2014 eu saí de licença e não voltei mais, novembro de 2016 eu me aposentei.

PESQUISADORA: INTENSO MESMO! DEPOIS DE TER FEITO TODO ESSE "ZIGZAG", PASSANDO POR VÁRIOS LUGARES, QUANDO VOLTOU PARA CONQUISTA, JÁ FOI IMEDIATAMENTE PARA O GREENVILLE OU VOCÊ FICOU EM OUTRO LUGAR ANTES?
MORADORA: Não. Eu aluguel uma casa no Alto Marom enquanto procurava casa, organizava documentação, eu morei no Alto Marom, perto da casa da minha mãe, eu aluguel uma casa perto da casa da minha mãe e da minha irmã, as duas moram lá, aí fiquei menos de um ano, eu fiquei uns nove meses lá, foi o tempo de arrumar documentação essas coisas, procurar lugar e tal.

PESQUISADORA: VOCÊ FALOU QUE SUA IRMÃ E SUA MÃE MORAM NO ALTO MAROM. SUA FAMÍLIA FICA NESSA RECORTE DA CIDADE?
MORADORA: isso.

PESQUISADORA: PARA A ESCOLHA DA MORADIA, FOI A SUA PRIMEIRA OPÇÃO – O GREENVILLE – PENSOU EM OUTROS LOCAIS? O QUE TE MOTIVOU A ESCOLHER MORAR NESSE FORMATO E O PORQUÊ ESTE, POR QUE O GREENVILLE ESPECIFICAMENTE?
MORADORA: Olha, por minha vontade a gente teria comprado um apartamento ali próximo à FAINOR [*Faculdade particular no bairro Candeias*], mas minhas meninas eram pequenas, "A" tinha seis anos, "B" tinha dois aninhos e pouco e aí quando a gente viu aqui, eu tinha medo de não dar certo o condomínio porque, assim, tinham muitas casas vazias ainda, não tinha acesso aqui asfalto, era tudo ainda terra. Vínhamos pela estrada de terra pela Larissa Cavalcanti, era como se levasse uma hora para chegar aqui porque dá impressão de que é mais longe, né? Tinha que passar por aquela pontezinha ali perto do Devalê que hoje é o Sêneca que também era tudo terra ali, à noite era muito escuro. Aí eu falei com meu marido, eu acho que não vai dar certo a gente morar aqui aí ele insistiu, ele falou que a gente achou uma casa bem ao lado do bosque aqui, muitas árvores, e a questão de ser fechado que as meninas iam andar de bicicleta na rua tranquilo, não sei o que, aí ele insistiu e a gente acabou comprando e deu certo, foi a melhor coisa porque hoje em dia a gente está aqui entre os dois shoppings, né? Depois que inaugurou a J.Pedral passa bem na frente, então, foi a mesma coisa que ganhar na loteria, né? Na verdade, assim, do tanto que a casa valorizou.

PESQUISADORA: CERTO, CERTO. OUTRA QUESTÃO SERIA JUSTAMENTE ESSA MESMO, SE NO ATO DA COMPRA, SE ESSA MOTIVAÇÃO QUE VOCÊ JÁ RELATOU, SE A QUESTÃO DE VALORIZAÇÃO TAMBÉM IMPLICAVA NA ESCOLHA DE VOCÊS?
MORADORA: Na época a gente nem pensou nisso. Na verdade, o meu medo era desvalorizar porque eu tinha medo do condomínio não dar certo, de ficar isolado da cidade porque era bem isolado mesmo, era mato aqui ao redor, quase não tinha condomínio, era tudo estrada de terra, meu medo era de que o condomínio não desse certo e a gente ficasse aqui o resto da vida quase que morando no meio do mato (risos). O que motivou mesmo era a questão de ter criança e ser um condomínio fechado com muita árvore, muita área verde, parquinho, piscina, essas coisas para se divertirem, né? A motivação foi essa.

PESQUISADORA: CERTINHO. AINDA DENTRO DESSA QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO, VOCÊ, HOJE, PRINCIPALMENTE HOJE, MAS PENSANDO NESSE HISTÓRICO DE VOCÊS E DOS VIZINHOS, PELO JEITO VOCÊ FOI TAMBÉM UMA DAS PRIMEIRAS, NÉ? VOCÊ CHEGOU JÁ TEM BASTANTE TEMPO, QUASE 12 ANOS,

UMA DAS PRIMEIRAS MORADORAS, AO LONGO DESSE TEMPO TODO VOCÊ FOI PERCEBENDO ENTRE OS SEUS VIZINHOS, CONVERSANDO COM ELES E TAL, A ESCOLHA, TANTO A SUA OU DEPOIS ISSO PODE TER ATÉ SE APRESENTADO MAIS CLARO OU NÃO, A ESCOLHA DOS VIZINHOS POR ESSE TIPO DE MORADIA, POR EXEMPLO, DO GREENVILLE, SE TEM LIGAÇÕES TAMBÉM COM QUESTÕES DE IDENTIDADE SOCIAL, CULTURAL, SE VOCÊ ACHA QUE ISSO DE ALGUMA FORMA [*telefone toca no meio da entrevista, a filha a interrompe para a entrevistada atender*] !
MORADORA: O telefone tocou aqui, cortou aqui ... você pode repetir, por favor?

PESQUISADORA: SE VOCÊ ACHA QUE QUE HÁ UMA VINCULAÇÃO A UMA IDENTIDADE SOCIAL, CULTURAL, ECONÔMICA?
MORADORA: ah, sim, sim. Então, na minha rua, quando eu me mudei para cá já tinha uma vizinha próxima aqui que é professora da UESB, ela já morava aqui foi uma das primeiras também, continua morando aqui. A minha vizinha do lado já morava aqui, uma senhora idosa, moravam ela e o marido, e la ficou viúva, hoje ela mora sozinha, ela também já morava aqui, um vizinho quase que ali na frente que também é professor da UESB também já morava aqui e lá na frente um vizinho que é gerente do banco do Brasil que já morava aqui. A motivação de todos, assim, exceto essa vizinha aqui do lado que era o casal de idosos foi essa coisa de filho, de tranquilidade, pelo o que a gente conhece assim, e tem uma identidade, assim, de uma afinidade maior entre essas pessoas porque o perfil foi mudando ao longo do tempo. Hoje em dia, o grupo do condomínio mesmo de WhatsApp eu saio um milhão de vezes e depois entro (risos), depois eu tenho que entrar de novo para saber (risos) porque é um perfil diferente hoje. Aqui em frente de casa mesmo, pela primeira vez, no fim de semana eu tive um problema, porque foi um grupo de adolescentes desses assim que não respeitam nada, não respeitam ninguém, que se acham os donos do mundo, fazendo muito barulho, aglomeração e já estava tarde e os vizinhos ligavam para a portaria, o porteiro veio aqui, eles desrespeitaram o porteiro, foi uma confusão. Eu pensei até em chamar a polícia, eu falei se chamar a polícia vai nos bairros, né? Mais abertos, que tem aglomeração e está perturbando porque não vai vir aqui? Aí eu não sei como foi que o síndico resolveu, quando eu estava pensando em ligar para a polícia o barulho parou. Então, assim, hoje é um perfil socioeconômico maior, moram muito médico aí eu percebo isso, assim, essa diferença que não me deixa muito à vontade, sabe? Com os novos moradores. Mas, assim, na minha rua tem gente que já morava aqui, é o pessoal com quem eu me dei bem, apesar de eu não ser uma pessoa de ficar na porta conversando, eu sou mais fechada. Sabe? Mas eu tenho uma boa relação, tipo, ah, pedir uma cebola emprestado, pedir uma xícara de açúcar, as vezes conversar, não sei o quê, assim, com essas vizinhas mais antigas daqui.

PESQUISADORA: CERTO. IA ENTRAR NESSA QUESTÃO MESMO.AINDA MAIS VOCÊ CAMINHOU MUITO, OUTRAS CIDADES POR MOTIVO DE TRABALHO, DE TODA FORMA, POR VEZES É PRECISO CONVERSAR COM O VIZINHO, NEM QUE SEJA AH, PEGOU UMA CORRESPONDENCIA MINHA, COMPRAS EM CASA E TAL, SE HOUVE UMA MUDANÇA NO MODO COMO VOCÊ SE RELACIONAVA COM A SUA VIZINHANÇA ANTERIOR! AO MOMENTO EM QUE VOCÊ FOI PARA O CONDOMÍNIO FECHADO? SE VOCÊ OBSERVA ALGUMA MUDANÇA NO TIPO DE RELAÇÃO, SEM ENTRAR NO MÉRITO NECESSARIANTE DE MELHOR OU PIOR, MAS SE HOUVE MUDANÇA, GOSTARIA QUE VOCÊ FALASSE UM POUCO.
MORADORA: minha relação com vizinhança sempre foi essa, de ser o mais cordial possível, mas eu nunca fui dessas de ficar conversando, ficar batendo papo, ah, senta e fica horas batendo papo, converso, ficar horas, conta uma coisa, conversa outra. Eu converso bastante aqui com a minha vizinha ao lado que é uma senhora viúva que mora sozinha, então, eu converso bastante com ela assim, principalmente, na pandemia, não é? É com quem eu mais converso. E o restante dos vizinhos eu cumprimento e tal, agora, assim, tirando essas pessoas que eu citei na rua eu não sei nem o nome dos outros (risos) nem o nome, eu não sei o que faz da vida, eu não sei quem é.

PESQUISADORA: QUANTAS UNIDADES TEM AÍ?
MORADORA: 240 unidades

PESQUISADORA: HUM... UMA MÉDIA DE 4 PESSOAS POR UNIDADE?
MORADORA: isso, geralmente, um casal e dois filhos

PESQUISADORA: É. PARECE SER UM CONDOMÍNIO UM POUCO MAIS REDUZIDO, ASSIM, NÃO SEI, ISSO SERIA UM PADRÃO?
MORADORA: dos condomínios de casa, ele até que é, eu acho que ele é um dos maiores, assim, eu não sei como é que estão esses outros aqui por perto, mas, pequeno, pequeno não é, não. Aliás, eu não acho pequeno, mas eu não sei, realmente, como é o padrão dos outros condomínios.

PESQUISADORA: Então, SE FOSSE MENOR, PARA VOCÊ SERIA ATÉ MELHOR?
MORADORA: é. seria melhor.

PESQUISADORA: CONTINUANDO NESSA QUESTÃO DO CONDOMÍNIO, TAMANHO, ESTRUTURA, EU GOSTARIA QUE VOCÊ DESCREVESSE A ESTRUTURA, ESPECIFICAMENTE, SÃO 240 UNIDADES, NÃO É? E OUTROS EQUIPAMENTOS, ESPAÇOS, SE VOCÊ PUDESSE DESCREVER UM POUCO?

MORADORA: Tá. O club, não é? Tem piscina, salão de festas, tem 5 quiosques com churrasqueiras espalhados pelo condomínio, tem quadra de vôlei, de tênis, futebol de campo, tem quadra de futebol de areia e vôlei de areia, né? Sauna ...os gatos estão brigando aqui (risos) tem uns mais novinhos e outros mais velhos, a mais nova fica perturbando os mais velhos... é... sauna, salão de festas, academia, que mais?? Eu nunca entrei nessa academia (risos)

PESQUISADORA:ESSES ESPAÇOS FORAM DESDE A FORMAÇÃO OU FORAM SENDO IMPLEMENTADOS AO LONGO DOS ANOS?
MORADORA: desde a formação, mas ao longo do tempo foram melhorando, né? Tipo, a academia ganhou novos equipamentos, a piscina, fizeram algumas melhorias, os quiosques também, mas estão aqui desde a ... fazem parte do projeto e tem os bosques, né? Tem vários bosques, inclusive, eu dei uma sorte de morar ao lado de um bosque, então, eu tenho um bosque de um lado, bosque no fundo, então, eu só tenho vizinha mesmo de um lado, porque não tem muro, são só cercas vivas, não pode ter muros, só cercas vivas, inclusive, na época, se fosse para eu morar só com vizinhos do lado e o fundo só com cerca viva, eu não teria vindo morar aqui porque eu acho que a privacidade fica um pouco afetada, assim, mas como essa casa é bem do ladinho do bosque, encontrou essa casa aqui, deu sorte, eu falei, vamos lá, morar lá e tal,

PESQUISADORA: QUE ÓTIMO. ELE É CERCADO POR MURO?
MORADORA: ele é cercado por muros e as unidades são cerca viva, não tem muros entre as unidades, é uma cerca viva.

PESQUISADORA: ENTÃO, O MURO, ALÉM DE DELIMITAÇÃO ENTRA TAMBÉM COMO UM SISTEMA DE SEGURANÇA, NÃO É?
MORADORA: é. tem cerca elétrica, o muro é bem alto, tem cerca elétrica e tal

PESQUISADORA: QUAIS OUTROS EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA OU NORMAS ADOTADAS NO CONDOMÍNIO?
MORADORA: além da cerca elétrica ao redor do muro e muro bem alto, tem a portaria, todas as ruas têm câmeras o que acontece em todas as ruas é filmado, a portaria é bem treinada, eu soube que teve um problema com um grupo de adolescentes que queria entrar esse fim de semana e a pessoa que eles iam entrar parece que não estava em casa e os porteiros foram bem firmes em não entrar e eles ficaram falando, mas os porteiros são bem treinados assim e cumprem bem com essa coisa de segurança. Quem mora aqui, os carros têm uma "tagzinha" que abre direto a cancela da portaria e os visitantes têm de parar na partezinha lá de visitante, de ficar, de interfona.

PESQUISADORA: SÃO ENTRADAS DISTINTAS PARA VISITANTE E PARA MORADOR?
MORADORA: distintas para visitantes e para morador.

PESQUISADORA: E PASSA POR UMA IDENTIFICAÇÃO, NÃO? POR EXEMPLO, SE EU FOSSE FAZER A ENTREVISTA NA SUA CASA?
MORADORA: é. você ia parar lá, ia ter um interfone, eu estou indo para a casa de "A", casa X aí eles interfonam aqui, eu falo pode entrar e eles anotam seu nome e a placa do seu carro, ou sua moto o que for.

PESQUISADORA: DOCUMENTAÇÃO, ALGUMA COISA, SE PEDEM?
MORADORA: não, não, documentação, tipo, assim, eles pedem se eu tivesse uma empregada doméstica eu teria que ter lá número do RG essas coisas, porque é uma pessoa que vai entrar todos os dias, para não ficar ... entendeu? Mas, de restante, não.

PESQUISADORA: COMO EU IA LHE PERGUNTAR MAIS PARA FRENTE, MAS JÁ COMO VOCÊ JÁ TOCOU NO ASSUNTO, SE VOCÊ DISPÕE DE SERVIÇOS DE TERCIROS EM SUA CASA? ALGUM FUNCIONÁRIO, ALGUM SERVIÇO DE TERCEIRO AINDA QUE SEJA EVENTUALMENTE?
MORADORA: Não, não.com essa coisa financeira a gente fazendo economia e com duas filhas em casa eu dispensei totalmente .... empregada doméstica eu dispensei desde quando eu aposentei, desde 2016, aí, eventualmente, tinha faxina e tal, mas, aí eu falei não tem porque ter faxineira e tal. A última faxina que teve aqui foi em dezembro, a gente está em abril...porque assim de vez em quando também você precisa daquele serviço maior e aí eu chamo alguém para ajudar, mas, muito de vez em quando. Minhas meninas são uns amores e aí cada uma lava banheiro, limpa seu quarto, uma arruma a cozinha do almoço, outra arruma a cozinha à noite e aí vai levando.

PESQUISADORA: ALÉM DESSES EQUIPAMENTOS E DE SISTEMAS DE SEGURANÇA QUE VOCÊ INDICOU DO CONDOMÍNIO, HÁ ALGUM ESPECÍFICO PARA A SUA UNIDADE, QUE ADOTE PARA A SUA UNIDADE ESPECIFICAMENTE?
MORADORA: Não, não, inclusive as pessoas aqui acham que eu sou relaxada demais porque assim, as casas são todas abertas, são soltas, originalmente, aí tem muita gente que já fechou, já fechou as laterais com vidro, alguns colocam grade em janelas, não sei o que, mas eu durmo aqui até com janela aberta, eu confio tanto na segurança que tem dia que eu vejo pela manhã que eu dormir com as janelas todas abertas. Não tem nada. Minha casa é solta, aberta, as casas, por exemplo, o pessoal coloca câmeras no jardim e eu não tenho, não.

PESQUISADORA: DA ORGANIZAÇÃO E GESTÃO, VOCÊS TÊM UM MORADOR QUE É SÍNDICO, UM SÍNDICO PROFISSIONAL, SE TEM UMA EMPRESA QUE GESTA TUDO, INCLUSIVE JURÍDICO, CONTÁBIL, A SEGURANÇA, SE TAMBÉM É TERCEIRIZADA? COMO É A ORGANIZAÇÃO DE VOCÊS
MORADORA:A segurança é terceirizada, tem o síndico que é morador eleito, mandato de dois anos, mas, existe a empresa que gere o condomínio, uma empresa que faz a administração. Eu acho que é a MS Consultoria. Aí, toda questão de gestão: ah, está precisando de poda das árvores, está precisando fazer isso, aquilo, organizar recolhimento de lixo, não sei o que. A gente faz recolhimento de lixo descartável no condomínio também. Hoje é até dia de recolher o lixo descartável. Tudo isso é organizado pela administradora.

PESQUISADORA: VOCÊ FALOU QUE O CONDOMÍNIO TEM UM GRUPO NO WHATSAPP, NÃO É? A COMUNICAÇÃO OCORRE TAMBÉM DE OUTRA FORMA? HÁ ALGUM APLICATIVO, INCLUSIVE DESSA EMPRESA QUE GESTA O CONDOMÍNIO?
MORADORA: A gente tem um aplicativo, o aplicativo COMDOMOB, nesse aplicativo, por exemplo, eu posso fazer reclamação, fazer pedido de manutenção, coisa assim, mas a comunicação entre os moradores se dá pelo grupo de WhatsApp.

PESQUISADORA: 240 UNIDADES, NO WHATSAPP ... DEVE SER INTENSO, HEIN??
MORADORA: (riso), então, o síndico, de vez em quando, precisa expulsar umas pessoas porque eles pedem que falem só assuntos referentes ao condomínio, mas não tem jeito, as vezes alguém coloca política e causa muita confusão e muita briga por causa de animal, gato, cachorro de não sei quem está solto, porque um gato entrou na minha casa, não sei o que. Tenha muita confusão por causa de animal.

PESQUISADORA: VOCÊS TÊM UM REGULAMENTO, UM REGIMENTO INTERNO?
MORADORA: tem o regimento interno. Tem.

PESQUISADORA: PASSAM POR ESSAS REGRAS TAMBÉM? POR EXEMPLO, ANIMAIS?
MORADORA: Sim, pode ter até dois animais de estimação.

PESQUISADORA: LIMITA, ENTÃO, O NÚMEROS DE ANIMAIS?
MORADORA: Limita. Mas, assim, isso caiu por terra porque inclusive tem jurisprudência coisas assim que você não pode limitar e tem o tamanho do animal, você não pode ter animal de grande porte, mas aqui tem gente que tem rottweiler, sabe? (risos) essa semana mesmo teve um acidente com um cachorro que mordeu uma babá, foi uma confusão aí.

PESQUISADORA: AINDA DENTRO DAS NORMAS E PENSANDO NESSA QUESTÃO DE SEGURANÇA? HÁ ENTRADAS ESPECÍFICAS PARA QUALQUER PESSOA QUE NÃO SEJA MORADOR? DESDE UM FAMILIAR, UM AMIGO, ALGUM SERVIÇO. COMO FUNCIONAM AS NORMAS PARA ENTRADA DESSAS PESSOAS?
MORADORA: é a mesma coisa, para na portaria, se identifica e interfone, familiar e tal, amigo, a não ser que tenha a tagzinha no carro, né? Aí, por exemplo, como eu fiquei sem carro depois do divórcio, eu peguei duas tagzinhas e coloquei uma no carro da minha mãe e outra no carro da minha irmã, então, as duas entram direto, a porta já abre direito, automaticamente. Mas, por exemplo, serviços, se for pintor, construção, qualquer coisa que demande fazer barulho em casa, aí só pode de sete da manhã à cinco da tarde com intervalo no almoço, não pode fazer barulho, e sábado de manhã, sábado à tarde e domingo não pode entrar ninguém, tipo assim, ah, eu vou colocar um box na casa, não faz barulho, mas não pode

PESQUISADORA: VOCÊ MAIS DIRETAMENTE, JÁ TEVE ALGUM PROBLEMA COM ESSAS REGRAS, DE CONFLITO? SEJA DE DESENTENIMENTO OU, ENFIM, ALGUM RUÍDO, ALGUM DESCONFORTO COM ALGUM CONVIDADO SEU EM FUNÇÃO DESSAS REGRAS?
MORADORA: NÃO, com convidado meu, não. Nunca tive problema nenhum, não. Nenhum desconforto, não.

PESQUISADORA: COM VIZINHOS TAMBÉM NÃO EM RELAÇÃO A ISSO DE UM GATO, UM CACHORRO, DE VOCÊ TER QUE ESTAR FALANDO COM ALGUÉM?
MORADORA: ah, sim (risos) um vizinho ... eu tenho três gatos, né? Assim, legalmente, eu poderia ter dois. Mas, quem tem gato não resiste (risos) acabei adotando mais um recentemente e gato é difícil você manter presos em casa. Mas, assim, meus gatos ficam mais dentro de casa do que saindo. Tinha uma vizinha que morava ali na frente que reclamavam bastante dos gatos, meus gatos nunca fizeram coco na casa dela, acho que ela só odeia gato mesmo, se o gato pisasse no jardim, mas enfim. Essa vizinha mudou e nunca mais eu tive problema assim em relação à reclamação de gato de nada, não.

PESQUISADORA: QUANDO HÁ CONFLITOS ASSIM OU ATÉ DE OUTRA NATUREZA, QUESTÕES MAIS SÉRIAS, POR EXEMPLO, DESSES JOVENS QUE TENTARAM ADENTRAR AO CONDOMÍNIO SEM A LIBERAÇÃO, COMO, PRINCIPALMENTE O SÍNDICO, TEM FEITO COM GESTÃO DESSES CONFLITOS, DENTRO DO REGIMENTO, ENFIM, COMO É QUE VOCÊS ORGANIZAM A QUESTÃO DO CONFLITO E COMO ISSO É GESTADO, RESOLVIDO? MULTA? SOLICITAÇÃO VERBAL? COMO É?

MORADORA: então, o síndico sempre tenta resolver pacificamente, como essa questão dos jovens aí, foi lá na portaria para resolver, a questão do barulho aqui na frente de casa também dos jovens aí, ele tenta resolver. Agora, o condomínio tem um advogado e assim, tem casos que vão parar na justiça, por exemplo, dentro do grupo do condomínio, uma senhora ela questionou, fez uma pergunta, se realmente eram sete ou oito horas que o pedreiro podia começar a trabalhar na casa porque o vizinho dela estava fazendo um barulho forte a bateção forte de quebrar a parede estava começando às sete da manhã. ai, as pessoas caíram matando em cima dela. Ela só fez a pergunta se era sete ou se era oito. Que ela é moradora de aluguel, que ela, não sei o que ... que aluga a casa, né? E ela falou, gente, eu estou fazendo só uma pergunta e dizendo que me incomoda. Aí os outros saíram na defesa do vizinho que estava fazendo a reforma. E foi assim um dia inteiro, aí ela colocava 'eu não quero mais falar nesse assunto". Aí ela colocou lá uma hora "isso aqui já está configurando assédio moral", porque as pessoas começavam a fazer piadinha, piadinha com isso, e tal, né? Aí o advogado do condomínio colocou lá "eu peço, encarecidamente, que não toquem mais no assunto porque quem fizer isso vai responder judicialmente porque a moradora já avisou e realmente configura assédio moral, eu quero que vocês parem de falar nesse assunto. O advogado do condomínio teve que ir lá e botar essa mensagem no grupo, entendeu? tipo um bullying mesmo, falaram com ela o dia inteiro, foi mais de um dia, até, acho que foi no dia seguinte que o advogado chegou e fez esse alerta, para que parassem de falar no assunto.

PESQUISADORA: AÍ EVENTUALMENTE PODE ACONTECER UMA MULTA, ALGUMA COISA? CHEGA A ESSA CONDIÇÃO?
MORADORA: multa, por exemplo, se seu animal estiver solto, morder alguém, tem multa. Animal que faz cocô na ciclovia, você sai é o que mais tem, ciclovia é cheia de cocô porque o povo sai com o cachorro, o cachorro faz cocô e eles não coletam. Apesar de ter câmera, dificilmente alguém vai lá buscar na câmera, então, tem multa prevista, mas, não é aplicado isso, sabe? Multa mesmo só em casas em que realmente fica registrado, por exemplo, acho que os vizinhos aqui da frente, que tiveram essa questão barulho, como muitos vizinhos fizeram a queixa no COMDOMOB, pode ser que eles receberam uma multa. Todos os animais do condomínio são cadastrados no COMDOMOB com foto e nome, então, se o animal fez alguma coisa na sua casa, você tira uma foto, coloca lá e faz a queixa, a outra pessoa também recebe a multa, entendeu? É. o que mais? Ah, aqui tinha uma queixa antiga que é o padrão das casas, a pessoa não podia mudar o padrão da frente da casa, está no Regimento isso. Aí começaram a fazer essa moda do telhado alto com não sei o que, começaram a mudar porque é uma coisa que prejudica o vizinho do lado que vai sombrear mais a casa dele, ficar mais escurecido não sei o que e tal, e aí muita gente começou a fazer e aí a questão foi judicializada, foi parar na justiça. Já tem várias casas que as pessoas mudaram o padrão e está correndo lá na justiça, mas eu duvido muito que qualquer juiz mande demolir, né? Então, acho que vai acabar ficando ... pagar multa e alguma coisa assim mesmo.

PESQUISADORA: COMO É O PADRÃO DAS CASAS? VOCÊ FALOU QUE JÁ ERAM CASAS PRONTAS, NÃO É? QUANDO ...?
MORADORA: Isso. Você quer ver?
PESQUISADORA: SE VOCÊ QUISER DESCREVER, PODE FICAR TRANQUILA?
MORADORA: cerca viva, jardim, deixa eu ir ali fora com o computador, depois eu posso mandar fotos também se você quiser. [***a moradora move-se pela casa com o computador para mostrar a estrutura, espaços, da área interna e externa da casa.***] O padrão é essa casa aqui da frente, essa outra aqui, aquela casa lá que já que saiu do padrão, está vendo? Aquela azulzinha. Aí, o padrão são essas casas aqui

PESQUISADORA: ESSAS CASAS, ENTÃO, SÃO DO PADRÃO ORIGINAL?
MORADORA: isso, do padrão original. Mudou aquela ali, e tem aquela beginha que também mudou, está vendo? Entre elas como que ficou sombreada porque está entre duas casas.

PESQUISADORA: A GARAGEM É NA FRENTE, NÃO É? FICOU UMA ÁREA VERDE LEGAL AÍ MESMO.
MORADORA isso. Sim ficou porque é ao lado de um bosque, está vendo? Cheio de árvores, cheio de mangueiras, tem muita manga aqui. Quando dá manga....

PESQUISADORA: ÓTIMO! ESSA AÍ JÁ É DA PARTE DO CONDOMÌNIO, NÂO É?
MORADORA: já é da parte coletiva. Você está vendo que tem cerca aqui, a minha parte é dessa cerca para cá, a de lá é área comum do condomínio. Essa é minha casa.

PESQUISADORA: SE VOCÊ QUISESSE FAZER NA SUA PARTE PRIVATIVA DO TERRENO, POR EXEMPLO, UMA MINI PISCINA, NÃO PODERIA POR CAUSA DO PROJETO ORIGINAL?
MORADORA: teve muita discussão disso em assembleia, aí a questão foi a seguinte, algumas pessoas fizeram não na frente, tem gente que tem essas mini piscinas não fundo. Foi uma questão de segurança com criança, porque não pode fazer muro, cai uma criança do vizinho na sua mini piscina e afoga a responsabilidade é sua. Eu sei que algumas pessoas fizeram, tipo assim, pequenininha no fundo, mas não tem um espaço assim realmente para fazer, e não tem necessidade porque tem piscina no condomínio.

PESQUISADORA: E COMO É O USO DESSES ESPAÇO? AÍ JÁ FALANDO, VOCÊ DISSE QUE TEM UM CLUB, PISICINA, PISTA DE CAMINHAR?
MORADORA: isso, tem, tem uma ciclovia ao redor do condomínio.

PESQUISADORA: VOCÊ USA ESSES ESPAÇOS?
MORADORA: deveria usar (risos), estou precisando muito caminhar, mas está difícil. Academia, eu nunca fui fã da academia, não gosto muito, eu sei que existe ... ah, tem um salão de jogos também, que são espaços, assim, que eu nunca entrei. Ah, também tem espaço gourmet também se você quiser cozinhar por lá e tal.

PESQUISADORA: LIMITA A QUANTIDADES DE PESSOAS PARA O USO DESSES ESPAÇOS?
MORADORA: Limita e limita também os horários. Salão de festas, por exemplo, o salão de festas é bem grande, assim, tipo, se você quiser dá para fazer uma festa de 15 anos, de casamento, mas tem a limitação de às dez horas da noite você tem de abaixar o som e a festa só pode ir até 1h da manhã, então, tem essa limitação. Nos quiosques eu acho que o limite são 30 pessoas, nos quiosques que têm churrasqueira e tal, tem essa limitação, sim. Na piscina, antes da pandemia, né? Cada um podia levar até seis convidados, cada família e assim, não era uma coisa muito fiscalizada, por exemplo, quando eu ia com a minha família aqui, eu tenho, só de sobrinha, mais de seis e aí a minha irmã e tal, as minhas irmãs, o meu irmão e tal, dava mais de seis pessoas. Agora na pandemia só pode ter dez pessoas por vez usando o espaço da piscina, então, eu não sei como é que está sendo feito para reserva isso.

PESQUISADORA: PARA ESSES ESPAÇOS, O USO IMPLICA EM ALGUMA TAXA?
MORADORA: salão de festas e quiosque têm a taxa, você reserva, salão de festas, da última vez que eu soube, parece que estava em 300 reais e quiosque eu acho que é 80 reais, com a churrasqueira e o espaço do churrasco, né? 80. Acho que tem cinco quiosques, deixe-me ver ... 1, 2, 3, 4... são quatro quiosques, com churrasqueira, uma estrutura de churrasco, assim, com espaço ao redor, né? Aí você coloca a mesa e tal para fazer o churrasco.

PESQUISADORA: E HÁ UMA TAXA CONDOMINIAL?
MORADORA: Sim, tem, são 400 reais de condomínio

PESQUISADORA: VOCÊ ACHA QUE É UMA TAXA JUSTA PARA O QUE O CONDOMÍNIO OFERECE, ESTÁ DENTRO DO QUE A RENDA PERMITE, ENFIM, COMO VOCÊ AVALIA PARA AQUILO QUE OFERECE E A TAXA COBRADA?
MORADORA: é. eu acho que é uma taxa muito justa porque é um condomínio muito bem cuidado, sabe? Com relação à limpeza, dá trabalho muita poda de árvore, muita afolha, está sempre muito limpinho, então, eu acho justo.

PESQUISADORA: ÓTIMO. UMA DAS MOTIVAÇÕES QUE VOCÊ FALOU FOI A QUESTÃO DA SEGURANÇA, DA LIBERDADE PARA SUAS FILHAS BRINCAREM, VOCÊS JÁ PASSARAM, FORA AQUELE EVENTO LÁ, QUER DIZER, NÃO FORA, QUE FOI UM EVENTO MUITO FORTE, NÃO É? DE VOCÊ TER QUE SAIR QUASE QUE CORRIDA DA CIDADE, FORA ISSO VOCÊS JÁ PASSARAM POR ALGUMA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA? UM ASSALTO, ALGUMA COISA ASSIM?
MORADORA: Não, não. Eu nunca fui assaltada, eu já fui roubada em Salvador, mas assaltada eu nunca fui, não. Nem minhas meninas, nem meu ex marido.

PESQUISADORA: FOI EM VIA PÚBLICA, TRANSPORTE?
MORADORA: Em Salvador? Eu estava com uma amiga, fomos colocar umas rosas no mar para Iêmanjá acho que ela não gostou muito, não (risos) porque quando eu voltei tinham quebrado o vidro do carro da minha amiga e levaram minha bolsa que estava dentro do carro, foi na orla ali de Salvador.

PESQUISADORA: HOJE VOCÊ ACHA QUE ESSAS QUESTÕES DE INSEGURANÇA ESTÃO UM POUCO MAIS AMENAS, MENOS EVIDENTE? POR EXEMPLO, SE FOSSE PARA VOCÊ ESCOLHER UM OUTRO LUGAR PARA MORAR HOJE, QUAL SERIA A SUA ESCOLHA POR MORADIA?
MORADORA: é. [***suspiro profundo, pausa]*** Se eu tivesse que escolher outro lugar para morar? Eu gostaria de morar em um lugar tivesse muito verde igual tem aqui porque é uma coisa com a qual eu me acostumei, jardim, árvore, essas coisas assim,

PESQUISADORA: TAMBÉM EM CONDOMÍNIO FECHADO?
MORADORA: Se fosse uma casa com jardim e árvore e tal eu não me importaria de morar em lugar que não fosse condomínio fechado, não. Não importaria, não. Inclusive a gente teve esse embate, assim, embate agora no divórcio porque, assim, a minha parte da casa está quitada porque quando eu me aposentei, foi quitada a minha parte, mas inicialmente iríamos vender a casa, dividir o dinheiro para pagar o empréstimo consignado de um e de outro, não sei o que e comprar um apartamento. E aí cada um comprava o que desse com o dinheiro que sobrasse, não é? Aí, andei olhando os apartamentos, corretor veio ver a casa para vender, não sei o que e as meninas ficaram muito triste, principalmente a minha mais nova, ela falou "oh, mamãe, será que onde a gente vai morar tem planta? Eu preciso de planta para poder está bem" não sei o que. E aí eu fui pensar bem, falei, rapaz, desaforo, quem sempre pagou ... a casa foi financiada 100% porque

eu era servidora pública federal, no meu nome, sempre foi descontado na minha conta a prestação, sempre quem pagou a prestação da casa fui eu, a minha parte está quitada, aí eu falei com ele, quem quis o divórcio foi ele, eu falei com ele, olha, eu não vou tirar as minhas filhas daqui e abrir mão da casa porque você quis se separar, não vou, vamos ver um outro jeito. Aí ele concordou também que não era justo e aí a gente fez um acordo, ele ficou com o carro, um valor menor de pensão e ele paga a metade da casa que é dele a prestação da casa ele paga e a gente fez um documento de que assim que a casa for quitada ela vai para o nome das meninas, não é nem minha nem dele, é das meninas, entendeu? Aí ficou dessa forma.

PESQUISADORA: MANTERIA, ENTÃO, ESSE MODELO QUE ESTÁ HOJE?
MORADORA: Isso. Sim, manteria.

PESQUISADORA: PENSANDO NESSA ESTRUTURA DE CONDOMÍNIO FECHADO, QUE É BEM, ATÉ A PRÓPRIA FACHADA DO GREENVILLE É BEM IMPONENTE, QUE JÁ MARCA UM ESPAÇO, PRINCIPALMENTE AGORA DEPOIS DA RODOVIA, ELA SE DESTACA QUANDO A GENTE OBSERVA NA PAISAGEM URBANA, É UMA FACHADA QUE SE DESTACA, O MURO, A EXTENSÃO DO MURO. E AÍ A PERGUNTA É O QUE REPRESENTA O MURO PARA VOCÊ ENQUANTO MORADORA DO CONDOMÍNIO E ENQUANTO UMA MORADORA DESSA CIDADE, O QUE REPRESENTA O MURO PARA VOCÊ?
MORADORA: é uma pergunta bem complexa. Representa segurança porque teve uma época ... a gente mora aqui ao lado do Vilamérica, não é? [*bairro estigmatizado limítrofe*], quando eu me mudei para cá era tudo escuro, não tinha luz, ainda é considerado um bairro perigoso, tem muito tráfico de drogas, não é? As vezes tem tiroteio, já ouvi tiro aqui do ladinho do muro, depois a gente soube que tinham matado gente, que tinha morrido gente. Aí eu fico pensando assim, nessa época mesmo eu fiz essa reflexão, caramba! Eu estou aqui tranquila na minha casa, na cozinha tomando uma cervejinha de boas cozinhando, escuto uns tiros e o que me separa dessa violência é o muro, da condição de vida dessas pessoas que estão ali, numa situação totalmente ... é como se fosse um outro planeta, um outro mundo, uma outra vida, assim. Dá segurança, mas me faz mal, ao mesmo tempo, sabe? Quando você para, para refletir nisso. Tem até uma charge, você já deve ter visto essa charge, um condomínio de luxo, assim, um muro e uma favela do lado, desenhado, então, eu me sinto ... eu sou a pessoa perfeita para me sentir culpada pelas coisas (risos) as vezes eu me sinto até culpada assim. Mas, ao mesmo tempo, é segurança. Logo no início quando a gente morou aqui teve uma chuva forte, tinha um problema estrutural aí no muro, caiu uma parte do muro. E aí ficou um vigia lá do lado, mas, a insegurança que eu senti nesses dias em que o muro estava caído foi grande, tipo assim, nossa. Aí, você preocupa em fechar direito a janela, sozinha, não sei o que, essas coisas assim. Então, representa segurança, mas ao mesmo tempo representa um problema, tipo assim, uma bandeira mostrando um problema que existe, não é? E que está aqui no nariz de todo mundo, um problema social. Representa isso.

PESQUISADORA: BOM, NÓS VAMOS FALAR AGORA SOBRE O QUE É A SUA VIVÊNCIA NA CIDADE A PARTIR DA SUA CASA, SOBRE SUAS RELAÇÕES COM O ENTORNO DO CONDOMÍNIO. VOCÊS COSTUMA ANDAR AO REDOR DO CONDOMÍNIO, NO BAIRRO, TER CONTATO COM OS VIZINHOS QUE ESTÃO FORA DOS MUROS? COMO É A SUA RELAÇÃO COM AS PROXIMIDADES DO CONDOMÍNIO?
MORADORA: Então, depois que asfaltou, que veio essa avenida nova, tem muito movimento, eu vou andando aqui no Vilamérica essa parte deixou de ser essa parte tão perigosa assim porque começou a ter comércio, então, eu vou andando até lá, eu vou no mercadinho, tem a loja de pet shop de material de construção que eu vou andando. Eu não sou uma pessoa, como eu te disse, de ter amizade. Eu sou muito difícil de fazer amizade, eu sou uma pessoa mais fechada, mais na minha, assim, então, se eu mal converso com os daqui de dentro, que dirá com os de lá de fora (risos), não tenho assim de ... ah, vou na casa de fulano conversar, não. Eu vou na casa da minha mãe, das minhas irmãs, do meu irmão, é o que eu convivo assim, geralmente, sabe?

PRÁTICAS DE LAZER
PESQUISADORA: CERTINHO. UMAS DAS DIMENSÕES DO COTIDIANO QUE A GENTE TRABALHA É O LAZER, AÍ EU GOSTARIA DE SABER QUAL É O SEU LAZER, O LAZER DA SUA FAMÍLIA PRIMEIRO E ONDE É QUE VOCÊS REALIZAM ESSA PRÁTICA? SE VOCÊ PUDER DETRALHAR, TIPO, SE FOR FORA DO CONDOMÍNIO, QUAL BAIRRO, QUE TIPO DE ATIVIDADE, SE LEMBRAR DE UM LUGAR ESPECÍFICO QUE VOCÊS GOSTAM DE FREQUENTAR, O QUE É QUE VOCÊS FAZEM LÁ GERALMENTE, QUAIS SÃO AS COMPANHIAS. É CLARO QUE NA PANDEMIA MUDA TOTALMENTE ESSA LÓGICA, NÃO É? ENTÃO, VAMOS PENSAR O ANTES DA PANDEMIA, PENSANDO EM CONDIÇÃO TÍPICA O QUE SERIA O LAZER DA SUA FAMÍLIA?
MORADORA: tá. No antes da pandemia era tipo cinema, as vezes algum restaurante, barzinho, essas coisas assim. Minha filha mais nova gosta muito de andar assim em bando (risos) ela é bem expansiva, bem cheia de amigos e ela ia caminhar na Olívia [Avenida Olívia Flores], ah, tomar sol, sair, ir no shopping com os amigos e tal. A minha mais velha já tem um namoro sério, ela começou a namorar com 16 anos ainda ...ah, o namorado está até aqui, está passando o tempo da pandemia aqui, já tem dois anos que eles namoram, então, ela sai mais com ele, os amigos que eles têm em comum e ela já é mais fechada assim como eu, ela não é muito de ter turma, mas mesmo assim, ela ia na casa de amigos, ah, vai ter uma festinha, vai ter alguma coisa assim. Eu sempre fui muito caseira, eu não sou muito de gostar de sair de casa que inclusive era um dos problemas do meu casamento que meu marido é totalmente o oposto disso, ele conhece todo mundo desse

condomínio aqui, ai todo fim de semana ele estava em churrasco, sexta, sábado e domingo, na casa de um, na casa de outro, não sei o que, conhecia todo mundo, conversa com todo mundo. De vez em quando eu ia com ele, mas muito de vez em quando porque não são lugares onde eu me sentia à vontade. Tipo assim, você chega em um lugar onde está ... eu não sou uma pessoa de andar, tipo, toda arrumada, andar toda maquiada, não sei o que, e de preocupar em comprar sapato e não sei o que, aí você chega lá e se senta no meio de um tanto de gente que só vai falar de plástica, de não sei o que, falar de ...grrrrr...sinceramente, eu ficava, eu gostava de ficar mais próxima da conversa dos homens, mas aí é uma coisa que você percebe que as pessoas já não ficam muito à vontade, de você está ali. Então, eu não me sentia à vontade, eu de vez em quando só para agradar, na casa de pessoas onde eu ficava mais um pouco à vontade do que na casa da maioria. Ai, algumas pessoas eu ia, assim, mais para agradar, com as pessoas com que eu me sentia um pouco mais à vontade e tal. Mas eu sou muito caseira, eu gosto de ficar em casa, de ver filme, de ler. Tanto assim que na pandemia minha vida não mudou tanto (risos), mudou a questão da UESB, não é? Porque eu estou sentindo muita falta de ir para as aulas, de ir encontrar os colegas e tudo, mas, fora isso, continua, não mudou muito, não.

PESQUISADORA: VOCÊ CITOU AQUI ALGUMAS ATIVIDADES COMO IR AO CINEMA, TEM ALGUMA PREFERÊNCIA PELO O DO CONQUISTA SUL OU DO BOULEVARD?
MORADORA: Não. Dependia do filme que estava passando, se nos dois estiver passando o mesmo filme, geralmente no Conquista Sul é um pouco mais barato as coisas, não é? (risos), Conquista Sul.

PESQUISADORA: RESTAURANTES, UM BAIRRO QUE VOCE COSTUMA FREQUENTAR MAIS, TEM MAIOR INTERESSE, FICAVA MAIS À VONTADE, ENFIM, OU ERA MAIS DIVERSO PELA CIDADE?
MORADORA: mais diversos. Agora, a gente sempre gostava, quando saímos eu e meu marido, de sair, ah, sei lá, no Cai I [Candeias] ou outro lugar que tivesse música ao vivo. O bairro é mais pelo centro, centro, INOCOOP, Morada dos Pássaros tem uns lugarzinhos legais também. [pausa]. Não é centro, é Candeias, não é? Quando eu falo centro é que eu penso Olívia Flores, não é Centro, é Candeias. Porque eu pensei Olívia Flores como central, mas é Candeias, eu esqueço que centro é o centro mesmo, lá embaixo.

PESQUISADORA: BARZINHOS, TEM UM BAIRRO PRIORITÁRIO E UM ESTABELECIMENTO TAMBÉM? ASSIM, QUANDO SAÍA ONDE FREQUENTAVA?
MORADORA: então, Morada dos Pássaros e Candeias a gente ia.

PESQUISADORA: CERTO. E AS FILHAS TAMBÉM FREQUENTAM O CANDEIAS, NÃO É? OLÍVIA FLORES, A PISTA DE CAMINHADA. CERTINHO.
MORADORA: isso.

PESQUISADORA: QUANTO A ESPAÇOS PÚBLICOS, VOCÊ COSTUMAVA FREQUENTAR ALGUM NA CIDADE? SE VOCÊ TEM NA MEMÓRIA ONDE COSTUMAVA FREQUENTAR SE DEIXOU DE IR, O PORQUÊ. QUAL A SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS?
MORADORA: Quando tinha natal da cidade lá no centro a gente costumava ir lá, centro, as meninas eram menores costumava levar para ver as luzes de natal lá na Tancredo Neves, não é?[*praça principal da cidade].* Lá no Glauber Rocha, no São João, quando chegou a ter algum. E aí depois de pandemia parou tudo.

PESQUISADORA: PARA ESSAS ATIVIDADES DE LAZER, QUAL O MEIO DE TRANSPORTE QUE VOCÊ UTILIZA OU UTILIZAVA?
MORADORA: utilizava carro. [pausa] ah, o por do sol no Cristo, pena que parou de ter, não é? Teve algumas vezes. Que o cristo aqui de Conquista é lindo, não é? Mas, se não tiver acontecendo é perigoso você ir lá sozinho, mas o Cristo é muito bonito

PESQUISADORA: VOCÊ CHEGOU A FREQUENTAR MUITAS VEZES NESSE CASO DO PROJETO POR DO SOL?
MORADORA: foi recentemente, acho que eu fui umas três vezes.

PESQUISADORA: JÁ TINHA IDO LÁ ANTES DESSE PROJETO?
MORADORA: já, já, porque eu trabalhei um ano na prefeitura e a secretaria de meio de ambiente é lá do lado, é pertinho.

PESQUISADORA: CERTO, VOCÊ JÁ TINHA UM CONTTAO. AH, SIM E SUA MÃE É DO ALTO MAROM VOCÊ FALOU QUE É RELATIVAMENTE PRÓXIMO
MORADORA: é, é. Só que minha mãe é do Alto Marom mais assim na parte de baixo. Sabe onde é o supermercado São Geraldo? Aí tem um posto de gasolina ali logo depois, não é? Aí subindo ali naquela rua do posto de gasolina eu tenho uma irmã que mora ali. Descendo ali onde era diverso agora é panvilac eu tenho uma irmã que mora ali na esquina e minha mãe mora na rua do lado assim daquela do posto, na outra rua.

PESQUISADORA: ALÉM DESSES ESPAÇOS RUAS, PRAÇAS E NO CASO DO POR DO SOL, NATAL DA CIDADE, SÃO JOÃO, DE PROJETOS PELA PREFEITURA E DEMAIS ORGÃOS, HAVERIA ALGUM OUTRO ESPAÇO

POÚBLICO QUE VOCÊ FREQUENTA OU ATÉ ESPAÇOS PÚBLICOS QUE VOCÊ TENHA CONHECIMENTO, MAS QUE NÃO FREQUENTA POR ALGUM MOTIVO?
MORADORA: não, não estou lembrando de nada assim, não. Tem a [Avenida] Olívia Flores, eu cheguei a caminhar ali, aqui entre a UFBA e a UESB, não é? Que ficou bem legal para caminhar, eu cheguei a caminhar um tempo ali, é um espaço legal. Mas, é porque eu sou preguiçosa mesmo para caminhada (risos), gostaria de frequentar mais, mas na pandemia não quero mais, não me arrisco, não.

PESQUISADORA: SOBRE A FREQUÊNCIA, VOCÊ JÁ FALOU QUE É MAIS CASEIRA, MAS SE FOSSE PARA DELIMITAR, COM QUE FREQUÊNCIA ESSAS ATIVIDADES ERAM/SÃO REALIZADAS?
MORADORA: a cada quinze dias, uma vez no mês, as vezes até mais dependendo assim do mês, não é? Eu não saberia dizer, assim, uma frequência. É que é uma coisa que você faz, ah, eu estou com vontade de ir ao cinema, não é assim uma coisa programada.

PESQUISADORA: VOCÊ IDENTIFICA ALGUMAS DESSAS ESTRUTURAS DO SEU CONDOMÍNIO COMO SENDO UM ESPAÇO PARA O SEU LAZER?
MORADORA: antigamente era piscina, mas, assim, eu nunca fui sozinha, por exemplo, eu ia com as meninas, com os meus sobrinhos que sempre gostam muito de piscina. Agora, nossa, tem muitos anos, uma coisa que eu gosto, por exemplo, é sauna, acho que eu fui só umas três vezes na sauna daqui. Tem uma sauna (risos), não utilizo muito, não.

PESQUISADORA: E NO CASO DESSE ESPAÇOS COMO A SAUNA, PRESCINDE DE UMA RESERVA, HÁ TAXAS PARA USO OU É USO LIVRE?
MORADORA: é livre, tem os dias e horários corretos, não é? Acho que é terça, quinta e ... eu sei que tem dois dias que não abre na semana, mas não tem taxa e reserva, não.

PRÁTICAS DE CONSUMO
PESQUISADORA: SOBRE AS PRÁTICAS DE CONSUMO AGORA E AÍ É CONSUMO DE MODO AMPLIADO, DESDE UM EQUIPAMENTO PARA DENTRO DE CASA, UMA TINTA, UM ESTOFADO, UM CELULAR, UM COMPUTADOR, ROUPA, COMIDA, UMA PADARIA, ENTÃO, VAI SER O CONUMO DE MODO AMPLIADO, E TAMBÉM VAMOS TENTAR FALAR PRIMEIRO ANTES DA PANDEMIA, ENTÃO, [*interrupção do interfone, a entrevistada foi atender a uma vizinha que bateu à porta para pedir leite emprestado*]ONDE SE DÃO, AS SUAS ÁREAS PREFERENCIAIS, SE EM CONQUISTA, E COMO É QUE VOCÊ SE DESLOCA PARA LÁ, QUAL É O PRODUTO, SE VOCÊ TEM PREFERÊNCIAS POR MARCAS, POR LOJAS, VAMOS CONVERSAR UM POUCO SOBRE ESSAS PRÁTICAS DE CONSUMO [*a entrevista interrompe novamente para com a vizinha*]
MORADORA: Voltei. Então, roupas essas coisas assim, geralmente, em loja de departamento, principalmente depois da pandemia, porque é uma coisa que você vai ali rapidinho e tal. Eu não gosto muito de comprar roupa, é um negócio que eu tenho trauma assim, inclusive. Eu sou do tipo que compra coisa sem experimentar por preguiça de experimentar, chega em casa não serve. Antes da pandemia eu ia no Centro, roupa. Feira é Assaí, atacadão essas coisas. Agora, essas coisas assim, produto eletrônico, não sei o que, tudo que pode comprar pela internet eu compro pela internet, desde muito tempo, computador, livros, até roupa mesmo, toda vez que eu compro pela internet eu me arrependo, mas (risos), eu gosto muito de comprar pela internet

PESQUISADORA: VOCÊ FALOU QUE GOSTA DE COMPRAR EM LOJAS DE DEPARTAMENTO, TEM ALGUM QUE VOCÊ USE COM MAIS FREQUÊNCIA?
MORADORA: Riachuelo, eu acho. Riachuelo, Renner, o que tiver com o preço, assim, melhor, na verdade.

PESQUISADORA: LOJAS NA INTERNET, VOCÊ TAMBÉM TEM ALGUMA PREFERENCIAL?
MORADORA: não, não, preferencial, não. Geralmente, eu compro muito pelo mercado livre, as vezes as Americanas, aí você vai naqueles sites de preços, não é? Buscapé e tal e vê onde você encontra segurança e seja mais barato.

PESQUISADORA: NAS SUAS COMPRAS, ALÉM DO PREÇO QUE VOCÊ JÁ DESTACOU, COSTUMA FAZER AS COMPRAS POR QUESTÕES DE MARCA, POR TER RELAÇÃO DE CONFIANÇA COM PRODUTO DE DETERMINADA MARCA, LOJA E AÍ VOCÊ, AINDA QUE PESE A QUESTÃO DO PREÇO, NA HORA DA COMPRA VOCÊ TEM ESSE FILTRO NAS COMPRAS, TANTO ONLINE COMO PRESENCIAL?
MORADORA: na verdade, a única marca que eu não abro mão é a Natura, que inclusive é "A" [*a fonte que a indicou*] que me vende Natura. Eu compro Natura há muitos anos e todo mês, todo mês eu tenho a conta da natura para pagar para "A" (risos). O resto, não. Não tenho, não.

PESQUISADORA: BEBIDA, SE CONSOME, NÃO É? SE TEM ALGUMA PREFERENCIAL?
MORADORA: ah, eu gosto muito de cerveja. Antes dessa crise toda, dava até para comprar uma Heineken, uma coisa assim, agora é Bhrama duplo malte, Bohemia, agora é mais pelo preço do que ...

PESQUISADORA: QUANDO DA IDA PRESENCIAL, QUAL O MEIO DE TRANSPORTE QUE VOCÊ UTLIZA PARA AS COMPRAS?

MORADORA: o carro. Eu pego o carro emprestado ou com minha mãe ou com minha irmã, eu vou de carro. Se for mercadinho eu vou andando, mas se é feira do mês, tal, aí eu pego emprestado.

PESQUISADORA: O SEU BAIRRO, [BOA VISTA], TEM ESSA ESTRUTURA, AINDA QUE IMEDIATA, QUE TE ATENDA NO CONSUMO?
MORADORA: então, depois da avenida aqui [*construção da perimetral J. Pedral*] tem mercadinho, petshop, tem loja de material de construção, abriu bastante coisa.

PESQUISADORA: VOCÊ CONSOME NO BAIRRO?
MORADORA: consumo no bairro, bastante. O que eu faço fora é basicamente a feira do mês que aí é quantidade grande, então eu faço ou no Assaí ou Atacadão, geralmente no Assaí. E o restante, assim, durante o mês, ah, tem que comprar alguma coisa que faltou, comprar pão, não sei o que, aí é tudo aqui no bairro, no mercadinho mesmo aqui do lado.
PESQUISADORA: AÇOUGUE, TAMBÉM JÁ TEM AÍ?
MORADORA: É, carne vermelha, geralmente a gente não consome, come mais frango e aí eu compro geralmente na feira do mês e fica aí para o mês todo.

PESQUISADORA: FARMÁCIA, ESSAS COISAS?
MORADORA: farmácia, assim, eu compro sempre na Drogasil porque já tem cadastro, desconto, essas coisas assim, a não ser que acabe um remédio, tipo, já acabou meu remédio de pressão aqui, eu não pegar carro emprestado, pegar Uber para ir lá na Drogasil, aí eu já compro numa farmácia aqui perto ou já ligo para alguma próxima para trazer, também, que é um remédio mais barato, mais cotidiano, assim.

PESQUISADORA: SOBRE O CENTRO PRINCIPAL, VOCÊ TEM DEMANDAS ESPECÍFICAS A FAZER LÁ? QUAL É A SUA ACESSIBILDIADE A ELE?
MORADORA: eu evito muito o centro, mesmo antes de pandemia eu já não gostava, eu não gosto de lugar muito cheio, me faz mal, assim, ficar em lugar que tem muita gente. Então, eu já evitava. Meu banco por exemplo, é a Caixa Econômica lá do centro, então, de vez quando tenho de ir para resolver algum problema, eu estou precisando ir lá já tem meses e eu estou evitando ir por conta da pandemia, da última vez que eu fui estava muito cheio, eu desisti e voltei. Centro é mais assim, tipo, papelaria, você tem que comprar coisa de papelaria você tem que ir no centro, não tem jeito, não é? Papelaria, é, geralmente isso, eu só vou ao centro se for coisa de papelaria mesmo que tenha que comprar.

PESQUISDORA: ESSES OUTROS CENTROS DE CONSUMO, POR EXEMPLO, VOCÊ INDICOU COMPRAR EM ALGUMAS LOJAS DE DEPARTAMENTO QUE ESTÃO HOJE NOS SHOPPING CENTERS, SE NO CASO DE IR, VOCÊ JÁ APROVEITA PARA OUTRO TIPO DE CONSUMO, OUTROS PRODUTOS, ENFIM?
MORADORA: não. Antes da pandemia, ah, tem que comprar roupas para as meninas, deixava elas escolherem, sentava lá na praça de alimentação, ficava tomando um shop, porque eu deixei de comprar roupa, odeio escolher ainda mais quando é para outra pessoa. Mas, agora, não. É direto onde tem que ir mesmo, ir e volta, tal.

PESQUISDORA: SE FOSSE PARA COLOCARMOS DENTRE ESSES DOIS CENTROS DE CONSUMO, O MAIS FREQUENTE SERIA O CONSUMO NOS SHOPPINGS CENTERS OU NO CENTRO PRINCIPAL?
MORADORA: mais frequenta, nos shopping justamente por essa coisa de ter menos gente, assim, no centro é muito apinhado, assim, de gente. Agora, quando eu estava trabalhando era mais no centro porque eu tinha que passar pelo centro de qualquer forma, não é? Por que o IBAMA era lá na BR, então, aí, era mais fácil no centro, mas depois que eu me aposentei, não, é mais no shopping mesmo.

PESQUISDORA: ALÉM DESSA QUESTÃO DA MULTIDÃO, HAVERIA ALGUMA OUTRA CONDIÇÃO, SENSAÇÃO QUE A FAÇA OPTAR PELO SHOPPING CENTER?
MORADORA: optar pelo shopping é mais isso, você não precisa caminhar muito para coisas, tipo assim, você tem que comprar sapato, uma meia, calcinha e alguma roupa e ai numa tarde você encontra tudo lá, não é? Não precisa estar caminhando muito, não precisa ir ... e tem menos gente do que o centro, é mais isso mesmo. E se eu puder evitar de ir no shopping e comprar pela internet melhor ainda, eu prefiro comprar pela internet. (risos).

PESQUISDORA: ESTACIONAMENTO, CONDIÇÃO CLIMÁTICA.
MORADORA: estacionamento, principalmente no centro é uma coisa complicadíssima, não é? Muito complicado ir ao centro, muito complicado estacionar.

PESQUISDORA: COMPRAS PELA INTERNET JÁ INDICOU ESTAR BEM HABITUADA, E COMPRAS PELO CELULAR, APLIVATIVOS, LIGANDO, PEDINDO ALGUMA COISA NESSE SENTIDO, NÃO É?
MORADORA: eu uso muito aplicativos mesmo, da Americanas, do Mercado livre e tal, bastante aplicativo.

PESQUISDORA: ATÉ PARA QUESTÕES MAIS RÁPIDAS, COMO COMIDA?
MORADORA: isso, o delivery. Antigamente a gente ligava para pedir pizza, não existe mais isso, não é? Só o delivery mesmo, só o aplicativo.

PESQUISDORA: DENTRO DO CONDOMÍNIO TEM ALGUMA ATIVIDADE ASSIM, ALGUÉM QUE VENDA UM BOLINHO, ALGUMA COISA?
MORADORA: tem, tem. É proibido abrir comércio aqui dentro, não pode, mas, assim, informalmente, tem, tem. Tem até salão de beleza aqui informalmente. Aí tem gente que vende pizza, picolé, queijo, manteiga. Aí tem um outro grupo de WhatsApp que se chamas "feirão", aí nesse grupo cada um oferece o que tem lá para vender ai as vezes até queijo, manteiga, essas coisas, eu até compro da vizinha aqui.

PESQUISDORA: NO CASO, É UM COMÉRCIO QUE VOCÊ VÊ COMO POSITIVO?
MORADORA: sim, sim. É positivo porque as vezes você está numa emergência, você não quer sair de casa. Tem uma moça que vende verdura, fruta, banana, essas coisas assim. Aí chama pelo WhatsApp, pede, ela traz, faz um Pix ou deixa para transferir no fim do mês, tal, é rápido

PESQUISDORA: PRÁTICO, HEIN?
MORADORA: não, é? (riso), mas, assim, geralmente, o preço é mais caro, então, eu evito. Só se for uma emergência mesmo.

PESQUISDORA: PENSANDO A ESTRUTURA DO SHOPPING CENTER QUE VOCÊ TEM ALGUMA FREQUENCIA VOCE VÊ PONTOS EM COMUM COM A ESTRUTURA DO CONDOMÍNHO FECHADO?
MORADORA: sim, ambos têm a mesma característica de restringir um pouco a circulação de pessoas, não é? É uma circulação mais restrita, não é aquela coisa de um grande movimento de gente, eu vejo isso.

PESQUISDORA: TERIA LGUMA TRIAGEM, ALGUMA COISA ASSIM, COMO É QUE VOCÊ LÊ ESSE "RESTRINGIR" A CIRCULAÇÃO?
MORADORA: só pela quantidade de pessoas mesmo porque como eu lhe disse eu não me sinto bem em lugar muito cheio. É mais por isso mesmo. E tem também a questão de segurança, não é? Segurança do shopping, por exemplo, você vai circular lá no centro, tem que estar sempre olhando seu telefone, não pode estar com a bolsa aberta, principalmente ali pela região da Lauro de Freitas, essas coisas. Já no shopping, você também não pode dar bobeira, mas você já fica mais tranquilo com relação a essa coisa de segurança, tem câmera e tal.

PESQUISDORA: DENTRO DO CONDOMÍNIO VOCÊS COSTUMAM TER ATIVIDADES QUE PROMOVAM O ENCONTRO, ALGUMA AÇÃO COLETIVA PARA ALÉM DE ASSEMBLEIAS, NÃO É? VOCÊS TÊM ASSENBLEIAS?
MORADORA: temos assembleias. Tem o condomínio tem, tem sempre, tinha, antes da pandemia, o São João, carnaval, alguns fins de semana que tinha esse "feirão" que hoje é no WhatsApp era feito no salão de festas, cada um levava seu produto que ia vender, aí vendendo cerveja, shop artesanal, isso acontecia também antes da pandemia.

PESQUISDORA: HUM, LEGAL. ENTÃO, SÃO RECENTES ESSAS ATIVIDADES COLETIVAS QUE VOCÊS MANTINHAM?
MORADORA: é. O carnaval é tradicional, o carnaval já acontece todos os anos há muitos anos, São João também. Mais recentemente as crianças começaram a sair para o halloween para pedir doces no dia do halloween, mas é mais recente isso, de uns três anos para cá, quatro anos.

PESQUISDORA: VOCÊ PARTICIPA DESSES MOMENTOS?
MORADORA: é, carnaval (risos), como eu te disse, eu sou uma pessoa estranha. Eu ia no carnaval com meu marido porque ele gosta muito de carnaval, mas acho que os próximos que tiverem pode ser que eu até vá com a minha irmã se ela quiser ir ou coisa assim, mas, eu não sou fã. São João eu gosto, sempre ia. halloween teve um ano que eu botei umas abóboras aqui fora e tal, uns doces para as crianças pegarem.

PESQUISDORA: BOM, ACHO QUE SOBRE ISSO, FOI TUDO. AINDA SOBRE A QUESTÃO DE SERVIÇOS TERCEIROS, QUANDO PRECISA FAZER ALGUM SERVIÇO EM CASA QUE DEMANDA A ENTRADA DE UM PRESTADOR, HÁ UM HORÁRIO ESPECÍFICO PARA ISSO?
MORADORA: tem, sim. Entre sete da manhã e meio e entre, não sei se é uma ou duas e cinco da tarde. Aí cinco da tarde encerra e fim de semana, sábado só até meio dia, depois não pode mais também.

PESQUISDORA: CORRESPONDÊNCIA, PORTARIA PODE RECEBER, PRECISA DE AUTORIZAÇÃO?
MORADORA: é a portaria que recebe a correspondência e aí avisa pelo aplicativo que tem correspondência lá e aí a gente vai buscar.

PESQUISDORA: SOBRE A GESTÃO DE CONFLITOS INTERNOS, VOCÊS JÁ CHEGARAM A PASSAR POR ALGUMA QUESTÃO SÉRIA ASSIM, TIPO, ALGUMA COISA ILÍCITA DENTRO DO CONDOMÍNIO?
MORADORA: não, a única coisa assim que eu soube que já aconteceu é, tipo, alguns adolescentes estavam fumando maconha na área pública, aí colocaram câmera, luz e aí parou. Mas, assim, eu nunca soube de nada sério, assim. De modo geral, é tranquilo. Sim, recentemente, uma coisa que é raríssima acontecer, um vizinho reclamou que viajou e ele tem uma

bicicleta dessas caras e quando voltou a bicicleta não estava em casa, que ninguém fecha nada aqui, a bicicleta fica do lado de fora aqui, todo mundo fica nas portas, assim, não é? Não é fechado. E é uma coisa que eu nunca tinha visto acontecer. Já tinha acontecido de roubarem computador e uma máquina fotográfica na casa de uma vizinha uma vez, mas descobriram quem foi e esse roubo dessa bicicleta agora, que eu não sei se descobriram se vão descobrir pelas câmeras. Mas é bem raro de acontecer, raro mesmo.

PESQUISADORA: QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DE VIVER EM UM CONDOMÍNIO FECHADO?
MORADORA: positivo é a tranquilidade, a segurança, não é? No meu caso aqui, o contato com a natureza, no sentido de ter árvore, de ter passarinho, tudo quando é tipo de passarinho que você imaginar tem aqui. Pontos negativos, o ponto negativo que eu acho ultimamente é, eu não sei o que está acontecendo com as pessoas, não, mas é as pessoas estão muito descorteses ultimamente, sabe? Principalmente nesse nível assim, não bom levar para o político não, mas é muito bolsonarista aqui dentro, muita gente, assim, arrogante, muita gente que se acha dona do mundo e você fica sabendo de discussões com o porteiro, por exemplo, de falta de respeito. Então, assim, isso é um coisa ruim que eu acho, mas como eu convivo pouco com pessoas de outras unidades, não é? Minha convivência é mais com minha vizinha do lado e as vizinhas mais próximas mesmo eu não tenho muito problema com isso, não. Assim, por exemplo, adolescente mimado, teve umas reclamações de um adolescente que não deve ter nem 15, 14 anos que pega a land rover do pai, ficava de noite correndo na principal com o farol apagado em tempo de atropelar uma criança. Ou de moto, as vezes o adolescente com moto bêbado. Começou a acontecer isso, antigamente não tinha, começou a acontecer esse tipo de coisa, sabe? E aí quando o síndico vai falar o pai desrespeita, essas coisas, assim, incivilizadas. Se atropela uma criança, mata um gato, um cachorro.

PESQUISADORA: NUMA AVALIAÇÃO, SERIA DE ESTAR SATISFEITA EM MORAR AÍ?
MORADORA: sim, sim. Muito.

PESQUISADORA: VAMOS PARA A PARTE FINAL, CAMINHANDO PARA A CONCLUSÃO, QUE É A PARTE DO DESENHO (RISOS)
MORADORA: aí meu deus (risos). Eu não sei se vai sair alguma coisa, não.

PESQUISADORA: VOCÊ ESTÁ COM O MATERIAL QUE PEDI EM MÃOS?
MORADORA: sim, estou com a folha e os lápis [*mostrou para a câmera o material*].

PESQUISADORA: PRONTO, ENTÃO, VAMOS PARA A REPRESENTAÇÃO DE VITÓRIA DA CONQUISTA DE ACORDO COM A SUA EXPERIÊNCIA, ENTÃO, NÃO SE APEGUE À TRAÇO PERFEITO, SE ESTÁ ADEQUADO OU NÃO ESTÁ, SE VAI SAIR TORTO ERRADO, NÃO SE APEGUE A ISSO. EU GOSTARIA QUE VOCÊ FICASSE BEM À VONTADE, BEM LIVRE, AÍ , PENSE ATÉ NO QUE A GENTE CONVERSOU UM POUQUINHO ANTES, EU GOSTARIA QUE VOCÊ VOLTASSE A SUA MEMÓRIA PARA O ANTES DA PANDEMIA E FIZESSE O MAPA DE CONQUISTA DE ACORDO À SUA EXPERIÊNCIA, UM LUGAR QUE AFETIVAMENTE LHE ATRAI OU O CONTRÁRIO, UM DESLOCAMENTO QUE VOCÊ FAZ, ALGO QUE LHE CHAMA A ATENÇÃO NESSE DESLOCAMENTO ENFIM, É O SEU MAPA, FAÇA DA FORMA QUE A SUA MEMÓRIA AFETIVA LHE PERMITIR.
MORADORA: está bem. Eu vou fechar a câmera e o microfone, então, que eu fico mais tranquila, daqui a pouco eu chamo, tá? [a *entrevista faz seu desenho com câmera e microfone desligados por um tempo de quatro minutos*] é obrigatório usar lápis de cor?

PESQUISADORA: NÃO NECESSARIAMENTE, VAI DA SUA NECESSIDADE E DESEJO EM COLORIR O DESENHO.
MORADORA: é que eu fiz um mapinha só com o lápis mesmo, sem pintar. Eu vou te mandar uma foto pelo WhatsApp.

PESQUISADORA: PRONTO. ÓTIMO, EU VOU BAIXAR AQUI JÁ PARA IR ACOMPANHANDO.
MORADORA: eu fiz totalmente fora de escala, sem cor (risos)

PESQUISADORA: BAIXEI, ESTOU VENDO O MAPA. VAMOS FALAR SOBRE SEU MAPA. [*a pesquisadora repete a explicação e objetivo da metodologia*]. AGORA, EU GOSTARIA QUE VOCÊ FIZESSE UMA DESCRIÇÃO DO SEU MAPA.
MORADORA: tá. Então, eu resolvi começar pelo ponto de referência da BR (116) porque a BR divide a cidade basicamente, não é? E é onde eu trabalhava lá porque o IBAMA, que inclusive fechou, não existe mais, ficava ali na 116. Você falou aí em relação afetiva, boa ou ruim, hoje em dia é um lugar em que eu tenho uma crise de pânico só de passar na porta eu já começo a me sentir mal, eu não tenho mais crise de pânico, mas se eu passar por ali pela porta do IBAMA eu já me sinto mal para você ter ideia do nível que chegou o meu problema emocional relacionado ao trabalho ao um monte de coisa na época, não é? Então, aí eu coloquei aqui um acesso para o centro, uma coisa malfeita (risos), partir lá, o centro da cidade. Acesso em relação à zona norte eu coloquei o cristo, porque é um lugar que eu acho bonito e eu já trabalhei lá perto, eu fiz a Serra do Periperi, esse risco aí, eu escrevi Serra do Periperi. Essa é a serra, eu acho que é um lugar importante na cidade. Aí tem a serra do periperi, o cristo, aí mais para baixo eu coloquei à esquerda o Alto Marom que é onde moram minha mãe e minha minhas irmãs, as três moram la. Aí eu percebi que fiz muito desproporcional o que eu tinha pouco espaço,

então, eu fiz a uesb aqui no cantinho, está quase no Alto Marom (risos), é um lugar importante para mim, é onde eu estudo e é onde eu fiz a minha primeira graduação também foi lá, Agronomia, tem uma relação afetiva muito grande com a uesb. Aí aqui eu fiz a Olívia Flores, escrevi zona leste, zona sul que é onde tem o Conquista Sul, eu botei o Conquista Sul aqui, Juracy Magalhães, para levar para o Conquista Sul que é a Avenida do Conquista Sul. Olívia Flores eu botei aqui o Boulevard e a J. Pedral que é a avendia nova que liga aqui, que passa na frente do Greenville agora, aí eu botei o Greenville. Aí é isso, basicamente.

PESQUISADORA: A FORMA COMO VOCÊ DESCREVEU FOI A FORMA DE INÍCIO DO SEU DESENHO?
MORADORA: foi exatamente a sequência. Foi exatamente a sequência que eu desenhei.

PESQUISADORA: CERTO. VAMOS TRABALHAR UM POUCO MAIS COM ELE. [*a pesquisadora destaca resumindo pontos do desenho da entrevistada, continua com explicação da próxima etapa, seguida de uma interrupção da entrevistada para realizar uma ação doméstica***] EM SEIS PALAVRAS, OBJETIVAMENTE, PARA UMA FORMA DE CATEGORIZAÇÃO EM QUE VOCÊ DESCREVESSE SEU MAPA, SEJA COM SENSAÇÕES OU TIPO DE EMOÇÃO QUE LHE DESPERTOU AO FAZER O SEU MAPA, NA ORDEM DE IMPORTÂNCIA EM RELAÇÃO O QUE VOCÊ DESENHOU, E INDICAR O ESPAÇO EQUIVALENTE.**
MORADORA: Amor. mapa da cidade que eu amo. Seis palavras. Eu amo essa cidade, gosto muito daqui. Excetuando essa parte do Trabalho ali, o restante eu tenho ligação afetiva com tudo, até com o centro que ultimamente eu não gosto de ir, mas na primeira graduação aqui eu morava lá no centro, então, era bem legal, quando era mais jovem.

PESQUISADORA: HUM. ESSE SENTIMENTO SERIA PARA A CIDADE TODA DE UM MODO GERAL? CONQUISTA LHE CONQUISTOU (RISOS). UMA SEGUNDA PALAVRA?
MORADORA: Isso. uma palavra só. História, história de vida, não é?

PESQUISADORA: SUA? DE SUA FAMÍLIA? ALGUMA ESPECIFICIDADE DENTRO DESSA "HISTÓRIA DE VIDA"?
MORADORA: mais a minha história porque quando eu vim morar a primeira vez eu vim sozinha, minha família ficou em Brumado, é mais a minha história mesmo.

PESQUISADORA: TERCEIRA?
MORADORA: experiência.

PESQUISADORA: QUARTA?
MORADORA: beleza. É uma cidade bonita.

PESQUISADORA: QUINTA?
MORADORA: conforto. É uma cidade confortável, clima e tal.

PESQUISADORA: sexta?
MORADORA: afetos, porque hoje os meus afetos moram aqui.

PESQUISADORA: CONQUISTA, CONQUISTOU. ALGUNS PONTOS COMPARECERAM ENTRE OUTROS ENTREVISTADOS. PARECE HAVER UM APEGO AQUI (RISOS)
MORADORA: é (risos). Quem vem para Conquista gosta e gosta para o resto da vida.

PESQUISADORA: AGORA QUE VOCÊ JÁ FEZ UMA DESCRIÇAO DO SEU MAPA, JÁ O RESUMIU EM SEIS PALAVRAS AGORA VAMOS TRAVALHAR COM 4 CATEGORIAS QUE VOCÊ VAI SINTETIZAR A SUA EXPERIÊNCIA EM CONQUISTA. [*a pesquisadora explica as 4 categorias***].**
ENTÃO, DO PONTO DE VISTA DA <u>PERTINÊNCIA</u> O QUE IDENTIFICA VITÓRIA DA CONQUISTA? [*a entrevistada pede licença para mudar de cômodo da casa***]**
MORADORA: ah, o "moço". A mania de falar "moço" (risos). Esse aí para mim é o mais representativo esse "moço", "oh, moço" (risos).

PESQUISADORA: E VOCÊ ADAPATOU ESSE MOÇO EM SEU VOCABULÁRIO?
MORADORA: ah, e como. As vezes quando eu vou conversar ... porque vem daqui mesmo, não é? Que até mesmo nordestino mesmo estranha ou pessoal lá de Minas, meus parentes também estranham. Mas, já peguei para mim já esse moço.

PESQUISADORA: DO PONTO DE VISTA DO CONTRASTE, O QUE VOCÊ ENTENDE COMO <u>CONTRASTE</u> NO COTIDIANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA?
MORADORA: contraste que eu acho é entre os bairros, não é? Por exemplo, iluminação de natal, a que é feita na Olívia Flores na zona leste é um show, agora, você vai em outros bairros, outros lugares e não tem nada, não é? De infraestrutura, de acesso à ônibus, essas coisas assim. Eu sei disso porque o namorado da minha filha mora em um bairro bem distante,

Recanto das Águas, lá na saída para Brumado, não sei se você sabe onde é, em que o acesso a ônibus é mais complicado, não tem asfalto, então, são essas coisas assim, eu vejo bem esse contraste, bem mesmo.

PESQUISADORA: CONTRASTE ESPACIAL, PELA QUESTÃO DA INFRAESTRUTURA, MAS VOCÊ ACHA QUE ISSO ESTÁ LIGADO, TAMBÉM, A UM CONTRASTE SOCIOECONÔMICO?
MORADORA: socioeconômico, é mais socioeconômico o contraste que eu vejo, é como se existissem duas cidades, se for você for ver a Conquista aqui do Candeias da zona leste e a Conquista dos bairros mais periféricos. Não digo nem assim Alto Marom, Bairro Brasil, não, são bairros bons, mas quando você vai chegando nos bairros mais periféricos, Vila Elisa, esses outros bairros assim, é um contraste gigantesco.

PESQUISADORA: VOCÊ TEM UMA DE ORIENTAÇÃO ESPACIAL INTERESSANTE. VOCÊ SE RELACIONA A ZONAS OESTE, LESTE ATÉ NO SEU MAPA ISSO COMPARECEU. ACHO ATÉ QUE NEM É PRÓPRIO DAQUI, ACHO QUE VOCÊ TROUXE ISSO DAS SUAS EXPERIÊNCIAS, DE OUTROS LUGARES.
MORADORA: é. Das experiências. Não, daqui mesmo porque eu sempre vou falar o Bairro Brasil fica na zona oeste, zona leste aí tem o Conquista Sul e eu me lembro muito disso porque é Sul porque fica na zona Sul e o Cristo eu sei que fica no norte (risos),

PESQUISADORA: AGRADABILIDADE. SE VOCÊ FOSSE APRESENTAR A CIDADE PARA ESSE SEU CONVIDADO, O QUE É AGRÁVEL EM CONQUISTA, QUALIDAES POSITIVAS?
MORADORA: ah, o clima, primeira coisa. Adoro o clima, muito agradável. A Olívia Flores, a primeira coisa que você apresenta é a Olívia Flores, não é? Que é um lugar bonito, não é? Você vai, mostra a Olívia Flores, vai até a UESB, volta, o Cristo, quando dá as vezes leva no cristo, que eu acho um lugar bonito assim se achar que não está perigoso também. É o que eu acho mais agradável aqui.

PESQUISADORA: ÓTIMO. INSEGURANÇA? ALÉM DESSAS QUESTÕES DE ISNEGURNAÇA URBANA.
MORADORA: o que eu mais me sinto insegura hoje em Conquista é em relação à pandemia, porque eu vejo que as pessoas não levam muito à sério, tem gente que finge que usa máscara, eu fui no Assaí essas semana, vi dois senhores assim de idade com a máscara no queixo enquanto caminham, é como se o povo não levasse a sério. Aí você passa ali pela Olívia Flores fim de semana, parece que não está acontecendo nada, todo mundo correndo, andando de bicicleta sem máscara, eu fico, meu deus do céu. É o que mais tem me deixado insegura. A outra coisa é que meus pais moram sozinhos, idosos, não é? Aí eu tenho medo de que alguém invada a casa, entrar em casa, porque meu pai já abriu o portão no automático uma hora da manhã porque tocaram o interfone (risos), coisa de idoso assim, não é? Só que aí o cachorro começou a latir muito, a pessoa teve medo de entrar, a cachorra é grande e minha mãe veio correndo, fechou o portão e tal. Conquista as vezes tem essas guerras de tráfico, não é? Começa a morrer muita gente e aí como eu moro aqui ao lado do Vilamérica, tem época que morre gente aqui toda semana, durante o dia, mata-se durante o dia, lá no Alto Marom a mesma coisa também. Então, quando começa a acontecer assim essas guerras de tráfico eu já fico com medo, falo com minha mãe, oh, cuidado, aí na rua, minhas irmãs também e aqui também.

PESQUISADORA: SUA MÃE, SUAS IRMÃS MORAM EM CASA DE RUA OU TAMBÉM EM CONDOMÍNIO?
MORADORA: casa normal, sem ser condomínio.

PESQUISADORA: NAS SUAS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES, VOCÊ MOROU EM QUE TIPO DE HABITAÇÃO? CONDOMÍNIO TAMBÉM?
MORADORA: não, casa de rua, condomínio a primeira vez foi aqui

PESQUISADORA: CERTO. E SEMPRE CASA? NUNCA APARTAMENTO OU OUTRO TIPO?
MORADORA: quando eu era estudante, na graduação, eu morava em apartamentinhos, não é? Mas depois que ue formei, não. Sempre casa. Assim, deixa eu só acrescentar uma coisa aqui na parte de insegurança, é outra coisa que eu penso. O namorado da minha filha, meu genro, que está até morando aqui, ele é negro, e as vezes, por exemplo, quando ele sai daqui de casa tarde para algum lugar, eu tenho essa insegurança de voltar para casa dele que é um bairro mais distante, eu tenho essa insegurança, sabe? Que eu falo, é melhor ficar aqui, dormir aqui porque é uma insegurança em relação à própria polícia, inclusive, sabe?

PESQUISADORA: QUAL O MEIO DE TRANSPORTE ELE COSTUMA UTILIZAR NO DESLOCAMENTO?
MORADORA: geralmente ubbr, antigamente, já tem dois anos que eles namoram, ele utilizava ônibus, vinha de ônibus, mas ultimamente Uber, antes eu levava, quando eu tinha o carro, levava e buscava. Uma vez eu fui levar ele na Lauro de Freitas, estava no fundo do carro, ele e minha filha e eu na frente, a polícia encostou no fundo do carro e ficou ... sabe? Assim, umas situações bem desagradáveis assim, bem ruins, que também, trazem insegurança, é uma insegurança.

PESQUISADORA: VOCÊ JÁ SENTIU ALGUMA COISA DESSE TIPO DENTRO DO CONDOMÍNIO?
MORADORA: ah, bastante, bastante. A vizinha do lado mesmo, agora ela sabe que ele está morando mais aqui do que na casa dele, na pandemia ele está ficando mais tempo aqui, teve dias dela me interfonar umas nove da noite e perguntar, está tudo bem aí? Eu falei, está, está tudo bem, tudo tranquilo. Ela falou, ah, é que pela janela eu percebi que tem uma

pessoa diferente aí na sua casa. eu falei, não, é o namorado da minha filha. Está tudo em paz, pode ficar tranquila. Para entrar aqui, por exemplo, eu já o cadastrei no CONDOMOB como morador, ele está lá cadastrado como morador, mas toda vez que ele chega, tem de interfonar, tem de autorizar e eu falei, olha, já está cadastrado, agora até que está parando isso, mas tinha muito isso assim de mesmo cadastrado como morador, mesmo já tendo dois anos frequentando aqui, o povo interfonar para autorizar a entrada. Agora que está parando mais porque toda vez que faziam isso, eu falava, gente olha aí no CONDOMOB no cadastro, eu tenho até cadastrado como morador, ele mora aqui e aí já está parando isso, sabe? Ah, já teve situação da gente estar na piscina, antes da pandemia, em que estava minhas irmãs, todo mundo, ninguém morava aqui, minhas irmãs, pessoal tal, não sei o que, ai minha filha chegou com ele. Assim que ela chegou com ele a pessoa que toma conta da piscina já foi direto perguntar se ele estava autorizado, se era convidado, de quem que era convidado. Aí eu cheguei para o rapaz e falei, olha, todo mundo aqui é convidado, porque você não perguntou para as minhas irmãs, para o pessoal que está aqui há mais tempo, não perguntou para ninguém se era convidado, porque foi perguntar para ele se era convidado? São situações chatas, assim que você vive.

PESQUISADORA: O PERFIL, NO CASO COLOCANDO ESSA QUESTÃO RACIAL, O PERFIL DO CONDOMÍNIO, ENTÃO, É BRANCO?
MORADORA: a maioria é branco, acho que tem pouco, tem negro que mora aqui, mas são poucos, são poucos, têm poucos negros. A maioria é essa classe ... tem muito médico, muito advogado, muito empresário, sabe? Que são as pessoas que começaram a morar aqui de uns anos para cá. Quando eu mudei o perfil era diferente era bancário, professor, servidor público, e aí, depois que foi valorizando muita gente vendeu, foi saindo e vem morando outras pessoas, não é? Foi mudando o nível e é isso.

PESQUISADORA: ECONOMICAMENTE FALANDO, ESSA MUDANÇA DE NÍVEL, ESSE PERFIL MODIFICOU PARA UMA RENDA MAIOR OU PARA UMA RENDA MENOR?
MORADORA: para uma renda maior, porque valorizou, as casas ficaram mais caras, não é? Tipo, quando eu comprei aqui a casa foi R$185 mil, quando eu comprei. Se eu fosse vender hoje eu venderia por 600, 700 mil, entendeu? Valorizou bastante. Então, muita gente que morava aqui, professor, bancário, ah, valorizou tanto, vou vender, vendeu. E aí, começou a mudar, começou a aumentar o nível, subir o nível socioeconômico, entendeu? A minha sorte é que minhas vizinhas do início continuam aqui (risos), são as pessoas com quem eu tenho mais afinidade, sabe?

PESQUISADORA: NOSSA, QUE DESCONFORTO, VIU.
MORADORA: nossa, e aí, começam a aparecer, como eu lhe disse, esses adolescentes mimados, que são mal educados, as crianças são mal educadas, eu fico impressionada com isso, criança mal educada, teve um dia que estavam umas crianças aqui no bosque, gritando muito, fazendo muito barulho, minha filha fazendo prova no quarto, bem ao lado, eu fui pedir para eles falarem mais baixo um pouquinho que A estava fazendo prova, aí eles começaram a gritar embaixo da janela, em vez de melhorar, pioraram, começaram a fazer para pirraçar aí começaram a ir no corredorzinho e gritar, foi ... acontece esse tipo de coisa. De gente que se acha dono do mundo, sabe? Que acha que pode fazer o que quer, dono do mundo mesmo, muito ruim isso.

PESQUISADORA: E PARECE QUE FICOU PIOR NOS ULTIMOS ANOS, HEIN?
MORADORA: e como ficou, e como piorou. Então, assim, eu não tenho nem interesse mais de ir em piscina, gente, acho que mesmo antes da pandemia, tinha muito tempo que eu não ia mais na piscina, nesses lugares assim eu não tenho interesse mesmo, realmente, não tenho vontade de ir, não me sinto bem.

PESQUISADORA: ASSIM, E AINDA QUE A ÁREA PRIVATIVA LHE SEJA DE FATO SEU USO MAIS IMEDATO, O CONDOMÍNIO TAMBÉM É SEU, PARA SEU USO, E AÍ O COLETIVO FICA COMPROMETIDO.
MORADORA: as pessoas estão muito egocêntricas e invasivas, sabe? Aquele eu, eu, eu e ah, eu quero fazer, porque eu posso, eu pago, eu não sei o que. Eu já soube de casos, não foi comigo, mas eu já soube de casos de reclamarem de som, por exemplo, festa de adolescente, reclamar de som, ah, vai ter multa, tem problema, não, eu pago a multa. E aumenta...sabe? então.

PESQUISADORA: NEM A PUNIÇÃO FINANCEIRA ESTÁ DANDO MAIS CONTA, NÃO É?
MORADORA: não, porque a pessoa acha que tem dinheiro, se tem dinheiro para pagar a multa ele faz o que ele quer, ele faz o que ele quer.

PESQUISADORA: VOLTANDO AO SEU MAPA, CONSIDERANDO O ANTES DA PANDEMIA, EU VOU PEDIR PARA VOCÊ REGISTAR EM TRAÇO DIFERENCIADO, PONTINHOS, TRACINHOS MAIS GROSSOS, DOIS PERCUSOS QUE VOCÊ TENDIA A FAZER COTIDIANAMENTE, MARCANDO O PONTO DE ORIGEM E O PONTO DE FIM.
MORADORA: um é a uesb, que eu voltei para a uesb em 2016.

PESQUISADORA: AÍ NESSA SUA REPRESNETAÇÃO VEJA SE CONSEGUE REGISTAR CONSIDERANDO O MEIO DE TRANSPORTE QUE VOCÊ UTILIZA.

MORADORA: tá, peraí. E o outro é mercado que eu costumo fazer, eu vou muito no mercadinho aqui próximo, praticamente do lado

PESQUISADORA: NO MERCADINHO VOCÊ COSTUMA FAZER A PÉ MESMO?
MORADORA: a pé, eu não tenho mais carro mais não, depois do divórcio eu fiquei sem carro.

PESQUISADORA: E PARA A UESB?
MORADORA: então, como o divórcio foi pós pandemia, eu ainda não sei como vai ser, não, mas provavelmente eu vou andando, que eu estou precisando caminhar e não é tão longe assim.

PESQUISADORA: SEU CURSO É DIUNO OU NOTURNO?
MORADORA: é diurno. O de psicologia é diurno.

PESQUISADORA: NESSES PERCUSOS QUE VOCÊ FAZ/FAZIA, NO CASO DA UESB, O MERCADINHO, TEM ALGUMA COISA NO PERCURSO QUE DE ALGUMA FORMA TE CHAME A ATENÇÃO, QUE TODA VEZ QUE VOCÊ PASSA, OLHA, EU TÔ ME APROXIMANDO, TANTO POSITIVAMENTE, COMO NEGATIVAMENTE, ALGO QUE A ATRAIA OU REPULSA, ESTÁ NAS UA MEMÓRIA, UM ELEMENTO NESSES DOIS PERCUSOS QUE TE CHAME A ATENÇAO.
MORADORA: no mercadinho, é o final do muro do condomínio, porque tipo assim, termina o condomínio, o muro, é só caminhar mais um pouquinho, mais uns cem metros, está no mercadinho. A uesb, quando eu estou andando, é terminar de subir aqui a J. Pedral, terminar de subir aquele morro ali, graças a deus é só descer (risos). Basicamente é isso mesmo.

PESQUISADORA: SE TIVESSE ALGUMA COISA PARA MUDAR EM SEU TRAJETO, POR ALGUMA OCASIÃO, VOCÊ JÁ PRECISOU MUDAR O SEU DESLOCAMENTO? QUALUQER MOTIVO?
MORADORA: não, nunca aconteceu.

PESQUISADORA: VOCÊ COSTUMA OU COSTUMAVA ANDAR SOZINHA PELA CIDADE?
MORADORA: sim, sim, sozinha.

PESQUISADORA: QUAL A SENSAÇÃO QUE LHE DESPERTA ANDAR SOZINHA POR CONQUISTA?
MORADORA: nenhuma sensação especial ou particular, não. Eu sempre sou uma pessoa assim, precavida, é uma coisa que eu sou. Acho que como meu pai era técnico em segurança ele falava sempre em segurança com a gente, não é? Então, uma coisa assim que eu já li, por exemplo, quando eu caminho na rua, eu nunca caminho distraída, sempre cabeça erguida, olhando, a postura de quem não está insegura porque ... não é? Sempre atenta. É só isso mesmo.

PESQUISADORA: O QUE MAIS LHE AGRADA EM CONQUISTA?
MORADORA: você ter coisas que existem na cidade grande e coisas que existem na cidade pequena tudo numa cidade só, por exemplo, você tem festival de inverno, tem show, tem cinema, aí tem os restaurantes, aí também tem o boteco daqueles que parece cidade pequena, tem a segurança de uma cidade pequena, tem tudo em uma cidade só.

PESQUISADORA: E O CONTRÁRIO, AQUILO QUE VOCÊ NÃO GOSTA DE JEITO NENHUM?
MORADORA: o que eu não gosto de jeito nenhum em Conquista? [pausa] eu não saberia nomear nada assim que eu não goste de jeito nenhum (risos), eu gosto da cidade. Uma coisa que eu não gosto na cidade é entrar em lojas, por exemplo, de roupas pela Olívia Flores, eu não me sinto à vontade, não gosto mesmo. É uma coisa que eu não gosto, não me sinto à vontade, pelo tratamento, acho as pessoas arrogantes. Não gosto, sabe? Não me sinto bem, não me sinto à vontade. Outra coisa que eu não gosto é dirigir à noite, quando eu tinha carro, ali pela região da BR, é um local que eu fico meio insegura ali, que as vezes eu ia levar meu genro lá e aí passa pela BR, não é? E aí teve uma vez na volta, inclusive, a gente, quando eu fiz o contorno ali de quando vai pata Ilhéus, ai tinha um caminhãozinho parado, quando eu fui me aproximando saíram duas pessoas do caminhão, eu tinha certeza que eles iam me assaltar, aí eu voltei para a pista de novo e acelerei o carro, então, eu me sinto meio insegura ali à noite.

PESQUISADORA: SE FOSSE PARA MUDAR ALGO EM CONQUISTA, O QUE SERIA?
MORADORA: que os governantes tratassem com o mesmo cuidado todos os bairros, com a mesma atenção, carinho, embelezamento, arborização, asfalto, essas coisas, que todos os bairros fossem tratados com a mesma atenção e o mesmo carinho.

PESQUISADORA: PARA FINALIZAR O SEU MAPA, COMO SÍNTESE, EU GOSTARIA QUE VOCE FALASSE UMA METÁFORA QUE SINTETIZASSE TODA ESSA NOSSA CONVERSA, A SUA EXPERIÊNCIA EM CONQUISTA, QUE METÁFORA É MAIS REPRESENTATIVA DA SUA VIDA EM CONQUISTA?
MORADORA: Conquista para mim foi um oásis, sabe? Porque as outras cidades todas em que eu já morei eu já passei por situações bem complicadas, bem difíceis, já morei em muitas cidades, muitos locais e Conquista para mim é um oásis, tanto emocionalmente, quando hoje em dia porque minha família mora aqui também. E é a cidade mesmo, eu gosto muito daqui. Eu me sinto como seu eu tivesse nascido aqui, como se seu fosse conquistense. Eu vim em 1994 para fazer

agronomia, formei em 1999 fiquei até o ano 2000 e voltei no final de 2008 e nesses oito anos tudo que eu queria era voltar para Conquista. (risos) só pensava em voltar para Conquista.

PESQUISADORA: VOCÊ PARTICIPA DE ALGUMA ASSOCIAÇAO, SINDICATO, ORGANIZAÇÃO, FILANTROPICA OU NÃO, CIVIL, POLÍTICA?
MORADORA: tenho. Eu participo de um grupo espiritualista, mas ultimamente eu não tenho me reunido muito, não. Eu não diria nem espírita, não é um centro espírita, assim, é espiritualista mesmo.

PESQUISADORA: CERTO. VOCÊ FAZ USO DAS REDES SOCIAIS PARA COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADE?
MORADORA: uso bastante Instagram e facebook, estou até precisando sair para não passar tanta raiva. (risos)

PESQUISADORA: TAMBÉM NESSAS REDES SOCIAIS VOCÊ TENDE A PARTICIPAR DE ALGUM GRUPO ESPECÍFICO, ORGANIZAÇÃO QUE TEM ALGUMA PAUTA, QUE VOCÊ TENDE TAMBÉM A ESTAR ATUANDO?
MORADORA: Mais voltados à política mesmo, tudo que seja antibolsonaro (risos). Teve um grupo que participei bastante no início, bem bonito que é aquele grupo eu aceito/eu ofereço, hoje em dia está meio paradinho o grupo. Que é entre mulheres, não é? Ah, eu estou precisando de tal coisa... ainda existe, mas está mais parado esse grupo, no início foi mais intenso lá.

PESQUISADORA: ESTAMOS CONCLUINDO, VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR ALGO QUE AINDA NÃO TENHAMOS TOCADO, ALGUMAS PALAVRAS FINAIS?
ENTREVISTADA: é. Eu me sinto acolhida em Conquista, como eu nunca me senti em cidade nenhuma, assim, apesar de ser uma pessoa, como eu lhe disse, de poucas amizades, assim, de poucos amigos, mas eu me sinto muito acolhida aqui, sempre me senti muito acolhida aqui em Conquista.

ENCERRAMENTO
PESQUISADORA: AGRADECIMENTOS À ENTREVISTADA. REAFIRMAÇÃO AS CONDIÇÕES ÉTICAS DA PESQUISAS.
ENTREVISTADA: eu queria me desculpar por não me ter te recebido pessoalmente. Passei por algumas questões pessoais, meu ex-marido pegou covid e pediu para voltar em casa para se recuperar, foi complicado, então, me desculpe por não a receber.

A entrevista finalizou com a reafirmação das condições éticas, indicações de contatos. E agradecimentos.